

**UNIVERSIDADE ABERTA**  
**Departamento de Língua e Cultura Portuguesas**

**NARRATIVAS CONVERSACIONAIS**

**A Introdução de Enunciados Narrativos em  
Situação de Interação Oral**

**Armindo José Baptista de Moraes**  
**Lisboa, 2010**

**UNIVERSIDADE ABERTA**  
**Departamento de Língua e Cultura Portuguesas**

## **NARRATIVAS CONVERSACIONAIS**

**A Introdução de Enunciados Narrativos em  
Situação de Interação Oral**

Tese de Doutoramento em Linguística, na especialidade de Linguística Portuguesa, desenvolvida sob a orientação da Professora Doutora Hanna Jakubowicz Batoréo e com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

**Armando José Baptista de Morais**  
**Lisboa**  
**2010**

*Ao meu pai.*

## Agradecimentos

Este será o único texto do presente trabalho redigido na primeira pessoa, porque penso que o acto ilocutório de agradecer tem de ser feito de uma forma pessoal. Assim, antes de o iniciar, quero expressar a minha profunda gratidão a um conjunto de pessoas cujo apoio me permitiu chegar até aqui. Tenho clara consciência de que as páginas que se seguem e o trabalho que representam apenas foram possíveis devido à sua generosidade, afecto e partilha intelectual.

Em primeiro lugar, as duas pessoas que orientaram este projecto: No seu início a Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques e posteriormente a Professora Doutora Hanna Jakubowicz Batoréo. Muito obrigado por tudo o que me ensinaram, pela forma como sempre se disponibilizaram para me auxiliar e pela amizade e confiança que depositaram em mim.

Em segundo lugar, quero agradecer às Professoras Doutoradas Antónia Coutinho e Fernanda Menéndez a forma como me receberam no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e nos seus seminários. Obrigado pelo incentivo constante para prosseguir a investigação e pela generosidade com que se disponibilizaram a ler e a comentar este e outros trabalhos que realizei no seu âmbito.

Cabe aqui também um agradecimento à Professora Doutora Ana Cristina Macário Lopes, não só por me haver apoiado na obtenção da bolsa de doutoramento junto da F.C.T., como por me ter dado a possibilidade de frequentar os seus seminários em Pragmática na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A par de tudo o que aprendi, esses encontros semanais foram uma fonte de estabilidade intelectual durante o longo período de ‘clausura’ na serra.

No mesmo sentido, obrigado também ao Professor Doutor José Augusto Leitão da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra pelas inúmeras horas de partilha intelectual e pela profunda amizade que daí resultou. Agradeço-lhe também a leitura das partes do presente texto referentes à Memória e Cognição e todos os valiosos comentários que teceu.

Tenho ainda que agradecer à Professora Doutora Fernanda Bacelar pela prontidão com que, mais uma vez, me facilitou o acesso aos *Corpora* do Português Oral

do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Muito obrigado também a todos os investigadores e colaboradores do C.L.U.L. pela forma como me acolheram e auxiliaram durante o período de mais de um ano em que diariamente trabalhei nas suas instalações. Devo-lhes, não só o acesso ao *Corpus* e às facilidades tecnológicas do centro, mas também muito do que aprendi em relação à transcrição de textos orais. Uma palavra especial de agradecimento à Sandra, pelas horas que generosamente me concedeu na correcção das primeiras transcrições que realizei.

Este projecto de investigação ‘herdou’ os resultados de outro, realizado no âmbito do mestrado. Quero agradecer à Professora Doutora Antónia Mota a arguição que na altura fez do trabalho apresentado. Os seus comentários, pistas e incentivos foram um auxílio precioso para a formulação do actual projecto. Obrigado, também, por me haver apoiado na obtenção da bolsa de doutoramento junto da F.C.T.

Obrigado às colegas do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa pelas boas discussões com que, sem dúvida, fizeram progredir o meu trabalho.

Obrigado aos bons amigos que tenho e que durante estes anos, com altos e baixos, estiveram sempre ao meu lado.

Obrigado a todos os que leram com atenção e paciência a totalidade ou partes desta tese ou contribuíram para a sua redacção final: Anne, Isis, Itamar, Nair e Regina. Sem o vosso apoio e empenho, ter-me-ia sido impossível finalizá-la.

Obrigado ao Francisco pela paz dos Açores, onde finalizei grande parte do trabalho, paz que tive o privilégio de poder trazer comigo e onde fui buscar forças para esta etapa final.

Por último, obrigado à Fundação para a Ciência e Tecnologia por, pela segunda vez, me haver concedido uma bolsa de investigação, sem a qual todo o esforço para desenvolver este trabalho ficaria comprometido.

## **Abstract**

In our daily lives, we are prolific story producers and consumers. As Ochs & Capps (2001:2) argue, everyday narrative production serves as a prosaic social arena for developing frameworks for understanding events, as well as for collaboratively reflecting upon specific situations and establishing their place within our personal biography. Additionally, the very process of storytelling, and the mechanisms exploited by those involved in this process, incrementally builds shared world knowledge, fosters a sense of closeness, and gradually creates a common ground of beliefs and values.

The present study describes Conversational Narratives as a part of this social interaction. We construe them not as given and pre-determinate representations of past events but rather as reconstructions or reconstitutions of memory traces left by those events, tailored to fit into the narrative's context of occurrence, where they serve a communicational function. As we will argue, conversational storytellers verbally reconstruct memories of events, or stories, guided by some contextual purpose and targeting a particular audience. Using the words of Polany (1985:187) they tell stories to 'make a point' (Chapter 2).

Our first aim is to establish how Narratives emerge from non-narrative talk and how they affect the overall conversational interaction. Observation of conversationally embedded storytelling reveals that there is always some sort of talk preceding the narrative episode, that specifically serves as a transition between the story proper and the embedding situation. We will show how tellers manipulate topical talk and employ preparatory activities - Announcements and Abstracts - in order to gain the floor for their narratives and to signal what sort of response they expect (Chapter 3).

Our second aim is to describe how tellers reorganize predictable temporal sequencing, foregrounding particular organizational features in order to suit communicational goals. Our focus will be the discourse-pragmatic strategies and resources by means of which tellers encode their attitudes, feelings, emotional interest

and involvement with respect to the topic, the storytelling performance and/or the interaction with the interlocutors. (Georgakoupoulou, 1977; Smith, 2004 [2003]) As we will try to show, the encoding of such features contributes to the organization of the storytelling performance, fosters comprehension and guides interpretation. We propose to supplement the structural description of the narrative sequence with a micro-analysis of teller strategies in order to develop a rhetoric of conversational storytelling (Chapter 4).

## Resumo

No dia-a-dia somos produtores e consumidores prolíficos de histórias. Subscrevendo a posição de Ochs & Capps (2001:2), cremos que o acto de narrar socialmente cria um espaço fundamental para o desenvolvimento de esquemas explicativos que permitem compreender acontecimentos e reflectir colaborativamente sobre situações específicas e sobre o seu papel na biografia de cada um. Mas o próprio processo de narração, associado às estratégias activadas pelos locutores para a construção da narrativa, conduz ao estabelecimento de um conhecimento partilhado e reforça o sentido de proximidade entre indivíduos, promovendo uma comunhão de crenças e valores.

O actual estudo descreve as Narrativas Conversacionais como partes desta interacção social. Assim, elas não são concebidas como representações fixas ou pré-determinadas de acontecimentos passados, mas como reconstituições e reconstruções das suas memórias sob uma perspectiva específica que se adapta ao contexto da sua produção, no qual adquirem uma função comunicativa própria. Como se procurará demonstrar, os narradores reconstroem verbalmente memórias de acontecimentos ou de outras histórias com uma intenção particular e tendo presente um público determinado (Capítulo 2).

É ainda objectivo do presente trabalho estabelecer a forma como as Narrativas Conversacionais surgem e interferem no fluxo da conversação onde são realizadas. Ao observar a sua produção no seio de interacções orais foi possível identificar a existência de actividades comunicativas que são responsáveis pela transição entre a narrativa e o contexto não-narrativo que as rodeia. É nossa intenção mostrar como os narradores, no quadro do desenvolvimento tópico da conversação, recorrem a Actividades Introdutórias como Anúncios e Resumos, para se apoderar do espaço/tempo enunciativos de forma legítima a sua introdução (Capítulo 3).

Por último pretende-se demonstrar como os narradores transformam uma sequência temporal de acontecimentos, organizada de uma forma mais ou menos previsível, num

acto narrativo intencionalmente marcado. Neste caso, focalizar-se-á a análise nas estratégias discursivo-pragmáticas que revelam as atitudes, sentimentos, interesses e envolvimento do locutor com o tópico do enunciado narrativo, com a própria narração e / ou com a interacção com o(s) seu(s) interlocutores. (Georgakoupoulou, 1977; Smith, 2004 [2003]) Como se pretende demonstrar, estas estratégias de envolvimento ajudam a organizar o acto de narração, asseguram a sua compreensão e conduzem a sua interpretação. Propomos, assim, acrescentar a uma descrição estrutural da sequência narrativa uma micro-análise das estratégias avaliativas utilizadas pelo narrador com o intuito de desenvolver uma possível retórica da narrativa conversacional (Capítulo 4).



# Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Prefácio</b> .....	6
<b>1. Objectivos e Procedimentos Metodológicos</b> .....	10
<b>1.1. O Actual Projecto de Investigação: Questões Centrais e Hipóteses de Trabalho</b>	11
1.1.1. <b>A Articulação entre o Enunciado Narrativo e a Unidade Discursiva Superior</b> .....	11
1.1.2. <b>A Co-construção do(s) Sentido(s) no Enunciado Narrativo</b> .....	15
<b>1.2. O <i>Corpus</i> de Trabalho</b> .....	18
1.2.1. <b>A Opção pelo <i>Corpus</i> do Português Fundamental</b> .....	18
1.2.2. <b>Dificuldades Encontradas na Constituição do <i>Corpus</i></b> .....	19
1.2.3. <b>A Transcrição do Material <i>Audio</i></b> .....	20
1.2.3.1. Definição de Turnos, Enunciados e Identificação dos Intervenientes ..	21
1.2.3.2. Normas de Transcrição .....	22
1.2.4. <b>A Digitalização do Material Gravado</b> .....	26
1.2.5. <b>A Organização do <i>Corpus</i></b> .....	26
1.2.5.1. A Indexação ao <i>Corpus</i> de Origem: Registo <i>Scripto</i> e Registo <i>Audio</i> .	27
1.2.5.2. Caracterização Sociolinguística da Interação .....	28
1.2.5.3. Caracterização Interaccional e Pragmática dos Enunciados Narrativos	34
1.2.5.3.1. Aspectos Interacionais dos Enunciados Narrativos .....	34
1.2.5.3.2. Aspectos Sequenciais e Configuracionais do Enunciado Narrativo .....	37

1.3. Os <i>Subcorpora</i> : <i>Subcorpus</i> de Modalização e <i>Subcorpus</i> de Discurso Relatado...	41
1.3.1. O <i>Subcorpus</i> de Modalização .....	41
1.3.2. O <i>Subcorpus</i> de Discurso Relatado .....	43
<b>2. O Enunciado Narrativo: Dimensões de Análise .....</b>	<b>45</b>
<b>2.1. O Conceito de Enunciado Narrativo .....</b>	<b>45</b>
<b>2.2. Um Modelo de Análise para os Enunciados Narrativos .....</b>	<b>46</b>
2.2.1. <b>Dimensão Textual/Sequencial do Enunciado Narrativo .....</b>	<b>47</b>
2.2.1.1. A Orientação .....	52
2.2.1.2. A Acção .....	54
2.2.1.3. A Resolução .....	55
2.2.1.4. Exemplificação do Funcionamento do Núcleo Narrativo .....	55
2.2.1.4.1. Caracterização Sociolinguística da Interação A380 pi-profi ...	56
2.2.1.4.2. Transcrição do Núcleo Narrativo e Identificação das Respektivas Macroproposições .....	57
2.2.2. <b>Dimensão Discursivo-pragmática do Enunciado Narrativo .....</b>	<b>59</b>
2.2.2.1. A Avaliação Laboviana .....	60
2.2.2.2. A Dimensão Interaccional do Enunciado Narrativo .....	64
2.2.2.3. A Dimensão Configuracional do Enunciado Narrativo .....	65
2.2.2.4. Exemplificação do Funcionamento da Avaliação .....	66
2.2.3. <b>Dimensão Semântico-cognitiva do Enunciado Narrativo .....</b>	<b>76</b>
2.2.3.1. Narrativa e Memória .....	76
2.2.3.2. Narrativa e Identidade .....	78
2.2.3.3. História Cognitiva e Plano de Acção .....	80
2.2.3.4. Funções da Narrativa .....	86
<b>3. As Fronteiras do Enunciado Narrativo .....</b>	<b>91</b>

<b>3.1. Enunciado Narrativo e Fluxo Conversacional: a Progressão Tópica da Conversação...</b>	<b>92</b>
<b>3.1.1. A Análise da Progressão Tópica na Interação A390 pi-casa e família.....</b>	<b>95</b>
3.1.1.1. Caracterização Sociolinguística da Interação .....	95
3.1.1.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação .....	95
3.1.1.3. Análise dos Segmentos Tópicos .....	97
3.1.1.3.1. Segmento Tópico I .....	97
3.1.1.3.2. Segmento Tópico II .....	99
3.1.1.3.3. Segmentos Tópicos III e IV .....	100
3.1.1.3.4. Segmento Tópico V .....	102
3.1.1.3.5. Segmento Tópico VI .....	105
3.1.1.3.6. Segmentos Tópicos VII e VIII .....	108
3.1.1.3.7. Segmento Tópico IX .....	111
3.1.1.3.8. Segmento Tópico X .....	112
3.1.1.3.9. Segmento Tópico XI .....	114
3.1.1.3.10. Segmento Tópico XII .....	117
3.1.1.3.11. Segmento Tópico XIII .....	120
3.1.1.4. Sistematização dos Resultados e Conclusões Preliminares .....	127
<b>3.2. A Dimensão Interaccional da Narrativa .....</b>	<b>132</b>
<b>3.2.1. O Contrato Comunicacional Narrativo .....</b>	<b>133</b>
3.2.1.1. O Protocolo de Negociação do Contrato Comunicacional Narrativo ...	135
3.2.1.2. Exemplo de Funcionamento do Protocolo do Contrato Comunicacional Narrativo .....	136
3.2.1.2.1. Caracterização Sociolinguística da Interação .....	136
3.2.1.2.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação .....	136
3.2.1.2.3. Análise do Enunciado Narrativo .....	141
3.2.1.2.4. Conclusões .....	146

<b>3.2.2. O Ataque do Enunciado Narrativo</b> .....	149
3.2.2.1. Actividades Preparatórias e Contrato Comunicacional Narrativo .....	151
3.2.2.1.1. O Anúncio Introdutório de Enunciado Narrativo .....	153
3.2.2.1.2. Anúncios com Verbo Modal .....	158
3.2.2.1.3. Anúncios com Verbo de Acontecimento .....	162
3.2.2.1.3.1. Anúncios com Verbo de Acontecimento Temporalmente Marcados .....	162
3.2.2.1.3.2. Anúncios com Verbo de Acontecimento Sem Marcação Temporal .....	168
3.2.2.1.4. Anúncios com Interpelação Directa do Alocutário .....	174
3.2.2.2. Actividades Preparatórias e Tópico Conversacional .....	180
3.2.2.2.1. Actividades Preparatórias com Elementos de Coesão .....	181
3.2.2.2.2. Actividades Preparatórias com Localizador Temporal Não-deíctico .....	186
3.2.2.2.3. Actividades Preparatórias com Resumo .....	190
3.2.2.2.4. Prefácio Introdutório de Enunciado Narrativo .....	197
3.2.2.3. Resumo e Conclusões .....	204
<b>3.2.3. A Coda</b> .....	208
3.2.3.1. A Coda e o Contrato Comunicacional Narrativo .....	208
3.2.3.2. A Macroproposição Coda .....	209
3.2.3.3. Exemplo de Funcionamento da Coda .....	209
3.2.3.3.1. Caracterização Sociolinguística da Interacção .....	209
3.2.3.3.2. Caracterização Discursivo-pragmática do Enunciado Narrativo .....	210
3.2.3.3.3. Análise do Enunciado Narrativo .....	210
3.2.3.4. Actividades de Encerramento do Enunciado Narrativo .....	221
3.2.3.4.1. Fórmulas de Encerramento com Referência Explícita à História .....	222
3.2.3.4.2. Marcadores Conversacionais de Fecho .....	223
3.2.3.4.2.1. Marcadores com Funções Topográficas Locais .....	223
3.2.3.4.2.2. Marcadores com Funções Topográficas Globais .....	224

3.2.3.4.3.	Expressões Vagas Funcionando como Sinais de Finalização ...	225
3.2.3.4.4.	Expressões Avaliativas .....	227
3.2.3.4.4.1.	Expressões Avaliativas com Valor Conclusivo .....	227
3.2.3.4.4.2.	Expressões Avaliativas Interactivas .....	228
3.2.3.4.5.	A Repetição .....	229
3.2.3.4.5.1.	Repetição de Elementos do Ataque .....	229
3.2.3.4.5.2.	Repetição de Enunciados-chave do Enunciado Narrativo .....	231
3.2.3.4.5.3.	Duplicação de Adjectivação em Posição Final .....	232
3.2.3.4.6.	Marcas de Negociação do Sentido Global da Narrativa .....	233
3.2.3.4.6.1.	Marcas de Explicitação de Sentido .....	233
3.2.3.4.6.2.	Marcas de Subscrição de Sentido .....	235
3.2.3.4.6.3.	Marcas de Pedido de Acordo .....	236
3.2.3.4.6.3.1.	Marcadores Conversacionais de Pedido de Retorno ....	236
3.2.3.4.6.3.2.	Perguntas Retóricas .....	237
3.2.3.4.6.3.3.	Marcadores Conversacionais de Reforço Informativo ..	237
3.2.3.4.6.4.	Marcadores Argumentativos com Valor Conclusivo ...	237
3.2.3.4.6.5.	Linguagem Vaga .....	239
3.2.3.5.	Conclusões sobre as Fronteiras do Enunciado Narrativo .....	239
<b>4.</b>	<b>A Dimensão Configuracional da Narrativa .....</b>	<b>242</b>
<b>4.1.</b>	<b>Procedimento de Análise: o EN2 da Interação A475 pi-casa e família .....</b>	<b>242</b>
4.1.1.	Caracterização Sociolinguística da Interação .....	243
4.1.2.	Caracterização Discursivo-pragmática da Interação .....	243
4.1.3.	Transcrição do Enunciado Narrativo .....	244
4.1.4.	O Ataque do Enunciado Narrativo .....	245
4.1.5.	A Orientação do Enunciado Narrativo .....	245
4.1.6.	A Acção do Enunciado Narrativo .....	246

4.1.7. A Resolução do Enunciado Narrativo .....	248
4.1.8. Conclusões da Análise .....	248
<b>4.2. Estratégias de Atribuição da Responsabilidade dos Enunciados .....</b>	<b>251</b>
4.2.1. <b>Expressões de Comunicação .....</b>	<b>252</b>
4.2.1.1. A Introdução do Discurso Relatado .....	252
4.2.1.2. Construções para Introduzir o Discurso Indirecto e o Discurso Indirecto Livre .....	254
4.2.1.3. Construções para Introduzir o Discurso Directo .....	254
4.2.2. <b>Expressões com Verbos de Percepção e de Movimento .....</b>	<b>257</b>
4.2.3. <b>Verbos e Perífrases Verbais com Valor Modal Epistémico .....</b>	<b>258</b>
<b>4.3. Estratégias de Focalização e Desfocalização da Informação .....</b>	<b>262</b>
4.3.1. <b>Estratégias de Focalização Semântica .....</b>	<b>262</b>
4.3.1.1. Marcadores Conversacionais Topográficos com Valor Focalizador ...	263
4.3.1.2. Adverbiais Focalizadores .....	264
4.3.1.3. Articuladores Textuais e Estruturas de Encapsulamento .....	265
4.3.1.4. Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal .....	267
4.3.1.5. Expressões de Reforço Informativo .....	269
4.3.2. <b>Estratégias de Focalização Sintáctica .....</b>	<b>272</b>
4.3.2.1. Construções de Tematização .....	272
4.3.2.2. Construções de Focalização .....	275
4.3.3. <b>Estratégias de Desfocalização .....</b>	<b>281</b>
4.3.3.1. A Noção de Linguagem Vaga .....	282
4.3.3.2. Quadro Teórico .....	282
4.3.3.3. Usos de Linguagem Vaga no <i>Corpus</i> .....	283
4.3.3.3.1. Expressões de Aproximação .....	284
4.3.3.3.2. Expressões Vagas de Categorização .....	288
4.3.3.3.3. Expressões Vagas que Abreviam Partes do Discurso .....	290

4.3.3.3.4.	Expressões Vagas que Marcam as Fronteiras da Sequência Narrativa .....	291
4.3.3.3.5.	Expressões Vagas de Modalização Epistémica .....	292
4.3.3.4.	Conclusões sobre o Uso de Linguagem Vaga .....	293
4.3.4.	<b>Formas Explícitas de Avaliação através de Estratégias de Modificação ..</b>	294
4.3.4.1.	Afixação Avaliativa .....	294
4.3.4.2.	Adjectivação Qualificativa .....	297
4.3.4.3.	Adverbiais de Intensificação .....	301
4.3.4.4.	Modalizadores .....	303
4.3.4.4.1.	Os Adverbiais Modalizadores .....	303
4.3.4.4.2.	Marcadores de Imprecisão .....	309
4.3.5.	<b>Expressões e Nominalizações Avaliativas .....</b>	311
4.3.5.1.	Formas de Marcação de Distância em Relação ao Referente .....	314
4.3.5.2.	Formas de Marcação de Proximidade em Relação ao Referente .....	318
4.3.5.3.	Hiperónimos Avaliativos .....	321
4.3.5.4.	Verbos Marcados .....	322
4.3.5.5.	Nomes de Evocação Simbólica .....	322
4.3.5.6.	Recursos Fraseológicos utilizados na Construção da Narrativa .....	324
4.3.5.7.	Fraseologias que correspondem a Anúncios de Enunciados Narrativos	329
4.3.5.8.	Fraseologias Construídas sobre Imagens .....	329
4.3.5.9.	Fraseologias com uma Função Interactiva .....	331
4.3.5.10.	Outras Fraseologias .....	332
4.3.5.11.	Expressões Avaliativas .....	333
4.3.5.12.	Expressões Avaliativas Interjectivas .....	336
4.3.6.	<b>A Encenação dos Acontecimentos .....</b>	339
4.3.6.1.	O Uso do Presente na Encenação dos Acontecimentos .....	340
4.3.6.2.	O Uso de Verbos de Percepção e Movimento .....	343
4.3.6.3.	A Transição entre Falas na Dramatização .....	343
4.3.6.4.	Simulação do Oral na Oralidade: os Enunciados em Discurso Directo	345
4.3.6.4.1.	Uso de Marcadores Conversacionais .....	345
4.3.6.4.2.	Uso do Vocativo e de Formas Pronominais de Interpelação ...	348

4.3.6.4.3.	Uso de Estratégias de Focalização .....	350
4.3.6.4.4.	Uso de Anúncios .....	352
4.3.6.4.5.	Uso de Expressões de Reforço Informativo .....	352
4.3.6.4.6.	Uso de Expressões Avaliativas Interjectivas .....	353
4.3.6.4.7.	Uso de Expressões de Modalização .....	354
4.3.6.4.8.	Uso de Atenuadores e Formas de Cortesia .....	355
4.3.6.4.9.	A Repetição .....	356
4.3.6.5.	Considerações Finais sobre a Encenação .....	358
<b>5.</b>	<b>Discussão dos Resultados e Conclusões .....</b>	<b>360</b>
5.1.	Discussão dos Resultados em Função das Hipóteses Iniciais .....	360
5.2.	Conclusões e Considerações Finais .....	365
<b>6.</b>	<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>367</b>
<b>7.</b>	<b>Índice dos Anexos Digitais .....</b>	<b>400</b>
<b>8.</b>	<b>Glossário .....</b>	<b>408</b>

## **INTRODUÇÃO**

## Introdução

Em “Le Mèdianoche Amoureux”, Michel Tournier narra a história de um casal que, ao fim de muitos anos de convivência, se foi afastando até ambos não terem mais nada a dizer um ao outro. Conscientes desse silêncio, decidem convidar todos os amigos para um jantar festivo onde pretendem comunicar a sua intenção de se separarem. Nessa noite, os convidados estão especialmente inspirados e o serão arrasta-se até de madrugada com as narrativas pessoais de cada um. Já sob a luz dos primeiros raios de sol, o casal apercebe-se que não só havia deixado partir os convivas sem lhes transmitir a nova que os trouxera ali, como, cheios das histórias que estes lhes haviam deixado, tinham de novo mil e uma coisas que podiam partilhar e, assim, preencher o vazio que se havia instalado entre ambos.

Durante estes anos em que trabalhámos sobre Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral esta história voltou-nos, vezes sem fim, à cabeça. Dificilmente encontraríamos uma melhor metáfora para a função social primordial da realização de narrativas de experiência pessoal na conversação: a aproximação afectiva dos indivíduos envolvidos na construção dos seus sentidos.

Mas a par desta metafunção fática de cariz social, as narrativas de experiência pessoal são, também, o ‘cimento’ da construção do Si autobiográfico composto por histórias que contamos aos outros – e a nós próprios – acerca de quem somos. E o nosso dia-a-dia está repleto dessas histórias e de oportunidades para as recriar, recontando-as, em função de outras situações similares à da sua origem, de outros públicos ou, simplesmente, da vontade de interagir socialmente. No fluir caótico de acontecimentos à nossa volta, alguns deles sentidos como potenciais ameaças à nossa estabilidade biográfica, cremos acreditar, como “O Homem sem Qualidades” de Robert Musil, que a ordenação cronológica e causal da narrativa que aplicamos sobre esse turbilhão de eventos nos concede o poder mágico de os dominar e, assim, com ele concluir: “Feliz o homem que pode dizer ‘quando’, ‘antes’ e ‘depois’.” (tradução, nossa).

Como se o referido até ao momento não bastasse para concluir da relevância social e pessoal das narrativas do quotidiano, há ainda que considerar um outro aspecto directamente relacionado com o anterior: a força explanatória da forma de conhecimento que representa. A reabilitação, lenta mas progressiva, das experiências e

explicações ‘personalistas’ (Maxwell, 2000) que descrevem os fenómenos a ser explicados como algo que qualquer um poderia ter experienciado / pensado / sentido, veio recolocar a forma narrativa de olhar para o Mundo (Hymes, 1996) em muitos dos lugares de onde havia sido banida<sup>1</sup>. Se olharmos, por exemplo, para os programas de divulgação científica que os média audiovisuais promovem, é fácil perceber que quer se trate da vida animal, de investigações arqueológicas ou da defesa do ambiente, em todos os casos é possível identificar um esquema narrativo construído em torno da ruptura de um plano de acção de uma personagem ou de uma qualquer força anímica e das tentativas de resolver a situação que daí resultou. E esta forma vem com uma vantagem única: é extraordinariamente envolvente porque nos convida a ser testemunhas de algo que é recriado para nós como se de uma experiência pessoal se tratasse.

Entre uma função fática de cariz social, uma função de construção de identidade pessoal e uma função cognitiva de organização e explicação de eventos, os Enunciados Narrativos produzidos no quotidiano são actividades comunicativas complexas intencionalmente motivadas cujo estudo representa um forte desafio para qualquer investigação científica.

Porque o presente trabalho surge na continuidade de uma investigação anterior sobre o mesmo objecto de estudo, é nossa intenção focalizarmos a atenção sobre a Dimensão Configuracional dos Enunciados Narrativos considerando os aspectos interaccionais e discursivo-pragmáticos que a compõem. Assim, procurar-se-á identificar e descrever o funcionamento das estratégias interaccionais a que os narradores recorrem para realizar e legitimar a introdução de um Enunciado Narrativo no seio da conversão, bem como aquelas de cariz discursivo-pragmático com que procuram promover e condicionar a construção dos seus sentidos, de acordo com a intencionalidade da sua produção.

---

<sup>1</sup> A propósito da relação de um saber narrativo com a dicotomia entre um conhecimento científico de raiz racionalista e um conhecimento ‘personalista’ que considera a intervenção e a subjectividade do indivíduo no próprio acto de conhecimento, ver a discussão de Lodge (2009) sobre os limites do paradigma da abstracção científica. Numa perspectiva sociológica e sociolinguística também Mumby (1993), com o seu ‘*homo narrans*’, e Hymes (1996), a partir da sua concepção de Pensamento Narrativo, apontam para necessidade de rever o modelo de racionalidade de base cartesiana que vinga no sistema educacional vigente e assumir a validade e a riqueza de formas de conceptualização da realidade como as que resultam da verbalização de experiências pessoais. Por último, numa perspectiva cognitiva, Damásio (1999) sublinha o carácter essencialmente narrativo da consciência.

Tendo em conta as finalidades gerais acima apresentadas, organizou-se a dissertação da seguinte forma:

No **primeiro capítulo**, partindo dos resultados e pistas da investigação realizada no âmbito da nossa dissertação de mestrado, colocar-se-ão as Questões Centrais e as Hipóteses de Trabalho para a actual investigação. Assim, explicitaremos a concepção de linguística textual adoptada e descreveremos os procedimentos metodológicos seguidos para a constituição, organização e análise do *corpus* de trabalho.

No **segundo capítulo** definir-se-á um Modelo de Análise para os Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral, tendo em conta as três dimensões que os compõem: Sequencial, Discursivo-pragmática e Semântico-cognitiva. Ao longo da construção deste modelo, haverá a preocupação de exemplificar o seu uso sobre um dos textos do *Corpus*. Quanto à dimensão Semântico-cognitiva, discutir-se-ão, ainda que brevemente, as relações que se estabelecem entre Memória, Narrativa e Identidade e apresentar-se-á o Modelo Semântico-cognitivo de Categorização dos Enunciados Narrativos adoptado para o presente trabalho. Por último, discutir-se-ão os aspectos referentes às Funções dos Enunciados Narrativos na conversação, considerando os dados que resultaram da análise do *corpus* de trabalho em relação a esta questão.

No **terceiro capítulo**, concentrar-nos-emos nos aspectos interaccionais e cognitivos da realização de Enunciados Narrativos na conversação. Assim, procurar-se-á demonstrar a relevância da sua contextualização e cotextualização, considerando a realização de um novo contrato comunicacional entre interlocutores. Far-se-á ainda um levantamento e descrição das Estratégias Introdutórias e de Encerramento dos Enunciados Narrativos no quadro do Contrato Comunicacional Narrativo e enquanto elementos centrais das macroproposições narrativas de fronteira, Ataque e Coda.

No **quarto capítulo**, focalizar-se-á a atenção nas Estratégias Avaliativas que, a um nível local, são utilizadas pelos interlocutores na construção de um Sentido partilhado para o Enunciado Narrativo em realização. Destacar-se-ão aquelas que referem os enunciados produzidos a uma fonte específica, atribuindo-lhe a responsabilidade sobre as informações, crenças, avaliações e valores veiculados, bem como as Estratégias de Focalização, Modificação, Referenciação e Nomeação Avaliativa utilizadas com o mesmo intuito. Ainda neste capítulo, procurar-se-á explicitar o funcionamento de uma estratégia avaliativa central para as narrativas conversacionais: a Encenação dos Acontecimentos. Nela considerar-se-ão dois tipos de

construções passíveis de serem usados em simultâneo: a Presentificação do ocorrido e a sua Dramatização.

Por último, no **quinto capítulo**, discutir-se-ão os Resultados da presente investigação sob a perspectiva das hipóteses iniciais, estabelecidas no capítulo 1. Encerrar-se-á o mesmo com algumas considerações sobre aspectos da investigação que consideramos não encerrados no presente trabalho, e referir-se-ão possíveis projectos de investigação que, tendo surgido durante a realização da actual, gostaríamos de desenvolver no futuro.

Dada a extensão dos capítulos 3 e 4, optou-se por introduzir as **Conclusões** referentes aos tópicos abordados no interior dos mesmos.

Aos cinco capítulos mencionados, seguem-se as **Referências Bibliográficas** e um **Índice dos Anexos** apresentados em formato digital. Por último surge o **Glossário** de termos-chave definidos e utilizados recorrentemente no corpo da dissertação.

Ainda em relação à organização do trabalho, apresenta-se, aqui, uma listagem exaustiva dos **Quadros Intertextuais** que surgem nos diferentes capítulos.

Quadro 1 : Indexação ao <i>Corpus</i> de Origem: registos <i>scripto</i> e <i>audio</i> .....	27
Quadro 2 : Áreas Temáticas dos ENs .....	29
Quadro 3 : Cabeçalho da Ficha de Indexação .....	30
Quadro 4 : Secção 1.2. : Caracterização dos interlocutores na interacção .....	31
Quadro 5 : Secções 1.2.3. e 1.2.4. : Relações entre os interlocutores .....	33
Quadro 6 : Secção 2 : A situação de enunciação .....	34
Quadro 7 : Secção 3 : Caracterização Interaccional do(s) EN(s) .....	35
Quadro 8 : Secção 4 : Explicitação do tema do EN .....	37
Quadro 9 : Secção 5 : Síntese e ‘Resumo’ do EN .....	38
Quadro 10 : Secção 6 : Tipo de EN e macroproposições .....	39
Quadro 11 : Secção 7 : Funções do(s) ENs .....	40
Quadro 12 : Constituintes e Processos Semânticos do Texto Narrativo .....	49
Quadro 13 : Organização da Sequência Narrativa Mínima .....	51
Quadro 14 : Macroproposições que compõem o Núcleo Narrativo .....	52
Quadro 15 : Diálogo Narrador / Narratário segundo Labov .....	60
Quadro 16 : Funções Textuais e Discursivo-pragmáticas das Macroproposições .....	73
Quadro 17 : Funções Comunicativas dos Enunciados Narrativos .....	87

Quadro 18 : Sistematização do Processo de Progressão Tópica da Conversação .....	126
Quadro 19 : Macroproposições do EN e respectivas Funções Discursivo-pragmáticas .....	134
Quadro 20 : Protocolo de Negociação .....	135
Quadro 21 : Realização do Protocolo no exemplo A479 .....	146
Quadro 22 : Caracterização da Macroproposição <i>Resumo</i> .....	151
Quadro 23 : Caracterização Funcional do Anúncio Introdutório de EN .....	153
Quadro 24 : Verbos Introdutórios de Discurso Relatado .....	253
Quadro 25 : Verbos e Construções Verbais com valor Modal Epistémico .....	259
Quadro 26 : Palavras e Expressões Vagas .....	283
Quadro 27 : Marcadores Conversacionais em Enunciados de DD e DInt .....	347
Quadro 28 : Expressões Avaliativas Interjectivas .....	354
Quadro 29 : Verbos e Adverbiais Modais .....	355

Por último segue-se a lista das abreviaturas, siglas e acrónimos mais utilizados no texto da dissertação:

ACV	- Actividade Comunicativa Verbal
CCN	- Contrato Comunicacional Narrativo
EN	- Enunciado Narrativo
DD	- Discurso Directo
DI	- Discurso Indirecto
DIL	- Discurso Indirecto Livre
DInt	- Discurso Interior
DR	- Discurso Relatado
MC	- Marcador Conversacional
PF	- Português Fundamental
ST	- Supertópico

## **PREFÁCIO**

## *Prefácio*

### **O percurso**

No final da década de 90, tivemos a oportunidade de trabalhar, no âmbito da revisão geral de todos os certificados de línguas do Instituto Alemão para a Formação de Adultos<sup>1</sup>, com o Professor Michael MacCarthy da Universidade de Nottingham, que era o supervisor científico do projecto de revisão. Foi o nosso primeiro contacto com a língua falada no quotidiano enquanto objecto autónomo de análise. Desses seminários, e dos trabalhos que neles foram realizados, resultaram duas mudanças fundamentais na nossa narrativa pessoal: a primeira, reflectiu-se no trabalho como professor de Português Língua Estrangeira e na forma como passámos a motivar os alunos para observarem o funcionamento da língua do quotidiano, contextualizada nos cenários da sua realização<sup>2</sup>. A segunda, desencadeou um processo de aprendizagem e investigação que, longe de estar encerrado, conduziu ao presente trabalho.

Em termos científicos, esta ‘iniciação’ à Oralidade foi feita, claramente, no quadro da Análise do Discurso anglo-saxónica e com uma forte componente didáctica: os estudos de referência para a recolha e análise das interacções verbais que realizavam os cenários do currículo do certificado foram, para além dos trabalhos de MacCarthy (1990, 1991, 1998), MacCarthy & Carter (1994), Carter & MacCarthy (1994, 1997), referências como Brown & Yule (1983) ou Hatch (2000 [1992]).

No mesmo período e por influência da colega Nair Sommer, que trabalhava também no projecto de revisão do certificado, tivemos acesso a vários estudos sobre o português falado no Brasil, que foram realizados no âmbito do Projecto Gramática do

---

<sup>1</sup> O currículo do Certificado de Português, bem como os Testes Modelos para o nível B1, foram publicados pela WBT em 1999 e continuam a servir de guia para a examinação em Português Língua Estrangeira em diferentes centros de formação contínua por toda a Europa.

<sup>2</sup> O mote era desenvolver uma competência comunicativa plural (linguística, sociolinguística, discursiva e estratégica) vinculada a um contexto e cotexto de enunciação precisos. Esta competência é definida enquanto conjunto de conhecimentos, estratégias e procedimentos que permitem ao aprendente aperceber-se do valor dos elementos linguísticos no seu contexto de uso (Widdowson, 1978: 248), reconhecendo – para além das regularidades do sistema a um nível frásico – as pistas pragmáticas que lhe permitem atribuir sentido aos enunciados organizados em sequências discursivas.

Português Falado e a autores que passaram a fazer parte da nossa investigação nesta área, de que destacamos os nomes de Vilaça Koch, Moura Neves, Marcuschi, Ilari, Travaglia e Castilho. À época, os trabalhos para o Português Europeu Oral eram escassos e no geral, virados para aspectos muito pontuais da gramática da língua falada. No entanto, tivemos acesso, por amabilidade da autora, ao *mimeo* da primeira gramática do português europeu falado elaborada por Brauer-Figueiredo, texto que viria a ser publicado em 1999.

Há ainda a acrescentar a este conjunto de referências aquelas que, então ou mais tarde, se lhe vieram juntar, de uma outra área geográfica e linguística: a Alemanha. Destacamos aqui, porque nos pretendemos referir apenas aos estudos sobre Oralidade, o trabalho de Koch & Österreicher (1985, 1990) sobre Língua Falada no espaço românico, pela variedade de pistas, propostas e análises que nos facultou para o presente estudo.

Foi com esta ‘bagagem’ que, em 2000, iniciámos o Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses na Universidade Aberta.

A nossa intenção era limar e desenvolver uma aprendizagem feita na *praxis*, através de um trabalho de investigação que pudesse, de alguma forma, dar mais e melhores instrumentos de trabalho ao professor de Português Língua Estrangeira na abordagem de língua falada autêntica em sala de aula.

A nossa certeza era querer trabalhar com linguagem oral contextualizada, só que, desta vez, com um maior número de exemplos de análise por ‘cenário’<sup>3</sup>.

A exiguidade do tempo para fazer gravações e transcrições, conduziu-nos ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e ao *Subcorpus* Oral do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo. Sendo o nosso objectivo organizar um *corpus* de interacções informais que realizassem um género específico da oralidade, e dada as características de recolha do *corpus* de origem, optámos por Enunciados Narrativos uma vez que, para este ‘cenário’, a situação de produção não é fundamental na sua caracterização e a distribuição dos turnos é naturalmente, mas não obrigatoriamente, assimétrica. Além disso, o modelo interaccional maioritariamente representado no *corpus* permitia, e convidava, à realização espontânea de narrativas durante as

---

<sup>3</sup> Como aparecem definidos no Currículo do Certificado de Português (1999: 25), os cenários são “sequências previsíveis de enunciados que adquirem coerência a partir de conhecimento esquemático partilhado. Assim, eles possibilitam a apresentação dos diferentes componentes do processo comunicativo dentro de contextos autênticos”.

interacções. Desta forma transpusemos a porta de uma nova área de interesse científico: a narratologia, mais precisamente, a narratologia conversacional.

### **A primeira investigação**

A primeira investigação sobre Enunciados Narrativos baseou-se num *corpus* constituído por 26 interacções orais indiciadas como informais no *Subcorpus Oral do Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, *corpus* que serviu para definir e testar os nossos instrumentos de trabalho, dando origem a um Modelo de Análise de Sequências Narrativas segundo uma perspectiva discursivo-interaccionista. Este modelo de análise foi posteriormente aplicado a um *subcorpus* de 12 interacções informais que deram origem a 14 sequências narrativas de episódios vivenciados pelo narrador. Os resultados desta primeira investigação foram os seguintes:

1. No *corpus* de narrativas estudado foi possível detectar a presença de um esquema organizacional específico e convencionalmente definido, composto por cinco Macroproposições - Resumo; Orientação; Acção; Resultado; Avaliação - e caracterizar a sua estrutura.
2. Verificou-se que a identificação das Macroproposições que constituem o Enunciado Narrativo com fases da sua produção não implica um modelo único de organização sequencial.
3. Confirmou-se a hipótese de atribuição de Funções Sequenciais e Avaliativas às Macroproposições.
4. Levantou-se a hipótese da existência de um Contrato Comunicacional entre os interlocutores, contrato que conferiria às partes presentes na interacção os estatutos de Narrador e Narratário e que regularia a passagem entre o Mundo da Interacção Oral e o Mundo da Narrativa.
5. Identificou-se, ao nível das Marcas de Oralidade, uma vasta série de Marcadores e Organizadores Conversacionais, tendo-se contextualizado a sua utilização e observado o seu funcionamento dentro da Macroproposições.
6. Verificou-se que as opções lexicais e gramaticais realizadas para a construção do Núcleo Narrativo obedecem a uma intencionalidade discursiva e podem, em parte, ser analisadas enquanto instrumentos dessa intencionalidade.

7. Identificaram-se diferentes Estratégias de Avaliação que sustentam a intencionalidade do narrado e lhe dão uma coerência discursiva:

- Avaliação pela Acção, Avaliação pela Perspectiva, Avaliação pela Encenação e Avaliação pela Repetição;
- Formas gramaticais (adjectivos, alguns adverbiais, quantificadores);
- Formas lexicais (opções lexicais marcadas, unidades fraseológicas);
- Estratégias discursivas de Focalização e Repetição.

No entanto, dada a representatividade limitada do *corpus* analisado, uma boa parte destes resultados carecia de uma comprovação num outro mais vasto que permitisse uma análise e leitura mais profundas. A este facto acrescentava-se uma certeza que vinha dos seminários de MacCarthy (1990 e seguintes), e, já no mestrado, do trabalho com Batoréo (2000 e seguintes): para analisar língua falada a melhor formação está no processo paciente e moroso da sua transcrição. Na verdade, a grande maioria das dificuldades encontradas na análise de enunciados orais passa pela capacidade de relativizar um conjunto de regras e concepções sobre a língua ditadas pela norma escrita e que, ‘naturalmente’ procuramos ‘ouvir’ na oralidade. Abdicar de normas é abdicar de segurança. E, como nas memórias que construímos para assegurar a coerência da nossa identidade, também aqui tentamos ‘ouvir’ o que consideramos ‘o correcto’ e ‘apagar’ ou ‘desvalorizar’ o que não nos parece gramatical ou comunicativamente eficiente.

Assim, decidimos dar continuidade ao trabalho desenvolvido através da constituição de um novo *corpus* de Enunciados Narrativos suficientemente vasto que permitisse realizar uma investigação mais representativa e dirigida para as questões directamente relacionadas com a dimensão configuracional da narrativa, a saber, com a sua inserção no acto comunicativo superior em que ocorre e com a construção da intencionalidade que lhe subjaz (esta questão será retomada e desenvolvida no capítulo 2 da presente dissertação).

De seguida passamos a apresentar os objectivos e procedimentos metodológicos específicos da actual investigação.

**1. OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS  
METODOLÓGICOS**

# 1. Objectivos e Procedimentos Metodológicos

## 1.1. O Actual Projecto de Investigação: Questões Centrais e Hipóteses de Trabalho

Como foi referido, a vontade de trabalhar directamente com gravações de interacções autênticas, somada às questões e pistas que os resultados da investigação desenvolvida no âmbito do mestrado colocaram em cima da mesa, levou-nos a propor um novo estudo em torno dos Enunciados Narrativos produzidos em Situação de Interação Oral<sup>1</sup>, focalizado, agora, nos aspectos interaccionais e discursivo-pragmáticos da narrativa conversacional.

Assim, concentrou-se a presente investigação em duas questões centrais para a leitura dos ENs realizados no seio de uma conversação:

- I. A articulação entre o EN e a Unidade Discursiva Superior em que surge
- II. A Co-construção do(s) Sentido(s) no EN

### 1.1.1. A Articulação entre o Enunciado Narrativo e a Unidade Discursiva Superior

Uma das fragilidades da primeira investigação decorria da forma como o *corpus* havia sido recolhido: para a sua constituição, identificaram-se Sequências Narrativas<sup>2</sup> em extractos de interacções orais devidamente contextualizadas, mas sem se considerar o Cotexto da sua realização. Este isolamento ‘artificial’ das unidades textuais em análise dificultou a sua leitura em termos da intencionalidade da sua produção. No quadro de

---

<sup>1</sup> Este conceito será desenvolvido no capítulo 2, secção 2.1. A sua definição operatória surge no Glossário. Daqui para a frente esta denominação será abreviada por EN(s).

<sup>2</sup> O conceito de Sequência Narrativa (Adam, 1985, 1991) refere-se a unidades textuais construídas sobre a sequencialidade dos acontecimentos narrados e passíveis de uma leitura e caracterização intratextual. Por contraposição, passar-se-á a utilizar o conceito de Enunciado Narrativo enquanto parte ou totalidade de um Segmento Tópico em que é realizada uma Sequência Narrativa. A sua caracterização implica, assim, a transposição das fronteiras do próprio texto narrativo. Esta contraposição será desenvolvida no capítulo 2. O conceito de Enunciado Narrativo é definido, de uma forma operatória, no Glossário do presente trabalho.

uma teoria do texto de orientação pragmática<sup>3</sup> em que pretendemos trabalhar, esta Intencionalidade é central à própria concepção do Texto enquanto objecto de análise linguística, neste caso, do EN.

Considera-se, assim, que o EN corresponde a um tipo de Actividade Comunicativa Verbal complexa realizada numa Situação de Comunicação específica tendo por Função a obtenção de determinados resultados comunicativos. Essa actividade resulta de uma Motivação que conduz ao estabelecimento de um Plano de Actividade (composto por acções individuais) orientado para determinada Finalidade (Motsch & Pasch, 1987). A sua concretização ocorre no quadro de uma Interação e depende do reconhecimento, por parte do interlocutor, da Intencionalidade que lhe subjaz e da atitude de Cooperação que assume face ao valor ilocutório central que aquele transporta.

Poder-se-ia, então, falar de duas fases constituintes da Actividade Comunicativa Verbal (daqui para a frente referida como ACV):

— Fase de Plano

A ACV obedece a um Plano (conceptual / geral) que corresponde à estruturação da Motivação inicial, estruturação ‘recuperável’ na organização interna do texto e nas instruções de leitura com que o locutor pretende conduzir a interpretação do alocutário. Nele interferem condicionantes contextuais como a situação de enunciação, a finalidade e relevância comunicativa do enunciado na interacção em curso, ou o cálculo da eficiência desta acção comunicativa específica em detrimento de outra(s).

---

<sup>3</sup> Desenvolvida a partir da década de 70 a partir da Teoria dos Actos de Fala e, posteriormente, da Teoria da Actividade Verbal, tem por referências fundamentais, entre outros, autores como Schmidt (1973, 1978), Rehbein (1977, 1979), Ehlich & Rehbein (1979), Quasthoff (1980), Motsch & Pasch (1987) e van Dijk (1983, 2002 [1992]). Os seus trabalhos influenciarão fortemente os estudos sobre a construção do texto falado realizados no âmbito da Gramática do Português Culto Falado no Brasil por autores como Koch (1992, 1997, 2002 [1989], 2002 [1999], 2004, 2006), Hilgert (1996, 2002), Jubran (1996, 2002, 2006), Travaglia (2002 [1999], 2006). Na sua mais recente versão, temos a confluência de três áreas de saber linguístico: a Pragmática e a sua primazia da dimensão comunicativa da linguagem, a Linguística Textual de orientação linguístico-pragmática, que conceptualiza o texto como unidade sociocomunicativa, e a Análise da Conversação (Jubran, 2006).

— Fase de Realização

A ACV realiza-se numa Situação de Comunicação singular, instanciando um ‘jogo’ interactivo entre a intencionalidade do locutor e a atitude cooperativa do interlocutor (Beaugrand & Dressler, 1981). Esse ‘jogo’ tem por objectivo final a maior simbiose possível na construção do(s) sentido(s) produzidos no acto da sua realização.

No quadro de uma teoria da Actividade Verbal, o processo de realização da ACV é sintetizado por Motsch & Pasch (1987: 16), na seguinte fórmula:

$$ACV = (En., Int., Cond., Conseq.)$$

Um *Enunciado* é movido por uma *Intenção* comunicativa com que o locutor pretende, de alguma forma, agir sobre as representações cognitivas do interlocutor em relação ao seu conteúdo proposicional. Através dele, deseja obter uma destas reacções: uma resposta, um comportamento, ou uma adesão de cariz epistémico. Para esse fim, deve, por um lado, considerar quais são as *Condições* de sucesso para o mesmo enunciado, e, ao mesmo tempo, avaliar as possíveis *Consequências* da sua realização.

Desta forma, para atingir o seu Objectivo Final, o locutor tem que motivar o interlocutor para a aceitação do mesmo, embora essa aceitação só seja possível se forem criadas as condições propícias para o reconhecimento da intencionalidade que lhe subjaz.<sup>4</sup> Tal processo implica uma concepção interaccional de construção dos sentidos do texto que passa por uma constante intervenção de locutor e alocutário no processo de planeamento, verbalização e construção do mesmo. Como refere Koch (2003), desta forma, os parceiros envolvidos na Actividade Comunicativa, diante de uma manifestação linguística que corresponde a um Texto Empírico, e pela actuação em

---

<sup>4</sup> Motsh & Pasch (1987) estabelecem, assim, uma hierarquia de Objectivos Illocutórios por trás da realização das Actividades Comunicativas Verbais. De acordo com a sua proposta, a Concretização do Objectivo Final (OBf) passa pela concretização de dois Objectivos Parciais anteriores: para atingir o OBf há que, primeiro, estimular, facilitar ou causar a sua Aceitação junto do interlocutor (OBp1); mas para o conseguir, tem que se facilitar o Reconhecimento desse mesmo objectivo illocutório (OBp2). Da parte do alocutário, é necessário que compreenda o objectivo do enunciadador (OBp2) e o aceite, mostrando a reacção desejada (OBp1). Assim o alcance de OBf depende da concretização de OBp1 que, por si, depende da concretização de OBp2.

simultâneo de uma complexa rede de factores de ordem situacional, interaccional, sociocultural e cognitiva, são capazes de construir para ela UM determinado sentido<sup>5</sup>.

Aplicando a fórmula de Motsch & Pasch (1987) à produção de *Enunciados Narrativos* na conversação, poder-se-ia dizer que lhes subjaz uma *Intenção* comunicativa do narrador empenhado em criar *Condições de sucesso* para a sua realização e para uma co-construção de sentidos conforme ao(s) objectivo(s) que motivaram a sua inserção na conversação. Ao mesmo tempo, há ainda que prever e controlar as *Consequências* dessa inserção, evitando o risco de uma leitura ‘desviante’ ou a sua rejeição como não pertinente para a interacção.

A conceptualização do EN enquanto Actividade Comunicativa Verbal conduz a duas ordens de questões na construção de um modelo para a sua análise:

A primeira diz respeito à Motivação da sua produção. Esta parece só poder ser estabelecida no âmbito da cadeia de Tópicos Conversacionais<sup>6</sup> colaborativamente construídos pelos interlocutores durante a conversação e em torno dos quais se tece a rede hierárquica de Segmentos Tópicos<sup>7</sup> que a compõem. Deste facto nasce a nossa primeira hipótese de trabalho:

#### Hipótese 1

*A análise de qualquer Enunciado Narrativo tem que ser executada a partir da sua posição enquanto parte ou totalidade de um Segmento Tópico e na sua relação com os restantes.*

A segunda ordem de questões prende-se com a representação, no próprio texto, das Condições e Consequências do Acto Comunicativo realizado através do EN. Entra-se, assim, no domínio de um Contrato Comunicacional Narrativo<sup>8</sup> estabelecido entre interlocutores, através do qual o Narrador visa obter a autorização para uma apropriação

---

<sup>5</sup> “Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso da interacção. (...) uma vez construído *um* – e não *o* – sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes.” (Koch, 2003: 30).

<sup>6</sup> O conceito de ‘Tópico Conversacional’ será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>7</sup> O conceito de ‘Segmento Tópico’ será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>8</sup> O conceito de ‘Contrato Comunicacional Narrativo’ será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

assimétrica do espaço e tempo de enunciação durante o período da sua realização, bem como o interesse e adesão do interlocutor para os sentidos construídos na Narrativa. Este contrato não é, como se procurará demonstrar, unidireccional. Na realidade, o narrador tem de ter presente as possíveis consequências negativas de uma não-ratificação do sentido do EN por parte do interlocutor, bem como da rejeição da sua relevância para a interacção em curso. Daqui resultam duas hipóteses de trabalho directamente relacionadas:

#### Hipótese 2

*É possível estabelecer um protocolo para o Contrato Comunicacional Narrativo (usando, para tal, interacções onde a introdução do EN se revela, por algum motivo, mais problemática).*

#### Hipótese 3

*As Actividades Preparatórias<sup>9</sup> e de Encerramento do Enunciado Narrativo são indícios desse Contrato e adquirem a sua significância quando concebidas enquanto partes do mesmo.*

As hipóteses 1, 2 e 3, serão discutidas e testadas no Capítulo 3, referente às Fronteiras do Enunciado Narrativo.

### **1.1.2. A Co-construção do(s) Sentido(s) no Enunciado Narrativo**

O segundo aspecto central para a análise da realização de ENs no seio de uma conversação tem a ver com a Dimensão Configuracional (Adam, 1985, 1990, 1991 [1984]) da narrativa<sup>10</sup> e refere-se à Co-construção do(s) Sentido(s) do EN pelos interlocutores de acordo com a Intencionalidade da sua realização. Voltando ao modelo de Motsch & Pasch (1987) poder-se-ia perguntar de que forma o locutor cria Condições de adesão ao Objectivo Final do acto comunicativo que realiza e deixa no texto pistas

---

<sup>9</sup>O conceito de ‘Actividade Preparatória’ será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>10</sup> Este conceito será desenvolvido no capítulo 2. As estratégias que lhe dão corpo ao nível proposicional serão objecto de análise no capítulo 4.

para uma leitura conforme à Intenção que o motiva. Para tal, vamos ter dois grupos de actividades de composição textual que correspondem a:

- actividades que visam facilitar a compreensão do EN e da Intencionalidade que lhe subjaz;
- actividades que pretendem levar o interlocutor a aceitar e a realizar o objectivo fundamental do EN.

Repare-se que esta distinção é meramente operatória, na medida em que muitas das estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas cumprem ambas as funções.

Na investigação anterior, levantou-se no *corpus* analisado um conjunto de Estratégias Avaliativas<sup>11</sup> referentes quer ao EN na sua globalidade quer a uma Macroproposição específica quer, ainda, a proposições individuais. Se as avaliações que se prendem directamente com a Dimensão Sequencial do EN não carecem de uma confirmação por, afinal, ecoarem resultados de outros estudos desenvolvidos sobre o texto narrativo (referimo-nos, por exemplo, a avaliações que resultam do jogo entre aspecto perfectivo e imperfectivo das formas verbais), aquelas que dão corpo à Dimensão Configuracional do EN necessitam de uma comprovação, descrição e análise mais profunda a partir de um conjunto mais vasto de exemplos. Assim, colocaram-se as seguintes hipóteses de trabalho em relação às Estratégias Avaliativas:

#### Hipótese 4

*Sendo o EN conversacional normalmente organizado em torno de um conflito entre actantes, a atribuição de responsabilidade dos enunciados e a marcação do respectivo ponto de vista deve ser uma preocupação do narrador na sua construção.*

#### Hipótese 5

*A um nível local, o narrador pode focalizar, refocalizar ou desfocalizar elementos da narrativa de acordo com a importância que lhes confere na sua construção, recorrendo, para tal, a Estratégias de Focalização<sup>12</sup> de cariz semântico e*

---

<sup>11</sup> O conceito de ‘Estratégias Avaliativas’, associado ao de ‘Avaliação’, é um conceito-chave para o presente trabalho e será constantemente utilizado ao longo do texto. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>12</sup> O conceito de ‘Focalização’ será desenvolvido no capítulo 4, a propósito das estratégias de focalização e desfocalização. A sua definição operatória, incluindo a de ‘desfocalização’, surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

*sintáctico. Esta hipótese já havia sido confirmada anteriormente, mas com a identificação de apenas alguns casos e a partir de um número muito reduzido de exemplos.*

#### Hipótese 6

*Com o intuito de conduzir a leitura do interlocutor ou, simplesmente, de o levar a corroborar uma avaliação realizada localmente, o narrador pode interpelá-lo directamente, de forma a obter a sua atenção e interesse para a Actividade Verbal que desenvolve. Estas Formas de Interpelação poderão ser identificadas no texto empírico em análise.*

#### Hipótese 7

*A Co-construção do Sentido pretendido para o EN passa por opções pessoais de activação de Unidades Semânticas Marcadas e pela construção das respectivas cadeias de referenciação, bem como pelo recurso consciente a uma série de Estratégias Gramaticais de Modificação com uma leitura pragmática.*

#### Hipótese 8

*A utilização de Fraseologias Avaliativas é um fenómeno recorrente e central na produção de ENs conversacionais que suscitam um maior envolvimento de todas as partes na sua construção. Este uso havia sido identificado na investigação anterior, mas tinha ficado por fazer uma caracterização mais precisa das suas diferentes funções.*

#### Hipótese 9

*Sendo a Encenação dos Acontecimentos uma das estratégias de Envolvimento (Tannen, 2000) mais produtivas na construção de ENs conversacionais, deve ser possível identificar e caracterizar as formas usuais da sua realização, estratégias através das quais o Narrador ‘revive’ os acontecimentos e convida os interlocutores a presenciá-los.*

Para poder confirmar e desenvolver as hipóteses apresentadas, é necessário, como já foi referido anteriormente, recorrer a um *corpus* suficientemente vasto e

representativo de Interações que comportem a realização de ENs e que permita a contextualização e cotextualização dos mesmos.

De seguida passar-se-á à descrição do *corpus* de trabalho e dos procedimentos seguidos para a sua constituição, indexação e análise.

## **1.2. O *Corpus* de Trabalho**

O *corpus* de trabalho, que passará a ser referido como ***Corpus Global***, é constituído por transcrições da totalidade ou de extractos de 53 Interações do *Corpus* do Português Fundamental, e corresponde a 46 886 palavras que transcrevem 4 horas, 33 minutos e 16 segundos de material auditivo.

Nesse conjunto de Interações foram identificados, transcritos e analisados 122 ENs.

Para a constituição do *Corpus* Global, numa primeira fase, procedeu-se à leitura de todas as transcrições relativas às entrevistas realizadas na década de 70 para o Projecto Português Fundamental nos distritos do Porto e de Lisboa. Pretendia-se localizar Interações onde se realizassem ENs, tendo sido possível identificar 55 no distrito do Porto e 129 no distrito de Lisboa. Factores de vária ordem, directamente relacionados com a acessibilidade do material auditivo, a sua qualidade de reprodução e com a caracterização das interações em causa, conduziram a uma redução desse número de interações para as 53 referidas acima.

### **1.2.1. A Opção pelo *Corpus* do Português Fundamental**

A opção pelo *Corpus* do Português Fundamental decorreu de três ordens de factores:

A primeira diz respeito ao trabalho anterior com transcrições do mesmo, tendo sido possível verificar, durante a sua recolha, que seria relativamente fácil encontrar mais exemplos de ENs no material que o compõe.

A segunda decorre da ‘espontaneidade’ do surgimento de boa parte dos ENs no decurso das entrevistas e conversações registadas. Mesmo quando solicitados pelo responsável pela gravação, a sua aceitação em todos os casos permite concluir que os

interlocutores consideraram a sua realização como adaptada à situação de comunicação em que se encontravam. Poder-se-ia, assim, afirmar que as condições e instruções de recolha do Projecto Português Fundamental fomentavam o surgimento de turnos mais longos onde, naturalmente, os ENs poderiam facilmente ser introduzidos.

A terceira ordem de factores, que acabou por ser a menos produtiva, teve a ver com a possibilidade de nos podermos apoiar numa transcrição de base para o trabalho a realizar. Assim, partiu-se do princípio de que, apesar de ser necessário refazer a transcrição do *corpus* de origem, se poderia usar um primeiro rascunho já existente, o que, em termos de qualidade de transcrição, facilitaria a audição e a redacção e asseguraria uma maior exactidão do produto final. Como será referido mais à frente, este facto só em parte se concretizou.

### **1.2.2. Dificuldades Encontradas na Constituição do *Corpus***

i) Revelou-se difícil atribuir uma data exacta ao material recolhido, uma vez que não há um registo sistemático da data de ocorrência das gravações. Mesmo com o cruzamento de dados de diferentes ficheiros (transcrições originais, ficheiros de caracterização da população, ficheiros de correlação de cassetes matriz com cópias) na grande maioria dos casos não surgem informações quanto ao período em que as gravações foram efectuadas.

ii) Nalgumas interacções também não foram registados os elementos de identificação dos interlocutores. Se se manteve as primeiras – referentes à alínea (i) – por ser possível referenciá-las a um período delimitado, decidiu-se eliminar todos os exemplos em que se desconheciam os dados do entrevistado.

iii) Noutros casos, não foi possível obter o material *audio* referente às interacções seleccionadas. A inexistência de uma referência à Cassete de Consulta e/ou à Cassete Matriz obrigou à exclusão de um grupo de interacções que haviam sido seleccionadas numa primeira fase a partir da leitura das transcrições da época.

iv) Surgiram, ainda, casos de gravações em que a interrupção abrupta do processo de registo áudio cortou alguns dos EN, suprimindo quer estratégias de introdução quer de encerramento dos referidos enunciados. Houve, no entanto, casos em que, pela riqueza discursiva do extracto, se decidiu manter o exemplo.

v) Quanto às transcrições propriamente ditas, as difíceis condições de registo *audio* da época, tornaram-se, várias vezes, um entrave à compreensão de parte das falas dos interlocutores, isto apesar de as actuais condições de reprodução de som e a possibilidade de digitalização dos registos originalmente em fita facilitarem o trabalho do investigador. Além disso, dado os objectivos específicos da recolha nos anos 70, muitas das vezes não foi possível encontrar um apoio nas transcrições para resolver problemas surgidos.

### **1.2.3. A Transcrição do Material *Audio***

O *corpus* foi transcrito segundo as normas do projecto C-ORAL-ROM do CLUL, tendo sido as primeiras transcrições revistas por colegas do centro de forma a controlar quaisquer desvios às mesmas e a resolver, pontualmente, problemas decorrentes da sua incorrecta utilização<sup>13</sup>. No entanto, temos consciência de que o presente trabalho de constituição de um *corpus* de língua falada enferma de haver sido realizado, quase na sua totalidade, por apenas um transcritor. Certamente, haverá falhas causadas pelo cansaço, habituação, má qualidade dos registos *audio*, ou outros factores contextuais que possam ter interferido no acto de transcrição. Mesmo assim, gostaríamos de sublinhar que todos os textos foram revistos várias vezes, e que houve um espaço de tempo significativo entre a primeira e a última versão. Foi, ainda, realizado um controlo final a partir da versão digitalizada do registo *audio*. Este controlo, pela maior qualidade de som do registo digitalizado, permitiu fazer várias correcções ao texto transcrito e eliminar parte das explicações em linha dependente que surgiam na primeira transcrição.

De qualquer forma, dada a amplitude do *corpus* e a preocupação de evitar a proliferação de falhas, decidimo-nos por circunscrever ao mínimo desejável as regras de transcrição, sobretudo quando sabíamos, à partida, que os elementos linguísticos a que davam relevo não seriam trabalhados no âmbito do presente trabalho.

De seguida passar-se-á a uma breve apresentação das regras de transcrição adoptadas do modelo do CLUL. No final, focalizar-se-á a atenção nalgumas

---

<sup>13</sup> Cabe aqui fazer um agradecimento sincero à Professora Doutora Fernanda Bacelar e a toda a equipa do CLUL pela forma como nos receberam durante mais de um ano e sempre nos facilitaram as melhores condições de trabalho bem como todos os dados e materiais necessários para a constituição do *Corpus*.

particularidades das transcrições realizadas e que decorrem da forma como o presente *corpus* foi organizado.

### 1.2.3.1. Definição de Turnos, Enunciados e Identificação dos Intervenientes

Como é proposto no C-ORAL-ROM, o texto transcrito é dividido em turnos que são indexados a um locutor. Cada turno é introduzido pelo símbolo [ \* ], seguindo-se-lhe a identificação do falante através de três letras maiúsculas que correspondem, de preferência, às iniciais do nome. Nas nossas transcrições, e em relação ao locutor que é responsável pela recolha, manteve-se, em muitos casos, a forma com que este surge identificado nas transcrições do PF. No entanto, a principal diferença entre ambas as representações tem a ver com a necessidade de introduzir uma numeração dos enunciados, que permita remeter os exemplos utilizados na análise para a posição exacta onde se encontram no texto. Assim, mantiveram-se as marcas de turno, mas introduziu-se um novo elemento de organização que aparece na coluna à esquerda. O critério para a numeração resulta de um compromisso com as regras de transcrição. Para tal, considerou-se a realização prosódica dos enunciados, mais especificamente, a subida ou descida do tom no final de um enunciado como marca de fronteira do mesmo. Os sinais de transcrição que apontam pausas desse tipo são: [ ? ] (subida de tom que corresponde à prosódia de pergunta); [ + ] (interrupção do enunciado) e [ // ] (pausa com subida ou descida de tom). No entanto, esta identificação não foi sempre fácil de realizar. Várias vezes se pôs em causa se a pausa ocorrida correspondia, ou não, a uma subida ou descida de tom e, como tal, ao final do enunciado. Nestes casos, foram, quase sempre, factores de ordem sintáctica e discursivo-pragmática que ajudaram a tomar a decisão final.

Observe-se um pequeno extracto do *corpus* onde se podem identificar os procedimentos descritos:

4	*ANT: [<] < os primeiros dias > / claro / escusado será dizer / que passámos lá no Louvre //
5	e no Corte Inglês //
6	e na / nos Preciados / não é ?
7	*LEO: ai / comprei < lá um casaco tão giro > /
8	*ANT: [<] < pois > //

Extracto da interacção C294 pi-casa e família

Para facilitar uma primeira leitura das transcrições, optou-se por fazer uma primeira versão de texto corrido, apenas dividido pelas transições entre os turnos dos interlocutores e denominada nas Fichas de Indexação do Anexo I, Pasta 1, como – TRANSCRIÇÃO POR TURNOS. Logo de seguida, surge uma segunda versão com o texto organizado por enunciados que correspondem a unidades prosódicas e que surge intitulada – TRANSCRIÇÃO POR ENUNCIADOS. Em ambos os casos, os ENs surgem destacados a azul no texto da interacção.

### **1.2.3.2. Normas de Transcrição**

#### **i. Ortografia**

A transcrição segue a ortografia estandarte do português europeu. Não se marcam omissões de sons e sílabas no texto da transcrição, uma vez que elas surgem numa linha dependente sempre que ocorrem. São utilizadas maiúsculas com nomes próprios, topónimos, entidades oficiais e acrónimos.

#### **ii. Linhas dependentes**

Nas linhas dependentes, adjacentes ao texto que acabou de ser transcrito, surgem alternativas à transcrição, bem como comentários que o explicitam. Essas alternativas e comentários, numa letra de tamanho menor, são introduzidos através de um dos seguintes indicadores:

- %act: acções dos participantes durante o turno
- %alt: alternativa à transcrição
- %sit: acontecimentos co-ocorrentes ao turno
- %par: elementos paralinguísticos de realce
- %exp: explicação necessária para a compreensão do turno ou de sinais que surgem no texto
- %com: comentários do transcritor

Observe-se, no exemplo seguinte, o uso de alguns dos indicadores mais comuns nos textos transcritos (as linhas dependentes surgem destacadas a cinzento):

3	*ANT: <i>ó Tói / olha / e tal / como vai a tua vida / e tal //</i>
4	<i>que é que tu tens nas mãos # ?</i>
	%par: encenação da fala pela alteração da voz; %par: <i>que é que</i> → <i>qu'ê que</i>
5	<i>não é //</i>
	%par: descida de tom com o marcador topográfico final → <i>não é</i>
	(...)
7	*FER: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; &amp;ah: &gt; mas porque é que pensaram nas mãos ?</i>
	%par: <i>porque é que</i> → <i>porqu'ê que</i>
	(...)
105	*ANT: <i>hhh / mas a minha mulher não //</i>
	%exp: <i>hhh</i> → pigarro

Extracto da interacção C630 pi-casa e família

### iii. Palavras *versus* Fragmentos

Todas as palavras ou segmentos textuais que não são compreensíveis são marcados com: [ **xxx** ](palavra) ; [ **XXX** ](segmento). Palavras deixadas incompletas ou fragmentos fonéticos que preenchem uma pausa são antecidos pelo símbolo [ **&** ].

Observe-se o seu uso no seguinte extracto:

11	*JOS: <i>sim / quer dizer / tem / tem razão de ser //</i>
12	<i>quando muito é # [ / ] &amp;eh / ser jornalista / é não estar divorciado / de todas / &amp;ah / as coisas que se passam / não só / &amp;ah / num espaço português / pá //</i>
13	<i>como num espaço / total / onde / um homem / como / eu sou / habita / pá //</i>
14	<i>isso é muito importante / na medida / em que / nos pode / pelo menos / não nos deixar / &amp;eh: / sentirmo-nos / alienados / &amp;eh / duma presença //</i>
15	<i>e: / e efectivamente / duma # [ / ] não deixarmos / de possuir uma consciencialização # / da vida / pá //</i>
16	<i>e termos os [ / ] perante todas as / todas as coisas que acontecem / &amp;u / uma visão mais esclarecida / mais dentro dos problemas //</i>
	(...)

17	*XYZ: <b>XXX</b> <i>está bom ?</i>
18	*JOS: <i>como está ?</i>
19	*XYZ: <b>xxx</b> <i>uma ajuda //</i>
	%com: o locutor cumprimenta alguém que passa (*XYZ).

Extracto da interacção C557 pi-profi

O alongamento de sons em palavras ou outras unidades fonéticas é marcado com dois pontos (ver enunciados [14] e [15] no exemplo acima).

Unidades sonoras de cariz paralinguístico (risos, choros, etc.) são marcadas com [hhh] e explicadas numa linha dependente.

Palavras ou interjeições que resultam de um uso idiossincrático de um dos falantes são transcritas segundo a sua realização fonética.

#### iv. Prosódia

A prosódia é sempre marcada, uma vez que nela assenta a demarcação dos enunciados.

- Unidades prosódicas que não correspondem, normalmente, ao fim de uma proposição e indicam uma pausa sem alteração da prosódia são marcadas com traço oblíquo simples: [ / ]
- Unidades prosódicas que correspondem ao fim de um enunciado e revelam uma subida ou descida tonal são marcadas com traço oblíquo duplo: [ // ];
- O símbolo [ // ] pode ser substituído por um ponto de interrogação, no caso de interrogativas ou por três pontos, no caso de uma suspensão intencional do enunciado.
- No caso de reformulações, a pausa é indicada através de traço oblíquo entre parêntesis rectos: [ [ / ] ]

Para uma exemplificação dos usos referidos, observem-se os extractos de interacções utilizados anteriormente.

#### v. A Interrupção e as Pausas Marcadas

A Interrupção pode ser marcada de duas formas:

Se resultar de uma intervenção do interlocutor, o enunciado interrompido fica em aberto e a sua continuação é iniciada por um traço oblíquo (observe-se, no extracto abaixo, a transição entre os enunciados [79] e [81]).

Se resultar de uma reorientação discursiva do próprio falante dentro do turno, é marcada pelo sinal [ + ] (observe-se, no extracto abaixo, o enunciado [81]).

Pausas referentes a um silêncio marcado e que interrompem perceptivelmente a fluência do enunciado são marcadas com o sinal [ # ]. No entanto, este sinal não substitui os sinais anteriores (observe-se o enunciado [86]).

79	*JEN: <i>mas / depois / o agradecimento / &lt; é que me &gt; /</i>
80	*I13: [ <i>&lt;</i> ] [ <i>&lt; hhh &gt;</i> ] / %exp: hhh → riso
81	*JEN: / <i>é que</i> +
82	<i>ai Jesus / é uma coisa impressionante //</i>
83	*I13: <i>é verdade //</i>
84	<i>é a parte mais cómica //</i>
85	*JEN: <i>é / é //</i>
86	<i>é espantosa # //</i>

Extracto da interacção C1129 pi-profi

#### vi. Sobreposições

O texto sobreposto é colocado entre parêntesis de vértice [ < > ], com um espaço entre os ângulos e o texto. Para identificar as partes que se sobrepõem, aparece o símbolo [ [*<*] ] no início do segundo turno. Para exemplificar este procedimento, observe-se o extracto seguinte, em que – *pois* – se sobrepõe ao segmento – *lá um casaco tão giro* –.

7	*LEO: <i>ai / comprei &lt; lá um casaco tão giro &gt; /</i>
8	*ANT: [ <i>&lt;</i> ] [ <i>&lt; pois &gt;</i> ] //

Extracto da interacção C294 pi-casa e família

#### 1.2.4. A Digitalização do Material Gravado

Como o material referente ao Português Fundamental só em parte está digitalizado, procedeu-se à criação de ficheiros-áudio para todas as interacções escolhidas. Nesse trabalho foram utilizadas as cassetes-matriz do projecto, o que permitiu ter acesso às gravações na sua globalidade. Esta possibilidade única permitiu ter acesso a outros ENs que vieram enriquecer o *Corpus* Global<sup>14</sup>. Além disso, foi possível estabelecer um Guião de Tópicos Conversacionais para cada uma das interacções digitalizadas, que se encontra disponível no Anexo IV.

#### 1.2.5. A Organização do *Corpus*

Para cada uma das Interacções seleccionadas foi aberta uma Ficha de Indexação dividida em quatro partes:

- I. Cabeçalho
- II. Indexação ao *Corpus* de Origem: registo *scripto* e registo *audio*
- III. Caracterização Sociolinguística da Interacção
- IV. Caracterização Interaccional e Pragmática dos ENs realizados

Porque o Cabeçalho inclui categorizações directamente relacionadas com a caracterização sociolinguística da Interacção, que foram estabelecidas a partir dos dados recolhidos para as secções 1.2. e 2. da Ficha de Indexação, iniciar-se-á a caracterização desta pela secção em que são estabelecidas as ligações ao *Corpus* de Origem.

---

<sup>14</sup> Dado que o processo de digitalização obedece ao tempo real de audição das cassetes, foi elaborado um guião de conteúdos por distrito para cada uma das interacções digitalizadas. Esses Guiões de Conteúdos surgem no **Anexo 4**: Documento 1: Guião de Conteúdos para as Interacções do distrito de Lisboa. Documento 2; Guião de Conteúdos para as interacções do distrito do Porto. A pedido da Professora Doutora Fernanda Bacelar, foram ainda digitalizadas em ficheiros *audio* as interacções não seleccionadas presentes nas cassetes (ou, pelo menos, do lado da cassette onde fizemos selecções). Este material foi incluído nos guiões de conteúdos.

### 1.2.5.1. A Indexação ao *Corpus* de Origem: Registo *Scripto* e Registo *Audio*

De forma a poder recuperar no *corpus* do Português Fundamental (PF) os originais *audio* das gravações, na Ficha de Indexação, sob o ponto 1.1., surgem informações sobre a sua localização nos arquivos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (daqui para a frente referido como CLUL). Para tal foi mantido o código inicial das interações e incluído o do investigador responsável pela recolha dos dados, de acordo com a identificação numérica que consta da publicação do PF.

Quanto ao seu registo *audio*, referem-se os dois suportes magnéticos do CLUL mais o novo suporte digitalizado em CD a partir da cassete-matriz, o qual será entregue ao Centro de Linguística com a conclusão do presente trabalho. Mencionam-se, ainda, o tempo total da interação (em relação ao qual foi realizado o levantamento de tópicos conversacionais) e o tempo total de transcrição (que corresponde aos segmentos tópicos seleccionados que permitem cotextualizar o EN). Surge, também, uma avaliação da qualidade da gravação e, nalguns casos, alguns comentários sobre aspectos específicos da gravação em causa, como interrupções, suspensão da gravação, etc.

Observe-se o exemplo seguinte, que corresponde à secção 1.1. da Ficha de Indexação da Interação com o código C932.

#### Quadro 1

##### Indexação ao *Corpus* de Origem: registos *scripto* e *audio*

<b>1.1.CORPUS DE ORIGEM</b>	Português Fundamental
1.1.1. COD Origem	C 294
1.1.2. Entidade / Investigador	CLUL [15]
1.1.3. Registo Áudio	Cassete A 53e / Matriz L54b /CD Lisboa 8 (entrevistas – A294) Boa qualidade de audição; dificuldades nas sobreposições de vozes; Tempo Total da Interação: 9m 49s Tempo Total da Transcrição: 0m-1m 43s; 3m 30s-6m7s = <b>4m 24s</b>

Na secção 1.1. são dadas informações sobre o CORPUS DE ORIGEM da interação.

Na secção 1.1.1. é referido o código da interação no *corpus* de origem.

Na secção 1.1.2. é identificada a entidade responsável pela sua recolha – CLUL – bem como o investigador envolvido – [15-C00] – neste caso o investigador com o n.º 15, que fez gravações na cidade do Porto – C00 –.

Na secção 1.1.3. surgem as informações referentes ao registo *audio*. Assim, a interacção C294 encontra-se na cassette de consulta com o código A53 e corresponde à gravação indexada com a letra – *e* – da mesma cassette. Na cassette matriz, tem o código L54 e corresponde à gravação indexada pela letra – *b*. A gravação foi digitalizada para o CD Lisboa 8 (entrevistas), surgindo sob o código A294. A actual indexação permite identificar uma incongruência no *Corpus* de Origem quanto ao local de recolha.

Ainda na secção 1.1.3., é feita uma apreciação geral sobre a qualidade da gravação e referido quer o tempo total da interacção – 9m 49s – quer o tempo total da transcrição – 4m 24s. No presente caso, dado que foram identificados e transcritos dois segmentos em momentos diferentes da interacção, este valor corresponde à soma dos tempos de cada um deles. Além disso, é possível saber a que altura da interacção corresponde cada um: o primeiro cobre 1 minuto e 43 segundos contados desde o início da gravação; o segundo segmento transcrito cobre o tempo decorrido entre os 3 minutos e 30 segundos e os 6 minutos e 7 segundos.

### 1.2.5.2. Caracterização Sociolinguística da Interação

Como foi referido acima, o cabeçalho da Ficha de Indexação inclui, a par da localização geográfica da recolha realizada e da data em que tal ocorreu<sup>15</sup>, todo um conjunto de informações com que se pretende (macro-)contextualizar o tipo de interacção em causa.

- *Domínio*: de acordo com a maior ou menor proximidade entre interlocutores (que se reflecte nas relações pessoais, nas formas de tratamento, nos conhecimentos partilhados e no envolvimento pessoal na conversação) foram definidos os seguintes domínios de interacção: *privado informal* – *pi* – e *privado semi-formal* – *psf* –.

---

<sup>15</sup> Embora no presente exemplo tenha sido encontrado o ano da gravação, na maioria das interacções apenas foi possível estabelecer que se trata do início dos anos 70. Nesses casos o último dígito da data é substituído por um ponto interrogatório: – 197? –

- *Área Temática*: após uma primeira leitura de todos os Enunciados Narrativos recolhidos, foram definidas as seguintes áreas temáticas – *casa e família*; *profi (profissão)*; *vida-pessoal e vida social* – que estão directamente relacionadas com os Tópicos de Conversação.

No Quadro 2, elaborado a partir do *Corpus* Global, é possível observar o tipo de temas que podem ser realizados no âmbito de cada uma das áreas temáticas superiores.

Quadro 2  
Áreas Temáticas dos ENs

<p>→ <b>casa e família</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. relação marido / mulher</li> <li>2. relação pais / filhos</li> <li>3. relação entre irmãos</li> <li>4. relação com outros familiares</li> <li>5. relação donos da casa / empregados</li> <li>6. histórias da casa</li> <li>7. humor</li> </ol>	<p>→ <b>vida pessoal</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. relações amorosas</li> <li>2. relações de amizade</li> <li>3. estudos</li> <li>4. tempo livre</li> <li>5. imagem de si</li> <li>6. acidentes</li> <li>7. doenças</li> </ol>
<p>→ <b>vida social</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. relação cidadão –Estado</li> <li>2. relação pais – professores</li> <li>3. questões socioeconómicas</li> <li>4. visão do outro</li> <li>5. racismo</li> <li>6. humor</li> </ol>	<p>→ <b>vida profissional</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. percurso profissional</li> <li>2. relações profissionais</li> <li>3. caracterização da actividade</li> <li>4. histórias da profissão</li> </ol>

Uma ressalva para as narrativas de cariz humorístico: como surgem alguns exemplos de narrativas de experiência pessoal deste tipo, ligadas a diferentes áreas temáticas, decidiu-se juntar a este grupo os três exemplos de Anedotas que ocorrem no *Corpus*, que, de outra forma, teriam que ser excluídas por não caberem em nenhuma das áreas temáticas estabelecidas. Como se pretende, numa investigação futura, retornar a este género da oralidade, decidiu-se mantê-las, provisoriamente, sob a categorização temática das interacções em que são realizadas.

- *Área Geográfica*: os ENs foram recolhidos em interacções referentes aos distritos do Porto (código C) e de Lisboa (código A).

Exemplificando, o consultor do *Corpus* pode tirar as seguintes informações ao observar o ponto 1 (*Cabeçalho*) da Ficha de Indexação:

Quadro 3  
Cabeçalho da Ficha de Indexação

<b>1. A INTERACÇÃO</b>	<b>COD: C294 pi-casa e família</b>
LOCAL: Porto	DATA: 1970
DOMÍNIO: privado – informal – casa e família – relação marido / mulher – humor	
N.º PALAVRAS: 1118	

O CÓDIGO da Interação – C294 *pi-casa e família* – é composto pelo código do *corpus* de origem – C294 – acrescido de informações sobre o DOMÍNIO – pi (privado informal) – e sobre a ÁREA TEMÁTICA – casa e família.

De seguida, pode obter informações sobre o LOCAL e a DATA da recolha, no presente exemplo o distrito do Porto e 1970, respectivamente.

Sob a denominação DOMÍNIO, surge a explicitação da segunda parte do CÓDIGO, incluindo agora mais informações sobre os conteúdos temáticos – relação marido / mulher – e intencionalidade – humor (valor perlocutório: fazer rir) – dos EN(s) em causa. Por último, obtém a informação do N.º DE PALAVRAS TRANSCRITAS, no presente caso, 1118.

Desta forma, adquire-se uma ideia geral quer sobre o Contexto quer sobre o Conteúdo do(s) EN(s) trabalhado(s). Ao mesmo tempo, é-se informado da extensão do segmento da interação transcrito.

De seguida, passa-se para a caracterização sociológica dos participantes na interação.

#### Quadro 4

##### Secção 1.2. da Ficha de Indexação: Caracterização dos interlocutores na interacção

<b>1.2. PARTICIPANTES</b>			
1.2.1. Número	3		
1.2.2. Caracterização sócio-cultural	Narrador: *ANT	Narratário-entr.: *JN	Outro(s): *LEO
1.2.2.1. Idade	30	Faixa etária: 20	28
1.2.2.2. Género	M	M	F
1.2.2.3. Nível de Instrução	6	6	3
1.2.2.4. Grupo Profissional	A	A	L
1.2.2.5. Localidade de Residência	A00	?	A00
1.2.2.6. Influências Linguísticas	?	Dist. Origem: L01	00
1.2.2.7. Outras características do narrador	Engenheiro de máquinas com o curso de filologia românica. Uso de idiomatismos – <i>fazer fitas</i> – e expressões coloquiais como <i>pá</i> , <i>género pontapé nas costas</i> , que revelam à vontade na interacção.		

Na secção 1.2., surgem as informações referentes aos PARTICIPANTES na interacção. Na subsecção 1.2.1. é referido o número de intervenientes e na 1.2.2. é feita a caracterização sociocultural do Narrador e do Narratário principal, de acordo com os dados disponíveis nos ficheiros do *Corpus* do PF. As informações recolhidas resultam da comparação dos dados existentes nas fichas de transcrição originais com as informações anotadas nas fichas individuais de cada um dos sujeitos seleccionados para o levantamento do *corpus*. Nos casos em que faltam informações, surgem pontos de interrogação no espaço previsto para a sua inserção.

Nas secções 1.2.2.3. e 1.2.2.4., as informações são apresentadas de acordo com a categorização do *Corpus* de Origem. Assim, o Narrador ANT tem um Nível de Instrução de grau 6, que corresponde à detenção de um diploma académico, e pertence ao Grupo Profissional A, que engloba as Profissões Liberais, Técnicos e Equiparados. Se o Narratário JN pertence aos mesmos escalões de categorização nos dois itens em causa, a terceira pessoa envolvida na interacção, LEO, tem um Nível de Instrução de grau 3, que equivale ao terceiro ciclo do ensino básico (8. e 9. classes) e pertence ao Grupo Profissional L que inclui as Donas de Casa, Mulheres-a-dias e Empregados Domésticos. É de realçar que, normalmente, não existem dados disponíveis para a caracterização de outros intervenientes na interacção para além do informante principal

e do responsável pela recolha. Pontualmente, surge alguma referência ao laço de ligação afectiva com o primeiro. Neste caso, a caracterização só é possível porque a parte da interacção em que LEO domina o espaço comunicativo foi aproveitada posteriormente como unidade autónoma de análise com o código A560 pi-vida pessoal.

As informações referentes à secção 1.2.2.6. pretendem dar conta das influências de outras variantes dialectais sempre que o falante tenha residido mais de dois anos num outro local. O único interveniente na interacção para o qual há dados disponíveis, LEO, não sofreu nenhuma influência.

Mesmo que toda esta informação não venha a ser considerada como variável a ter em conta na presente investigação, considerou-se relevante para a constituição do presente *corpus* recolher todos os dados disponíveis no CLUL sobre os participantes das interacções. Dada a morosidade e exaustividade do trabalho de transcrição da oralidade, pretende-se, assim, facilitar e promover a sua utilização em futuras investigações e a partir de outras perspectivas de análise.

Retornando à Ficha de Indexação, na secção 1.2.2.7. teve-se em conta dois tipos de dados: aqueles que explicitam a classificação do narrador nas secções 1.2.2.3. e 1.2.2.4., bem como usos linguísticos que, de alguma forma, marcam idiossincraticamente o seu discurso e/ou contribuem para caracterizar o registo adoptado. Este tipo de informações, recolhidas na totalidade da gravação, é relevante para a indexação da interacção ao domínio privado informal (ver no *Cabeçalho* a entrada Domínio).

No bloco seguinte, referente à secção 1.2.3. da ficha, são avançados dados relevantes para a identificação da relação entre os interlocutores. Estes dados são fundamentais para a caracterização da situação de interacção e para a sua indexação a um determinado DOMÍNIO. A par do estabelecimento da relação socioafectiva entre os interlocutores, consideraram-se também marcas linguísticas de tratamento que podem corroborar informações disponibilizadas pelo investigador do PF a este respeito, ou fundamentar uma categorização dessas relações no caso em que não haja informações disponíveis.

## Quadro 5

Secções 1.2.3. e 1.2.4. da Ficha de Indexação: Relações entre os interlocutores

<b>1.2.3. Relação entre os participantes</b>		
1.2.3.1. Familiares	*ANT-*LEO (casal)	1.2.3.5. Desconhecidos
1.2.3.2. Amigos	*JN- *ANT -*LEO	1.2.3.6. Relação Hierárquica
1.2.3.3. Colegas		1.2.3.7. Relação decorrente da Sit. Enunciação
1.2.3.4. Conhecidos		1.2.3.8. Outra
<b>1.2.4. Formas de tratamento</b>		
Segunda pessoa	*ANT ↔ *LEO – <i>tu tens o descaramento de dizer (...); não me puxes pela língua //</i> *ANT → *JN – <i>mas tu não conheces Sevilha ?</i>	
Terceira pessoa com ou sem pronome sujeito	*JN → *LEO – <i>vá lá buscar o casaco /</i> *LEO → *JN – <i>percebe?</i>	
Terceira pessoa com forma nominal	*LEO → *JN – <i>comprei um casaco tão giro / Alçada //</i>	
Fórmulas de delicadeza/deferência		

Assim, no presente exemplo, à relação de casal entre ANT e LEO correspondem formas de tratamento da segunda pessoa. Também a relação de amizade entre ANT e JN é pautada pela mesma forma de tratamento, enquanto que aquela que une LEO a JN revela um maior distanciamento, que é marcado pelas formas de terceira pessoa, com e sem forma nominal. Estes dados são confirmados no próprio desenvolvimento da interacção pelos papéis assumidos por cada um dos interlocutores: a intimidade entre o casal permite a ANT relatar dois episódios de cariz humorístico passados com a mulher. Além disso, há uma notória cumplicidade entre os homens na avaliação do narrado, cumplicidade que não é partilhada por LEO.

Na secção seguinte da ficha, referente ao ponto 2., é feita a caracterização da Situação de Enunciação, tendo em conta dois tipos de informações:

Informações relativas ao CONTEXTO: se disponíveis, são referidas informações que permitam identificar o espaço físico em que ocorre a interacção. Além disso, procura-se estabelecer o maior ou menor grau de proximidade (ou distância) entre interlocutores e o à vontade com que participam na conversação.

Informações relativas ao COTEXTO: foi feito um levantamento de todos os Tópicos Conversacionais da interacção identificando os EN(s) transcritos (que surgem sublinhados) e a sua relação com o discurso anterior e posterior.

## Quadro 6

### Secção 2 da Ficha de Indexação: A situação de enunciação

<b>2. SITUAÇÃO DE ENUNCIÇÃO</b>
<p>Não é possível identificar com exactidão o espaço físico. Pela inexistência de ruídos de fundo, pode-se concluir que os interlocutores se encontram num espaço fechado, provavelmente a casa do casal, uma vez que a mulher, a dada altura, vai buscar um casaco que comprou em Espanha.</p> <p>Os interlocutores estão muito à vontade, especialmente *ANT. O registo informal e coloquial do narrador revela o seu à vontade em relação à situação de enunciação.</p> <p><b>Tópicos da conversa:</b> ida a Sevilha – altura em que foram – lugares que visitaram – saídas e compras – relação com a cidade – os amigos que visitaram – <u>episódio que aconteceu à mulher no armazém dos <i>Preciados</i></u> – lugar onde ficaram – lugares onde comiam – pequeno almoço – referência à entrevista – referência a um programa cultural – bairros de Sevilha – ida ao cinema (descrição) – comentários sobre o anfitrião – situação de entrevista – possibilidade de ir a Sevilha – compras – <u>episódio da compra do casaco</u> – o Corte Inglês – apresentação do casaco – <u>retoma da avaliação da narrativa</u> – comentários sobre o casaco – compra de roupa – (im)possibilidades de ir ao flamenco – idas ao cinema – comentários sobre os anfitriões – compras com o anfitrião – imposição de andar com o anfitrião – comparação de Espanha e Portugal pelo anfitrião – as repetições do anfitrião – comentários positivos sobre os anfitriões.</p>

#### 1.2.5.3. Caracterização Interaccional e Pragmática dos Enunciados Narrativos

As secções seguintes da Ficha de Indexação, que correspondem à sua segunda página, reportam-se explicitamente ao(s) EN(s) presentes na interacção, visando caracterizá-los enquanto actos comunicativos com uma Dimensão Interaccional<sup>16</sup> e Discursivo-pragmática<sup>17</sup>.

##### 1.2.5.3.1. Aspectos Interaccionais dos Enunciados Narrativos

No ponto 3 da ficha, secções 3.1., 3.2. e 3.3., vincular-se-á a ocorrência do EN ao fluxo conversacional dialógico em que é inserido. Neste caso, considerar-se-ão as relações que estabelece com o contexto e cotexto da sua realização.

---

<sup>16</sup> O conceito de ‘Dimensão Interaccional’ será desenvolvido no capítulo 2, secção 2.2.2.2. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>17</sup> O conceito de ‘Dimensão Discursivo-pragmática’ será desenvolvido no capítulo 2, secção 2.2.2. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

Observe-se o extracto da ficha e respectivo comentário.

#### Quadro 7

#### Secção 3 da Ficha de Indexação: Caracterização Interaccional do(s) EN(s)

<b>3. O ENUNCIADO NARRATIVO NO ESPAÇO DE ENUNCIACÃO – DIMENSÃO DISCURSIVO-PRAGMÁTICA</b>			
<b>NÚMERO DE ENUNCIADOS NARRATIVOS TRANSCRITOS:</b>		2	
<b>3.1 A INTRODUÇÃO DO ENUNCIADO NARRATIVO</b>			
3.1.1. O EN é pedido pelo futuro Narratário			
3.1.2. O EN é proposto pelo futuro Narrador		EN1, EN2	
<b>3.2 OS CO-ENUNCIADORES</b>			
3.2.1. O EN é construído unicamente por um Narrador		EN2 (*ANT)	
3.2.2. O EN é construído por mais que um Narrador		EN1 (*ANT + *LEO)	
3.2.3. O EN dirige-se a um Narratário presente			
3.2.4. O EN dirige-se a vários Narratários presentes		EN1, EN2 (→ *JN + *LEO)	
<b>3.3. A DISTRIBUIÇÃO DO ENUNCIADO NARRATIVO NA INTERACÇÃO</b>			
3.3.1. O EN = um turno	EN1	3.3.4. O EN surge no início de um turno	
3.3.2. O EN = mais de um turno	EN2	3.3.5. O EN surge no meio de um turno	EN1; EN2
3.3.3. O EN = a parte de um turno		3.3.6. O EN surge no final do turno	
<b>3.4. O ENUNCIADO NARRATIVO E O TÓPICO DA CONVERSAÇÃO</b>			
3.4.1. O EN está relacionado com o Tópico anterior		EN2	
3.4.2. O EN ilustra uma tese sobre o Tópico expressa antes			
3.4.3. O EN introduz um novo Tópico		EN1	
3.4.4. O EN introduz um Subtópico		EN2	
3.4.5. O EN fecha um Tópico		EN1	
3.4.6. O EN ilustra uma opção de Género Textual expressa antes		EN2	

Após a indicação do NÚMERO de ENs transcritos – 2 –, na secção 3.1. refere-se a instância enunciativa responsável pela introdução do(s) EN(s) que, no presente caso, é o Narrador.

Na secção 3.2. surgem dados referentes aos co-enunciadores. Trata-se de identificar quer o(s) NARRADOR(es) – veja-se que EN2 é da responsabilidade de ANT, enquanto que EN1 é uma co-produção de ANT e LEO – quer o PÚBLICO-ALVO do(s) EN(s). Na actual interacção há dois narratários presentes, sendo um deles a personagem principal dos episódios narrados.

Na secção 3.3. surgem dados relativos à LOCALIZAÇÃO DO(S) EN(S) na sequência de turnos que compõem a interacção. Assim, EN1 e EN2 surgem no interior de um turno, ainda que com um grau de autonomia diferente em relação ao anteriormente dito, como se pode confirmar na secção 3.4. Em relação a EN1, é possível verificar que o turno em que é introduzido corresponde ao núcleo narrativo do episódio contado. As várias interrupções de LEO, precisando detalhes dos acontecimentos narrados, não quebram, verdadeiramente, a sequência desse turno narrativo. Dito de outra forma, não há uma cedência de vez até ao desfecho da narrativa. Essa cedência só vai ocorrer na fase de Pós-avaliações que sucedem à Resolução, e corresponde a uma estratégia de testagem de recepção do narrado. No caso de EN2, e dado o conflito de posições entre o narrador e LEO, as interrupções de LEO vão, momentaneamente, interromper a sequência narrativa e provocar a abertura e encerramento de vários turnos avaliativos, interferindo na continuidade do narrado.

Por seu lado, na secção 3.4. identifica-se a relação do(s) EN(s) com o TÓPICO CONVERSACIONAL<sup>18</sup> desenvolvido nesse momento. Assim, no caso de EN1, verifica-se que a narrativa introduz um novo tópico – um episódio ocorrido a LEO em Sevilha – sendo a referência local o elemento comum com o tópico anterior. Além disso, todo o EN corresponde a um Segmento Tópico que é encerrado com as avaliações finais da narrativa. Segue-se-lhe um novo Tópico Conversacional, a saber, o alojamento do casal em Sevilha. Se em termos de coerência textual se pode falar de um macro-tema que corresponde à passagem por Sevilha de ANT e LEO, a verdade é que há uma forte autonomia de EN1 em relação aos tópicos imediatamente adjacentes. No caso de EN2, a situação é relativamente diferente. EN2 surge no seguimento do Tópico Compras e, apesar de corresponder a um Subtópico específico – o episódio da compra de um casaco por LEO – subordina-se, na economia da conversação, ao primeiro. Daí, também, o retorno ao Tópico Principal, com as avaliações sobre os diferentes armazéns espanhóis, logo após a finalização da narrativa. Na introdução de EN2 é ainda possível identificar a vontade do narrador em activar um género textual específico na conversação, directamente relacionado com o valor perlocutório do próprio EN: divertir. As questões

---

<sup>18</sup> Como já foi referido, o conceito de ‘Tópico Conversacional’ será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

referentes à inserção do(s) EN(s) na linha isotópica da conversação serão abordadas no capítulo 3.

### 1.2.5.3.2. Aspectos Sequenciais e Configuracionais do Enunciado Narrativo

As seguintes secções da Ficha de Indexação (4. - 5. - 6. - 7.) referem-se aos conteúdos e funções comunicativas dos ENs identificados, focalizando-se a atenção na sua Orientação Temática, Estruturação Interna e Função.

Assim, no ponto 4 é estabelecido o TEMA GERAL de cada um dos ENs. Quando não indicado explicitamente pelo locutor, o seu estabelecimento resulta de um processo de leitura desenvolvido pelo investigador. No presente caso há, no entanto, uma sobreposição da função dos ENs aos seus conteúdos. Assim, não é tanto o tópico ‘Compras em Sevilha’ que se pretende desenvolver, mas criar um espaço de partilha e proximidade entre o narrador e o principal narratário através da introdução na conversação de narrativas de cariz humorístico.

#### Quadro 8

##### Secção 4 da Ficha de Indexação: Explicitação do tema do EN

<b>4. TEMA</b>
Episódios humorísticos ocorridos com a mulher do narrador quando fazia compras em Sevilha.

No ponto 5 pretende-se, para além de fazer uma síntese dos ENs, identificar, no prefácio do EN (mais à frente referido como Ataque), o enunciado ou enunciados que funcionam como um Resumo<sup>19</sup> do mesmo. No presente caso, o Resumo corresponde, em ambos os casos, a uma estratégia discursivo-pragmática de Anúncio<sup>20</sup>, com funções apelativas e focalizadoras específicas.

---

<sup>19</sup>O conceito de ‘Resumo’, porque directamente ligado às estratégias de introdução dos ENs na conversação, será desenvolvido no capítulo 3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>20</sup>O conceito de ‘Anúncio’ será desenvolvido no capítulo 4, a propósito das Actividades Introdutórias de EN. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

Quadro 9  
Secção 5 da Ficha de Indexação: Síntese e ‘Resumo’ do EN

<b>5. RESUMO</b>
Narrativa de uma ida a Sevilha. Episódios humorísticos. EN1: narrativa de cariz humorístico: episódio da esposa na escada rolante – <i>&amp;ah mas vou-te contar uma que aconteceu à Leonor //</i> EN2: narrativa de cariz humorístico: episódio da compra do casaco – <i>ah / e outra fita que a Leonor lá fez //</i>

No ponto 6 da Ficha de Indexação, surge, em primeiro lugar, uma caracterização semântico-cognitiva do tipo de EN, de acordo com o modelo proposto por Quasthoff (1980) a partir das noções de Plano de Acção e de Ruptura de Plano de Acção<sup>21</sup>. Muito brevemente, uma vez que este modelo será desenvolvido no capítulo 2, considera-se que a cada História contada subjaz a Ruptura de um Plano de Acção, ruptura essa que resulta da intervenção inesperada de uma força exterior que põe em causa o equilíbrio e prossecução do Plano existente, podendo desencadear uma sequência de acontecimentos diferente daquela que, normalmente, teria lugar. Esses acontecimentos adquirem valor narrativo pela importância de que se revestem na tentativa de restabelecer o equilíbrio ameaçado. A ruptura é, sempre, referida ao papel do narrador. Nos exemplos em causa, estamos perante duas Rupturas de Plano de Observador (RPO), uma vez que o narrador não intervém directamente nos acontecimentos narrados.

Podem, ainda, destacar-se aspectos específicos da construção do EN, considerados relevantes para a sua leitura, como, por exemplo, se estamos perante uma sequência de Acções ou um confronto de Situações (inicial / final), ou se há alteração de perspectiva quanto à narração.

De seguida descreve-se a estrutura macroproposicional do EN, estando marcadas todas as macroproposições identificadas e alguns aspectos importantes da sua constituição como a ocorrência de Anúncios do EN no Ataque ou de Dramatização com Discurso Directo no Gatilho e Clímax da Narrativa. A descrição das Macroproposições envolvidas na estruturação da narrativa será realizada no capítulo 2. Neste momento, apenas se fará uma leitura exemplificativa a partir do primeiro EN da interacção.

---

<sup>21</sup> O conceito de ‘Plano de Acção’ será desenvolvido no capítulo 2, secção 2.2.3.3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

## Quadro 10

### Secção 6 da Ficha de Indexação: Tipo de EN e macroproposições

#### 6. TIPO DE EN

EN1: RPO. Sequência breve de acções com enfoque para a acção principal (clímax) e respectivas reacções dos intervenientes. Uso do presente cénico e de formas aspectuais (dramatização). Retoma da narrativa sob a perspectiva da personagem principal.

*At.: Anúncio – Av. – O.g. – O.b. – O.g. – Ac. – O.l. – Ac.: encenação/clímax – Re./Av.F.1 – C./Av.F.2 e 3 – Retoma do EN.*

EN2: RPO. Sequência de acções. Destaque para as cenas dramatizadas, correspondendo ao Gatilho e ao Clímax e para a forte pós-avaliação (dado o conflito entre diferentes versões do ocorrido)

*At. – Ac.(resumo/prolepse) – Av.e. – Ac.1 – O.b. – Ac1:dramatização/DD/gatilho – Av.e. – Ac1: dramatização/DD – Ac.2 – O.b. – Ac.3: dramatização/DD/clímax – Re./Av.F. – Retoma do EN: gatilho (ironia) – Pós-Av. (contraposição de versões)*

Assim, em relação a EN1, estamos perante um EN de Ruptura de Plano de Observador, construído sobre uma Sequência breve de acções. Foi possível identificar as seguintes macroproposições: em primeiro lugar surge o Ataque<sup>22</sup> do EN, incluindo um Anúncio do mesmo. Segue-se a Orientação Geral<sup>23</sup>, referindo o lugar dos acontecimentos a narrar. Ainda antes de passar para a Acção<sup>24</sup>, o narrador introduz uma Orientação de *Background*<sup>25</sup>, onde são dadas informações sobre o Objecto que está no centro da narrativa. Logo de seguida, a Orientação Geral é retomada, apresentando, brevemente, a situação inicial. A passagem para a Acção inclui uma Orientação Local<sup>26</sup>, que refere o novo espaço em que os acontecimentos centrais do EN irão decorrer. A partir daqui, o narrador avança rapidamente para o clímax da Acção, através da

---

<sup>22</sup> A macroproposição ‘Ataque’ e as estratégias de introdução de ENs na conversação serão objecto de análise no capítulo 3, secção 3.2.2. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>23</sup> A caracterização da macroproposição ‘Orientação Geral’ será realizada no capítulo 2, na secção 2.2.1.1. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>24</sup> A caracterização da macroproposição ‘Acção’ será realizada no capítulo 2, na secção 2.2.1.2. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>25</sup> A caracterização da macroproposição ‘Orientação de *Background*’ será realizada no capítulo 2, na secção 2.2.1.1. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>26</sup> A caracterização da macroproposição ‘Orientação Local’ será realizada no capítulo 2, na secção 2.2.1.1. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

encenação dos acontecimentos (o conceito de Encenação será desenvolvido no capítulo 4, secção 4.3.6.). A Resolução<sup>27</sup> da Acção é apresentada em conjunto com uma primeira Avaliação Final<sup>28</sup>. Seguem-se a Coda<sup>29</sup> do EN e novas formulações da Avaliação Final. Surge, ainda, uma breve retoma do clímax da narrativa, sublinhando os eventos de cariz anedótico que o compõem.

Por último, estabeleceu-se, para cada um dos ENs analisados, a função ou as funções que realizam no quadro conversacional em que foram inseridos. No caso da presente interação, ambos os ENs foram introduzidos com o intuito de criar um ambiente relaxado e divertido para o ‘convidado’ do casal, que corresponde ao narratário principal. Parece, assim, haver uma nítida preocupação do locutor em obter um determinado efeito perlocutório junto do interlocutor, mesmo que através de uma ameaça à face da personagem principal do EN que está presente durante a narração. (As questões referentes às possíveis funções do EN serão debatidas no capítulo 2, secção 2.2.3.4.)

Quadro 11  
Secção 7 da Ficha de Indexação: Funções do(s) ENs

<b>7. FUNÇÃO DO EN</b>
EN1: divertir / desconstruir a imagem de outrém
EN2: divertir / desconstruir a imagem de outrém

---

<sup>27</sup> A caracterização da macroproposição ‘Resolução’ será realizada no capítulo 2, secção 2.2.1.3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>28</sup> A caracterização da macroproposição ‘Avaliação Final’ será realizada no capítulo 2, secção 2.2.2.1. e 2.1.2.4. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

<sup>29</sup> A caracterização da macroproposição ‘Coda’ será realizada no capítulo 3, na secção 3.2.3. A sua definição operatória surge no Glossário na entrada com o mesmo nome.

### **1.3. Os *Subcorpora*: *Subcorpus* de Modalização e *Subcorpus* de Discurso Relatado**

Dados os objectivos definidos para a presente investigação, em particular os referentes às hipóteses 4 a 9, foi necessário realizar análises muito detalhadas de parte dos ENs recolhidos, sobretudo a um nível microtextual.

Para tal foram definidos dois *subcorpora* dirigidos para duas questões fulcrais da dimensão configuracional do EN:

- A Avaliação<sup>30</sup> como estratégia de construção de sentido transversal a todas as macroproposições presentes na sua realização;
- A Encenação do narrado a partir de estratégias de presentificação dos acontecimentos e de dramatização dos mesmos com recurso a discurso relatado.

#### **1.3.1. O *Subcorpus* de Modalização**

A fim de obter dados exaustivos referentes às estratégias de avaliação utilizadas durante a realização de um EN, foi constituído um *subcorpus* de trabalho em que pudessem ser recolhidas todas as formas de inscrição da subjectividade dos interlocutores no EN e através das quais revelam as crenças, vontades, valores e avaliações que os conduzem na co-construção do sentido do texto.

O *subcorpus* de Modalização é constituído por um conjunto de 50 ENs identificados em 25 interacções do *Corpus* Global. A listagem das interacções seleccionadas para a sua composição encontra-se no Anexo II, Pasta 1, documento 1 intitulado *Estatística do Corpus de Modalização*.

Em primeiro lugar procedeu-se à análise exaustiva de 25 ENs, buscando estabelecer todos os tipos de estratégias avaliativas a que os interlocutores recorriam para co-construir o sentido do narrado. Esse levantamento permitiu elaborar uma ficha de recolha de dados que foi, posteriormente, aplicada aos restantes ENs e que contempla as seguintes categorias de análise:

---

<sup>30</sup> O conceito de Avaliação será desenvolvido no capítulo 2, secção 2.2.2.1. e retomado no capítulo 4. Uma definição operatória deste conceito está disponível no glossário na entrada com o mesmo nome.

## Categorias de análise referentes à Modalização

1. Verbos Modais:
  - 1.1. com Valor Modal Epistémico
  - 1.2. com Valor Modal Deontico
  - 1.3. com Valor Modal Volitivo
  - 1.4. com Valor Modal Avaliativo-Afectivo
  - 1.5. com outros Valores
2. Adverbiais:
  - 2.1. com Valor Modal Epistémico
  - 2.2. com Valor Modal Deontico
  - 2.3. com Valor Modal Afectivo
  - 2.4. Intensificadores
  - 2.5. Focalizadores
  - 2.6. Delimitadores [*hedges*]
  - 2.7. de Afirmação
3. Partículas
  - 3.1. Modais
  - 3.2. Sinalizadoras [*flags*]
4. Expressões
  - 4.1. de Atitude Proposicional
  - 4.2. Avaliativas Afectivas
  - 4.3. Avaliativas Metalinguísticas
5. Vocabulário Expressivo
6. Afixação Avaliativa
7. Adjectivos Qualificativos
8. Uso Expressivo dos Demonstrativos
9. Focalização
  - 9.1. Sintáctica
  - 9.2. Semântica
10. Actividades de Formulação e Reformulação Textual
11. Linguagem Vaga
12. Repetição
13. Uso Enfático do Pronome Sujeito
14. Outras estratégias de Modalização Afectiva

A heterogeneidade das categorias decorre do facto de haverem sido estabelecidas ao longo do trabalho de análise dos ENs seleccionados. Além disso, nem todas elas serão desenvolvidas autonomamente, quer por já o haverem sido em Morais (2002), como no caso da Repetição, quer por serem demasiado específicas de um ou outro EN, como no caso do uso expressivo dos demonstrativos. De qualquer forma o

levantamento de exemplos e respectiva descrição podem ser consultados no Anexo II, Pasta 2, nas fichas de análise do *Subcorpus* de Modalização, estando as fichas organizadas por código de Interacção.

A sistematização dos resultados encontra-se no capítulo 4, nas secções 4.2.3. - 4.3.1. - 4.3.2. - 4.3.3. - 4.3.4. - 4.3.5. -.

### **1.3.2. O *Subcorpus* de Discurso Relatado**

O *Subcorpus* de Discurso Relatado (daqui para a frente referido como DR) é constituído por um conjunto de 85 ENs identificados em 38 interacções do *Corpus* Global.

Dos 85 ENs, 66 incluíam passagens em DR que correspondiam a 282 turnos, sendo 232 realizados em Discurso Directo, 41 em Discurso Indirecto, e 9 em Discurso Indirecto Livre / Discurso Interior.

Nos 282 turnos foram ainda identificados 544 enunciados realizando o mesmo número de actos de fala: 451 em Discurso Directo, 79 em Discurso Indirecto, e 14 em Discurso Indirecto Livre / Discurso Interior. Esta listagem encontra-se no Anexo III, documento 1, intitulado *Estatística Geral do Discurso Relatado*.

Através da análise do *Subcorpus*, apresentada no Anexo III, documento 2, intitulado *Tabela Geral do Discurso Relatado (DR)*, foi possível identificar:

- as macroproposições onde ocorrem com mais frequência os enunciados em DR;
- as formas de introdução de DR;
- a fonte responsável pelo DR;
- o tipo de Actos de Fala realizados;
- as formas de abertura dos segmentos em DR (Marcadores Conversacionais Topográficos iniciais e Conectores);
- as formas de encerramento dos segmentos em DR (Marcadores Conversacionais Topográficos finais e outras estratégias de desfocalização da atenção do interlocutor);
- outras características da representação da oralidade pelos narradores.

Estas informações serão utilizadas no capítulo 4, para estabelecer a fonte responsável pelos enunciados em DR que dão corpo ao conflito de posições que subjaz ao EN (ver capítulo 4, secção 4.2.1.), bem como para caracterizar as sequências de

Dramatização dos Acontecimentos que estão no centro da construção dos ENs conversacionais (ver capítulo 4, secção 4.3.6.). Recorrer-se-á também ao *Corpus* de DR para recolher exemplos das várias estratégias avaliativas com que o narrador vai procurando dirigir a interpretação dos factos narrados pelos narratários.

## **2. O ENUNCIADO NARRATIVO: DIMENSÕES DE ANÁLISE**

## 2. O Enunciado Narrativo: Dimensões de Análise

### 2.1. O Conceito de Enunciado Narrativo

Antes de iniciar este capítulo, há que justificar a opção pelo termo “Enunciado Narrativo” para referir unidades textuais realizadas na conversação que são organizadas através de uma sequenciação temporal de acções.

O conceito foi adoptado da contraposição clássica de Genette (s.d., [1972]: 22-23) entre História, Narração e Enunciado Narrativo, e da definição deste último como discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento com outro(s) ou de uma série de acontecimentos entre si. Foram duas as ordens de factores que nos levaram a considerá-lo um conceito pertinente para referir o presente objecto de estudo:

- A sua abrangência, pois permite abarcar dois modelos de construção textual narrativa identificados no *corpus* de trabalho: Narrativa e Relato de Acontecimentos<sup>1</sup>.
- A confluência de perspectivas de análise que permite adivinhar<sup>2</sup>, uma vez que o Enunciado Narrativo é encarado enquanto realização discursiva da História, isto é, dos acontecimentos reais ou fictícios que são o seu objecto, e é ‘moldado’ pelas condições do próprio acto de narrar.

Por outro lado, em termos discursivo-pragmáticos, o conceito de Enunciado, orientado para o produto verbal específico de um ou mais enunciadore, sublinha a dimensão social da narração enquanto acto comunicativo complexo, definido a partir da intencionalidade da sua produção e passível de ser referido a um modelo composicional socioculturalmente definido.

Assim, quando nos referimos a Enunciados Narrativos, daqui para a frente referidos como ENs, temos presente um segmento discursivo autónomo, identificável enquanto unidade textual no *continuum* conversacional em que surge por actualizar um

---

<sup>1</sup> Esta contraposição será discutida, ainda que muito sumariamente, no ponto 2.1., uma vez que a presente investigação se concentra nas Narrativas Conversacionais.

<sup>2</sup> É o próprio Genette (s.d. [1972]: 25) que o formula: “A análise do discurso narrativo (*Enunciado Narrativo*) implica constantemente o estudo das relações, por um lado, entre esse discurso e os acontecimentos que relata (*a História*), por outro lado, entre esse mesmo discurso e o acto que o produz, realmente (...) ou ficticiamente (*a Narração*)”. O texto em itálico entre parêntesis é nosso.

modo de enunciação específico – o modo narrativo – e que adquire o seu sentido e pertinência nas relações que estabelece com o cotexto e contexto em que é inserido.

Dada a focalização deste estudo em Narrativas Conversacionais, isto é, em narrativas produzidas em situação de interacção oral, passar-se-á também a utilizar a abreviatura EN para as mesmas. Nos casos em que se refira os Relatos de Acontecimentos, estes serão referidos como Relato.

Nas páginas seguintes, procurar-se-á caracterizar os diferentes níveis ou dimensões de abordagem dos ENs na conversação, tendo em conta a divisão acima implicada entre aspectos textuais e aspectos discursivo-pragmáticos.

## **2.2. Um Modelo de Análise para os Enunciados Narrativos**

Em Morais (2002a: 47-52), propôs-se uma abordagem bidimensional do EN que aqui se retoma e desenvolve<sup>3</sup>. Então, de acordo com Ehlich (1983), Adam (1991[1984], 1985, 1990) e Adam & Revaz (1997 [1996]), consideraram-se duas dimensões que se entrecruzam na trama da construção do EN:

- i) A Dimensão Textual/Sequencial
- ii) A Dimensão Discursivo-pragmática

Em relação a esta última, consideraram-se, ainda, duas subdivisões que correspondem a diferentes formas de perspectivação do mesmo objecto de estudo, agora considerado nas suas relações extratextuais:

- ii.i) Dimensão Interaccional
- ii.ii) Dimensão Configuracional

Crê-se, no entanto, que é necessário ainda referir uma terceira dimensão que encara o EN enquanto resultado e expressão de um processo cognitivo de organização de memórias e experiências pessoais (mesmo que indirectas), processo esse

---

<sup>3</sup> O modelo então desenvolvido teve por base os trabalhos de Labov e Waletzky (1974 [1967]), Labov (1972) e seu posterior desenvolvimento por Adam (1991 [1984], 1985, 1990), Adam & Revaz (1997 [1996]) e Bres (1994), segundo um perspectiva narratológica, e de McCarthy (1990, 1991, 1998), McCarthy & Carter (1994, 1997) e Swales (2000 [1990]) numa perspectiva de géneros conversacionais.

directamente relacionado com a construção da identidade pessoal e da imagem social do narrador. Para o presente trabalho, dadas as características da investigação realizada, esta dimensão interessar-nos-á na medida em que permita explicitar a construção e funcionamento das outras duas.

Passa-se, de seguida, a uma caracterização do modelo então criado, seguindo a ordem por que os seus componentes foram introduzidos. Não havendo informação contrária, considerar-se-á que o mencionado se refere exclusivamente às Narrativas Conversacionais, deixando de parte o Relato de Acontecimentos.

### **2.2.1. Dimensão Textual/Sequencial do Enunciado Narrativo**

Fala-se de Dimensão Textual quando nos referimos à construção da Narrativa enquanto Texto Sequencial, cuja organização obedece a um modelo culturalmente definido, com elevado grau de canonicidade e, aparentemente, universal<sup>4</sup>. O esquema que lhe subjaz corresponde a um modo de organização do discurso (Charaudeau, 1992) com uma finalidade de base: narrar, isto é, organizar uma sucessão de acções/experiências de uma forma lógica e orientada para um desfecho. Para tal, o narrador ‘constrói’ um mundo ficcional onde situará e movimentará os personagens e ‘encenará’ os acontecimentos que pretende narrar (podendo, para tal, servir-se de outros modos de organização do discurso, como a descrição).

Para as Narrativas Conversacionais, os trabalhos pioneiros de Labov e Waletzky (1974 [1967]) e Labov (1972) vieram validar empiricamente a existência de um esquema narrativo comum que preside à produção de ENs no seio de uma mesma comunidade linguística. Em Morais (2002a), procurámos testar a sua aplicação a um *corpus* em português europeu de narrativas produzidas em situação de interacção oral, tendo obtido resultados idênticos no que se refere à composição dos ENs analisados.

---

<sup>4</sup> Este modelo, no entanto, parece sofrer variações que interferem na compreensibilidade de algumas narrativas quando produzidas fora da sua comunidade discursiva de origem. Não há um consenso na bibliografia consultada quanto à razão desta variação, que parece estar ligada a diferentes concepções dos seus constituintes e componentes ou a uma discrepância de valores que dificulta ou impossibilita a co-construção do sentido do EN. Esta perspectiva parece tanto mais correcta quanto se considera que a produção/interpretação de um texto está directamente relacionada com o mundo de conhecimentos partilhados dos interlocutores e obedece a regras de economia conversacional que podem divergir de uma comunidade linguística para outra. Para um resumo da discussão em torno desta questão ver Hatch (2000 [1992]: 165-166). Uma definição operatória de ‘Dimensão Textual’ surge no Glossário.

Também os estudos realizados em psicolinguística textual a partir dos trabalhos de Kintsh & van Dijk (1975) e van Dijk (1983) sobre os mecanismos de memorização, reprodução e resumo de textos narrativos vieram corroborar a hipótese da existência de um esquema global, convencional e interiorizado que é extensível a diferentes sistemas semióticos. Como realçam Reis & Lopes (2002 [1987]: 399) estes esquemas apresentam relativa autonomia em relação ao conteúdo global do texto, mas neles podem interferir factores contextuais como, por exemplo, as funções pragmáticas e socioculturais do mesmo. Assim, se o esquema canónico de organização do texto narrativo, a sua Superestrutura (Van Dijk, 1983), condiciona a sua produção e interpretação, é também necessário tomar em consideração os constrangimentos que decorrem da situação de enunciação em que este é realizado<sup>5</sup>.

Posteriormente, Heinemann & Viehweger (1991), ao postularem a interacção de quatro grandes sistemas de conhecimento no processamento de um texto – linguístico, enciclopédico, interaccional e o referente a modelos textuais globais –, vão referir-se a este último como aquele que permite aos falantes reconhecer textos como exemplares deste ou daquele tipo ou género. Dele, fazem parte conhecimentos quer sobre as macrocategorias que caracterizam os diferentes tipos de texto quer sobre a sua organização e sequenciação.

No entanto, porque se pretende, neste momento, caracterizar o EN ao nível da sua dimensão textual/sequencial, concentrando a atenção no seu funcionamento interno, colocar-se-ão de parte, por instantes, os aspectos que resultam da sua realidade enquanto acto comunicativo contextualizado.

Assim, de uma forma genérica, pode analisar-se o eixo semântico do texto narrativo (Everaert-Desmedt, 1984 [1981]), considerando os seus constituintes e as relações que estabelecem entre si, segundo o proposto no seguinte quadro de referência:

---

<sup>5</sup> A abordagem de van Dijk tem sido objecto de diversas críticas sobretudo relacionadas com os procedimentos que conduzem ao estabelecimento das macroproposições, isto é, aos processos de sumarização. Na sua análise do modelo proposto por aquele autor, Quasthoff (1980: 40-43) considera que a sumarização permite apenas tirar conclusões sobre os processos cognitivos que implica, sendo a extrapolação para aspectos da produção das narrativas, em parte, abusiva. Além disso, as determinantes pragmáticas do processo cognitivo que subjazem à produção e recepção de uma narrativa não são contempladas. Por último, a organização que resulta do sumário e que, segundo van Dijk, reflete a macroestrutura do texto, não é idêntica à da realização de narrativas em situação de interacção.

## Quadro 12

### Constituintes e Processos Semânticos do Texto Narrativo

- É possível identificar um ponto de partida – *Situação Inicial* – e um ponto de chegada – *Situação Final* – caracterizáveis, ambos, em termos de predicados;
- Os elementos que compõem ambas as situações – *Actores, Tempo, Espaço, Acções* – são correlacionáveis entre si, permitindo a construção de um universo comum – *Mundo Diegético* –;
- Entre ambas as situações há uma *Relação de Transformação* reconhecível na mudança de, pelo menos, um dos predicados dos seus componentes;
- O *Processo de Transformação* é provocado por um ou mais acontecimentos que funcionam como o *Nó da Mudança*. O *Nó* corresponde ao surgimento de um *Problema*<sup>6</sup> que pede uma *Resolução*. Esse problema será denominado *Gatilho*, e a sequência de Acções que dele resulta, *Intriga*. Esta corresponde à ‘espinha dorsal’ de toda a Narrativa.
- A *Mudança* pode ser identificada como *uma acção orientada para um fim*, ou com uma *Avaliação* que denuncia uma alteração da *Situação Inicial*;
- O *processo transformacional* da narrativa inscreve-se num eixo temporal que, por si, reflecte uma *ordem causal de acontecimentos*;
- As transformações que justificam a nova situação são passíveis de uma *Avaliação*. Essa *Avaliação* é extensível a todo o processo transformacional.

Um primeiro reparo em relação ao quadro apresentado:

A distinção, acima realizada, entre Relato de Acontecimentos e Narrativa assenta, sobretudo, no incumprimento, por parte do primeiro, da maior parte destas premissas. Assim, se no Relato de Acontecimentos também existe um encadeamento temporal entre as acções relatadas no passado, este resulta mais do cumprimento de ‘scripts’ culturalmente definidos (por exemplo, rotinas do quotidiano) do que da ocorrência de um processo transformacional provocado por um acontecimento, mais ou

---

<sup>6</sup> Este *Problema* é referido na bibliografia das mais variadas formas: assim, a par da *Complicação* aristotélica, retomada por Labov (1972), temos o *Inesperado* de Quasthof (1980) e Ehlich (1983), a *Transformação* de Evereart-Desmedt (1984 [1981]) ou a *Infracção / Perturbação* (Brunner, 2000 [1996]). No presente trabalho utilizar-se-á a denominação de ‘Gatilho’. Uma definição operatória deste conceito encontra-se no Glossário.

menos inesperado, que vem desequilibrar uma situação anterior. Além disso, o Relato não está, normalmente, orientado para um Desfecho, sendo possível, em muitos dos casos, acrescentar novas acções/novos eventos aos elencados anteriormente, mesmo que sejam anteriores ou simultâneos aos já relatados. Daqui decorre que, em muitos dos Relatos, seja possível alterar a ordem das acções/eventos referidos, sem, com isso, pôr em causa a coerência do texto que daí resulta. No caso da Narrativa, este tipo de alterações provoca, sempre, um acréscimo de dificuldades no processo de interpretação do narrado e obedece, normalmente, a lógicas de construção marcadas com intuitos específicos.<sup>7</sup> Por último, não havendo a necessidade de lidar com a ocorrência de um acontecimento inesperado, no Relato também não se torna pertinente construir uma ‘teoria dos acontecimentos’ (Ochs, 1997) que transforme a sequência de acontecimentos relatados numa Intriga, aqui considerada enquanto esquema coerente de organização de eventos ocorridos que os explica a partir de um ponto de vista específico<sup>8</sup>.

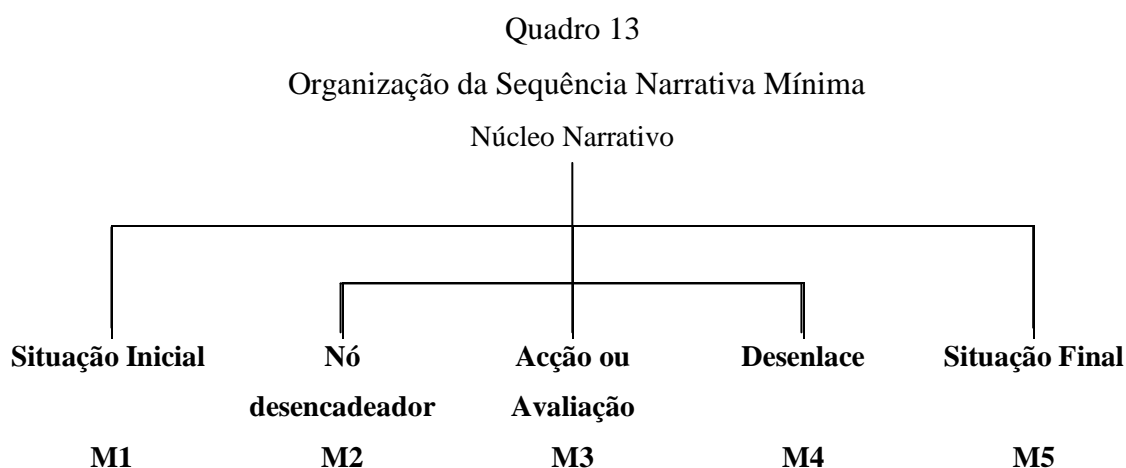
Retornando ao Quadro 12, a Narrativa surge, aí, como um texto centrado nas acções e reacções de uma ou mais personagens, que se inscrevem num eixo temporal segundo uma ordenação particular. Essa ordenação pode resultar de relações conceptuais de causa, motivo, propósito ou mera continuidade temporal, mas terá sempre um carácter transformacional, isto é, evidenciará uma passagem de um estado (inicial) para outro (final) em função da qual os acontecimentos se sucedem. Tal permite

---

<sup>7</sup> Como este não é o objectivo do presente trabalho, apenas se considera a questão do Relato de Acontecimentos como uma forma de destaque, contrastivo, daquilo que é, realmente, prototípico da Narrativa Conversacional.

<sup>8</sup>Numa perspectiva semelhante, Ludwig (1984) propõe considerar a diferença entre Narrativa e Relato contrapondo a Complicação da Acção e a sua Resolução, que caracterizam a primeira, à cadeia de acontecimentos e respectivo Resultado, que fundamentam o segundo. No entanto, defende que ambos partilham do estatuto de Enunciado Narrativo, isto é, ambos correspondem a uma representação de acções / acontecimentos ocorridos e da situação a que conduzem. Hoffmann (1984), no quadro da mesma discussão, destaca o aspecto contextual que fundamenta a distinção entre Narrativa e Relato. Assim, enquanto a primeira é, antes de tudo, um acto conversacional motivado pela vontade do narrador de partilhar uma experiência com um narratário concreto, o segundo é, quase sempre, um acto institucional motivado por uma exigência externa e sujeito a um modelo de factualidade imposto por um receptor ‘genérico’. Rehbein (1984) referindo-se ao Relato, e por analogia com a Descrição, sublinha o peso de uma pré-categorização da realidade ‘relatada’ em função da justificação/explicação de um Resultado. Por contraposição, na Narrativa, a categorização da realidade é muito menos pré-definida, sendo realizada no próprio processo narrativo. Tal, segundo o autor, decorre da adequação do acto comunicativo realizado às expectativas do seu público. Assim, em relação ao Relato, o locutor é confrontado com a avaliação de um público institucional (normalmente especializado) que aguarda um testemunho factual de acontecimentos que conduziram a um Resultado conhecido por ambas as partes. Na Narrativa, o público vai sendo ‘construído’ através da encenação verbal de uma experiência e do envolvimento de ambas as partes na construção do mundo ficcional em que os acontecimentos se desenrolam.

a definição de macro-unidades de composição textual que constituem os módulos organizacionais prototípicos da sequência narrativa mínima (Adam & Revaz, 1997 [1996]), apresentados no esquema a seguir.



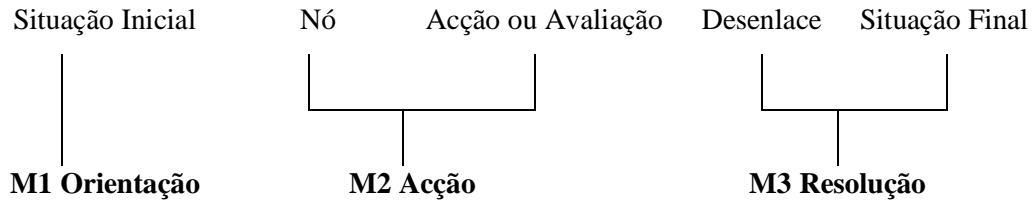
O esquema do Quadro 13 organiza-se em torno de M3, que resulta directamente de M2. Considera-se a hipótese de não haver uma Acção do(s) actor(es), mas somente uma Avaliação do ocorrido por parte do Narrador ou de uma personagem. Por outro lado, a Sequência Narrativa surge balizada por dois estados de equilíbrio distintos – M1 e M5 – caracterizáveis por um pequeno número de predicados. Entre, pelo menos, um dos predicados de cada uma das situações deverá haver uma relação de transformação (real ou potencial). As macroproposições medianas asseguram essa transformação: M2 é identificável com o acontecimento ou acção que põe em causa M1 e desencadeia M3. Por sua vez, M3 conduz a M4. Segundo Adam & Revaz (1996), enquanto M4 e M5 se podem substituir mutuamente, M2, como desencadeador da Transformação / Intriga, terá sempre que estar presente.

Mas outros modelos de análise, como Labov (1972), e, no seu seguimento, Quasthoff (1980), Wienold (1983), Georgakopoulou (1997) ou Norrick (2000), propõem também a amálgama de M2 e M3 numa só macroproposição, considerando M2 o *gatilho* da Acção central da narrativa.

Assim, numa versão simplificada do quadro anterior, poder-se-ia retomar o esquema proposto por Labov e Waletzky (1974 [1967]) e Labov (1972) para o núcleo narrativo:

## Quadro 14

### Macroproposições que compõem o Núcleo Narrativo



Passar-se-á agora a uma caracterização breve de cada uma das macroproposições, considerando os resultados obtidos em Morais (2002a) e que foram confirmados no actual *corpus* de análise.

#### 2.2.1.1. A Orientação

A Orientação inicia a Narrativa propriamente dita ao promover uma operação de ruptura com o tempo de interacção (T0) através de um operador de ficcionalidade (Bange, 1986:127; Fonseca, 1992 [1989]) que corresponde a um novo localizador temporal. Este pode tomar a forma de um tempo verbal do passado, de um adverbial, de uma data, ou de uma combinatória de dois ou mais dos elementos referidos.

Em termos de conteúdos, a Orientação estabelece as coordenadas dos acontecimentos narrados, fixando as suas circunstâncias e componentes. Assim, nela é possível identificar o(s) actor(es), as suas características e actividades, bem como situar o espaço e o tempo ficcional da diegese<sup>9</sup>. Localizador temporal, localizador espacial e actor(es) são elementos constituintes da Situação Inicial que pode ser caracterizada de duas formas:

- i) Enquanto *Cenário da Acção*, que corresponde a um segundo plano construído sobre formas verbais imperfectivas, privilegiando uma perspectiva

---

<sup>9</sup> Como refere Bange (1986: 127-128), no texto estabelece-se um Mundo Possível com coordenadas espaciais e temporais próprias, 'povoado' por sujeitos identificados. À transposição do eixo deíctico que subjaz à sua fundação, corresponde a um processo de ficcionalização que é inerente ao texto narrativo e à sua capacidade de construir o seu próprio contexto, desvinculado dos constrangimentos da realidade da situação de comunicação.

categorizadora, mais estática e descritiva, que servirá para acentuar a transformação de predicados entre a Situação Inicial e a Situação Final.

- ii) Enquanto *Acção anterior à ocorrência de um Acontecimento de Ruptura* que provocará a Acção Principal. Neste caso, predominarão as mesmas formas perfectivas que se encontram na narração dos acontecimentos centrais, através das quais se privilegia a sequencialidade e a dinamicidade dos factos, acentuando a sua orientação para um desfecho.

Há, no entanto, que distinguir entre uma *Orientação Geral*, directamente relacionada com a construção da Situação Inicial e com a manutenção das mesmas circunstâncias e referentes ao longo da narrativa, e possíveis *Orientações Locais* que introduzem alterações às primeiras, ‘re-mobilando’, para utilizar uma metáfora de Adam & Revaz (1997 [1996]), o mundo diegético em que se desenrolam os acontecimentos. À Orientação Local cabem funções similares às definidas para a Orientação Geral, só que, agora, aplicadas localmente a acontecimentos específicos e aos cenários em que estes se desenrolam, marcando, assim, a abertura de um Episódio da narrativa principal.

No presente trabalho, surgirá, ainda, um terceiro tipo de Orientação, de cariz metacomunicativo, através da qual o narrador expressa a sua preocupação em que o interlocutor detenha toda a informação considerada necessária para que possa construir o sentido do que está ou vai ser narrado de acordo com a sua intencionalidade. Denominada, a partir de Norrick (2000), *Orientação de Background*, tem, sobretudo, uma função interaccional na medida em que está voltada para o interlocutor, sendo a sua existência ditada por aquilo que o narrador pensa poder ser desconhecido do seu alocutário e considera ser pertinente facilitar-lhe<sup>10</sup>. Por esse motivo, e também ao contrário das outras duas, a *Orientação de Background* resulta numa interrupção evidente do fluxo narrativo, retornando-se, por momentos, à situação de enunciação anterior ao EN. É do *aqui-e-agora* da situação de interacção (T0) que estes Apartes acrescentam dados extra sobre referentes, comentam ou explicam alguns já introduzidos, ou questionam a falta de informação do interlocutor sobre o(s) tópico(s) em desenvolvimento ou a desenvolver no seio do EN. Também por esse motivo, como se verá mais adiante, os enunciados que realizam este tipo de Orientação têm, na maioria dos casos, valores modais avaliativos, buscando assegurar uma leitura conforme

---

<sup>10</sup> Segundo Norrick (2000: 33) trata-se da disponibilização de informação de *background* que “(...) goes beyond the setting to encompass all sort of details, wether necessary for the point of the story or not”.

à intenção do narrado e, como tal, devem ser considerados no quadro da Dimensão Configuracional do EN.

### **2.2.1.2. A Acção**

A Acção corresponde à sequência de acontecimentos provocada por um qualquer problema ou complicação que veio desequilibrar uma ordem anterior e motivou, assim, o surgimento da Narrativa. Essa sequência movimenta-se, claramente, em direcção a um desfecho e a sua organização textual tanto pode decorrer exclusivamente das relações de temporalidade e/ou causalidade entre as proposições que referem o ocorrido, como pode ser auxiliada e marcada pelo recurso a sequenciadores narrativos.

Em termos cognitivos, submeter um facto inesperado e/ou perturbador a uma lógica temporo-causal, parece corresponder à tentativa de explicar a razão ou razões do mesmo, ou, pelo menos, estabelecer as suas relações com outros factos familiares e com a sua normalidade, procurando dar-lhe um sentido<sup>11</sup>. (Brunner, [2000] 1996). Logo, a sequência de acontecimentos verbalizada não obedece tanto a uma preocupação de espelhar o acontecido de uma forma objectiva, mas à necessidade de construí-lo de uma forma verosímil, enquanto experiência relevante para ser narrada no seio de uma unidade conversacional superior. O “esqueleto” narrativo vazio de laboviano (Labov: 1972: 22), cujas articulações são elos temporais e que só adquire vida ao ser revestido do material avaliativo que lhe dá a sua razão de ser, não existe. As próprias opções de organização sequencial consideradas pelo narrador reflectem uma perspectiva própria de construção da(s) experiência(s) narrada(s) e são, também, uma forma de dar a conhecer a intencionalidade que subjaz à narração. Estas estratégias avaliativas encaixadas na própria estrutura narrativa, e referidas como Avaliação Interna, serão discutidas na secção 2.2.2.3., referente à Dimensão Configuracional do EN.

---

<sup>11</sup> Numa perspectiva psicológica, Brunner (2000 [1996]:188) coloca a ruptura, e a crise que daí decorre, no âmago da construção das narrativas pessoais, afirmando que as histórias que merecem ser contadas têm a sua origem nessa mesma crise e são a primeira forma de lidar com ela. Da mesma forma, Quasthoff (1980) coloca no centro daquilo que chama a História Cognitiva (uma estrutura semântica que corresponde a um plano de acção interrompido por um qualquer evento inesperado) um elemento de ruptura. Desta forma acaba por definir três tipos de Histórias que correspondem a três tipos de ruptura: Ruptura de Plano de Agente, Ruptura de Plano de Observador; Ruptura de Plano do Outro Generalizado. Este modelo será desenvolvido na secção 2.2.3.3.

Ainda em relação à estrutura interna do EN, é necessário referir a presença recorrente, em quase todo o *corpus*, de módulos de Encenação dos acontecimentos, na sua maioria com recurso ao discurso relatado. Esta Dramatização dos conflitos através do diálogo funciona quer como uma macroestratégia de focalização de acontecimentos-chave (gatilho/clímax) quer como organizador textual da intriga em narrativas mais longas, onde uma alternância entre discurso relatado e narração permite a criação de pequenas cenas ou episódios que vão actualizando os acontecimentos.

### **2.2.1.3. A Resolução**

A Resolução marca o final da sequência de acontecimentos, contrapondo à Situação Inicial avançada na Orientação uma nova situação, caracterizável em função das alterações sofridas pelos seus constituintes durante o processo transformacional a que foram sujeitos.

Normalmente, a Resolução surge imbricada na Avaliação Final e é indistinta desta nos casos em que toda a narrativa está orientada para uma contraposição entre Situação Inicial e Situação Final. Daqui decorre que a sua análise, em muito casos, terá que ser realizada, também, dentro da Dimensão Configuracional do EN.

Embora os estudos consultados, mantendo a proposta laboviana, considerem a Resolução uma macroproposição posterior à Avaliação Final, o *corpus* actual, bem como o analisado em Morais (2002a), não confirmam esta hipótese. A Resolução, quando autónoma, surge recorrentemente antes daquela. Além disso, em alguns géneros narrativos, como a Anekdota, a Resolução pode, ainda, ficar em suspenso, ou ser realizada através do recurso a discurso relatado.

### **2.2.1.4. Exemplificação do Funcionamento do Núcleo Narrativo**

Passa-se, de seguida, a apresentar um EN do *corpus* recolhido na Interação A380 pi-profi, com o objectivo de ilustrar o funcionamento do núcleo narrativo e os aspectos até ao momento referidos. Excluir-se-ão todos os enunciados que dão corpo às macroproposições de abertura – Ataque – e encerramento – Coda –, bem como aqueles que correspondem a Orientações de *Background*, à Avaliação Final e a Avaliações Externas. Esses enunciados, marcados no texto com o símbolo (...), serão introduzidos

posteriormente, de forma a realçar a sua importância para a compreensão global do EN. Realizações suprasegmentais como o riso aparecem indicadas com o símbolo <hhh>.

#### **2.2.1.4.1. Caracterização Sociolinguística da Interação A380 pi-profi**

A interacção de origem do exemplo a analisar está indexada no *Corpus* Global com o código A380 pi-profi e corresponde a um diálogo informal em que os tópicos conversacionais giram à volta da actividade profissional do interlocutor principal: JOA. Este tem 28 anos e é comissário de bordo. A responsável pela gravação, I11, tem 30 anos e tem uma formação superior. Os dois usam formas de tratamento de terceira pessoa entre eles. Surgem outros participantes na interacção, que JOA interpela na segunda pessoa. Há muito à vontade na conversação e, aparentemente, conhecimento partilhado entre alguns dos presentes. Todos revelam um interesse activo no discurso de JOA, seguindo-o com fáticos e questões que contribuem para consolidar a coerência do seu discurso. JOA recorre facilmente a coloquialismos na sua fala.

#### 2.2.1.4.2. Transcrição do Núcleo Narrativo e Identificação das Respectivas Macroproposições

<b>Orientação Geral</b> Tempo / Espaço Personagens	JOA: <i>eu aqui atrasado / (...) [/] vinha num [/] no avião em que eu vim / (...) vinha um indivíduo // (...) vinha esse indivíduo e a mulher pá //</i>
<b>Acção</b>	<i>(...) e ele / e esse / esse indivíduo pá / a malta perguntou-lhe o que é que ele queria comer // e o gajo disse que queria um bocadinho de tudo pá //</i>
Gatilho dramatização no discurso directo	<i>e depois / a malta virou-se para a mulher pá // e perguntei / e a senhora / o que é que queria ? quer caviar pá? (...) e ela disse / ah está bem pode ser / e tal //</i>
	<i>e a malta pôs-lhe o caviar no prato pá // no meio do prato // e: os respectivos acompanhamentos pá // (...) e ela começou a olhar para aquilo / com um ar um bocado esquisito pá //</i> I11: <i>hhh /</i>
dramatização no discurso directo	JOA: <i>e ele virou-se para ela / e disse-lhe assim / então só vais comer isso ? e ela diz / bem e tal / engoliu assim um bocado em seco / e foi-se embora //</i>
<b>Orientação Local</b> Tempo Personagens	<i>passado um bocado / chamou uma das assistentes /</i>
<b>Acção2</b> Climax dramatização no discurso directo	<i>e: / o marido disse à assistente // olhe / a minha mulher não pediu isto // &lt; hhh &gt; /</i> I11: <i>[&lt;] &lt; hhh &gt;</i>

Extracto da interacção A380 pi-profi

O início da Narrativa, correspondendo à sua Orientação, é marcado por um localizador temporal vago – *aqui atrasado* – que funda o tempo da diegese, ancorando a forma temporal imperfectiva – *vinha* – com que se refere a Situação Inicial. Segue-se a construção, sumária, do cenário e apresentação das personagens.

A Acção arranca com a passagem para o primeiro episódio<sup>12</sup> da narrativa, construído através de uma sequência de frases coordenadas sindéticas iniciadas pelo sequenciador narrativo ‘e’ com o verbo no pretérito perfeito simples. Esta sequência é interrompida pela dramatização do *gatilho* do EN através de um segmento em discurso relatado, que, quando finalizado, dá novamente lugar à forma de narração anterior. Mais à frente, novamente em relação a uma acção-chave da narrativa, neste caso, a que fecha o primeiro episódio, o narrador voltará a dramatizar o ocorrido num segmento em discurso directo. Este contraste entre Discurso Narrado e Dramatização é intencional e resulta de uma clara opção do narrador em destacar uma acção em relação a outras. A razão porque o faz em relação a esta última prende-se, como se verá posteriormente na secção 2.2.2.4., com a função argumentativa do EN em questão.

Segue-se uma Orientação Local que introduz as coordenadas de um novo episódio e que é composta por uma referência temporal vaga, seguida da introdução de uma nova personagem. Este episódio, porque corresponde ao *clímax* de toda a Narrativa, surge também dramatizado, recorrendo-se, mais uma vez, ao Discurso Directo.

Na linha do que foi referido anteriormente na secção 2.2.1.3., repare-se que não há uma Resolução explícita do ocorrido, o que se justifica por estarmos em presença de um EN de cariz anedótico.

Após este trabalho de desconstrução da Sequência Narrativa e da identificação das macroproposições que lhe dão corpo, não se pode, no entanto, deixar de questionar a sua validade enquanto instrumento que permita compreender quer o sentido geral do EN quer de algumas das opções feitas pelo narrador na sua construção.

Será que, se não tivesse sido referido, seria assim tão óbvio que se está perante um EN de cariz anedótico? E, a aceitar a sua inscrição neste género textual, o que é que

---

<sup>12</sup> Considera-se ‘Episódio’ uma subsequência narrativa que mantém as mesmas circunstâncias (tempo e lugar) e os mesmos componentes (actores, acontecimentos e situações). A alteração de um ou mais destes constituintes aponta para a introdução de um novo episódio que, segundo Everaert-Desmedt (1984 [1981]:11), constitui uma narrativa em si que se integra, como elemento construtor, numa narrativa superior. Esta definição passará a estar disponível no Glossário.

o motivou? Quem é o ‘indivíduo’ que está no centro da história? Por que razão é denominado desta forma? E qual a razão do destaque dado pela dramatização ao diálogo entre marido e mulher que finaliza o primeiro episódio? Estas são algumas das questões que se poderiam colocar ao tentar perceber o sentido e relevância desta narrativa numa qualquer conversação. Para lhes responder, há que abandonar as fronteiras do texto sequencial e considerar a intenção da sua produção numa situação de comunicação específica. Dito de outra forma, há que considerar a sua dimensão discursivo-pragmática.

### **2.2.2. A Dimensão Discursivo-pragmática do Enunciado Narrativo**

Como já foi referido, enquanto Enunciado, a narrativa resulta de um acto volitivo e é determinada pela intenção da sua produção numa situação comunicativa específica, sendo os seus constituintes encenados segundo a finalidade pragmática que lhe é subjacente. Assim, o que está em causa não é somente o reconhecimento de uma sequência de acontecimentos orientados para um desfecho, mas também de como essa sequenciação se inscreve numa lógica transformacional, numa estrutura de Intriga que resulta não dos acontecimentos em si, mas da própria narração (Bres, 1994:75). Como já foi referido, para o poder fazer, é necessário sair do próprio texto e procurar o sentido da sua construção no seu comprometimento com o momento de enunciação.

O que pretende o narrador com o seu EN? Porque o introduziu na conversação? Qual a sua função comunicativa? Como marca no seu texto os sentidos que pretende que o interlocutor leia? Como apaga possíveis distractores dessa leitura? Como consegue obter a sua atenção e acordo para a introdução do EN? Como o encaminha para uma ratificação do acto comunicativo que executou?

Para responder a estas questões, há que, não só conhecer a Avaliação Final do EN, como também ser capaz de identificar os elementos avaliativos transversais a todo o texto, através dos quais o narrador vai dando pistas quanto ao sentido que pretende ver co-construído pelo seu interlocutor, e afasta, ao mesmo tempo, possíveis leituras contrárias à sua intenção narrativa. Como referem Adam & Revaz (1997 [1996]: 13) o que está em causa é a conceptualização do discurso narrativo enquanto estratégia de comunicação, isto é, enquanto uma construção intencional em função do efeito que procura provocar nos seus interlocutores. Mas esta perspectiva enunciativa do EN é,

como reconhecem, um legado da divisão laboviana entre funções narrativas e funções avaliativas das macroproposições que compõem o EN. Assim, antes de avançar, crê-se necessário fazer uma breve incursão sobre o conceito de Avaliação de Labov e considerar algumas das críticas e revisões a que foi sujeito.

### 2.2.2.1. A Avaliação Laboviana

De acordo com Labov (1972), a Avaliação corresponde a tudo aquilo que não faz parte da sequência ‘estrutural’ de frases narrativas (frases unidas por elos temporais que asseguram a dimensão sequencial e referencial do EN), mas que lhe dá sentido, isto é, que lhe atribui um valor ilocutório. Para a situar no EN vai acrescentar aos módulos abordados na secção anterior (2.2.1.), módulos que considera explicitamente avaliativos e que estão vocacionados para interferir no processo de recepção do EN junto do(s) interlocutor(es) quer para despertar o seu interesse e atenção, – Resumo –, quer para promover a sua compreensão do sentido final, – Avaliação Final –, ou simplesmente para facilitar a sua tomada de vez, sinalizando o encerramento do EN e o retorno à situação de enunciação anterior à sua inserção, – Coda –.

No quadro de uma concepção enunciativa das unidades linguísticas, como foi referido anteriormente, Labov vai, ainda, considerar a organização do conjunto de módulos que compõem o EN em função de um diálogo implícito (ou explícito) entre narrador e ouvinte, tendo cada um deles, à excepção do último, que “responder” eficazmente a uma potencial pergunta do interlocutor, como é representado no quadro seguinte:

Quadro 15

Diálogo Narrador / Narratário segundo Labov

RESUMO	ORIENTAÇÃO	ACÇÃO	AVALIAÇÃO FINAL	RESOLUÇÃO	CODA ou SAÍDA
<i>Qual é o assunto?</i>	<i>O quê? Quem? Onde? Quando?</i>	<i>O que é que aconteceu?</i>	<i>E depois ? O que é isso interessa?</i>	<i>Como é que acabou? Qual foi o desfecho?</i>	

Módulos explicitamente avaliativos  
envolvidos na passagem entre o mundo diegético da narrativa e a situação de interacção

Repare-se que Resumo, Avaliação Final e Coda surgem como módulos explicitamente avaliativos. No caso da Orientação, o que parece estar em causa é a manutenção da divisão de base, proposta pelo autor, entre frases narrativas e frases livres (não narrativas). Composta por frases do segundo tipo, esta macroproposição vai ter que cair sob a alçada da Avaliação<sup>13</sup>. Por outro lado, em termos interaccionais, a sua vinculação aos módulos avaliativos justifica-se com a pressuposição de que a sua ocorrência, no âmbito de uma conversação, conduz a uma aceitação tácita da realização do EN<sup>14</sup>.

Caracterizando, então, o papel da Avaliação no modelo laboviano, ela surge, em primeiro lugar, como módulo central do EN, porque encarregue de dar resposta à questão da legitimidade e relevância da sua existência, correspondendo, neste caso, àquilo que as gramáticas tradicionais da narrativa denominam a moral da história.

Em segundo lugar, ela aparece ligada às macroproposições que ‘gerem’ a concretização de um Contrato Comunicacional Narrativo entre o narrador e o(s) seu(s) alocutário(s), contrato esse que vai alterar, durante o tempo de realização do EN, as coordenadas e papéis enunciativos dos interlocutores. Esse contrato prevê e permite a passagem de uma situação de enunciação inicial (Sit0) para uma nova (Sit1) e o retorno à situação anterior (Sit0) com o final do EN. Enquanto no Resumo o narrador promove a adesão dos alocutários à realização do EN, na Coda, como se verá posteriormente, procura obter a ratificação para o acto comunicativo realizado, mesmo que essa ratificação corresponda, simplesmente, a um silêncio cúmplice.

Por último, a Avaliação surge como uma função transversal ao texto narrativo, englobando não só todos os módulos avaliativos referidos como todas as estratégias avaliativas com que o narrador constrói o sentido que pretende dar aos acontecimentos que narra, revelando ao(s) interlocutor(es) a razão de ser do EN, justificando a sua ocorrência e assegurando o seu êxito comunicacional.

Na caracterização desta função avaliativa disseminada pelo EN, Labov (1972) procede a uma distinção entre Avaliações Externas, que correspondem a Apartes

---

<sup>13</sup> Em relação a esta questão, Adam (1991 [1984], 1985) considera artificial e contraditória a omissão da função sequencial da Orientação, uma vez que ela inclui uma referência temporal fundamental para marcar o início do EN. Segundo este autor, a Orientação é uma macroproposição narrativa que funciona como base temática a partir da qual a sequência de acontecimentos se desenvolve.

<sup>14</sup> Segundo Labov & Fanshel (1977: 104-110), se um locutor se referir a um acontecimento anterior ao momento da interacção e se essa referência não puder ser interpretada como um acto de fala completo, então o seu interlocutor deve entender esta referência como o início de uma narrativa.

avaliativos sobre acontecimentos narrados ou sobre o sentido global do EN, e Avaliações Internas, encaixadas no próprio texto narrativo, e que são realizadas quer através da ‘fala’ dos personagens ou do narrador intradieético quer através da própria construção da sequência narrativa quer, a um nível local, através da complexificação do padrão sintáctico básico das ‘frases narrativas’ com a inclusão de material linguístico avaliativo como intensificadores, comparativos, repetições, expressões fixas, ou frases explicativas<sup>15</sup>.

Dada a centralidade da questão da Avaliação em Labov, são incontornáveis as críticas e propostas de revisão surgidas em quase todos os autores que desenvolveram trabalho nesta área. As principais prendem-se com a artificialidade da redução das relações semânticas no texto narrativo a relações referenciais de temporalidade. Contesta-se o conceito de narrativa conversacional enquanto forma de recapitulação de uma experiência passada que combina uma sequência de frases com uma sequência de acontecimentos (Labov, 1972: 350-360) e a, aparente, possibilidade de a poder ‘isolar’ dos segmentos avaliativos que, no entanto, lhe dão sentido. Esta fronteira artificial entre referência e avaliação, tem sido, desde muito cedo, posta em causa. No início da década de 80, Quasthoff (1980) vai defender a necessidade de reequacionar a relação representação-avaliação a partir de critérios de cariz psicocognitivo, propondo que a localização de enunciados avaliativos passe pela identificação de um posicionamento afectivo do locutor em relação ao(s) objecto(s) referido(s) no seu discurso. Este posicionamento estará inscrito na própria construção do texto, nas formas adoptadas, nas opções lexicais realizadas ou mesmo nas implicaturas e inferências que transporta. Vinte anos depois, Smith (2004 [2003]) refere-se ao mesmo fenómeno apelidando-o de ‘subjectividade’, e centra a sua atenção na identificação das diferentes “vozes”, dos diferentes “pontos de vista”, presentes no texto narrativo. Segundo esta autora, as categorias linguísticas envolvidas na expressão de ‘subjectividade’ seriam: expressões de comunicação / discurso relatado; expressões de estados mentais; “evidencialidade” (comprometimento com a verdade do enunciado); percepção; perspectiva (posição perceptual ou conceptual a partir da qual os acontecimentos são apresentados); escolha lexical.

---

<sup>15</sup> Em Morais (2002a: 21-34) encontra-se um desenvolvimento mais exaustivo de todos os aspectos referidos nesta secção, sendo possível encontrar exemplos de todos os procedimentos enunciados retirados do *corpus* analisado.

Mas também em relação à dimensão interaccional da Avaliação surgem reparos a considerar: Assim, Bres (1994) contesta a unidireccionalidade do conceito de Avaliação laboviano, perspectivado como uma forma de motivar, condicionar e ‘regular’ a interpretação do EN pelo interlocutor, isto é, como forma de agir sobre o Outro, e defende a necessidade de considerar a presença desse Outro (os seus interesses, questões, opiniões) no discurso narrativo do Eu. Se, para Labov, a função principal da Avaliação é evitar, a todo o custo, que o interlocutor, ao retomar a palavra, pergunte – *E depois? O que é que isso me interessa?* – Bres acrescenta-lhe uma segunda função: evitar que o interlocutor inicie o seu turno de retoma com expressões de refutação da veracidade do narrado do tipo: *Que disparate! Estás a gozar!* – Desta forma, a Avaliação é, também, espaço de solicitação e antecipação da resposta do interlocutor (Bres, 1994: 92), um espaço de adaptação do EN ao público a que se destina.

Numa direcção parcialmente idêntica, e a partir de uma reflexão sobre a noção de “frame”, Tannen (1993 [1979]) refere a necessidade de considerar na construção da Avaliação as expectativas do narrador face aos acontecimentos que pretende narrar e as dos seus destinatários em relação ao narrado.<sup>16</sup> Essas expectativas, vinculadas a representações internas de acontecimentos que resultam de experiências anteriores, são socioculturalmente condicionadas. O seu eco faz-se sentir num conjunto aberto de estratégias avaliativas do qual a autora destaca as seguintes: omissões; repetição; falsos arranques, anacronias; ‘*hedges*’ (adverbiais circunscritores); conectores contrastivos; modais; inexactidões; generalizações; inferências; linguagem avaliativa; juízos de valor; afirmações incorrectas; adição de infirmação<sup>17</sup>. Curiosamente, esta listagem ecoa, em boa parte, aquilo que em outros trabalhos refere como “estratégias de envolvimento” (Tannen, 2000 [1989]) interpessoal, conceito operatório que será retomado na presente investigação a propósito da Avaliação (ver secção 2.2.2.3.)

Como parece evidente, as principais críticas ao modelo laboviano estão relacionadas com aspectos configuracionais do EN. No que se refere à sua dimensão interaccional, há uma aceitação geral, quer da identificação, quer da caracterização das macroproposições responsáveis pela gestão da inserção do EN no seio de uma unidade

---

<sup>16</sup> “Since the point of a narrative is directly related to the expectations of people and culture in which is told, it is not surprising that Labov’s evaluative elements are closely related to the notion of evidence of expectations”. Tannen (1993 [1979]: 22)

<sup>17</sup> Há que referir que esta lista não-fechada de estratégias resulta da análise de um reconto de uma sequência fílmica, pelo que existem condições de observação de dados que não estão disponíveis para os estudos de narrativas conversacionais espontâneas, como, por exemplo, a adição de informação.

conversacional superior. Iniciar-se-á, então, a discussão em torno da dimensão discursivo-pragmática do EN a partir desta última.

#### **2.2.2.2. A Dimensão Interaccional do Enunciado Narrativo**

Como já foi referido, a introdução de um EN na conversação obriga o futuro narrador a negociar com o interlocutor o acto de enunciação narrativo que pretende realizar. Para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, tem que despertar a atenção do(s) interlocutor(es) para o que pretende narrar e levá-los a aceitar o EN sob a premissa da sua pertinência e/ou interesse para a interacção. Essa aceitação implica o estabelecimento de um Contrato Comunicacional Narrativo entre interlocutores, atribuindo-lhes novos papéis – narrador/narratário(s) – em função dos quais é redistribuído assimetricamente o espaço de enunciação durante o tempo de duração do EN. Por fundar uma nova situação de comunicação (Sit1) distinta da anterior (Sit0), este contrato levanta, ainda que temporariamente, as regras de funcionamento da conversação até aí vigentes, e obriga os seus ‘signatários’ assumir outras, implícitas no mesmo contrato<sup>18</sup>. Assim, em linhas gerais, o seu proponente deve:

- i) identificar claramente o início e o fim do EN recorrendo a estratégias discursivas que marquem e facilitem a passagem de Sit0 para Sit1. Essas estratégias deverão ser reconhecíveis por todos os interlocutores;
- ii) permitir o recurso a mecanismos de manifestação de aceitação/recusa de cedência de palavra;
- iii) permitir a colaboração do(s) narratário(s) na construção do narrado quer pela manutenção de um canal de *feedback* quer pela cedência da palavra sempre que esta se relacione directamente com o EN (ex: avaliações, pedidos de esclarecimento, explicitações, etc.);
- iv) promover a construção do(s) sentido(s) do EN de acordo com o(s) objectivo(s) com que foi introduzido na conversação;

---

<sup>18</sup> Wienold (1983: 94-98) analisa esta ruptura com Sit0 no quadro de uma desobediência ao princípio da cooperação e às máximas conversacionais de Grice. Assim, coloca o evento comunicativo que o EN representa ao mesmo nível da Conversação, defendendo a necessidade de máximas adicionais para a sua regulamentação (máxima da orientação, máxima da completude, máxima da relevância). Além disso, vai ainda preconizar a suspensão do sistema conversacional de gestão de turnos durante a realização do EN, considerando que as possibilidades de intervenção do alocutário são diminutas e, em boa parte, pré-estabelecidas.

- v) submeter, no final, o acto comunicativo realizado à ratificação do(s) interlocutor(es);

As questões relativas ao seu funcionamento e protocolo, bem como às macroproposições que o gerem – Ataque (reformulação do conceito de Resumo proposto por Labov) e Coda – serão desenvolvidas no capítulo 3.

### **2.2.2.3. A Dimensão Configuracional do Enunciado Narrativo**

Consideram-se aspectos configuracionais da narrativa, todas as marcas enunciativas que traduzem um ‘envolvimento’ (Tannen, 2000 [1989]) dos interlocutores (narrador e narratário) na co-construção do EN. Esse ‘envolvimento’, de cariz afectivo, refere quer a relação de cada um com o texto empírico em causa, reflectindo o processo de construção da sua coerência, quer a relação que se cria entre interlocutores no próprio acto comunicativo<sup>19</sup>.

Assim, da parte do narrador, há que tomar em conta as estratégias avaliativas por ele desenvolvidas com o intuito de promover junto do interlocutor uma interpretação do narrado de acordo com a intencionalidade que lhe subjaz, sendo que esta última possa ser, simplesmente, criar proximidade afectiva com ele. Há, no entanto, duas precisões a fazer em relação a esta definição: em primeiro lugar, considera-se interpretação uma co-construção de sentidos, isto é, uma actividade plural em que as partes intervenientes na interacção estão envolvidas e, como tal, com espaço para a sua negociação; em segundo lugar, a intencionalidade não é um princípio estático e apriorístico, podendo, também, alterar-se durante o evento comunicativo.

Da parte do interlocutor, devem considerar-se as formas através das quais expressa o seu envolvimento afectivo no evento comunicativo em que participa e, em última análise, aquelas com que ratifica (ou não) a sua realização.

Embora muitas destas estratégias sejam facilmente identificáveis nas macroproposições explicitamente avaliativas (Ataque, Avaliação Final, Coda), o que está em consonância com a própria função das referidas macroproposições, não é possível confinar a sua análise a esses espaços enunciativos. Na realidade, a construção do próprio núcleo narrativo, como já foi referido, obedece a uma lógica intencional e,

---

<sup>19</sup> Tannen (2000 [1989]: 12) define da seguinte forma a sua noção de ‘envolvimento’: “*an internal, even emotional connection individuals feel which bind them to other people as well places, things, activities, ideas, memories and words*”.

como tal, é também espaço da sua expressão. Estratégias como a repetição, a dramatização, o recurso a sequências de frases performativas, a formas e estruturas de (des)focalização, o uso do presente narrativo, de modificadores ou modalizadores, são tudo estratégias avaliativas comuns na sua construção.

#### 2.2.2.4. Exemplificação do Funcionamento da Avaliação

Para uma exemplificação dos aspectos referidos nesta secção, retomemos o EN apresentado em 2.2.1.4., agora incluindo as partes que haviam sido suprimidas por não pertencerem, na óptica laboviana, à sua estrutura sequencial. Incluir-se-á, também, o início do segmento tópico em que o EN se insere.

Tópico	I11: <i>e: / e outros aspectos / &amp;eh / do trabalho / que sejam agradáveis / além &lt; de / destes / de dinheiro / e de &gt;</i>
Aceitação do tópico	JOA: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; outros aspectos / ah / a empresa tem &gt; um aspecto muito muito interessante pá // que é o aspecto de: / contacto / pessoal pá // com / os mais variadíssimos / espécimes humanos / pá // que você pode imaginar //</i>
Subtópico 1 [EN1]	<i>desde: / sei lá / desde / o indivíduo que sai de Trás-os-Montes pá / sem nunca ter visto o mar // e que o metem dentro /</i>
	I11: <i>hhh /</i>
Subtópico 2	JOA: <i>/ dentro do avião pá / e depois ele chega a meio do caminho / e diz que / que / que quer ficar do lado do avião / em que / vê nascer o sol // em que vê nascer o sol / não // em que se vê / de um lado / o dia pá / e do outro lado / noite pá // quer ir do lado pá / em que vê o traço separado / separado o dia da noite // &amp;eh: / desde esse indivíduo pá //</i>
Sequência	<i>até aqueles então / que já têm a mania que são muito viajados / pá // que é o indivíduo do café de Angola // não é/ isto não é piada a si pá // hhh /</i>
Descritiva	I11: <i>hhh /</i>
	JOA: <i>/ mas é um &amp;indivi / é um passageiro muito característico / sabe ? o cafezeiro de Angola / é um indivíduo muito característico / vem na TAP / vem sempre em primeira</i>

	<p><i>classe acompanhado com a / com a sua respectiva cara metade // muito bem vestidos / sempre //</i></p> <p><i>vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram &amp;amealh / amealhar durante aqueles anitos e tal / em Angola //</i></p>
<p>EN2</p> <p><b>Ataque</b></p> <p>Anúncio/Resumo →</p> <p>Negociação →</p>	<p><i>e: / cometem gafes / &amp;eh: / pá / extraordinárias / pá //</i></p> <p><i>eu aqui atrasado /</i></p> <p><i>não sei se / não sei se já lhes contei esta // que foi a de [//]</i></p>
<p><b>Orientação Geral</b></p> <p>Tempo →</p> <p>Espaço →</p> <p>Personagens →</p> <p><b>Orientação de background</b></p> <p>XYZ: →</p> <p>JOA: →</p>	<p><i>vinha num [//] no avião em que eu vim /</i></p> <p><i>no último voo que eu fiz lá / pá // e que trazia as misses / pá //</i></p> <p><i>vinha um indivíduo //</i></p> <p><i>vinha até com [//] como é que se chama / como é que se chama / indivíduo do Notícias ?</i></p> <p><i>XYZ: João Cardoso //</i></p> <p><i>JOA: vinha com o João Cardoso pá // vinha o João Cardoso / dum lado //</i></p> <p><i>vinha esse indivíduo e a mulher pá //</i></p> <p><i>e vinha o Vasco Morgado //</i></p>
<b>Ação</b>	<p><i>e ele / e esse / esse indivíduo pá / a malta perguntou-lhe o que é que ele queria comer //</i></p> <p><i>e o gajo disse que queria um bocadinho de tudo pá //</i></p>
<p>Gatilho dramáticação no discurso directo</p> <p><b>Orientação de Background</b></p>	<p><i>e depois / a malta virou-se para a mulher pá // e perguntei / e a senhora / o que é que queria ? quer caviar pá ?</i></p> <p><i>porque a malta / quer dizer / por uma questão de educação / a malta começa por oferecer sempre aquilo que tem melhor pá //</i></p> <p><i>e ela disse / ah está bem pode ser / e tal //</i></p> <p><i>e a malta pôs-lhe o caviar no prato pá // no meio do prato //</i></p> <p><i>e: os respectivos acompanhamentos pá //</i></p> <p><i>salsa pá / ovo picado pá / todas aquelas porcarias pá //</i></p> <p><i>e ela começou a olhar para aquilo / com um ar um bocado</i></p>

dramatização no discurso directo	<p><i>esquisito pá //</i></p> <p><b>I11:</b> <i>hhh /</i></p> <p><b>JOA:</b> <i>ē ele virou-se para ela /</i>  <i>ē disse-lhe assim / então só vais comer isso ?</i>  <i>ē ela diz / bem e tal / engoliu assim um bocado em seco /</i>  <i>ē foi-se embora //</i></p>
<b>Orientação Local</b> Tempo Personagens	<p><i>passado um bocado /</i></p> <p><i>chamou uma das assistentes /</i></p>
<b>Acção2</b> Climax dramatização no discurso directo	<p><i>ē: / o marido disse à assistente //</i></p> <p><i>olhe / a minha mulher não pediu isto // &lt; hhh &gt; /</i></p> <p><b>I11:</b> [<i>&lt;</i>] <i>&lt; hhh &gt;</i></p>
<b>Coda / Avaliação Final</b>	<p><b>JOA:</b> <i>/ ele [/] quer dizer / não fazia ideia nenhuma o que era</i>  <i>caviar pá // nem como é que se comia caviar //</i></p>

Extracto da interacção A380 pi-profi

Como se pode verificar, o EN em análise é o segundo introduzido por JOA na conversação e faz parte de um segmento tópico superior de cariz argumentativo.

Assim, após a aceitação do tópico – aspectos agradáveis do trabalho – JOA procede à sua especificação – o aspecto do contacto pessoal –, formulando-a de uma forma fortemente avaliativa, quer pelo recurso a adjectivação superlativa – *muito interessante; variadíssimos* – quer pelo uso de nominalizações marcadas afectivamente por distanciação, como – *espécimes* –. Estes aspectos são relevantes na medida em que cunham, subjectivamente, a asserção que motiva os subtópicos seguintes, cada um deles desenvolvido através de um EN.

Logo de seguida, o locutor introduz um primeiro subtópico – o indivíduo que sai de Trás-os-Montes – e, com esta referência, abre um EN ilustrativo das avaliações feitas anteriormente em relação ao tópico superior. O articulador textual – *desde* –, com que abre o EN1, anuncia também a possível introdução de um outro subtópico do mesmo nível, facto que se virá a verificar.

O segundo subtópico – o indivíduo do café de Angola –, na mesma linha argumentativa, será também constituído personagem principal de um EN de cariz anedótico: EN2. No entanto, é evidente o maior envolvimento do locutor na construção da imagem do – *cafezeiro de Angola* –, o que vai dar azo a uma sequência descritiva/argumentativa fortemente avaliativa (e, por esse motivo, à necessidade de afastar qualquer ameaça à face positiva de um dos presentes, também oriundo da mesma região). É em relação a esta sequência descritiva e ao seu conteúdo semântico, que deverá ser interpretado o EN em análise<sup>20</sup>.

O Ataque de EN2 é realizado por um Anúncio<sup>21</sup> avaliativo de cariz resumitivo – *e: / cometem gafes / &eh: / pá / extraordinárias / pá //* –, mais uma vez através de uma nominalização marcada – *gafes* – e de uma adjectivação superlativa – *extraordinárias* –. Ainda pertencendo ao Ataque, e no quadro do Contrato Comunicacional Narrativo que gere, o enunciado – *não sei se / não sei se já lhes contei esta // que foi a de [/]* – revela a preocupação do narrador com a condição de novidade do EN.

Ao mesmo tempo, inicia-se a Orientação, que vai ser “enriquecida” com detalhes suplementares sobre outros passageiros no mesmo voo. Sabendo que a referência a estes sujeitos não corresponde à introdução de novas personagens, não pode ser no eixo transformacional da narrativa que se consegue equacionar a sua pertinência discursiva. Para encontrar uma explicação válida para a sua constituição como objectos de discurso, há que considerar a orientação argumentativa do EN, delineada na sequência descritiva que o prefacia. Aí, é construída a imagem de um ‘cafezeiro’ preocupado em mostrar o seu arrivismo social e que, agora, no meio das ‘celebridades’ mencionadas e em relação ao cosmopolitismo que representam (as misses, o jornalista João Cardoso, o empresário de teatro Vasco Morgado) se comporta de uma forma ingénua e descabida. Desta forma, as Orientações de *Background*, marcadas no texto, vêm sublinhar o carácter provinciano da personagem principal do EN, que é também o tópico do segmento conversacional em análise.

---

<sup>20</sup> Dado que na secção 3.2.2.2.4., exemplo 40, referente aos prefácios introdutórios de EN, se faz uma análise exaustiva desta sequência descritiva e das formas de remissão textual do objecto de discurso em causa – o indivíduo do café de Angola – passa-se já para o EN propriamente dito.

<sup>21</sup> Como já foi já referido, o ‘Anúncio’ corresponde a uma actividade preparatória que introduz um novo evento comunicativo numa interacção. A sua ocorrência como introdutor de ENs será analisada no capítulo 3, secção 3.2.2.1. Para uma definição operatória deste conceito, consulte-se a entrada com o mesmo nome no Glossário.

A Acção arranca com a passagem para os acontecimentos ocorridos a bordo em torno da refeição. Em relação ao primeiro plano da narrativa, destaque-se o uso do pretérito perfeito simples em frases paratácticas sindéticas, realçando as relações de continuidade dos acontecimentos narrados. Há que realçar a Dramatização<sup>22</sup> do *gatilho* do EN em discurso directo, seguida de uma desaceleração da narrativa provocada pela introdução de Orientações de *Background* e por um maior detalhe em relação à acção. Essa desaceleração pode ser lida como uma forma de criar expectativa em relação ao que está para acontecer.

No que se refere às informações transmitidas através das referidas Orientações de *Background*, estas parecem, agora, estar mais voltadas para a construção da imagem do próprio narrador (do seu profissionalismo e, também, cosmopolitismo, ao ‘desvalorizar’ o consumo de caviar). No entanto, a sua introdução pode também ser ‘lida’ no mesmo quadro de contraposição entre ‘cosmopolitismo’ e ‘provincianismo’ que foi estabelecido na Orientação.

O primeiro episódio culmina numa segunda dramatização em discurso directo, agora de um pretense diálogo entre marido e mulher, que traz de volta o personagem principal para o centro dos acontecimentos. Sobressai a Encenação do ocorrido através de formas que apontam para uma ‘presentificação’ do mesmo: o recurso ao aspecto inceptivo da perífrase verbal – *começou a olhar* – e ao uso do verbo deíctico <virar-se > em – *e ele virou-se para ela / e disse-lhe assim /* –, permitem ao narrador construir, de uma forma ‘atomizada’ (Quasthoff: 1980), os movimentos do personagem principal, convidando o narratário, agora como testemunha, a seguir passo a passo a cena narrada. Dito de outra forma, ao focalizar a atenção num acontecimento em processo, o narrador facilita a construção de uma imagem visual do mesmo até ao seu culminar na voz da personagem principal.

Segue-se uma Orientação Local que introduz as coordenadas do episódio seguinte. Este corresponde ao clímax do EN e é, também, destacado através de uma dramatização.

Os risos do narrador e narratário, após este desenlace, podem ser lidos como uma forma paralinguística de Avaliação Final do EN. No entanto, o narrador vai ainda explicitar o sentido do episódio através do enunciado – / *ele [/] quer dizer / não fazia*

---

<sup>22</sup> Para uma definição operatória do conceito de ‘dramatização’ consulte-se a entrada com o mesmo nome no Glossário.

*ideia nenhuma o que era caviar pá // nem como é que se comia caviar //* – que, por ser realizado já a partir do ‘aqui-e-agora’ da situação de enunciação anterior à inserção do EN, corresponde à Coda do mesmo. Sendo um juízo de valor, executa, também, uma segunda Avaliação Final.

Ao nível da Avaliação transversal ao EN e das marcas de subjectividade enunciativa presentes no texto, poder-se-ia, ainda, referir outros aspectos que, no seu conjunto, ‘consolidam’ o já referido quanto à intenção global do EN. Repare-se, por exemplo, como as palavras da personagem feminina, que está no centro dos acontecimentos narrados, são sempre ‘desfocalizadas’ através do recurso a rotinas conversacionais – *ah está bem pode ser; bem* –, semanticamente pobres, e finalizadas com a expressão vaga de categorização<sup>23</sup> – *e tal* –. Desta forma, o narrador acautela a manutenção da figura masculina como a personagem central do EN. Outros aspectos avaliativos evidentes são as formas nominais de remissão que referem a personagem principal e que a vão recategorizando, levando os interlocutores a construir uma imagem determinada do mesmo (este mesmo ponto é desenvolvido na secção 3.2.2.4., exemplo 39). Nomes como – *o indivíduo; o gajo* –, assentes sobre uma não-individualização do referente, de quem o enunciador, desta forma, se distancia, contrapõem-se, no corpo do EN, ao uso dos nomes próprios das celebridades que representam aquilo que – *o cafezeiro de Angola* –, um Zé-ninguém arrivista, grosseiramente imita.

Com a finalização da análise do EN, cremos ter conseguido demonstrar que as Narrativas Conversacionais não são uma representação objectiva de experiências vivenciadas (ou não) com o fim plasmar os acontecimentos narrados, mas uma construção selectiva e contextualizada dos mesmos com uma finalidade pragmática específica. Mais ainda, parece ser possível inferir do exemplo analisado, que, sendo produzido no seio de uma interacção social, o EN não só expressa e reflecte as crenças e

---

<sup>23</sup> A partir dos trabalhos de Fillmore (1977), Franco (1979) e Channel (1994), consideram-se ‘Expressões Vagas de Categorização’, aquelas que referem vagamente categorias, funcionando como qualificadores. São constituídas por elementos, por via de regra, usados anaforicamente e com valor resumitivo. A sua função é sugerir outros itens que partilham um aspecto relevante com aquele(s) que antecedem a expressão vaga, pertencendo à mesma categoria (este conceito será desenvolvido e exemplificado no capítulo 4, secção 4.3.3.2). Neste caso, esse aspecto comum seria o vazio semântico das expressões e a passividade que as caracteriza. Para uma definição mais detalhada, consulte-se, no Glossário, a entrada com o mesmo nome.

valores do seu narrador, (o EN é uma interpretação, possível, dos acontecimentos) como, ao pretender ‘ganhar’ o(s) narratário(s) para a sua visão/leitura do acontecido, contribui para a criação e manutenção de imagens e padrões sociais (Mumby, 1993).

No Quadro 16, adaptado e desenvolvido a partir de Morais (2002a: 51-52), faz-se um resumo dos conteúdos da secção 2.2., considerando as funções das diferentes macroproposições e as dimensões de análise desenvolvidas.

Nos próximos capítulos pretende-se desenvolver os aspectos mencionados referentes à dimensão configuracional do EN e às estratégias avaliativas usadas para construir o seu sentido. Assim, o capítulo 3 será dedicado às questões que se prendem com a inserção do EN na conversação e ao estabelecimento de um novo contrato comunicacional entre os interlocutores. No capítulo 4 considerar-se-ão as marcas de subjectividade e estratégias de ‘envolvimento’ que pautam a sua construção.

Mas antes disso, far-se-á uma breve incursão nos aspectos semântico-cognitivos dos ENs na próxima secção deste capítulo.

Quadro 16

Funções Textuais e Discursivo-pragmáticas das Macroproposições

Fases do EN	Dimensão Textual/Sequencial	Dimensão Discursivo-pragmática		Outras Características
		Dimensão Interaccional	Dimensão Configuracional	
<i>Ataque</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode ser identificado com o Resumo da história.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corresponde a uma actividade preparatória do EN em que se apela à atenção do interlocutor;</li> <li>• Estabelece um Contrato Comunicacional Narrativo constituindo os interlocutores em narrador e narratário(s);</li> <li>• Assegura a passagem entre a Situação de enunciação (Sit0) e a situação de narração (Sit1).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concorre para a conformidade da interpretação do Narratário com a ordem configuracional do narrado (macroestrutura semântica do texto);</li> <li>• Tem uma função avaliativa: pode revelar o tema, a intenção e o objectivo do EN.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não-obrigatório.</li> </ul>
<i>Orientação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Constrói o Mundo Diegético da Narrativa, identificando: Componentes – Situação Inicial, Actores e sua actividade; Circunstâncias – Lugar e tempo;</li> <li>• Inicia a narrativa propriamente dita pela operação de ruptura com St0.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pressupõe um Contrato Comunicacional Narrativo entre interlocutores pelo reconhecimento e aceitação do turno narrativo introduzido com uma referência a um acontecimento anterior a St0.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Define as coordenadas de orientação que são consideradas relevantes para o EN;</li> <li>• A caracterização dos componentes e circunstâncias pode ser mais ou menos subjectiva.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Surge, geralmente, no início do EN;</li> <li>• A alteração de um componente ou circunstância implícita um novo Episódio.</li> </ul>

<i><b>Acção</b></i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode corresponder a uma Sequência de Acontecimentos ou a uma contraposição de Situações;</li> <li>• Define um ou mais elementos que desencadeiam a acção (Gatilho);</li> <li>• Assegura a (tentativa de) transformação da Situação Inicial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite a colaboração dos interlocutores na sua construção;</li> <li>• Pode responder às suas solicitações de mais informações ou detalhes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obedece a uma lógica causal determinada pela intenção do narrador e pelo contexto em que narra.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Está sempre presente.</li> </ul>
<i><b>Resolução</b></i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Revela o fim da sequência de acontecimentos;</li> <li>• Marca o desfecho da acção;</li> <li>• Tem uma posição simétrica ao Nó;</li> <li>• Contrapõe uma nova situação à Situação Inicial.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Permite a colaboração dos interlocutores na sua construção quando de cariz avaliativo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Refere o motivo central do EN;</li> <li>• Pode introduzir a Avaliação Final ou mesmo ser substituída por ela.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode ser substituída pela Avaliação Final;</li> <li>• Pode ser omitida em géneros como a Anedota;</li> </ul>
<i><b>Avaliação</b></i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A Avaliação Final pode ser identificada com a ‘moral’ da História;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Justifica a inserção do EN e a apropriação assimétrica do espaço de enunciação;</li> <li>• Realça o valor do EN para a conversação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Define o Sentido do Narrado;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É identificável no texto quer como fase quer como função transversal;</li> </ul>

<i>Coda</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não tem funções sequenciais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz a ponte entre St1 e St0;</li> <li>• Sinaliza o fechamento de um turno narrativo e a disponibilidade para ceder a vez a outro interlocutor;</li> <li>• Devolve os estatutos de co-enunciadores ao Narrador e Narratário(s);</li> <li>• Permite ao alocutário manifestar a sua opinião quer sobre o EN quer sobre a performance do Narrador (Ratificação do EN).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode explicitar a Intenção da Narrativa e a leitura pretendida da mesma;</li> <li>• Permite tirar conclusões pertinentes do EN para o presente da Interação;</li> <li>• Promove a conformidade da interpretação do Narratário com a ordem configuracional do narrado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não-obrigatória.</li> </ul>
-------------	--	--	---	--

## 2.2.3. Dimensão Semântico-cognitiva do Enunciado Narrativo

### 2.2.3.1. Narrativa e Memória

Somos, porque temos memória de nós, porque ao longo da vida vamos criando um registo de experiências e saberes que nos permite, a qualquer momento, recriar o nosso passado e, com as aprendizagens e competências que fomos acumulando, interagir socioculturalmente. A perda da memória conduz à perda do sentimento de si, da nossa história de vida e da capacidade de interagir de uma forma duradoura com os outros. O que é, de alguma forma, assustador, dada a sua fragilidade e susceptibilidade a distorções que os estudos em psicologia cognitiva têm vindo a pôr a descoberto.

Foi Bartlett que, em primeiro lugar, questionou a exactidão do processo de evocação a partir da memória, considerando-o, sobretudo, um acto de reconstrução ou construção imaginativa de reacções e experiências passadas. Como referem Skire & Kandel (2002 [1999]: 82) se a evocação requer a conjugação de diferentes tipos de informação que estão distribuídos ao longo de vários lugares no córtex e a sua remontagem num todo coerente, ao registo de um evento não corresponderá então uma representação estável e unitária, independente do processo de evocação. Na realidade, a activação das diferentes partes que constituem a memória de uma experiência vai depender das pistas disponibilizadas pelo contexto externo em que ocorre a evocação, e pela configuração global de activação de traços mnésicos que completa, internamente, o contexto da evocação. De tal forma que, sendo as pistas fracas ou ambíguas, aquilo que é reactivado pode diferir do que foi armazenado, ou porque houve uma intromissão no conteúdo da memória armazenada de associações e pensamentos provocados pela pista, ou porque algumas das informações inicialmente codificadas já não estão disponíveis, tendo que ser ‘recriadas’ no próprio processo de evocação.

Em ambos os casos, o indivíduo que relembra reconstrói informações e experiências de forma a fazerem sentido no momento em que são activadas. Mas há ainda outras possibilidades de alterar o conteúdo das memórias, quer através da interferência de informação correlacionada adquirida anterior ou posteriormente quer através de alterações introduzidas durante processos de evocação quer através das formas como é induzido o acto de evocação<sup>24</sup>. A introdução do ‘erro’ é, assim, possível

---

<sup>24</sup> Para um desenvolvimento da teoria da Interferência, ver Sternberg (2000: 230-232)

em qualquer estágio de processamento de informação: na sua codificação, no seu armazenamento, na sua evocação<sup>25</sup>.

Parece então legítimo concluir sobre a falibilidade da nossa memória declarativa, de todas as recordações de acontecimentos, factos, palavras, rostos, conhecimentos que podem ser declarados, isto é, evocados na nossa mente sob a forma de uma imagem mental ou proposição abstracta<sup>26</sup>. No entanto, os estudos sobre a codificação da memória declarativa sublinham, também, o peso da motivação e do interesse pessoal na atenção prestada ao material a armazenar, permitindo desencadear, espontaneamente, uma codificação mais profunda e elaborada dos dados, codificação essa que se repercute na qualidade e quantidade de informação disponível para evocações posteriores. No que se refere à nossa memória episódica (isto é, à codificação, armazenamento e evocação de eventos ou episódios vivenciados num determinado momento e lugar), há ainda que referir que a intensidade emocional de uma experiência pode aumentar a probabilidade e a precisão com que a mesma será evocada.

Do acima descrito, é necessário reter dois aspectos fundamentais para a compreensão do processamento das narrativas existenciais: a Falibilidade (e consequente Criatividade) e a Intencionalidade das evocações que disponibilizam o material que compõe essas narrativas.

O primeiro afasta, de vez, o fantasma da reprodução literal dos acontecimentos. O acto de evocação que constitui a História Cognitiva (Quasthoff, 1980) é um acto criativo de aproximação ao passado que depende, também, do contexto da sua enunciação<sup>27</sup>. O mesmo acto criativo que, buscando dar um sentido coerente às

---

<sup>25</sup> A este respeito, escreve Damásio (1999: 262): “É fácil imaginar que, uma vez que as memórias não são guardadas sob a forma de *fac-similes* e uma vez que, durante a sua recuperação, têm de atravessar um complexo processo de reconstrução, as memórias de alguns acontecimentos autobiográficos possam não ser inteiramente recuperadas, possam ser reconstruídas de maneiras que não correspondam ao original, ou possam até nunca mais voltar a ver a luz da consciência”.

<sup>26</sup> Jeannerod (2005: 119) distingue, no entanto, entre a disponibilidade das informações armazenadas na memória semântica e aquelas que fazem parte da memória episódica. Se as primeiras possuem uma elevada estabilidade e podem ser evocadas em contextos diferenciados, as segundas parecem estar codificadas sob a forma de representações complexas entre as quais se estabelecem relações que permitem a sua transição de uma representação para a outra. Assim: “La récupération n’est pas la réactivation des traces tel qu’elles ont été encodées; c’est plutôt une reconstruction qui exploite l’ensemble du matériel présent dans le stock. De fait, les souvenirs autobiographiques sont le plus souvent constitués d’un mélange de détails appartenant à des circonstances différentes”.

<sup>27</sup> Como referem Skire & Kandel (2002 [1999]: 82-83), a evocação, até certo ponto, depende do estado de espírito ou até de todo o contexto no momento de recordar encorajando a evocação de eventos que foram anteriormente codificados num estado de espírito e/ou contexto semelhante. A propósito dos efeitos contextuais na codificação e na evocação ver também Sternberg (2000: 244-246).

diferentes informações disponíveis que compõem o acontecimento a narrar, permite, não só colmatar as falhas do esquecimento, mas também redefinir continuamente as representações anteriormente existentes, ao ponto de construirmos memórias de eventos que não aconteceram (Jeannerod, 2005).

Um outro aspecto interessante, directamente relacionado com a falibilidade das recordações pessoais, é a fragilidade da retenção de pormenores e detalhes de uma experiência pessoal, por contraposição com o rigor com que o indivíduo pode lembrar o significado geral e os pontos principais da mesma experiência. Destaca-se este aspecto, porque, curiosamente, as Narrativas de Experiência Pessoal que compõem o *corpus* de trabalho estão cheias de detalhes cénicos e ‘pretensas’ reproduções de discurso citado que, muito dificilmente, poderiam ser exactas, mesmo que houvesse uma vontade específica e intencional de os lembrar, associada a uma repetição persistente e contínua da sua narração. Uma aparente explicação para este facto estaria na constatação de Sternberg (2000: 245) de que no processo de recontagem de uma experiência ocorre uma reorganização construtiva das nossas memórias “a tal ponto que a exactidão da nossa evocação realmente diminui, enquanto a vividez percebida da evocação aumenta, com o passar do tempo”<sup>28</sup>. De qualquer modo, a experiência assim ‘construída’ tem, para o seu narrador, um valor objectivo de verdade.

Quanto à Intencionalidade, esta assenta sobre a capacidade da evocação de construir um tecido coerente a partir dos pedaços de memória disponíveis num determinado contexto de reprodução e sob a sua influência. Nas recordações de eventos importantes para a sua biografia, o indivíduo completa essas lacunas de memórias com dados que preservam e constroem a sua imagem de si, especialmente quando, pela sua narração pública, se expõe a uma avaliação. De seguida, abordar-se-ão os aspectos directamente relacionados com essa contextualização.

### **2.2.3.2. Narrativa e Identidade**

De acordo com Bruner (2000 [1990], 2000 [1996]), Botella (2001), Gonçalves & Gonçalves (2001), Hochs & Capps (2001) ou Lucius-Hoene & Deppermann (2004 [2002]) a narrativa de experiências pessoais é uma construção activa de memórias que

---

<sup>28</sup> Estudos sobre a ‘invenção’ induzida de memórias revelam que quanto mais uma representação mental é rica em elementos contextuais – ruídos, lugares, odores – menos o sistema cognitivo consegue distinguir entre o que é fruto da imaginação e o que foi realmente vivido.

permite ao indivíduo estabelecer um quadro de leitura para eventos que ameaçam, pelo seu cariz inesperado, a ordem cognitivo-afectiva existente e sobre os quais sente a necessidade de, na medida do possível, obter um domínio. Enquanto narrador, ele vai estabelecer cadeias causais de acontecimentos que explicam, segundo a sua perspectiva, o ocorrido. Nesse processo, apropria-se dos eventos “desestabilizadores” com que é confrontado, procurando neutralizar a sua força fracturante. Como? Seleccionando, no conjunto de memórias referentes ao ocorrido, aquelas que são passíveis de ser inseridas numa estrutura narrativa a que confere uma força explicativa (Ochs, 1997).

Sob uma perspectiva diferente, Damásio (1999) sublinha a importância para o ser humano não só de ter experiências, como de ter consciência de as estar a ter e de ser afectado por elas, consciência essa que passa pela sua capacidade de as organizar narrativamente<sup>29</sup> enquanto memórias autobiográficas que vão constituir o substrato da sua identidade e personalidade.

Lucius-Hoene & Deppermann (2004) realçam que o processo de construção do Si através da narrativa, é potenciado pela distinção possível entre o eu-narrador (eu que narra/enunciador) construído na narração e voltado para os co-enunciadores, e o eu-narrado (eu que actua/experienciador), construído na narrativa e orientado para os interactantes. Esta distinção permite um distanciamento reflexivo sobre si mesmo. Mas, além disso, por ser, normalmente, uma forma de exposição social, ao ‘narrar-se’, o indivíduo não só transmite experiências pessoais, como procura afirmar perspectivas e posições perante a ‘realidade’ narrada, procurando ou a solidariedade dos interlocutores ou a sua autonomia em relação a eles.

De qualquer forma, as Histórias assim criadas passam a estar disponíveis para actualizações posteriores, em contextos diferentes e perante diferentes interlocutores, estando sujeitas a variações quer de conteúdo quer de forma, de acordo com a função comunicativa que cumprem na conversação<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> Em termos cognitivos, Damásio (2000 [1999]: 221) propõe que “contar histórias, no sentido de registar o que acontece sob a forma de mapas cerebrais, talvez seja uma obsessão do cérebro. (...) Da forma mais espontânea possível o cérebro representa os objectos, no corpo e fora do corpo, e representa as suas interacções no decurso do tempo. E de forma igualmente espontânea constrói enredos, verdadeiros ou não, sobre esses objectos e acontecimentos”.

<sup>30</sup> Na perspectiva da psicologia construtivista, é esta possibilidade de refazer as nossas próprias histórias, essa construção narrativa continua do si e do mundo que nos permite combater o fantasma da descontinuidade biográfica e da impotência na consecução de um novo sentido de continuidade (Botella 2001: 104). É ela que ‘salva’ a nossa própria identidade. Mar (2004: 1714) realça a importância da estruturação narrativa da experiência para a saúde psíquica do indivíduo, especialmente no caso de

### 2.2.3.3. História Cognitiva e Plano de Acção

Partindo de um acontecimento / ou conjunto de acontecimentos caracterizáveis pelo seu carácter de inesperado, a História a narrar, denominada História Cognitiva<sup>31</sup> por Quasthof (1980), é construída a partir da consciência de *Ruptura de um Plano de Acção*<sup>32</sup>, plano esse que corresponde a um esquema previsível de desenvolvimento de uma dada sequência de acontecimentos.

Mas que tipo de acontecimentos são passíveis de serem organizados enquanto História Cognitiva? Qual o critério para a sua selecção?

Segundo Quasthoff (1980) só aqueles acontecimentos que conduzem à ruptura, inesperada, de um Plano de Acção é que podem assumir o *status* de objecto narrável, tornando-se, assim, relevantes para a história pessoal e, como tal, interessantes para uma narração posterior. Dito de outra forma, o indivíduo guarda e recorda histórias de não-realização ou realização dificultada de Planos de Acção, das quais fazem parte os planos alternativos a que se recorreu para tentar resolver essa ruptura. O valor narrativo dos acontecimentos decorre, assim, do conflito entre dois Planos de Acção, mais precisamente, entre as expectativas de realização do primeiro e o malogro dessas expectativas e respectivas resoluções para a instabilidade daí resultante. Ao reconstruir este conflito, isto é, ao narrá-lo, o sujeito busca razões para a sua ocorrência (Bruner, 2000 [1999]) e, desta forma, procura suspender a sua força desestabilizadora<sup>33</sup>.

---

eventos traumáticos: “Researchers have found that the more coherent and organized an account that one creates for a past trauma, the greater the likelihood of salutary gains as a result of such narration”.

<sup>31</sup> Segundo Quasthoff (1980: 48), o termo de História Cognitiva refere uma construção cognitiva realizada sobre um segmento da realidade e que fica disponível, enquanto memória, para uma posterior narração. A História cognitiva torna-se, assim, parte da História de Vida do indivíduo.

<sup>32</sup> A noção de Plano utilizada por Quasthoff (1980: 59) corresponde a uma operacionalização organizada de um complexo de intenções. Segundo a autora, Planos não são apenas projectos de acção, mas também formas de organização através das quais os indivíduos recebem e armazenam informação.

<sup>33</sup> Segundo Bruner (2000 [1996]: 184) para que valha a pena ser contada, uma narrativa deve desenrolar-se no sentido contrário ao da expectativa, deve quebrar a ‘canonicidade implícita’ da realidade.

A noção de Oposição de Planos na História Cognitiva corresponde à noção de Complicação no Texto Narrativo. Partindo das expectativas de desenvolvimento de uma dada sequência de acontecimentos, e da Ruptura dessas expectativas pela intromissão de um acontecimento inesperado, é possível construir uma Narrativa a partir de um dos seguintes pontos de vista:

- Do **Narrador-Agente**;
- Do **Narrador-Observador**;
- Do **Outro-Generalizado** (senso-comum).

i) Ruptura de Plano de Agente [RPA]

O narrador interveniente num acontecimento é confrontado com uma intervenção exterior inesperada que põe em causa o seu plano de acção. Essa experiência adquire relevância e valor narrativo, passando a fazer parte da sua história pessoal. Observe-se o exemplo, que corresponde ao primeiro EN da interacção A965 psf-profi. O tópico de conversação são as cheias em Alenquer.

31	LOU: <i>eu nessa altura até nem estava a chefiar o posto //</i>
32	<i>e de maneira que: / estávamos no cinema //</i>
33	<i>isto começou a pouco e pouco a: / a água aqui a aparecer //</i>
34	<i>e: / e dirigi-me ali ao cinema / e fui lá / e disse à malta //</i>
35	<i>vocês têm que sair / que isto está aqui a entrar água //</i>
36	<i>ah / não saímos / você quer é / é que a gente não ir ao cinema //</i>
37	<i>mas / &amp;n / não é nada / é que / isto está a encher-se //</i>
38	<i>eu estou a ver o rio a encher-se //</i>
39	<i>&amp;ah: / está / aqui já água a correr na rua //</i>
40	<i>e depois cheguei lá ao cinema / e obriguei aquela gente toda a sair //</i>
41	<i>se eu não: / os obrigo a sair / certamente morriam lá //</i>
42	<i>porque é com a água [/] a água entrava para o cinema / não é //</i>
43	<i>&amp;ah / aquilo é / não escoava //</i>
44	<i>aquilo enchia / como se encheu //</i>
45	<i>e a malta / muitos / &amp;ah: / talvez / com a aflição mesmo de se sair //</i>
46	<i>empurravam uns aos outros / não é //</i>
47	<i>e outros ficavam lá dentro / sabendo que morria lá alguém / não é ?</i>

Extracto da interacção A965 psf-profi

Os acontecimentos são narrados por um Narrador-personagem que, apanhado de surpresa pelas cheias, vai tentar salvar as pessoas que estão no cinema. Repare-se que temos dois planos de acção da mesma personagem, um posto em causa pela catástrofe natural, e o segundo, referente à salvação, pela oposição das potenciais vítimas.

#### ii) Ruptura de Plano de Observador [RPO]

O narrador conta experiências que presenciou ou de que tomou conhecimento e que, de alguma forma, se revelaram suficientemente relevantes para passarem a fazer parte da sua memória episódica. Neste caso, não é o seu plano de acção que é posto em causa, mas as suas expectativas em relação ao plano de acção de outrem, não tendo, assim, que reagir directamente ao acontecimento imprevisto.

Ao contrário de Quasthof (1980), que apenas considera experiências presenciadas pelo futuro narrador, pensa-se caberem aqui também aquelas que, tendo sido contadas ao narrador por terceiros, por algum motivo, passaram a fazer parte da sua memória de potenciais ocorrências a narrar. No exemplo seguinte, que corresponde ao segundo EN da interacção com o código C31 psf-profi, o narrador conta uma história directamente relacionada com a sua actividade de catequista.

54	GUI:	[<] < XXX > outro também / uma vez //
55		estava muito zangado com o santo / porque tinha-lhe pedido qualquer coisa / e o santo não fez //
56		porque nem sempre a gente é ouvida / não é ?
57	I09:	pois /
58	GUI:	/ e ele / zangou-se muito / e disse que ia / bater no santo # //
59		&eh / foi aos ouvidos do sacristão / e o sacristão disse ao senhor abade //
60		olhe / que vem aí aquele assim assim / vem &ba / vem bater no santo //
61		o melhor é a gente tirar de lá o santo //
62	I09:	< hhh >
63	XYZ:	< hhh >
64	GUI:	< hhh > / e ele / tirou o santo / e pôs outro mais pequeno //
		%exp: hhh → riso
65		entrou por a igreja dentro / chegou lá / vê o santo mais pequeno / voltou-se //
66		olá / ó pá / não está cá o teu pai ?
67	I09:	< hhh >
68	XYZ:	< hhh >
69	GUI:	< hhh / estás a ouvir ?
		%exp: hhh → riso ;
70		não está cá o teu pai ?
71		porque viu / que o santo / que era pequeno / julgava que aquele que era o filho do grande //
72		< hhh > /
73	XYZ:	< hhh >
74	I09:	< hhh > / ai que engraçado //

Extracto da interacção C31 psf-profi

Neste caso, temos o anúncio de um Plano de Acção de uma personagem que é posto em causa pela acção de outra. A ironia é construída pela incapacidade da primeira de perceber a alteração das condições para a concretização desse seu plano.

### iii) Ruptura de Plano do Outro Generalizado [RPGO]

No terceiro grupo incluem-se narrativas em que, aparentemente, não há uma ruptura com o plano de acção apresentado. O narrador-personagem/observador conta algo que, desde o início, apresenta como resultado de uma acção conseqüente para um determinado fim. O inesperado não está, nestes casos, na ruptura de um plano de agente ou observador mas, pelo contrário, na prossecução desse mesmo plano, apesar do senso comum apontar para a dificuldade da sua concretização.

A narrativa é, assim, construída em torno da excepcionalidade em conseguir concretizar o plano que lhe deu base<sup>34</sup>. Este tipo de narrativas coloca uma dificuldade acrescida aos seus narratários. Se estes, a partir do momento em que identificam o enunciado do locutor como narrativa, esperam uma Complicação ou, pelo menos algo de inesperado no que lhe vai ser relatado, vêm-se rapidamente obrigados a reorientar as suas expectativas e a assumir o papel de Outro Generalizado. Observe-se o exemplo que corresponde ao segundo EN da interacção com o código A364 psf-profi:

---

<sup>34</sup> Quasthoff (1980: 61-64) chama a atenção para o facto de que, nestes casos, já não é possível falar de Complicação em termos de constituinte central da Narrativa, como se havia verificado para os dois casos anteriores. De forma a manter uma unidade conceptual quanto ao seu funcionamento cognitivo, propõe, então, o conceito mais genérico de contraposição entre Planos e Situações.

107	SUS:	<i>eu foi / uma loucura estes primeiros três meses / Outubro / Novembro / e depois meteu-se o Natal / Dezembro //</i>
108		<i>o trabalho era tanto / tanto / tanto / eu andava de tal maneira //</i>
109		<i>que havia um senhor que morava aqui / que era brasileiro até //</i>
110		<i>que era muito nosso amigo //</i>
111		<i>ia-se lá pôr a um canto //</i>
112		<i>todos os dias ele ia-se pôr ali àquele canto //</i>
113		<i>e então um dia acabou por confessar ao meu marido //</i>
114		<i>que se ia pôr ao canto / para ver quando é que eu / não aguentava mais e caía para o lado //&lt; hhh &gt;/</i>
		%exp: hhh → riso
115	*I01:	<i>&lt; hhh &gt; //</i>
116	*SUS:	<i>&lt; para me acudir // hhh /</i>
		%exp: hhh → riso
117		<i>/ para me acudir &gt; //</i>
		%par: para me acudir → para m'acudir
118	*I01:	<i>[&lt;] &lt; que horror // hhh /</i>
119		<i>XXX &gt; //</i>
120	*SUS:	<i>porque ele estava sempre a dizer //</i>
121		<i>ela vai [/] ela não vai aguentar nem mais um minuto //</i>
122		<i>ela vai cair para o lado já //</i>
123	*I03:	<i>ai isso acredito //</i>
124		<i>&lt; realmente &gt; ...</i>
125	*SUS:	<i>ai foi uma coisa horrorosa //</i>

Extracto da interacção A364 psf-profi

Repare-se que não há uma ruptura de plano de acção mas a sua prossecução consequente avaliada como extraordinária por uma das personagens que ecoa, de uma forma hiperbólica, a voz do bom senso.

Os procedimentos de caracterização semântico-cognitiva do EN exemplificados foram aplicados, exemplo a exemplo, na totalidade do *Corpus* Global. Como foi

referido no capítulo 1, secção 1.2.5.3.2., essa informação surge nas Fichas de Indexação no ponto 6 referente ao Tipo de EN.

#### **2.2.3.4. Funções da Narrativa**

A par da caracterização dos ENs segundo a sua organização semântico-cognitiva, há que identificar as funções comunicativas que cada um deles realiza no âmbito de um acto comunicativo superior (o todo da conversação / entrevista).

Em termos globais, a introdução de um EN de cariz pessoal numa conversação é motivada, essencialmente, por uma procura de proximidade, de comunhão com o interlocutor. Na linha de Malinowsky e Dell Hymes, Rath (1981) refere-se à Narrativa como acção fática, como forma privilegiada de estabelecer e manter laços sociais de proximidade e pertença. Ao narrar as suas experiências de vida, o narrador convida o(s) narratário(s) a partilhá-las e, dependendo do grau de encenação do narrado, a vivenciá-las consigo. Assim, situações de comunicação marcadas pela função fática são o espaço ideal para a proliferação de narrativas. Através do relato de experiências pessoais ou de terceiros (incluindo aqui géneros como a Anedota) vai-se criando um sentido de ‘comunidade’: os interlocutores riem e ironizam sobre as mesmas coisas, trocam informações pessoais sobre o quotidiano de cada um, vão-se ‘conhecendo’ melhor. Pode-se, então, concluir que, em primeira instância, a narrativa conversacional é uma forma socioculturalmente reconhecida de criar/cultivar e manter/aprofundar relações.<sup>35</sup>

Mas a par desta “motivação” central, que está vinculada ao aspecto relacional da enunciação (Watzlawick *et alii*, 1969; Kerbracht-Orecchioni, 1992), é possível identificar, para cada um dos ENs em análise, funções específicas directamente relacionadas com o contexto e cotexto de enunciação em que é introduzido.

O seguinte quadro sumariza os resultados obtidos na totalidade do *corpus* em relação às funções dos ENs transcritos e analisados. Para cada um dos ENs foi estabelecida uma ou mais funções, informação essa que foi incluída nas Fichas de Indexação no ponto 7 referente às funções do EN. Em primeiro lugar, surge sempre a função principal do EN.

---

<sup>35</sup> Este aspecto foi também realçado no trabalho de Almeida (2005: 859-891) a propósito de ENs introduzidos num *corpus* de interacções radiofónicas.

## Quadro 17

### Funções Comunicativas dos Enunciados Narrativos

- **Funções em primeira instância voltadas para o locutor**  
Construir a sua Imagem Pessoal  
Catarse: Alívio de Pressão Psíquica
- **Funções em primeira instância voltadas para o interlocutor**  
Informar (resposta a um pedido para narrar )  
Divertir  
Ironizar  
Emocionar
- **Funções em primeira instância voltadas para o cotexto** (argumentativas)  
Ilustrar / Exemplificar Tese  
Justificar Avaliação ou Atitude  
Comprovar Erro de Avaliação de Terceiros
- **Funções em primeira instância voltadas para o referente**  
(Des)Construir a Imagem de Outrem

Optou-se aqui, conscientemente, por uma leitura qualitativa da distribuição das funções elencadas no Quadro. Se foi possível identificar inúmeros exemplos para cada uma delas, a sua representação numérica enferma da falta de unicidade dos dados a serem contabilizados. Na realidade, na sua maioria, os ENs acumulam várias funções comunicativas, sendo mesmo, nalguns casos, impossível decidir qual a principal. Observe-se o seguinte exemplo retirado da Interação com o Código C251 psf-profi. A narradora, dona de um restaurante, explica a razão do nome “Chez Lapin”.

22	MAR: <i>bem / para mudar para o Chez Lapin //</i>
23	<i>para lhe justificar / porque é que foi / que se pôs o nome estrangeiro //</i>
24	<i>não foi porque se fosse buscar o nome estrangeiro //</i>
25	<i>foi à medida / que a Casa Coelho de Sá da Bandeira / queixou-se contra o meu marido //</i>
26	<i>em como aqui / &amp;ah: / estava como Casa Coelho //</i>
27	<i>está claro / foi para tribunal //</i>
28	<i>e o juiz / começou:[/] chamou o meu marido //</i>
29	<i>disse que ele que teria que / que modificar //</i>
30	<i>que procurasse qualquer coisa //</i>
31	<i>o meu marido então disse //</i>
32	<i>bem / eu a procurar / procuro Chez Lapin //</i> %com: o Discurso Directo é dramatizado (encenação).
33	<i>porque os estudantes # / do orfeão do Porto / e da &amp;uni / e das universidades / e colégios / e tudo isso //</i>
34	<i>quando falavam ao telefone a marcar qualquer almoço / &lt; dirigiam-se / e diziam //</i>
35	<i>é do Chez Lapin &gt; ?</i>
36	I15: <i>[&lt;] &lt; XXX / hhh &gt; /</i>
37	MAR: <i>/ e eu cá dizia / é da Casa Coelho //</i>
38	<i>diz / mas não / minha senhora //</i>
39	<i>mas agora queremos que seja Chez Lapin //</i> %com: o Discurso Directo (34 -38) é dramatizado (encenação).
40	<i>o meu marido lembrou-se dessa coisa //</i>
41	<i>e então ficou sendo Chez Lapin //</i>
42	<i>foi por isso //</i>
43	<i>não foi para tirar o nome português //</i>
44	<i>&lt; foi a [/] pela força das circunstâncias / que mudámos o nome &gt; //</i>
45	I15: <i>[&lt;] &lt; pois / XXX / e até tem mais graça &gt; //</i>
46	<i>e até tem mais graça //</i>

Extracto da interacção C251 psf-profi

Porque resultado de um pedido de informação do interlocutor, há que considerar, em primeiro lugar, uma função informativa para o EN. No entanto parece evidente que este EN realiza, ao mesmo tempo, funções de cariz argumentativo: por um lado, explica a origem do nome do restaurante e, por outro, justifica-o. Por último, é ainda possível

atribuir-lhe uma função lúdica. A forma narrativa dada à informação permitiu a introdução de um segmento dialógico de cariz anedótico. Em última análise, poder-se-ia considerar que é esta encenação jocosa da informação que justifica a introdução do EN na interacção. De outra forma, a mesma informação poderia ter sido transmitida sem activar um esquema narrativo.

São vários os exemplos de ENs que resultam de um pedido de informação do interlocutor, mas em quase todos eles se sobrepõem, rapidamente, outras funções enunciativas.

Há, no entanto, algumas generalizações válidas para o conjunto do *corpus*:

i) A grande maioria dos ENs tem uma função argumentativa, isto é, surge como exemplo, ilustração, justificação ou contra-argumento de uma tese, opinião ou avaliação expressa anteriormente, normalmente pelo futuro narrador. Tal significa que é fundamental interpretá-los no seio de unidades textuais superiores em função das quais adquirem o seu sentido.

ii) No conjunto de exemplos voltados em primeira instância para o locutor é possível identificar uma polarização extrema quanto à exposição da face por parte do mesmo. Assim, de um lado, surgem ENs orientados para a construção da sua imagem pessoal em que é nítido o cuidado com a preservação da sua face negativa. Por outro lado, nos exemplos de catarse, há uma exposição de si mesmo que é apenas compreensível pela proximidade com o interlocutor e, provavelmente, pelo esquecimento de que se está a proceder à gravação da interacção.

iii) Nos ENs voltados em primeira instância para o interlocutor, a par dos que pretendem ir ao encontro de um pedido explícito daquele para narrar algo, destacam-se as Anedotas e Narrativas de Episódios Pessoais de Cariz Cómico ou Irónico. Embora estejamos perante diferentes géneros textuais (o que, em última análise, se reflecte na questão da autoria e da responsabilização do narrador pelo narrado), por exigirem ambos um forte envolvimento do interlocutor na construção dos seus duplos sentidos<sup>36</sup>, são instrumentos fortíssimos de aproximação e criação de cumplicidade entre interlocutores.

iv) Quanto ao grupo de ENs voltados em primeira instância para o referente, há que sublinhar que têm, predominantemente, uma orientação negativa, isto é, são usados pelos narradores para desconstruir a imagem de outrem. No geral, fazem-no

---

<sup>36</sup> Possenti (2001 [1998]) fala, a este propósito, “na imposição da leitura pelo texto”.

actualizando estereótipos sociais e, dessa forma, contribuindo para a sua manutenção. ‘A sogra’, para usar um exemplo repetido quatro vezes no *corpus*, mais que ‘o pescador’ de Genette, é um programa narrativo fortíssimo, porque construído sobre um estereótipo socioculturalmente definido. De tal forma que, seja ‘boa’ ou ‘má’, é sempre uma boa História.

**3. AS FRONTEIRAS DO ENUNCIADO**  
**NARRATIVO**

### 3. As Fronteiras do Enunciado Narrativo

#### 3.1. Enunciado Narrativo e o Fluxo Conversacional: a Progressão Tópica da Conversação

De acordo com o modelo sociolinguístico de análise de ENs proposto por Labov e Waletzky (1974 [1967]), pedra de base de todos os estudos posteriores em narratologia conversacional, a narrativa, enquanto forma de recapitular experiências passadas, projecta uma sequência verbal de orações sobre uma sequência de eventos ocorridos em torno de um acontecimento específico. Segundo este modelo, a história a contar confundir-se-ia, no texto produzido oralmente, com a Acção (complicadora) e seria analisável enquanto sequência fixa de enunciados temporalmente ordenados que remetem a eventos passados. Para tal, os autores propõem sectionar estes enunciados em unidades sintácticas simples, construídas em torno de um predicado de acção, que denominam frases narrativas. Os restantes enunciados, compostos por frases livres ou semi-livres, isto é, sem dependência temporal em relação a outras e passíveis de mobilidade dentro do texto, conteriam informação sobre a carga dramática ou o clima emocional da narrativa, dando visibilidade à intenção pragmática que lhe subjaz<sup>1</sup>.

Nos seus primórdios, o estudo da narrativa conversacional, é, assim, perspectivado dentro dos limites do próprio texto enquanto unidade estruturalmente autónoma e descontextualizada que actualiza um modelo enunciativo específico e socioculturalmente transmitido.

Da mesma forma, os trabalhos desenvolvidos na década de 80 em torno da noção de Sequência Narrativa (Adam, 1985, 1990, 1991 [1984]), perspectivada como uma unidade textual recortada no *continuum* da produção discursiva que corresponde à

---

<sup>1</sup> Esta distinção entre proposições avaliativas e narrativas, filiada numa linguística de frase e na miragem de uma gramática textual assente sobre o funcionamento das unidades sintácticas que compõem os textos, foi aplicada em Morais (2002a: 22-24) a um dos ENs então analisados. Verificou-se que nem sempre esta contraposição é passível de ser concretizada pelo que se abandonou o modelo de análise. Na realidade, muitas das frases ditas ‘narrativas’ transportam também elementos avaliativos. Por seu lado, o apagamento de algumas das frases livres e semi-livres pode interferir na leitura da própria sequência narrativa, alterando o seu sentido.

atualização de um modo de enunciação prototípico, comungam da mesma convicção de analisabilidade intratextual.

No entanto, o tratamento isolado de um EN, subtraído artificialmente ao fluxo da conversação onde surge, revela-se deficitário. A análise de uma Narrativa ou de um Relato, produzidos no seio de uma interacção oral (as duas formas de ENs identificados no *corpus*), só é possível considerando a sua inserção num texto dialógico de nível superior, em função do qual adquire sentido e relevância. Dito de outra forma, é no quadro da conversação em que surge e através das suas coordenadas situacionais, contextuais e cotextuais, que é possível identificar a sua função discursiva e, assim, construir o seu sentido<sup>2</sup>.

Precisemos: no *corpus* de interacções analisado torna-se evidente que a colaboração dos interlocutores na construção da conversação vai muito para lá da mera sucessão temporal de turnos. Considerando um quadro de participação cooperativa, ao tomar a vez, o alocutário refere-se quase sempre ao dito anteriormente pelo outro, revelando a preocupação de manter a conversa em torno de um ou mais tópicos correlacionados que constituem o foco da interacção verbal. Deste movimento resultam unidades textuais transfrásicas, superiores ao turno, centradas, normalmente, num Tópico Proeminente (Goffman, 1974) para o qual convergem as contribuições enunciativas dos interlocutores<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Algo que Labov (1972: 33) já propunha ao considerar a organização dos ENs em função de um diálogo implícito entre interlocutores, centrado na pertinência e interesse dos mesmos para a conversação em curso (questão que foi desenvolvida na secção 2.2.2.1.). Sob esta perspectiva, vai ainda sublinhar a importância dos módulos avaliativos na atribuição de sentido ao EN. Recorrendo às suas próprias palavras, as frases narrativas constituem o esqueleto do EN, um esqueleto ‘referencial’ sem orientação intencional ou força ilocutória: “it may carry out the referential function perfectly and yet seem difficult to understand. Such a narrative lacks significance: it has no point.”

<sup>3</sup> Em outras áreas da Linguística Textual encontra-se mais comumente o termo Tema para referir o mesmo fenómeno. No quadro de uma teoria geral do texto, comum à produção escrita e oral, Hoffmann (2000b: 350) retoma a análise funcional da frase proposta pela escola de Praga (a frase é dividida em Tema, algo de que se fala, e Rema, o que se diz sobre esse algo) e mantém o conceito de Tema enquanto objecto ou estado de coisas a que um texto ou segmento textual se refere. O mesmo autor avança ainda que, sendo constituído comunicativamente, o Tema é aquilo de que se fala e que está (ou se espera que esteja) presente aos interlocutores, quer por ter sido verbalizado anteriormente, quer por se encontrar no foco de atenção actual da interacção verbal. Numa perspectiva psicolinguística, autores como Van Dijk (2002 [1992]) e Brinker (2000) consideram que o estabelecimento do Tema decorre da aplicação de um conjunto de regras reformulatórias de cariz semântico que permitem “reduzir” as proposições de um Texto a um Resumo, com o qual identificam o Tema. Eroms (1991) fala em “extrapolação” para se referir ao mesmo processo analítico, considerando o Tema como uma “instância de integração” das proposições de um texto ou segmento textual.

A conversação, enquanto texto, vai, então, estrutura-se sobre uma linha isotópica<sup>4</sup> (Volli, 2002: 89), um fio condutor constituído pelo conjunto de Tópicos Discursivos activados e partilhados pelos interlocutores, cuja formulação enunciativa obedece, segundo Jubran (2006: 92 e seg.) aos princípios da Concentração Temática (que denomina Centração) e da Organicidade.

A primeira caracteriza-se por uma relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual; pela proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos na conversação; e pela sua localização delimitada na superfície do texto falado.

A Organicidade abrange quer a organização hierárquica dos tópicos (super e subtópicos), quer a sua articulação na linearidade da produção discursiva (continuidade e descontinuidade de tópico).

Se a topicalidade discursiva, enquanto processo básico de construção textual, é o fio condutor da co-produção textual em situação de interacção oral, será em relação às unidades de informação daí resultantes, os Segmentos Tópicos, que terá de equacionar a questão da introdução de ENs nessa interacção. Ainda segundo Jubran (2006) os Segmentos Tópicos correspondem a unidades textuais construídas em torno de um mesmo tópico discursivo que se caracterizam pelas relações de interdependência semântica e formal entre os seus enunciados e pela proeminência textual do conjunto que estes constituem, passível de ser delimitado na superfície do texto falado. Deste facto nasce a hipótese de que a análise de uma Narrativa ou de um Relato só é possível considerando o seu posicionamento num texto dialógico de nível superior, hierárquica e concentricamente organizado em Segmentos Tópicos, em relação aos quais adquire sentido e relevância. É esta hipótese que se procurará comprovar na secção seguinte.

---

<sup>4</sup> Volli (2002: 89 e seg.) refere-se a Isotopia enquanto estrutura semântica inerente ao próprio texto que permite delimitar o seu próprio âmbito interpretativo.

### **3.1.1. A Análise da Progressão Tópica na Interação A390 pi-casa e família**

#### **3.1.1.1. Caracterização Sociolinguística da Interação**

A interação escolhida surge indexada no *Corpus* Global como pertencendo a um domínio privado e informal.

Nela surgem duas interlocutoras principais com estatutos socioeconómicos diferentes: BEA, de 44 anos, tem um nível de instrução básico (inferior à 4ª classe) e pertence a um grupo profissional baixo (empregada doméstica); I10, vinte anos mais nova, tem um nível de instrução superior. BEA e I10 conhecem-se e parecem manter uma relação de proximidade, ainda que com uma componente hierárquica evidente nas formas de tratamento: enquanto BEA se dirige à interlocutora na terceira pessoa, I10 usa a segunda pessoa e mesmo formas de vocativo que revelam proximidade como: – *então e mulher* / –.

Quanto à Situação de Enunciação, BEA e I10 conversam, despreocupadamente, durante uma das actividades domésticas de BEA. Parece haver uma relação de longo tempo entre as duas e é observável a existência de conhecimento partilhado. A conversa denota alguma intimidade entre as interlocutoras, o que conduz aos desabafos pessoais de BEA.

#### **3.1.1.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação**

Durante a conversa são introduzidos três EN's por BEA, todos eles relacionados com o Tópico Conversacional vigente no momento, sendo que dois deles ilustram uma afirmação sobre o Tópico expressa anteriormente.

Assim, EN1 e EN3 surgem com uma função argumentativa: no caso de EN1, BEA justifica uma avaliação anterior – a sogra nunca está contente – e no caso de EN3, pretende provar o erro de uma avaliação de terceiros – ela só gosta dos meninos da casa. EN2 tem uma função de catarse em relação à pressão sentida durante acontecimentos narrados.

Quanto ao tipo de EN, pode-se concluir que:

EN1 corresponde a uma Ruptura de Plano de Agente, uma vez que nele um actor de um dado acontecimento é confrontado com uma intervenção exterior que põe em causa (em termos de ameaça ou de destruição) o seu plano de acção. Esse actor, BEA, constituído personagem central, virá também a ser o futuro narrador do ocorrido, sendo-

lhe atribuído um papel reactivo no conflito de posições narrado e na respectiva dramatização.

É identificável a seguinte estrutura narrativa no EN: Ataque (resumo) – Orientação Geral – Acção (gatilho: dramatização com recurso a discurso directo) – Orientação de *Background*/Avaliação – Acção (clímax: dramatização com recurso a discurso directo) – Avaliação Final/Coda.

EN2 corresponde também a uma Ruptura de Plano de Agente e é também construído em torno de um conflito de posições e respectiva dramatização.

É identificável a seguinte estrutura narrativa no EN: Orientação Geral – Acção (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação de *Background* – Orientação Local – Acção2 (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação local – Resultado1 – Resultado2.

EN3 corresponde, como os anteriores, a uma Ruptura de Plano de Agente e é constituído por uma sequência de acções em torno de um confronto entre actores.

É identificável a seguinte estrutura narrativa: Ataque (tese) – Orientação de *Background* – Orientação Geral – Acção – Resultado (dramatização com recurso a Discurso Directo) – Orientação de *Background* – Avaliação – Coda – retoma do EN/Resultado – Avaliação Final.

### 3.1.1.3. Análise dos Segmentos Tópicos

#### 3.1.1.3.1. Segmento Tópico I

Tópico1	Dor ao passar	1	BEA: <i>e vou passar conforme posso //</i>
		2	<i>isto dá cabo aqui do <b>braço</b> todo //</i> ←
Subt.1.1	Origem da dor	3	<i>trabalhava ali na: / senhora //</i>
		4	<i>e depois lavavam assim <b>a roupa</b> que parecia que ela saía sei lá como //</i>
		5	I10: <i>&lt; ali naquela ao lado &gt; ?</i>
		6	BEA: <i>[&lt;] &lt; &amp;naque &gt; / na espanhola //</i>
		7	<i>e depois: / ficava este braço [/] olhe / <b>tenho aqui uma dor no braço</b> //</i>
		8	<i>foi disso / com certeza //</i>
		9	I10: <i>&lt; esse &gt; /</i>
		10	BEA: <i>/ [&lt;] &lt; <b>de fazer força</b> &gt; / assim / <b>de fazer &lt; força no ferro</b> / XXX &gt; /</i>
Subt.1.2	o ferro	11	I10: <i>[&lt;] &lt; <b>esse ferro</b> é como o meu &gt; //</i>
		12	<i>☒ não é muito pesado //</i>
		13	BEA: <i>pois não //</i>
		14	<i>por <b>ele</b> ser leve é que / tem que a gente fazer mais força //</i>
		15	<i><b>dei cabo do braço</b> //</i> ←
		<i>%par: O enunciado é produzido num tom mais baixo. Entrega de vez.</i>	

Extracto da interação A390 pi-casa e família

Quadro Tópico 1: Passar a Ferro

Tópico 1: Dores ao passar a ferro

No seguimento do desenvolvimento do Supertópico<sup>5</sup> (daqui para a frente referido como St) Passar a ferro, BEA realiza um movimento de tópico ao fazer deslizar o foco da conversação para um novo aspecto do St: Passar a ferro provoca dores.

<sup>5</sup> Para uma definição de Supertópico, ver a entrada ‘Quadro Tópico’ no Glossário.

O novo tópico, assim introduzido, activa um conjunto semanticamente coeso de objectos de discurso<sup>6</sup> pertencendo a um mesmo domínio conceptual – *passar, braço, roupa, ferro* – e passível de constituir cadeias anafóricas quando o lexema é introduzido como elemento focal, como no caso de *ferro*: surgindo pela primeira vez com sentido genérico, em posição remática, numa repetição – (enunciado 10) *de fazer força / assim / de fazer < força no ferro /* – o lexema é retomado como tema, agora com um referente preciso, pela interlocutora em – (11) *< esse ferro é como o meu >* – e como anáfora-zero em – (12) *∅ não é muito pesado //* –. No turno seguinte o mesmo referente é retomado pelo pronome anafórico – *ele* – novamente em posição temática – (14) *por ele ser leve ...* – agora na voz de BEA.

Mas as relações de interdependência ocorrem também ao nível dos enunciados. Entre eles estabelecem-se conexões argumentativas: – (8) *foi disso / com certeza* – ; – (10) *de fazer força / assim / de fazer força no ferro* – e contra-argumentativas – (13) *pois não //* (14) *por ele ser leve é que / tem que a gente fazer mais força //* –.

Há ainda que realçar a Repetição dos enunciados focais, quer em posição de abertura e fecho do Segmento Tópico – (2) *isto dá cabo aqui do braço todo* – por oposição a – (15) *dei cabo do braço* –, quer na organização da própria argumentação, através do estabelecimento de uma Sériacão em que ocorre a elisão do elemento introdutor, neste caso o verbo da matriz: – (8) *foi disso* – ; – (10) *∅ de fazer força* – ; – (10) *∅ de fazer força no ferro* –.

Por último, destacam-se as estratégias de focalização que dão proeminência ao tópico do segmento textual em – (7) *olhe / tenho aqui uma dor no braço //* (8) *foi disso / com certeza //* – e à contra-argumentação em – (14) *por ele ser leve é que / tem que a gente fazer mais força //* –.

---

<sup>6</sup> Na linha de Mondada (2001: 9) consideram-se objectos de discurso “entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objectos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da enunciação. Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objectos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva.” Esta definição será integrada no Glossário do presente trabalho.

No primeiro caso, enquanto o marcador conversacional topográfico<sup>7</sup> – *olhe* –, pelo seu valor semântico, focaliza a atenção do interlocutor para o enunciado que se segue, a expressão de modalização epistémica com valor asseverativo – *com certeza* – refocaliza, sublinhando-a, a relação de causalidade estabelecida entre a dor e o trabalho em passar a roupa.

No segundo, temos uma construção clivada com – *é que* – que destaca a frase infinitiva causal à esquerda – *por ele ser leve* – e que funciona como uma estratégia de relevo por um processo de rematização<sup>8</sup>.

### 3.1.1.3.2. Segmento Tópico II

Tópico2	A tábua	
16	I10:	<i>e as tábuas [ / ] <u>essa tábua</u> está muito alta //</i> %par: <i>está muito alta</i> → <i>tá muito alta</i>
17		<i>não <u>te</u> está ?</i>
18	BEA:	<i>ai <u>Ø</u> está //</i>
19		<i>ah / <u>Ø</u> está / está //</i> %par: todas as realizações de - <i>está</i> → <i>tá</i> ; %par: <i>estava</i> → <i>tava</i>
20		<i>ah / não <u>estava</u> a ver isso //</i>
21		<i>é a <u>menina</u> Angélica que é muito alta //</i>
22		<i>&lt; deixou-<u>ma</u> assim //</i>
23		<i>então &gt; +</i>
24	I10:	<i>[ &lt; ] &lt; hhh &gt;</i> %exp: <i>hhh</i> → riso
25	BEA:	<i>ai <u>jesus</u> //</i>

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

<sup>7</sup> Para uma definição operatória do conceito de ‘Marcador Conversacional Topográfico’, consulte-se a entrada com o mesmo nome no Glossário.

<sup>8</sup> Koch (2003: 377-378) atribui a esta construção a função de antepor um elemento remático, delimitando-o do resto do enunciado pela criação de uma oração clivada. Segundo a mesma autora, esta anteposição do rema ao tema, antecipando aquilo que constitui a meta da comunicação do locutor, constitui uma expressão de alto envolvimento do mesmo no enunciado. Este tipo de construções será analisado e desenvolvido no capítulo 4, secção 4.3.2.2.

## Tópico 2 – A tábua de passar a ferro

O segundo Segmento Tópico surge ainda dentro do mesmo espaço conceptual, a partir de uma referência à tábua de passar a ferro que está a ser utilizada. Neste caso, para além da concentração no mesmo objecto de discurso, e da respectiva cadeia anafórica daí resultante, a unidade do segmento decorre também da ancoragem explícita dos enunciados na situação de enunciação, através dos deícticos – (16) *essa* – (17) *te* – (22) *ma* –.

O tópico – a tábua utilizada – esgota-se rapidamente, e é fechado através do marcador conversacional topográfico final – (23) *então* – com entoação descendente, seguido de uma pausa não preenchida, cujo silêncio promove o apagamento do foco de conversação e a instauração de um novo tópico. O riso e a expressão interjectiva de invocação – (25) *ai Jesus* – são meras estratégias de preenchimento do silêncio gerado.

### 3.1.1.3.3. Segmentos Tópicos III e IV

Tópico 3: A roupa; Tópico 4: O trabalho de casa

Tópico 3	A roupa	26	I10:	<i>lá em casa / quem é que trata da roupa / és tu / também ?</i>
		27	BEA:	<i>Ø do meu marido //</i>
		28	I10:	<i>não //</i>
		29		<i>da roupa da tua casa //</i>
		30	BEA:	<i>Ø da minha casa / sou eu //</i>
Tópico 4	O trabalho de casa	31	I10:	<i>então / e mulher / quando é que tens tempo para estar aqui a trabalhar / e depois &lt; XXX &gt;</i>
				<i>%alt: quando → como</i>
		32	BEA:	<i>&lt; pois / é isso &gt; //</i>
Subt.4.1	As exigências da sogra	33		<i>e a minha sogra ainda quer que eu vá fazer as coisas dela //</i>
		34		<i>eu não estou lá em casa //</i>
				<i>%par: estou → 'tou</i>

Extracto da interação A390 pi-casa e família

Os Segmentos Tópicos seguintes (III e IV) são organizados em sequências de pergunta-resposta, funcionando as perguntas como introdutoras de tópico. No primeiro caso, ocorre a introdução de um tópico novo – a roupa – através de um pedido de informação – (26) *quem trata da roupa da casa* –. De realçar que a cadeia de referenciação que daí resulta não é totalmente correferencial, isto é, as realizações de anáfora-zero não remetem ao mesmo referente<sup>9</sup>, mas, no entanto, remetem ao mesmo tópico, procedendo à sua explicitação. No segundo caso, o tópico – o trabalho de casa – é lançado através de um pedido de esclarecimento em relação ao conteúdo do enunciado anterior – (31) *então / e mulher / quando é que tens tempo para estar aqui a trabalhar / e depois < XXX >* –. A resposta de BEA corresponde ao lançamento de um subtópico do trabalho de casa, mais precisamente, as exigências da sogra.

---

<sup>9</sup> Na linha de Marcuschi & Koch (2006: 391 e 292) considera-se aqui uma noção de anáfora abrangente, enquanto processo de remissão de um elemento linguístico (anafórico) a um outro (fonte) que pode não estar explícito lexicalmente, sendo então inferido pelo cotexto. Admite-se, então, “que a anáfora é uma estratégia de textualização que não supõe continuidade linear de referentes (idênticos)”, como no caso em análise. A este propósito, Marcuschi (2005: 559-609) ao estudar o fenómeno da anáfora indirecta (AI), evidencia a não-vinculação deste tipo de anáfora com a co-referencialidade ou com a retoma de um elemento discursivo uma vez que a AI introduz sempre um referente novo, ainda que haja uma dependência interpretativa em relação a determinadas expressões ou informações constantes do texto precedente.

### 3.1.1.3.4. Segmento Tópico V

Tópico 5	os ciúmes da sogra	35	<i>ela / sei lá [/] eu +</i>
		36	<i>∅ tem muitos ciúmes //</i>
		37	I10: <i>∅ tem ciúmes ?</i>
		38	BEA: <i>ai está [/] <u>está um inferno</u> //</i> %par: enunciado produzido num tom mais baixo, de confiança; %par: <i>está</i> → <i>‘tá</i>
Subt.5.1	Ao fim-de-semana	39	<i>quando se chega ao domingo / e o / e o sábado / <u>para mim / não havia de existir</u> //</i> %par: <i>de existir</i> → <i>d’ existir</i>
		40	<i>∅ não gosta que a gente saia //</i>
		41	<i>∅ fica <u>sempre furiosa</u> //</i> %par: enunciado produzido num tom mais baixo.
		42	I10: <i>então / vocês não deviam estar em casa //</i> %par: <i>estar</i> → <i>‘tar</i>
		43	<i>trabalham toda a semana / e agora ainda &lt; iam xxx &gt; /</i>
		44	BEA: <i>[&lt;] &lt;pois / XXX / ∅ entende que há-de <b>ser assim</b> //</i> %alt: <i>XXX</i> → <i>mas sabe como é</i>
		45	<i>∅ queria lá os filhos ao pé //</i>
		46	<i><b>não pode ser</b> //</i> %par: enunciado produzido num tom mais baixo.
		47	I10: <i>então / já lá vive aquele com <b>ela</b> //</i>
		48	<i>já é uma grande coisa //</i>

Extracto da interação A390 pi-casa e família

#### Tópico 5 – Os ciúmes da sogra

A introdução um novo objecto de discurso em IV, – *a sogra* –, vai dar origem à criação de um novo Supertópico (St) na conversação. Na terminologia proposta por Jubran (2006: 104) estamos perante um caso de expansão tópica, na medida em que, como se procurará demonstrar de seguida, se dá “o desenvolvimento pleno de dados colocados de passagem anteriormente na conversação, (...) sem que, nesse momento

anterior, tenham constituído um segmento tópico”<sup>10</sup>. No presente caso, esta expansão tópica vem dar origem a um novo Quadro Tópico em torno do St – a sogra.

Assim, o pedido de esclarecimento da interlocutora – (37) *tem ciúmes?* – ao comentário – (36) *tem muitos ciúmes* – é interpretado por BEA como uma aceitação do novo Tópico Conversacional – os ciúmes da sogra. O Segmento Tópico que daí resulta é constituído por uma sequência argumentativa com valor exemplificativo, organizada em torno do St – a sogra –, e constituído por uma sequência de anáforas-zero: – (40) *Ø não gosta que a gente saia* // (41) *Ø fica sempre furiosa* // –.

Há ainda que realçar o carácter fortemente subjectivo da referida explicação, evidente no recurso a expressões avaliativas hiperbólicas: (38) *está um inferno* //; (39) *não havia de existir* //.

O comentário da interlocutora, por seu lado, revela uma forte empatia com a posição de BEA, assumindo nele a perspectiva das “vítimas” do ciúme: ao contrário das frases daquela, as suas têm como tema o pronome sujeito ‘vocês’ – (42) *então / vocês não deviam estar em casa* // (43) *Ø trabalham toda a semana / e agora ainda < Ø iam xxx > / –*. Esta adesão leva BEA a precisar a sua queixa em relação à sogra, prosseguindo a cadeia anafórica que havia iniciado anteriormente: – (44) *Ø entende que há-de ser assim* // (45) *Ø queria lá os filhos ao pé* // –. Quer a expressão resumitiva final – *ser assim* –, que remete para o dito anteriormente, sublinhando não haver informação nova sobre o mesmo, quer o juízo de valor final – *não pode ser* –, realizado através de uma Expressão Avaliativa de Modalidade Afectiva<sup>11</sup> com um certo grau de fixidez, têm um valor conclusivo e indiciam a vontade de encerramento do Segmento Tópico.

Antes de prosseguir a análise da interacção, há que realçar as estratégias que asseguram uma coesão sequencial argumentativa do segmento que se encerra, na medida em que contribuem fortemente para a sua concentração temática e delimitação. Destaque, então, para:

---

<sup>10</sup> Segundo a mesma autora “trata-se de dados que são mencionados no interior de um segmento tópico por estarem no horizonte temático da interacção verbal e que vão passar para primeiro plano em pontos posteriores do desenrolar da conversa, quando então se configuram como tópicos.” (Jubran, 2006: 105)

<sup>11</sup> Para uma definição operatória do conceito de ‘Expressão Avaliativa de Modalidade Afectiva’ consulte-se o Glossário.

a) a articulação linear tema / rema<sup>12</sup> segundo um esquema A-B; B-C; C-D:

BEA: *ela* / [TEMA - A] *sei lá ... eu + tem muitos ciúmes* // [REMA - B]

I10: *tem ciúmes ?* [TEMA - B: aceitação do tema]

BEA: *ai está* [/] *está um inferno* // *quando se chega ao domingo / e o / e o sábado / para mim / não havia de existir* // *não gosta que a gente saia* [REMA - C] // *fica sempre furiosa* //

I10: *então / vocês não deviam estar em casa* // [TEMA - C (paráfrase)]  
*trabalham toda a semana* / [REMA - D] *e agora ainda < iam xxx > /*

b) o eco e a complementaridade das informações e avaliações verbalizadas por ambas as partes;

c) a densidade de estratégias avaliativas no texto:

(i) construções superlativas: – (36) *tem muitos ciúmes* // –;

(ii) generalizações com advérbios de frequência: – (41) *fica sempre furiosa* // –;

(iii) construções hiperbólicas: – (38) *está um inferno* //; (39) *não havia de existir* // –;

(iv) fraseologias avaliativas finais com valor resumitivo: – (46) *não pode ser* // –; – (48) *já é uma grande coisa* // –.

---

<sup>12</sup> Segue-se aqui o modelo de análise da progressão textual proposto por Daneš, e desenvolvido por Hoffman (2000b).

### 3.1.1.3.5. Segmento Tópico VI

Tópico 6	Descontentamento da sogra	49	BEA: <i>pois / mas mesmo assim //</i>
		50	∅ <i>nunca está contente //</i> %par: está → 'tá
Subt. 6.1	EN		
	<b>Ataque</b>	51	∅ <i>está sempre</i>
	<b>Orientação Geral / situação inicial</b>		<i>[/] no / no sábado [/] na sexta-feira / andei eu aqui / cansadinha de trabalhar //</i> %par: está → 'tá
	<b>Acção</b>	52	<i>e: / eu trouxe as [/] além / a minha roupa /</i>
	<b>Orientação background</b>		<i>que anteriormente / estava-me húmida / para / para a secar aqui melhor //</i> %par: estava-me → 'tava-me ; %par: para → p'ra
	<b>Acção: confronto / gatilho</b>	53	<i>e diz-me ela assim //</i>
		54	<i>ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada //</i> %par: estou → 'tou ; %par: todo o enunciado é dito num outro tom de voz (dramatização).
	<b>Acção: climax</b>	55	<i>e eu digo //</i>
		56	<i>sim senhora / quem me dera estar em casa //</i> %par: estar → 'tar
	<b>Avaliação</b>	57	<i>então não é ?</i>
	<b>Final /Coda</b>	58	<i>quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas //</i> %par: estar → 'tar
		59	<i>XXX //</i>

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

## Tópico 6 – O descontentamento da sogra

O comentário da interlocutora ao enunciado final de BEA no Segmento Tópico V – (47) *então / já lá vive aquele com ela // (48) já é uma grande coisa //* – vem confirmar o desvio da focalização da atenção dos interlocutores do trabalho de BEA (o que corresponde ao abandono do Supertópico anterior) para a sogra (novo Supertópico).

A mudança permite a BEA lançar um novo (sub)tópico – o descontentamento da sogra – através dos enunciados argumentativos – (49) *pois / mas mesmo assim //* (50) *nunca está contente //* (51) *está sempre /* – que funcionam como um Resumo avaliativo do EN que vai introduzir. O conflito de posições que se adivinha neles será marcado pela contraposição de duas cadeias anafóricas construídas sobre a realização dos pronomes-sujeito – *eu* – e – *ela*.

Por outro lado, os localizadores temporais – (51) *no / no sábado [/] na sexta-feira* – abrem a Sequência Narrativa e fundam o tempo da diegese, funcionando, em termos de estrutura narrativa, como Orientação Geral do EN. Ao mesmo tempo, os mesmos localizadores fazem a ancoragem temporal dos verbos das proposições seguintes e, conseqüentemente, indexam a si os blocos de texto por elas constituídos:

(51) *No / no sábado [/] na sexta-feira*

Bloco 1: *andei eu aqui / cansadinha de trabalhar // (52) e: / eu trouxe as [/] além / a minha roupa / que anteriormente / estava-me húmida / para / para a secar aqui melhor //*

Bloco 2: (53) *e diz-me ela assim // ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada // (54) e eu digo // (55) sim senhora / quem me dera estar em casa //*

O primeiro bloco, que faz a transição entre a Situação Inicial e a Acção, é composto por duas proposições coordenadas pelo sequenciador “e”, ambas com o predicado no pretérito perfeito, sendo que a primeira introduz a Acção, e a segunda fá-la avançar. Esta última funciona, ainda, como subordinante de uma frase relativa e de uma infinitiva, que, no seu conjunto, constituem uma interrupção no fluxo narrativo,

introduzindo informação de “*background*”, considerada pela narradora relevante para a compreensão do ocorrido.

O segundo bloco é composto por dois enunciados em discurso directo precedidos pelas respectivas frases introdutórias canónicas, iniciadas pelo mesmo sequenciador copulativo e tendo o mesmo verbo declarativo no presente do indicativo – (53) *e diz-me ela assim* – (55) *e eu digo* –. O uso do presente do indicativo com o verbo <dizer> permite a actualização da cena narrada e conseqüente dramatização.

Sublinhe-se que os segmentos em discurso directo correspondem, respectivamente, ao gatilho e ao clímax da acção, destacando os momentos-chave do confronto entre nora e sogra.

O enunciado seguinte, realizado através da pergunta-*tag* – (57) *então não é ?* –, refocaliza a resposta da personagem BEA e funciona como um apelo à interlocutora para ratificar o seu posicionamento. Pelo seu carácter avaliativo, e por trazer a conversação de volta à situação de enunciação anterior, abrindo assim a Coda da narrativa, a pergunta-*tag* permite interpretar a paráfrase do enunciado do clímax em – (58) *quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas // XXX //* –, como sendo, agora, dirigido à interlocutora. Esta repetição, por seu turno, corresponde a uma estratégia de encerramento do EN, confirmada pela entoação descendente que torna inaudíveis as palavras finais da narradora.

Há ainda que salientar que o EN ‘nasce’ da vontade de ilustrar uma asserção valorativa negativa sobre a sogra, após a sua instauração como novo supertópico da conversação. Desta forma, a leitura do primeiro EN tem que ser feita no quadro de uma argumentação pejorativa que estava a ser desenvolvida anteriormente e enquanto contributo para a mesma.

### 3.1.1.3.6. Segmento Tópico VII e VIII

Tópico 7	A ajuda da sogra	60	I10: e <b>ela</b> não ajuda nada / lá em casa ?
		61	∅ faz / faz o serviço <b>dela</b> /
Tópico 8	O trabalho em casa da sogra		BEA: então <b>eu</b> não sujo nada //
		62	∅ sujo / ∅ <u>limpo</u> / não é ?
		63	por exemplo / ∅ faço os meus cozinhados / ∅ <u>limpo</u> onde estou //
		64	se ∅ estou / estou a: comer / ∅ <u>limpo</u> //
			%par: estou → 'tou
		65	∅ venho-me embora / ∅ <u>nunca deixo nada desarrumado</u> //
		66	∅ não tem nada a falar //
		67	∅ também não me faz nada a mim //
Subt. 8.1	As limpezas ao sábado	68	ao sábado / ∅ também não faço as limpezas com <b>ela</b> / pronto //
		69	<b>não acha que faço bem ?</b>
		70	I10: então / com certeza //
		71	<b>agora</b> estar aí a ... %par: estar → 'tar
		72	BEA: <b>agora</b> / se ela julgava / que eu ia para criada dela / XXX // %par: XXX → nem avance
		73	<b>isso é que não</b> // %par: enunciado produzido num tom mais baixo.

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

Tópico 7 – A ajuda da sogra

Tópico 8 – O trabalho em casa da sogra

A pergunta da interlocutora, que resulta da finalização do EN anterior, introduz um novo tópico – a ajuda da sogra – que será afastado por BEA ao refocalizar a atenção da interlocutora no seu trabalho em casa da sogra. Este movimento de foco resultará numa sequência fortemente argumentativa, em que os enunciados defensivos da locutora implicam uma contra-voz que, posteriormente, será identificada como pertencendo à sogra – (66) *não tem nada que falar* // –.

O segundo tópico – o trabalho em casa da sogra – inclui um subtópico – as limpezas de sábado. De realçar a coesão formal dos enunciados, assente em três tipos de construção:

1. Sequências de anáforas-zero em posição temática (ver transcrição).
2. Paralelismo sintáctico de frases condicionais factuais elípticas (se-então) com prótase anteposta e a repetição do predicado <limpar> na apódose.

(62) *sujo / limpo / não é ?*

(63) *por exemplo / faço os meus cozinhados / limpo onde estou //*

(64) *se estou / estou a: comer / limpo //*

3. Sequência de frases negativas com indefinido negativo e intuito polemizador<sup>13</sup>, sendo possível estabelecer relações de causalidade entre elas:

(65) *nunca deixo nada desarrumado //* ↘

(66) *não tem nada a falar //* (por isso) ↘

(67) *também não me faz nada a mim //* ↘

(68) *ao sábado / também não faço as limpezas com ela /* (por isso) ↘

As expressões – (68) *pronto* // (69) *não acha que faço bem?* – encerram esta primeira parte. Neste caso, o marcador conversacional topográfico final – *pronto* – tem um valor prospectivo, fazendo a transição para a expressão modal avaliativa seguinte,

---

<sup>13</sup> Segundo Neves (2000 [1999]: 330), em termos pragmáticos os enunciados negativos não são empregues primariamente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística. No presente caso poder-se-ia falar de uma estratégia de polemização.

realizada através de uma pergunta polar com valor retórico, que, pelo seu cariz fortemente dirigido, impossibilita a obtenção de uma resposta negativa.

Em consonância com o pretendido, a confirmação da interlocutora, através de uma expressão de modalidade epistémica de valor asseverativo, – (70) *então / com certeza //* –, permite a BEA retomar a vez e continuar o raciocínio suspenso de I10 – (71) *agora estar aí a ...* –, utilizando, para abrir o seu turno, o marcador conversacional topográfico inicial por ela usado – *agora* –<sup>14</sup>. Este uso pode ser lido como uma forma de sinalizar consonância de posição. Segue-se mais um enunciado fortemente avaliativo, construído novamente sobre um esquema condicional elíptico (aqui com elipse da oração principal) – (72) *se ela julgava / que eu ia para criada dela /* – e fechado por uma expressão avaliativa de cariz resumitivo que reforça a negação do anteriormente dito – (73) *isso é que não //* –. Esta expressão fixa é composta por uma forma neutra de demonstrativo anafórico – *isso* –, que retoma a hipótese levantada no enunciado anterior e é focalizado pela construção fixa – *é que* –, seguida do advérbio de negação<sup>15</sup> com valor pragmático polemizador. A entoação descendente desta avaliação final aponta também para uma vontade de entrega da vez ao interlocutor.

---

<sup>14</sup> Risso (2002: 39) sublinha a função coesiva de “agora” como articulador intratópico, pela sua natureza prospectiva, isto é, pela sua capacidade de fazer avançar o discurso. Schiffrin (1987: 241) atribui-lhe um valor catafórico, considerando que “agora” dirige a atenção dos falantes para aquilo que vai ser dito de seguida, ainda que a sua realização esteja ancorada em informação anterior. No presente caso, “agora” articula, dentro do mesmo tópico, os enunciados anteriores de BEA relativos aos subtópicos 7.1 e 7.2, com a sua conclusão avaliativa.

<sup>15</sup> Nos casos em que põe em relevo uma forma neutra de demonstrativo numa frase exclamativa, Franco (1991: 169) considera – *é que* – uma partícula modal, atribuindo ao demonstrativo uma função situativo-comunicativa, uma vez que é dependente de uma sequência de actos de fala: “de facto, o uso destas fórmulas só tem lugar quando o falante, face a determinado(s) facto(s) acabado(s) de enunciar ou a uma situação previamente recordada ou descrita, os comenta ou aprecia”. Neves (2000: 330) realça o valor polemizador dos enunciados negativos ao refutarem o afirmado num enunciado anterior.

### 3.1.1.3.7. Segmento Tópico IX

Tópico 9	Em casa da sogra	74	I10:	<i>mas o teu marido quer que tu fiques lá em casa ?</i>
Subt.9.1	Posição do marido	75	BEA:	<i>ele ?</i>
		76		<i>não me diz nada //</i>
Subt.9.2.	Posição de BEA	77		<i>eu não gosto de <b>estar lá em casa</b> //</i>
				%par: estar → 'tar
		78		<i>eu não gosto de <b>estar em casa</b> //</i>
				%par: estar → 'tar
		79	I10:	<i>já não estás a &lt; XXX &gt;</i>
				%par: estás → 'tás
		80	BEA:	<i>/ [&lt;] &lt; se estivesse sozinha &gt; / gostava Ø //</i>
		81		<i>agora assim ...</i>
		82		<i><b>gosto é de me ir embora</b> //</i>
		83		<i><b>não gosto <u>nada</u> de estar em casa</b> //</i>
				%par: estar → 'tar
		84	I10:	<i>&lt; e &gt; +</i>

Extracto da interação A390 pi-casa e família

#### Tópico 9 – Em casa da sogra

A cedência da vez em (73) permite a abertura de um novo Segmento Tópico, lançado, mais uma vez, através de uma pergunta da interlocutora – (74) *mas o teu marido quer que tu fiques lá em casa?* –. Na sua resposta, BEA estabelece o novo Tópico Conversacional através de uma construção adversativa implícita que contrapõe a posição neutra do marido ao seu mal-estar em viver em casa da sogra – (75) *ele ?* (76) *não me diz nada //* (77) *eu não gosto de **estar lá em casa** //* –. Sem eliminar o conteúdo semântico da primeira parte da resposta, o segundo enunciado (77) acaba por negar a inferência que a interlocutora poderia fazer do primeiro – o marido não exige que ela

fique lá em casa, logo ela fica porque quer/gosta –, contrapondo-se-lhe numa direcção independente<sup>16</sup>.

A repetição de – (77) *eu não gosto de estar lá em casa //* –, em posição adjacente no enunciado (78), sublinha a transformação deste segmento em elemento focal. O novo tópico é desenvolvido, argumentativamente, através de uma construção condicional contrafactual – (80) *se estivesse sozinha / gostava //* – que funciona como primeiro membro de uma relação adversativa introduzida pelo articulador intratópico – (81) *agora assim* – e é seguida de uma paráfrase do enunciado focal – (82) *gosto é de me ir embora //* –. Realce para o uso expletivo do verbo *ser*<sup>17</sup>, destacando o rema da frase. O encerramento do segmento ocorre com a repetição do mesmo enunciado focal – (83) *não gosto nada de estar em casa //* – agora reforçado pela inserção do advérbio intensificador – *nada* – na construção negativa.

### 3.1.1.3.8. Segmento Tópico X

Tópico 5' (retoma)	ciúmes da sogra	85	BEA: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; mas &gt; / eu nunca vi uma pessoa assim ciumenta //</i>
		86	<i>veja bem //</i>
		87	<i>digo à senhora / senhor ou senhora / nunca vi uma pessoa assim //</i>
Subt.5'.1.	relação da sogra com o filho	88	<i>com &amp;fi [/] se tivesse só <u>aquele</u> / está bem //</i>
			%par: <i>está</i> → 'tá
		89	<i>mas com mais filhos / e <u>aquele</u> / é que é sempre a vítima //</i>
		90	<i>coitado //</i>

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

<sup>16</sup> Sendo a relação adversativa uma relação de desigualdade entre segmentos coordenados que é utilizada quer para a organização da informação, quer para a estruturação da argumentação, neste caso, a negativa em contexto adversativo parece vir rejeitar a implicação pragmática que o enunciado anterior pretende transportar (Neves, 2000: 330-231).

<sup>17</sup> Travaglia (2006: 207), ao considerar as estratégias sintácticas de focalização de segmentos textuais, fala em verbos gramaticais de relevo que têm por função dar proeminência a elementos do texto, referindo que o verbo *ser*, quando funciona como expletivo, tem essencialmente essa função. Esta questão será abordada no capítulo 4, secção 4.3.2.2.

## Retoma do tópico 5 – Os ciúmes da sogra

Embora a interlocutora tente tomar a vez em (84), BEA reapodera-se dela numa sobreposição de vozes, com o marcador conversacional interactivo<sup>18</sup> – (85) *mas* –, aqui também com função topográfica, pois marca o início de um enunciado fortemente avaliativo que retoma o tópico 5: os ciúmes da sogra: – (85) *eu nunca vi uma pessoa assim ciumenta* // –. Destaque para o valor hiperbólico do adverbial de negação – *nunca* –, bem como para o valor focalizador do advérbio – *assim* – que incide sobre o adjectivo, constituindo o enunciado em causa o novo foco da conversação. A Expressão Avaliativa Interpessoal que se segue – (86) *veja bem* – abre um parêntesis<sup>19</sup> centrado no processo de enunciação, uma vez que está voltado para o interlocutor e apela para a sua atenção. Esta interpelação é continuada com a expressão – (eu) digo a X (que) – em – (87) *digo à senhora / senhor ou senhora /* –, que introduz, focalizando-a, a repetição do enunciado que abriu o Segmento Tópico – (87) *nunca vi uma pessoa assim* // –.

Os enunciados seguintes constituem um Subtópico centrado na relação da sogra com o filho. – (88) *[/ se tivesse só aquele / está bem // (89) mas com mais filhos / ...* –.

Mais uma vez, BEA recorre a uma combinatória de estratégias argumentativas com uma construção condicional contrafactual a funcionar como primeiro elemento de uma segunda relação adversativa introduzida por – *mas*. Os enunciados finais – (89) *... e aquele / é que é sempre a vítima* // (90) *coitado* // – retomam o referente, o marido de BEA, através da repetição do anafórico – *aquele* – que surge focalizado em clivagem com – *é que* –, destaque que é ratificado pelo advérbio de frequência – *sempre* – antecedendo o nome de qualidade – *a vítima*. A avaliação final, realizada pela interjeição de compaixão – *coitado* –, constitui um enunciado próprio com função de encerramento de tópico<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> No Glossário surge uma definição operatória do conceito de ‘marcador conversacional interactivo’.

<sup>19</sup> Jubran (2006:302 e seg.) considera o parêntesis uma modalidade da inserção com efectividade meramente local, isto é, sem capacidade de lançar ou constituir um novo tópico discursivo, provocando uma mera suspensão do tópico no segmento em que se encaixa. No presente caso estamos então perante um desvio momentâneo do tópico para os agentes instanciadores da interacção verbal. Para uma definição operatória do conceito de ‘Expressão Avaliativa Interpessoal’ consulte-se o Glossário.

<sup>20</sup> O uso de – *coitado* – no presente caso pode ser analisado no quadro dos marcadores conversacionais modais. Segundo Vilela (1999 [1995]: 270) as interjeições correspondem à intervenção do componente expressivo no discurso, sendo que, através delas, o falante realça, reforça e intensifica de forma global o enunciado ou um dos fragmentos do enunciado. No presente caso, – *coitado* –, pela relação semântica estabelecida com o nome de qualidade – *vítima* –, exprime, intensificando-o, o valor ilocutório do

### 3.1.1.3.9. Segmento Tópico XI

Tópico	EN			
10	<b>Orientação Geral</b>	91	BEA	<i>ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //</i>
	<b>Acção</b> gatilho: DD	92		<i>disse assim / olha / vou-me embora / vou para a minha irmã //</i> %par: para a → pá ;
	<b>Orientação local</b>	93		<i>hhh / ele já estava XXX //</i> %exp: hhh → riso; %par: estava → 'tava; %alt: XXX → depois era assim
	<b>Acção: DD</b>	94		<i>vou-me embora / para a minha irmã / e / e # / para o pé da minha mãe //</i> %par: para a → p'ã ; para o → p'ó
	<b>Orientação background</b>	95		<i>a minha mãe está cá agora //</i> %par: está → 'tá
	<b>Acção: DD</b>	96		<i>hhh / depois vai-me lá buscar //</i> %exp: hhh → tosse
		97		<i>que eu agora vou apanhar a roupa //</i>
		98		<i>e vou-me embora //</i>
	<b>Orientação local /Acção</b>	99		<i>sentou-se na cama xxx //</i>
		100		<i>sentou-se na cama e: / e diz-me assim //</i>
	<b>Acção: DD</b>	101		<i>então / não vais apanhar a roupa ?</i>
		102		<i>já lá vou //</i>
	<b>Orientação local</b>	103		<i>estava a chorar //</i> %par: estava → 'tava
	<b>Resultado1</b>	104		<i>e depois: / lá / lá chegou foi-se embora / para a igreja com o miúdo //</i> %par: para a → p'r'á

enunciado anterior. Quanto à constituição de um enunciado pela interjeição, é possível considerar o uso de – *coitado* – como construção adjectival do tipo – *Espantoso!* – a incluir nas frases exclamativas parciais elípticas como Mateus *et alii* (2003: 482) propõem.

<b>Orientação local</b>	105	<i>e foi-se vestir / eu já estava vestida //</i>
		<i>%par: estava → 'tava</i>
<b>Resultado2</b>	106	<i>e agora / fujo para a Amadora //</i>
	107	<i>disse eu //</i>

Extracto da interacção A390pi-casa e família

#### Tópico 10: Conflito com marido / EN2

O Segmento Tópico XI, corresponde ao segundo EN introduzido na interacção por BEA, e constitui, a vários níveis, um caso excepcional no *corpus* analisado.

Em primeiro lugar, a transição para o EN ocorre sem qualquer actividade comunicativa preparatória, isto é, o locutor não realiza a macroproposição Ataque, iniciando logo a narrativa com a Orientação, mais precisamente com informação referente à localização temporal e à situação inicial – (91) *ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //*–.

Ainda que interpretável como uma localização deítica, vinculada ao momento de enunciação, – *ontem* – permite construir um mundo de discurso distinto da situação de enunciação actual, ancorando temporalmente não só as formas do pretérito perfeito, mas também formas do imperfeito e do presente utilizadas no EN.

O enunciado seguinte, no discurso directo, – (92) *disse assim / olha / vou-me embora / vou para a minha irmã //* – funciona como gatilho da Acção. É seguido por um parêntesis de Orientação Local, iniciado por riso, que introduz informação sobre o outro personagem – (93) *hhh / ele já estava XXX //*–.

A Acção prossegue com uma repetição do discurso directo anterior, a que é acrescentada informação nova – (94) *vou-me embora / para a minha irmã / e / e # / para o pé da minha mãe //* –, informação essa que leva BEA a abrir um segundo parêntesis que corresponde a uma Orientação de *Background* onde inclui informação suplementar que considera relevante para a compreensão do ocorrido – (95) *a minha mãe está cá agora //*–. O retorno à Acção dá-se com a continuação do enunciado em discurso directo, que termina com a repetição da proposição inicial – (98) *e vou-me embora* –.

A narrativa prossegue com o enunciado – (99) *sentou-se na cama xxx //* –, logo repetido em – (100) *sentou-se na cama e: / e diz-me assim //* –, que tem por tema a

personagem do marido, dando-lhe o primeiro turno no confronto pergunta-resposta que corresponde ao clímax da Acção: – (101) *então / não vais apanhar a roupa?* (102) *já lá vou //* –.

Segue-se um dos enunciados mais emotivos do EN – (103) *estava a chorar* –, correspondendo, curiosamente, a uma Orientação Local, onde reintroduz o pano de fundo<sup>21</sup> desenhado na Orientação Geral – (91) *ontem andava tão furiosa / fartei-me de chorar //* –.

A Acção é retomada com o sequenciador narrativo<sup>22</sup> – *e depois* – no enunciado – (104) *e depois: / lá / lá chegou foi-se embora / para a igreja com o miúdo //* – mas é evidente uma indecisão quanto ao rumo a dar-lhe: após uma hesitação, a narradora parece ter-se decidido por um desfecho neutro centrado na reacção do marido, para, logo a seguir, voltar atrás no tempo – (105) *e foi-se vestir / eu já estava vestida //* – e se recolocar como tema.

A narrativa termina com uma paráfrase do seu discurso directo inicial – (106) *e agora / fujo para a Amadora //* (107) *disse eu* – encerrada pelo verbo declarativo com inversão do sujeito.

Quer ao nível da organização intertópica, quer intratópica, este EN, enquanto Segmento Tópico, revela características peculiares.

A primeira tem a ver com a continuidade de tópico: O EN surge após uma retoma de tópico (5') e sem qualquer actividade introdutória, como já foi notado.

A segunda tem a ver com a sua organização interna. Neste caso, a coesão formal assenta em processos de Repetição e Paráfrase que ocupam os pontos-chave do texto: princípio, retoma e fim de enunciado. Assim, surgem enunciados em discurso directo na dramatização da Acção – (93) (94) (98) *vou-me embora* – e nas fronteiras do EN: – (93) *disse assim / olha / vou-me embora / ...* – versus – (106) *e agora / fujo para a Amadora // disse eu //* –.

---

<sup>21</sup> Os enunciados que constituem a Orientação (geral, local ou de background) suspendem o desenrolar da narrativa para se debruçar sobre um ou vários dos objectos por ela introduzidos. Segundo Maingenu (2001 [1986]: 74) estes segmentos de cariz descritivo, normalmente no imperfeito do indicativo, correspondem ao pano de fundo da narrativa e desdobram esse objecto no espaço a fim de analisar os seus componentes. Travaglia (2002 [1999]: 191 e seg.), parecendo apoiar-se no conceito de *mise en relief* proposto por Weinrich, analisa o mesmo fenómeno numa perspectiva aspectual, considerando os trechos com aspecto perfectivo em primeiro plano como Figura, por contraposição aos de aspecto imperfectivo, que correspondem ao segundo plano, denominados Fundo.

<sup>22</sup> O conceito de 'sequenciador narrativo' é definido no Glossário.

Por último, o núcleo da Narrativa corresponde à dramatização do confronto entre as personagens num esquema de Ameaça – (não) Reacção à Ameaça. Dada a indecisão do Resultado1, a narradora retoma a narrativa de uma forma hesitante e não programada (veja-se a Orientação Local em (105)) acabando por introduzir um segundo Resultado em discurso directo, que reforça, através da paráfrase final, a expressão da sua insatisfação.

É ainda necessário sublinhar que o presente EN é também um dos únicos no *corpus* com uma função catártica, isto é, em que o objectivo principal da narração é utilizar a recriação encenada do ocorrido como forma de libertação de um estado emotivo. As indefinições e peculiaridades evidentes na própria economia narrativa apontam também nesse sentido.

### 3.1.1.3.10. Segmento Tópico XII

Tópico 11	O miúdo	108	I10: <i>e o miúdo?</i>
Subt.11.1	A relação com o miúdo	109	BEA: <i>o miúdo foi com a avó //</i>
		110	<i>a gente também não tem a obrigação de trazer o miúdo //</i>
		111	I10: <i>com &lt; certeza &gt; //</i>
		112	BEA: [ <i>&lt; se Deus &gt; quisesse tinha o meu //</i>
		113	<i>ora essa //</i> %par: enunciado produzido num tom mais baixo.
Subt.11.2	A origem do miúdo	114	I10: <i>mas agora ele fica lá a viver com vocês ?</i>
		115	BEA: <i>o miúdo estava lá já / quando eu me casei //</i> %par: <i>estava</i> → <i>'tava</i>
		116	I10: <i>ah Ø já lá estava a viver ?</i> %com: <i>ah</i> → marcador discursivo topográfico
		117	BEA: <i>o miúdo estava lá //</i> %par: <i>estava</i> → <i>'tava</i>
		118	XXX //
		119	I10: <i>eu pensei que ele ficasse lá / foi agora por estar [ / ] por o homem ter morrido //</i>

Subt.11.3 Caracterização do miúdo

- 120 BEA: *não / não //*
- 121 *Ø estava já lá //*  
%par: estava → 'tava
- 122 *eles é que Ø criaram desde a idade de # [/] parece que Ø tinha quatro meses //*
- 123 *Ø tinha quatro meses //*
- 124 *quando a mãe dele morreu //*
- 125 *pois está bem / mas ...*
- 126 *não é criança simpática //*
- 127 *não sei é por Ø ser criado por adultos //*
- 128 *o miúdo não é nada simpático / coitadinho //*
- 129 I10: *a Teresa diz que ele parece um homem pequenino //*
- 130 BEA: *Ø parece um homem anão / assim / o tronco aqui / Ø parece um homem anão //*
- 131 *chamo-lhe o homem anão //*
- 132 *depois Ø tem umas conversas tipo de homem //*
- 133 *porque é um miúdo que faz dez anos / agora no dia dezasseis //*
- 134 I10: *ah / Ø já é assim crescidinho //*
- 135 BEA: *pois / Ø não tem graça nenhuma //*
- 136 *Ø já não tem graça //*
- 137 I10: *pensei que Ø fosse assim como o Lopo //*
- 138 BEA: *não //*
- 139 *assim têm graça //*
- 140 *mesmo / coiso / têm graça / não é //*
- 141 *agora assim ...*
- 142 *Ø já XXX / quase um homem //*
- 143 *Ø não têm graça nenhuma //*
- 144 *então ele diz que eu não gosto dele //*
- 145 *ah só gostas é lá dos da senhora dona Guidinha //*  
%com: ah → marcador discursivo topográfico
- 146 *só esses é que tu achas muita graça //*

Subt. 114 A acusação do marido

%par: alteração de voz nos dois últimos enunciados.

147 *ele / ele não têm graça nenhuma //*

148 *e não / o miúdo não tem graça //*

Extracto da interação A390 pi-casa e família

Na constituição da presente unidade textual verifica-se, mais uma vez, a ocorrência de uma expansão de tópico através da qual o objecto de discurso – *miúdo* –, mencionado de passagem no EN, se vai constituir tópico pleno ao ser reintroduzido na conversação pela pergunta da interlocutora – (108) *e o miúdo?* –.

Após uma breve sequência argumentativa, em que revela o seu distanciamento afectivo em relação *miúdo* (subtópico 11.1), BEA, no seguimento da insistência da interlocutora no mesmo tópico, inicia uma sequência descritiva de cariz avaliativo, relatando as circunstâncias em que entrou em contacto com o *miúdo* (subtópico 11.2), para, posteriormente, fazer um retrato negativo da sua pessoa (subtópico 11.3).

Realce para a densa cadeia anafórica estabelecida ao longo de todo o Segmento Tópico a partir do tema – *miúdo*: além de sete ocorrências nominais (pronomes definidos seguidos de nome genérico – *o miúdo* – marcado semanticamente), há a referir seis ocorrências pronominais e catorze ocorrências de anáfora-zero.

Ainda ao nível da coesão sequencial (Koch, 2002 [1989]), há que destacar as estratégias de Repetição utilizadas, quer com valor de intensificação de sentido, quer como forma de continuidade intra e intertópica:

- a) (115) *o miúdo estava lá já* / – matriz; – (117) *o miúdo estava lá* / – reforço de confirmação; – (121)  $\emptyset$  *estava lá* / – reforço de confirmação em início de turno.
- b) (126)  $\emptyset$  *não é criança simpática* // – matriz; – (128) *o miúdo não é nada simpático / coitadinho* // – paráfrase intensificadora seguida da interjeição de compaixão, com valor atenuador, em posição final de enunciado;
- c) (129) *ele parece um homem pequenino* // – matriz; – (130)  $\emptyset$  *parece um homem anão* – paráfrase de confirmação em posição inicial de enunciado; – (130) *parece um homem anão* – repetição de ênfase; – (131) *chamo-lhe o homem anão* – paráfrase enfática.

- d) (135) *pois / Ø não tem graça nenhuma //* – matriz; – (136) *Ø já não tem graça* – paráfrase de reforço em final de turno; – (143) *Ø não tem graça nenhuma* – repetição enfática em final de enunciado; – (147) *ele / ele não têm graça nenhuma //* (148) *e não / o miúdo não tem graça //* – repetição de intensificação dupla em final de Segmento Tópico, apontando para um esgotamento informacional em relação ao tópico.

Por último, há que destacar a introdução de uma citação, quase em final de segmento, com uma transição directa entre discurso indirecto e directo – (144) *então ele diz que eu não gosto dele //* (145) *ah só gostas é lá dos da senhora dona Guidinha //* (146) *só esses é que tu achas muita graça //* –, vindo o segundo reforçar o conteúdo informacional do primeiro. Esta forma de relevo por recurso ao discurso relatado ocorre com um enunciado argumentativo que introduz um novo objecto de discurso, os miúdos da casa. Daqui resultará mais um processo de expansão tópica, sendo que este novo objecto de discurso, após um comentário de encorajamento da interlocutora em – (149) *então / mas você também / &eh / criou-os de pequeninos também / com certeza ...* –, adquire estatuto de tópico conversacional no Segmento Tópico seguinte.

### 3.1.1.3.11. Segmento Tópico XIII

Tópico 12	Relação com os miúdos da casa	149	I10:	<i>então / mas você também / &amp;eh / criou-os de pequeninos também / com certeza ...</i>
		150	BEA:	<i>ai gosto deles //</i>
		151	I10:	<i>pois //</i>
		152	BEA:	<i>e ainda hoje ralho com eles / e tudo //</i>
		153		<i>sabe que ele [/] ele disse à minha irmã que eu que não gostava do miúdo //</i>
		154		<i>só gostava cá destes //</i>
		155		<i>e a minha irmã disse-lhe assim //</i>
		156		<i>olhe / se você visse ...</i>
		157		<i>ela dava com cada sova ao Pedro //</i>
Subt.12.1	<b>EN3</b> <b>Acção:</b> DI – acusação  <b>Resultado:</b> DD – defesa			

Subt.	<b>EN3</b>	158	<i>dava //</i>
12.1.1.	<b>Aval. Final / Coda</b>		
	<b>EN4</b>		
	<b>Ataque</b>		
	Resumo	159	<i>dava dava /</i>
	<b>Orientação</b>		<i>ele era muito irrequieto //</i>
	<i>background</i>	160	<i>vinha para aqui chatear //</i>
	<b>EN3</b>	161	<i>dava cada sova ao Pedro //</i>
	<b>Avaliação Final / Coda</b>		
	<b>EN4</b>		
	<b>Ataque</b>		
	Resumo		
	<b>Avaliação</b>	162	<i>que não queira saber //</i>
	<b>Orientação</b>	163	I10: <i>&lt; sovas &gt; ?</i>
	<i>background</i>		
		164	XYZ: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; então pá / pois xxx &gt; /</i>
		165	I10: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt;XXX lá a fazer a vender peixe &gt; //</i>
			%com: os dois últimos turnos são de difícil compreensão e atribuição. Parece haver uma terceira pessoa no espaço de interacção.
	<b>Orientação Geral</b>	166	BEA: <i>a última vez já ele era muito crescido / sabe o que eu fiz ?</i>
	tempo		
	personagens	167	<i>estava ali a / senhora na sala / casa de jantar //</i>
	espaço		
	situação inicial	168	<i>ele andava aqui / a chatear-me / assim / assado / assim de espera //</i>
	<b>Acção</b>	169	<i>fugiu para cima da cama da mãe //</i>
		170	<i>agarro na vassoura / hhh / ele levou uma vassourada e caiu-lhe na mão //</i>
			%exp: hhh → riso
	<b>Resultado</b>	171	<i>caiu-lhe na mão / ele começou a chorar //</i>
	DD	172	<i>pois / mãe # / a mãe é que tem a culpa //</i>

	173	<i>a mãe deixa-a fazer isto //</i>
		%par: os últimos 2 enunciados são proferidos com uma voz diferente (dramatização).
<b>Orientação background/ Avaliação Coda</b>	174	<i>chorava muito / coitadinho //</i>
	175	<i>e agora já disse à namorada / que eu que lhe batia muito //</i>
	176	I10: < hhh > /  %exp: hhh → riso
<b>Avaliação Final1</b>	177	BEA: [<] < e então essa da vassourada / é que ele não se esquece > //
retoma da narração	178	<i>/ voou para cima da cama / a julgar que eu que não chegava lá //</i>
<b>Avaliação Final2</b>	179	< essa é que eu achei mais piada // hhh > /
	180	I10: [<] < hhh > /  %exp: hhh → riso
continuação da narrativa	181	BEA: <i>depois começou a crescer / já não lhe bati mais //</i>
	182	<i>começou-me a comer as papas na cabeça //</i>
	183	<i>como se costuma a dizer //</i>
<b>Resultado En3 e En4</b>	184	<i>e nunca mais lhe bati //</i>

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

Com os comentários de confirmação – (150) *ai gosto deles* – (152) *e ainda hoje ralho com eles / e tudo //* – BEA aceita como tópico da conversação a sua relação especial com as crianças da casa, desenvolvendo-o através de dois ENs com que pretende provar o forte envolvimento com elas e atenuar a acusação que o marido lhe teria feito e que ela referiu no Segmento Tópico anterior – (145) *ah só gostas é lá dos da senhora dona Guidinha //* –.

Como na introdução do Tópico 5 – a sogra –, também aqui estamos perante um caso de expansão tópica: a referência pontual às crianças da casa com – *os da senhora dona Guidinha* – vai transformar-se em fonte da cadeia anafórica do novo tópico conversacional – os miúdos da casa. Há ainda que realçar o processo de precisão temática introduzido nesta cadeia através de uma estratégia de associação<sup>23</sup>: – (145) *os da senhora Guidinha* – (146) *esses* – (149) *os* – (150) *deles* – (152) *eles* – (154) *destes* → – (157) *o Pedro* (que tem como antecedente ou fonte – *os da senhora Guidinha* –).

Mas, voltando aos enunciados (150) e (152), há ainda que realçar como a Expressão Vaga de Categorização<sup>24</sup> – *e tudo* – no final de série em – (150) *ai gosto deles 1* // (152) *e ainda hoje ralho com eles 2 / e tudo 3* // – envolve a interlocutora na co-construção do sentido do enunciado, uma vez que lhe cabe a ela “preencher”, a partir dos seus conhecimentos do mundo, a lista de possíveis itens pertencentes à mesma categoria de afectos activados pela presença da referida expressão vaga. Ao mesmo tempo, esta solicitação para uma participação explícita do interlocutor na construção do objecto de discurso acaba também por prepará-lo para o desenvolvimento pleno do mesmo nos ENs que se seguem.

Na construção do EN3, BEA, procurando provar a verdade do que afirmou em (150) e (152), invoca o testemunho de uma terceira parte, neste caso a irmã, e recorre à dramatização de um episódio que corresponde a uma troca de palavras entre esta e o marido. Mais uma vez, o enunciado-chave, que aqui corresponde ao Resultado, é destacado pelo uso do discurso directo – (156) *e a minha irmã disse-lhe assim* // (157) *olhe / se você visse... ela dava com cada sova ao Pedro* // – e o seu conteúdo é

---

<sup>23</sup> Na linha de Marcuschi & Koch (2006: 388 e 389), considera-se haver uma relação anafórica por associação neste caso, uma vez que ocorre a introdução de um novo referente no texto, formando um sintagma nominal definido – *o Pedro* – como se fosse conhecido; há uma menção anterior de um referente diferente – *os da senhora dona Guidinha* – que serve de fonte, por inferência, para a saturação desse anafórico.

<sup>24</sup> A partir de Chanell (1994) consideram-se ‘Expressões Vagas de Categorização’, aquelas que referem vagamente categorias, funcionando como qualificadores. São constituídas por elementos, por via de regra, usados anaforicamente e com valor resumitivo. A sua função é sugerir, evitando uma especificação exaustiva, outros itens que partilham um aspecto relevante com aqueles que antecedem a expressão vaga, pertencendo quer à mesma categoria, quer ao mesmo quadro conceptual. Como realçam Jefferson (1990) e Franco (1997), estas expressões surgem, sintacticamente, em final de série e/ou unidade comunicativa. Em Moraes (2008) procurou-se demonstrar que estas unidades discursivas podem também ocorrer após a introdução de um novo tópico conversacional, delimitando o termo (ou termos) que refere(m) o tópico introduzido e focalizando-o(s) como núcleo do segmento tópico seguinte. Esta questão será desenvolvida no capítulo 4, secção 4.3.3.2.

intensificado pela repetição – (160) *dava cada sova ao Pedro // (162) que não queira saber / –.*

Repare-se, também, que nas fronteiras do EN3 se encontram, à esquerda, a Expressão Avaliativa Interpessoal com valor focalizador – *sabe que* – em – (153) *sabe que ele [/] ele disse à minha irmã que eu que não gostava do miúdo // –*, e à direita a repetição do enunciado-chave acima referida, seguido de uma expressão fixa interactiva, fortemente avaliativa – (161) *dava cada sova ao Pedro // (162) que não queira saber // –*. Desta forma enfatiza, focando-o, o tópico do EN a introduzir.

A surpresa em relação à referência a um acto de violência no testemunho citado leva os interlocutores a questionarem BEA sobre o objecto de discurso – *sova* –, abrindo um Parêntesis de Esclarecimento<sup>25</sup> que particulariza a informação precedente.

O quarto EN, também com uma função discursiva argumentativa, é ancorado no conteúdo semântico do anterior, exemplificando o que foi enunciado quer pela irmã (o uso de força física junto do menino da casa), quer por si própria (Pedro era muito irrequieto e provocava-a).

Em termos da estrutura de ambas as histórias, é interessante verificar como as macroproposições finais do EN3 – Coda / Avaliação Final –, incluindo as respectivas estratégias de avaliação, se “transformam” na macroproposição de Ataque de EN4. Assim, a Avaliação Final de EN3 – *dava cada sova ao Pedro // que não queira saber //* - torna-se o Resumo do EN4, que será desenvolvido através da narração de um episódio exemplificativo desta afirmação. Este imbricar de um EN no outro é também evidente na necessidade da narradora em, no final de EN4, introduzir uma breve excursão narrativa, já fora do tempo e espaços do mundo diegético de EN4, que conduz a uma Resolução/Coda válidas para EN3 e EN4.

Mas voltando ao início de EN4, depois da Orientação Geral que introduz a personagem principal através de um anafórico e uma localização temporal vaga – (166)

---

<sup>25</sup> Jubran (2006: 328 e seguintes) inclui este tipo de parêntesis no conjunto daqueles que focalizam o conteúdo tópico, mantendo a sua proximidade ao tópico discursivo em desenvolvimento e assegurando a inteligibilidade e aceitabilidade do texto. No presente caso, a sua identificação decorre de dois factores: da alteração das coordenadas enunciativas (a conversa decorre entre alocutários, e já não entre as personagens ou narrador-narratários); do carácter metacomunicativo deste segmento conversacional com que se pretende explicitar, quer o valor semântico do item lexical chave – *sova* –, quer o valor do acto comunicativo realizado pelo enunciado em discurso directo. Em termos narrativos, as explicações de BEA correspondem a uma Orientação de *Background* válida para ambos os ENs.

*a última vez já ele era muito crescido* –, surge um novo parêntesis focalizador, composto por uma Expressão de Modalização Afectiva Interpessoal com estatuto de Pré-anúncio, que apela para a atenção do interlocutor para o que se vai narrar – (166) *sabe o que eu fiz?* –.

No entanto, apesar da expectativa aberta pelo referido parêntesis em relação ao início da Acção, BEA recorre a uma estratégia de criação de *suspense* ao retomar a Orientação. Assim, em vez de avançar com os acontecimentos, vai apresentar a situação inicial e distribuir as personagens pelo espaço diegético – (167) *estava ali a / senhora na sala / casa de jantar //* (168) *ele andava aqui / a chatear-me / assim / assado / assim de espera //* –. O uso de formas aspectuais imperfectivas (imperfeito do indicativo e construção perifrástica com o operador aspectual de leitura habitual – *andar a* –) vêm reforçar a ideia de se estar perante uma situação em aberto, que a locução adverbial – *de espera* – e a expressão vaga – *assim / assado* – sublinham.

A passagem para a Acção só ocorre no enunciado – (169) *fugiu para cima da cama da mãe //* –, sendo marcada pelo uso de um verbo de acção num tempo perfectivo. Já no enunciado seguinte – (170) *agarro na vassoura / hhh /* – a narradora sublinha a importância do acontecimento na Sequência Narrativa ao utilizar o presente na encenação do ocorrido. Desta forma, passa de uma perspectiva temporal do narrado para uma perspectiva de “presentificação” do mesmo (Quasthof, 1980, 1987), isto é, passa do tempo/espaço da narrativa para o tempo/espaço da Encenação<sup>26</sup>. O retorno ao pretérito perfeito simples no enunciado seguinte – (170) ... *hhh / ele levou uma vassourada e caiu-lhe na mão //* – corresponde à retoma da perspectiva do narrador.

Por outro lado, a repetição contígua do segmento final do enunciado anterior – (171) *caiu-lhe na mão /* – reitera o resultado da Acção principal, funcionando, agora, como explicação para a ocorrência daí resultante – (171) *ele começou a chorar //* –. Repare-se que esta é apresentada como um evento iniciado e não concluído através do valor aspectual inceptivo do verbo <começar>. Desta forma, a narradora sinaliza que

---

<sup>26</sup> Se no enunciado anterior o uso do Pretérito Perfeito Simples está ancorado no presente da situação de enunciação e, como tal, denuncia o conhecimento do narrador dos acontecimentos ocorridos posteriormente, no enunciado em que ocorre o uso do Presente o narrador coloca-se na perspectiva daquele que se encontra numa situação inacabada, sem saber o que vai acontecer de seguida e, desta forma, recria o acontecido como se o voltasse a vivenciar. Esta questão será desenvolvida no capítulo 4, secção 4.3.6.1.

não estamos perante o Resultado final dos acontecimentos, orientando as expectativas do interlocutor para a continuação da narração, e, como tal, para o verdadeiro desfecho. Este, tal como o clímax da Acção, também é dramatizado, agora através do recurso ao discurso directo na voz da personagem central – (172) *pois / mãe # / a mãe é que tem a culpa // (173) a mãe deixa-a fazer isto //* –.

Há ainda que realçar a repetição do sintagma nominal – *a mãe* – com valor de reforço e que na matriz surge no escopo de – *é que* –. Através desta construção de clivagem com um valor contrastivo, o sintagma nominal destacado adquire um carácter de exclusividade em relação a qualquer outro potencial elemento que pudesse com ele concorrer. É – *a mãe* –, e só ela, a responsável pelo sucedido.

O enunciado seguinte, correspondendo a uma Orientação de *Background*, – (174) *chorava muito / coitadinho //* – permite a BEA caracterizar o estado da personagem principal, e, ao mesmo tempo, fazer uma Avaliação Final do Resultado da narrativa através do diminutivo do nome de qualidade – *coitado* – revelando proximidade afectiva com o rapaz.

Com o enunciado seguinte – (175) *e agora já disse à namorada / que eu que lhe batia muito //* – iniciado com o sequenciador – *e* – seguido do déictico temporal – *agora* –, ancorado no presente da situação de comunicação, BEA retorna à situação de enunciação anterior à introdução do turno narrativo, sinalizando a possibilidade de entrega da palavra.

No entanto, a ratificação do turno narrativo pela interlocutora através do riso, leva BEA a fazer uma Avaliação Final do narrado com valor conclusivo – (177) [*<*] *< e então essa da vassourada / é que ele não se esquece >* // –. Nela, é possível identificar uma dupla focalização do elemento que resume a história narrada – *a vassourada*. Por um lado, através da expressão anafórica focalizadora – *então essa de* –, composta pela partícula modal – *então* – e pelo demonstrativo seguido da preposição, e por outro, através da construção clivada com – *é que* –.

O enunciado seguinte, que corresponde a uma paráfrase explicativa da acção principal – (178) *voou para cima da cama / a julgar que eu que não chegava lá //* – resume o ocorrido da perspectiva da personagem principal. Esta retoma da narrativa é encerrada por uma expressão de modalidade avaliativa de cariz conclusivo – *< essa é que eu achei mais piada // hhh >* / – construída a partir de um demonstrativo anafórico em posição de destaque, que refere a história na sua totalidade, seguido da partícula

modal – *é que* – (Franco, 1991) e de uma combinação lexical composta pelo verbo modal epistémico de opinião < achar >, seguido do nome – *piada* –<sup>27</sup>.

#### **3.1.1.4. Sistematização dos Resultados e Conclusões Preliminares**

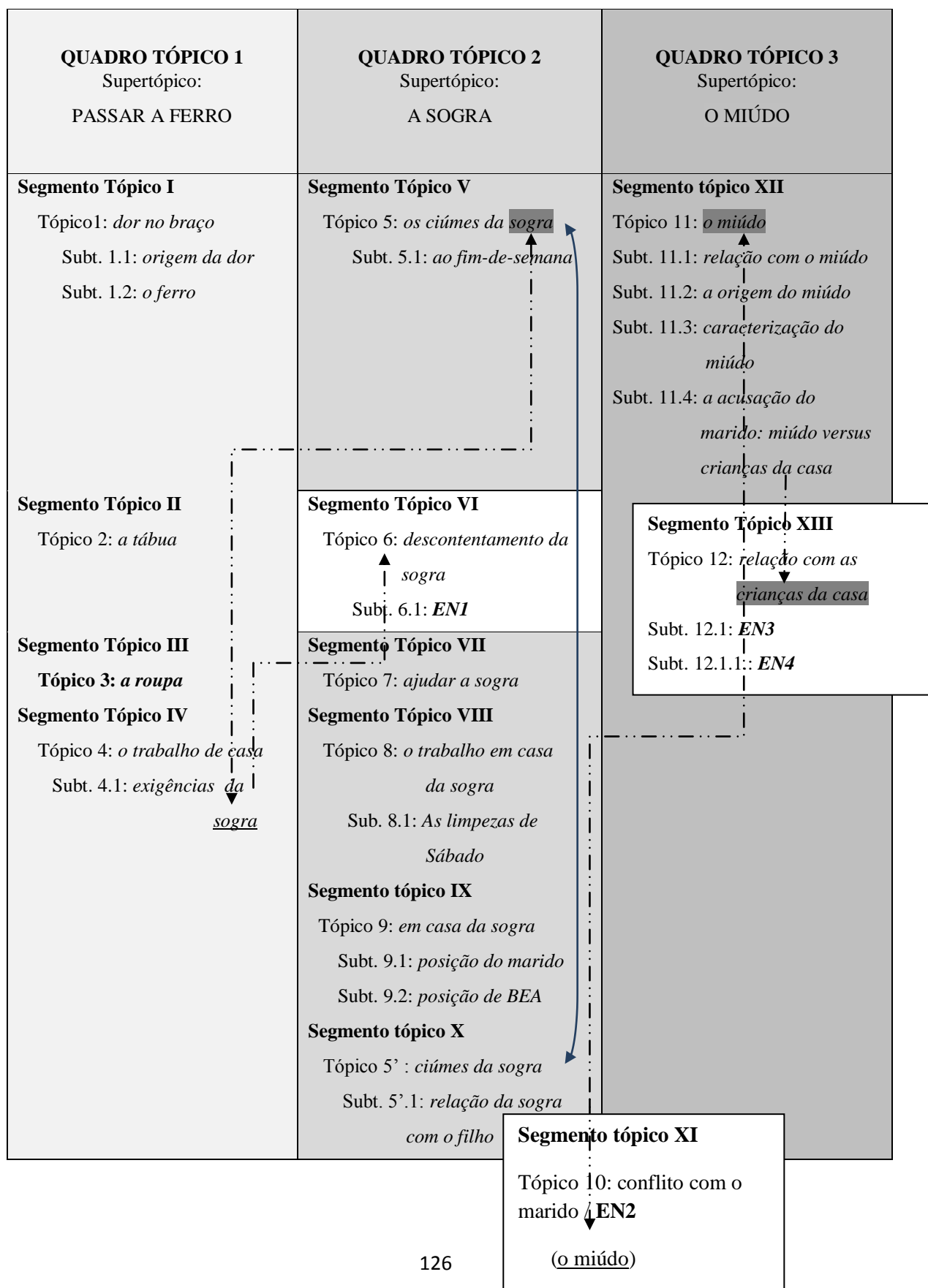
O quadro seguinte (Quadro 18) sistematiza o processo de progressão tópica analisado até ao momento, procurando integrar o surgimento dos ENs na lógica de desenvolvimento da interacção oral.

---

<sup>27</sup> Poder-se-ia argumentar que estaríamos perante uma “colocação verbal” com verbo modal, considerando “colocação” um fenómeno de co-ocorrência restrita de duas ou mais unidades lexicais. A combinação “achar piada” surge lexicalizada no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001: 2848) sob a entrada referente ao lexema “piada”.

Quadro 18

Sistematização do Processo de Progressão Tópica da Conversação



A partir do Quadro 18 é possível observar que a estruturação hierárquica dos tópicos em presença corresponde a diferentes níveis de particularização de aspectos do tópico em construção. Assim, por exemplo, no caso do Tópico 11 – O miúdo – temos 4 Subtópicos sujeitos a diferentes extensões de desenvolvimento informacional, mas correlacionados entre si por um tópico mais abrangente de que são co-constituintes. No entanto, uma análise mais fina poderia permitir a identificação de outros níveis hierárquicos inferiores no seio de alguns dos subtópicos. Por exemplo, no caso do subtópico 11.2. – A origem do miúdo – seria possível distinguir entre as informações referentes à “antiguidade” da presença do miúdo (11.2.1.) e aquelas que se referem à morte da mãe do miúdo (11.2.2.).

Como propõe Jubran (2006:96) as relações de interdependência entre os níveis hierárquicos de organização tópica dão origem a Quadros Tópicos centrados num tópico mais abrangente, o Supertópico, que recobre e delimita a porção de texto em que é elemento focal<sup>28</sup>. Na interacção analisada foram identificados 3 Quadros Tópicos em torno de 3 Supertópicos: Passar a ferro ; A sogra ; O miúdo.

Há ainda Segmentos Tópicos que parecem situar-se entre dois Quadros Tópicos, num território de transição para a qual contribuem activamente. Veja-se o caso do Tópico 10 que corresponde ao segundo EN: introduzido “abruptamente” na conversação, este EN “nasce” das queixas de BEA relativas à sogra, mas centra-se num conflito com o marido, que, como objecto de discurso, havia sido introduzido pela primeira vez em 9.1. Além disso, refere, incidentalmente, um novo objecto de discurso – o miúdo – que, posteriormente, se tornará tópico conversacional. Também em relação ao tópico 12 – as relações com as crianças da casa – parece haver, no desenvolvimento dos dois ENs em presença, uma refocalização da atenção dos interlocutores. Na verdade, se este tópico nasce no seio de uma sequência argumentativa, em que BEA procura refutar a acusação de preferir o sobrinho em relação às crianças da casa em que

---

<sup>28</sup> Jubran (2006: 96, 97) considera uma construção hierárquica de Tópicos que repete o mesmo modelo em todos os níveis. Assim, considerando uma cadeia vertical de Tópicos do tipo A, B e C, em que A corresponde ao tópico superior ou Supertópico, B seria um Subtópico de A ao mesmo tempo que Tópico de C. Cada uma destas relações abriria um quadro tópico cujo estatuto concreto seria determinado pelo nível de hierarquia que estiver a ser observado. Além disso, este Quadro Tópico pode ser enquadrado num outro de nível superior. Subscrevendo o tipo de análise das relações hierárquicas intertópicos, preferimos, no entanto, guardar a noção de Quadro Tópico para o conjunto de Segmentos Tópicos sob o mesmo Supertópico.

trabalha, acaba por se constituir foco conversacional já no segundo EN, o que é evidente no destaque que as Avaliações Finais dão à relação de BEA com Pedro e no apagamento de qualquer referência à acusação do marido, que ainda havia sido tema em EN3.

Ainda em relação ao enquadramento dos quatro ENs na hierarquia da organização tópica é possível observar que tanto podem surgir como subtópico com valor exemplificativo, como em 6.1 e 12.1, como constituem um tópico por si, como em 10, ou fazem parte de um outro subtópico como em 12.1.1 (neste caso, porque EN4 é introduzido para confirmar a validade de uma afirmação feita, anteriormente, em EN3).

No que se refere à linearidade da organização tópica, pudemos identificar diferentes formas de transição:

1. Transição entre Quadros ou Segmentos Tópicos com o esgotamento do tópico anterior e abertura do seguinte.

Nestes casos, o locutor pode recorrer a um conjunto vasto de estratégias de entrega de vez:

- Repetição ou paráfrase de enunciados focais utilizados na abertura do Quadro / Segmento Tópico ou em pontos-chave do texto.
- Ocorrência de pausas não preenchidas ou de formas de preenchimento que promovem o apagamento do foco da conversação como o riso ou expressões interjectivas.

Exemplo: *coitado /*

- Utilização de marcadores conversacionais topográficos finais que encaminham a conclusão do tópico ou promovem a entrega de turno.

Exemplo: *e então /... ; e pronto //*

Alguns dos marcadores conversacionais utilizados podem ter como constituintes palavras e expressões de linguagem vaga, cujo esvaziamento semântico sinaliza o esgotamento informacional do segmento tópico que finalizam.

Exemplo: *e é assim //*

- Utilização de expressões avaliativas com valor resumitivo e/ou conclusivo que correspondem a combinatórias lexicais com um certo grau de fixidez.

Exemplo: *não tem graça nenhuma /*

Estas expressões podem ter, entre os seus constituintes, elementos anafóricos que remetem para o dito anteriormente, sublinhando não haver informação nova sobre o mesmo.

Exemplo: *isso é que não // ; essa é que eu achei mais piada //*

— Entoação descendente dos enunciados finais.

## 2. Descontinuidade entre tópicos quer por Ruptura, quer por Inserção quer por Expansão<sup>29</sup>.

- Ruptura: neste caso temos a introdução de um tópico na conversação que não se chega propriamente a desenvolver uma vez que o interlocutor muda o foco para um outro tópico. No exemplo seguinte, BEA abandona rapidamente o tópico 7, centrado no trabalho sogra, para focalizar a conversa no seu próprio trabalho:

Tópico 7: A ajuda da sogra	I10: <i>e ela não ajuda nada / lá em casa ?</i> <i>Ø faz / faz o serviço dela /</i>
Tópico 8: O trabalho em casa da sogra	BEA: <i>então eu não sujo nada //</i> [...]

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

- Inserção: a inserção corresponde a um esquema do tipo A-B-A, em que A continua a ser desenvolvido após o parêntesis criado por B. Na interacção, o Tópico V, relativo aos ciúmes da sogra, instala um novo foco na conversação, abandonado-se o subtópico anterior: as exigências da sogra. Com o EN2, no Segmento Tópico 6, BEA retoma a mesma questão.

---

<sup>29</sup> Optou-se por adoptar a terminologia proposta por Jubran (2006). Alterações ou diferenças de conteúdo serão explicitadas sempre que ocorram.

- Expansão: a expansão diz respeito ao desenvolvimento posterior de dados mencionados de passagem anteriormente. Na interacção analisada foram examinados dois casos: a referência às exigências da sogra, no subtópico 4.1, resulta na transformação do objecto de discurso assim introduzido – sogra – em foco dos segmentos tópicos seguintes. Também o objecto de discurso – miúdo –, mencionado, pontualmente, no Segmento Tópico 12, vai passar para primeiro plano já no Segmento Tópico seguinte.

No que diz respeito directamente aos ENs introduzidos, verifica-se que:

- EN1 surge no terceiro movimento de uma inserção, ainda que se tenha alterado o foco: se existe, a nível de conteúdos, uma retoma do subtópico 4.1. as exigências da sogra quanto ao trabalho de BEA em casa, agora é o descontentamento da sogra em relação a esse trabalho que está no foco dos interlocutores. Assim, através de um movimento de tópico, BEA faz deslizar a atenção da interlocutora do seu trabalho (o que corresponde ao abandono do supertópico anterior) para os sentimentos de ciúme da sogra face ao mesmo, colocando – a sogra – no centro da conversação e sublinhando a sua constituição como novo supertópico. Há ainda que mencionar que este movimento ecoa, por outro lado, o mesmo tipo de sentimento negativo que, no tópico anterior, havia sido imputado à sogra: o ciúme (ali, face aos filhos). Após uma avaliação hiperbólica que funciona como uma espécie de Resumo / Mote do EN a introduzir, a sequência narrativa arranca com dois localizadores temporais que fundam o tempo da diegese.
- EN2 é introduzido sem qualquer actividade preparatória após o encerramento do Tópico 10, parecendo ter sido motivado pelo envolvimento emocional de BEA no segmento tópico anterior (o que também vai de encontro à sua função catártica). Como em EN1, temos elementos referentes ao tempo e à situação inicial a abrir a narrativa. Todo o enunciado corresponde a um Segmento Tópico autónomo.

EN3 e EN4 estão no centro de um movimento de tópico que aponta, também, para uma mudança de Quadro Tópico: enquanto EN3 surge como forma de argumentação contra uma acusação referida no subsegmento tópico 11.4. (embora indo de encontro a uma proposta de novo tópico por parte da interlocutora), EN4 institui já um novo objecto de discurso – as crianças da casa – e, por metonímia, – Pedro – como foco conversacional.

Deixaram-se de fora as fórmulas de introdução e encerramento dos ENs enquanto unidades textuais uma vez que, como pretendemos demonstrar na próxima secção, têm que ser lidas no quadro de um Contrato Comunicacional Narrativo estabelecido entre os interlocutores presentes na interacção oral.

### 3.2. A Dimensão Interaccional da Narrativa

Durante uma interacção oral, a introdução de uma Narrativa obriga o futuro narrador a negociar com o interlocutor o novo acto de enunciação que pretende realizar. Esta negociação submete-se a um protocolo contratual (Bres, 1994) através do qual o locutor, para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, tenta motivar o outro a aceitar o EN, convencendo-o da sua relevância para a interacção em curso, bem como prepará-lo para a sua realização.

O grau de formalização deste Contrato Comunicacional Narrativo, daqui para a frente mencionado como CCN, com um prazo de validade equivalente ao tempo de duração do EN (incluindo aqui todos os movimentos de cariz avaliativo que podem ocorrer após o desfecho da narração), parece ser condicionado, sobretudo, pelas coordenadas contextuais da situação de enunciação. Dependendo do tipo de interacção<sup>27</sup> (Entrevista, Conversa Informal, Diálogo em Serviços, etc.) e do papel e posição social dos intervenientes, o futuro narrador sentirá maior ou menor necessidade de negociar o domínio, ainda que momentâneo, do espaço e tempo de interacção.

Em trabalhos anteriores (Morais, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b), procurámos demonstrar que, no conjunto de macroproposições que constituem o EN, aquelas que estão directamente envolvidas na efectivação do referido contrato são o Ataque e a Coda. Neste capítulo vamos, então, proceder:

1. à caracterização do protocolo do CCN, descrevendo os movimentos da sua realização e identificando os actos comunicativos que lhe dão corpo;
2. à caracterização das estratégias de abertura e encerramento do EN e respectivas macroproposições: Ataque e Coda.

---

<sup>27</sup> Para estudos sobre ENs produzidos em situação de Entrevista ver o trabalho pioneiro de Labov & Waletzky (1974 1967), Labov (1972) para o inglês. Para o português, ver Moraes (2002 e seguintes) e Almeida (2005). Em relação a ENs produzidos em situação Conversa Informal a bibliografia multiplica-se, realçando-se aqui os trabalhos Tannen (1982, 1986 e 2000 1989), Georgakopoulou (1997), Norrik (2000). Para o português: Moraes (2002 e seguintes), Rodrigues (2003) e Almeida (2005). No que se refere a ENs produzidos em situação de Diálogo em Serviços ver Quasthof (1980).

### 3.2.1. O Contrato Comunicacional Narrativo

A noção de Contrato Comunicacional aqui utilizada, perfilhando a proposta por Charaudeau (1989: 4), corresponde à abertura de um quadro de participação subjectivo no qual os interlocutores constroem o(s) sentido(s) do(s) enunciado(s) de acordo com intenções e interesses recíprocos. Este quadro inclui, para além da intencionalidade que subjaz ao acto de comunicar, todas as representações de formas de comportamento socioculturalmente definidas e aplicáveis à situação de enunciação em que os intervenientes se encontram<sup>28</sup>.

Assim, o Contrato Comunicacional depende do espaço social em que ocorre a interacção, espaço no qual se constituem as identidades e os estatutos dos interlocutores, tendo por referência quer a construção da sua imagem pública<sup>29</sup> quer a sua familiaridade com o evento comunicativo em que participam e com as respectivas rotinas do seu funcionamento. Por outro lado, o mesmo contrato depende também daquilo que é construído no espaço interno do acto comunicativo, de acordo com os comportamentos comunicativos esperados e objectivamente realizados.

No caso dos ENs introduzidos em situação de interacção oral, o CCN terá que justificar a alteração das coordenadas enunciativas anteriores, favorecendo, em termos espacio-temporais, um dos interlocutores. Concordar com a inserção de um EN na conversação significa, ainda que temporariamente, abandonar o estatuto de co-enunciador até aí em vigor, e aceitar um novo - o de Narratário(s) - que coloca constrangimentos ao direito e às formas de tomada de turno. Mas o “desnível” de poderes que daí decorre é apenas aparente. Por contrapartida, o recém-constituído Narrador é obrigado a conceder ao(s) seus ouvintes o direito de, em última instância, ratificar (ou não) a pertinência da introdução do EN na interacção. E isso tanto pode ocorrer durante a narração como no seu final.

---

<sup>28</sup> Charaudeau (1989) fala de uma dupla dimensão do Contrato Comunicacional: por um lado, este define-se pela finalidade interaccional do acto comunicativo, procurando responder a questões do tipo: – Estamos aqui para dizer o quê? Para trocar o quê? –; por outro, define-se pela forma como se deve “realizar” o mesmo acto comunicativo: – Como devemos falar aqui? Qual o papel discursivo que devemos adoptar? –.

<sup>29</sup> A noção de imagem aqui utilizada corresponde a uma idealização (Goffman, 1973) pois está directamente relacionada com a imagem que o indivíduo pretende dar de si durante a interacção com o(s) outro(s). Na prática corresponde à representação si próprio e do papel que se esforça por viver e com o qual gostaria de ser identificado.

Se, como realça Labov (1972), cada um dos módulos textuais que compõe a estrutura prototípica da narrativa oral procura responder a uma potencial pergunta do narratário, (ver Quadro 19, abaixo) o conjunto de questões daí resultante pode ser visto como uma espécie de “ficha de controlo” em que aquele se apoiará para controlar a realização e validar a pertinência do EN para a conversação. Da eficácia das respostas depende a manutenção do interesse do ouvinte pela narrativa e a legitimação da apropriação do espaço enunciativo pelo narrador.

#### Quadro 19

##### Macroproposições do EN e respectivas Funções Discursivo-pragmáticas

<b>ATAQUE</b>	<i>De que é que se trata?</i>
<b>ORIENTAÇÃO</b>	<i>O quê, quem, onde e quando?</i>
<b>ACCÃO</b>	<i>O que é que aconteceu?</i>
<b>RESOLUÇÃO</b>	<i>Como é que acabou? O que é que aconteceu no fim?</i>
<b>CODA</b>	<i>Já terminou?</i>
<b>AVALIAÇÃO</b>	<i>E então? O que é que isso interessa?</i>

No conjunto das macroproposições e das suas funções discursivo-pragmáticas, há que, como já foi referido no capítulo 2, destacar a Avaliação, que aqui é considerada quer enquanto um dos módulos finais do EN, resumindo e/ou sublinhando o sentido do narrado, quer enquanto estratégia transversal de construção da intencionalidade narrativa, contribuindo activamente para uma leitura conforme aos objectivos comunicacionais da sua inserção na interacção. Uma resposta negativa à pergunta – *E então? O que é que isso interessa?* – corresponde a uma avaliação negativa do EN e à sua não-ratificação por parte do interlocutor.

### 3.2.1.1. O Protocolo de Negociação do Contrato Comunicacional Narrativo

Em Morais (2005a)<sup>30</sup> procurámos estabelecer o protocolo de negociação subjacente ao CNN, dando conta dos movimentos realizados pelos interlocutores na sua concretização. Para tal, partimos da hipótese, levantada por Bres (1994), da existência de um protocolo contratual para a introdução de um EN numa situação de interacção oral<sup>31</sup>. A aplicação posterior do modelo então desenvolvido a outros exemplos do *corpus* levou a uma revisão do mesmo. De seguida, proceder-se-á à sua apresentação esquemática e exemplificação. Por último, considerar-se-ão variantes, mais ou menos compactadas, do mesmo protocolo e procurar-se-á justificar essas ocorrências.

#### Quadro 20

##### Protocolo de Negociação do Enunciado Narrativo

- |   |
|---|
| <p><b>M1</b> Movimento de Anúncio do EN</p> <p><b>M2</b> Movimento de Justificação do EN</p> <p><b>M3</b> Movimento de Negociação do Acordo:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>(i) Pedido de Acordo Explícito</li><li>(ii) Entrega da Decisão ao Interlocutor</li></ul> <p><b>M4</b> Movimento de Aceitação do Interlocutor</p> <p><b>M5</b> Início da Narrativa: Orientação</p> <p><b>M6</b> Movimento de Ratificação do EN</p> <ul style="list-style-type: none"><li>(i) Negociação da novidade/relevância</li><li>(ii) Avaliação Final</li></ul> |
|---|

<sup>30</sup> Nesse estudo analisámos, contrastivamente, dois exemplos de EN: um em que o protocolo era respeitado e um segundo em que houve uma violação explícita do mesmo. Pretendia-se demonstrar em que medida o locutor tinha consciência dessa ruptura (e logo, da existência de regras e da sua infracção) e quais as estratégias pragmático-discursivas a que recorria para atenuar o ‘acto de ameaça de face’ do interlocutor que cometeu.

<sup>31</sup> Segundo Bres (1994) a negociação do EN obedece a um protocolo constituído, numa versão mais elaborada, por cinco elementos: 1) anúncio da novidade (*l’annonce de nouvelle*); 2) questão sobre a participação do narrador (*la question sur la participation*); 3) pedido para narrar (*la requête*); 4) verificação da novidade para o narratário (*la verification*); 5) justificação (*la justification*). Centrado na questão da novidade do EN para o narratário, o protocolo que este autor propõe não só deixa de fora um conjunto significativo de ENs em que este critério não tem relevância, como não parece dar conta de todos aspectos interaccionais que regulam a negociação do CCN.

Em relação ao esquema proposto em Morais (2005a) acrescentou-se o movimento M6, que inclui quer os dados de ratificação final do CCN, quer qualquer movimento que possa pôr em causa a pertinência do EN quanto ao valor de novidade do mesmo.

Observe-se, agora, o funcionamento deste protocolo. O exemplo seleccionado corresponde à interacção A479 que foi indexada como pertencendo ao domínio privado informal.

### **3.2.1.2. Exemplo de Funcionamento do Protocolo do Contrato Comunicacional Narrativo**

#### **3.2.1.2.1. Caracterização Sociolinguística da Interação**

A narradora tem 42 anos, é psicóloga e a sua produção linguística revela marcas sociolectais que a filiam num grupo de classe média urbana da região de Lisboa. A sua interlocutora principal, responsável pela gravação da interacção, está na casa dos 20 e tem também uma formação superior. Os restantes interlocutores interferem pontualmente na conversação.

Quanto à situação de enunciação, não é possível identificar o espaço físico da interacção. Há muito à vontade entre os participantes, que se referem de uma forma jocosa à situação de gravação. A ironia pauta toda a interacção.

No que se refere ao grau de proximidade entre os presentes, ocorre alguma variação. I10 e GRA tratam-se por você e a segunda apenas inicia o EN com a anuência explícita de I10. Em relação aos restantes interlocutores, a conversa é dominada por GRA que não só lhes impõe a segunda narrativa, como elimina qualquer oposição à sua prossecução.

#### **3.2.1.2.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação**

O EN em análise é o segundo que surge na interacção. GRA, no seguimento da história familiar de cariz anedótico que contou antes, pretende introduzir uma anedota sobre o racismo dos portugueses. Trata-se de um EN de Ruptura de Plano de

Observador<sup>32</sup> com uma função lúdica: embora o narrador não intervenha nos acontecimentos narrados, considera que a sua narração contribui de uma forma positiva para a interacção em que participa.

Em termos de estrutura narrativa, o EN corresponde a uma sequência de seis mini-cenas dramatizadas, construídas sobre um mesmo esquema de desenvolvimento, com a seguinte configuração:

Ataque (negociação da introdução da anedota) / Avaliação – (Cena 1) Orientação Geral – Acção – [sequência intercalada – nova negociação] – Acção 1 com dramatização – [sequência intercalada - negociação] – Acção1 (retoma) – Orientação Local – (Cena 2) Acção 2 com dramatização – Avaliação – Orientação de *Background* – (Cena 3) Acção 3a com dramatização – [sequência intercalada - negociação] – (Cena 4) Orientação Local – Acção 3b com dramatização – (Cena 5) Orientação Local – Acção 3c com dramatização – (Cena 6) Orientação Local – Acção 3d: dramatização (corresponde à “*pointe*” da anedota) – Avaliação (externa) – Coda/Avaliação Final.

#### Transcrição do EN2 da Interacção A479 pi-casa e família

	[...]
127	GRA: / eu já disse //
128	eu já disse quinhentas palavras //
129	< hhh / acabou-se > //
130	XYZ: [< < hhh > /
131	ABC: [< < hhh > /
132	I10: [< < hhh > sabe-se lá se disse / se pode ... agora tanto faz //
133	GRA: quer que eu conte outra história do mesmo < género / hhh > ?
134	I10: [< < hhh / XXX > /
135	XYZ: [< < hhh / e para que é > / e para que é as quinhentas palavras ?
	%exp: (130-136) hhh → riso
136	isso é que me faz confusão //
137	isso é < XXX > /
138	I10: [< < as quinhentas > palavras é por uma questão de: /
139	XYZ: pois / não são quinhentas / claro //
140	é ...
141	I10: não // quinhentas palavras gráficas //
142	ABC: pois //

<sup>32</sup> Ver capítulo 2, secção 2.2.3.3.

143	I10:	<i>/ e mais nada //</i>
144		<i>quer dizer / tinha que se seguir um critério / de qualquer das maneiras //</i>
145	XYZ:	<i>pois claro //</i>
146		<i>portanto pode ser mais / pode ser um bocado menos ...</i>
147	GRA:	<i>&lt; então vou contar uma anedota //</i>
148		<i>a melhor anedota do ano &gt; //</i>
149	*I10:	<i>[&lt;] &lt; não / não //</i>
150		<i>são as quinhentas / XXX &gt; do computador //</i>
151	*XYZ:	<i>ah / está bem //</i>
		<i>%par: está bem → 'tá bem</i>
152		<i>então terão que ser mais //</i>
153	GRA:	<i>&lt; terão que ser mais / e eles aproveitam umas &gt; //</i>
154	XYZ:	<i>/ [&lt;] &lt; em princípio terão que ser mais &gt; //</i>
155		<i>e aproveita &lt; quinhentas / é isso &gt; ?</i>
156	I10:	<i>&lt; não / porque aproveitou &gt; o troço inteiro //</i>
157		<i>quer dizer / aproveitou o troço [/] quer dizer / posso começar um bocadinho antes</i>
		<i>/ ou um bocadinho depois //</i>
158		<i>mas de qualquer das maneiras [/] quer dizer / aproveitou sempre um [/] uma</i>
		<i>coisa: / de conversa inteira //</i>
159	XYZ:	<i>pois / estou a perceber //</i>
160		<i>e / isso significa que uma conversa / necessariamente tem mais &lt; de quinhentas</i>
		<i>palavras //</i>
161		<i>é evidente &gt; //</i>
162	I10:	<i>[&lt;] &lt; pois / quer dizer e mais um bocadinho //</i>
163		<i>que é para XXX &gt; /</i>
164	GRA:	<i>então eu conto uma anedota / &lt; que é a melhor anedota do ano //</i>
165		<i>e dá quinhentas palavras &gt; //</i>
166	XYZ:	<i>[&lt;] &lt; XXX &gt; / mas / ó: Cinha / já agora uma anedota / daquelas / &lt; XXX &gt; /</i>
167	GRA:	<i>[&lt;] &lt; não //</i>
168		<i>esta anedota é / é boa //</i>
169		<i>é boa de &gt; +</i>
170		<i>era //</i>
171		<i>até / até te vais rir //</i>
172	I10:	<i>e eu oiço / não se esqueça //</i>
173	GRA:	<i>não me esqueço //</i>
174	I10:	<i>hhh /</i>

		%exp: hhh → riso
175	GRA:	<i>&amp;ah: / hoje /</i>
		%par: hoje é realizado num tom de chacota.
176	I10:	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
177	XYZ:	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
		%exp: (176/177) hhh → riso
178	GRA:	<i>estavam uns sujeitos / num avião //</i>
179		<i>e aquilo havia uma tempestade horrível //</i>
180		<i>e chegaram à conclusão / que era peso de mais //</i>
181		<i>e que um dos tipos tinha que ir / out # //</i>
182		<i>fora // hhh /</i>
		%exp: hhh → riso
183		<i>&lt; fora &gt; //</i>
184	ABC:	<i>mas olha / eu conheço isso / é com o português / o alemão / um polaco / o etc. /</i>
		<i>hhh / essas coisas / &lt; hhh &gt; /</i>
		%exp: hhh → riso
185	I10:	<i>[&lt;] &lt; tu / cala-te //</i>
186		<i>tu XXX &gt; /</i>
187	GRA:	<i>[&lt;] &lt; que chato //</i>
188		<i>o / o menino é capaz de estar calado &gt; ?</i>
189	ABC:	<i>hhh /</i>
		%exp: hhh → riso
190	GRA:	<i>/ agora quem fala sou eu / &lt; que tenho de dizer quinhentas palavras / e isto</i>
		<i>custa um bocado &gt; //</i>
191	ABC:	<i>[&lt;] &lt; XXX &gt; /</i>
192	GRA:	<i>e então / &amp;ah: / o / o americano / e o sul americano / sei lá [/] ah / vai o preto</i>
		<i>[/] ia um preto [/] vai o &lt; preto fora &gt; //</i>
193	ABC:	<i>[&lt;] &lt; hhh &gt; /</i>
		%exp: hhh → riso
194	GRA:	<i>já sabe ?</i>
195	ABC:	<i>não // hhh /</i>
		%exp: hhh → riso
196	GRA:	<i>não sabe ?</i>
197		<i>&amp;ah: / vai o preto / o preto é que vai fora //</i>
198		<i>e o alemão / ah pois / também concordo que seja o preto //</i>
199		<i>e o português disse //</i>
200		<i>não senhor //</i>

201 *pois eu não concordo //*

202 *porque eu # / não sou racista //*

203 *porque na minha terra / não há ninguém que seja racista //*

204 *os portugueses não são racistas //*

205 *e portanto / isto / vai-se / fazer / por outro processo //*

206 *um processo honesto //*

207 *um processo legal //*

208 *eu vou fazer uma pergunta a cada pessoa //*

209 *e aquele que não responder / esse # / é que vai pela janela fora //*

210 *os outros ficam # //*

211 *&poi / está bem //*

*%par: está bem → 'tá bem*

212 *se o senhor acha isso //*

213 *os outros envergonhados de serem racistas / não era ?*

214 *o americano a disfarçar //*

215 *< o sul americano a disfarçar //*

216 */ e então > / &ah:/ o tipo diz assim //*

217 XYZ: *[<] < ah / eu sei dessa / eu sei // hhh > /*

218 GRA: *volta-se para o &ameri [/] para o americano / e diz //*

*%par: para o → p'ó ; para o → p'r'ó*

219 *quem ganhou a última guerra ?*

220 *# o tipo / os americanos //*

*%par: o primeiro segmento é produzido rapidamente; o discurso directo é realizado num tom mais forte e assertivo.*

221 *muito bem //*

222 *muito bem //*

223 *sim senhor //*

224 *foram os americanos / sim senhor //*

225 *pronto //*

*%par: os enunciados 222 - 225 são dramatizados: produzidos num tom enfático.*

226 *depois voltou-se / para o sul-americano //*

*%par: para o → p'r'ó*

227 *e oiça uma coisa //*

228 *onde é que deitaram: / a bomba atómica: / tal / tal ...# //*

229 *em: / Hiroxima //*

230 *muito bem //*

231 *muito bem //*

232		<i>Hiroxima //</i>
233		< <i>exactamente</i> > //
		%par: enunciados 228 - 234 são dramatizados: produzidos num tom enfático.
234	I10:	[<] < <i>hhh</i> > /
		%exp: <i>hhh</i> → riso
235	GRA:	/ <i>está certo</i> //
236		<i>está certíssimo</i> //
		%par: enunciados 236-237 são dramatizados: produzidos num tom enfático.
237		<i>depois voltou-se para o alemão //</i>
		%par: <i>para o</i> → <i>p'ó</i>
238		<i>e quantas pessoas morreram /&amp;ah: / com a bomba / em Hiroxima ?</i>
239		<i>um milhão de pessoas # //</i>
240		<i>um milhão / exactamente //</i>
241		<i>muitíssimo bem //</i>
242		<i>está certo //</i>
243		<i>está bem # //</i>
		%par: enunciados 241-244 são dramatizados: produzidos num tom enfático.
244		<i>&amp;ah: / voltou-se para o preto //</i>
		%par: <i>para o</i> → <i>p'ó</i>
245		<i>nomes e moradas ?</i>
246	I10:	< <i>hhh</i> > /
247	XYZ:	< <i>hhh</i> > /
248	ABC:	< <i>hhh</i> > /
249	I10:	<i>hhh / que horror / que má // &lt; hhh &gt; /</i>
250	XYZ:	[<] < <i>hhh</i> > /
251	GRA:	[<] < <i>os portugueses não são racistas / filha // hhh</i> > /
		%exp: (247-252) <i>hhh</i> → riso

Extracto da interacção A479 pi-casa e família

### 3.2.1.2.3. Análise do Enunciado Narrativo

Após haver narrado uma história de família de cariz anedótico, GRA começa por ceder a vez a outros participantes na interacção. No entanto, como há um claro impasse quanto a quem é que vai tomar o seu lugar de interlocutor principal, decide, ao fim de algum tempo, retomar a palavra e propor a realização de um segundo EN.

Com o enunciado – (133) *quer que eu conte outra história do mesmo < género / hhh >* – GRA realiza o primeiro e o terceiro movimentos do CCN: anuncia a sua vontade de narrar algo (M1) e pede o acordo explícito da interlocutora para o fazer (M3). Neste processo recorre a um Anúncio<sup>33</sup> (Rehbein, 1981) do EN, composto por uma interrogativa polar com verbo modal volitivo seguido de uma frase completiva de complemento directo. Esta última é construída a partir de um verbo declarativo típico de enunciado narrativo <contar> com argumento externo explícito, e por um sintagma nominal em posição de complemento directo, com uma referência explícita à narrativa a introduzir – *outra história do mesmo género* – e ao seu valor lúdico.

A não obtenção de uma resposta afirmativa por parte de I10, ainda envolvida com os restantes interlocutores no esclarecimento do tópico anterior – o número de palavras necessário para cada recolha de dados do Português Fundamental –, leva GRA a repetir M1, fazendo um segundo Anúncio do EN através do enunciado – (147) *< então vou contar uma anedota //* –, composto pelo marcador conversacional topográfico inicial – *então* – seguido pelo verbo declarativo < contar > no futuro composto e do sintagma nominal complemento directo que explicita o género textual do EN. O enunciado adjacente – (148) *a melhor anedota do ano > //* – corresponde a um Movimento de Justificação da Narrativa – M2. Nele, GRA resume e avalia, de forma genérica, o que vai ser narrado, ao mesmo tempo que busca promover a adesão e o envolvimento do(s) alocutário(s) em relação ao seu valor ilocutório. Neste caso específico, realce para a estratégia de repetição, com elisão do predicado, do rema da frase anterior – *uma anedota* –, e para a adjectivação superlativa que lhe é aplicada, estratégias discursivas com as quais procura destacar o novo tópico conversacional que pretende introduzir.

No entanto, mais uma vez a sua proposta é ignorada pelos presentes, que continuam a desenvolver o tópico conversacional anterior. GRA não desiste e faz uma terceira tentativa de introdução do EN com novas justificações para a sua realização: começa por repetir as segundas realizações de M1 e M2, com os respectivos Anúncios, em – (164) *então eu conto uma anedota / < que é a melhor anedota do ano //* – para, de seguida, introduzir um novo movimento justificativo com que pretende associar o

---

<sup>33</sup> Considera-se que este enunciado é um Anúncio de EN porque corresponde a uma Actividade Preparatória de carácter metacomunicativo. Esta questão será desenvolvida na secção 3.2.2.1. Para uma definição operatória do conceito, consulte-se o Glossário.

tópico conversacional em desenvolvimento ao que pretende introduzir – (165) *e dá quinhentas palavras > //*. – Mais uma vez há que destacar a realização do argumento externo do verbo declarativo, o que parece sublinhar a capacidade de a locutora realizar o acto anunciado, bem como a repetição da avaliação superlativa do mesmo acto (cuja matriz se encontra no enunciado 148).

Finalmente há uma reacção, ainda que de leitura ambígua, à proposta de GRA. O enunciado de um dos presentes – (166) [*<*] *< XXX > / mas / ó: Cinha / já agora uma anedota / daquelas / < XXX > /* – parece pôr em causa, ainda que de uma forma irónica, a oportunidade de introdução de um género textual tão específico numa interacção que está a ser registada. No entanto, o recurso a uma expressão vaga de categorização com valor de qualificador como – *daquelas* – torna-se um convite para uma maior participação de GRA na construção dos sentidos da conversação e, logo, uma porta para um maior protagonismo da sua parte. GRA aproveita a deixa para se apoderar do turno seguinte através de uma sobreposição de vozes, e começa por sublinhar a consonância de intenções com a interlocutora, para depois passar a uma nova avaliação da anedota, desta vez realçando o seu valor lúdico: – (167) [*<*] *< não // (168) esta anedota é / é boa // (169) é boa de > + ; (170) era // (171) até / até te vais rir //* –. Desta forma realiza um terceiro Movimento Justificativo do EN (M2).

O enunciado seguinte, de I10, – (172) *e eu oiço / não se esqueça //* – corresponde ao Movimento de Aceitação do Interlocutor (M4). Há que referir que a I10, por estar na origem da presente interacção, é atribuído um papel predominante e sancionatório na distribuição dos tópicos e dos turnos conversacionais. Este facto justifica também o valor ilocutório de advertência que incorpora no acto de concordância e que motiva a resposta de GRA – (173) *não me esqueço //*. – Destaque para o paralelismo sintáctico da estratégia de repetição com que exprime a aquiescência. Esta repetição “em espelho” reforça a ideia de total concordância de posições.

O riso de I10, com que reage ao comprometimento de GRA, corresponde, em última instância, a mais uma forma, desta vez extralinguística, de manifestar o seu acordo com a introdução do EN (M4).

Após um falso começo em – (175) *&ah: / hoje /* – realizado em tom de chacota, GRA dá início ao EN com as informações relativas à situação inicial e ao espaço com que constrói a Orientação Geral – (178) *estavam uns sujeitos / num avião // (179) e aquilo havia uma tempestade horrível //* –. Há, aqui, que realçar o uso do imperfeito que, pelo seu valor anafórico, exige uma ancoragem temporal distinta da situação de

enunciação, permitindo, assim, a criação de um mundo diegético com coordenadas espacio-temporais próprias. A partir deste momento, estamos dentro da narrativa e o CCN encontra-se em pleno vigor.

Mas, o que aconteceria se uma das condições acima referidas não fosse cumprida? Por exemplo, se um dos interlocutores pusesse em causa a relevância da anedota para a interacção por não cumprir um dos critérios básicos da sua execução, o critério da novidade? Também aqui, como se pode verificar no exemplo em análise, o acto de ruptura do CCN tem que ser realizado por um sujeito com autoridade reconhecida para o fazer.

Se, através do enunciado – (184) *mas olha / eu conheço isso / é com o português / o alemão / um polaco / o etc. / hhh / essas coisas / < hhh > / –*, ABC, um dos presentes, põe em causa a novidade do EN, realizando o movimento M6i do protocolo, I10 interfere prontamente subtraindo-lhe o direito de falar, uma vez que não lhe reconhece poder para, com a sua objecção, suspender o CCN vigente ou, mesmo, intervir no próprio processo narrativo, o que fica evidente na forma como reage à objecção – (185) [*<*] *< tu / cala-te // (186) tu XXX > / –*.

Por seu lado, a narradora, apoiada na prossecução da narração pelo interlocutor principal, limita-se a fazer eco, de uma forma irónica, do mesmo acto de proibição – (187) [*<*] *< que chato // (188) o / o menino é capaz de estar calado > ? [...] // (190) agora quem fala sou eu / < que tenho de dizer quinhentas palavras / e isto custa um bocado > // –*. No entanto, a retoma algo atrapalhada da Orientação, com uma hesitação e duas reformulações – *e então / &ah: / o / o americano / e o sul americano / sei lá [/] ah / vai o preto [/] ia um preto [/] vai o < preto fora > // –* bem como a suspensão da mesma para se certificar da novidade do narrado para um dos interlocutores – (194) *já sabe ? (196) [...] não sabe ?* – revelam haver, por parte da narradora, a consciência de poder não estar a cumprir todos os requisitos de aceitabilidade de um EN deste género na conversação (M6i).

Na prossecução da narração, GRA é apenas interrompida uma vez através do enunciado – (217) [*<*] *< ah / eu sei dessa / eu sei // hhh > / –* na voz de um terceiro participante na interacção. Esta nova objecção à falta de novidade do EN, bem como a possível proposta de co-narração que lhe poderia estar associada, são ignoradas pela narradora, o que parece comprovar a hipótese de que a suspensão do CCN só pode ser accionada por uma das partes que o firmaram, neste caso GRA e I10.

Quanto ao Movimento de Ratificação do EN relativo à sua Avaliação Final (M6ii), este surge após um novo episódio que repete o esquema dos anteriores, mas em que ocorre uma alteração inesperada do grau de dificuldade da pergunta feita pela personagem principal. Como é típico do género textual Anedota, a narradora deixa por realizar a sua Avaliação Final, entregando a sua concretização aos interlocutores.

Quer o riso, quer a pretensa crítica ao conteúdo do EN no enunciado de I10 – (249) *hhh / que horror / que má // < hhh > /* – realizam, positivamente, o movimento de ratificação do narrado, uma vez que revelam que não só foi compreendida a ironia que lhe subjaz, como este cumpriu a sua função lúdica.

O último enunciado de GRA – (251) [*< os portugueses não são racistas / filha // hhh > /*] – corresponde à Coda do EN. Embora seja a repetição de uma fala da personagem principal que resume o gatilho da anedota – (204) *os portugueses não são racistas //* – este enunciado é agora reproduzido ironicamente pela ex-narradora, já fora do espaço diegético da narrativa, e dirigido a uma das intervenientes na interacção. Mantendo o valor resumitivo da matriz, ali enquanto tese a ser comprovada, a repetição transporta a contradição intrínseca à ironia ao “transformar-se” em contra-tese que denuncia a falácia da primeira. Esta repetição corresponde, também, a uma estratégia de encerramento do EN e consequente suspensão do CCN, com retorno ao Contrato Comunicacional anterior.

O quadro seguinte – Quadro 21 – sistematiza os movimentos realizados pelos interlocutores na abertura, vigência e encerramento do CNN:

## Quadro 21

### Realização do Protocolo no exemplo A479

<b>M1 Anúncio</b>	<i>quer que eu conte outra história do mesmo &lt; gênero / hhh &gt; ?</i>
<b>M3 Negociação</b>	
<b>M1'</b>	<i>então eu conto uma anedota / &lt; que é a melhor anedota do ano //</i>
<b>M2 Justificação</b>	<i>e dá quinhentas palavras &gt; //</i>
<b>M3'</b>	<i>[&lt;] &lt; XXX &gt; / mas / ó: Cinha / já agora uma anedota / daquelas / &lt; XXX &gt; /</i>
<b>M2'</b>	<i>[&lt;] &lt; não // esta anedota é / é boa // é boa de &gt; + era // até / até te vais rir //</i>
<b>M4 Aceitação</b>	<i>e eu oiço / não se esqueça //</i>
	<i>não me esqueço //</i>
<b>M5 Orientação</b>	<i>estavam uns sujeitos / num avião // e aquilo havia uma tempestade horrível //</i>
<b>M6(i) (Re)negociação</b>	<i>mas olha / eu conheço isso / é com o português / o alemão / um polaco / o etc. / hhh / essas coisas / &lt; hhh &gt; /</i>
	<i>[&lt;] &lt; tu / cala-te // tu XXX &gt; /</i>
	<i>[&lt;] &lt; que chato // o / o menino é capaz de estar calado &gt; ? / agora quem fala sou eu / &lt; que tenho de dizer quinhentas palavras / e isto custa um bocado &gt; //</i>
<b>M6(i) (Re)negociação</b>	<i>já sabe ?</i>
	<i>não // hhh /</i>
	<i>não sabe ?</i>
<b>M6(ii) Aval. Final</b>	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
	<i>hhh / que horror / que má // &lt; hhh &gt; /</i>
	<i>[&lt;] &lt; hhh &gt; /</i>
	<i>[&lt;] &lt; os portugueses não são racistas / filha // hhh &gt; /</i>

#### 3.2.1.2.4. Conclusões

Como qualquer contrato comunicacional estabelecido entre interlocutores, o CCN 'gere' os direitos e deveres de cada um no seio de um evento comunicativo.

No processo de socialização em que os agentes sociais estão envolvidos, vão adquirindo um conhecimento de rotinas e formas de funcionar comunicativamente que colocam em prática de todas as vezes em que são, de novo, confrontados com o mesmo evento comunicativo. Em termos linguísticos, vão desenvolvendo uma competência

comunicativa plural (linguística, sociolinguística e discursiva) que inclui o (re)conhecimento de ‘cenários’ enquanto “sequências previsíveis de enunciados que adquirem coerência a partir de conhecimento esquemático partilhado”<sup>34</sup> com protocolos de realização próprios. No caso do CCN, em termos interacionais, o que está em causa é a re-negociação (por um curto período de tempo, que corresponde ao da realização do EN) do espaço, tempo e papéis de enunciação a favor de um dos interlocutores. O grau de formalidade na execução do protocolo está directamente relacionado com a maior ou menor possibilidade de cometer um acto de ameaça à face negativa<sup>35</sup> do interlocutor (Brown & Levinson, 1978), isto é, de lhe impor uma nova ordem enunciativa e um novo papel interaccional, de narrador ou de narratário, que não esteja disposto a aceitar.

Retomando o protocolo do CCN, apresentado no Quadro 20, confirma-se a execução dos movimentos que o constituem no EN em análise, embora seja possível dar-lhes uma outra sequência, como se pôde observar no Quadro 21. Há também que salientar a possibilidade de repetição de alguns desses movimentos, dependendo, sobretudo, da perseverança do futuro narrador e da disponibilidade do(s) interlocutor(es) para aceitar o EN.

Além disso, procurou-se demonstrar que, em qualquer momento da realização do EN é possível renegociar a sua continuação, desde que surjam elementos que ponham em causa a oportunidade da mesma.

No que diz respeito ao contexto sociolinguístico, verifica-se a possibilidade de existir uma diferenciação de poderes enunciativos entre os interlocutores, podendo, no estabelecimento do CCN, ser atribuída a um deles uma autoridade superior, que lhe

---

<sup>34</sup> *Certificado de Português, Objectivos de Aprendizagem e Teste Modelo* (1999: 25)

<sup>35</sup> Segundo Brown & Levinson (1978) na realização de um acto que potencialmente põe em causa a face do interlocutor, o falante pode optar por utilizar estratégias de reparação que amenizam a ameaça. Essa escolha depende de três variáveis envolvidas no processo de interacção: Poder (P), ou estatuto hierárquico dos interlocutores, Distância Social (D) e Grau de Risco envolvido no processo (R). Essas três variáveis vão determinar o grau de ameaça de um acto (W) de acordo com a seguinte fórmula:  $W = P + D + R$ . No caso analisado, apesar da proximidade evidente entre quase todos os interlocutores, há uma clara sobreposição de I10 na interacção, que decorre do seu papel de responsável pela gravação. Além disso é possível observar uma distância entre ela e GRA, testemunhada nas formas de tratamento de terceira pessoa utilizadas por ambas. Por último, a introdução de um EN, pela segunda vez e pelo mesmo interlocutor, vem pôr em causa o princípio de distribuição equitativa dos turnos pelos participantes da interacção. Desta constelação de factores decorre a necessidade de obter uma autorização explícita por parte do interlocutor com maior poder na interacção para poder tomar a vez.

concede, mesmo, o direito de suspender algumas das regras que subjazem ao contrato estabelecido.

Este exemplo permitiu, ainda, realçar que, a par dos procedimentos “protocolares” que dependem da aceitação – ainda que temporária – da nova situação de enunciação, há também regras que gerem os próprios conteúdos do EN e que, em última instância, dão corpo à exigência da Relevância discursiva que subjaz ao CCN. No caso das anedotas pode-se destacar, por exemplo, a regra da novidade. Estas regras, no entanto, podem variar conforme o contexto de enunciação e o género narrativo em causa. Autores como Georgakopoulou (1997) e Norrick (1998 e 2000) demonstraram que durante uma conversação informal em família, narrativas de acontecimentos familiares não só não obedecem à regra da novidade, como, pelo contrário, a sua repetição é ritual e contribui para a consolidação de laços de solidariedade e pertença.

Em termos da estrutura do EN, confirmam-se também, as funções de gestão interaccional, entre outras, das macroproposições Ataque e Coda, na medida em que é nelas que podemos identificar os movimentos que constituem o CCN. Na secção seguinte, proceder-se-á a uma análise detalhada de cada uma delas e das estratégias discursivo-pragmáticas que as caracterizam.

Duas últimas considerações sobre o funcionamento real do CCN:

A não realização do protocolo descrito, quando da introdução de um EN, não implica que o acto comunicativo subsequente se desenvolva à revelia das partes envolvidas. Na realidade, na maior parte dos casos, a não ocorrência de uma reacção verbal (ou outra) ao Anúncio de uma narrativa deve ser lida como expressão de acordo do interlocutor para a sua concretização. Dito de outra forma, nestes casos, pode-se falar de um CCN tácito, directamente vinculado aos papéis dos interlocutores e à situação de enunciação. No *corpus* analisado, a situação de Entrevista subjacente a muitas das interacções, com a sua distribuição assimétrica de espaços e tempos de enunciação, facilita e promove a passagem para ENs.

Por último, há ainda que considerar os ENs que resultam de um pedido explícito de narração por parte de um dos interlocutores. Nestes casos, é o futuro narratário que cede, de livre e espontânea vontade, o espaço de enunciação e convida o interlocutor a produzir um EN, considerando-o apto para tal. Poder-se-ia afirmar que estamos perante CCN invertido, uma vez que o Movimento de Negociação do Acordo (M3) é realizado na direcção contrária: cabe ao futuro narratário pedir a concordância do interlocutor para narrar (M3i), e cabe a este último decidir da oportunidade desta narração (M3ii) e

aceitar (ou não) realizá-la (M4). Veja-se o exemplo seguinte, retirado da interacção com o código A1117 psf-profi:

1	*I03: <i>o senhor doutor conte-me lá história / se faz favor / sim ? hhh /</i> %par: <i>o senhor doutor</i> → <i>o s'ó'tor</i> ; %exp: <i>hhh</i> → <i>riso</i>
2	*MAN: <i>bem / a história cifra-se: / em pouco //</i>
3	<i>um: / um dia: / procurado / por um médico # //</i> [...]

Extracto da interacção A1117 psf-profi

Repare-se que, ao contrário do exemplo anterior, o futuro narrador parece desvalorizar o conteúdo do EN que inicia, recorrendo a marcas evidentes de distanciamento em relação ao mesmo: quer pelo semantismo do verbo <cifrar-se>, com o valor de <reduzir-se>, quer pelo uso do quantificador vago – *pouco* –, com valor de desvalorização, que se lhe segue. O acto de modéstia realizado, com uma forte componente ritual, vem contrabalançar a assunção, por parte da interlocutora, do interesse do EN para a interacção e da capacidade de MAN para o concretizar. A este procedimento não é, certamente, alheio o carácter semi-formal da entrevista e o distanciamento entre interlocutores.

### 3.2.2. O Ataque do Enunciado Narrativo

Como se procurou demonstrar na secção anterior, na interacção oral, a introdução de uma narrativa obriga o futuro narrador a negociar com o interlocutor o acto de enunciação narrativa que pretende realizar. Para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, ele tem de motivar o outro a aceitar o EN, convencendo-o da sua relevância para a interacção, bem como prepará-lo para a sua realização.

Uma análise detalhada do *Corpus* Global confirmou a ocorrência de marcas explícitas dessa negociação em Actividades Preparatórias do EN que ocorrem numa fase introdutória do mesmo, fase que passaremos a chamar Ataque (por contraposição com a fase de encerramento do EN, que surge referida como Coda).

O Ataque da narrativa corresponde, grosso modo, à macroproposição que, a partir dos trabalhos de Labov & Waletzky (1974 [1967]), passou a ser referida como Resumo em todos os trabalhos desenvolvidos na área da narratologia conversacional. A alteração da denominação aqui proposta decorre do facto de se considerar o Resumo como uma das formas de Ataque do EN, como se procurará provar na secção 3.2.2.2., tendo daí surgido a necessidade de uma nova designação para a macroproposição em que o mesmo pode ocorrer.

Considerado do ponto de vista da organização da conversação, o Ataque corresponderia a um tipo de Pré-sequência<sup>36</sup> (Levinson, [2005] 1983) em que o locutor negocia a alteração do modelo de transição de turnos vigente através do anúncio e respectiva aceitação de um acto comunicativo que se pretende realizar. Ao Ataque podem, assim, ser atribuídas quer funções interaccionais – referentes à gestão e alinhamento dos turnos na interacção – quer funções configuracionais – referentes à intenção comunicativa que subjaz ao EN. No entanto, dependendo do posicionamento do investigador face ao EN enquanto unidade textual e/ou evento comunicativo, é possível observar e identificar diferentes enfoques na caracterização da mesma macroproposição.

Destacam-se, através do quadro seguinte, as três perspectivas mais divergentes, porque produzidas dentro de quadros teóricos diferentes, de forma a dar uma visão, o mais alargada possível, do mesmo objecto de análise (ver Quadro 22). A construção deste quadro comparativo obedeceu, ela também, a uma perspectiva funcional da macroproposição Ataque, pelo que se subdividiram as características apontadas por cada um dos autores nos dois tipos de funções referidas acima.

---

<sup>36</sup> Segundo Levinson ([2005] 1983: 346) “a pre-s is not just some turn that comes before some other kind of turn – must turns have that property; it is a turn that occupies a specific kind of sequence with distinctive properties”. Assim, neste tipo de Sequências vai destacar os Pré-anúncios, que considera organizados em torno da novidade da informação que se pretende introduzir. Numa perspectiva etnometodológica, os Pré-anúncios são motivados pelo próprio sistema de turnos quer porque permitem a suspensão temporária de um modelo de transição entre turnos, quer porque, através deles, se obtém a ratificação para um turno mais longo.

## Quadro 22

### Caracterização da Macroproposição *Resumo*

	Funções Interaccionais	Funções Configuracionais
Labov (1972: 300-307)	Abre um turno introdutório de uma narrativa distinguindo-se da <i>Orientação</i> <sup>37</sup> que inicia a Narrativa propriamente dita.	É uma Avaliação: revela o tema, a intenção e o objectivo da narrativa; O narrador não pretende substituir a história, mas afirmar o seu interesse para a interacção.
Adam (1991 [1984])	Tem funções de regulamentação conversacional: assegura a passagem entre a Situação de Enunciação actual e o Mundo Diegético da narrativa.	Explicita a intenção comunicativa do todo significativo que a narrativa representa; Concorre para a conformidade da interpretação do narratário com a ordem configuracional do narrado;
Bres (1994: 84-91)	Abre um espaço de negociação onde o futuro narrador assegura o acordo do interlocutor para a passagem a um turno narrativo. A negociação obedece a um Protocolo de Acordo.	É um Anúncio apelativo que procura a confirmação do interesse do interlocutor para a narrativa que se segue.

#### 3.2.2.1. Actividades Preparatórias e Contrato Comunicacional Narrativo

Partindo da hipótese de existência de um Contrato Comunicacional Narrativo vinculado a um protocolo de acordo, hipótese desenvolvida na secção 2.1., é agora necessário identificar e caracterizar as actividades comunicativas que lhe dão corpo. Para tal consideraram-se os trabalhos de Kallmeyer (1978, 1996), Rehbein (1977, 1981, 1984) e Meyer-Hermann (1978) sobre Actividades Preparatórias em interacção oral, bem como, da área da etnometodologia, os trabalho de Levinson (2005 [1983]) sobre

<sup>37</sup> Segundo Labov (1972: 104-110), a Orientação, quando no início da narrativa, pressupõe um contrato enunciativo entre os participantes na interacção: se um locutor se referir a um acontecimento anterior ao momento da interacção e se essa referência não puder ser interpretada como um acto de fala completo, então o seu interlocutor deve entender esta referência como o início de uma narrativa.

Pré-sequências. Para o Português destacamos o trabalho de Almeida (2005) sobre sequências de Abertura na conversação.

Como realçam Kallmeyer (1978, 1996) e Rehbein (1977, 1981, 1984), as Actividades Preparatórias de qualquer acto comunicativo envolvem, simultaneamente, locutor e alocutário na medida em que guiam as actividades de ambos para o que vai ser construído na conversação.

- O locutor orienta o alocutário quanto ao valor ilocutório, conteúdo proposicional e interesse da actividade comunicativa planeada, procurando obter dele a atenção e a compreensão dos seus planos, bem como criar condições para a sua recepção (Rehbein, 1977: 60).
- Da parte do alocutário, as Actividades Preparatórias permitem-lhe preparar-se para a actividade anunciada, activando os seus conhecimentos esquemáticos<sup>38</sup> sobre a mesma. No caso do Anúncio de um turno narrativo, esses conhecimentos permitem-lhe, por um lado, activar diferentes esquemas de referência para a sua interpretação e por outro, recorrer à actualização de um modelo textual prototípico culturalmente adquirido (Adam, 1985, 1990).

Na análise destas Actividades Preparatórias considerar-se-ão, também, todas as Estratégias de Atenuação utilizadas pelo futuro narrador para preservar a sua face e limitar ou neutralizar possíveis reacções desfavoráveis ou interpretações contrárias à sua intencionalidade.

Assim, começar-se-á por identificar as Actividades Preparatórias que orientam a atenção do ouvinte para o tema, para o valor ilocutório ou para a intencionalidade do acto comunicativo que se segue, bem como aquelas que introduzem a própria Sequência Narrativa.

Posteriormente, proceder-se-á à sua caracterização, tomando em consideração quer as suas funções interaccionais e discursivo-pragmáticas, quer a sua forma linguística e respectiva localização textual.

---

<sup>38</sup> Segundo Van Dijk (2002 [1992]: 74-98) a compreensão de enunciados envolve conhecimentos gerais organizados em esquemas conceptuais. Esses esquemas (*frames*) são unidades de conhecimento de natureza mais ou menos convencional organizadas segundo um certo conceito que pode ser de cariz comportamental ou epistemológico. A activação destes esquemas, associada às informações derivadas de actos comunicativos imediatamente precedentes e à informação global sobre esse tipo de actos, permite um processamento rápido e funcional da informação.

Considerar-se-ão também as estratégias de cariz avaliativo associadas às Actividades Preparatórias estudadas, através das quais o locutor procura conduzir, *a priori*, a interpretação do enunciado que anuncia.

### 3.2.2.1.1. O Anúncio Introdutório de Enunciado Narrativo

O Anúncio Introdutório de EN corresponde a uma actividade preparatória que, como o próprio nome indica, anuncia a vontade de introduzir um EN numa situação de interacção.

#### Quadro 23

##### Caracterização Funcional do Anúncio Introdutório de EN

- i. Revela a vontade de narrar de um dos interlocutores, bem como a sua capacidade para o fazer – M1 do CCN;
- ii. Resume e avalia, de uma forma genérica, o que vai ser narrado, ao mesmo tempo que promove a adesão, o interesse e o envolvimento do alocutário em relação ao seu conteúdo – M2 do CCN;
- iii. Rompe com a situação de enunciação actual avançando com uma nova situação caracterizada pela atribuição de novos papéis aos interlocutores e pela redistribuição assimétrica do espaço/tempo de enunciação daí resultante – M3/M4 do CCN.

Observe-se, agora, a análise de alguns dos exemplos recolhidos no *Corpus* Global.

Exemplos 1 e 2: A479 pi-casa e família

Os primeiros exemplos foram retirados do EN utilizado em 3.2.1.2. para identificar o protocolo do CCN. Como foi referido então, os enunciados abaixo correspondem a dois Anúncios da mesma Anedota, realizados com o intuito de obter autorização para o EN que se pretendia introduzir.

147/148	[...] *GRA: < <i>então vou contar uma anedota // a melhor anedota do ano</i> > //
164	[...] *GRA: <i>então eu conto uma anedota / &lt; que é a melhor anedota do ano //</i> [...]

Extracto da interacção A479 pi-casa e família

Ambos os Anúncios revelam a vontade de narrar de GRA – (147) *então vou contar uma anedota*; (164) *então eu conto uma anedota* – (ver Quadro 23, ponto i), ao mesmo tempo que focalizam, de uma forma genérica, mas fortemente avaliativa, a narrativa que a locutora pretende realizar – (148) *a melhor anedota do ano //* – ; – (164) *que é a melhor anedota do ano*. (ver Quadro 23, ponto ii).

Se observarmos a realização linguística destes actos comunicativos, é possível identificar os dois movimentos que lhe dão corpo:

M1 → expressão da vontade de narrar;

M2 → expressão do interesse e da relevância do que vai ser narrado.

Observem-se, agora, outros exemplos. A numeração entre parêntesis curvos antes de cada segmento em itálico corresponde ao número do(s) enunciado(s) na transcrição por enunciados da ficha de indexação.

#### Exemplo 1

(147/148)	< <i>então</i>	<i>vou contar</i>	<i>uma anedota // a melhor anedota do ano</i> > //
		1	2
	[m. convers. topográfico]	[verbo declarativo]	[det. + nome genérico]      [superlativo + nome genérico]

O enunciado é aberto pelo marcador conversacional topográfico inicial – *então*;

1. O predicado verbal <contar> corresponde a um verbo declarativo típico da narração, aqui no futuro do indicativo construído com o verbo <ir>.
2. No complemento directo do verbo declarativo surge uma referência genérica ao EN – *anedota* –, através da identificação do seu género textual. Segue-se-lhe uma repetição do rema da frase anterior, agora qualificado superlativamente – *a melhor anedota do ano* –.

## Exemplo 2

(164)	<u>então</u>	<u>eu</u>	<u>conto</u>	<u>uma anedota / &lt; que é a melhor anedota do ano //</u>
		1		2
	[m. convers. topográfico]	[pron. pessoal sujeito]	[verbo declarativo]	[det. indef. + nome genérico] + [relativa restritiva com superlativo + nome]

No segundo exemplo, que obedece a uma estratégia de repetição, surge novamente o marcador conversacional topográfico – *então* – a abrir o enunciado;

1. Na posição de sujeito é referido o Narrador através do pronome sujeito de primeira pessoa;

O predicado verbal é o mesmo verbo declarativo <contar>, agora no presente do indicativo, mas mantendo o valor de futuro.

2. No complemento directo do verbo declarativo surge a mesma referência genérica à narrativa – *uma anedota*. Segue-se-lhe a mesma superlativização do exemplo anterior, agora como modificador restritivo com valor assertivo.

A análise destes dois primeiros exemplos, permite, como foi referido, identificar 2 movimentos básicos neste tipo de Anúncio:

1. Um primeiro movimento em que o locutor revela a sua vontade de narrar através de um VERBO DECLARATIVO, focalizando, assim, a própria actividade enunciativa;
2. Um segundo movimento em que faz uma REFERÊNCIA GENÉRICA E AVALIATIVA ao que pretende narrar, com o intuito de envolver o interlocutor no EN.

Observem-se outros exemplos:

## Exemplo 3: A386 pi-vida pessoal

No seguimento de uma conversa informal com um amigo sobre a sua passagem por África, JOS introduz o tópico – possibilidades de ascensão social dos africanos –. Dada a denúncia que faz de inviabilidade desta ascensão, sente a necessidade de exemplificar a opinião expressa com um EN de experiência pessoal.

	[...]
70	*JOS: <i>&amp;eh / eu até te vou contar um / um facto que se passou lá por exemplo com / comigo //</i>
71	<i>quando era oficial de marinha //</i>
72	<i>com um / era um funcionário de cor que eu lá tinha / num paiol //</i>
	[...]

Extracto da interação A386 pi-vida pessoal

Com o enunciado – (70) *&eh / eu até te vou contar um / um facto que se passou lá por exemplo com / comigo //* –, o locutor anuncia o seu propósito de narrar um episódio que ele próprio presenciou (ver Quadro 23, ponto i.), referindo-se ao mesmo como – *um facto* –, isto é, como algo cuja ocorrência é apresentada como uma realidade objectiva. Desta forma procura, não só despertar o interesse e a adesão do interlocutor para o EN, como sublinhar o seu valor de verdade (ver Quadro 23, ponto ii.). Logo de seguida, inicia a narrativa com informações referentes às personagens (ver Quadro 23, ponto iii.).

Se observarmos a realização linguística deste acto comunicativo, é possível identificar, novamente, os mesmos dois componentes básicos:

(70)	<u>&lt;&amp;eh / eu</u>	<u>até</u>	<u>te</u>	<u>vou contar</u>	<u>um / um facto</u>	<u>que se passou lá por</u>	<u>exemplo com / comigo //</u>
	1				2		
	[pron. sujeito]	[advérbio focalizador]	[pron. dativo]	[verbo declarativo]	[det. indef.+ nome genérico]	[relativa restritiva]	

1. Novamente, na posição de sujeito é referido o Narrador através do pronome sujeito de primeira pessoa.

O predicado verbal volta a ser <contar>. Destaque para a focalização semântica<sup>39</sup> do mesmo através do adverbial de inclusão com valor focalizador –

<sup>39</sup> Retomando a proposta feita por Rodrigues (1998: 76-78), considera-se Focalização Semântica uma actividade de orientação do alocutário para o que vai ser dito através de elementos que, pelo seu valor semântico, destacam o foco, o tópico ou a actividade comunicativa que se segue. Incluem-se aqui quer adverbiais (por ex: *mesmo, até*), quer sintagmas verbais de cariz apelativo (por ex.: *veja lá*). Neves (2000: 241), considerando ‘até’ um advérbio de inclusão, refere que estes advérbios “atuam como focalizadores da parte do enunciado que vem a seguir, isto é, colocam-na no foco da mensagem.”

*até* –, bem como para a realização do complemento indirecto que designa o interlocutor a quem é atribuído o papel de Narratário.

2. No complemento directo do verbo declarativo surge uma referência genérica à narrativa – *um facto* – que, pelo seu semantismo, realça a veracidade do que se pretende narrar.

A frase relativa restritiva que se segue tem por predicado um verbo de processo que corresponde à forma pronominal de <passar>, com o valor de ‘acontecer’. A identificação da testemunha do ocorrido como sendo o próprio narrador, através do pronome pessoal oblíquo – *comigo* –, vem reforçar o valor de verdade do EN e confirmar a sua capacidade para o narrar. O surgimento do articulador textual – *por exemplo* – antes do pronome pode ser lido como uma forma de generalizar os eventos observados a outras potenciais testemunhas.

#### Exemplo 4: C294 pi-casa e família

Numa conversa informal entre amigos, já no encerramento do tópico – estadia em Sevilha –, ANT, marido da personagem central da história, LEO, introduz um EN de cariz jocoso sobre um percalço ocorrido com ela na cidade.

31	*ANT: / [<] < <i>aquilo em Sevilha</i> > / <i>queríamos era andar na rua</i> //
32	<b><i>&amp;ah mas vou-te contar uma que aconteceu à Leonor</i></b> //
33	*LEO: < <i>hhh</i> > //
	%exp: <i>hhh</i> → riso
34	*ANT: / < <i>já estás a pensar nisso / não é</i> > ?
	%par: <i>estás</i> → ‘tás; %par: todo o enunciado é produzido em tom de riso.
35	<i>claro / portuguesa em Sevilha</i> //
36	< <i>não é preciso dizer mais nada</i> //
37	<i>estamos nos Preciados // olha / foi para comprar a Sofia</i> > //
	%par: <i>estamos</i> → ‘tamos

Extracto da interacção C294 pi-casa e família

Como se pode verificar, ANT não só exprime a vontade de narrar o episódio da mulher como, por haver presenciado o ocorrido, está apto para fazê-lo (ver Quadro 23, ponto i.). Assim, ele resume a história que vai contar como – (32) *uma que aconteceu à Leonor* –, sem fazer qualquer referência ao seu conteúdo. Dada a reacção de riso de

LEO ao Anúncio, ANT faz um Resumo do EN – (25) *claro / portuguesa em Sevilha* – seguido de uma Avaliação genérica, realizada através da expressão de modalização afectiva interpessoal – (36) *não é preciso dizer mais nada*. Desta forma, procura despertar a curiosidade e o interesse do interlocutor, bem como obter a sua adesão para uma nova situação de enunciação (ver Quadro 23, ponto ii.). Logo de seguida passa a narrar o episódio que anunciou – (37) *estamos nos Preciados* // – (ver Quadro 23, ponto iii.).

Uma análise detalhada do Anúncio também permite identificar os mesmos dois movimentos básicos:

(32)	<u>&amp;ah mas</u>	<u>vou-te contar</u>	<u>uma</u>	<u>que aconteceu à Leonor</u> //
		1	2	
	[m. convers. topográfico]	[verbo declarativo]	[pron. indefinido]	[relativa restritiva]

1. O enunciado é aberto por um marcador conversacional topográfico inicial – *mas* – que acumula uma função interactiva, na medida em que faz a ligação com o dito anteriormente.

Surge novamente o predicado verbal <contar>, seguido do pronome clítico de dativo que identifica o Interlocutor a quem se destina o EN e que deve assumir o papel de Narratário.

2. Na posição de complemento directo surge, mais uma vez, uma referência genérica à narrativa através do indefinido – *uma* –.

A frase relativa restritiva que se segue tem como predicado um verbo de processo <acontecer>, que ressalta o cariz contingente do ocorrido, e introduz a personagem principal na posição de argumento de complemento indirecto.

### 3.2.2.1.2. Anúncios com Verbo Modal

Dentro deste grupo de Anúncios de EN, há ainda que referir aqueles que, obedecendo a uma estratégia de cortesia que apoia o Movimento de Negociação do CCN, introduzem CONSTRUÇÕES DE MODALIDADE DE ÔNTICA em enunciados idênticos.

Vejam-se os seguintes exemplos:

Exemplo 5: A479 pi-casa e família

Mais uma vez, retoma-se aqui, em primeiro lugar, um exemplo da interacção analisada aquando da caracterização do CCN, neste caso, o enunciado com que GRA inicia a negociação do mesmo.

134	GRA	[...] <i>quer que eu conte outra história do &lt; mesmo género / hhh &gt; ?</i> [...]
-----	-----	---

Extracto da interacção A479 pi-casa e família

O enunciado (134) corresponde ao primeiro e terceiro movimentos do CCN: GRA anuncia a sua vontade de narrar algo ao mesmo tempo que pede autorização ao interlocutor para o fazer.

Uma comparação com os exemplos analisados até aqui permite evidenciar uma construção de subordinação completiva verbal seleccionada por um verbo modal, construção inexistente nos anteriores.

(134)	<u>quer que</u>	<u>eu</u>	<u>conte</u>	<u>outra história do &lt; mesmo género / hhh &gt; ?</u>
		1		2
	[verbo de volição + complement.]	[pronome sujeito]	[verbo declarativo]	[complemento directo: determinante+nome genérico +SP modificador]

Assim, o Anúncio é introduzido através de uma pergunta polar que tem por predicado o verbo de atitude proposicional volitiva <querer>. Este selecciona o uso do conjuntivo na frase completiva onde se refere quer o acto de contar quer a história.

De resto, mantêm-se os componentes identificados para os exemplos sem modalização:

- verbo declarativo com realização do pronome sujeito;
- referência genérica e avaliativa à história em posição de complemento directo.

Exemplo 6: C932 psf-casa e família

No seguinte exemplo, o EN retoma o tópico anteriormente desenvolvido pelo locutor – a escolarização na província –. É necessário referir que na interacção em que surge não há, verdadeiramente, um diálogo entre os interlocutores, mas sim um longo monólogo de FER, eivado de ‘vozes institucionais’, que revela uma forte preocupação em construir uma imagem pessoal positiva.

	[...]
18	FER: <i>eu posso referir até / um / uma asneira //</i>
19	<i>não / não será asneira no / em todo o sentido //</i>
20	<i>eu tenho / como já referi / treze filhos //</i>
21	<i>e: / &amp;agor / há relativamente pouco tempo / dois padres / vieram / a minha casa /</i>
	[...]

Extracto da interacção C932 psf-casa e família

Assim, através do enunciado – (18) *eu posso referir até / um / uma asneira //* – FER refere a sua vontade de narrar algo que avalia depreciativamente como – *asneira* – (ainda que proceda a uma atenuação da mesma avaliação no parêntesis adjacente). Neste caso específico, a introdução da modalização ocorre numa completiva não finita seleccionada pelo verbo de modalidade deôntica <poder>.

(18)	<u>eu</u>	<u>posso</u>	<u>referir</u>	<u>até /</u>	<u>um / uma asneira //</u>
		1		2	
	[pronom sujeito]	[verbo modal]	[verbo declarativo]	[adverb. focalizador]	[nome avaliativo]

A par dos componentes identificados para outros Anúncios (realização do pronome sujeito com verbo declarativo, seguida de uma referência genérica e avaliativa à história em posição de complemento directo) surge o verbo modal <poder> com uma leitura ambígua: tanto pode referir a capacidade para narrar, como ser lido como um pedido indirecto de permissão para o fazer. Dada a distância entre interlocutores e o grau de formalidade de todo o discurso de FER, é mais provável a leitura que se coaduna com a realização do terceiro movimento do CCN: negociação do acordo. Há

ainda que referir o uso do adverbial de inclusão – *até* – que focaliza semanticamente – *uma asneira*.

Exemplo 7: A965 psf-profi

No seguinte exemplo o EN vai ser introduzido logo após o encerramento de um outro sobre o mesmo tópico: as cheias que o locutor presenciou. Enquanto naquele o narrador procurava dar uma explicação “racional” para o comportamento das vítimas das cheias, neste introduzirá uma forte componente emocional.

48	LOU	[...] <i>&amp;ah / um caso curioso / que eu também: / quero-me referir //</i> [...]
----	-----	---

Extracto da interacção A965 psf-profi.

Mais uma vez temos a expressão da vontade de narrar aliada a uma referência genérica e avaliativa ao objecto da narração, ainda que, curiosamente, essa avaliação, de cariz neutro, se contraponha ao teor emotivo do que vai ser narrado. Parece que o narrador, propositadamente, não quer preparar o narratário para o EN, evitando reduzir a força emocional dos factos que vai revelar.

Como no exemplo anterior, a introdução da modalização ocorre numa completiva não finita, seleccionada, desta vez, pelo verbo de modalidade volitiva <querer>. Uma análise detalhada do enunciado permite identificar os mesmos constituintes do exemplo anterior, ainda que organizados de diferente forma.

(48)	<u><i>&amp;ah / um caso curioso / Ø que eu</i></u>	<u><i>também: /</i></u>	<u><i>quero-me</i></u>	<u><i>referir //</i></u>
	2		1	
	[det. + nome genérico + qualificativo]	[pronome sujeito]	[adverb. inclusão]	[verbo modal] [verbo declarativo]

1. Na posição de sujeito é, mais uma vez, referido o futuro Narrador através do pronome sujeito de primeira pessoa.

O verbo de modalidade volitiva <querer>, que exprime a vontade de realizar o acto de narrar, antecede o infinitivo do verbo declarativo <referir> na forma pronominal. Esta forma pede um complemento preposicionado, esperando-se a

ocorrência da preposição – *a* – antes do constituinte relativo que retoma a expressão nominal – *um caso curioso* –. Mas, como é referido em Mateus *et alii* (2003: 667), na fala espontânea, a formação deste tipo de frase relativa que deveria conter um sintagma preposicional em posição inicial pode apresentar apenas o constituinte relativo através de uma ‘estratégia cortadora’.<sup>40</sup>

2. À cabeça do enunciado, em posição de relevo através de uma estratégia de deslocação à esquerda, surge a referência genérica e avaliativa ao que se pretende narrar – *um caso curioso* –.

Considerando ambos os blocos de exemplos, poder-se-ia concluir que a Actividade Preparatória analisada e denominada Anúncio de EN se caracteriza por:

- ter um carácter metacomunicativo;
- surgir em posição anterior ao enunciado a que se refere;
- explicitar o seu valor ilocutório;
- referir-se à história de uma forma genérica e avaliativa.

Partindo da matriz dos exemplos anteriores como base paradigmática de uma Actividade Preparatória que introduz um EN numa interacção oral, o levantamento realizado no *Corpus* Global permite identificar variações que se vão progressivamente afastando desta matriz.

### **3.2.2.1.3. Anúncios com verbo de Acontecimento**

#### **3.2.2.1.3.1. Anúncios com Verbo de Acontecimento Temporalmente Marcados**

Uma primeira variação, ainda dentro dos Anúncios que se referem avaliativamente à unidade discursiva a introduzir sem explicitar o seu conteúdo proposicional, corresponde àqueles em que o locutor associa a REFERÊNCIA GENÉRICA E AVALIATIVA À HISTÓRIA ao seu TEMPO DE OCORRÊNCIA.

Neste caso podem identificar-se três movimentos de base:

---

<sup>40</sup> Segundo as autoras esta estratégia cortadora “faz actualmente parte do registo oral de falantes altamente escolarizados, o que permite supor que estamos perante uma tendência de mudança, mesmo no português europeu”. (Mateus *et alii*, 2003: 667)

1. Predicação verbal com VERBO DE ACONTECIMENTO;
2. ANCORAGEM TEMPORAL DO MODO NARRATIVO (através de adverbial temporal e/ou tempo verbal);
3. REFERÊNCIA GENÉRICA AVALIATIVA ao EN que se segue.

Observem-se os exemplos seguintes:

Exemplo 8: C22 pi-casa e família

No seguinte exemplo, a locutora vai iniciar uma sequência narrativa no desenvolvimento do tópico proposto pela interlocutora – as relações pai-filho.

1	*FER: <i>não me contou o ano passado / que o seu filho era [/] andava sempre com o pai //</i>
2	<i>era &lt; inseparável &gt; //</i>
3	*PRI: [ <i>&lt; e é &gt; //</i>
4	<i>&amp;ah isso + &amp;eh: / eh: / &lt; está bem // isso XXX &gt; //</i>
5	*FER: [ <i>&lt; hhh &gt; /</i> %exp : hhh → riso
6	*PRI: <i>/ ele: / como é que hei-de dizer ?</i>
7	<i>o pai anda sempre com o filho //</i>
8	<i>e o filho / sempre à beira com o pai //</i>
9	<b><i>ainda ontem isso / aconteceu uma coisa muito engraçada //</i></b>
10	<i>o meu [/] estava em casa # // [...]</i>

Extracto da interacção C22 pi-casa e família

Após a aceitação do tópico, PRI parafraseia a descrição da relação feita pela interlocutora, acrescentando-lhe informação sobre a reciprocidade da mesma (6/7/8). De seguida, avança com um EN que exemplifica e testemunha a proximidade entre pai e filho. Repare-se que o Anúncio que o introduz tem, sobretudo, um valor apelativo.

(9)	<u>ainda</u>	<u>ontem</u>	<i>isso /</i>	<u>aconteceu</u>	<u>uma coisa muito engraçada //</u>
	2			1	3
	[focalizador]	[loc. temporal]	[expletivo]	[v. acontecer - PPS]	[indef.+ nome +superlativização]

1. O predicador inacusativo de acontecimento <acontecer> aparece no pretérito perfeito simples e antecede o sintagma nominal com função de sujeito.
2. Em cabeça de frase surge o localizador temporal – *ontem* – que ancora as formas do pretérito adjacentes. Charolles (1997) considera que adverbiais temporais deste tipo têm uma função discursiva “integrativa” na medida em que introduzem e indexam um conjunto de proposições temporalmente correlacionadas. O conjunto de proposições daí resultante corresponde a uma unidade textual delimitada e delimitável no fluxo discursivo na medida em que constitui, em termos de processamento cognitivo do texto, um universo temporal específico<sup>41</sup>. Este localizador temporal é ainda focalizado através do adverbial – *ainda* –.
3. O argumento externo de <acontecer> surge em posição pós-verbal, correspondendo à expressão – *uma coisa muito engraçada* –. Refira-se, como nos casos anteriores, a indefinição da referência ao ocorrido através do uso de uma palavra vaga prototípica – *uma coisa* – e a sua predicção no superlativo com valor emotivo-apelativo.

#### Exemplo 9: A347 pi-profi

Na seguinte interação, a locutora, conversando sobre o tópico – a escola onde trabalha –, introduz um EN de experiência pessoal que exemplifica o mau ambiente que ali se vive.

---

<sup>41</sup> Charolles (1997: 3) fala em expressões relacionais que assinalam que várias proposições surgidas no decorrer do texto mantém uma relação idêntica com um certo critério (espacial, temporal, enunciativo) e são, por isso, agrupáveis no interior de unidades a que chama *Quadros*.

	[...]
10	*FER: [<] < bom / eu também > já saí de lá há um tempo / portanto já agora diz-me lá como é que aquilo tem corrido ultimamente //
11	*GRA: tem corrido muito mal / cada vez pior //
12	*FER: pois /
13	*GRA: / até: / ontem / se deu um incidente bastante / < hhh > / %exp: hhh → riso; %par: bastante é realizado num tom mais forte.
14	*FER: [<] < ai sim > ?
15	*GRA: / bastante interessante //
16	foi o seguinte / as professoras do quinto grupo pensaram em fazer uma exposição // [...]

Extracto da interacção A347 pi-profi

A aceitação do subtópico – o ambiente na escola actualmente – leva GRA a fazer uma avaliação fortemente negativa que vai exemplificar através de um EN. Como no exemplo anterior, o Anúncio que o introduz tem um valor, sobretudo, apelativo.

(13/15)	<u>até</u>	<u>ontem</u>	<u>se deu</u>	<u>um incidente bastante / hhh / bastante interessante //</u>
	2		1	3
	[adverb. focalizador]	[localizador temporal]	[verbo PPS]	[det. indefinido.+nome genérico + superlativo]

1. O predicador verbal <dar-se> com o valor de <acontecer> surge no pretérito perfeito do indicativo e antecede o sintagma nominal com valor de sujeito.
2. Também aqui, em cabeça de frase, surge o localizador temporal – *ontem* – que ancora as formas do pretérito adjacentes. E, como no exemplo anterior, – *ontem* – também surge focalizado, agora através do adverbial de inclusão – *até* –.
3. O argumento externo do referido verbo surge em posição pós-verbal, correspondendo ao sintagma nominal – *um incidente bastante / hhh / bastante interessante* –. Refira-se, como nos casos anteriores, a indefinição da referência ao ocorrido – *um incidente* – e a sua predicação no superlativo com valor emotivo-apelativo. A hesitação preenchida por riso, que antecede o adjectivo, parece

indiciar alguma dificuldade na escolha do item lexical avaliativo, o que pode estar relacionado com o teor político do episódio narrado.

Por último, há ainda que referir a ocorrência do articulador textual<sup>42</sup> – *foi o seguinte* – em posição contígua ao Anúncio e logo antes do início da orientação do EN. Este articulador textual funciona, aqui, como um focalizador de atenção do narratário para o acto comunicativo seguinte.

#### Exemplo 10: A508 pi-profi

A locutora introduz um novo tópico na conversação – a memória afectiva das crianças – e ilustra a sua opinião com um EN de experiência pessoal. No Ataque da Narrativa, MAR faz um Anúncio avaliativo que, no seu desdobramento, avança com o tópico do EN – a memória dos miúdos.

	[...]
68	*MAR: <i>mas havia coisas muito boas / sabes //</i>
69	<i>com os miúdos eu acho que sim //</i>
70	<i>sobretudo porque eles têm uma memória ...</i>
71	<i>por exemplo / nós estivemos na Bretanha / na [/] nas férias grandes //</i>
	[...]

Extracto da interacção A508 pi-profi.

Observe-se a construção do Anúncio:

(68) <u>mas</u>	<u>havia</u>	<u>coisas muito boas /</u>	<u>sabes //</u>
	1/2		3
[marc. conv. topográfico/ interactivo]	[verbo haver imperf.]	[nome genérico + superlativo]	[expressão apelativa de refocalização]

1/2. O predicador verbal <haver>, com o valor de <acontecer><sup>43</sup>, surge no pretérito imperfeito do indicativo. Esta forma verbal “funda” o tempo da diegese<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> O conceito de ‘articulador textual’ é definido operatorialmente no Glossário.

<sup>43</sup> Segundo o Dicionário Gramatical de Verbos (1991:806) o verbo <haver> na forma impessoal, com complemento expresso por um nome indicativo de evento, tem o valor contextual de ‘acontecer’.

3. O complemento do referido verbo surge em posição pós-verbal, correspondendo ao sintagma nominal – *coisas muito boas* –. Mais uma vez surge uma referência genérica ao ocorrido através do plural do lexema vago – *coisas* –, seguido da sua predicção no superlativo, com valor emotivo-apelativo.

Há ainda que referir as unidades lexicais que delimitam as fronteiras do enunciado em análise. Assim, em cabeça de frase, temos o marcador conversacional topográfico inicial – *mas* – que aqui assume também um valor argumentativo, fazendo a ligação com o dito anteriormente. A encerrar o Anúncio surge uma expressão de modalização afectiva interpessoal – *sabes?* – através da qual se pretende obter a adesão do interlocutor quer para o conteúdo do Anúncio, quer para o seu desenvolvimento posterior no EN.

Por último, refira-se, ainda, o uso do articulador textual – *por exemplo* – que, após os movimentos de precisão de conteúdo do Anúncio nos enunciados (69-70), refocaliza a atenção do interlocutor no EN a introduzir.

Resumindo, a análise dos exemplos 8 a 10 permite tirar as seguintes conclusões para este grupo de Anúncios de EN:

- Em termos ilocutórios, têm um valor, sobretudo, apelativo, ainda que, por comungarem numa reduzida variação a nível lexical e sintáctico comum a outros Anúncios, se possa falar de alguma fixidez de construção e esvaziamento semântico.
- Constroem-se em torno de um verbo de existência / acontecimento que tem como exemplo prototípico o próprio verbo <acontecer>.
- Normalmente, incluem um localizador temporal que ancora o EN num intervalo de tempo anterior ao da situação de enunciação. Essa passagem para o tempo da Narrativa pode também ser realizada pelo tempo verbal do verbo de acontecimento.
- Surge, sempre, uma referência genérica, de cariz avaliativo, à história a contar.
- Por último, e como nos exemplos do primeiro tipo, estes Anúncios visam orientar a atenção do interlocutor para o EN que é introduzido logo de seguida e, como tal, aparecem também em posição anterior a este.

---

<sup>44</sup> Como refere Fonseca (1992 [1989]: 192) o emprego do Imperfeito, tendo por marco de referência temporal um ‘não-agora’, cria um efeito de ficção ao referir-se a um mundo possível, alternativo ao presente da situação de enunciação.

### 3.2.2.1.3.2. Anúncios com Verbo de Acontecimento Sem Marcação Temporal

Por contraposição ao anterior, foi possível identificar no *Corpus* Global um outro conjunto de Anúncios que excluem quer o localizador temporal, quer a transição para um tempo narrativo, mantendo, no entanto, as restantes características. Estes Anúncios tanto podem introduzir Relatos (ex.: 11) como Narrativas (ex.: 12). Observem-se os exemplos seguintes.

Exemplo 11: C32 pi-profi

Após aceitar um novo tópico proposto pelo interlocutor – reação aos presentes dos alunos –, IRE procede a um movimento de deslocação de tópico ao introduzir um outro que continua, no entanto, dentro do supertópico em desenvolvimento – a sua relação com os alunos. Para tal, serve-se de um Anúncio que focaliza o Resumo do EN que se segue, sendo este último construído sobre uma estrutura de confronto dramatizado. Se o EN corresponde a uma estratégia de ilustração de uma tese / asserção produzida anteriormente, sendo a sua função claramente argumentativa, o Anúncio realça o carácter recorrente dos acontecimentos narrados, bem como o cariz quase anedótico dessa repetição.

	[...]
49	*IRE <i>ah / outra coisa engraçada que acontece / é: / eles pedirem-me / para assinar / a torto e a direito //</i>
50	<i>assine-me os cadernos //</i>
51	<i>assine na minha agenda //</i>
52	<i>assine no meu livro //</i>
53	<i>assino por todos os lados // &lt; hhh &gt;</i>
	[...]

Extracto da interacção C32 pi-profi.

O Anúncio realiza dois dos movimentos referidos no início desta secção: O primeiro (1) através de uma predicação verbal com verbo de acontecimento, e o terceiro (3) com uma referência genérica avaliativa ao EN que se segue.

(49) <i>ah /</i>	<i>outra coisa engraçada que</i>	<i>acontece é :</i>
	3	1
[marcador convers. topográfico]	[det. indefinido + nome genérico + adj.]	[v. acontecer presente ind.]

1. O predicador inacusativo de acontecimento <acontecer> ocorre no presente do indicativo, com uma leitura de processo habitual: a – *outra coisa engraçada que acontece* – tem lugar repetidas vezes num intervalo de tempo não delimitado, mas que inclui o tempo da enunciação. Este valor aspectual ecoa a seriação de repetições que dá corpo ao núcleo narrativo.
3. O argumento externo de <acontecer> surge em posição pré-verbal, correspondendo à expressão – *outra coisa engraçada* –. Como nos casos até agora estudados, há que referir a indefinição da referência ao ocorrido através do uso de um lexema vago prototípico – *coisa* – e realçar a sua predicação com valor emotivo-apelativo.

Na mesma interacção surge, ainda, um outro exemplo de Anúncio com verbo de acontecimento e sem ancoragem temporal no tempo da narrativa, ainda que desta vez não haja a intenção de sublinhar o carácter habitual dos acontecimentos narrados.

Observe-se o exemplo 12.

Exemplo 12: C32 pi-profi

No desenvolvimento do tópico – as reacções dos colegas ao seu relacionamento com os alunos – IRE introduz um subtópico – a relação dos alunos com uma colega –, acabando por realizar um EN que exemplifica, argumentativamente, a contraposição que faz entre ambas. O Anúncio focaliza o enunciado em que verbaliza a tese de que os afectos dos alunos se dividem entre as duas. Também neste caso, o Anúncio marca, sobretudo, o interesse do acto comunicativo que introduz e apela, assim, à adesão do interlocutor à sua realização.

	[...]
91	*IRE: <i>ora acontece também / uma coisa muito engraçada //</i>
92	<i>a maior parte dos alunos / portanto / que gostam de mim / não gostam dela # //</i>
93	<i>e vice versa / também deve haver //</i>

Extracto da interacção C32 pi-profi.

Uma análise detalhada da sua composição permite identificar os elementos já mencionados para outros exemplos:

(91)	<i>ora</i>	<i>acontece</i>	<i>também /</i>	<i>uma coisa muito engraçada //</i>
		1		3
	[marcador convers. topográfico]	[v. acontecer presente ind.]	[advérbio inclusão]	[det. indefinido + nome genérico + adj. superlativizado]

1. O predicador inacusativo de acontecimento <acontecer> ocorre no presente do indicativo com valor aspectual habitual;
3. O argumento externo do verbo surge em posição pós-verbal, correspondendo à expressão – *uma coisa muito engraçada* –. Novamente há uma indefinição da referência ao ocorrido através do uso de uma palavra vaga prototípica – *coisa* – submetida a uma predicação superlativa com valor emotivo-apelativo.

#### Exemplo 13: C557 pi-profi

No seguimento de um Relato com que pretendia exemplificar a sua relação com o seu trabalho de jornalista, o locutor passa para um segundo EN dentro do mesmo tópico – a importância do jornalismo –. A transição dá-se após uma avaliação depreciativa do EN anterior.

122	*JOS:	[...] <i>mas eu sou [/] aliás / há uma coisa muito gira //</i>
123		<i>um dia / na redacção # / casualmente //</i> [...]

Extracto da interacção C557 pi-profi.

Mais uma vez o Anúncio do EN realça o interesse do mesmo, apelando para a adesão do interlocutor ao que vai ser narrado.

(122) [...]	<i>aliás</i> /	<u>há</u>	<u>uma coisa muito gira</u> //
		1	3
	[marcador convers. topográfico/interactivo]	[verbo presente indicativo]	[det. indefinido+ nome genérico +adj. superlativizado]

O Anúncio é introduzido após uma hesitação pelo marcador conversacional topográfico inicial – *aliás* – com valor interactivo. Seguem-se-lhe:

1. o predicador de acontecimento <haver>, no presente do indicativo com valor aspectual habitual;
3. o complemento do verbo, que surge em posição pós-verbal, e corresponde à expressão – *uma coisa muito gira* –. Novamente existe uma indefinição na referência ao ocorrido através do uso de uma palavra vaga prototípica – *coisa* – submetida a uma predicação superlativa com valor emotivo-apelativo.

Há que realçar, em quase todos os exemplos analisados até ao momento, que a referência ao EN a introduzir é realizada através de palavras e/ou expressões vagas, quase sempre adjectivadas superlativamente (ver exemplo acima). Nesses casos, o confronto entre o “vazio semântico” do item lexical nominal e a sua avaliação superlativa parecem corresponder a uma estratégia discursiva de contraste que sublinha a adjectivação. Um bom exemplo deste fenómeno é a realização seguinte (Ex:14), em que ocorrem duas avaliações seguidas, com valores semânticos opostos.

Exemplo 14: C625 pi-vida pessoal

No desenvolvimento do tópico – a mesquinhez do director da escola – o locutor, aluno de uma escola industrial, introduz um segundo EN que ilustra a acusação que fez. Desta vez, critica o facto de o director denunciar à polícia os rapazes que se aproximam da escola para observar as alunas.



Exemplo 15: C557 pi-profi

Ao desenvolver o tópico – como se tornou jornalista – o locutor, no final do primeiro EN, refere que a sua experiência com jornais, até àquela data, era apenas de colecionador. Este comentário levá-lo-á a contar, num segundo EN, como a mãe se opunha a este espírito colector.

		[...]
50	*JOS:	<i>&amp;eh / e então / eu que não fazia a mínima ideia do que era o jornalismo //</i>
51		<i>apenas / lia jornais //</i>
52		<i>e colecionava jornais //</i>
53		<i><b>&amp;eh:</b> / caso curioso / a minha mãe dizia-me / por exemplo / que o meu quarto / que # / é um cheiro a petróleo //</i> [...]

Extracto da interacção C557 pi-profi.

O novo EN é introduzido através de uma unidade lexical composta por colocação<sup>46</sup> pela associação de um nome vago e genérico a um modificador que o qualifica.

Curiosamente, ainda na mesma interacção, surge uma realização semanticamente idêntica e com a mesma função introdutória, mas agora com uma definição explícita da fonte responsável pelo enunciado.

Exemplo 16: C557 pi-profi

		[...]
106	*JOS	<i><b>achei muito curioso</b> / por exemplo / eu chego a casa / e a minha mulher diz-me assim //</i>
107		<i>então / o que é que se passou hoje ?</i>
		<i>%par: o que é que → o qu' é que [...]</i>

Extracto da interacção C557 pi-profi.

<sup>46</sup> Entende-se, aqui, por ‘colocação’ uma combinação preferencial de duas ou mais palavras. Dito de outra forma, as palavras que o falante ‘escolhe’ no léxico à sua disposição têm um padrão de associação regular, isto é, parecem privilegiar um tipo de combinação observável, recorrentemente, na produção verbal dos indivíduos de uma dada comunidade linguística. Ver, também, nota 27.

Neste caso, o Pré-anúncio é construído em torno de um verbo modal epistémico com valor asseverativo, seguido do mesmo modificador, agora adverbial, superlativizado.

### 3.2.2.1.4. Anúncios com Interpelação Directa do Alocutário

Um outro tipo de Actividade Preparatória é aquela em que, ao realçar avaliativamente a totalidade do EN que pretende introduzir, o locutor interpela directamente o alocutário com o intuito de obter a sua atenção e o seu interesse. Nestes casos é possível identificar dois movimentos de base:

1. INTERPELAÇÃO DIRECTA DO ALOCUTÁRIO
2. AVALIAÇÃO

Exemplo 17: C528 pi-casa e família

No exemplo seguinte, a locutora inicia um EN com um conteúdo idêntico ao que anteriormente havia terminado, com o intuito de ilustrar uma avaliação feita antes – as primas tinham a mania das limpezas. No entanto, a meio da Orientação, faz uma inflexão de tópico por expansão<sup>47</sup>, passando para um EN humorístico centrado no comportamento de um conjunto de pessoas num velório. O Anúncio dirige-se, claramente, aos interlocutores e à sua aceitação do ‘novo’ EN.

	[...]
53	*ROS <i>ai / querem ouvir o melhor ?</i>
54	<i>ai Jesus / essa agora / &lt; hhh &gt; /</i>
55	*FER: [ <i>&lt; &gt; hhh &gt;</i> ]
56	*ROS: <i>/ mas era melhor que estivesse calada //</i>
57	<i>mais valia não ter dito nada //</i>
58	<i>estiveram lá durante a noite até / portanto / até às duas horas / ou isso //[...]</i>

Extracto da interacção C528 pi-casa e família

<sup>47</sup> O objecto de discurso – *velório* – que havia sido introduzido no EN anterior como cenário, vai transformar-se no novo tópico conversacional.

O Anúncio compreende ambas as funções referidas que correspondem a dois dos movimentos do CCN:

1. proposta/pedido para narrar (M1);
2. avaliação apelativa (M2).

(52)	<u>ai /</u>	<u>querem</u>	<u>ouvir</u>	<u>o melhor?</u>
	1			2
	[interjeição]	[v. modal volitivo]	[v. percepção]	[expressão avaliativa: determinante + substantivo]

1. Após uma interjeição com valor topográfico, a locutora lança uma pergunta total em que interpela directamente os alocutários usando a terceira pessoa do plural do verbo de modalidade volitiva <querer> no presente do indicativo, seguido do infinitivo do verbo <ouvir>.
2. O complemento directo da frase completiva corresponde à referência avaliativa ao EN, feita através de uma expressão fixa composta pelo determinante definido no masculino, seguido pelo substantivo masculino – *melhor* –.

Rehbein (1981) refere-se a este tipo de actividade comunicativa de cariz fortemente apelativo/interactivo como Pré-anúncio, na medida em que enfatiza a totalidade do enunciado subsequente, pedindo a atenção e acordo do alocutário para acompanhar o seu desenvolvimento<sup>48</sup>, sem conter qualquer explicação sobre o seu valor ilocutório ou conteúdo semântico.

---

<sup>48</sup> Segundo Rehbein (1981: 243) a função central do Pré-anúncio é focalizar a atenção do interlocutor para a relevância da unidade discursiva a introduzir. “A pre-announcement therefore contains a demand for the hearer to give an explicit and positive point of view about the planned action, in this way, to enable the speaker to make his resolution of execution”. Também Levinson (2005 [1983]: 359-355) analisa exemplos do mesmo tipo, considerando-os turnos pré-sequenciais através dos quais o locutor procura obter autorização para um turno mais longo, ao mesmo tempo que pretende assegurar a novidade da informação que pretende introduzir. Em estudos de pragmática do português, Rodrigues (1998: 81) avança com uma contraposição entre Pré-anúncio e Anúncio (Anteposto) considerando que, ao contrário do último, o Pré-Anúncio não contém qualquer explicitação sobre ilocução, modalidade ou tema, concentrando-se no apelo à atenção e à vontade do interlocutor em receber o discurso que anuncia.

Exemplo 18: C528 pi-casa e família

Ainda na mesma interacção, ocorre um Pré-anúncio idêntico, agora na voz de uma das interlocutoras.

	[....]
14	*ROS <i>é / é a mania das limpezas //</i>
15	<i>aquilo já a mãe tinha oitenta anos / como já lhe disse //</i>
16	*FER: <b><i>ouve isto / que isto vale a pena //</i></b> %par: o primeiro enunciado é produzido a rir.
17	*ROS: <i>como / como a mãe [/] a mãe também tinha oitenta anos //</i> [...]

Extracto da interacção C528 pi-casa e família

Após ter aceite o tópico – a mania das limpezas das primas – ROS inicia a Orientação do EN, mas é interrompida pela interlocutora que se dirige ao marido, chamando a sua atenção para o que vai ser narrado.

(16)	<u>ouve</u>	<u>isto /</u>	<u>que</u>	<u>isto</u>	<u>vale a pena //</u>
	1			2	
	[verbo ouvir imperativo]	[deíctico textual]	[conjunção causal]	[deíctico textual]	[expressão fixa avaliativa]

1. Surge novamente uma interpelação directa do alocutário através do uso do imperativo do verbo <ouvir>;
2. O argumento interno de complemento directo do verbo corresponde a uma referência deíctica ao segmento discursivo iniciado por ROS – *isto* –, referência que é repetida na frase causal adjacente, agora avaliada através da expressão fixa – *vale a pena* –.

No *Corpus* foram também detectados casos de Pré-anúncios em que o elemento avaliativo não ocorre, pelo que o interesse narrativo parece assentar apenas no carácter de novidade para o interlocutor do que se vai narrar. Vejam-se os exemplos seguintes:

Exemplo 19: A458 psf-casa e família

Numa sequência de ENs motivados por um pedido da interlocutora para desenvolver o tópico – a rotina dos filhos –, ALI introduz um novo EN referente a um acidente na cozinha.

	[...]
119	*ALI: <i>ai / ainda a senhora não sabe uma //</i>
120	<i>que o Luís / não gosta de sopa //</i>
121	<i>e: &amp;e / mais ou menos tenho lá sempre ovos / que levo sempre ovos para cima / quando vou //</i>
122	<i>foi estrelar um ovo para comer sozinho //</i>
123	<i>com o azeite ali a / a ferver //</i>
	[...]

Extracto da interacção A458 psf-casa e família

O Pré-anúncio tenta ganhar a atenção da interlocutora para um novo EN dentro do mesmo supertópico – os filhos –, abrindo, assim, a macroproposição de Ataque. Segue-se-lhe uma Orientação de *Background*, realizada pelo enunciado (121), onde ALI disponibiliza informação que considera relevante para a compreensão do que vai narrar.

Uma análise do Pré-Anúncio permite identificar apenas o movimento de interpelação directa do alocutário:

(119)	<u>ai /</u>	<u>ainda</u>	<u>a senhora</u>	<u>não</u>	<u>sabe</u>	<u>uma //</u>
			1			
	[marcador c. topográfico]	[adverbial]	[vocativo]	[negação]	[verbo epistémico]	[pron. indefinido]

1. Assim, o Pré-anúncio corresponde a um enunciado assertivo, com um valor ilocutório apelativo: não está em causa *X* não saber *P*, mas sim, *X* querer saber *P*. Daí o uso do adverbial de tempo – *ainda* – que implica a passagem de uma situação sem *P*, para uma outra em que *X* domina *P*, revelando que se está na iminência de tal ocorrer. *X* é identificado como sendo a interlocutora pelo vocativo de deferência – *a senhora* – e a sua “lacuna informacional”, é referida pelo indefinido – *uma* – em posição de complemento directo. O recurso a este

lexema vago mantém em aberto o referente de *P*, despertando a curiosidade da interlocutora para preencher essa lacuna dupla (de conteúdo e de género textual).

Este tipo de Pré-anúncios, marcadamente interactivo, por apelar directamente ao envolvimento do interlocutor na actividade comunicativa, pode também surgir no seio do próprio EN, interrompendo o fluxo narrativo e retardando a Acção, criando, ao mesmo tempo, uma expectativa quanto ao que aconteceu. Nestes casos, corresponde a expressões de modalização afectiva interpessoal, que buscam obter a adesão do interlocutor para o enunciado que focalizam.

Exemplo 20: A390 pi-casa e família

No decurso da interacção A390, a locutora retoma a vez, iniciando um segundo EN sobre o mesmo tópico – a sua relação com as crianças da casa –, agora narrando um episódio ocorrido com uma delas, que já havia mencionado anteriormente.

	[...]
163	*BEA: <i>a última vez já ele era muito crescido / sabe o que eu fiz ?</i>
164	<i>estava ali a / senhora na sala / casa de jantar //</i>
	[...]

Extracto da interacção C390 pi-casa e família

Após haver introduzido a Orientação Geral do EN, com a expressão de ancoragem temporal vaga – *a última vez* – que funda o tempo da diegese, BEA refere, caracterizando-a, a personagem principal. No entanto, interrompe a narração logo de seguida com a expressão de modalização afectiva interpessoal com valor focalizador – *sabe o que eu fiz ?* –, que corresponde a uma sequência de duas perguntas: uma pergunta total introduzida pelo predicador de modalização epistémica <saber> no presente do indicativo; uma pergunta parcial iniciada pelo constituinte interrogativo – *o que* – que marca o foco da interrogação – *eu fiz ?* –, foco que é composto pelo pronome sujeito de primeira pessoa e pelo pretérito perfeito do verbo causativo ‘fazer’. Dada a relação de subordinação entre ambas as perguntas (a segunda corresponde a uma frase completiva finita de complemento directo da frase superior) o escopo da primeira pergunta incide sobre a segunda, incorporando-a.

### Exemplo 21: A401 psf-vida pessoal

No seguinte exemplo o narrador vai contar como foi multado por haver estacionado incorrectamente. Após uma Orientação Geral e um segmento avaliativo de Orientação de *Background*, (15/16) ele tenta retomar a Acção e introduzir o gatilho da narrativa, marcando o seu início também com uma expressão de modalização afectiva interpessoal com valor focalizador.

	[...]
15	*ARM: <i>eu pondo ali o meu também ficava a impedir //</i>
16	<i>não há dúvida nenhuma //</i>
17	<b><i>o que é que acontece ?</i></b>
18	<i>acontece que aquilo / começa / para lá / não podia ...</i>
	%par: <i>para lá → p'ra lá</i>
	[...]

Extracto da interacção A401 psf-vida pessoal

Uma breve descrição desta actividade preparatória local permite identificar um constituinte interrogativo com fático de pergunta antecedendo o núcleo predicativo da interrogativa. Este é composto pelo verbo de acontecimento prototípico <acontecer>, que é repetido no início da Acção.

### Exemplo 22: C932 psf-casa e família

Exactamente a mesma expressão de modalização afectiva interpessoal do exemplo anterior é utilizada pelo narrador no exemplo seguinte, agora para focalizar uma alteração no percurso vocacional das personagens principais e, logo, apontar para um outro desenlace do EN.

	[...]
115	*FER: <i>e enquadram os meus filhos / noutras escolas //</i>
116	<i>em liceus comuns //</i>
117	<i>e escola técnica comuns //</i>
118	<b><i>e o que é que acontece ?</i></b>
	%par: <i>e o que é que acontece → e o qu' é qu' acontece</i>
119	<i>os meus filhos misturaram-se com / com / com pessoas de / de / de / &amp;dou /</i> <i>&amp;dou / doutra / doutra variedade //</i>
120	<i>quer dizer / filhos de trolhas / de sapateiros / de / daqui e dacolá //</i>
121	<i>e então / os meus filhos perderam aquela vocação que tinham //</i>
	[...]

Extracto da interacção C932 psf-casa e família

Enquanto interpelações directas do interlocutor, as Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal analisadas nos exemplos 20, 21 e 22, para além de apelarem ao envolvimento do narratário na construção dos sentidos da narrativa, têm uma função focalizadora em relação ao enunciado seguinte.

### 3.2.2.2. Actividades Preparatórias e Tópico Conversacional

Até ao momento procurámos listar e analisar um primeiro grupo de Actividades Preparatórias do EN que inclui todas as estratégias introdutórias que realizam, total ou parcialmente, os movimentos iniciais do protocolo do CCN, a saber: M1 (Anúncio do EN), M2 (Justificação do EN) e M3 (Negociação de Acordo).

Na secção seguinte, debruçar-nos-emos sobre aquelas Actividades Preparatórias em que, por existir um acordo tácito entre interlocutores sobre a oportunidade de introdução do EN, há, sobretudo, uma preocupação de vincular o seu surgimento à estrutura tópica da conversação. No entanto, encontrar-se-ão, repetidas vezes, elementos dos Anúncios e Pré-anúncios caracterizados na secção 3.2.2.1.1.

### 3.2.2.2.1. Actividades Preparatórias com Elementos de Coesão

Um primeiro tipo de Actividade Preparatória de cariz coesivo é aquela em que o locutor refere, de uma forma explícita, elementos do conteúdo proposicional do EN subsequente, mais especificamente, da sua Orientação, tomando em consideração a estrutura tópica da conversação precedente.

Na primeira selecção de exemplos, considerar-se-ão aqueles em que o locutor vai criar um novo tópico ou retomar um já desenvolvido, ligando-o ao discurso anterior através de elementos de coesão identificáveis no próprio texto. Esses elementos tanto podem corresponder a estratégias de referenciação<sup>49</sup> que tecem isotopias, como cadeias anafóricas, como a articuladores textuais. Neste tipo de Actividades Preparatórias surgem, normalmente, dois movimentos:

1. RETOMA ANAFÓRICA e/ou CO-REFERÊNCIAL DE TÓPICO ou de OBJECTO DE DISCURSO
- Ou
- 1'. ARTICULADOR TEXTUAL
2. ORIENTAÇÃO DO EN

Exemplo 23: A399 pi-vida social

Numa conversa que se desenvolve em torno do supertópico – os novos hotéis da Madeira – a locutora faz uma descrição fortemente depreciativa do Holliday Inn, acabando por citar, em tom de chacota, a opinião contrária à sua expressa por Américo Tomás aquando da sua visita à ilha. Esta referência localizada vai dar azo ao desenvolvimento de um novo EN tendo por cenário os mesmos hotéis e por personagem principal o então presidente.

---

<sup>49</sup> De acordo com Koch (2005) considera-se referenciação a remissão textual a um ou vários objectos de discurso. Ela é uma actividade discursiva que opera sobre material linguístico e resulta de escolhas do sujeito em função do seu 'querer dizer'. Dito de outra forma, no conjunto das opções que constituem o seu *thesaurus* lexical, o indivíduo opta por uma forma nominal em detrimento de outra(s) de acordo com o sentido ou orientação argumentativa que pretende imprimir aos seus enunciados.

		[...]
185	*HEL:	/mas diz que Ø gostou muito //
186	*XYZ:	[< < hhh >
167	*FER:	[< < hhh >
188	*ABC:	[< < hhh >
		%exp: (186-188) hhh → riso
189	*HEL:	<b>no Funchal contaram-me a história dele ter inaugurado no mesmo dia dois hotéis //</b>
190		acho que Ø inaugurou o Sheraton //
191		e Ø inaugurou o Holiday Inn //

Extracto da interacção A399 pi-vida social

O Anúncio do EN realiza uma expansão de tópico ao transformar o objecto de discurso Almirante Américo Tomás, introduzido pontualmente no segmento tópico anterior, no tópico do novo EN. (Repare-se que Américo Tomás é o sujeito do verbo <gostar> no enunciado (185)).

(189) *no Funchal contaram-me a história dele ter inaugurado no mesmo dia dois hotéis //*

1

2

Assim, temos um enunciado que corresponde a uma frase complexa: na frase superior, surge um Anúncio construído através da combinação de um predicado declarativo no pretérito perfeito simples com uma referência genérica à narrativa (ver secção 3.2.2.1.1.).

1. Segue-se uma frase completiva que tem por sujeito o anafórico ‘ele’, referindo-se ao objecto de discurso Américo Tomás que é, deste modo, constituído personagem principal da narrativa.
2. Além disso, a completiva apresenta a situação inicial da narrativa resumindo, numa espécie de antecipação sumária<sup>50</sup>, a Acção principal do EN.

Destaque, ainda, para o localizador espacial em cabeça de frase – *no Funchal* – que está directamente relacionado com a preocupação de marcar a autenticidade do EN, uma vez que se realça que a informação foi obtida *in loco* e, logo, em primeira mão.

<sup>50</sup> Esta antecipação sumária corresponde, em termos narratológicos, a uma Prolepse, um tipo de anacronia que consiste na alteração da ordem sequencial dos acontecimentos, antecipando alguns que ainda não tenham ocorrido ou fazendo simplesmente um sumário de uma situação que virá a ocorrer, como é o caso.

Exemplo 24: C48 psf-vida pessoal

Este e o próximo exemplo são ambos retirados da mesma interacção. Depois de aceitar o tópico proposto pelo interlocutor – o campismo –, DOM vai realizar dois ENs que, dentro do mesmo Quadro Tópico, desenvolvem subtópicos diferentes: como começou a acampar e como prefere fazê-lo.

1	*I01: <i>tinha pensado que / aqui há tempos / <u>XXX falado no campismo</u> //</i> [...]
7	<i>como é que lhe veio <u>essa ideia do campismo</u> / há quanto tempo / e ...</i> %par: como é que → com' é que
8	*DOM: <i><u>bem eu / comecei a acampar</u> aproximadamente há uns / doze a quinze anos //</i>
9	<i>doze a catorze <u>anos</u> //</i>
10	<i><u>&amp;ah: / no café / junto com os meus amigos / &amp;ah / uma ocasião /</u></i> <i><u>falou-se em campismo</u> //</i>

Extracto da interacção C48 psf-vida pessoal

Assim, indo de encontro ao pedido do interlocutor, DOM aceita desenvolver o tópico proposto, respondendo às questões que aquele lhe colocou sobre ‘como’ e ‘quando’ iniciou a prática do campismo.

(10) &ah: / no café / junto com os meus amigos / &ah / uma ocasião / falou-se em campismo //

2

1

1. Surge uma referência directa ao tópico no complemento do verbo da frase.
2. Os complementos circunstanciais de lugar e de companhia que abrem o enunciado correspondem às primeiras informações da Orientação (espaço e personagens).

O localizador temporal vago – *uma ocasião* – ancora, no pretérito, os tempos da narrativa.

Exemplo 25: C48 psf-vida pessoal

Neste exemplo, após haver introduzido o subtópico – gosta de fazer campismo com muita gente – o locutor revela a sua preferência por parques em que haja muito

contacto entre campistas de várias proveniências. Para o comprovar, introduz um EN em que narra uma pequena história de convívio com um casal americano.

	[...]
76	*DOM: &eh: / eu quando faço campismo turismo # / gosto de ver muita gente //
77	<u>gosto de estar rodeado de / portugueses / &lt; franceses / ingleses / e alemães</u> <u>/ e isso &gt; //</u>
78	*I01: [<] < pois / XXX > /
79	*DOM: / quase todos / <u>uns / &amp;ah: / como se costuma dizer / em cima dos outros //</u>
80	mas / <u>só assim / é que eu gosto de estar acampado //</u>
81	quando estou em turismo / não é //
82	*I01: porque é mais engraçado //
83	< para ter convivência > //
84	*DOM: [<] < pois > / &eh / pois / porque / quantas vezes eu estou acampado +
85	isso normalmente sucede em Espanha //
86	estou aqui acampado / e a dois ou três metros estão ingleses / ou americanos //
87	<b>como por exemplo # / este ano que passou / este ano que passou / não //</b>
88	<b>mas: / há dois anos / hhh / por exemplo / estive em Sevilha //</b>
89	<b>e: / em frente a nós estava um casal de americanos //</b>

Extracto da interacção C48 psf-vida pessoal

Enquanto nos exemplos anteriores (23 e 24) era possível seguir uma cadeia anafórica ou de co-referência em torno de um mesmo referente, aqui, são, sobretudo, questões de coerência argumentativa que permitem inserir o EN no Segmento Tópico em que surge.

Assim, DOM, após a adesão do interlocutor à sua visão sobre acampar (82-83), decide retomar a vez em (84) para ilustrar, com um caso real, a sua visão do campismo.

(87) como por exemplo # / este ano que passou /

1'

2

[articulador textual]

[localizador temporal + verbo no PPS]

*este ano que passou / não // mas: / há dois anos / hhh /*

[movimento de autocorreção]

(88) por exemplo / estive em Sevilha //

1'

2

[articulador textual]

[verbo no PPS + localizador espacial]

(89) e: / em frente a nós estava um casal de americanos //

2

[localizador espacial]

[verbo no PI]

[sintagma nominal sujeito]

Destaque para a ocorrência do articulador textual – *como por exemplo* – a abrir o primeiro e o segundo enunciados da Orientação do EN. Enquanto mecanismo organizador do texto basicamente sequenciador<sup>51</sup> (Risso: 2006) – *por exemplo* – remete para o anteriormente enunciado, anunciando, ao mesmo tempo, um desenvolvimento do mesmo. No presente caso, ele surge, também, como organizador da estrutura interna do tópico ao ser novamente utilizado após o movimento de autocorreção.

Exemplo 26: C980 pi-casa e família

No desenvolvimento do tópico – a educação dos filhos – a locutora introduz um sub-tópico – os problemas dos filhos únicos –, passando para o seu caso pessoal. Assim, após exprimir a sua opinião sobre a questão e justificá-la com a própria experiência familiar, relança o tópico, agora com um EN com que procura demonstrar quão viciada pode ser a relação entre pais e filhos únicos.

---

<sup>51</sup> Risso (2006:427) inclui a expressão – *por exemplo* – num conjunto de marcadores discursivos basicamente sequenciadores a que se refere como unidades articuladoras de texto que constituem “um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional”.

	[...]
89	*LEO: <i>aliás ainda hoje tive uma conversa dessas /</i>
90	*FER: <i>hum hum //</i>
91	*LEO: <i>/ cá //</i>
92	<i>a propósito assim de pais e tal //</i>
93	<i>o / meu marido por exemplo / esteve agora para Lisboa porque estavam com uma greve //</i>
	[...]

Extracto da interacção C980 pi-casa e família

Repare-se que através do articulador textual – (92) *a propósito assim de* – a locutora ancora o EN a introduzir na linha argumentativa que vem traçando em torno do tópico em debate, aqui referido pelo nome plural – *pais* – e seguido de uma expressão vaga de caracterização – *e tal* – que refere e resume o anteriormente dito sobre o assunto. Este articulador textual focaliza o tópico que motiva o EN, abrindo caminho para a Orientação do mesmo.<sup>52</sup> Já no corpo da Orientação reaparece o articulador textual – *por exemplo* – que marca o EN como exemplificativo do afirmado em tese anteriormente.

### 3.2.2.2.2. Actividades Preparatórias com Localizador Temporal Não-deíctico

Ainda em relação à preocupação do locutor com a coerência temática, noutros casos ele simplesmente aproveita o tópico da pergunta do entrevistador para introduzir um EN, de forma que o conteúdo proposicional da pergunta funciona como macroestrutura semântica para o EN que aparece na resposta. Nestes casos, ele tem a possibilidade de passar directamente para o tempo dos acontecimentos, criando, para tal, um LOCALIZADOR TEMPORAL NÃO-DEÍCTICO que ancora o modo de enunciação narrativo.

Observem-se os exemplos:

<sup>52</sup> Em Morais (2004a) analisámos outros articuladores discursivos com função topográfica idêntica, isto é, abertura do enunciado que introduz a Orientação do EN, mas com uma referência explícita ao tópico conversacional a que se indexam: *em relação a; a contar ainda de*.

Exemplo 27: C31 psf-profi

Nos dois exemplos seguintes, a entrevistada, que é catequista, aproveita o comentário do entrevistador quanto à dificuldade das crianças em compreender o que é a comunhão, para introduzir, logo de seguida, um EN.

	[...]
23	*I09: <i>mas quem é que lhes ensinava assim / por exemplo / &amp;ah / o que era a comunhão ?</i>
24	<i>quer dizer / assim / &amp;ah / os miúdos pequeninos não sabem / não é ?</i>
25	<i>vão[/] pensam que &lt;vão ali só &gt; /</i>
26	*GUI: <i>[&lt;] &lt;até numa &gt; ocasião um / um catraio / e: / era pequenino / inocência //</i>
27	<i>diz assim //</i>
28	<i>ai / no dia da comunhão / vais / tomar nosso senhor //</i> [...]

Extracto da interacção C31 psf-profi.

Numa sobreposição de vozes, GUI inicia a Orientação de um EN directamente relacionado com o tópico proposto pelo interlocutor.

(26) <i>até</i>	<i>numa ocasião</i>	<i>um, um catraio</i>	<i>e</i>	<i>era pequenino inocência!</i>
[adv. de inclusão]	[loc. temporal vaga]	[ indef.+nome avaliativo]	[conector]	[ser no imperf. indicativo + predicativo]

Como se pode verificar, a transição para o EN faz-se com o localizador temporal vago – *numa ocasião* –, uma expressão não-deíctica focalizada semanticamente pelo adverbial – *até* –, que funciona como âncora para o imperfeito do indicativo do verbo <ser> da frase exclamativa que caracteriza a personagem introduzida – *e era pequenino inocência* –. Neste caso, como já foi referido, todo o enunciado pertence já à Orientação da Narrativa, uma vez que o termo-origem de ordenação temporal é o intervalo de tempo indefinido que contém o facto ocorrido. A passagem para o discurso directo no enunciado (27) corresponde à introdução da Acção, mais precisamente do Gatilho da mesma Narrativa.

Destaque, ainda, para a Orientação de *Background* – (26) ... *e / era pequenino inocência* – onde a narradora faz uma caracterização avaliativa da personagem

principal, somando ao lexema marcado emocionalmente que a refere – *catraio* – um predicativo com adjectivo diminutivo seguido de nome fortemente avaliativo – *pequenino inocência*.

Exemplo 28: C31 psf-profi

Ainda da mesma interacção, e referindo-se ao mesmo tópico – a catequese – e ao primeiro episódio narrado, a locutora introduz um segundo EN com o mesmo tipo de estratégia.

		[...]
53	*I09	<i>eles deviam / mas eles deviam fazer imensas perguntas / não ? &lt; dizia-se &gt; /</i>
54	*GUI	[<] < <b>XXX</b> > <i>outro também / uma vez //</i> %alt: xxx → mas
55		<i>estava muito zangado com o santo / porque tinha-lhe pedido qualquer coisa / e o santo não fez //</i>

Extracto da interacção C31 psf-profi.

Observe-se o início do EN:

(54)	<i>mas</i>	<i>outro</i>	<i>também</i>	<i>uma vez</i>
	[mc topográfico/ interactivo]	[indef. catafórico]	[advérbial de inclusão]	[loc. temporal vaga]

(55)	<i>(es)tava</i>	<i>muito zangado com o santo</i> [...]
	[estar imperf. ind.]	[predicativo] [complemento]

Através dos elementos de coesão – *mas* –, marcador conversacional topográfico como valor interactivo, – *outro* –, indefinido catafórico, e – *também* –, advérbial de inclusão, a narradora inicia a Orientação com uma referência vaga ao personagem principal, seguida de um localizador temporal vago não-deíctico – *uma vez* –.

Repare-se, ainda, que o núcleo predicativo da frase, assente sobre uma adjectivação superlativa fortemente emocional – *muito zangado* –, corresponde à situação inicial da narrativa, resumindo e de alguma forma antecipando a Acção principal do EN.

### Exemplo 29: C1381 psf-profi

No exemplo 29, a narradora passa para um novo episódio de uma narrativa superior, marcando o início da Acção através de um localizador temporal vago que baliza os acontecimentos que constituem esse episódio.

	[...]
164	*MAR <i>chegou cá um colega meu / uma vez / vinha a bufar por todos os cantos //</i>
165	<i>eu assim //</i>
166	<i>homem / o que é que você tem ? hhh /</i>
	[...]

Extracto da interacção C1381 psf-profi.

Sob uma perspectiva textual, uma releitura dos exemplos 27 a 29 permite concluir que em todos eles o locutor entra directamente na Orientação ou na Acção da Narrativa através da instauração de um novo intervalo de tempo que contém o facto ocorrido e que é referido por uma expressão temporal vaga de cariz não-deíctico. Os exemplares prototípicos destas expressões são aquelas construídas a partir do substantivo ‘vez’ referindo-se a ‘um certo momento’, ‘uma certa ocasião’, ou ‘certas circunstâncias’<sup>53</sup>. O *Corpus* Global permitiu identificar um conjunto recorrente dessas expressões, normalmente introduzidas por um indefinido:

### Exemplo 30:

*uma vez* – [(164-173) C1381 psf-profi]<sup>54</sup>; [(62) C1379 pi-casa e família];  
[(14-60) A475 pi-casa e família]

### Exemplo 31:

*já uma vez* [(8) A475 pi-casa e família]

### Exemplo 32:

*uma das vezes* [(25) A16 psf-vida social]

### Exemplo 33:

*uma ocasião* [(10) C48 psf-vida pessoal]

<sup>53</sup> Fonseca (1992:200), ao definir a noção de *deixis* temporal fictiva, considera ‘uma vez’ um marco de referência temporal transposto que, pela sua ambiguidade, cruza os valores temporal – nesse momento – e notional – nessas circunstâncias. Ver, ainda, a nota 9 sobre a noção de ‘operador de ficcionalidade’.

<sup>54</sup> A numeração entre parêntesis curvos refere-se ao enunciado em que surge a expressão temporal na transcrição.

Podem também surgir alguns localizadores temporais vagos introduzidos por definidos, referindo quer uma ocorrência específica (ver exemplo 34, abaixo), quer um intervalo de tempo já mencionado (ver exemplo 35, abaixo):

Exemplo 34:

*a última vez* [(163) A390 pi-casa e família]

Exemplo 35:

*nessa altura* [(31) A965 psf-profi]

### 3.2.2.2.3. Actividades Preparatórias com Resumo

Ainda dentro dos exemplos de introdução de EN que aproveitam a macroestrutura criada pelo tópico da pergunta ou pedido para narrar, o locutor pode, também, associar a essa estratégia a introdução de uma ou mais proposições que resumem o conteúdo, ou partes do conteúdo, da história que vai ser contada.

O Resumo pode incidir:

- sobre a Acção do EN;
- sobre o Resultado e/ou Avaliação do EN.

Observem-se os exemplos 36 e 37 apresentados a seguir.

Exemplo 36: A396 psf-profi

No desenvolvimento do tópico – o trabalho de parteira – a responsável pela gravação da interacção questiona a interlocutora sobre possíveis – *surpresas* – no exercício da sua profissão. Desta forma abre um novo segmento tópico para o qual MAR vai contribuir com dois EN que, no seguimento da sua argumentação, correspondem a casos de excepção.

88	*I03:	<i>eu tenho ideia / que é assim uma coisa / que pode ter / muitas surpresas / não pode ?</i>
89	*MAR:	<i>ai tem //</i>
90		<i>muitas surpresas //</i>
91		<i>&amp;ah / da / na [/] como as pessoas se conduzem //</i>
92	*I03:	<i>&lt; pois &gt; //</i>
93	*MAR:	<i>/ [&lt;] &lt; duma &gt; maneira geral as pessoas / se já estão preparadas //</i>
94		<i>para ter os filhos //</i>
95		<i>psiquicamente ou psicologicamente //</i>
96		<i>a coisa corre sempre muito bem //</i>
97	→	<i><b>&amp;ah:</b> / devo dizer-lhe que nunca me aconteceu //</i>
98	→	<i><b>senão com duas senhoras //</b></i>
99	→	<i><b>tê-las completamente descontroladas //</b></i>

Extracto da interacção A396 psf-profi.

Assim, por contraposição com aquilo que refere ser normal na sua actividade profissional, MAR vai narrar dois casos de “descontrolo” das parturientes. Os enunciados que referem esse “descontrolo” (97-99) correspondem a um Resumo avaliativo de ambas as histórias. Este é introduzido por um Anúncio que combina algumas das construções analisadas anteriormente: assim, temos uma primeira proposição com verbo declarativo modalizado deonticamente – *devo dizer-lhe que* –, tendo por completiva uma frase negativa, construída com o verbo de acontecimento prototípico <acontecer>. Ainda para destacar a excepcionalidade do ocorrido, a locutora vai recorrer a uma construção de contraposição argumentativa: *nunca X senão com Y*. O Resumo em si é intensificado pelo adverbial – *completamente* –.

Exemplo 37: A390 psf-profi

Ainda na mesma interacção, surge um quarto EN que resulta da retoma do tópico – as surpresas ao exercer a actividade de parteira – pela interlocutora.

	[...]
203	*I03: <i>e porque há sempre surpresas / &lt; não é ?</i>
204	<i>não pode &gt; /</i>
205	*MAR: <i>[&lt;] &lt; sempre surpresas &gt; //</i>
206	<i>nunca se pode / saber //</i>
207	<i>eu por acaso / em todos os partos que fiz / até hoje //</i>
208	<i>tenho um caso / de uma criança / que é anormal //</i>
	%par: <i>de uma → d' uma</i>
209	*I03: <i>pois //</i>
210	*MAR: <i>&amp;eh / e: / isso desgosta-me / profundamente //</i>
211	<i>porque a criança acabou de nascer / com circulares ao pescoço / e fez uma icterícia / gravíssima //</i>

Extractos da interacção A390 psf-profi.

Como se pode observar, MAR interpreta a asserção refocalizada com pergunta-tag da interlocutora em – (203) *e porque há sempre surpresas / < não é ?* –, como a repetição da pergunta que deu azo aos ENs anteriores. Assim, após aceitar a reintrodução do tópico – surpresas ao exercer a actividade de parteira – com uma repetição-eco no enunciado – (205) *[<] < sempre surpresas > //* –, MAR reforça a sua concordância com a interlocutora e a sua posição face à opinião manifesta através de uma paráfrase do enunciado (204) – *não pode > /* –, repetindo-o em – (206) *nunca se pode / saber //* –.

Segue-se um Resumo do EN que vai introduzir, neste caso focalizado no Resultado do mesmo. Repare-se que, dado o dramatismo do desfecho do EN, este Resumo é atenuado pelo adverbial delimitador – *por acaso* – que, sem pôr em causa o valor de verdade do enunciado que abre, parece circunscrever os limites dentro dos quais deve ser interpretado, neste caso, fixando a sua validade dentro do domínio da excepcionalidade<sup>55</sup>. A mesma excepcionalidade é ainda sublinhada pela contraposição argumentativa entre – *todos (os partos)* – e – *um (caso)*. Destaque ainda para o enunciado fortemente avaliativo que fecha o Ataque – (210) *&eh / e: / isso desgosta-me*

<sup>55</sup>Neves (2000: 250) considera este tipo de adverbiais ‘modalizadores delimitadores’ uma vez que “não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações e das negações. O que ocorre nessa modalização é que o falante circunscreve os limites dentro dos quais o enunciado, ou um constituinte do enunciado deve ser interpretado, e dentro dos quais, portanto, se pode procurar factualidade, ou não, do que é dito.” Esta questão será desenvolvida no capítulo 4, secção 4.3.4.4.1.

/ *profundamente* // –, através do qual a narradora verbaliza os seus sentimentos face ao ocorrido. Enquanto o deíctico textual – *isso* – refere o caso a narrar, o verbo de emoção <desgostar> é intensificado pelo advérbio – *profundamente*.

Um subtipo destas actividades preparatórias vinculadas à macroestrutura semântica que motiva a introdução do EN, são aquelas que resultam de um comentário ou de uma tomada de posição do locutor sobre um determinado tópico. Como é evidente, muitas das vezes esses enunciados argumentativos decorrem de uma questão levantada pelo interlocutor. No entanto, podem também surgir no seio de um segmento tópico, apoiando uma linha argumentativa do próprio locutor. De qualquer forma surgem, quase sempre, em narrativas que ilustram uma posição assumida mais veementemente sobre um dos tópicos conversacionais e que funcionam como estratégia de modalização, quer por atenuação quer por confirmação do afirmado.

Como muitas das vezes não houve uma preparação prévia destes ENs, a sua introdução parece também caracterizar-se pela ocorrência de marcas de hesitação e reformulação, associadas a movimentos de analepse e prolepse na construção narrativa (ver exemplos 38 e 39).

#### Exemplo 38: A353 pi-casa e família

No seguinte exemplo, a locutora aceita desenvolver o tópico proposto pela interlocutora – o relacionamento do filho com rapazes e raparigas – para, rapidamente, focalizar a sua atenção na forma como aquele se passou a interessar pelo género feminino. Daqui vai resultar um primeiro EN directamente relacionado com um novo tópico conversacional que ela própria introduz: o primeiro ‘namoro’ do filho.

	[...]
27	*ALD: <i>agora em relação ao xxx //</i>
28	<i>que eu estou convencida que é namoro / embora ele diga que não //</i>
29	<i><u>nitidamente</u> / anda <u>interessadíssimo</u> / com o namoro //</i>
30	<i>é um: / um Otelo digamos assim //</i>
31	<i>porque é: [/] &amp;ah gosta <u>imenso</u> da rapariga //</i>
32	<i>ele diz que não gosta / mas gosta / <u>nitidamente</u> dela //</i>
33	<i><b>e é um ciumento de marca / porque inclusivamente / chorou / quando eu o proibi / a ir a uma festa //</b></i>
34	<i>só <b>porque</b> tinha de ir //</i>
35	<i><b>porque</b> havia dois / que estavam interessados na mesma rapariga //</i>
	[...]

Extracto da interacção A353 pi-casa e família

Temos, assim, uma introdução marcada de tópico através do articulador textual – *agora em relação a* – <sup>56</sup> a que se segue uma sequência de enunciados fortemente avaliativos, na qual a locutora defende veementemente a sua tese quanto ao carácter apaixonado e possessivo do filho.

Destaque para o contraste de conteúdos entre as proposições indexadas aos dois universos de crença em confronto, o seu e o do filho, contraste expresso, textualmente, no embate entre ambas as vozes: (28) *que eu estou convencida que é namoro*  $\leftrightarrow$  (28) *embora ele diga que não*  $\leftrightarrow$  (29) *nitidamente / anda interessadíssimo / com o namoro* ; (31) *porque é: [/] &ah gosta imenso da rapariga*  $\leftrightarrow$  (32) *ele diz que não gosta*  $\leftrightarrow$  (32) *mas gosta / nitidamente dela*. Esta contraposição de vozes, argumentativamente dirigida, vem acentuar a força das crenças da locutora sobre o tipo de relação emocional que atribui ao filho.

Repare-se, ainda, que enquanto a voz do segundo surge introduzida por um verbo declarativo neutro, <dizer>, a de ALD é-o através de uma expressão de atitude

<sup>56</sup> Charolles (1987: 26) considera este tipo de expressões topicalizadoras – *em relação a X* – como introdutores de um quadro temático (que corresponde, *grosso modo*, ao que aqui referimos como segmento ou quadro tópico). Estas construções de topicalização caracterizam-se por o SN que ocupa a posição de X ser, normalmente, retomado anaforicamente na proposição seguinte e o seu destacamento à esquerda só ser possível por ter sido já evocado (directa ou indirectamente) no discurso anterior. Ainda segundo o mesmo autor, a topicalização é o meio privilegiado para abrir um quadro temático na medida em que incide sempre sobre algo que não é nem completamente novo (Tema) nem faz parte da finalidade principal da mensagem (Rema). Exemplos deste tipo serão analisados no capítulo 4, secção 4.3.1.3.

proposicional epistémica<sup>57</sup> com valor asseverativo – (28) *eu estou convencida que* –. Por outro lado, os seus enunciados, ao contrário dos atribuídos ao filho, são modalizados avaliativamente, recorrendo, para tal, ao adverbial modal epistémico com valor assertivo – (29/31) *nitidamente* –, ao adverbial de intensidade – (31) *imenso* – e ao superlativo – (32) *interessadíssimo*.

No centro da argumentação a favor da sua tese, a locutora realiza uma comparação metafórica – *é um Otelo* – que, ainda que atenuada pela expressão modalizadora metacomunicativa – *digamos assim* –, vai activar um universo cultural que crê partilhado pela interlocutora, e introduz o segundo elemento que justifica a sua tese: o filho é muito ciumento. A paráfrase da mesma metáfora, através da expressão fixa – (33) *é um ciumento de marca* – sublinha a sua crença relativamente ao comportamento amoroso do filho e permite, através de uma explicativa causal que corresponde a um Resumo, justificar a introdução do EN que vai ilustrá-la. O referido Resumo é construído através de uma prolepse, uma antecipação, resumida, da Acção principal, focalizada através do adverbial de inclusão – *inclusivamente* –.

A sequência de frases explicativas causais iniciadas por – *porque* – confirmam a preocupação argumentativa que subjaz à narrativa.

#### Exemplo 39: C627 pi-profi

No seguinte exemplo, a locutora, uma professora reformada, introduz o tópico – livros escolares – fazendo a apologia dos livros da Verbo Juvenil. No desenvolvimento do mesmo tópico vai rasgar um forte elogio ao manual da 4.<sup>a</sup> classe, Janela Aberta, e narrar como o impôs na escola onde trabalhava.

Dado o surgimento ‘espontâneo’ do EN numa sequência fortemente argumentativa, há uma clara falta de planeamento do mesmo, patente, em termos narrativos, quer nos avanços e recuos da Acção (prolepse e analepse), quer nas várias repetições e avaliações de segmentos-chave da mesma.

---

<sup>57</sup> Para uma definição operatória do conceito de ‘Expressão de Atitude Proposicional’, consulte-se o Glossário.

	[...]
17	*ANA: < nós temos > <u>aquele livro da quarta classe</u> / <u>Janela Aberta</u> //
18	*I09: [<] < xxx >
19	*ANA: <u>Janela Aberta</u> // ←
20	do <u>Verbõ Juvenil</u> //
21	é uma <u>maravilha</u> //
22	dizem <u>assim</u> //
23	mas que <u>assuntos</u> eles foram buscar //
	%com: assuntos é realizado com uma acentuação mais forte.
24	e eu <u>impu-lo</u> //
25	eu <u>impu-lo</u> na zona //
	%com: impu-lo é realizado com uma acentuação mais forte em ambos os enunciados.
26	em que <u>trabalhei</u> as minhas últimas duas quartas classes [/] eu disse //
27	se não me dão <u>este livro</u> / porque o &senho / o / o [/] eu compro sempre os
	livros / e faço o estudo deles //
28	e depois aproveito / ou não aproveitava //
29	*I09: claro //
30	*ANA: / era assim //
31	e eu / estudei a Janela Aberta / senti-me tão aberta / para as minhas alunas //
	%par: para as → p'r'ás
32	como elas amanhã seriam abertas para comigo //
	%par: para → p'ra
33	que é que eu fiz ?
	%par: que é que eu → qu' é qu' eu
34	escolhi imediatamente //
35	impus à escola //
	[...]

Extracto da interacção C627 pi-profi.

O objecto de discurso – *Janela Aberta* – é introduzido em posição remática no enunciado (17) e logo tomado como tema no enunciado (19). A partir deste momento torna-se o tópico da conversação. Após uma avaliação hiperbólica com o predicado – *é maravilhoso* – surge uma citação com sujeito indefinido em discurso directo, que

corresponde a uma frase exclamativa e vem reforçar a ideia de excepcionalidade do livro em causa.

Segue-se o Resumo da Acção principal do EN – (24) *e eu impu-lo //* – que realiza, como no exemplo anterior, um sumário/avanço da Acção principal (prolepse), referindo os dois actantes centrais da narração – o sujeito-agente e o objecto –, bem como o tipo de relação estabelecida entre ambos. O Resumo surge marcado através de uma estratégia de repetição adjacente que introduz a referência ao espaço da narrativa. Segue-se uma Orientação de *Background* – (26) *em que trabalhei as minhas duas últimas quartas classes* – que antecede a passagem para a Acção em discurso directo.

Repare-se que a Acção ‘dramatizada’ é interrompida, no seguimento de uma hesitação, por uma nova Orientação de *Background* com que a narradora procura construir a sua própria imagem como professora e que vai dar azo a uma analepse, isto é, a um recuo, no tempo narrativo, a uma acção anterior à já iniciada – (31) *e eu / estudei a Janela Aberta / senti-me tão aberta / para as minhas alunas //*.

A acção principal é retomada com a expressão de modalização afectiva interpessoal – (33) *que é que eu fiz ?* – que corresponde a um Pré-anúncio centrado na interpelação do interlocutor<sup>58</sup> e que focaliza a repetição da Acção principal – (34) *escolhi imediatamente //* (35) *e impus à escola //* –.

Os anacronismos, interrupções e repetições focalizadoras acima referidos (como se a narradora temesse não estar a conseguir passar o mote da narrativa) são características comuns neste tipo de EN espontâneo de cariz argumentativo em que está em causa a própria imagem do narrador/personagem.

#### **3.2.2.2.4. Prefácio Introdutório de Enunciado Narrativo**

Por último, surge um tipo de prefácio introdutório de EN no *corpus* estudado que Rehbein (1981: 244-249) identifica como ‘Introdução’. Segundo este autor, a ‘Introdução’ é, antes de tudo, um procedimento discursivo dado que, ao contrário das actividades preparatórias anteriores, tem um cariz expansivo, isto é, expande o início do acto comunicativo de duas formas:

---

<sup>58</sup> Para uma análise detalhada deste tipo de Pré-anúncio, ver secção 3.2.2.1.4., exemplo 20.

- Pela indefinição do seu planeamento e pela presença de marcas de processamento no texto (ex. hesitações, pausas preenchidas, reorientações do discurso...).
- Pela sobreposição da importância do alocutário à do próprio acto comunicativo, isto é, pela relevância dada pelo locutor à criação de um conhecimento partilhado que permita ancorar o tema do que vai ser desenvolvido nos conhecimentos do alocutário, contribuindo, assim, para a interpretação correcta da sequência Narrativa.

Vejam-se os exemplos 40 e 41.

#### Exemplo 40: A401 psf-vida pessoal

Ao pretender narrar como foi injustamente multado, o locutor inicia o EN procurando situar espacialmente o locutor no local do acontecimento. Esta sequência introdutória aparece eivada de hesitações, autocorreções, interrupções e reorientações do discurso, revelando o seu processamento ‘on-line’ bem como a preocupação do narrador em tornar ‘visível’ ao interlocutor as circunstâncias em que foi multado.

1	*ARM: <i>é que se eu fosse um tipo de dinheiro / estás a compreender //</i> %par: <i>estás</i> → <i>'tás</i>
2	<i>sabes o que é que isto acontecia ?</i> %par: <i>o que é que isto</i> → <i>o qu' é qu' isto</i>
3	<i>há o cinema do / dos / do / do Palácio //</i>
4	<i>há aquela filazinha quando se está ao pé do +</i> %par: <i>há aquela</i> → <i>há 'quela ; está</i> → <i>'tá</i>
5	<i>para baixo / mesmo //</i>
6	*I18: <i>do cinema //</i>
7	*ARM: <i>do cinema //</i>
8	<i>ora / portanto / está a fila / do lado direito / três carros //</i>
9	<i>dois carros / e eu ponho o meu # / fica o terceiro //</i>
10	<i>há a fila de [/] há / portanto / na outra +</i>
11	<i>isto do lado direito //</i>
12	<i>agora no lado esquerdo há / dois automóveis / para cima //</i> %par: <i>para</i> → <i>p'ra</i>

13	<i>que estão / a impedir / está a compreender //</i>
	%par: <i>que estão</i> → <i>qu' estão</i> ; <i>está</i> → 'tá
14	<i>o trânsito / dum lado / e do outro //</i>
	%par: <i>do outro</i> → <i>d' outro</i>
15	<i>eu pondo ali o meu também ficava a impedir //</i>
16	<i>não há dúvida nenhuma //</i>
17	<i>o que é que acontece ?</i>
18	<i>acontece que aquilo / começa / para lá / não podia ...</i>
	%par: <i>para lá</i> → <i>p'ra lá</i>
19	<i>podia / não é //</i>
20	<i>os indivíduos podiam estar a sair pelo hotel [/] pelo antigamente o / o: # / aquele cafezito que havia ali //</i>
	%par: <i>estar</i> → 'tar; %com: durante o tempo em que se procura lembrar do nome do café, o locutor faz ruídos com os dedos.
21	*I18: < XXX >
22	*ARM: [<] < aquela pastelaria > # //
23	<i>à saída //</i>
24	<i>portanto / podiam ter saída / ou se não saírem ir / irem pela parte que se vai para o casino //</i>
	%par: <i>pela</i> → <i>p'la</i>
25	<i>a solução / ponho ali o meu carro / e quando venho //</i>
26	<i>olhe / fazia o favor / os seus documentos //</i>
	[...]

Extracto da interacção A401 psf-vida pessoal

Uma primeira leitura da transcrição permite observar que, como foi referido anteriormente, ocorrem várias hesitações – (3) *há o cinema do / dos / do / do Palácio //*; (18) *acontece que aquilo / começa / para lá / não podia ...* –, reformulações (marcadas com [/]) – (10) *há a fila de [/] há / portanto / na outra +*; (20) *os indivíduos podiam estar a sair pelo hotel [/] pelo antigamente o / o: # / aquele cafezito que havia ali //* –, interrupções (marcadas com +) – (4) *há aquela filazinha quando se está ao pé do +* –, (10) *há a fila de [/] há / portanto / na outra +* – e auto-correcções – (8) *ora / portanto / está a fila / do lado direito / três carros //* (9) *dois carros / e eu ponho o meu # / fica o terceiro //* –.

Além disso, há uma notória preocupação em criar conhecimento partilhado com o interlocutor relativamente ao espaço em que os acontecimentos a narrar ocorrerão. Para tal, o narrador serve-se de três estratégias:

- A evocação mental do referido espaço, cuja co-construção promove uma deslocação fictiva de narrador e narratário para as coordenadas dos eventos a narrar (Fonseca, 1992).

ARM: (4) *há aquela filazinha quando se está ao pé do + para baixo / mesmo //*

I18: (6) *do cinema //*

ARM: (7) *do cinema //*

- A interpelação directa do interlocutor, apelando à sua atenção e envolvimento na construção dos sentidos do texto. Para tal recorre:
  - a) a expressões de modalização afectiva interpessoal com valor focalizador – (2) *sabes o que é que isto acontecia ? ; – (17) o que é que acontece ? –;*
  - b) a marcadores conversacionais topográficos finais com valor apelativo – (1) *estás a compreender //* (13) *está a compreender //* –<sup>59</sup>;
  - c) a *Tag's* de confirmação – (19) *podia / não é //* –.
- A realização de enunciados explicativos orientados para uma leitura conforme à intencionalidade do próprio EN.  
– (24) *portanto / podiam ter saída / ou se não saírem ir / irem pela parte que se vai para o casino //* –.

#### Exemplo 41: A380 pi-profi

No seguinte exemplo, o locutor constrói uma sequência argumentativa que corresponde ao prefácio introdutório de um EN. Questionado quanto aos aspectos mais interessantes do seu trabalho como comissário de bordo, ele elege a possibilidade de entrar em contacto com uma grande variedade de indivíduos. Para o ilustrar, vai introduzir dois ENs de cariz anedótico que têm por personagens principais dois dos

---

<sup>59</sup> Ainda que, semanticamente, possam ser incorporados no grupo das perguntas-*tag* (M. C. Rodrigues, 1998: 85) estes dois exemplos têm, no texto, uma função claramente topográfica, correspondendo, aparentemente, a uma marca idiossincrática do locutor. No entanto, é possível, também, atribuir-lhes funções interactivas no alinhamento conversacional. Como refere aquela autora estas *tag's* “aparecem sobretudo em discursos mais ou menos longos de um só locutor, nos quais pretende manter alerta a atenção do alocutário, solicitar a sua aderência ao que vai sendo dito sem que, contudo, perca o direito ao seu turno”.

tipos que considera muito interessantes: o ingénuo transmontano e o novo-rico do café de Angola. Interessar-nos-á, para análise, o segundo EN.

	[...]
2	*JOA: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; outros aspectos / ah / a empresa tem &gt; um aspecto muito muito interessante pá //</i>
3	<i>que é o aspecto de: / contacto / pessoal pá //</i>
4	<i>com / os mais variadíssimos / <u>espécimes humanos</u> / pá //</i>
5	<i>que você pode imaginar //</i>
6	<i>desde: / sei lá / desde / o indivíduo que sai de Trás-os-Montes pá / sem nunca ter visto o mar //</i> [...]
14	<i>até <u>aqueles então / que já têm a mania que são muito viajados</u> / pá //</i>
15	<i>que é o <u>indivíduo do café de Angola</u> //</i>
16	<i>não é / isto não é piada a si pá // hhh /</i> %com: todo o enunciado é produzido a rir.
17	*I11: <i>hhh /</i>
18	*JOA: <i>mas é um <u>&amp;indivi / é um passageiro muito característico</u> / sabe ?</i>
19	<i><u>o cafezeiro de Angola / é um indivíduo muito característico</u> / vem na TAP / vem sempre em primeira classe acompanhado com a / <u>com a sua respectiva cara metade</u> //</i>
20	<i><u>muito bem vestidos</u> / sempre //</i>
21	<i>vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram <u>&amp;amealh / amealhar</u> durante aqueles anitos e tal / em Angola //</i>
22	<i><b>e: / cometem gafes / &amp;eh: / pá / extraordinárias / pá //</b></i>
23	<i><b>eu aqui atrasado / não sei se / não sei se já lhes contei esta //</b></i>
24	<i>que foi a de [/] vinha num [/] no avião em que eu vim / no último voo que eu fiz lá / pá //</i>
25	<i>e que trazia as misses / pá //</i>
26	<i>Vinha um indivíduo //</i>
27	<i>vinha até com [/] como é que se chama / como é que se chama aquele / indivíduo do Notícias ?</i>
28	*XYZ: <i>João Cardoso //</i>
29	*JOA: <i>Vinha com o João Cardoso pá //</i>
30	<i>Vinha o João Cardoso / dum lado //</i>
31	<i>Vinha ele # / vinha <u>esse indivíduo e a mulher</u> pá //</i>

32	<i>e vinha o Vasco Morgado //</i>
33	<i>e ele / e esse / <u>esse indivíduo</u> pá / a malta perguntou-lhe o que é que ele queria comer //</i>
34	<i>e o <u>gajo</u> disse que queria um bocadinho de tudo pá // [...]</i>

Extracto da interacção A380 pi-profi.

Neste caso, o prefácio desenvolve-se em torno da caracterização do personagem principal do EN, que é constituído tópico conversacional. Surge, assim, a necessidade de identificar e destacar as formas de remissão textual do objecto de discurso – *o indivíduo do café de Angola* – na medida em que as suas realizações imprimem aos enunciados em que se inserem, bem como ao texto num todo, uma orientação argumentativa conforme à intencionalidade enunciativa do locutor<sup>60</sup>.

Verifica-se, então, que o locutor procede a uma (re)categorização do objecto de discurso em causa, levando o interlocutor a construir uma determinada imagem do mesmo. Dito de outra forma, através do uso de expressões nominais anafóricas, o locutor desenvolve um processo de recategorização do objecto de discurso assente na selecção de novos núcleos para sintagma nominal ou de novos modificadores.

---

<sup>60</sup> Como refere Koch (2005: 35) “o emprego de uma descrição nominal, com função de categorização ou de recategorização de referentes, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha essa que será feita em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto”.

Observe-se a cadeia de formas nominais que remetem para – *o indivíduo do café de Angola* –:

- No conjunto dos (4) *espécimes humanos*  
com que entra em contacto no  
seu trabalho, JOA destaca (14) *aqueles então / que já têm a mania que são muito viajados*  
Um exemplar deste grupo é (15) *o indivíduo do café de Angola*  
pois é (18) *um &indivi / é um passageiro muito característico*  
uma vez que (19) *o cafezeiro de Angola*  
surge em cena com (19) *a sua respectiva cara metade.*  
Sentados entre celebridades (31) *esse indivíduo e a mulher*  
têm um comportamento muito  
próprio. Quando perguntaram a (33) *esse / esse indivíduo*  
o que desejava, (34) *o gajo*  
pediu um pouco de tudo.

Assim, o locutor parte de um nome genérico com valor depreciativo – *espécimes* –, retomado pelo anafórico – *aqueles* –, para ir particularizando o referente até chegar ao – *indivíduo do café de Angola* –. Dentro de uma relação de hiponímia, esta particularização é, no entanto, parcial, mantendo-se sempre uma distância em relação ao objecto de discurso. Assim, o núcleo do sintagma nominal – *indivíduo* –, ainda que de nível inferior, continua a ser um nome genérico e informacionalmente pobre. A sua categorização é realizada através de expressões nominais anafóricas que se prendem com o papel social e situacional do referente – *cafezeiro* – e – *passageiro* – ou através de processos de predicação. Já dentro da Acção, – *indivíduo* – é ainda substituído por – *gajo* –, sublinhando o distanciamento do locutor em relação ao tópico do EN.

Mas o distanciamento é também reforçado pelo cotexto em que surgem estas formas de referenciação. Repare-se como as formas de referenciação – (31) *esse indivíduo e a mulher* – ocorrem entre nomes próprios, parecendo espelhar a ‘realidade’ do espaço da narrativa onde se sentam entre celebridades. Com esta contraposição, o narrador sublinha a vulgaridade de ambos, vulgaridade que será o mote de todo o EN.

Em relação aos processos de predicação do elemento tópico, estes, para além do seu aspecto avaliativo, permitem identificar subunidades textuais construídas através da repetição de estruturas sintácticas.

Destaque ainda para a forma como, nos enunciados (19) e (20), o locutor, ao caracterizar o cafezeiro e a mulher, cria uma seriação rítmica através da aposição de frases coordenadas assindéticas com o predicado verbal < vir > à cabeça.

(19) *vem na TAP /*

(19) *vem sempre em primeira classe /*

(20) *Ø muito bem vestidos / sempre //*

(21) *vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram &amealh / amearhar durante aqueles anitos e tal /*

Esta seriação, colocando todas as asserções a um mesmo nível, permite ao locutor ‘confundir’ aquilo que são factos, referidos no enunciado (19), com aquilo que são os seus juízos de valor, expressos nos enunciados (20) e (21).

Além disso, a seriação funciona com uma estratégia de relevo do Resumo avaliativo do EN – (22) *e: / cometem gafes / &eh: / pá / extraordinárias / pá //* – na medida em que este rompe com a mesma, quer pela mudança do verbo, quer pela coordenação sindética.

Curiosamente, o prefácio introdutório ‘invade’ o corpo do EN, mais precisamente a Orientação, através da súbita introdução de informações sobre outros passageiros do voo, irrelevantes para a Acção. No entanto, essas informações, como se procurou demonstrar, são intencionalmente motivadas e contribuem para uma leitura conforme aos propósitos narrativos do locutor.

### **3.2.2.3. Resumo e Conclusões**

Na caracterização das Actividades Preparatórias realizadas pelo locutor na passagem para um novo acto comunicativo de cariz narrativo, os resultados da análise do *corpus* recolhido permitem estabelecer a seguinte tipologia de estratégias discursivo-pragmáticas com esta função:

## 1. Anúncios

1.1. Anúncios de carácter metacomunicativo marcados intencionalmente ao nível volitivo e que se referem avaliativamente à unidade discursiva a introduzir, sem explicitar o seu conteúdo proposicional. Estes Anúncios caracterizam-se por:

- (i) revelarem a vontade e/ou capacidade do locutor de concretizar o acto comunicativo seguinte;
- (ii) focalizarem a atenção do interlocutor para esse mesmo acto;
- (iii) referirem de uma forma genérica, mas marcada subjectivamente, a história a narrar;
- (iv) surgirem em posição anterior ao acto comunicativo anunciado;
- (v) serem caracterizáveis em termos de constituintes, elementos de ligação e respectivas relações:
  - SUJEITO: FUTURO NARRADOR
  - PREDICADO VERBAL DECLARATIVO (frequentemente modalizado)
  - COMPLEMENTO: REFERÊNCIA GENÉRICA E AVALIATIVA À HISTÓRIA

1.2. Ainda dentro do grupo de Anúncios que se referem avaliativamente à unidade discursiva a introduzir sem explicitar o seu conteúdo proposicional, podem identificar-se aqueles em que o Narrador se apaga perante a Ocorrência a narrar. Neste caso, a introdução do EN é realizada através da localização temporal da Acção a narrar num intervalo de tempo diferente do da situação de interacção em que os interlocutores se encontram.

A realização deste tipo de Anúncio caracteriza-se por colocar a REFERÊNCIA GENÉRICA E AVALIATIVA DA HISTÓRIA em posição de complemento a um PREDICADO VERBAL COM ANCORAGEM TEMPORAL DO MODO NARRATIVO.

Dentro das Actividades Preparatórias acima descritas foram identificados, assim, dois tipos de Marcadores Conversacionais também denominados **Anúncios**, a partir da terminologia proposta por Rehbein (1981) e aplicada ao Português Europeu pela primeira vez por Rodrigues (1998). Estes marcadores de cariz metacomunicativo, que correspondem a expressões de maior ou menor grau de convencionalidade, surgem em

posição anterior ao acto comunicativo que introduzem e referem-se quer ao seu valor ilocutório quer ao seu conteúdo quer à sua intencionalidade.

Há ainda casos em que nenhum dos elementos enumerados está presente, embora haja uma referência ao EN enquanto um todo de interesse para o interlocutor. Para estes últimos adoptou-se o nome de **Pré-anúncios** proposto por Rehbein (1981).

Nos **Anúncios** e **Pré-anúncios** de EN analisados, foi possível verificar que a referência genérica à história é marcada avaliativamente. De uma forma intencional, o futuro narrador prefere apagar referências explícitas ao seu conteúdo proposicional dando ênfase à sua avaliação. Assim, na maioria dos casos, há uma indefinição do conteúdo semântico do lexema que refere a história, contrapondo-se à forte carga avaliativa da sua predicação.

No *corpus* surgiram, no entanto, outros exemplos em que não há predicação, pelo que a avaliação resulta do próprio valor semântico do lexema que refere a história. Nestes casos poder-se-ia falar de uma forma de categorização de um segmento textual subsequente ‘encapsulando-o’ sob um determinado rótulo, como em casos como ‘asneira’, ‘problema’ ou mesmo ‘situação’<sup>61</sup>.

2. Um outro tipo de actividade preparatória do turno narrativo é aquela em que o locutor refere, de forma enfática, conteúdos temáticos do enunciado a introduzir com o objectivo de prender a atenção e obter o acordo do interlocutor para a narração. A actividade preparatória está, assim, mais voltada para os aspectos interaccionais do acto comunicativo, havendo, nestes casos, uma interpelação directa do interlocutor através de estratégias de focalização semântica. Entre estas destacam-se Expressões Avaliativas Genéricas e Expressões Apelativas com Verbos de Actividade Mental que funcionam como Pré-anúncios (Rehbein, 1981).

---

<sup>61</sup> Segundo Koch (2005: 38) este recurso a uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes de texto “encapsulando-os” sob um determinado rótulo, é uma estratégia comum de remissão textual. “Estes nomes-núcleo, ao serem empregados, exigem uma realização lexical no contexto, demandando, pois, do leitor/ouvinte a capacidade de interpretação não só da expressão em si, como também da informação co-textual. Assim, essas expressões nominais, que são em grande parte introduzidas por um demonstrativo, desempenham duas funções textuais importantes: não só rotulam uma parte do contexto que as precede (X é um acontecimento, um fato, uma hipótese, uma cena, etc.), mas, ao fazê-lo, criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a constituir um tema específico para os enunciados subsequentes”.

3. Um terceiro tipo de actividades preparatórias são aquelas que se desenvolvem com a preocupação de sublinhar a pertinência do enunciado a introduzir na estrutura temática (ou macroestrutura) da conversação em curso. Estas actividades caracterizam-se por ter um carácter mais discursivo e interactivo-argumentativo, podendo identificar-se dois subtipos:
  - 3.1. O tópico do acto comunicativo anunciado é relacionado com tópicos anteriores através de elementos de coesão identificáveis na superfície textual do enunciado que faz essa retoma. Segue-se-lhe ou uma Referência Genérica à História ou um Localizador Temporal do Modo Narrativo que introduz a Orientação.
  - 3.2. O locutor aproveita a Macroestrutura criada pelo tópico da pergunta do interlocutor para introduzir um EN na resposta:
    - 3.2.1. entrando directamente na Orientação da narrativa através da referência ao tempo dos acontecimentos;
    - 3.2.2. entrando na narrativa através do seu Resumo, que pode sumariar a Acção principal ou o Resultado da Acção.
4. Um outro tipo de Actividades Preparatórias são aquelas que introduzem um EN que surge após um comentário ou tomada de posição do locutor sobre um determinado tema. A sua função principal é, como nos exemplos anteriores, de cariz interactivo-argumentativo, mas verifica-se a ocorrência de Estratégias Modalizadoras e de Atenuadores. Neste caso, os episódios introduzidos estão directamente relacionados com o trabalho de face que o locutor sente a necessidade de realizar após uma asserção mais veemente, podendo confirmá-la ou atenuá-la. Dada a não-preparação prévia de tais enunciados, a passagem caracteriza-se também por marcas de hesitação e reformulação.
5. O último grupo de actividades preparatórias identificado no *corpus* tem como denominador comum procedimentos discursivos centrados na construção de conhecimento partilhado com o interlocutor de forma a assegurar uma interpretação conforme à intenção da narrativa. Na sua realização vão encontrar-se evidentes marcas de processamento não planeado (hesitações, reformulações, pausas preenchidas, etc.)

### 3.2.3. A CODA

#### 3.2.3.1. A Coda e o Contrato Comunicacional Narrativo

Na secção 3.2.1., ao caracterizar o protocolo do CCN, considerou-se um movimento posterior à introdução do EN centrado na negociação da sua relevância para a interacção em curso. Denominado Movimento de Ratificação do EN, foram-lhe atribuídas duas possíveis etapas, passíveis de co-ocorrência.

- (i) Negociação da novidade
- (ii) Avaliação Final

A par de funções claramente interaccionais, como a sinalização da suspensão do CCN e o retorno à distribuição de espaço, tempo e papéis enunciativos anteriores à sua vigência, o Movimento de Ratificação tem uma forte componente configuracional: está em causa a oportunidade da realização do EN e a sua mais-valia para a conversação. Como foi referido no início do capítulo, a distribuição assimétrica do espaço e tempo de enunciação a favor do futuro narrador não retira, de todo, autoridade aos seus interlocutores de exprimirem a sua posição face aos conteúdos assim introduzidos, mas apenas protela o seu direito de intervir para um momento específico da interacção. E nessa altura a sua expressão pode ser demolidora. Como refere Labov (1972) o risco é o de obter uma resposta francamente negativa à pergunta central: *Mas o que é que isso interessa?* Dito de outra forma, cabe agora ao interlocutor avaliar, duplamente, o EN: quer em relação à sua pertinência e valor informacional, quer em relação à ‘performance’ do narrador.

Assim, nas páginas seguintes, pretende-se analisar a realização do Movimento de Ratificação do EN, procurando:

- situar, no esquema conceptual que subjaz ao modo de enunciação narrativo, o(s) espaço(s) de encerramento da unidade textual a que corresponde o EN;
- identificar as estratégias discursivo-pragmáticas utilizadas para encerrar o EN;
- realçar as funções configuracionais e interaccionais das referidas estratégias.

### **3.2.3.2. A Macroproposição Coda**

Em termos textuais, a Coda, a par do Ataque, é a segunda fase exterior ao núcleo narrativo que está directamente envolvida na transição entre o mundo diegético da narrativa e a situação de interacção.

Quando do encerramento do núcleo narrativo, através da suspensão da Acção ou de uma Resolução mais ou menos explícita, o narrador fecha, também, as coordenadas espacio-temporais do mundo ‘fictivo’ que construiu através da Orientação, passando para o aqui-agora da situação de enunciação. Este retorno promove, na maior parte das vezes, uma Avaliação Final que sublinha a intencionalidade do EN, assegurando a compreensão da narrativa como um todo significativo para a interacção, e apela para a sua ratificação pelo interlocutor.

As formas de expressão da Ratificação (linguísticas ou extralinguísticas) correspondem, também, a avaliações externas<sup>62</sup> do EN e realizam o movimento final do CCN.

Dada a necessidade de contextualizar e cotextualizar as actividades comunicativas em análise, optou-se por introduzir aqui, como se fez para o Ataque, uma análise exemplificativa do funcionamento da Coda num dos exemplos mais produtivos do *corpus* de trabalho para este efeito: o EN produzido na Interacção C1129 pi-profi.

A caracterização das estratégias discursivo-pragmáticas aí produzidas será realizada, numa segunda fase, recorrendo a outros exemplos recolhidos na totalidade do *corpus*.

### **3.2.3.3. Exemplo de Funcionamento da Coda**

#### **3.2.3.3.1. Caracterização Sociolinguística da Interacção**

A gravação da interacção, feita no Porto, corresponde a uma conversa entre duas mulheres na faixa etária dos 45-50, com um nível de instrução universitário e pertencentes ao grupo socioprofissional dos professores.

A audição do texto permite concluir que há uma grande cumplicidade entre as interlocutoras, patente quer nas formas de tratamento de segunda pessoa, quer nas

---

<sup>62</sup> Para uma definição de ‘Avaliação Externa’ consulte-se o Glossário.

marcas de conhecimento partilhado, quer na forte participação de ambas na conversação e, mais especificamente, na avaliação do EN.

#### **3.2.3.3.2. Caracterização Discursivo-pragmática do Enunciado Narrativo**

O EN resulta da insistência da responsável pela recolha da gravação para que JEN conte um episódio de cariz anedótico ocorrido com as freiras do colégio em que trabalha.

Em termos conversacionais, o EN corresponde a um segmento tópico que se alonga por um conjunto de turnos resultantes do pedido de mais informações por parte da interlocutora. Este prolongamento reflectir-se-á também na sequência de pós-avaliações que ocorrem após o desfecho.

Estamos perante uma narrativa de Ruptura de Plano de Agente com uma função informativa/argumentativa.

#### **3.2.3.3.3. Análise do Enunciado Narrativo**

A divisão do texto em blocos resulta da identificação das macroproposições que constituem a Sequência Narrativa. Por seu lado, o trabalho de análise referir-se-á a cada uma das macroproposições identificadas na coluna da esquerda. No entanto, dado o objectivo desta secção, só se tornará exaustivo nos enunciados produzidos após o primeiro Resultado e que realizam as seguintes macroproposições: Resultado 2 / Avaliação Final, Coda e (Pós) Avaliações.

	1	*I13: <i>xxx aí / a passagem da fronteira com as freiras //</i>
	2	*JEN: <i>ai / eu estou a ver //</i> %par: <i>estou</i> → <i>'tou</i>
A	3	<i>eu não ponho / o nome / mas / ah / enfim / Santo António //</i>
T	4	*I13: <i>pois //</i>
A	5	*JEN: <i>não / não dará problemas para elas ?</i> %par: <i>para</i> → <i>p'ra</i>
Q	6	*I13: <i>não / não dá nenhum //</i>
U	7	*JEN: <i>de certeza ? / &lt; hhh &gt;</i> %exp: <i>hhh</i> → <i>riso</i>
E	8	*I13: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; nada //</i>
	9	<i>absolutamente nada //</i>
	10	<i>podes estar descansada &gt; //</i>

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

O Ataque do EN centra-se no pedido para narrar de I13 – (1) *xxx aí / a passagem da fronteira com as freiras //* – que corresponde a um Resumo da Acção Principal da narrativa e se caracteriza pela realização de um movimento de negociação entre interlocutoras em torno das consequências da gravação para as personagens principais.

Apesar da assertividade de I13, JEN faz a passagem para o EN de uma forma confusa, parecendo ter alguma dificuldade em iniciar a narração.

O R I E N T A Ç Ã O	11	*JEN: [ <i>&lt;</i> ] <i>&lt; hhh &gt; / bom / é que aquelas fulanas / é claro / &amp;ah / &amp;ahm / reza-se / à ida / &amp;d / na camionete / reza-se à saída //</i> %exp: hhh → riso
	12	<i>para desejar [/] pedir uma boa viagem / etc. / não é //</i> %par: para → p'ra
	13	*I13: <i>xxx uma ajuda //</i>
	14	*JEN: <i>todos os dias ao fim da tarde / também se / rezavam //</i>
	15	<i>porque elas iam muitas / freiras / não é //</i>
	16	<i>freiras professoras //</i>
	17	<i>rezavam também um terço //</i>
	18	<i>porque era no mês de Maria / não é //</i>
	19	<i>rezavam o terço //</i>
	20	<i>as professoras que queriam acompanhar / acompanhavam //</i>
	21	<i>as que não queriam não acompanhavam / claro //</i>
	22	<i>mas / &amp;ahm +</i>
	23	<i>portanto / &amp;ah / rezou-se portanto / à saída //</i>
	24	<i>a desejar boa viagem //</i>
	25	<i>a pedir boa viagem //</i>
	26	<i>e depois havia o terço //</i>

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

O arranque da Orientação (11) revela a presença de marcas de processamento do texto – hesitações, pausas preenchidas e reorientações do discurso – que indiciam uma indefinição de planeamento e vão conduzir ao seu abandono (momentâneo), após um comentário da interlocutora em (13).

A partir do enunciado (14), JEN inicia um prólogo introdutório (ver secção 3.2.2.2.4.) parecendo estar, sobretudo, preocupada com a criação de conhecimento partilhado que permita ancorar o que vai ser narrado nos conhecimentos do mundo do alocutário (observe-se, a esse respeito, a ocorrência de dois enunciados explicativos, (15) e (18), neste segmento textual). No entanto, há, sobretudo, uma preocupação em focalizar a atenção deste num aspecto que, *a posteriori*, se tornará relevante para a avaliação do EN: o acto de rezar (destaque para as várias repetições no texto em torno do predicado <rezar>).

A Orientação é retomada, mais uma vez de uma forma hesitante e não planeada, no enunciado (21) que repete a informação referente ao acto de rezar antes da viagem introduzida no enunciado (11). Esta ‘divagação’ prefaciadora justifica a reintrodução de um Resumo na passagem para a Acção, através do enunciado (26):

27	*JEN: <i>depois houve o problema da passagem na fronteira //</i>
----	--

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

Repare-se que o início da Acção é realizado com dois enunciados explicativos com uma forte componente avaliativa (28 e 29) e conduz a uma colaboração directa da interlocutora na construção do seu sentido (30).

C	28	*JEN: <i>porque # / comprou-se imenso material didáctico //</i>
O	29	<i>&lt; imenso / imenso / imenso &gt; //</i>
M	30	*I13: <i>[&lt;] &lt; que é mais barato lá &gt; //</i>
P	31	*JEN: <i>claro //</i>
L	32	<i>muito mais //</i>
I	33	<i>muitos livros / &amp;mui / enfim / toda a espécie de material didáctico //</i>
C	34	<i>bem / e eu foi sempre um problema que se me pôs / como passar na</i>
A		<i>fronteira ?</i>
Ç	35	<i>e: / a coisa foi muito simples / não é //</i>
Ã	36	<i>com os seus saiotos / os vestidos delas / não é / as saias / serviram para</i>
O		<i>abarcas / a maior parte dos / dos embrulhos //</i>
	37	<i>de maneira que / eu comecei a ver / elas arranjam-se / na / nas / &amp;ah /</i>
		<i>enfim nos / nos bancos / não é / muito bem //</i>
A	38	<i>e tal as mais fortes / com bastante banco à volta //</i>
C	39	<i>e: / grande parte dos embrulhos / enfiados # //</i>
Ç	40	<i>bem eu / eu estava abanada / não é //</i>
Ã	41	<i>hhh / estava a xxx / ai minha nossa senhora / entra por aqui o homem</i>
O		<i>dentro //</i>
		<i>%exp: hhh → riso</i>

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

A Acção central é balizada por três enunciados focalizadores, (34/35) e (41) que recorrem a estratégias diferentes para obter um mesmo resultado: activar o horizonte de expectativas do narratário quanto ao acontecimento que introduzem.

Em primeiro lugar, antecedendo a acção que corresponde ao Gatilho da narrativa, surge uma pergunta focalizadora com uma resposta vaga que sublinha apenas a simplicidade do acto que se pretende destacar:

(34) *bem / e eu foi sempre um problema que se me pôs / como passar na fronteira ?*

(35) *e: / a coisa foi muito simples / não é //*

Em segundo lugar, antecedendo o clímax / Resolução da narrativa, surge um enunciado em discurso interior que pretende revelar o estado de espírito da narradora/personagem face aos possíveis desfechos dos acontecimentos narrados:

(41) *hhh / estava a xxx / ai minha nossa senhora / entra por aqui o homem dentro //*

Ambas as estratégias apelam ao envolvimento do interlocutor na narrativa e à criação de expectativas face ao ocorrido, criando, pelo atraso que provocam no desvendar do acontecido, um maior *suspense* em relação às soluções que antecedem.

Repare-se, abaixo, como o Resultado ‘responde’ positivamente à preocupação expressa em (41), acentuando a tensão da situação a narrar:

<b>R</b>		
<b>E</b>		
<b>S</b>	42	*JEN: <i>claro / o homem entrou //</i>
<b>U</b>	43	<i>viu uns embrulhos de livros e coisas //</i>
<b>L</b>	44	<i>não ligou nenhuma / claro //</i>
<b>T</b>	45	<i>porque a grande massa das coisas vinha escondida //</i>
<b>A</b>	46	*I13: <i>hhh /</i>
<b>D</b>		%exp: hhh → riso
<b>O</b>		
<b>1</b>		

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

Há que sublinhar, ainda, a celeridade com que as acções do clímax são narradas, apontando para uma facilidade de resolução que se contrapõe claramente à preocupação e risco anunciados anteriormente. Destaque também para o “emolduramento” do segmento pelo mesmo adverbial modal de evidência – *claro* –, destacando o clímax.

Teoricamente, o EN podia ser aqui encerrado, mas as reacções do interlocutor, especialmente a pergunta relativa ao seu conhecimento anterior do que se passaria (48), levam a narradora a continuar a narração, agora focalizando a atenção na reacção das freiras, e construindo, desta forma, um segundo Resultado para a história:

	47	*JEN: <i>bom /</i>
<b>R</b>	48	*I13: <i>e tu não estavas ao facto / ou estavas ? &lt; apesar &lt; xxx &gt; /</i>
<b>E</b>	49	*JEN: <i>[&lt;] &lt; ai &gt; / eu sabia //</i>
<b>S</b>	50	<i>porque [/] quer dizer / eu na altura comecei a verificar que era assim //</i>
<b>U</b>	51	<i>bem / e surpreendeu-me //</i>
<b>L</b>	52	<i>mas o que mais me surpreendeu / foi que depois / de tudo passado / e</i>
<b>T</b>		<i>correr tudo muito bem //</i>
<b>A</b>	53	<i>rezou-se / novamente um terço a agradecer //</i>
<b>D</b>	54	<i>a graça / hhh / de não ter havido encrenca //</i>
<b>O</b>	55	*I13: <i>hhh /</i>
<b>2</b>		%par: (54-57) hhh→riso

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

Ao contrário do anterior, de cariz mais factual, o actual Resultado corresponde a uma Avaliação Final do narrado. Esta avaliação externa realizada através do verbo de estado emocional – *e surpreendeu-me* – serve também para dar o mote a uma estratégia intensificadora de focalização – (52) *mas o que mais me surpreendeu / foi que* – que incide sobre um novo desfecho do EN: a reza após a saída do controlador.

O cariz irónico do último segmento, pronunciado em tom de chacota – (54) *a graça / hhh / de não ter havido encrenca //* - realiza uma segunda Avaliação de toda a narrativa.

A partir deste momento, e provavelmente motivada pelo riso do interlocutor, a locutora vai produzir toda uma série de Pós-avaliações à Narrativa nas quais, claramente, define a sua posição pessoal em relação ao narrado.

P	56	*JEN: < <u>eu achei</u> > /
Ó	57	*I13: < hhh >
S		%exp: hhh → riso
-	58	*JEN: <i>eu / <u>eu achei que</u> / que era дума / дума +</i>
A	59	<i>mas / mas é que / é que realmente / a causa por que elas fazem isso /</i>
V		<i><u>não é</u> / pela / pela causa do ensino / é:: / tem &amp;jus / tudo tem</i>
A		<i>justificação / <u>não é</u> //</i>
L		%par: <i>pela</i> → <i>p'la</i>
I	60	<i>e depois aquela ingenuidade / <u>porque</u> não / não se pode chamar</i>
A		<i>outra coisa / <u>não é</u> //</i>
Ç	61	<i>em mulheres licenciadas / <u>porque</u> / poucas são aquelas que não têm</i>
Õ		<i>dois cursos / <u>não é</u> //</i>
E	62	<i>poucas //</i>
S	63	<i>portanto mulheres universitárias / licenciadas / etc.//</i>
+	64	<i>e que acham / enfim / que não está xxx de acordo //</i>
C	65	<i><u>eu não compreendo</u> / &lt;como é que elas / não entendem / tudo / tudo /</i>
O		<i>o ridículo da situação //</i>
D	66	<i>é uma coisa impressionante &gt; //</i>
A	67	*I13: [<] < hhh >
		%exp: hhh → riso

Extracto da interacção C1129 pi-profi.

A primeira coisa a realçar nestas Pós-avaliações é a evidente presença da locutora nos seus enunciados de opinião através das expressões de atitude proposicional – (58) *eu achei*; (65) *eu não compreendo* – que abrem um Universo de Crença Pessoal (Charolles, 2002), integrando as proposições que lhes são subjacentes e cuja verdade é relativizada em relação às suas convicções. Desta forma, as referidas expressões podem ser entendidas como Estratégias de Atenuação, salvaguardando a face da locutora. Em suporte a estes enunciados de opinião, há, ainda, que destacar o peso dos enunciados explicativos (60; 61) introduzidos pelo conector causal – *porque* – na argumentação a favor das opiniões expressas.

Em segundo lugar, e ainda em relação aos enunciados acima referidos, observe-se como quase todos eles são encerrados com a pergunta-tag – *não é* – que, enquanto

marcador de reforço informativo, para além de marcar o seu encerramento, apela à cumplicidade avaliativa da interlocutora.

Em terceiro lugar, as várias realizações de presente do indicativo nas avaliações – (59) *mas é que / é que realmente / a causa por que elas fazem isso / não é / pela / pela causa do ensino / é:: / tem &jus / tudo tem justificação / ; (61) (...) poucas são aquelas que não têm dois cursos / ; (63) portanto mulheres universitárias / licenciadas / etc. //; (64) e que acham / enfim / que não está xxx de acordo // ; (65) eu não compreendo / <como é que elas / não entendem / tudo / tudo / o ridículo da situação // é uma coisa impressionante > // – podem ser interpretadas como uma marca do regresso à situação de enunciação anterior à introdução do EN, realizando, assim, a macroproposição Coda.*

De realçar, ainda, as interrupções, hesitações e reformulações patentes no texto que indiciam um fraco planeamento dos enunciados em causa.

Por último, destaque para a Avaliação realizada através de uma expressão fixa – (66) *é uma coisa impressionante* // – que encerra este segmento, com aparente entrega de turno. No entanto, a sua não-aceitação pela interlocutora vai levar JEN a prosseguir com uma segunda leva de Pós-avaliações sobre o sucedido:

	68	*JEN:	<i>/ meu deus do céu / bem / essa pra mim / das &amp;ul [/] das histórias o +</i>
	69		<i>para mim / foi a coisa [/] das +</i>
<b>P</b>	70		<i>&amp;eh / espantosa / não é / espantosa //</i>
<b>Ó</b>	71	*I13:	<i>saborosa /</i>
<b>S</b>	72	*JEN:	<i>mesmo saborosa //</i>
<b>-</b>	73		<i>e / &amp;eh / e pronto //</i>
<b>A</b>	74		<i>e acham que +</i>
<b>V</b>	75		<i>porque / eu achava / tu / eu achei tudo muito certo / o procedimento /</i>
<b>A</b>			<i>até ao [/] até esse ponto //</i>
<b>L</b>	76		<i>enfim / toda a gente faz assim //</i>
<b>I</b>	77		<i>e procura enfim / passar / e trazer / e acontecer / e pronto //</i>
<b>A</b>	78		<i>não é //</i>
<b>Ç</b>	79		<i>mas / depois / o agradecimento / &lt; é que me &gt; /</i>
<b>Õ</b>	80	*I13:	<i>[&lt;] &lt; hhh &gt; /</i>
<b>E</b>			<i>%exp: hhh → riso</i>
<b>S</b>	81	*JEN:	<i>/ é que +</i>
	82		<i>ai Jesus / é uma coisa impressionante //</i>
	83	*I13:	<i>é verdade //</i>
	84		<i>é a parte mais cómica //</i>
	85	*JEN:	<i>é / é //</i>
	86		<i>é espantosa # //</i>
	87		<i>é espantosa # //</i>

Extracto da interação C1129 pi-profi.

Neste segundo segmento de Pós-avaliações há que destacar a colaboração activa da interlocutora na sua realização, ratificando, dessa forma, o EN introduzido na conversação.

Uma análise mais detalhada das Pós-avaliações em causa permite observar os seguintes aspectos:

As Avaliações, no seguimento das anteriores, correspondem a expressões exclamativas fortemente avaliativas com valor conclusivo. Para obter esse efeito a locutora recorre:

- a. a locuções interjectivas<sup>63</sup> de invocação – (68) *meu deus do céu /;* (82) *ai Jesus /-;*
- b. a expressões predicativas hiperbólicas – (82) [...] *é uma coisa impressionante // -;*
- c. a repetições da adjectivação com valor intensificador – (70) *espantosa / não é / espantosa // -.*

A repetição – (82) *é uma coisa impressionante -*, que tem por matriz o enunciado (66) com que a locutora terminou a primeira sequência de Pós-avaliações, indicia novamente a vontade de entrega de turno ao interlocutor.

Também a repetição de – *espantosa* – no enunciado (87), que corresponde a um turno reactivo de expressão de acordo, pode ser entendida da mesma forma. A matriz desta repetição, que se encontra no enunciado (86), tinha já um valor idêntico na medida em que há uma cedência da vez ao interlocutor. Além disso, todo o enunciado em que se insere, com uma referência explícita à história como unidade comentada – (68) *bem / essa para mim /das &ul [/] das histórias o + para mim / foi a coisa + das + &eh / espantosa / não é / espantosa // -* aponta na mesma direcção.

O comentário seguinte da interlocutora – (71) *saborosa* – conduz a uma repetição-eco, intensificada, da narradora – (72) *mesmo saborosa // -* que sublinha a sintonia de opiniões entre ambas.

Logo a seguir, a tentativa interrompida de continuação de turno – (73) *e / &eh / e pronto // -* é marcada por elementos de hesitação, seguidos de um marcador

---

<sup>63</sup> Utiliza-se aqui a designação ‘locução interjectiva’ utilizada por Cunha & Cintra (1987 [1984]) e Bechara (2002), tendo, no entanto, presente a sua equivalência a frases exclamativas, como propõem Gärtner (1998) e Mateus *et alii* (2003). Em termos funcionais, subscreve-se a posição de Vilela (1999: 270) que se refere às interjeições como formas de “intervenção do componente expressivo no discurso: realçando, reforçando e intensificando de forma global o enunciado ou um dos fragmentos do enunciado.” No entanto, há que considerar estes dois usos específicos com formas de invocação como pertencentes a um conjunto de expressões fixas com valor emotivo. Os aspectos mencionados nas alíneas a. b. e c. serão desenvolvidos no capítulo 4, secções 4.3.4. e 4.3.5.

conversacional topográfico de manutenção de vez<sup>64</sup> – *e pronto* – que encerra o acto comunicativo anterior, e, ao mesmo tempo, abre o caminho para o seguinte.

O novo acto comunicativo, ainda dentro do mesmo turno, é iniciado por uma sequência de expressões de atitude proposicional que revela alguma hesitação quanto à perspectiva a adoptar para o último comentário – (74) *e acham que* + (75) *porque / eu achava / tu / eu achei tudo muito certo / o procedimento / até ao [ / ] até esse ponto // (76) enfim / toda a gente faz assim // (77) e procura enfim / passar / e trazer / e acontecer / e pronto // (78) não é // (79) mas / depois / o agradecimento / < é que me > / –*. Por outro lado, o comentário em si parece resultar de uma necessidade de clarificação da posição da locutora quanto às avaliações realizadas até ao momento, explicando aquilo que aprova no comportamento das freiras e aquilo que considera inaceitável. Assim, o presente acto comunicativo, indexado ao introdutor de universo de crença – *eu achei* –, está claramente dividido em duas partes. A divisão ocorre no encerramento da listagem de acções aceites e atribuídas à generalidade das pessoas e é realizada através do marcador conversacional topográfico – *pronto* –, agora fechando o enunciado, seguido de um marcador de reforço informativo com valor apelativo – *não é* –. A segunda parte é iniciada pelo conector adversativo – *mas* – adjacente ao sequenciador – *depois* – e seguido da focalização sintáctica do elemento que provoca a sua crítica através de uma construção de clivagem – *o agradecimento / < é que me > / –*.

Repare-se que a tentativa de continuação do enunciado é abandonada no turno de continuação (82) e dá lugar a uma das expressões fixas comentadas acima, antecedida por uma locução interjectiva de invocação – *ai Jesus / é uma coisa impressionante // –*.

Recorde-se aqui que toda a Orientação da narrativa está construída em torno da repetição da actividade de rezar – (14) *todos os dias ao fim da tarde / também se / rezavam // (15) porque elas iam muitas / freiras / não é // (16) freiras professoras // (17) rezavam também um terço // (18) porque era no mês de Maria / não é // (19) rezavam o terço // (20) as professoras que queriam acompanhar / acompanhavam // (21) as que não queriam não acompanhavam / claro // (22) mas / &ahm + (23) portanto / &ah / rezou-se portanto / à saída // (24) a desejar boa viagem // (25) a pedir boa viagem //*

---

<sup>64</sup> Soares da Silva (2004: 8-9), destaca o carácter ambivalente deste marcador quando associado a fenómenos de hesitação no preenchimento de uma pausa. Na medida em que realiza uma dupla articulação (fecho do acto comunicativo anterior e abertura do seguinte) neste caso o marcador ‘pronto’ realiza uma função topográfica de transição.

(26) *e depois havia o terço* / – e que o segundo Desfecho sublinhava a mesma actividade, agora no final da viagem – (52) *depois / de tudo passado / e correr tudo muito bem* // (53) *rezou-se / novamente um terço a agradecer* // (54) *a graça / hhh / de não ter havido encrenca* –. Agora, neste segmento final, a actividade de rezar é retomada, e criticada, enquanto – (79) *agradecimento* – esclarecendo-se, assim, o motivo das suas referências anteriores.

O turno reactivo do interlocutor é construído com uma expressão de acordo explícito – (83) *é verdade* // – e seguido de uma nova Avaliação que, embora realçando um outro aspecto, vai na mesma direcção – (84) *é a parte mais cómica* // –. O enunciado seguinte da narradora é iniciado com uma expressão de acordo explícito – *é / é* // – e encerrado com a repetição da avaliação feita em (70) – (86) *é espantosa #* // (87) *é espantosa #* // –.

Resumindo, pelo prolongamento das Pós-avaliações no exemplo analisado foi possível destacar uma série de Actividades de Encerramento identificadas em outros Enunciados Narrativos do mesmo tipo. Há, no entanto, que ressaltar que alguns dos exemplos em análise ocorrem na realização de outras macroproposições finais como o Resultado, a Avaliação Final ou mesmo algumas Pós-avaliações.

Passa-se, agora, a uma sistematização dos resultados obtidos no conjunto do *corpus* de trabalho.

#### **3.2.3.4. Actividades de Encerramento do Enunciado Narrativo**

Como já foi referido, a Narrativa é um modo enunciativo orientado para um desfecho. A realização discursiva desse desfecho poderia, por si, sinalizar o seu fim. No entanto, em quase todos os exemplos analisados, há uma concentração de estratégias avaliativas na recta final do EN que verbalizam, de formas diversas, a sua conclusão. Essas estratégias estão, crê-se, vinculadas à realização do movimento de ratificação do EN que corresponde à última fase do protocolo do CCN e a sua verbalização pode ocorrer em qualquer das macroproposições finais do EN: Resultado, Coda, Avaliação Final, Pós-avaliações. Considerar apenas os casos em que essa verbalização ocorre na Coda viria falsear a realidade e a complexidade do objecto em análise.

Passa-se, agora, a uma sistematização das actividades de encerramento identificadas no *corpus* e respectiva exemplificação:

### 3.2.3.4.1. Fórmulas de Encerramento com Referência Explícita à História

Em primeiro lugar, considerar-se-ão os actos comunicativos que fazem uma referência explícita à história como unidade comentada e encerrada. Estes actos são realizados fora do núcleo narrativo e já no contexto da situação de enunciação anterior ao EN. Estão, quase sempre, ligados a uma Avaliação Final do narrado e podem ser construídos em colaboração com os interlocutores. Nesse caso, realizam também o acto de ratificar o EN.

Exemplos:

- 1) *bem / essa pra mim /das &ul [/] das histórias o + para mim /foi a coisa + das + &eh / espantosa / não é / espantosa /* [(68-70) C1129 pi-profi]
  
- 2) *mas o facto é que: / a história que eu há bocado te contei / resumidamente é esta // e portanto / a situação / é portanto esta / não é // é esta //* [(58) A326 psf-profi]
  
- 3) MAN: *de maneira que é realmente dos casos / mais curiosos /*  
XYZ: *é /é //*  
MAN: */ que [/] dos casos mais curiosos que tenho como: / notário /*  
I13: *notário / < hhh /será certamente este > //*  
XYZ: *[<] < é / é > //* [(86-91) A1117 psf-profi]

Como foi referido para os Anúncios de EN, também aqui se destaca a referência genérica à história associada a um qualificador, como ocorre nos exemplos [1] e [3]. Refira-se, ainda, a co-construção plural da Avaliação Final no exemplo [3]: através da confirmação do enunciado de MAN, XYZ e I13 realizam, também, o movimento de ratificação do CCN.

No entanto, actos de cariz metacomunicativo deste tipo são pouco comuns no *corpus* analisado. Há ainda que ressaltar que o exemplo [2] pertence a uma interacção onde o EN resulta de um pedido para repetir uma história que já havia sido contada anteriormente, o que parece justificar a sua ocorrência.

### 3.2.3.4.2. Marcadores Conversacionais de Fecho

Em segundo lugar, considerar-se-ão os marcadores conversacionais que, pelo seu posicionamento e valor topográfico de encerramento, marcam o fim de unidades textuais.

#### 3.2.3.4.2.1. Marcadores com Funções Topográficas Locais

O marcador conversacional topográfico – *pronto* – é o mais utilizado pelos falantes, podendo também ocorrer na forma plural – *prontos* (ver exemplo [5]). Na sua utilização pode ter por escopo o acto comunicativo directamente anterior, marcando a sua conclusão [4], ou aliar a esse valor a abertura do acto comunicativo seguinte [5-6]. Neste último caso tem também um valor prospectivo e surge, normalmente, associado a fenómenos de hesitação.

- Encerramento de um acto comunicativo:

4) *mesmo saborosa // e / &eh / e pronto //* [(72-73) C1129 pi-profi]<sup>65</sup>

- Encerramento de um acto comunicativo e abertura do seguinte:

5) [...] *ela lá é que começou a fumar / prontos // a minha mãe < em &princíp >*  
[(26-27) C1379 pi-casa e família]

6) *depois finalmente / a mãe / disse-me // olha / tens que ir para o colégio / não há dúvida que no liceu não estás a fazer nada // e pronto // e depois / é diferente não é // o colégio não + [...]* [(60-65) C1397 psf-vida pessoal]

---

<sup>65</sup> Daqui para a frente a indexação dos exemplos ao *corpus* será feita após a sua citação entre parêntesis rectos. A informação referente aos enunciados citados continuará a surgir entre parêntesis curvos.

### 3.2.3.4.2.2. Marcadores com Funções Topográficas Globais

Estes marcadores fazem a articulação do encerramento de um acto comunicativo adjacente com outros realizados anteriormente. Normalmente esse conjunto corresponde ao segmento tópico que constitui o EN.

- 7) ANT: [<] < e ele ficou > assim / a minha mãe está maluca / < com certeza // não é?  
FER: [<] < hhh >  
XYZ: [<] < hhh >  
ANT: / **pronto** // [(21-25) C630 pi-casa e família]
- 8) [...] *de maneira que /a coisa sossegou // e / pronto //* [(119-120) C630 pi-casa e família]
- 9) *e: / de maneira que / depois deixou de / de exercer: # / a profissão de padre / pronto //* [(515) A50-psf-vida social]
- 10) *e pronto // acabou // < hhh > /* [(104) C32 pi-profi]
- 11) [...] *e pronto / fizemos esse esquema // dentro dessa base / pá /* [(284-285) C866 pi-vida pessoal]
- 12) *então pronto / fez as contas e foi-se embora //* [(45) A443 pi-profi]

Como se pode observar nos exemplos acima, o marcador – *pronto* – pode, também, operar a um nível mais vasto, articulando o fechamento do acto comunicativo adjacente à esquerda [8 e 10] ou à direita [11] com outros actos realizados anteriormente. Nestes casos é de realçar, no *corpus* analisado, a sua articulação com os sequenciadores – *e* – e – *então* – ou com um verbo de aspecto terminativo, como, por exemplo, <acabar> [10].

Em todos os exemplos [7-12] é possível identificar uma função conclusiva no uso destes marcadores, podendo até, nalguns casos, introduzir ou fazer parte de um

enunciado resumitivo<sup>66</sup> com encapsulamento, como no caso do uso do nome ‘*esquema*’ em [11] para referir o Resultado do EN.

### 3.2.3.4.3. Expressões Vagas Funcionando como Sinais de Finalização

Na posição em que ocorrem os marcadores conversacionais acima tratados, podem também surgir Expressões Vagas<sup>67</sup> com uma função idêntica: fechar o acto comunicativo realizado, sinalizando o encerramento dos acontecimentos/estado de coisas anteriormente referidos.

Exemplos deste tipo tanto podem funcionar como um marcador de manutenção de vez, procedendo à transição para um novo acto comunicativo dentro do mesmo turno [13], como podem sinalizar a vontade de cedência de vez ao interlocutor [14-17].

Quanto às expressões recolhidas, repare-se no semantismo impreciso e vago que lhes subjaz, revelando que o falante já não tem mais informações a dar sobre o tema tratado.<sup>68</sup> Sendo exemplos recorrentes no *corpus*, é possível atribuir-lhes um carácter fixo e um valor conclusivo.

- 13) [...] *e quem lê / é a minha criada / que é [/] que é muito beata // e gosta muito / de ler a revista // não sei // [...]* [(39-41) A479-pi casa e família]
- 14) [...] *e portanto na questão [/] nesta &cois [/] na questão de relação com a raparigas / é assim //* [(50) A353 pi-casa e família ]
- 15) *e portanto / a situação / é: / é portanto esta / não é // é assim //* [(76-77) A326 psf-profi]
- 16) LOU: [...] *agarrou-se à placa / foi a sorte dela // está a ver // < e é assim > //*  
I13: [*<*] [*< coitada >*] // [(156-159) A965 psf-profi]

---

<sup>66</sup> Soares da Silva (2006) refere que em casos deste tipo – *e pronto* – é um conector com um valor conclusivo mais de ordem textual que argumentativa, aproximando-o do “*então*” resumitivo e de outras expressões com valor idêntico, como *em resumo*, *em síntese*.

<sup>67</sup> Estes e outros usos de Linguagem Vaga nos ENs serão retomados no capítulo 4, secção 4.3.3.

<sup>68</sup> Rodrigues (1998: 78 e seg.) inclui este tipo de marcadores no Sinais Conversacionais de Cedência de Vez, aproximando-os das estratégias de desfocalização de Kallmeyer (1978), na medida em que afastam a atenção do ouvinte do tema ou foco da acção.

- 17) FER: [<] < são muito unidos > // andam sempre juntos // hhh /  
PRI: andam // *é sempre assim* //  
FER: sim senhor //  
PRI: e passamos a vida *assim* / menina //

[(118-122) C22 pi-casa e família]

Em relação à Expressão Vaga – *é assim* – é necessário ainda referir o seu valor enquanto deíctico textual, resumindo, de uma forma anafórica, um segmento textual que o locutor considera enquanto unidade<sup>69</sup> e que pretende encerrar. Esse segmento continua acessível aos interlocutores porque presente na sua memória imediata.

Enquanto em [14] – *é assim* – refere a narrativa que ilustra a forma como o personagem age nas suas relações com raparigas, sendo parafraseável por – *é como eu contei* –, em [17] – *é sempre assim* – a expressão parece resumir a conclusão final do EN.

No exemplo [15], a Coda é introduzida pelo marcador argumentativo com valor conclusivo – *e portanto* – sendo o Resultado da narrativa referido pelo nome genérico de encapsulamento – *situação* – e pelo anafórico demonstrativo – *esta*. A expressão – *é assim* – parece ter aqui uma função meramente topográfica como sinal de fecho. O mesmo pode ser aplicado em relação ao – *e é assim* – do exemplo [16].

*Assim* – pode também fazer parte de uma Expressão Avaliativa com Valor Conclusivo, como é o caso da sua segunda ocorrência em [17]. Na próxima alínea considerar-se-ão este tipo de expressões.

---

<sup>69</sup> Uma outra leitura seria considerar, como faz F. I. Fonseca (1996: 443-444) – *assim* – um deíctico plurivalente apontando-lhe uma função circunstancial, isto é, a capacidade de indigitar outros componentes da situação de enunciação que sejam partilhados pelos falantes. Através dele, qualquer circunstância evidente no contexto partilhado pode ser incorporada no enunciado. Nos exemplos listados ‘a circunstância evidente’ seriam as informações partilhadas anteriormente a que – *assim* – se refere.

### 3.2.3.4.4. Expressões Avaliativas

#### 3.2.3.4.4.1. Expressões Avaliativas com Valor Conclusivo

No seio das macroproposições Avaliação Final e Coda, ocorrem Expressões Avaliativas com Valor Conclusivo<sup>70</sup> que surgem, normalmente, como unidades autónomas e suscitam uma reacção de empatia por parte do interlocutor. Nestas expressões estão incluídas, também, locuções interjectivas e fraseologias em sentido lato que realizam a mesma função de conclusão.

O grau de fixidez destas expressões varia num eixo que vai da colocação (combinatória usual de duas ou mais palavras sujeita a algumas restrições lexicais) à expressão fixa (enquanto grupo de palavras estável com significado próprio que não resulta da soma dos significados de cada um dos elementos que o compõem).

Por outro lado, a avaliação que realizam tanto pode incidir sobre conteúdos proposicionais (acontecimentos e personagens principais) como sobre o valor ilocutório do EN.

Vejam-se os exemplos seguintes:

- |     |  |                               |
|-----|--|-------------------------------|
| 18) | <i>meu deus do céu /</i>                           | [(68) C1129 pi-profi]         |
| 19) | <i>ai jesus / é uma coisa impressionante //</i>    | [(82) C1129 pi-profi]         |
| 20) | <i>olha / foi um gozo / pá //</i>                  | [(61) C22 pi-casa e família]  |
| 21) | <i>foi uma barraca de todo o tamanho //</i>        | [(66) C22 pi-casa e família]  |
| 22) | <i>olha / parecia que lhe tinham dado o céu //</i> | [(142) C22 pi-casa e família] |
| 23) | <i>e eu só apanho é sustos //</i>                  | [(62) A475 pi-casa e família] |

---

<sup>70</sup> O uso de expressões deste tipo nas macroproposições Avaliação Final e/ou Coda, já foi destacado em estudos sobre outros *corpora* linguísticos. Assim, McCarthy & Carter (1994: 108-114) registam a ocorrência frequente de expressões idiomáticas em narrativas orais e salientam o seu valor avaliativo para toda a unidade textual em que se inserem. Esta questão será retomada e aprofundada no capítulo 4, secções 4.3.5.11. e 4.3.5.12.

- 24) *um ponto //* [(110) A475 pi-casa e família]
- 25) *há uma [/] um contraponto / não é? nesta vida //* [(154-155) C557 pi -profi]
- 26) *e depois / o que eu sei /é que viemos sete para o olho da rua // hhh /*  
[(56) C1131 pi-vida pessoal]
- 27) *quer dizer / eu só estou bem / acampado //* [(30) C48psf-vida pessoal]
- 28) *[...] hhh / ela [/] pegaram-me / costuma-se dizer / pegaram-me de ponta //*  
[(29) C1397 psf-vida pessoal]

Dado pertencerem ao *thesaurus* lexical de uma comunidade linguística, estas expressões podem, mesmo, ser ‘activadas’ na conversação com a colaboração do interlocutor, como se pode observar no exemplo seguinte:

- 29) I15: [*<* &conver > / conversas de senhoras // tudo conversa < XXX > //  
LEO: [*<* < ai / tudo conversa > de chacha /  
I15: *de chacha // hhh /*  
LEO: *de chacha //* [(125-127) A560 pi-vida pessoal]

#### 3.2.3.4.4.2. Expressões Avaliativas Interactivas

A Avaliação Final do EN pode também ser realizada através de expressões que apelam explicitamente a uma ratificação positiva do EN. Nestes casos, o narrador interpela directamente os interlocutores no sentido de subscreverem a Avaliação Final que faz do EN e, assim, obter a adesão deles para a sua interpretação dos factos que narrou. Em termos interaccionais, este ‘convite’ expresso à participação dos interlocutores, cedendo-lhes a vez, permite o retorno à situação de enunciação inicial e às suas coordenadas contextuais.

- 30) ROS: *ora parece impossível // quem é que faz uma coisa destas?*  
 FER: *que disparate //*  
 ANT: *XXX deve ser maluca //* [(32-34) C528 pi-casa e família]
- 31) ARM: *está a ver o que é? agora tenho quinze dias para pagar // duzentos pauzitos de multa // < hhh >*  
 I18: [*<*] *< e vai pagar > ?* [(51-54) A401 psf-vida pessoal]

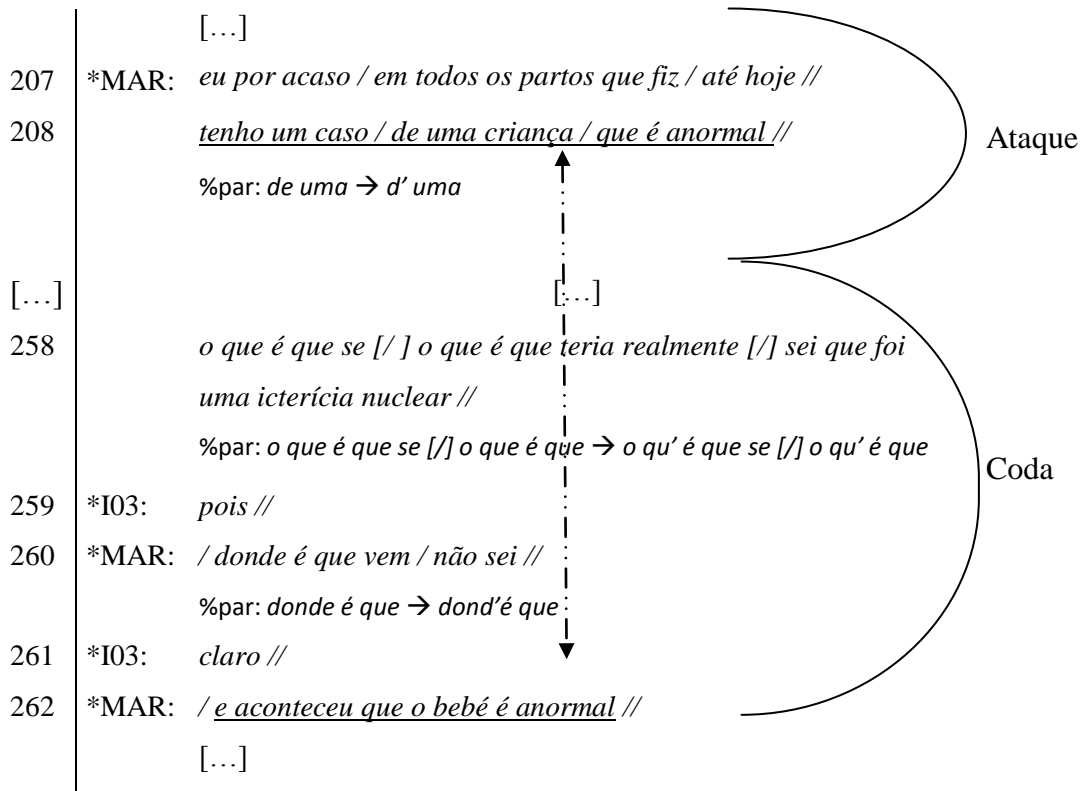
### 3.2.3.4.5. A Repetição

A Repetição é uma estratégia fundamental na organização do texto oral que, quando realizada no encerramento do EN, pode ter funções intensificadoras e de conclusão. Assim, a sua realização tanto pode dar relevo a enunciados específicos, sublinhando-os, como, ao mesmo tempo, revelar a inexistência de mais informação sobre o tópico em desenvolvimento. Normalmente a matriz da repetição corresponde a um enunciado-chave do EN: uma tese que deu origem ao mesmo, o resumo, partes do gatilho ou do clímax da acção, uma avaliação local ou final.

#### 3.2.3.4.5.1. Repetição de elementos do Ataque

Na estrutura do EN, a Repetição de elementos do Ataque na Coda pode funcionar como um Marcador de Enquadramento, sinalizando o encerramento da unidade discursiva narrativa. Em termos interaccionais, esta Repetição, ao fechar um Quadro ou um Segmento Tópico, pode servir como estratégia de cedência de turno.

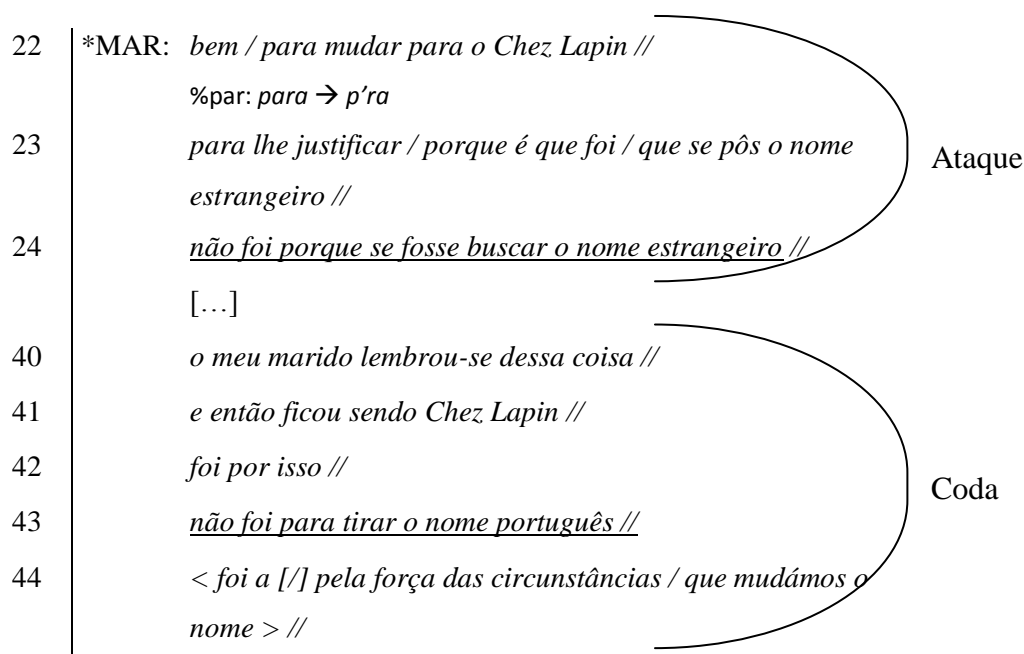
32) Exemplo A396 psf-profi



Extracto da interacção A396 psf-profi

No exemplo acima é possível verificar que o EN é encerrado com uma paráfrase do resumo da história que havia sido introduzido no Ataque.

### 33) Exemplo C251 psf-profi



Extracto da interacção C251 psf-profi

Neste exemplo, a Coda resume a narrativa realizada para responder à questão levantada no Ataque do EN. Assim, retoma-se o tópico conversacional – a razão do nome *Chez Lapin* – para encerrar, sublinhando-a, a explicação que o EN transporta. Repare-se na paráfrase do enunciado (24) através do (43), bem como no uso do anafórico demonstrativo (42) que retoma a explicação dada no EN e anuncia o Resumo avaliativo do mesmo em (44).

#### 3.2.3.4.5.2. Repetição de Enunciados-chave do Enunciado Narrativo

A repetição de enunciados-chave do núcleo narrativo é uma estratégia comum no *corpus* analisado. Através dela o locutor associa uma função conclusiva ao intuito de sublinhar os conteúdos informacionais centrais do EN. No exemplo seguinte temos uma repetição do enunciado-chave do Clímax:

### 34) Exemplo A390 pi-casa e família

[...]

51 BEA: *e diz-me ela assim //*

52 *ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não /*

*não recebi nada //*

%com: ah- marcador conversacional topográfico de abertura; %par: estou  
→ 'tou ; %par: todo o enunciado é dito num outro tom (encenação).

53 *e eu digo //*

54 *sim senhora / quem me dera estar em casa //*

%par: estar → 'tar

55 *então não é ?*

56 *quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas*

*coisas //*

**Acção**  
**Clímax**

**Coda**

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

Repare-se que, na segunda ocorrência, o enunciado optativo (54) em causa deixa de ser dirigido à personagem oponente e passa a ter como alvo a interlocutora, promovendo, assim, o retorno à situação de enunciação inicial<sup>71</sup>.

#### 3.2.3.4.5.3. Duplicação de Adjectivação em Posição Final

A Repetição de adjectivos adjacentes com um valor enfático, como nos exemplos [35-36], funciona, em primeira instância, como uma forma de intensificação. No entanto, a sua leitura deve ser alargada à função textual<sup>72</sup> que realizam no EN de origem. Assim, a reiteração de uma avaliação já feita num turno anterior, utilizando o mesmo lexema e a mesma estrutura binária, aponta para uma saturação informativa e para um “esgotamento” do tema. Pode-se então falar de uma estratégia de encerramento da unidade a que se refere e de cedência de vez.

<sup>71</sup> Outros bons exemplos para este tipo de repetição encontram-se nas interacções: A475 pi-casa e família EN2 (92-100-106-108-109); A479 pi-casa e família, desfecho de EN1(78-119).

<sup>72</sup> Seguindo as propostas de Marcuschi (1996), procurámos, em trabalho anterior (Morais, 2002a), evidenciar a relevância das estratégias de Repetição quer na construção da Avaliação quer na coesão sequencial do Texto Narrativo.

- 35) *espantosa / não é / espantosa //* (matriz) [(70) C1129 pi-profi]  
 36) *é / é // é espantosa # // é espantosa # //* (repetição) [(85-87) C1129 pi-profi]

No exemplo seguinte, a repetição ocorre na Avaliação Final sendo facilmente detectáveis ambas as funções acima referidas:

- 37) *ai foi uma coisa horrorosa // passei aquele + ai foi uma coisa horrorosa //*  
 [(125-127) A264 psf-profi]

### 3.2.3.4.6. Marcas de Negociação do Sentido Global da Narrativa

Como foi referido anteriormente quer a Avaliação Final surja isolada, junto com a Resolução ou com a Coda, quer se estenda por uma série de Pós-avaliações, é fundamental para o (ex-)narrador assegurar que a interpretação do narrado por parte dos seus interlocutores se coadune com a sua intenção inicial. Noutros casos, essa preocupação pode estar relacionada com aspectos relativos à preservação da face quer do narrador quer de uma das personagens que tenha saído com uma imagem negativa do EN realizado.

Assim, sistematicamente, encontram-se enunciados avaliativos, posteriores ao desfecho, através dos quais o narrador procura explicitar o sentido da história contada, fechando possíveis leituras “desviantes” e apelando para uma partilha de “sentidos” e “valores” que justificam o EN na conversação em que foi introduzido.

Passar-se-á, agora, a comentar três exemplos identificados no *corpus*, começando pelo retirado da interacção analisada em detalhe na secção 3.2.3.3.

#### 3.2.3.4.6.1. Marcas de Explicitação de Sentido

- 38) */ eu achava / tu / eu achei tudo muito certo / o procedimento / até ao [/] até esse ponto // enfim / toda a gente faz assim // e procura enfim / passar / e trazer / e acontecer / e pronto // não é // mas / depois / o agradecimento / < é que me > /.*  
 [(75-81) C1129 pi-profi]

Correspondendo ao quinto turno da interacção, neste exemplo, a narradora procura deixar claro o motivo da sua crítica ao comportamento das freiras no episódio

narrado, distinguindo entre o procedimento em si, que desculpabiliza, equiparando-o a um comportamento comum, e a sua (incorrecta) legitimação através da oração. Desta forma, explicita a ironia avaliativa que marcava o segundo desfecho da história.

39) *isto não será uma manifestação de racismo // mas de qualquer modo é sintomático / &eh / de um determinado espírito / não é / que coloca os pretos sempre numa situação de subalternidade / em relação aos brancos / no ultramar //*  
 [(84-86) A386 pi-vida social]

O exemplo [39] surge logo após a Resolução de um EN em que é contada a história de um africano que, apesar de ter a competência exigida para o cargo e exercer as funções para as quais surgiu uma vaga num porto em Angola, não é nomeado para a preencher. Essa história ilustra a tese defendida anteriormente pelo mesmo locutor – (61) *o preto / o indígena / &ah: / tenho a impressão que / para além do desporto / do futebol / e da música / não tem talvez muito mais possibilidade de acesso* – mas, já então, afastando a hipótese das suas palavras serem interpretadas como uma acusação de racismo – (62) *porque apesar de nós não sermos racistas //* (63) *no entanto o estigma da cor da pele / principalmente no ultramar / marca bastante o: /o: / o africano //* –. Se, durante a história, o narrador-personagem é confrontado com a recusa da sua proposta de promoção para o indivíduo em causa e acaba por denunciar a situação: – (79) *o comando naval não concordou / pelo simples motivo de ser / preto //* (80) *de ser indivíduo de cor //* –, no final, e já de retorno à situação de enunciação anterior ao EN, procura assegurar (em consonância com a posição que tomou anteriormente) que as suas palavras não sejam interpretadas como uma acusação de racismo.

40) GRA: [*<*] *< e ela / coitada > / ficou com aquela &idei + ela deve ter lido mal // hhh / ela deve ter lido mal // e então / leu formicar / lembrou-se que aquilo vinha [/]que dava com fórmica // ela então / explicou // mas não vinha nada a propósito / < dizia ela // hhh >*  
 I10: [*<*] *< hhh > /*  
 GRA: */ aquela coisa da fórmica / < não vinha de propósito > //*  
 I10: [*<*] *< foi a associação que ela fez > //*  
 GRA: */ e ela fez aquela associação com a fórmica / com que ela forrou umas gavetas da cozinha / ou não sei quê // e não vinha + e ela coitada / estava [/]*

*estava aflita / com aquilo // mas achou que aquela revista / era muito elevada // porque até trazia palavras // que ela tinha que ir consultar ao dicionário //, e então / hhh / como não teve tempo / de ir ao dicionário // resolveu servir-se da [/] dos meus conhecimentos < linguísticos / hhh / para ver se eu lhe explicava > //*

Após haver narrado uma história de cariz anedótico em torno de um erro linguístico da tia, GRA é levada a justificar o raciocínio ingénuo da personagem principal, repondo algum dano causado à sua imagem. Ao mesmo tempo, procede a um resumo de cariz explicativo do EN realizado. Este tipo de resumo parece estar directamente ligado ao género textual Anedota, pois outros exemplos do *corpus* atestam a sua realização<sup>73</sup>.

### 3.2.3.4.6.2. Marcas de Subscrição de Sentido

Nas actividades de encerramento de EN surgem, muitas vezes, expressões de atitude proposicional que identificam textualmente o enunciador, ao mesmo tempo que vinculam o valor de verdade das proposições que indexam ao seu universo de crenças.

A par de uma função organizadora do discurso, as marcas de Subscrição de Sentido têm funções interactivas, na medida em que reatribuem aos sujeitos da interacção os papéis anteriores ao EN, restabelecendo a simetria de estatutos: O EU que dá a sua opinião instancia automaticamente um TU com um estatuto paralelo de co-enunciador, que pode, ou não, partilhar das mesmas crenças. Além disso, as marcas de enunciação destacadas atenuam a força da avaliação realizada logo a seguir, precavendo um possível confronto com as opiniões do interlocutor<sup>74</sup>.

41) / eu achava / tu / eu achei tudo muito certo / [(75) C1129 pi-profi]

42) *mas / depois / o agradecimento / < é que me > /* [(79) C1129 pi-profi]

43) *portanto / depreendo que ele é realmente um ansioso // não há dúvida /*  
[(47-48) A353 pi-casa e família]

<sup>73</sup> Ver o EN2 de A380 pi-profi (enunciados 51-52);

<sup>74</sup> Rosa (1992: 41-42) inclui estas expressões nos Marcadores de Atenuação que divide entre aqueles que promovem o apagamento da instância de enunciação – marcadores de distanciamento – e aqueles a destacam – marcas de enunciação.

- 44) / e isto / repara / tanto tempo passado // eu / eu acho que isto / que é óptimo //  
 [(106-107) A508 pi-profi]
- 45) acho que isso não está bem // [(90) C625 pi-vida pessoal]
- 46) e depois / o que eu sei / é que viemos sete / para o olho da rua // < hhh > /  
 [(56) C1131 pi-vida pessoal]

### 3.2.3.4.6.3. Marcas de Pedido de Acordo

Ainda dentro da Negociação do Sentido Global da Narrativa, há que realçar todos os sinais conversacionais que, a par da sua função interactiva, tem um valor modal apelativo, na medida em que procuram influenciar o comportamento do interlocutor. Seguiu-se, aqui, a divisão proposta por Rodrigues (1998), entre Marcadores Conversacionais de Pedido de Retorno e Sinais de Reforço Informativo, apesar de haver consciência da artificialidade da sua aplicação a unidades cuja característica central é a sua polifuncionalidade. Mesmo nos casos em que não existe a emissão de um sinal de retorno por parte do interlocutor, o que parece apontar para uma realização que re-focaliza o enunciado anterior (ver exemplo [49]), não se pode deixar de considerar a função apelativa destes marcadores, que revelam a vontade de influenciar a forma como o interlocutor interpreta o que foi dito. A Pergunta-tag – não é – do exemplo [47], é um desses casos de fronteira: suscita um retorno por parte do interlocutor, mas também sublinha a avaliação anterior – *espantosa* –, que será reforçada através da Repetição.

Estratégias idênticas são realizadas por perguntas avaliativas com valor retórico, que convidam os interlocutores a partilharem as convicções que veiculam (ver exemplo [48]).

#### 3.2.3.4.6.3.1. Marcadores Conversacionais de Pedido de Retorno

- 47) JEN: *foi a coisa + das + &eh / espantosa / não é / espantosa //*  
 I13: *saborosa /*  
 JEN: *mesmo saborosa // e / &eh / e pronto // [...]* [(69-73) C1129 pi-profi]

### 3.2.3.4.6.3.2. Perguntas Retóricas

- 48) ROS: *ora parece impossível // quem é que faz uma coisa destas ?*  
FER: *que disparate //*  
ANT: *xxx / deve ser maluca //* [(32-34) C528 pi-casa e família]

### 3.2.3.4.6.3.3. Marcadores Conversacionais de Reforço Informativo

- 49) *e isto / repara / tanto tempo passado // eu / eu acho que isto / que é ótimo //no ponto de vista dos miúdos / porque têm memória afectiva / muito + é // há assim pormenorezinhos / percebes ? [...]* [(106-109) A508 pi-profi]
- 50) *eu / eu achei que / que era duma / duma + mas / mas é que / é que realmente / a causa por que elas fazem isso / não é / pela / pela causa do ensino / é:: / tem &jus / tudo tem justificação / não é // e depois aquela ingenuidade / porque não / não se pode chamar outra coisa / não é // em mulheres licenciadas / porque / poucas são aquelas que não têm dois cursos / não é // (...)* [(58-61) C1129 pi-profi]

### 3.2.3.4.6.4. Marcadores Argumentativos com Valor Conclusivo

Ainda em torno das macroproposições Resultado e Avaliação Final foi possível identificar Marcadores Argumentativos com Valor Conclusivo, que sinalizam a conclusão do EN. Esses marcadores podem ser construídos:

- com lexemas de cariz metacomunicativo:

- 51) *resultado # / uma das obras mais representativas do Picasso / não se pode representar // apresentar aliás // a Guernica / por fins políticos //* [(33) A347 pi-profi]
- 52) *não // em conclusão +* [(117) A560 pi-vida pessoal]

- com conectores discursivos:

- 53) *de maneira que eu /já se sabe / tenho que # tive que tomar uma atitude / quero lá saber //* [(92) A443 pi-profi]
- 54) *de maneira que / a coisa sossegou // e / pronto //* [(119-120) C630 pi-casa e família]
- 55) *de maneira que é um problema / coitadinhos / sozinhos / como é que eles se governam lá sozinhos em casa //* [(229) A458 psf-casa e família]
- 56) *mas: / &ah: / portanto / depreendo que ele é realmente um xxx // não há dúvida / que é um super ciumento // defende com interesse / aquilo que lhe interessa / mesmo // e portanto na questão [/] nesta &cois [/] na questão de relação com raparigas / é assim //* [(47-50) A353pi-casa e família]
- 57) *[...] portanto / &eh: / o ciclo aqui é mau //* [(53) A347-pi profi]
- 58) *portanto / assim consegui / digamos / preencher aquele / vácuo / que eu sentia //* [(76-78) A398 psf-profi]
- 59) *portanto isso foi o primeiro de Maio //* [(59) A1084 psf-vida social]
- 60) */ e toca a oferecer-nos uísque / a nós // &eh / e assim passámos um bocado da noite / agradável // no outro dia na mesma // e no / no dia a seguir / fomos embora //* [(135-138) C48 psf-vida pessoal]

Estes conectores podem ser seguidos quer pelo Resultado da Acção (ver exemplos [53] e [54]) quer pela Avaliação Final (ver exemplos [51], [55]) quer pela repetição ou paráfrase, de cariz avaliativo, da tese que deu origem ao EN [56], [57].<sup>75</sup>

Destaque, ainda, para o uso de nomes de encapsulamento nos exemplos [55] – *o problema* – e [56] – *a questão* – que ‘resumem’ o EN, bem como para o recurso ao pronome anafórico com valor resumitivo e em posição adjacente ao conector em [59].

<sup>75</sup> Outros exemplos no EN1 de A509 pi-vida pessoal (enunciados 129-132);

No caso do exemplo [60] – *e assim* – introduz o Resultado, apontando para a finalização do EN.

### 3.2.3.4.6.5. Linguagem Vaga

Na aproximação do final do EN é possível identificar um recurso acrescido a palavras e expressões vagas que indiciam um esgotamento progressivo de informações sobre o tópico do EN. A par do uso de expressões que funcionam localmente como – *é assim* – (com um valor de marcador conversacional topográfico final), pode observar-se esse esvaziamento informacional em segmentos de texto mais longos que realizam as macroproposições Coda e/ou Avaliação Final e Pós-Avaliações. Observe-se o exemplo [61].

- 61) *e / e sem ser com americanos / com outros mais / sucederam < as mesmas coisas / não é > ?* [(146) C48 psf-vida pessoal]

No final do segundo EN sobre o mesmo tópico – a convivência no campismo – o narrador procede a uma Avaliação Final comum com que pretende reafirmar posição com que havia partido para ambas as narrativas: quando faz campismo gosta, sobretudo, de conviver. Repare-se no uso do indefinido – *outros mais* – para referir potenciais personagens de narrativas idênticas à que concluiu, bem como a substituição dos acontecimentos ocorridos pela palavra vaga – *coisas* – no sintagma nominal – *as mesmas coisas*. Desta forma o locutor, para além de marcar o carácter iterativo das acções assim referidas, sinaliza a falta de novidade que a possível narração de episódios idênticos transportaria, bem como acentua o valor exemplificativo do EN que introdução na conversação. A questão da Linguagem Vaga será objecto de uma análise mais profunda no capítulo 4, secção 4.3.3.

### 3.2.3.5. Conclusões sobre as Fronteiras do Enunciado Narrativo

Como foi referido anteriormente, enquanto texto sequencial orientado para um desfecho, o encerramento da narrativa pode, simplesmente, corresponder ao desenlace da acção. Além disso, a interpretação da sequência de acontecimentos, dentro de uma lógica de contraposição entre a Situação Inicial e Situação Final facilita a identificação

do momento da sua conclusão. Esta característica específica da narrativa permite a qualquer narrador terminar a sua história logo após a Resolução da intriga, cedendo a vez ao interlocutor ou passando de imediato a um novo acto comunicativo. No entanto, a análise do *corpus* só nos permitiu atestar um único caso em que tal acontece, isto é, em que o narrador se limita a realizar a dimensão sequencial da narração (Adam, 1991 [1984]).

Sendo o encerramento da narrativa o momento crucial para julgar sobre a sua pertinência em relação à situação de interacção, podemos encontrar, a par da Avaliação Final, toda uma série de Pós-avaliações que buscam esclarecer o sentido e explicitar o valor do narrado, procurando obter, assim, a adesão do narratário à intencionalidade que lhe subjaz. A decisão do momento de passagem para um outro acto comunicativo parece estar directamente ligada ao retorno positivo obtido do interlocutor (p. ex: riso, expressões de acordo).

A análise realizada permite, ainda, concluir que o Encerramento de um EN produzido em Situação de Interacção Oral se processa através de uma série de actividades comunicativas em torno das Macroproposições Resolução, Avaliação Final e Coda. A complexidade da sua execução está directamente relacionada com a preocupação do narrador em assegurar a conformidade da interpretação do narratário com a ordem configuracional do narrado.

Excluíram-se, propositadamente, as questões referentes às marcas prosódicas de encerramento de turno conversacional. Aspectos como pausas mais prolongadas, entoação descendente ou ascendente – descendente, interrogativas ou declarativas com *tag*, contribuem para a gestão da alternância de turno e, como tal, sustentam, localmente, a acção de vários dos marcadores analisados. Para um estudo destas questões aplicado a um *corpus* conversacional em Português Europeu, ver o extenso trabalho de Rodrigues (2003).

## **4. A DIMENSÃO CONFIGURACIONAL DA NARRATIVA**

## 4. A Dimensão Configuracional da Narrativa

Como foi referido no capítulo 2, no âmbito da dimensão configuracional da narrativa há que considerar todos aqueles elementos avaliativos que, das mais variadas formas, traduzem um relacionamento afectivo dos interlocutores (narrador/narratário) com a História e a sua narração.

Do lado do narrador, as estratégias avaliativas constituem instrumentos que lhe permitem posicionar-se face aos acontecimentos que pretende narrar e, ao mesmo tempo, dar pistas de leitura aos seus interlocutores, condicionando, assim, a sua co-construção de sentidos, de forma a aproximá-la o mais possível da intencionalidade que subjaz à narração.

Por sua vez, o alocutário/narratário recorre a enunciados avaliativos quer para aceitar e ratificar (ou não) o contrato comunicacional narrativo quer para participar na construção do sentido do EN.

Assim, no presente capítulo, focar-se-á a atenção num conjunto de estratégias avaliativas que, activadas durante a narração por qualquer um dos intervenientes no turno narrativo, permitem:

- revelar a perspectiva a partir da qual eventos e estados são representados;
- focalizar ou desfocalizar a atenção do interlocutor para determinados elementos da narração;
- expressar o envolvimento afectivo do enunciador (narrador, personagem, narratário) com a história.

### 4.1. Procedimento de Análise: o EN2 da Interacção A475 pi-casa e família

Tendo presente a necessidade de contextualizar e cotextualizar as actividades comunicativas em análise, optou-se por iniciar a sua apresentação a partir de um EN do *corpus*. A caracterização das estratégias avaliativas aí identificadas será realizada, numa segunda fase, recorrendo a outros exemplos recolhidos nos *subcorpora*.

#### **4.1.1. Caracterização Sociolinguística da Interação**

O narrador, ANT, tem 57 anos e é oficial do exército. Revela-se um interlocutor comunicativo e um narrador competente, capaz de envolver os seus interlocutores. Usa um registo informal e recorre ao marcador conversacional topográfico 'pá' na organização dos seus enunciados. O seu interlocutor principal, JS, responsável pela gravação da interação, está na casa dos 30 e tem uma formação média. Existe uma relação familiar entre ambos (tio e sobrinho) e as formas de tratamento são da terceira pessoa, com recurso a fórmulas de deferência como – *meu coronel* – por parte do sobrinho. Há mais 2 interlocutores, também familiares próximos, que interferem pontualmente na conversação.

Quanto à situação de enunciação, os interlocutores estão em casa de ANT. Nesta primeira parte da interação, ANT não sabe que está a ser gravado. Há, até pela temática abordada, forte intimidade entre interlocutores e conhecimento partilhado.

#### **4.1.2. Caracterização Discursivo-pragmática da Interação**

O EN em análise é o segundo que surge na interação. ANT, após iniciar um EN sobre um incidente com a irmã, interrompe-o para, através de um outro EN, de cariz trágico-cómico, realçar a aflição que o invadiu quando aquela se sentiu mal. Trata-se de um EN de Ruptura de Plano de Agente com uma função de catarse: através dele o narrador constrói, sublinhando-o, o estado de medo e ansiedade em que se encontrava quando ocorreram os factos do primeiro EN.

Em termos de estrutura narrativa, o EN corresponde a uma sequência de acções (3 mini-episódios) com uma analepse dramatizada (Acção2): Ataque (resumo) / Orientação de *Background* – Orientação Geral – Acção1 – Orientação Local – Acção1 (dramatização) – Acção2: analepse / resumo / dramatização / discurso directo – Acção3 – Orientação Local – Acção3/Resultado.

### 4.1.3. Transcrição do Enunciado Narrativo

EN1	5	TA:	<i>depois / o que é que aconteceu ?</i>
	6	ANT:	<i>&amp;eh pá / teve um ataque no cinema //</i>
	7		<i>um ataque mas / &amp;eh pá / eu / eu / eu até julguei que ela morria / pá //</i>
EN2	8		<i>já uma vez / caiu-me uma velha aos pés xxx / pá //</i> %par: a última parte do enunciado é produzida em tom de riso.
	9	TA:	<i>hhh /</i>
A	10	ANT:	<i>/ <u>daquele</u> género / pá //</i>
T	11		<i>XXX / com / com <u>aquele</u> estertor na garganta //</i>
A	12		<i>ai / &amp;que / quer dizer / em certas coisas / dão assim # / uma paralisia de: [/]</i> %exp: ai → interjeição de horror ;
Q.	13		<i>e então dá <u>aquele</u> estertor / esquisitíssimo / que a respiração assim já / hhh //</i> %exp: hhh → arfar
O	14		<i>eu uma vez / estava na &amp;estaç [/] ali / na paragem / ao pé da estação do Arco</i>
R			<i>de Cego / dos eléctricos //</i>
I.	15		<i>&amp;eh pá / e / e estava uma velhota / muito porreira / à espera de um eléctrico /</i> <i>como eu //</i>
A	16		<i>de repente / sinto um: / baque no chão //</i>
C.	17		<i>era a velhota / tinha-lhe dado o badagaio / pá //</i>
1	18	TA:	<i>hhh /</i> %exp: hhh → riso
	19	ANT:	<i>/ hhh / hhh / a respirar assim //</i> %exp: hhh → arfar
	20		<i>e eu agarro na velha / meto-a num táxi //</i>
A	21		<i>até ia / jogando ao murro com o chofer / porque o gajo não queria levar //</i>
C.	22		<i>disse / não o senhor / o senhor não anda aqui só para ganhar dinheiro //</i>
2	23	TA:	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
	24	ANT:	<i>/ [&lt; &lt; também &gt; tem que levar [/] a senhora está aflita / tem que a levar para</i> <i>o hospital //</i> %par: está aflita → 'tá aflita
	25		<i>para isso é que o senhor tem / um alvarazinho / para andar com o táxi / não é</i> <i>verdade ?</i>
A	26		<i>pronto / lá metemos a senhora //</i>
C.	27		<i>e eu no dia seguinte vou ler ao: / ao / Diário de Notícias //</i>
3			

R E S.		%par: <i>ao</i> → <i>ó</i>
	28	<i>cidade e tal //</i>
	29	<i>a senhora dona não sei quê / de sessenta e não sei quantos anos / pau //</i>
	30	%exp: <i>pau</i> → interjeição onomatopaica <i>chegou morta ao hospital //</i>

Extracto da interacção A475 pi-casa e família

#### 4.1.4. O Ataque do Enunciado Narrativo

O EN é introduzido com um Resumo da Acção principal (ver ponto 3.2.2.2.3.) – (8) *já uma vez / caiu-me uma velha aos pés xxx / pá //* – iniciado por um marcador temporal vago de cariz não deíctico – *já uma vez* –, que instaura um novo intervalo de tempo, abarcando o facto mencionado (ver ponto 3.2.2.2.2, exemplos 26-34). Segue-se uma sequência explicativa, que corresponde a um prefácio introdutório (ver ponto 3.2.2.2.4.), iniciada por uma expressão avaliativa afectiva interpessoal – (10) */ daquele género / pá* – através da qual o narrador apela à participação do interlocutor na construção do objecto de discurso que – *género* – refere. Destaque, no conjunto de Orientações de *Background* que dão corpo ao prefácio introdutório, para o uso expressivo do demonstrativo – *aquela* – na introdução de informação nova (ver transcrição), buscando criar uma proximidade de conceptualização com o interlocutor.

#### 4.1.5. A Orientação do Enunciado Narrativo

A Orientação é iniciada com a repetição da expressão temporal vaga – (14) *uma vez* – que ancora o uso do pretérito imperfeito utilizado na sua construção. Segue-se uma localização espacial específica – (14) *estava na &estaç [/] ali / na paragem / ao pé da estação do Arco de Cego / dos eléctricos //* –, que pode ser lida como uma forma de sublinhar a veracidade dos factos a narrar, e a introdução de outra personagem através do nome de qualidade – (15) *velhota* –. Destaque-se, ainda, a adjectivação superlativa utilizada – (15) *muito porreira* – e a coloquialidade do modificador.

#### 4.1.6. A Acção do Enunciado Narrativo

A transição para a Acção é marcada pelo adverbial aspectual com valor instantâneo – (16) *de repente* – que introduz um evento inesperado. Embora seja um sinal de estruturação do texto narrativo, marcando, semanticamente, uma acção precisa, pode reconhecer-se-lhe, também, um valor de envolvimento ao ‘anunciar’ um problema.

Repare-se, ainda, que o narrador recorre a duas estratégias-chave de Encenação<sup>1</sup> dos acontecimentos. Assim:

- i) a ordem do narrado obedece, iconicamente, à da própria percepção do ocorrido: primeiro é introduzido o ruído, através do verbo de percepção <sentir>, e só depois a identificação da fonte;
- ii) o verbo de percepção ocorre no presente do indicativo, promovendo uma ‘presentificação’ do ocorrido. A perspectiva de narração é, neste momento da narrativa, a de um eu-actante que se encontra numa situação inesperada sem saber o que aconteceu, e não a de um narrador que, da situação de enunciação (Sit0), sabe a razão do som.

A Resolução do ‘enigma’, que corresponde à Resolução do primeiro episódio, surge fortemente avaliada com a expressão idiomática: – (17) *tinha-lhe dado o badagaio* –.

O enunciado seguinte retoma a dramatização – (19) / *hhh / hhh / a respirar assim* // – através da reprodução dos sons realizados pela – *velhota* –. Esta reprodução é sobretudo importante por aproximar ambos os incidentes – o da irmã e o agora narrado – e, assim, justificar a angústia que ANT sentiu em relação ao primeiro. Mas também o é na economia da narrativa, justificando a rapidez das acções seguintes – (20) *e eu agarro na velha / meto-a num táxi* // –. Repare-se que o narrador segue, detalhadamente, os movimentos que executou e retoma o presente do indicativo para construir a cena, perspectivando-a do momento em que esta está a acontecer. Destaque, ainda, para a coordenação assindética de ambas as frases, sublinhando o seu carácter performativo.

A acção seguinte é introduzida por um enunciado avaliativo de cariz resumitivo e valor hiperbólico que refere um possível, mas não concretizado, desenlace da acção – (21) *até ia / jogando ao murro com o chofer / porque o gajo não queria levar* // –. Este enunciado é focalizado através do adverbial de inclusão – *até* – que tem por escopo o

---

<sup>1</sup> A noção de Encenação será desenvolvida nas secções 4.2.2. e 4.3.6.

sintagma verbal que refere a acção não concretizada. O conflito anunciado é dramatizado através de outros dois enunciados em discurso directo que pretendem citar as palavras de ANT (enquanto personagem) dirigidas ao oponente.

O primeiro – (24) [<] < *também* > *tem que levar* [/] *a senhora está aflita / tem que a levar para o hospital* // – surge modalizado deonticamente através da repetição de < *ter que* > com valor de obrigatoriedade. Repare-se na correcção que ocorre no mesmo segmento e que aponta para a sua produção (e criação) ‘on-line’.

O segundo enunciado – (25) < *para isso é que o senhor tem / um alvarazinho / para andar com o táxi / não é verdade ?* – focaliza duplamente o anafórico que retoma o enunciado anterior: por um lado topicaliza a explicativa elíptica – *para isso* – deslocando-a à esquerda; ao mesmo tempo, esta surge no escopo da construção de clivagem com forma fixa<sup>2</sup> – *é que* – que, pelo seu valor contrastivo, destaca a sua importância no conjunto de razões possíveis para deter um alvará de taxista. A Expressão Avaliativa de Reforço Informativo – *não é verdade?* –, sublinha, refocalizando-o, o enunciado que encerra, fixando a sua fronteira à direita.

A resolução deste segundo episódio é realizada através do enunciado – (26) *pronto / lá metemos a senhora* // – que surge balizado à esquerda pelo marcador conversacional de fecho – *pronto* – com valor conclusivo<sup>3</sup>.

Em relação ao mesmo episódio, há ainda que referir o contraste entre as formas nominais de referenciação para o mesmo sujeito, dentro e fora da encenação. Assim, enquanto objecto de discurso narrativo, o personagem opositor é referido como – *chofer* – e depois retomado com o nome – *gajo* –. Já no âmbito da dramatização dos acontecimentos, ANT, agora personagem, interpela-o com o vocativo – *o senhor* –. Se todas as formas transportam uma ideia de distanciamento (profissional, no primeiro, depreciativo, no segundo), no terceiro caso, há uma evidente preocupação com a auto-imagem do enunciador.

Segue-se o terceiro episódio da narrativa, iniciado por uma Orientação Local que altera as coordenadas temporais e situacionais do EN – (27) *e eu no dia seguinte vou ler ao: / ao / Diário de Notícias* // –. Em relação ao verbo que refere a acção principal, há que realçar para o uso do presente do indicativo numa forma perifrástica de futuro. Mais

---

<sup>2</sup> Para uma análise de – *é que* – enquanto forma fixa que lexicaliza nós funcionais de natureza oracional, ver Mateus *et alii* (2003: 690-692). Enquanto construção de destaque do Rema da frase, ver Gärtner (1998: 611-612) e Koch (2003 [1997]: 115-117). Na mesma linha, mas considerando a construção fixa como uma partícula modal, ver Franco (1991 e 1989).

<sup>3</sup> A propósito do marcador conversacional ‘pronto’ ver secção 3.2.3.4.2.1.

uma vez, o narrador perspectiva a acção narrada a partir do momento em que ela é realizada, como se ainda desconhecesse o conteúdo do jornal.

Os enunciados seguintes (28-29) mimetizam o género jornalístico do obituário, ‘presentificando’ o acto de leitura realizado, ao mesmo tempo que, pelo seu ‘realismo’, contribuem para a veracidade do EN. Destaque para o uso voluntário de Expressões Vagas em todo o segmento, com o intuito de eliminar informação considerada irrelevante para o caso, mas necessária para identificar o género em causa – (28) *cidade e tal* // (29) *a senhora dona não sei quê / de sessenta e não sei quantos anos / pau* // –.

#### 4.1.7. A Resolução do Enunciado Narrativo

A Resolução do EN – (30) *chegou morta ao hospital* // – surge introduzida pela interjeição onomatopaica – *pau* – que cria uma ruptura no espaço convencional do discurso e singulariza o enunciado que introduz.<sup>4</sup>

#### 4.1.8. Conclusões da Análise

A análise do EN permite, antes de tudo, evidenciar a variedade e complexidade dos elementos linguísticos envolvidos na avaliação da narrativa. Numa primeira sistematização dos resultados, poder-se-iam dividir as estratégias activadas pelo narrador em seis grupos distintos:

##### i. Estratégias de Atribuição da Responsabilidade dos Enunciados

Seguindo a proposta de Smith (2004 [2003]: 155 e seg.), é possível identificar no texto diferentes expressões de subjectividade que veiculam diferentes pontos de vista a partir dos quais os eventos e estados são apresentados. Para a sua análise há que determinar:

---

<sup>4</sup> Gonçalves (2002: 350-51) refere-se a este tipo de interjeições como onomatopeias-grito, sublinhando a sua expressividade e subjectividade. Através delas “o locutor dá uma imagem da situação usando a propriedade que o grito articulado tem de criar uma ruptura no espaço convencional do discurso”.

- a Fonte Responsável pela sua expressão<sup>5</sup>;
- as escolhas linguísticas que lhe dão corpo.

Neste conjunto de estratégias incluem-se (os números entre parêntesis correspondem ao enunciado da transcrição):

- a explicitação do pronome sujeito de autorreferência (14, 20, 27);
- a introdução do discurso directo através da primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo <dizer> (22);
- a utilização de verbos modais que implicam uma fonte para a atitude proposicional que veiculam (24);
- o recurso a verbos de percepção (16).

## ii. Estratégias de Focalização e Desfocalização da Informação

Através das Estratégias de Focalização e Desfocalização da Informação o locutor realça ou apaga elementos, dependendo da importância que lhes pretende conferir na economia narrativa.

No EN foi possível destacar duas estratégias de focalização sintáctica: através da topicalização da explicativa elíptica em (25) e através da construção fixa de clivagem – *é que* –; e três de focalização semântica: a primeira, através do adverbial de inclusão – (21) *até* – e a segunda, através da expressão avaliativa de reforço informativo – (25) *não é verdade?* –.

Foi ainda possível atestar o uso do adverbial focalizador – *assim* –, aqui com uso catafórico em relação à onomatopeia que representa o ruído da respiração em (19). Por último, poder-se-ia ainda incluir o uso da interjeição onomatopaica – (29) *pau* – neste grupo de estratégias, na medida em que concretiza, de uma forma expressiva, uma ruptura discursiva, levando o interlocutor a focar a sua atenção na Resolução que se segue.

Quanto às estratégias de desfocalização, refira-se o recurso a expressões de linguagem vaga para ‘apagar’ deliberadamente informação desnecessária como – (28) *e tal* – e – (28) *não sei o quê* – ; – (29) *e não sei quantos* –.

---

<sup>5</sup> Smith (2004 [2003]: 156): “When a sentence expresses a point of view, or takes a particular perspective, we need to identify the person/mind responsible. Ascribing responsibility is part of the interpretation of subjectivity”.

iii. Formas Explícitas de Avaliação através de Estratégias de Modificação

Através destas estratégias o narrador exprime juízos de valor sobre o conteúdo semântico do(s) elemento(s) que têm por escopo. Aqui incluem-se:

- casos de afixação avaliativa como em – (17) *velhota* –, com um valor afectivo visando criar empatia, ou – (25) *alvarazinho* – com um valor irónico;
- casos de adjectivação qualificativa (superlativizada ou não) de factos, como em – (13) *estertor esquisitíssimo* –, ou de sujeitos como em – (15) *muito porreira* –.

iv. Expressões de Modalização Afectiva Interpessoais

Neste grupo cabem todas as estratégias avaliativas de valor apelativo através das quais o locutor (narrador/personagem) interpela o alocutário de forma a envolvê-lo no que vai ser dito. Para tal, vai, por exemplo, apelar aos seus conhecimentos sobre um tópico, como em – (10) *daquele género* – ou – (11) *com aquele estertor* –.

v. Expressões e Nominalizações Avaliativas

Expressões através das quais o locutor (narrador/personagem) exprime os seus sentimentos sobre algo ou alguém que acabou de referir.

Aqui cabem, por exemplo, a interjeição de emoção – (12) *ai* –, as nominalizações avaliativas com valor de distanciação como – (21) *gajo* – ou – (8) (20) *velha* –, e a fraseologia – (17) *dar o badagaio* –, que também sublinha o distanciamento face ao facto narrado.

vi. Encenação dos Acontecimentos

A Encenação dos acontecimentos, e subsequente dramatização, é uma estratégia avaliativa central na construção do EN. Como se pretendeu demonstrar, através dela o narrador constrói o acontecido, procedendo à sua ‘presentificação’ como se estivesse, novamente, perante a situação narrada, agora com a diferença de o fazer perante uma ‘testemunha’, o narratário. Para a sua concretização textual, recorre:

- ao presente do indicativo (16) (20);
- a verbos de percepção (16) e uma subclasse de verbos de movimento do tipo <agarrar> (20);
- à representação icónica dos acontecimentos, muitas vezes com uma ‘atomização’ do narrado (16-17) (20);

- ao discurso relatado, especialmente, ao recurso ao discurso directo (22);
- à activação de ‘*scripts*’ socioculturalmente definidos, como os géneros textuais, que conferem veracidade e realismo à narração, como no caso do obituário em (28-29).

De seguida proceder-se-á a uma caracterização mais exaustiva das estratégias avaliativas referidas, a que se acrescentarão outras que foram identificadas nos ENs que constituem os *Subcorpora*.

## 4.2. Estratégias de Atribuição da Responsabilidade dos Enunciados

Partindo do princípio que os enunciados subjectivos/avaliativos filtram a informação através da perspectiva do seu enunciador (narrador, personagem, narratário), torna-se necessário identificar as estratégias avaliativas através das quais o narrador denuncia a sua voz ou a de terceiros no próprio texto, com o intuito de promover a maior ou menor adesão do alocutário aos sentidos que vai construindo ao longo da narração. Assim, nesta parte, pretende-se:

- caracterizar aquelas estratégias através das quais o enunciador (narrador, personagem) se denuncia como Fonte Responsável pelo enunciado e revela a sua posição – pensamento, crença, atitude – face ao conteúdo proposicional do mesmo;
- vincular as referidas estratégias ao espaço textual e conceptual em que são activadas (Ataque, Orientação, Acção, Resultado, Avaliação Fina, Coda).

Num primeiro grupo de estratégias, considerar-se-ão aqueles elementos que identificam a Fonte Responsável pela informação que está a ser veiculada, isto é, que revelam a perspectiva através da qual os acontecimentos, estados e avaliações realizadas são apresentados (Smith, 2004 [2003]).

Para tal o narrador serve-se de:

- Expressões Introduzidas por Verbos de Comunicação
- Expressões Introduzidas por Verbos de Percepção e de Movimento
- Expressões Introduzidas por Verbos de Atitude Mental e Adverbiais Avaliativos

#### **4.2.1. Expressões de Comunicação**

No grupo de Expressões de Comunicação destacam-se os verbos declarativos que introduzem as diferentes formas de Discurso Relatado (daqui para a frente, no corpo do texto, DR). Para a sua caracterização recorreu-se ao *subcorpus* de DR, a partir do qual se construíram as fichas e tabelas de indexação que se encontram no Anexo III.

##### **4.2.1.1. A Introdução do Discurso Relatado**

No *subcorpus* de DR, a forma prototípica dos verbos declarativos é o verbo <dizer>, com ou sem realização do sujeito pronominal ou nominal. Observando o Quadro 24, construído a partir de um *subcorpus* de 85 ENs, é, no entanto, possível concluir que, em relação ao discurso indirecto (daqui para a frente DI) surgem mais facilmente outros verbos introdutórios com uma força ilocutória mais precisa. No que se refere ao discurso directo (daqui para a frente DD), parece haver uma preferência por formas mais genéricas, isto é, em que o valor semântico do verbo não dá pistas sobre a força ilocutória do enunciado que precede. Nestes casos, essa força assenta, sobretudo, nos conteúdos proposicionais dos enunciados em DD, bem como na prosódia da sua realização.

Quadro 24

Verbos Introdutórios de Discurso Relatado

	Verbos Declarativos		Outros verbos utilizados como Verbos Declarativos	
Discurso Indirecto <b>DI</b>	<i>dizer</i> <i>perguntar</i> <i>explicar</i> <i>concordar</i>	13 2 1 1	<i>embirrar</i> <i>fazer ver</i> <i>pôr o problema</i>	2 1 1
Discurso Directo <b>DD</b>	<i>dizer</i> <i>falar</i> <i>perguntar</i> <i>responder</i> <i>telefonar</i> <i>informar</i> <i>explicar</i> <i>censurar</i>	77 2 4 4 2 1 1 1	<i>ser</i> <i>ficar</i> <i>chorar</i>	7 2 2
Discurso Interior <b>DInt</b>	<i>dizer</i>	1		
Discurso Indirecto Livre <b>DIL</b>	<i>dizer</i> <i>queixar-se</i>	1 1		

Há ainda que referir que em todos os casos de utilização do verbo <ser> e <ficar>, semanticamente mais vazios, estes surgem acoplados à partícula sinalizadora ‘assim’ que funciona como um deíctico textual focalizador (ver exemplos 1 e 2). Da mesma forma, em relação ao verbo <dizer> foi possível encontrar o mesmo focalizador em posição idêntica em 28% dos enunciados (ver exemplo 3).

1.     [<] < e ele ficou > assim / a minha mãe está maluca /  
[(21) C630 pi-casa e família]
  
2.     e: / depois a &minh [/] a: / minha mãe era assim //  
[(40) C1379 pi-casa e família]
  
3.     e no dia seguinte fui ter com ele / e disse assim //   [(15) A293 pi-profi]

De seguida, far-se-á um apanhado das construções utilizadas pelos narradores na introdução do DR.

#### 4.2.1.2. Construções para introduzir o Discurso Indirecto e o Discurso Indirecto Livre

Na introdução do DI e do DIL, ocorrem as seguintes construções no *subcorpus* analisado:

i) Sujeito pronominal com verbo declarativo seguido da conjunção *que*:

4. *ele concordou que sim //* [(39) A353 pi-casa e família]

ii) Sujeito nominal com verbo declarativo seguido da conjunção *que* :

5. *o gajo disse que queria um bocadinho de tudo pá //* [(34) A380 pi-profi]

iii) Sujeito pronominal com expressão verbal seguido da preposição *de* :

6. *eu pus / o problema de ele não ir /* [(72) A353 pi-casa e família]

iv) Interrogativas indirectas: verbo declarativo seguido da conjunção *se* :

7. *Ø perguntou se era da casa da mãe* [(65) A326 psf-profi]

v) Construção gerundiva: verbo declarativo seguido da conjunção *que*:

8. *Ø apareceu no atelier dizendo que Ø estava numa situação precária*  
[(12) A326 psf-profi]

#### 4.2.1.3. Construções para Introduzir o Discurso Directo

Em relação à introdução do DD, foi possível identificar as seguintes construções no *subcorpus* analisado:

i) Construções com Sujeito Nominal

a) Sujeito nominal seguido de verbo declarativo e focalizador:

9. *e a minha tia disse assim //* [(42) A479 pi-casa e família]

Variações:

a') Verbo declarativo seguido de focalizador e sujeito nominal:

10. *e diz assim a minha tia // vocês lêem a: hhh //* [(17) A479 pi-casa e família]

a'') Verbo declarativo seguido de sujeito nominal e focalizador:

11. *diz o meu filho assim* [(51) C22 pi-casa e família]

b) Sujeito nominal com verbo declarativo:

12. *e o português disse //* [(200) A479 pi-casa e família]

b') Variação: Verbo declarativo seguido de sujeito nominal:

13. *e diz a: / sentinela // meu major / foi o [/] a guarita que ficou toda desfeita /*  
[(90-91) A475 pi-casa e família]

c) Sujeito nominal com elipse do verbo :

14. *e o meu tio Ø //* [(89) A479 pi-casa e família]

ii. Construções com sujeito pronominal

a) Sujeito pronominal seguido de verbo declarativo:

15. *e ela hoje disse-me // já ficam avisados // nunca mais / nunca mais / vou ver essa espécie de filmes //* [(70-72) A356 pi-casa e família]

b) Verbo declarativo seguido de sujeito pronominal em posição posterior ao DD:

16. *e agora / fujo para a Amadora / disse eu //* [(103-104) A390 pi-casa e família]

c) Verbo declarativo seguido de sujeito pronominal e focalizador:

17. *e diz-me ela assim // ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada //* [(51-52) A390 pi-casa e família]

iii. Construções com sujeito não realizado

a) Verbo declarativo sem pronome sujeito:

18. *disse / não o senhor / o senhor não anda aqui só para ganhar dinheiro //*  
[(22) A475 pi-casa e família]

b) Verbo declarativo sem pronome sujeito e com focalizador:

19. *chegou cá a cima / disse assim //* [(78) C22 pi-casa e família]

iv. Construções com sujeito nominal ou pronominal sem verbo declarativo (com ou sem focalizador):

20. *pois ela assim / ai: + pois nós / que rebolávamos a rir // e ela // ai: / se calhar /  
é uma grande asneira // ai que coisa // então / já não digo a outra // e o meu tio  
// < não digas / não digas / não digas a outra // hhh > /*  
[(83-88) A479 pi-casa e família]

Repare-se que o verbo introdutório de DR tanto pode aparecer no pretérito como no presente, acentuando, neste último caso, o carácter cénico do DD, uma vez que, como já foi referido, a perspectiva passa a ser a do momento em que o enunciado foi produzido.

Como também já foi mencionado em relação ao DD, o uso de outros verbos declarativos, além do próprio verbo <dizer>, é pouco comum no *corpus*, ocorrendo, normalmente, em ENs com características específicas, como por exemplo, a Anedota, no exemplo 21.

21. *daí a bocado / a sentinela informou //* [(97) A475 pi-casa e família]

Neste caso, o recurso a <informar> serve para contextualizar a própria acção, dado que respeita as expectativas do ouvinte quanto ao tipo de acções comunicativas que a sentinela pode realizar quando se dirige ao seu superior hierárquico.

Na sequência de falas em DD podem, ainda, ocorrer transições entre vozes sem que o narrador utilize um verbo declarativo. Estes casos serão referidos nas estratégias de encenação, mais especificamente, na dramatização.

Um outro aspecto a realçar no que se refere às formas de introdução do DR, é a presença recorrente de um sujeito-agente que toma uma forma nominal ou pronominal. Apesar do Português ser uma língua de sujeito-nulo, os dados da análise dos introdutores de DR revelam que mais de 70% das realizações com verbos declarativos, ou verbos e expressões verbais com um valor idêntico, explicitam o argumento externo.

Parece haver duas explicações para este facto: por um lado um comportamento sintáctico semelhante ao das Expressões de Atitude Proposicional e respectivos verbos modais. Como se referirá na secção 4.2.3., também com estas expressões ocorre, tendencialmente, a realização do sujeito através de uma forma nominal ou pronominal. Por outro lado, em ambos os casos, há, por parte do narrador, uma preocupação evidente em estabelecer a fonte responsável pelo enunciado assim introduzido, neste caso, do segmento citado.

Resumindo o exposto em relação às Expressões de Comunicação, parece ser evidente a preocupação do narrador de identificar a fonte responsável dos enunciados que introduz como discurso relatado, tanto mais que o traço mais saliente do ENs produzidos em situação de interacção oral é a constante presença das vozes dos actantes e dos conflitos de posições que daí decorrem. Como se verá mais à frente (secção 4.3.6.) a sua dramatização é uma estratégia recorrente na construção das narrativas conversacionais.

#### **4.2.2. Expressões com Verbos de Percepção e de Movimento**

Na construção da narrativa, mais precisamente, da Acção, o narrador, na encenação do ocorrido, pode utilizar um conjunto de Verbos de Percepção e de Movimento que revelam a perspectiva através da qual estão a ser narrados os acontecimentos. Normalmente, esta corresponde à perspectiva da personagem em destaque. Como se voltará a esta questão no ponto referente à encenação, deixa-se aqui, apenas dois exemplos de marcação da perspectiva através de verbos de percepção (exemplo 23) e de movimento (24):

23. *e o toiro / que vê a sentinela / e tal / vai investir contra ela / não é //*

[(71) A475 pi-casa e família]

No exemplo 24, abaixo, o verbo que introduz o discurso directo – <voltar-se> – implica, também, a própria movimentação física da personagem em direcção ao seu interlocutor e a ‘entrada’ deste no seu campo de visão:

24. *volta-se para o &ameri [/] para o americano / e diz // quem ganhou a última guerra?* [(219) A479 pi-casa e família]

Em ambos os casos, há que salientar a preocupação do narrador em ‘detalhar’ os acontecimentos, desacelerando o ritmo narrativo e adiando a Resolução.

#### 4.2.3. Verbos e Perífrases Verbais com Valor Modal Epistémico

No *corpus*, são variadíssimos os exemplos de expressões com verbos de atitude mental que revelam pensamentos, crenças e atitudes dos locutores, tendo como forma prototípica Expressões de Atitude Proposicional com verbos do tipo de <achar>, seguidos dos respectivos complementos de objecto directo. Assim, nesta secção, considerar-se-ão aqueles elementos linguísticos através dos quais o enunciador expressa a sua posição face ao conteúdo proposicional do seu enunciado, avaliando ou comentando o seu valor de verdade.

No *subcorpus* de Modalização<sup>6</sup> foi possível identificar um vasto conjunto de ocorrências de Verbos e Expressões de Atitude Proposicional com valor modal epistémico. Para uma maior facilidade de comentário, decidiu-se primeiro apresentar alguns exemplos em que são utilizados os verbos mais recorrentes (ver Quadro 25), passando, logo de seguida, ao seu comentário e à apresentação dos resultados obtidos.

---

<sup>6</sup> Como foi referido no capítulo 1, secção 1.3.1., a fim de obter dados exaustivos das estratégias de avaliação, foi constituído um *subcorpus* referente às formas de inscrição dos locutores (crenças, valores, avaliações). Os resultados apresentados nesta secção referem-se ao tratamento dos dados recolhidos, que surgem categorizados e comentados nos documentos do Anexo II, Pasta 2.

Quadro 25

Verbos e Construções Verbais com valor Modal Epistémico

	<b>Exemplo</b>	<b>Valor</b>	<b>Macro.</b>	<b>Aval.</b>	<b>Fonte</b>
25.	<i>&amp;eh pá / teve um ataque no cinema // um ataque mas / &amp;eh pá / eu / eu / <b>eu até julguei que ela morria / pá //</b></i> [(6-7) A475 pi-casa e família]	Crença	Ataque	Externa	Narrador
26.	<i>e ela / não / mas <b>eu</b> : / <b>eu não acho bem / eu não acho bem /</b></i> [(12) C1379 pi-casa e família]	Opinião	Acção / DD	Interna	Personagem
27.	<i>olhe / <b>eu</b> por acaso / só vi lá uns números / em cima da sua mesa // quando lá estive / na sua casa // e <b>achei aquilo uma verdadeira desgraça //</b></i> [(46-48) A479 pi-casa e família]	Opinião	Acção/ DD	Interna	Narrador/ Personagem
28.	<i>e # / a sentinela onde é que se refugia ? na &amp;gua / guarita // guarita de madeira // que era da [/] a guarita interior / à porta das armas / hã // <b>não sei se ainda lá está // não &amp;se [/] essa não está / com certeza // não xxx //</b></i> [(72-78) A475 pi-casa e família]	Incerteza	Aparte (Acção)	Externa	Narrador
29.	<i>mas: / &amp;ah: / portanto / <b>depreendo que ele é realmente um xxx // não há dúvida / que é um que é um super ciumento // defende com interesse / aquilo que lhe interessa /</b></i> [(47-49) A353 pi-casa e família]	Opinião Certeza	Aval. Final / Coda	Externa	Narrador
30.	<i>&lt; essa é que eu <b>achei</b> mais piada // hhh &gt; /</i> [(176) A390 pi-casa e família]	Opinião	Pós Aval.	Externa	Interlocutor

- (i) Um levantamento de verbos e perífrases verbais com valor modal epistémico no *subcorpus* de análise permitiu identificar 61 ocorrências, nas quais se incluem 43 Expressões de Atitude Proposicional (daqui para a frente referidas como EAP). Destas, 13 correspondem a formas impessoais do tipo – *parece que* – (Anexo II, Pasta 3, Documento 1, *Quadro de Verbos e Perífrases Verbais Modais*).
- (ii) Se o verbo epistémico <achar> é o mais produtivo, com 13 ocorrências (9 em EAP e 4 como predicado interno ao *dictum*), foi ainda possível levantar um conjunto de outros verbos e expressões com valor modal epistémico que revelam

o posicionamento do locutor face ao valor de verdade do enunciado em que surgem ou que precedem. A listagem seguinte, ainda que enfermando da descontextualização que este tipo de representação traz consigo, permite ter uma ideia da variedade de usos atestados:

*achei de tal maneira – achei aquilo – acho que – não acredito – estava à espera que – depreendo que – deve ser – (é) claro – Ø claro que – estava convencidíssimo – estou convencida – leva a crer que – são por mim encarados – julgo que – a julgar que – até julguei que – lembrei-me que – mal percebia – não há dúvida (que) – nem deve – o facto é que – parece que – pensou que – é o que ele pensa – estou a perceber – não percebia – não posso precisar – sabia – sei que – já se sabe – não sei se – suponho eu – suponho que – tenho a certeza que – fiz-lhe ver – fiz ver que – não vejo que – estou a ver que*

- (iii) Dada a recorrência de boa parte destes usos, é possível argumentar no sentido de haver alguma fixidez na sua construção. Nalguns exemplos, especialmente naqueles que se referem a expressões impessoais, essa fixidez permite mesmo a elisão de parte da expressão, como no caso de *– (é) claro –*. Noutros, é a forma marcada de colocação do pronome sujeito que aponta no mesmo sentido, como em *– suponho eu –*.
- (iv) Um outro aspecto a destacar é a explicitação do pronome sujeito junto ao verbo modal em 31 dos 47 exemplos registados (os restantes eram casos de expressões impessoais). No caso de verbos ou EAPs referidos ao enunciador, o pronome de autorreferência é ainda mais comum (ver exemplos 25 e 26).
- (v) É ainda de realçar a co-ocorrência das formas de modalização referidas com outros elementos que ajudam a marcar, a especificar ou a corrigir o valor epistémico que transportam. No exemplo (25), temos o adverbial de inclusão *– até –* a focalizar a atenção do interlocutor no verbo epistémico <julgar>. No exemplo (28), o adverbial *– com certeza –* vem corrigir o valor de dúvida, transportado pela EAP *– não sei se –*. No exemplo (29), o valor de probabilidade de *– depreendo que –* é, numa primeira fase, reorientado para uma quase certeza, pela proximidade do advérbio modal epistémico *– realmente –* acabando, finalmente, por ser substituído pela expressão impessoal de atitude proposicional *– não há dúvida que –* com valor de certeza.

- (vi) No que se refere à Fonte Responsável pelas modalizações, o Quadro 25 permite verificar que Narrador, Narrador-personagem, Personagem ou Narratário recorrem a este tipo de construção. No entanto, no conjunto das ocorrências contabilizadas, 61% são atribuíveis ao Narrador, e, das restantes, metade cabe-lhe enquanto Narrador-personagem. A outra metade divide-se entre os Personagens e os Interlocutores da interacção (estes com duas ocorrências no *subcorpus*).
- (vii) Quanto à caracterização do tipo de Avaliação (Interna *versus* Externa) verifica-se que a utilização de Verbos e Expressões de Modalidade Epistémica ocorre quase sempre em avaliações externas que correspondem a Orientações de *Background* (18/37), ou a enunciados avaliativos que surgem no Ataque (5/37) na Coda (2/37) na Avaliação Final (4/37) ou numa combinação entre Avaliação Final e Coda (4/37). Surgem ainda 4 em Pós-Avaliações (4/37). As ocorrências em avaliações internas distribuem-se da seguinte forma: Acção (8/22), Acção em DD (7/22), Acção/Resolução (3/22), Orientação Local (2/22) e Avaliação Final (2/22).
- (viii) Do referido na alínea (vii) é possível concluir que as mesmas estratégias de modalização, ainda que encontradas em todas as macroproposições do EN no *subcorpus*, vão, preferencialmente, surgir naquelas com um cariz intrinsecamente avaliativo: o Ataque, a Avaliação Final, a Coda e as Pós-avaliações. Aí, pelo seu valor semântico, relativizam ou reforçam o valor de verdade da proposição ou segmento sobre o qual incidem, podendo atenuar ou acentuar (dependendo do valor que transportam) as avaliações referentes a conteúdos da narrativa (ver exemplo 26 e exemplo 29). Também as Pós-Avaliações, que surgem após a Resolução da narrativa, são um terreno aberto para este tipo de ocorrências, como se pode confirmar no exemplo (30). No núcleo da narrativa, este tipo de modalização surge nas vozes dos personagens (ver exemplos 26 e 27).
- (ix) Por último, há que referir que, na maioria dos casos, as construções referidas atenuam avaliações realizadas por Expressões Avaliativas Afectivas com um valor hiperbólico (ver exemplo 27).

### 4.3. Estratégias de Focalização e Desfocalização da Informação

Retomando a proposta de Kallmeyer (1978: 214) a Focalização é o processo de orientar os interactantes para as actividades comunicativas que se vão realizar. Essa focalização pode ser conduzida em dois sentidos contrários: aproximação do foco (*Zuwenden*) e afastamento do foco (*Abwenden*), aqui referido como Desfocalização.

Na mesma linha, Rodrigues (1998) vai propor como definição de Focalização a orientação das actividades dos alocutários:

- para o que vai ser dito, utilizando, para tal, elementos que, pelo seu valor semântico, destacam o foco (tópico ou acção linguística) da actividade comunicativa que se segue;
- para o que acabou de ser dito, reforçando o seu conteúdo e apelando a uma ratificação do mesmo.

Torna-se, assim, evidente que, para trabalhar sobre as Estratégias de Focalização, é necessário ter presentes dois tipos de objectos: por um lado, os conteúdos informacionais que colocam em destaque, e por outro, a forma como ‘agem’ sobre a atenção do seu receptor e solicitam a sua participação activa na comunicação.

Na prática, o que está em causa são os processos activados ao nível do enunciado para obter e guiar a atenção do interlocutor na direcção interpretativa pretendida. Considerar-se-ão aqui aquelas estratégias que, a nível local, permitem ao narrador destacar, refocalizar ou apagar elementos, dependendo da importância que lhes pretende conferir na economia narrativa.

#### 4.3.1. Estratégias de Focalização Semântica

A Focalização Semântica diz respeito a todas aquelas unidades lexicais que, pelo seu significado, colocam em posição de destaque os segmentos que têm por escopo.

Neste grupo de estratégias incluem-se:

- Actividades metacomunicativas como Anúncios e Pré-anúncios (que já foram abordados no capítulo 3);
- Marcadores Conversacionais Topográficos com valor focalizador;
- Adverbiais Focalizadores;
- Articuladores Textuais;

- Expressões Avaliativas Interpessoais;
- Expressões de Reforço Informativo.

#### 4.3.1.1. Marcadores Conversacionais Topográficos com Valor Focalizador

Surgindo à cabeça do enunciado, os Marcadores Conversacionais Topográficos gerem a abertura de um acto comunicativo e/ou a passagem para outro, estabelecendo o ponto em que este se inicia. No geral, têm uma significação reduzida a nível semântico contribuindo, sobretudo, para a articulação da conversação. Por esse motivo, nos ENs são utilizados recorrentemente em segmentos de dramatização de acontecimentos (ver secção 4.3.6.4.1.), para marcar o início de um enunciado em discurso directo (ver exemplo 31) ou em discurso interior (ver exemplo 32). No entanto, alguns deles podem transportar, pelo semantismo do item lexical que os compõe, um valor focalizador em relação ao enunciado que introduzem. No *subcorpus* analisado, estes marcadores correspondem a formas verbais no imperativo de um conjunto muito restrito de verbos que tem por protótipo <olhar><sup>7</sup>, como se pode verificar nos exemplos seguintes.

a) Focalização do enunciado em discurso directo:

31. *disse assim /olha / vou-me embora / vou para a minha irmã //*  
 [(90) A390 pi-casa e família]

b) Focalização de um enunciado avaliativo em discurso interior:

32. *olha / este patife / não me quer dizer o que é que se passa / também //*  
 [(86) C630 pi-casa e família]

c) Focalização de um novo tópico conversacional:

33. *olha / o que acontece com o namoro acontece com os cigarros / não é //*  
 [(1) C1379 pi-casa e família]

d) Focalização de informação considerada relevante:

34. *e isto /repara / tanto tempo passado /*  
 [(106) A508 pi-profi]

---

<sup>7</sup> Travaglia (2006: 198) refere-se a estes marcadores como ‘prefaciadores textual-interativos’.

f) Focalização do Resultado do EN:

35. *olha / pegou / censuraram / censuraram-na bem //*

[(102) C528 pi-casa e família]

É necessário realçar que, no exemplo (34), o uso de – *repara* – é claramente apelativo e dirige a atenção do interlocutor para uma informação específica que vem reforçar a excepcionalidade do narrado anteriormente. Quanto ao exemplo (35), – *olha* – abre, focalizando-a, a macroproposição Resolução, demonstrando que este tipo de marcadores pode operar, também, a um nível global.

#### 4.3.1.2. Adverbiais Focalizadores

Um segundo conjunto de itens lexicais que realizam, localmente, funções focalizadoras é composto por adverbiais de inclusão como – *até*<sup>8</sup> – e – *mesmo* –, e de exaustão como – *só* –, bem como pela partícula sinalizadora – *assim* –.

Como refere Neves (2000 [1999]: 241) os advérbios de inclusão actuam como focalizadores do segmento do enunciado que vem a seguir, colocando-o como foco da mensagem. Uma posição idêntica é defendida por Costa (2008: 65), apontando como função essencial para este tipo de advérbios (que subdivide em advérbios de inclusão, exaustão, exclusão e realce) chamar a atenção do interlocutor para um determinado constituinte. Observem-se os exemplos seguintes:

36. *e o filme até é muito interessante / até é um bocadinho fora do vulgar //*

[(65-66) A356 pi-casa e família]

37. *disse-lhe a ele que / conseguia mesmo /vir para o jornal //*

[(42) C557 pi-profi]

38. *sabe que ele [/] ele disse à minha irmã que eu que não gostava do miúdo // só  
gostava cá destes //*

[(150-151) A390 pi-casa e família]

---

<sup>8</sup> Rodrigues (1998: 133) utiliza a denominação partícula escalar para se referir a ‘até’ nestes casos.

39. *e o meu tio / bem [/] olhe / o meu tio /rebetava a rir // só dizia // isso é mas é /  
uma revista pornográfica //* [(117-119) A479 pi-casa e família]

No primeiro exemplo, as duas realizações de – *até* – têm por escopo dois predicativos do sujeito, através dos quais a narradora qualifica o tópico central do EN.

No segundo exemplo, – *mesmo* – tem por escopo o verbo, destacando a capacidade do locutor para realizar a acção. Neste caso, poder-se-ia também atribuir-lhe um valor modalizador, revelando a crença do seu enunciador quanto à sua capacidade.<sup>9</sup>

No terceiro exemplo, – *só* – focaliza a acusação que dá azo ao EN seguinte, enquanto no quarto exemplo destaca a reacção verbal de uma das personagens aos acontecimentos narrados.

Quanto ao advérbio – *assim* – interessam, enquanto focalizador discursivo, todos os casos em que surge associado a verbos declarativos introdutórios de discurso directo ou discurso interior (ver secções 4.2.1.1. e 4.2.1.2. e respectivos exemplos). Aí, funciona como um deíctico textual com um uso catafórico, ‘apontando’ para o segmento textual que realiza a citação<sup>10</sup>. Com um uso idêntico, Costa (2008: 62) realça o uso da fórmula – *é assim* – na oralidade como forma introdutória de discurso.

#### 4.3.1.3. Articuladores Textuais e Estruturas de Encapsulamento

A um nível local, é também possível observar o funcionamento de articuladores textuais que, funcionando como Anúncios ou Pré-anúncios de um acto comunicativo a introduzir, orientam a atenção do interlocutor para o enunciado que introduzem.

Observem-se os seguintes exemplos:

---

<sup>9</sup> Neves (2000 [1999]: 245-246) coloca o advérbio – *mesmo* – no grupo dos advérbios modalizadores epistémicos com valor asseverativo afirmativo revelando simples crença ou certeza do falante.

<sup>10</sup> Ilari *et alii* (1996: 70-71) referem-se a usos idênticos de – *assim* – como “um mecanismo que parece corresponder a um processo de planeamento verbal e sinalização pelo qual uma expressão genérica antecipa o tipo de função sintáctica e semântica que se vai realizar na expressão que se segue”, e aproximam este uso ao dos ‘*flags*’ de certas línguas de computação. Costa (2008: 60-62) inclui – *assim* – no grupo dos advérbios conectivos que estabelecem nexos entre frases e constituintes ou surgem como introdutórios absolutos de um enunciado. Noutros exemplos do *corpus*, parece sobrepor-se a sua função como marcador conversacional de manutenção de vez, preenchendo discursivamente uma pausa provocada por uma falha lexical ou, mesmo, pela necessidade de tempo de planeamento discursivo, como no exemplo seguinte. – *como é que se chama uma revista religiosa / que é assim / pequenina?* – (A 479 pi-casa e família). Repare-se que, neste exemplo, – *assim* – surge num segmento prosodicamente destacado, parecendo apontar para uma quebra no fluxo discursivo da locutora, quando busca elementos definitórios do objecto de discurso que pretende ‘activar’ conversacionalmente.

40. *até ontem se deu um incidente / hhh / bastante interessante // foi o seguinte //*  
[(13-16) A347 pi-profi]

Neste primeiro exemplo, o articulador textual – *foi o seguinte* –, acoplado a um Anúncio de EN, faz a conexão entre o Ataque e a Orientação do mesmo, promovendo a ruptura com a situação de enunciação actual (Sit0)<sup>11</sup>.

41. *agora em relação ao XXX /* [(27) A353 pi-casa e família]

42. *a propósito assim de pais e tal //* [(92) C980 pi-casa e família]

Nos dois exemplos acima, os articuladores textuais – *em relação a* – e – *a propósito de* – introduzem, destacando-o, o tópico conversacional que dá azo aos respectivos ENs. Estas construções de tematização marcada (Koch, 2006) colocam em posição inicial um elemento do enunciado que introduzem, com o objectivo de deixar claro ao interlocutor o tema a ser desenvolvido.

Uma terceira forma de marcar a introdução de um novo acto comunicativo a nível local corresponde ao uso de articuladores textuais do tipo – *por exemplo* – que, enquanto mecanismos basicamente sequenciadores (Risso, 2006: 427), indexam a si um bloco informacional, destacando-o do *continuum* conversacional. Ao mesmo tempo, estes articuladores têm uma função coesiva, fazendo a ligação entre o anteriormente enunciado e os desenvolvimentos a introduzir. Observem-se os seguintes exemplos:

43. *mas: / por exemplo / saía tudo //* [(32) A508 pi-profi]

44. *eu / por exemplo / quando estava bem disposta / sabia como é que a levava //*  
[(44) A508 pi-profi]

Em (43) e (44) a locutora recorre ao articulador – *por exemplo* – como Pré-anúncio para marcar o início da Orientação do EN, entrando directamente na Situação Inicial<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Rehbein (1981) refere-se a este tipo de conectores discursivos como ‘*caesura elements*’, na medida em promovem a mudança de tópico conversacional e, assim, permitem uma alteração do contrato comunicacional vigente.

Uma última estratégia de focalização, que também funciona como articulador textual, corresponde ao fenómeno que Koch (2005: 38) denomina ‘encapsulamento’, definindo-o como uma forma de remissão textual que, através de uma forma nominal, permite recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes do texto, resumizando-os e ‘encapsulando-os’ sob um determinado rótulo (para outros exemplos ver, à frente, o ponto 4.3.5.3.). Veja-se o seguinte exemplo:

45. *deparou-se-me uma oportunidade // aliás isto é um / é um problema muito importante // é um problema de / se nos depararem / oportunidades para #*  
[(33-35) C557 pi-profi]

No Resumo do EN, – *uma oportunidade* – rotula o acontecimento que vai ser narrado a seguir: a forma fortuita como começou a trabalhar como jornalista. Mas, ainda antes de iniciar o EN, o narrador abre um parêntesis em que sublinha a importância do afirmado anteriormente através de um segundo encapsulamento – *um problema muito importante* – que, pelo seu cariz fortemente avaliativo, assume uma função predicativa. Uma leitura de encapsulamento pode também ser realizada em relação ao sintagma nominal – *um incidente* – do exemplo (40), acima. Ao anunciar, desta forma, os acontecimentos que pretende narrar, a locutora acaba por marcar a sua imprevisibilidade e potencial inconveniência.

#### **4.3.1.4. Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal**

Como já foi realçado, um aspecto fundamental das estratégias de focalização está directamente relacionado com a interpelação do alocutário no sentido de obter a sua atenção e interesse para uma nova unidade textual (ver capítulo 3, ponto 3.2.2.1.4. relativo a Anúncios com Interpelação Directa do Alocutário). O mesmo tipo de estratégia pode ser activado a nível local, agora com o intuito de obter a adesão do interlocutor para o conteúdo proposicional do enunciado adjacente.

Para tal, o narrador recorre Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal construídas a partir de verbos factivos e de verbos de acontecimento.

---

<sup>12</sup> A propósito deste tipo de Pré-anúncios ver na secção 3.2.2.2.1. sobre Actividades Preparatórias com Elementos de Coesão o exemplo 24 da página 183.

Observem-se os seguintes exemplos:

46. *e ela ficou assim // sabes que eu não gosto muito //*

[(87-88) C1379 pi-casa e família]

No exemplo (46), a Expressão de Atitude Proposicional (EAP) Epistémica, construída a partir do verbo factivo <saber>, prefacia a resposta da personagem ao pedido para fumar da filha, resposta que corresponde a uma avaliação interna do EN. A EAP implica a pressuposição de que o conteúdo proposicional da completiva é factual, isto é, que permanece verdadeiro quer o verbo da oração principal seja afirmado quer negado.

47. *e a minha tia disse assim // pois olha / fica sabendo / fazes mal em não ler //*

[(42-43) A479 pi-casa e família]

No exemplo (47), retirado de uma dramatização de acontecimentos – *fica sabendo* – enquanto EAP, prefacia, focalizando-o, o enunciado seguinte, na voz da personagem principal.

48. *a última vez já ele era muito crescido / sabe o que eu fiz?*

[(163) A390 pi-casa e família]

No exemplo (48), o mesmo verbo epistémico <saber> implica a pressuposição de que a resposta que vai ser dada à pergunta parcial realizada na completiva seja verdadeira. Desta forma, a narradora pretende ganhar a atenção da interlocutora para os acontecimentos que passa a narrar<sup>13</sup>.

Como foi referido no início desta secção, a par das anteriores, o narrador pode ainda recorrer a Expressões de Modalização Afetiva Interpessoal que correspondem a Apartes realizados através de perguntas parciais de cariz retórico, construídas a partir de verbos de acontecimento. Observe-se o exemplo seguinte:

---

<sup>13</sup> A par deste, um outro exemplo idêntico, com o número (19), foi apresentado e analisado na secção 3.2.2.1.4., página 177.

Neste caso, o narrador utiliza a Expressão de Modalização Afectiva Interpessoal para destacar o gatilho do EN que passa a introduzir<sup>14</sup>. Repare-se que este tipo de estratégia corresponde a uma interrupção da sequência de acções, sinalizando a relevância de uma delas para a economia narrativa. Além disso, este procedimento pode também ser lido como uma forma de criar expectativa quanto ao que vai suceder.

#### 4.3.1.5. Expressões de Reforço Informativo

No quadro de uma modalização afectiva interpessoal, as Expressões de Reforço Informativo têm por objectivo obter a cumplicidade do interlocutor para os juízos de valor que refocalizam.

No geral, correspondem a perguntas directas de tipo total que visam obter do interlocutor uma confirmação do valor de verdade que o locutor pretende passar na sua pergunta. (Carapinha Rodrigues, 1998: 52). Neste sentido, são perguntas orientadas que apontam para uma resposta esperada e/ou desejada. Podem realizar, e acumular, como foi referido nas secções 3.2.3.4.6.3. e 3.2.3.4.6.3.1., funções de pedido de retorno e de reforço informativo do enunciado que encerram.

A par de expressões fixas como – *não é* –, após um enunciado afirmativo, e – *pois não* – após um enunciado negativo, podem incluir-se neste grupo outras construções interrogativas de cariz apelativo realizadas, no *corpus* de análise, por verbos cognitivos como <perceber>.

Observem-se os seguintes exemplos:

O exemplo (50) corresponde a uma Orientação de *Background* com uma função explicativa. Nela, a narradora procura certificar-se de que o interlocutor percebe o que está em causa por trás da fácil adesão das personagens à proposta de uma delas. Para tal, sublinha essa explicação com a pergunta-tag – *não era?* –.

<sup>14</sup> A par deste, um outro exemplo idêntico, com o número (22), foi apresentado e analisado na secção 3.2.2.1.4., páginas 179-180.

51. *e eu digo // sim senhora / quem me dera estar em casa // então não é ? quem me dera poder estar em casa / para fazer as minhas coisas //*

[(53-56) A390 pi-casa e família]

No exemplo (51), a pergunta-tag – *então não é?* – permite à narradora introduzir a Coda do EN, reconvertendo o enunciado em discurso directo com que enfrentou a personagem opositora numa Avaliação Final para a qual pretende a ratificação do narratário.

52. *já estás a pensar nisso / não é ?*

[(34) C294 pi-casa família]

Neste caso, a pergunta-tag é dirigida a alguém que está presente e que é a personagem central do EN que está a ser introduzido. Através dela, o narrador procura a cumplicidade de um interlocutor que pode, à partida, testemunhar sobre a veracidade do que pretende narrar.

53. [*<*] *< por causa das minas e armadilhas / e ele não escrever # // não é > //*

[(10-11) C630 pi-casa e família]

O enunciado (53) corresponde a uma resposta dada pelo narrador a um pedido de esclarecimento de um dos narratários sobre uma questão central da história que está a ser narrada. Neste caso – *não é* – realiza um pedido de confirmação ao interlocutor de que compreendeu a justificação dada, uma vez que dela depende o êxito do EN.

54. *e eu / com aqueles meus ataques de nervos / não é // agarrei-lhe num braço e disse assim //*

[(34-35) A443 pi-profi]

No exemplo (54), a pergunta-tag finaliza uma Orientação de *Background* de cariz justificativo. A narradora pretende, com ela, activar informação partilhada quanto ao seu génio que justifique o comportamento agressivo que teve durante o incidente que narra.

55. *eu julgo que as pessoas em relação aos pais nunca se sentem adultas / pois não?*

[(119) C980 pi-casa e família]

No exemplo (55), através da construção interrogativa – *pois não* –, imposta pela polaridade negativa da frase declarativa a que se junta, a narradora busca uma ratificação do interlocutor para Avaliação Final do EN que encerra.

Os três exemplos seguintes foram seleccionados por estarem, de formas diferentes, nas fronteiras do fenómeno em análise.

O primeiro, exemplo (56), aponta para um uso ‘topográfico’ da expressão – *não é* –, marcando a fronteira à direita do enunciado que encerra. Para esta conclusão contribui o facto de se estar perante um enunciado em discurso directo introduzido na Acção, o que exige do narrador o cuidado de delimitar claramente as suas fronteiras em relação ao texto narrativo anterior e posterior. Para tal, recorrerá a marcadores conversacionais topográficos iniciais, como – *bem* – à esquerda, e finais, como – *não é* – à direita. Além disso, a mesma construção finalizadora de enunciado pode ser utilizada para, com uma preocupação de verosimilhança, estabelecer a fronteira com outro acto comunicativo também em discurso directo, como é o caso no primeiro uso de – *não é* –.

56. *depois disse uma // bem / Laurinha / tem paciência / mas nós temos de ir embora / não é // porque / já são duas horas // precisamos de descansar / amanhã / precisamos de ir trabalhar / não é //* [(68-71) C528 pi-casa e família]

Os últimos dois exemplos são construídos com o verbo <perceber> na mesma posição final de enunciado, apelando para a adesão do interlocutor ao sentido construído no(s) enunciado(s) que encerra. Repare-se que, no exemplo (57) – *percebe* – fecha dois enunciados avaliativos que se reforçam mutuamente, enquanto que, no exemplo (58), a própria construção elíptica dos enunciados, obrigando o interlocutor a preencher as lacunas informacionais propositadamente deixadas, conduz naturalmente a uma fórmula finalizadora que explicita a cumplicidade desejada na co-construção dos sentidos.

57. *já sabe aquilo tudo de cor / já não tem interesse por mais nada / percebe?*

[(46) A287 pi-profi]

58. *e: claro a minha mãe + o meu pai convive mais / não é // vai ao café / e tudo // vê raparigas / já # não [/] estranha / a minha mãe claro //doméstica // em casa // percebes //*

[(14-20) C1379 pi-casa e família]

### 4.3.2. Estratégias de Focalização Sintáctica

No quadro das estratégias textuais com que o locutor dá proeminência a determinados elementos informacionais, passar-se-á, de seguida, a referir dois tipos de construções de relevo directamente relacionadas com a organização dos constituintes da frase:

- Construções de Tematização
- Construções de Focalização

#### 4.3.2.1. Construções de Tematização

De acordo com Koch & Oesterreicher (1990), Koch (2003 [1997], 2006), e Travaglia (2006), considera-se Tematização a deslocação à esquerda de um elemento do enunciado com o intuito de o destacar, e, desta forma, hierarquizar a informação, indicando ao interlocutor o tema sobre o qual formulará o seu enunciado. Através deste Tema Marcado, o locutor activa (ou reactiva) na memória do interlocutor um elemento (coordenada temporal, espacial, indivíduo, estado de coisas, etc.) que pretende desenvolver em termos de novidade, de destaque, ou de contraste. Como se procurou realçar na secção 3, qualquer elemento tematizado tem fortes probabilidades de vir a constituir um tópico conversacional. Nesta parte, interessar-nos-ão as formas como, a nível local, a tematização contribui para a facilitação do processamento do texto, ao orientar o interlocutor para o interesse e relevância do elemento destacado.

Na secção anterior, no ponto 4.3.1.3., consideraram-se já algumas estratégias semânticas de focalização do tema. Passar-se-á, de seguida, a apresentar outro tipo de construções identificadas no *Subcorpus* de Modalização.

a) Construções com Tema Marcado em que ocorre a anteposição de um constituinte sintáctico com retoma pronominal no lugar que ficou vazio<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Estas construções, pelo elevado grau de sintactização que revelam, exibindo propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com o constituinte interno que é sempre um clítico, surgem também referidas como Deslocação à Esquerda Clítica (Mateus *et alii*, 2003: 494).

59. *e ele / esse /esse individuo pá / a malta perguntou-lhe o que é que ele queria  
comer //* [(33) A380 pi-profi]

Neste caso, o narrador utiliza a Construção com Tema Marcado para reactivar no texto uma personagem já introduzida e que se vai tornar personagem principal do EN.

60. *aliás isto é um / um problema muito importante // é o problema de / se nos  
depararem / oportunidades para # / (...) para / conseguirmos realizar /  
qualquer coisa / a mim / deparou-se-me uma / uma oportunidade //*  
[(34-38) C557 pi-profi]

No exemplo (60), – *a mim* – refere-se ao narrador que é, neste momento, constituído personagem principal do EN assim introduzido. Repare-se no valor contrastivo do Tópico Marcado em relação ao enunciado anterior, onde o *eu* do narrador ainda se ‘diluía’ no conjunto de pessoas passíveis de passarem pela mesma situação.

61. *mas tive pouca sorte // porque / a um dos moços que eu escrevi // a carta não lhe  
chegou à [/] à: mão //* [(30-32) C630 pi-casa e família]

Mais uma vez, como nos exemplos anteriores, o narrador introduz uma nova personagem no EN através de uma construção de Tema Marcado.

b) Construções com Tema Marcado em que ocorre a anteposição de um constituinte sintáctico sem retoma pronominal.

62. *resultado # / uma das obras mais mais representativas de Picasso / não se pode  
representar / apresentar aliás //* [(33-34) A347 pi profi]

No exemplo (62), a narradora introduz uma Avaliação Final do EN, destacando duplamente a avaliação que faz sobre o objecto que esteve no centro do conflito narrado: a *Guernica*. Por um lado, introduz a Avaliação Final com uma expressão focalizadora com valor conclusivo – *resultado* –, por outro, antepõe-na ao predicado da frase.

63. *pois os jornais // as revistas // &ah: / jornais # / desportivos / jornais [/] &eh/  
os Diários de Lisboa // o: [/] todas as coisas // eu seleccionava / guardava //*  
[(62-66) C557 pi-profi]

No exemplo (63), é a seriação de elementos resumida por – *todas as coisas* – que é marcada, uma vez que o EN se desenvolve em torno da vocação de coleccionador de jornais do narrador.

c) Outras construções de tematização:

Nos seguintes exemplos, que correspondem a Resumos avaliativos de EN, o elemento tematizado é um sintagma preposicional que refere o tópico conversacional a ser desenvolvido. Em (64) este tópico corresponde à Acção central, e em (65) às personagens.

64. *por exemplo para brincar // não precisa absolutamente nada //*  
[(35-36) A508 pi-profi]

65. *mas havia muitas coisas boas / sabes / com os miúdos eu acho que sim //*  
[(68-69) A508 pi-profi]

Noutros casos, o elemento tematizado, porque retoma um objecto de discurso introduzido pelo interlocutor através de uma pergunta, corresponde a um anafórico. Vejam-se as seguintes ocorrências retiradas da mesma interacção:

66. *<isso já era > [/] isso não era capaz de fazer // ele aliás também não merecia  
isso //* [(138-139) A509 pi-vida pessoal]

67. *isso / o telefone não / não perdoava //* [(126) A509 pi-vida pessoal]

Repare-se que, neste último exemplo, há uma dupla tematização que decorre da explicitação do referente de – *isso* – logo após a sua ocorrência.

Enquanto procedimento típico da oralidade, a tematização de um objecto de discurso introduzido por uma pergunta parcial do interlocutor, vai ser conscientemente

reproduzida na construção da dramatização da Acção no exemplo seguinte (A e B correspondem às personagens da dramatização):

68. A: *olha / o que é que tu tens nas mãos?*

B: *nas mãos? nas mãos não tenho nada //* [(17-19) C630 pi-casa e família]

#### 4.3.2.2. Construções de Focalização

Neste grupo de estratégias avaliativas, considerar-se-ão construções responsáveis pela marcação do elemento focal de um enunciado, destacando-o através de uma construção de clivagem que, frequentemente, resulta numa anteposição do rema ao tema (Koch, 2006).

##### a) Construção clivada

69. [*<*] *< foi a associação que ela fez >* // [(106) A479 pi-casa e família]

Numa Pós-avaliação de cariz explicativo, a narradora destaca o item lexical que transporta essa explicação através de uma frase clivada.

70. *porque é os que ele gosta //* *< hhh >* [(0) A356 pi-casa e família]

Numa Orientação de *Background* a narradora destaca o objecto do conflito que deu azo ao EN – os filmes de cowboys –, aqui retomado pelo pronome – os –, através da mesma construção.

##### b) Construções com ‘é que’

As construções de clivagem mais comuns no *corpus* são aquelas em que o locutor coloca a sequência ‘é que’, enquanto forma fixa<sup>16</sup>, à direita do constituinte clivado.

---

<sup>16</sup> Mateus *et alii* (2003: 691-692) demonstram que esta construção não admite marcas de tempo nem de concordância e concluem que “o português moderno evoluiu no sentido de reanalisar sequências verbo

Vejam-se os exemplos:

71. *vai o preto / o preto é que vai fora //* [(198)A479 pi-casa e família]

Neste enunciado em discurso directo, que corresponde ao gatilho do EN, a narradora realça, duplamente, o objecto de discurso que estará no centro do conflito. Assim, na paráfrase da primeira proposição, que corresponde à primeira estratégia de relevo, vai, ainda, destacar o constituinte que transporta a informação nova para cabeça de frase. Repare-se que este uso tem, claramente, uma função contrastiva. É X (e não Y ou Z) que – *vai fora* –.

No exemplo seguinte, que corresponde a uma autocorreção da narradora, o mesmo efeito de contraste é evidente.

72. *fumou // não / a minha irmã é que fumou //* [(97-98) C1379 pi-casa e família]

Nos exemplos (73) e (74), repete-se a mesma estratégia de focalização para destacar o sujeito da frase, apresentando-o como sendo ele, e mais ninguém, o responsável pelo que é enunciado a seguir.

73. *a: a irmã da namorada do Toi / da [/] da presente / (...) não é // é que escreveu a um colega /* [(109-112) C630 pi-casa e família]

Em (73) o narrador destaca, através da construção de clivagem, a acção de uma personagem-adjuvante, ao mesmo tempo que esclarece os narratários quanto à sua não-responsabilidade no acto.

74. *o meu pai praticamente é que / faz a gerência da da casa / não é //* [(100) C980 pi-casa e família]

---

copulativo complementador como uma única expressão que lexicaliza nós funcionais de natureza oracional”. Franco (1991: 319-324) considera ‘é que’, quando associado a um deíctico textual demonstrativo em frases exclamativas, uma partícula modal, atribuindo-lhe, nesses casos, um efeito rematizador. Travaglia (2006: 206), inclui ‘é que’ nos recursos de clivagem, referindo-se-lhe como ‘expletivo’.

No exemplo (74), que corresponde a um Aparte explicativo, a narradora, ao referir-se à organização das actividades domésticas em casa dos pais, pretende realçar o papel fundamental do pai na sua gestão, ainda que modalize a asserção com o advérbio delimitador – *praticamente* –.

75. *ela é que começa sempre a entrar [/] com as coisas / e depois eu vou a seguir //*  
*ela lá é que começou a fumar / prontos //* [(25-26) C1379 pi-casa e família]

No exemplo (75), mais uma vez, a personagem principal, que corresponde ao sujeito na frase, é destacada pela construção de clivagem. Repare-se que, como em (73), há uma preocupação de estabelecer a responsabilidade do acto que é referido, excluindo, desta forma, o narrador.

76. LEO: *&eh / acho que já [/] se viciou um bocado / a ideia que ela é criança // < e nós é que temos que a orientar > //*  
FER: [*<*] *< sim / sim / sim > //* e que *os pais é que sabem //*  
LEO: [*<*] *<é >*  
FER: *< melhor > //* [(134-136) C980 pi-casa e família]

Nestes dois exemplos, extraídos da Avaliação Final do EN, quer a narradora quer a interlocutora recorrem à mesma construção de clivagem para destacarem o mesmo referente: os pais.

Mas nem sempre a construção com pronome sujeito seguido de – *é que* – pressupõe um destaque por contraste. Repare-se no seguinte exemplo, retirado da Avaliação Final de uma sequência de ENs, em que o pronome de autorreferência – *eu* – se refere ao Narrador.

77. [*<*] *< eu é que >* não sou de assustar pá / [(64) A475 pi-casa e família]

No exemplo (77) não é possível fazer uma leitura contrastiva de – *é que* –, o que aponta para um uso diferente dos anteriores.

Por último, destacam-se aqui os casos em que – *é que* – surge após um pronome demonstrativo anafórico que refere um enunciado anterior onde, de alguma forma, foi introduzido um elemento novo e/ou inesperado para o falante.

Observem-se os exemplos (78) e (79) retirados das Pós-avaliações do mesmo EN.

78. < e então essa da vassourada / é que ele não esquece >

[(174) A390 pi-casa e família]

Neste primeiro exemplo, o enunciado produzido pela narradora, corresponde a um resumo avaliativo com valor conclusivo, através do qual sublinha a excepcionalidade do ocorrido para a personagem principal. Neste caso, o constituinte clivado refere-se à história que acabou de contar. Logo de seguida, exemplo (79), realiza uma segunda avaliação em que se posiciona a si mesma face ao EN, utilizando a mesma construção de pseudo-clivada invertida.

79. < essa é que eu achei mais piada // hhh /

[(176) A390 pi-casa e família]

No exemplo seguinte, a narradora retoma o referente recém-introduzido com o anafórico – *esse* – para, logo de seguida, o focalizar através de – *é que* –.

80. eu vou fazer uma pergunta a cada pessoa // e aquele que não responder / esse #  
é que vai pela janela fora //

[(209-210) A479 pi-casa e família]

Por último, é recorrente o uso de – *é que* – em interrogativas parciais quer em discurso directo quer indirecto, como nos exemplos seguintes:

81. nós hoje [/] o que é que / faz o jornalista?

[(105) C557 pi-profi]

82. [<] < perguntava-lhe > em que parte é que ia do salmo //

[(50) A509 pi-vida pessoal]

c) Construções com ‘*que*’ expletivo

Um outro tipo de segmentação da frase, destacando o sujeito do enunciado, é aquele representado pelos seguintes exemplos, retirados da mesma interação e realizados pelo mesmo locutor, neste caso, a narradora do EN:

83. *sabe que ele [/] ele disse à minha irmã que eu que não gostava do miúdo //*  
[(150) A390 pi-casa e família]

84. *e agora já disse à namorada / que eu que lhe batia muito //*  
[(172) A390 pi-casa e família]

Em ambos os casos surge um – *que* – repetido, que põe em destaque o sujeito da completiva pelo ‘emolduramento’ que realiza<sup>17</sup>. Veja-se, ainda, o seguinte exemplo, em que o ‘emolduramento’ destaca o anafórico que retoma o acontecimento em foco, a morte de Ezra Pound.

85. *e então / &eh / fiquei / fiquei muito triste / naquele momento / quer dizer / e pensei que aquilo que era um momento muito alto / quer dizer //*  
[(132-133) C557 pi-profi]

d) Construções com <ser> como verbo de relevo (Travaglia, 2002 [1999]: 105) em frases semi-pseudo-clivadas

Nestes casos, surge o verbo <ser> a colocar em relevo o constituinte à direita, como se pode confirmar no exemplo seguinte:

86. *o meu marido chega tarde a casa // é claro / vem sempre na disposição / é de jantar / e descansar //*  
[(33-34) A356 pi-casa e família]

---

<sup>17</sup> Brauer-Figueiredo (1999: 278-279) destaca a ocorrência no português europeu oral da retoma do ‘que’ após o sujeito da frase completiva introduzida pelo complementador, ainda que não lhe atribua qualquer função expressiva ou focalizadora, considerando-a um automatismo linguístico. Petruk (1989: 72), pelo contrário, considera estarmos perante uma estratégia de destaque do elemento ‘enquadrado’ pelos dois ‘que’, neste caso, do pronome sujeito.

Estes dois enunciados surgem num EN iterativo que a locutora introduziu para ilustrar a sua solidão. Repare-se que, apesar do destaque do segundo, através da expressão – *é claro* –, este não basta para obter a leitura contrastiva que a introdução de <ser> antes de – *de jantar* – permite. Tal uso pressupõe que – *é de jantar e descansar* –, e não de sair (como deseja a narradora), que o marido vem na disposição.

O mesmo verbo <ser>, destacando o rema da frase, pode ocorrer em combinatórias com advérbios focalizadores de exaustão como em (87) e (88), ou com *mas* em (89):

87. *e eu só apanho é sustos //* [(62) A475 pi-casa e família]
88. *ah / a Leonor só faz é fitas //* [(112) C294 pi-casa e família]
89. *o meu tio rebentava a rir // só dizia // isso é mas é uma revista pornográfica //*  
*hhh /* [(117-119) A479 pi-casa e família]

Por último, é também possível encontrar a mesma construção com o verbo <ser> a destacar a completiva que corresponde ao rema da frase, como no exemplo (90). Neste enunciado em discurso directo, o uso de <ser> vem sublinhar o carácter excepcional da possibilidade introduzida pela construção impessoal com valor modal de probabilidade – *pode acontecer que* –.

90. *bem minha senhora / pá / pode acontecer é que a outra pessoa desista (...)* // [(135) C294 pi-casa e família]

#### vi) Perguntas Focalizadoras

Um último caso de focalização a ser tratado nesta secção concerne o uso de perguntas parciais focalizadoras que têm por escopo o elemento que se pretende destacar. Estas perguntas interrompem o fluxo narrativo, dirigindo a atenção dos interlocutores para o ou os elementos que, assim, são introduzidos na narrativa.

91. *a sentinela / a &ta / a sentinela fecha o portão / o portão de armas e tal // o toiro / que vê a sentinela / e tal / vai investir contra ela / não é // e # / a sentinela onde é que se refugia ? na &gua / guarita // guarita de madeira //*

[(69-74) A475 pi-casa e família]

Neste caso estamos perante uma interrogativa parcial que, ao interromper a narração, focaliza informação nova. Esta será, posteriormente, especificada através de uma Orientação de *Background*.

#### 4.3.3. Estratégias de Desfocalização

Ao procurar identificar as diferentes estratégias discursivo-pragmáticas de cariz avaliativo utilizadas na produção de ENs durante a conversação, mais precisamente, aquelas que promovem o Envolvimento<sup>18</sup> do interlocutor na construção do sentido do narrado, colocou-se a hipótese de que o estudo dos fenómenos de Linguagem Vaga identificados no *corpus* poderia ser perspectivado a partir do mesmo foco de abordagem. Nesta secção procurar-se-á demonstrar que os usos de Linguagem Vaga identificados devem ser lidos no quadro das estratégias de focalização que temos vindo a tratar. Para tal, proceder-se-á:

- à identificação e descrição distribucional das ocorrências de Linguagem Vaga no *corpus*;
- à caracterização das diferentes funções do uso de Palavras / Expressões que introduzem vaguidade num enunciado;
- à verificação da hipótese desses usos reflectirem estratégias de construção de intencionalidade discursiva, através das quais o narrador procura envolver o narratário na construção de sentidos da narrativa e condicionar a sua interpretação do narrado.

---

<sup>18</sup> O conceito de “envolvimento” aqui utilizado corresponde àquele desenvolvido por Tannen (2000 [1989]), a partir da noção de função fática do discurso proposta por Malinowsky, sublinhando a dimensão relacional da comunicação. Segundo a autora, na actualização de diferentes géneros discursivos, os sujeitos promovem diferentes estratégias de envolvimento dos interlocutores no mundo textual que vão criando, levando-os a participarem na sua construção.

#### 4.3.3.1. A Noção de Linguagem Vaga

Durante a análise do *corpus* de trabalho, foi fácil de detectar um uso recorrente de palavras e expressões caracterizáveis pelo maior ou menor grau de imprecisão do seu conteúdo semântico. Aparentemente, os interlocutores, em função da situação e contexto de comunicação, pareciam optar conscientemente por unidades linguísticas de conteúdo vago que, por alguma razão, melhor se adequavam à sua percepção da situação comunicativa e aos seus objectivos de comunicação.

Mas o que se entende aqui por Linguagem Vaga?

Subscrevendo a proposta de Channel (1994), estamos perante um uso vago da linguagem quando podemos identificar palavras e expressões que introduzem directa e deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição onde surgem<sup>19</sup>. A sua ocorrência tanto pode procurar colmatar uma falha lexical, como dar corpo a uma escolha consciente de imprecisão no discurso numa determinada situação de comunicação. Da sua utilização não resulta qualquer tipo de “ruído” comunicativo: o interlocutor aceita o grau de (im)precisão como apropriado à situação de comunicação em que se encontra e/ou ao género textual em que ocorre.

#### 4.3.3.2. Quadro Teórico

Dada a complexidade do objecto de estudo assim definido, sentiu-se a necessidade de procurar instrumentos de análise em diferentes áreas de conhecimento linguístico. Assim, da área da Linguística Cognitiva, recorreu-se aos conceitos de Esquemas de Organização Conceptual (Fillmore, 1977) de Categorização (Rosch, 1975), de Seriação (Jefferson, 1990) e ao de Vaguidade proposto por Channel (1994). A estes, vieram-se juntar outros instrumentos recolhidos nos estudos em Pragmática consultados. Assim, destacam-se, em primeiro lugar, os trabalhos de Kallmeyer (1978, 1996) e Rehbein (1977,1981) em torno do conceito de Focalização, já referidos anteriormente. Em segundo lugar, agora nos estudos desenvolvidos sobre o português oral, realce para o trabalho pioneiro de Franco (1997) sobre o uso de Expressões Abreviadas em final de enunciado, que, aqui, será combinado com as observações de

---

<sup>19</sup> Nas palavras de Channel (1994: 20): “An expression or word is vague if: it can be contrasted with another word or expression which appears to render the same proposition; it is ‘purposely and unabashedly vague’; its meaning arises from the ‘intrinsic uncertainty’ referred to by Peirce.”

Rodrigues (1998 e 2003) referentes às actividades de encerramento de unidade comunicativa e aos Marcadores Conversacionais Topográficos de Manutenção e Cedência de Vez. Recorreu-se também aos conceitos de Palavra-*passepertout* e Sinais de Imprecisão (Koch & Oesterreicher, 1990), utilizados pela primeira vez para o português por Brauer-Figueiredo (1999) bem como aos conceitos de Atenuação e de Delimitação aplicados em análises do português oral culto do Brasil por Rosa (1992) e Castilho & Castilho (2002) respectivamente.

#### 4.3.3.3. Usos de Linguagem Vaga no *Corpus*

Em Morais (2008) fizemos uma primeira apresentação dos resultados do estudo inicial realizado sobre os usos de Linguagem Vaga no presente *subcorpus*. Desse texto foi extraído o seguinte quadro de categorização das ocorrências que servirá de guião para a apresentação de dados e exemplos.

Quadro 26  
Palavras e Expressões Vagas

i. Expressões de Aproximação
i.i. Aproximação a Marcos Temporais
i.ii. Aproximação a Quantidades
i.ii.i. Quantificadores Vagos numéricos
i.ii.ii. Quantificadores Vagos não-numéricos
ii. Expressões Vagas de Categorização
iii. Expressões Vagas que abreviam partes do Discurso
iii.i. Partes do Discurso Relatado
iii.i. Partes da Narrativa
iv. Expressões Vagas que marcam as fronteiras da Sequência Narrativa
v. Expressões Vagas de Modalização Epistémica

Proceder-se-á, de seguida, à apresentação de cada um dos tipos de Linguagem Vaga referidos no Quadro 26, procurando descrever distribucionalmente as suas ocorrências e, posteriormente, caracterizar as diferentes funções do seu uso no EN. Iniciar-se-á cada uma das partes com um exemplo do fenómeno em causa seguido da sua análise detalhada. A expressão em análise aparecerá a negrito. Se necessário, acrescentar-se-ão outros exemplos.

#### 4.3.3.3.1. Expressões de Aproximação

##### a) Aproximação a Marcos Temporais

Na construção da Orientação (Geral ou Local) o narrador pode referir de uma forma vaga as coordenadas temporais dos acontecimentos, como se verifica no exemplo seguinte:

92. *quer-se dizer xxx / eram seis e tal da tarde / **perto das sete horas** //*  
[(32) C22-pi casa e família]

Em casos como este, ocorre o acrescento de material lexical a uma proposição, resultando numa leitura vaga do marco temporal, dado que não se estabelecem limites temporais precisos, mas intervalos de tempo cuja extensão não é especificada.

No exemplo, a Expressão de Aproximação é associada a dois momentos de referência – *seis* – e – *sete horas* – deixando ao interlocutor, através do seu conhecimento do contexto, do cotexto e do mundo, a tarefa de definir um intervalo de aproximação coerente para os acontecimentos. Há ainda que referir que a segunda ocorrência – *perto das sete horas* – pode ser lida como uma forma de precisão em relação à expressão de aproximação anterior – *seis e tal* –. No entanto, como a anterior, a sua leitura implica a representação de um intervalo de tempo, no quadro do qual o interlocutor situará o evento narrado. Observem-se outros exemplos:

93. *estiveram lá durante a noite até / portanto / até às duas horas / **ou isso** //*  
[(48) C528-pi casa e família]

Distribuição: Numeral + Expressão de Aproximação

94. *esta agora / aqui há coisa de uns [/] ainda não há dois meses // também foi de repente //*

[(48-49) C528-pi casa e família]

Distribuição: Expressão de aproximação + Numeral

Da análise dos dados é possível concluir que a forma usual de construção das coordenadas temporais na Orientação Geral é através da ancoragem dos acontecimentos num intervalo de tempo de maior ou menor amplitude. O estabelecimento de momentos precisos (data/hora) é, quando ocorre, deixado para as Orientações Locais directamente vinculadas à sequência dos acontecimentos. Este facto permite, por um lado, fazer uma ancoragem temporal vaga do EN (ver 3.2.2.2.2.), marcando apenas a transposição para o tempo da narrativa. Por outro lado, nos casos em que, na Orientação Geral, há uma indicação específica do momento de ocorrência dos acontecimentos a narrar, essa informação surge como marcada, isto é, como sendo especialmente relevante para o EN.

No quadro das Expressões de Aproximação a um Marco Temporal, poder-se-iam ainda considerar exemplos em que o intervalo de tempo é estabelecido através de uma expressão fixa que corresponde a um momento impossível de determinar com exactidão. Além disso, essas expressões podem ser ancoradas quer num momento anterior, quer posterior à sua ocorrência. No exemplo (95), a locução temporal – *d’ái a* –, composta pela contracção da preposição *de*, indicando procedência, com o deíctico *ái*, seguidos da preposição *a* – permite estabelecer uma fronteira temporal à esquerda, em relação à qual devem ser interpretados marcos temporais posteriores.

95. *de maneira que / d’ái a bocado / a sentinela informou // ...*

[(97) A475-pi casa e família]

Distribuição: Locução de tempo + Quantificador Vago Não-numérico

Quanto à função destas Expressões Vagas de Aproximação a Marcos Temporais, pode concluir-se que, através do seu uso, o locutor tem a possibilidade de:

- marcar informação como não-exacta (ver exemplo: 93, 94);
- aumentar o grau de precisão em relação a informação dada, com o fechamento do intervalo de aproximação (ver exemplo: 92);
- sublinhar a proximidade de uma ocorrência X em relação a um momento Y (ver exemplo: 95), evitando estabelecer com precisão o tempo decorrido entre X e Y.

Nos exemplos analisados essa informação temporal, a ser dada com exactidão, ia adquirir uma relevância que, aparentemente, foi considerada inapropriada pelo narrador.

## b) Aproximação a Quantidades

Recorrentemente, o narrador evita uma referência numérica exacta, utilizando para tal quantificadores imprecisos cujo significado é determinado relacionalmente, isto é, cuja interpretação só é viável enquanto elemento de uma escala. No *corpus* foi possível identificar vários Quantificadores Vagos Numéricos e Não-numéricos deste tipo.

### i. Quantificadores Vagos Numéricos

96. *eu tinha escrito / a vários colegas # / dele // a saber informações //*

[(28-29) C630-pi casa e família]

Distribuição: quantificador vago + nome contável

No exemplo (96) surge um quantificador vago – *vários* – seguido de um nome contável no plural. A sua leitura é definida relacionalmente dentro de uma possível escala composta por: ‘poucos / alguns / *vários* / bastantes / muitos / todos’, em que – *vários* – implica mais do que ‘poucos’ e menos que ‘bastantes / muitos / todos’.

O reconhecimento do valor do quantificador vago decorre do cotexto em que surge. Assim, no exemplo acima, a referência a *vários* interlocutores realça a preocupação do narrador quanto à obtenção de notícias, possuindo – *vários* – o traço de [+] quantidade. No exemplo abaixo – *uns* –, referindo uma revista que estará no centro da história contada, possui o traço de [-] quantidade, realçando o desinteresse da narradora/personagem pelo objecto em questão.

97. *olhe / eu por acaso / só vi lá uns números / em cima da sua mesa // quando lá estive / na sua casa //*

[(46-47) A479 pi-casa e família]

### ii. Quantificadores Vagos Não-numéricos

98. *bem / mas viu o casaco / andou à procura numa data de sítios //*

[(117) C294 pi-casa e família]

Como no caso dos anteriores, o significado destes quantificadores vagos é determinado relacionalmente, isto é, são interpretáveis enquanto elementos de uma escala, não explicitando qual a quantidade verdadeiramente envolvida.

Por outro lado, também o reconhecimento do seu sentido decorre do contexto em que surge. No exemplo acima, a referência a – *uma data de sítios* – realça a preocupação do narrador em acentuar o esforço investido na busca, possuindo – *uma data de* – o traço de [+] quantidade.

99. *e aquilo é um trabalho de rotina incrível // a gente tem **um** / **xis de** doentes //*

[(41-42) A287 pi-profi]

Distribuição: quantificador não numérico + nome contável

No exemplo (99), a referência “neutra” ao número de doentes é explicável pela função do EN em causa: a narradora, uma enfermeira, refere-se depreciativamente às actividades a realizar no serviço de quartos no hospital, por contraposição com o trabalho no bloco operatório. Na construção da sua argumentação, vai elencar as tarefas a realizar como sendo rotineiras e humanamente desinteressantes. O ‘apagamento’ do número de doentes, reduzidos a uma incógnita que representa uma quantidade fixa e pré-estabelecida, sublinha esse lado ‘mecânico’ das tarefas em causa. Neste caso – *um x de doentes* – possui o traço de +/- quantidade (valor neutro).

100. *e foram depois / descansar **um bocado** / foram-se deitar //*

[(101) C528-pi casa e família]

Distribuição: verbo + quantificador não-numérico

No exemplo (100) – *um bocado* – refere um período de tempo impreciso com uma leitura de [-] duração, que resulta do contexto em que o enunciado é produzido. Durante um velório, e após a saída de quase toda a gente, as personagens decidiram ir dormir, por algumas horas, antes do dia seguinte. Repare-se que ao traço de [-] duração se pode, facilmente, associar uma ideia de incompletude, alterando, assim, o sentido de <descansar>.

#### 4.3.3.3.2. Expressões Vagas de Categorização

101. *mas a Mimi / faleceu o marido // e ela foi ao funeral [1] // foi ver enterrar o marido [2] // **tudo aquilo** [3] //* [(20-23) C528 pi-casa e família]

Para a definição e abordagem deste grupo de Expressões Vagas, foram considerados os trabalhos de Franco (1979) sobre Estruturas Frásicas Abreviadas em português, sobretudo pela proposta inovadora de interpretação destes fenômenos à luz da teoria semântica de Fillmore (1977) e da sua ‘*scene-and-frame analysis*’. Também a investigação desenvolvida por Chanell (1994) sobre referência vaga a categorias, a partir dos trabalhos sobre prototipicidade de Rosch (1975), teve um peso central na análise destas expressões.

Consideram-se Expressões Vagas de Categorização, expressões que referem vagamente categorias, funcionando como qualificadores. São constituídas por elementos, por via de regra, usados anaforicamente e com valor resumitivo. A sua função é sugerir, evitando uma especificação exaustiva, outros itens que partilham um aspecto relevante com aquele(s) que antecede(m) a expressão vaga, pertencendo quer à mesma categoria quer à mesma cena<sup>20</sup> (ver exemplo 101). Estas expressões são referidas na bibliografia consultada como ‘*tags*’ (Channel, 1994), ‘*generalized list completer*’ (Jefferson, 1990), ou ‘estruturas frásicas abreviadas’ (Franco, 1997), apontando todos estes autores para o seu posicionamento em final de série e/ou unidade comunicativa.

Potencialmente, as Expressões Vagas de Categorização, ocorrem como complementadores frásicos de séries de três itens (Jefferson, 1990), surgindo na posição de terceiro elemento (ver novamente o exemplo (101), bem como os exemplos (102) e (103). A série de três elementos está marcada com números entre parêntesis rectos).

102. *e estiveram lá uns primos meus // o Eduardo [1] / o Mário [2] / **isso tudo** [3] / a fazer-lhes companhia //* [(59-60) C528-pi casa e família]
103. *o rapaz não escreveu // esperei quinze dias [1] / três semanas [2] / **e tal** [3] // e não vinha resposta //* [(82-84) C630-pi casa e família]

---

<sup>20</sup> Utiliza-se aqui o termo “cena” no sentido de Fillmore (1977: 57) que inclui, “not only visual scenes but familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences or imaginings”.

O *corpus* permitiu identificar um conjunto relativamente estável de expressões deste tipo que se passa a elencar: ...*e tal*, ...*e tudo*, ...*e assim*, ...*e tudo aquilo*; ...*e aquilo tudo*.

Para além de exemplos sem carga avaliativa, como os anteriores, foi possível identificar outros, em que esta é evidente. Observem-se os exemplos (104) e (105).

104. *continuou: / com aquela chachada / da base das relações humanas de confiança*  
[1] / *e de / amizade* [2] / *e outras tretas assim* [3] //

[(30) A293 pi-profi]

105. *e a malta pôs-lhe o caviar no prato pá // (...) // e: os respectivos*  
*acompanhamentos pá // salsa* [1] *pá / ovo picado* [2] *pá / todas aquelas*  
*porcarias* [3] *pá //*

[(40-43) A380 pi-profi]

Repare-se que o item ou itens verbalizados correspondem, normalmente, a exemplares prototípicos (Rosch, 1975) da categoria em causa. Cabe ao interlocutor “preencher”, a partir dos seus conhecimentos do mundo e da situação de comunicação, a lista de possíveis itens pertencentes à mesma categoria, e que são activados pela presença da Expressão Vaga de Categorização. No caso do exemplo (104), a locutora está a acusar o chefe de a haver enganado no pagamento e para tal desmonta o seu discurso que considera hipócrita. Assim, – *confiança* – e – *amizade* – são valores “vazios”, dado o comportamento contrário da pessoa que os evoca. São também os valores que melhor se contrapõem ao ocorrido: ao enganá-la, o seu chefe incorreu numa quebra de confiança, tendo-se comportado como um falso amigo. Cabe agora ao interlocutor completar a série de valores que, pelo comportamento comentado, seriam também sinais da mesma hipocrisia. No exemplo (105), já analisado na secção 2.2.2.4., – *salsa* – e – *ovo picado* – podem ser vistos como o acompanhamento prototípico de caviar naquela companhia de aviação. Neste caso específico, o valor depreciativo que a Expressão Vaga de Categorização transporta não é tanto aplicável aos elementos da categoria – ‘bens alimentares que acompanham caviar’ – mas deve ser interpretado como uma forma de desvalorização do facto de consumir caviar por parte do narrador, por contraposição à sua sobrevalorização pelo passageiro. A ironia da história, como se viu, decorre exactamente desse comportamento inadequado.

Por último, as Expressões Vagas de Categorização podem também ocorrer após a introdução de um novo tópico conversacional como se pode observar no exemplo (106).

106. *a propósito assim de pais* [tópico] *e tal* // [(92) C980 pi-casa e família]

Neste caso – *e tal* – delimita o termo que refere o tópico introduzido, apontando-o como o núcleo do segmento tópico seguinte.

#### 4.3.3.3.3. Expressões Vagas que Abreviam Partes do Discurso

Neste grupo incluem-se Expressões Vagas através das quais o locutor acelera o ritmo da narrativa, ao mesmo tempo que apaga elementos por ele considerados não relevantes, distractores, ou não-conformes à interpretação pretendida.

A Expressão Vaga pode surgir quer em sequências de discurso relatado, quer em sequências narrativas propriamente ditas, geralmente em final de enunciado.

##### a) Expressões Vagas que abreviam Discurso Relatado

Nestes casos a Expressão Vaga pode surgir em trechos de discurso relatado substituindo:

i. rotinas da conversação, desnecessárias para a economia da narrativa, que são facilmente reconstituídas pelo interlocutor;

107. *ó Tói / olha / e tal / como vai a tua vida / e tal // que é que tu tens nas mãos ?*  
[(3-4) C630 pi-casa e família]

ii. discurso conhecido, considerado repetitivo pelo locutor, que desta forma avalia indirectamente o seu conteúdo;

108. *e ela / não / mas eu: / não acho bem / eu não acho bem / não sei que mais // o &ci [/] o cigarro é para os homens / não sei que mais //*  
[(12-13) C1379 pi-casa e família]

iii. discurso que reproduz um esquema de construção discursiva já utilizado anteriormente;

109. *depois voltou-se / para o sul-americano // e oiça uma coisa // onde é que  
deitaram: / a bomba atómica: / tal / tal ...# //* [(227-229) A479 pi-casa e família]

iv. discurso considerado irrelevante para a economia narrativa.

110. *&ah / eu falava com ela / então Laurinda / isto aquilo e aqueloutro // &ah / e  
ela nada //* [(24-25) A443 pi-profi]

b) Expressões Vagas que abreviam partes da Narrativa

Nestes casos a Expressão Vaga substitui informações consideradas irrelevantes pelo narrador e marcadas como tal (ver exemplo 111), ou resume partes da acção, acelerando o ritmo da narração (ver exemplo 112).

111. *pronto / lá metemos a senhora // e eu no dia seguinte vou ler ao: / ao / Diário de  
Notícias // cidade e tal // a senhora dona não sei quê / de sessenta e não sei  
quantos anos / pau // chegou morta ao hospital //* [(26-30) A475 pi-casa e família]

112. *ele andava aqui / a chatear-me / assim / assado / assim de espera //* [(165) A390 pi-casa e família]

#### 4.3.3.3.4. Expressões Vagas que Marcam as Fronteiras da Sequência Narrativa

A Expressão Vaga funciona como um articulador textual, marcando o início ou o fim de uma sequência discursiva ou estabelecendo as fronteiras de um quadro-tópico. Estes casos foram analisados no capítulo 3 do presente trabalho, pelo que aqui apenas se fará um breve resumo do aí explanado.

No primeiro caso, a Expressão Vaga corresponde:

- a um Anúncio ou Pré-anúncio do acto comunicativo que se segue, criando expectativa quanto aos acontecimentos / estado de coisas que vão ser objecto de narração. Observe-se o seguinte exemplo.

113. *ainda ontem isso /aconteceu **uma coisa** muito engraçada //*

[(9) C22 pi-casa e família]

Distribuição: verbo <acontecer> + palavra-*passepartout* + superlativo

— a uma Expressão de Localização Temporal imprecisa que faz a transição para o tempo da narrativa, como no exemplo (114).

114. ***uma vez** // foi num dia de festa // estávamos assim todos /*

[(62-64) C1379 pi-casa e família]

No segundo caso, a Expressão Vaga funciona como um Marcador Conversacional Topográfico Final, fechando o acto comunicativo realizado ao sinalizar o encerramento dos acontecimentos/estados de coisas referido. Em exemplos deste tipo, tanto pode funcionar como marcador de manutenção de vez, procedendo à transição para um novo acto comunicativo dentro da vez do mesmo locutor, (ver exemplo 115) como pode sinalizar a vontade de cedência de vez ao interlocutor (ver exemplo 116).

115. *e quem lê / é a minha criada / que é [/] que é muito beata // e gosta muito / de ler a revista // **não sei** //*

[(39-41) A479 pi-casa e família]

116. *e portanto na questão [/] nesta &cois [/] na questão de relação com a raparigas / é assim //*

[(50) A353-pi casa e família]

#### 4.3.3.3.5. Expressões Vagas de Modalização Epistémica

Neste último grupo de Expressões Vagas encontram-se aquelas que introduzem um elemento de incerteza no enunciado, ressaltando a posição do falante quanto à veracidade do afirmado.

Como no caso das Expressões de Atitude Proposicional, e de alguns adverbiais modais, o recurso a este tipo de expressões permite ao falante distanciar-se daquilo que disse anteriormente, exprimindo a sua incerteza quanto ao afirmado e salvaguardando a sua face perante a eventualidade de um erro ou de uma inexactidão. Observem-se os exemplos seguintes:

117. < *tem assim* [/] *chama-se Encíclica / ou qualquer coisa assim do género* > //

[(27) A479-pi casa e família]

Distribuição: conector adversativo + expressão vaga.

118. *e ela fez aquela associação com a fôrmica / com que ela forrou umas gavetas da cozinha / ou não sei o quê* //

[(107) A479-pi casa e família]

Distribuição: conector adversativo + expressão vaga

#### 4.3.3.4. Conclusões sobre o Uso de Linguagem Vaga

O uso de Linguagem Vaga nos ENs analisados é uma prática recorrente e obedece a objectivos discursivo-pragmáticos precisos. A par de colmatar falhas de conhecimento lexical ou de conteúdo e de preencher espaços de hesitação (formas pelas quais é normalmente referenciada em estudos de cariz normativo), estes usos também podem resultar de uma opção intencional do locutor. Através destas palavras e expressões, é-lhe permitido:

- Dar a quantidade adequada de informação.

Na maior parte dos casos, uma informação mais precisa seria interpretada pelo interlocutor ou como um preciosismo sem valor comunicativo ou como uma chamada de atenção para um detalhe que, inesperada e obrigatoriamente, passaria a adquirir uma outra relevância no texto produzido.

- Ceder a quantidade pretendida de informação.

O locutor, ao optar por uma determinada forma vaga para se referir a um evento, a algo ou a alguém, tanto pode pretender afastar a atenção do interlocutor desse elemento, desfocalizando a sua atenção de aspectos considerados não-relevantes, como, pelo contrário, despertar a sua atenção para algo que, aparentemente, parece esconder, como no caso dos Anúncios e Pré-anúncios.

- Agir persuasivamente sobre o interlocutor, envolvendo-o na construção dos sentidos do texto.

Na maioria dos casos, os usos de linguagem Vaga são um desafio ao interlocutor para que participe na construção do sentido dos texto produzido. Cabe-lhe completar, a partir dos seus conhecimentos do cotexto, do contexto e do mundo, a informação que é cedida de uma forma vaga.

- Construir a sua própria imagem como locutor / narrador.

O uso de Linguagem Vaga pode resultar quer de uma intenção de protecção de face (negativa e positiva) quer de uma estratégia de cortesia quer de uma vontade explícita de criar uma atmosfera de informalidade e proximidade na conversação.

#### 4.3.4. Formas Explícitas de Avaliação através de Estratégias de Modificação

Consideram-se, aqui, modificadores de sintagmas nominais, verbais e de frases que marcam avaliativamente os segmentos que têm por escopo, incluindo:

- casos de afixação avaliativa
- casos de adjectivação qualificativa
- casos de intensificação
- casos de modalização avaliativa

##### 4.3.4.1. Afixação Avaliativa

No *Subcorpus* de Modalização é recorrente o uso de afixos modificadores, tradicionalmente referidos como aumentativos, diminutivos e de grau. Como através deles o locutor exprime sempre um juízo de valor relativamente ao conteúdo semântico da forma de base, optou-se por adoptar a designação de sufixos avaliativos proposta por Mateus *et alii* (2003: 958), mas incluindo aqui quer aqueles que as autoras referem como avaliativos (porque se associam a radicais) quer os z-avaliativos (que se associam a palavras) quer mesmo alguns derivacionais que têm também uma leitura avaliativa. Na sua leitura considerar-se-ão, associados aos valores aumentativos e diminutivos, as avaliações apreciativas, depreciativas, atenuativas e intensivas que, usualmente, transportam (Batoréo, 2003: 175). Observem-se os exemplos:

119. *a: Ivone / claro / disse logo umas coisinhas assim um bocadinho / um bocadinho à vontade / e tal //* [(48) A347 pi-profi]

No exemplo acima, retirado da retoma da Acção após o desfecho do EN, os diminutivos marcados são utilizados com valor irónico, isto é, conduzem a uma leitura contrária à sua, aparente, significação. Na realidade, a narradora, ao retomar um

conflito-chave para os acontecimentos narrados, já havia apelado para os conhecimentos da interlocutora sobre a personagem Ivone – (44-45) *aliás / quem falou foi a Ivone / tu conheces // &eh o problema //* –, permitindo-lhe, assim, fazer a leitura contrária da (pretensa) pequenez e irrelevância que os lexemas que se referem ao conflito verbal parecem transportar. Muito provavelmente não foram ditas – *coisinhas (...) um bocadinho à vontade* –, mas houve uma troca dura de palavras, como se esperaria da locutora interveniente.

120. *vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram &amemalh /amealhar durante aqueles anitos e tal / em Angola /* [(21) A380 pi-profi]

No exemplo (120) o uso do diminutivo tem, pelo contexto e função do EN em que está inserido, um valor depreciativo. Na desconstrução da imagem do cafezeiro de Angola e da sua mulher, o narrador desvaloriza os anos de trabalho que lhes permitiram viajar em 1.ª classe, para, assim, legitimar a sua crítica irónica ao seu novo-riquismo. Repare-se que o nome – *anitos* – surge associado a uma construção vaga – *e tal* – que afasta a atenção do interlocutor da referência temporal.

Nos exemplos seguintes (121 e 122), produzidos pela mesma narradora, o uso do diminutivo tem, sobretudo, uma leitura afectiva, marcando a sua proximidade com a personagem principal do EN.

121. *eu gritava / berrava // e ela não sabia o que é que havia de fazer / coitadinha //* [(26-27) A508 pi-profi]

Neste exemplo, o diminutivo utilizado na avaliação – *coitadinha* – é ainda destacado pela contraposição com o enunciado anterior – *eu gritava / berrava //* –. Assim, a narradora acautela a sua imagem, atenuando a violência da sua acção. Repare-se que o uso do mesmo adjectivo em igual posição mas sem o diminutivo, não implicaria o envolvimento afectuoso que este confere à avaliação.

122. *e portanto para não causar problemas / como só tem quatro aninhos / e assim //* [(92) A508 pi-profi]

Também aqui, – *aninhos* – associa a uma dupla diminuição, realizada pelo advérbio de exclusão – *só* – e pelo sufixo – *inho* –, um valor afectivo de proximidade com personagem em causa.

Por último, um exemplo do mesmo EN, em que a narradora, na Avaliação Final, se refere à história contada, e a potenciais histórias do mesmo tipo, utilizando uma dupla diminuição das mesmas: a primeira pelo próprio semantismo da palavra – *pormenor* – e a segunda pelo sufixo – *zinho* – que lhe acopla.

123. *eu acho isso / que é ótimo // no ponto de vista dos miúdos / porque têm memória afectiva / muito + é [/] há assim **pormenorezinhos** / percebes?*

[(107-109) A508 pi-profi]

Repare-se que – *pormenorezinhos* – aparece duplamente focalizado: pelo advérbio focalizador – *assim* –, à esquerda, e pela expressão avaliativa interpessoal – *percebes ?* –, à direita. Desta forma, a narradora não só revela o seu envolvimento afectivo com o EN que encerra, como procura tornar extensível esse envolvimento ao interlocutor.

Foi ainda possível atestar, no *subcorpus* de análise, casos de sufixação diminutiva do particípio passado com valor intensivo, como no exemplo seguinte:

124. *no / no sábado [/] na sexta-feira / andei eu aqui / **cansadinha** de trabalhar //*

[(49) A390 pi-casa e família]

Do acima descrito, parece ser possível concluir que o recurso a afixação avaliativa é uma das estratégias de envolvimento a que o narrador pode recorrer na construção dos sentidos intencionados para o EN. Escolheram-se propositadamente exemplos em que, por extensão metafórica do domínio do mundo concreto, como no caso da dimensão espacial da ‘pequenez’, o falante toma atitudes diversificadas e, até opostas (Batoréo, 2003: 175), como se pode verificar no caso de – *anitos* – em (120) por contraposição a – *aninhos* – em (122).

#### 4.3.4.2. Adjectivação Qualificativa

Consideram-se aqui formas de adjectivação adnominais e predicativas que correspondem a um comentário do locutor sobre uma entidade referida no EN quer ela seja um objecto quer uma personagem. Excluíram-se os usos relativos à avaliação do próprio EN porque já foram considerados no capítulo 3, ao analisar as actividades de abertura e encerramento.

Devido à sua proliferação no *corpus*, e tendo em consideração que a leitura das estratégias avaliativas deve ser feita a partir do contexto da sua utilização, optou-se por escolher apenas alguns exemplos representativos que incluíssem o maior número possível de variações quanto ao seu valor semântico e grau. Serão focados, sobretudo, usos marcados, procurando identificar a sua intenção comunicativa.

##### a) Avaliação de Objectos

125. GRA: *&ah / ai / como é que se chama aquela revista /  **muito religiosa** // &ah / ah / espera lá // como é que se chama uma revista  **religiosa** / que é assim / **pequenina** ?*

*110: Audácia ?*

GRA: *Não / qual carapuça //  **muito mais religiosa** / ainda //*

[(20-25) A479 pi-casa e família]

Dada a importância do conhecimento do objecto em causa para o êxito do EN, a narradora recorre a diferentes graus de adjectivação (superlativo analítico, comparativo de superioridade) para conduzir os interlocutores à sua identificação, mas, ao mesmo tempo, procede a uma forte avaliação do mesmo. No exemplo seguinte, em que se refere um exemplar da revista, a narradora vai colocar na voz de outra personagem um novo juízo de valor negativo sobre a mesma, desta vez recorrendo a uma expressão fixa – *de tal maneira* – para o intensificar.

126. *mas / eu só li / o primeiro número // e achei  **de tal maneira mau** // que agora / vai sem abrir / para a cozinha //*

[(36-38) A479 pi-casa e família]

Ainda em relação ao mesmo objecto, foi também possível identificar uma construção predicativa fortemente avaliativa pelo recurso a uma imagem irónica, culturalmente definida, como se pode verificar no exemplo seguinte:

127. *é autenticamente para almas piedosas do século passado // que sabem /&ah falar francês e tocar piano //* [(49-50) A479 pi-casa e família]

Num outro EN construído em torno de um Objecto, encontra-se a mesma veemência a matizar a adjectivação realizada nas avaliações. Neste caso, a narradora defende a imposição que fez de um manual escolar específico, contrapondo-lhe o usado até aí.

128. *eu sempre fiz uma guerra tão grande / tão grande / tão grande / # àquele maldito livro da terceira classe //* [(63) C627 pi-profi]

Repare-se nas estratégias de intensificação utilizadas pela Narradora: por um lado, utiliza – *tão* – na construção do superlativo, por outro, acentua a sua força através da repetição.

#### b) Avaliação de Personagens

Os seguintes exemplos foram retirados da mesma interacção e correspondem a avaliações feitas pela narradora sobre a personagem principal de dois ENs. Essas avaliações são tanto mais inflamadas, quanto servem para argumentar a favor do despedimento da referida personagem.

No primeiro exemplo, que corresponde a um resumo do primeiro EN, a construção predicativa resulta de uma pergunta da interlocutora sobre o despedimento de uma funcionária do *atelier* de costura. Esta é a primeira adjectivação negativa sobre essa personagem, ainda que a sua leitura seja circunstancialmente delimitada, isto é, não defina um traço específico do indivíduo em causa, mas uma reacção a um acontecimento.

129. *ah / porque foi malcriada // eu falava com ela / ela não me &res [/] resolveu que não me respondia //* [(16-17) A443 pi-profi]

Nos exemplos (130) e (131), que surgem após a narração do acontecido, a predicação negativa passa a ser apresentada como um traço específico do indivíduo:

130. *bem ela é uma pessoa **nervosa** / **destrambelhada** // mas eu não posso aturar pessoas **malucas** / não é ?* [(61-62) A443 pi-profi]

Destaque-se, no exemplo acima, a gradação de intensidade que subjaz à sequência de adjectivos do mesmo domínio conceptual.

131. *além disso **era um mau elemento** // é uma pessoa **que está sempre revoltada** // é uma pessoa **que está sempre revoltada** // com tudo //* [(93-95) A443 pi-profi]

No exemplo (131), repare-se na transição do imperfeito para o presente do indicativo, trazendo para a actualidade da situação de enunciação os traços de carácter negativos que são apontados. Além disso, observe-se, ainda, a repetição do segundo enunciado avaliativo, com uma função claramente intensificadora, a que se veio juntar a generalização – *com tudo* – com o mesmo valor.

No exemplo seguinte, as construções predicativas surgem após um pedido de esclarecimento de uma interlocutora. Destaque, mais uma vez, para a força da repetição para intensificar os juízos de valor emitidos. Neste caso, essa estratégia de repetição corresponde a uma seriação que assenta no paralelismo sintáctico da construção usada.

132. TER: *mas porque é que ele disse isso?*  
ANA: *porque é escroque // e porque é aldrabão // e porque tem o curso de filosóficas //* [(22-25) A293 pi-profi]

Um reparo em relação à última proposição: porque terceiro elemento de uma sequência de juízos de valor negativos, – *tem um curso de filosóficas* – deve ser lido como mais um exemplo do mau carácter da personagem em questão. Dito de outra forma, os valores avaliativos negativos dos dois predicados anteriores vão ‘contaminar’ o conteúdo proposicional do último enunciado.

c) Avaliação das emoções do narrador

Durante o EN, o narrador pode também fazer comentários quanto às emoções e sentimentos que o invadiram durante os acontecimentos que vivenciou. Num estilo quase confessional, procura, desta forma, não só construir a sua imagem junto do interlocutor, como envolvê-lo emocionalmente nos mesmos estados emocionais que pretende partilhar. Vejam-se os seguintes exemplos, retirados do mesmo EN, através do qual o narrador procura construir a sua imagem pessoal como homem e jornalista ao contar como viveu, na redacção, a morte do escritor Ezra Pound.

133. *e então / &eh / fiquei / fiquei **muito triste** / naquele momento / quer dizer / e pensei que aquilo que era um momento **muito alto** / quer dizer //*

[(132-133) C557 pi-profi]

134. *e depois procurei / &eh / dizer ao meu chefe / e tal // quer dizer / fiquei **muito preocupado** //*

[(139-140) C557 pi-profi]

135. *e: / e eu / e eu fiquei **muito contente** //*

[(147) C557 pi-profi]

Repare-se que todos os adjectivos que exprimem emoções correspondem a predicativos do sujeito com verbos de resultado.

Caberia agora observar os exemplos relativos ao uso de adjectivação qualificativa tendo por objecto o próprio EN. Os exemplos recolhidos quer no Ataque quer na Coda foram, no entanto, já referidos nas secções - 3.2.2.1.1., 3.2.2.1.3., 3.2.3.4.4. e 3.2.3.4.5.3. -, por isso remete-se o leitor para as referidas secções.

Assim, tentando reunir as observações feitas em relação à adjectivação quer nas fronteiras do EN quer no seu seio, destacam-se os seguintes aspectos mais salientes:

- O carácter hiperbólico de muitos dos exemplos citados (especialmente no que se refere aos que foram referidos para o Ataque e para a Coda).
- A associação da adjectivação a estratégias de intensificação, como a Repetição.
- A sua clara submissão aos propósitos narrativos do texto onde são activados.

#### 4.3.4.3. Adverbiais de Intensificação

Neste grupo de estratégias avaliativas, considerar-se-ão adverbiais de quantidade e grau que modificam um verbo, adjectivo ou advérbio, ao exprimir a intensidade com que este se manifesta. Além disso, serão também contemplados alguns usos do advérbio aspectual de frequência – *sempre* – quando o seu valor iterativo transporta a uma intenção avaliativa.

Num primeiro grupo de ocorrências, há que referir o uso de intensificadores com verbos de emoção como <chorar> e <rir>. Vejam-se os exemplos seguintes:

136. *chorava muito / coitadinho //* [(171) A390 pi-casa e família]
137. *mas depois choraram tanto em minha casa // berraram e: +*  
[(15-16) A287 pi-profi]
138. *ria tanto / tanto / tanto / que até se engasgou //* [(75) A479 pi-casa e família]
139. *< bem depois > disse telefonou-me / (...) / a chorar muito // até esteve naquele dia / esteve todo o dia metida na cama a chorar //*  
[(46-49) A443 pi-profi]

Em relação ao exemplo (138), repare-se que a intensificação promovida pelo adverbial – *tanto* – é reiterada pela sua repetição.

Um segundo grupo de ocorrências, está relacionado com a intensificação de verbos afectivos<sup>21</sup>, isto é, que exprimem sentimentos como <gostar> nos exemplos seguintes:

140. *porque é: [/] &ah gosta imenso da rapariga //* [(31) A353 pi-casa e família]

---

<sup>21</sup> A denominação Verbo Afectivo foi retirada de Faria (1992: 109) que propõe a seguinte definição para este tipo de verbos: “exprimem a atitude afectiva do locutor em relação às categorias em referência”, e aponta como exemplos: *gostar, estar satisfeito, ficar contente, etc.*

141. *era o tipo de coisa que se sente que a miúda fazia / ou porque # /&eh + eu até não ameaçava de castigo / portanto / ou porque gostava  **muito** de mim //*  
[(59-60) A508-pi profi]

No entanto, os mesmos modificadores podem surgir com outros verbos, sempre que o locutor pretende realçar a intensidade do acto que refere. Observem-se os exemplos seguintes:

142. *e agora já disse à namorada / que eu que lhe batia  **muito** //*  
[(172) A390 pi-casa e família]

143. *e depois / lá o entusiasmo a irmos ao cinema// isso vamos  **bastante**/ ao cinema //*  
[(56-57) A356 pi-casa e família]

Neste último exemplo, – *bastante* – parece permitir, também, uma leitura de frequência, a que não é alheio o facto de modificar um verbo de movimento. Também no exemplo seguinte, da mesma interacção, – *muito* – seria passível de uma interpretação idêntica, e a locutora exprime-o ao fazer a transição do advérbio intensificador – *muito* – para o aspectual de frequência – *sempre* –.

144. *mas fomos com a minha cunhada // irmã do meu marido / que nos acompanha  **muito** /  **sempre** //*  
[(67-68) A356 pi-casa e família]

No próximo exemplo, retirado da retoma da narrativa após a Avaliação Final, parece também ser possível dar uma leitura de intensidade ao advérbio de frequência com valor iterativo – *sempre* –.

145. *< punir > / [< > < XXX > // eu quero punir // o gajo dizia  **sempre** / eu quero punir //*  
[(106-109) A475 pi-casa e família]

Como foi referido no início, os advérbios de quantidade surgem também a modificar outros advérbios em construções de superlativização como no exemplo seguinte:

#### 4.3.4.4. Modalizadores

Neste grupo considerar-se-ão construções adverbiais que, como as anteriores, modificam o significado dos elementos que têm por escopo, neste caso, modalizando quer o predicado quer o conteúdo da frase em que são inseridos. Referimo-nos a advérbios modais epistémicos, deônticos e afectivos, bem como a delimitadores e alguns tipos de ‘*hedges*’. De seguida passar-se-á a caracterizar cada um destes grupos com exemplos retirados do *subcorpus*.

##### 4.3.4.4.1. Os Adverbiais Modalizadores

Como refere Neves (2000 [1999]: 244) os adverbiais modalizadores constituem uma classe ampla de adverbiais que “têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor do seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude, e, até, avaliar a própria formulação linguística”.

O uso destes adverbiais (como das expressões de atitude proposicional identificadas e analisadas na secção 4.2.3.) permite ao locutor posicionar-se, avaliativamente, face ao seu próprio discurso. Como se procurará demonstrar nas páginas seguintes, foi possível atestar no *corpus* exemplos para todos os casos acima mencionados.

##### a) Modalizadores Epistémicos

Estes adverbiais expressam uma avaliação do enunciado quanto ao seu valor de verdade. Através deles, e a partir do seu saber sobre os conteúdos proposicionais veiculados, o locutor vai marcar um maior ou menor comprometimento com o que é asserido.

i. O locutor reforça o valor de verdade do enunciado, destacando a sua evidência:

147. *ele diz que não gosta / mas gosta / **nitidamente** dela //*

[(32) A353 pi-casa e família]

No exemplo (147), a narradora destaca, como evidente, a sua afirmação sobre a relação do filho com a namorada.

148. *um milhão / **exactamente** //*

[(241) A479 pi-casa e família]

Com o uso de – *exactamente* – neste exemplo, a narradora/personagem aponta como correcta a resposta que obteve à questão que havia colocado.

149. *quer dizer / mas eu estou [/] isto não é o que importa // **efectivamente** //*

[(120) C557 pi-profi]

O uso de – *efectivamente* – em final de enunciado, põe em evidência a crença do falante em relação ao que acabou de enunciar.

150. *e a minha mãe [/] e: depois /era /ela já estava à espera que + e o meu pai dava / **de certeza** //*

[(72-73) C1379 pi-casa e família]

No exemplo (150) a locução adverbial introduz uma ideia de evidência quanto à possível acção de uma das personagens.

151. *não se sabe / pá // o [/] **de facto** / ela tem andado aí nas mãos dos médicos / mas os gajos não sabem o que é / pá //*

[(59) A475 pi-casa e família]

No exemplo (151) a locução adverbial – *de facto* – sublinha a verdade do conteúdo do enunciado que tem por escopo, dando-a como irrefutável.

Nalguns casos, o advérbio com valor assertivo é introduzido para alterar outros valores modais de sentido diferente já existentes no texto. Veja-se o seguinte exemplo,

em que o advérbio – *realmente* –, confirmando a verdade dos factos, se vem contrapor à expressão impessoal de atitude proposicional com valor de incerteza.

152. *&ah / o processo acabou // ele / parece que / realmente ficou sem / sem / nada //*  
[(27-28) A326 psf-profi]

ii. O locutor restringe o valor de verdade do enunciado

Este conjunto de advérbios e locuções adverbiais permite ao locutor apresentar o conteúdo proposicional do enunciado como uma eventualidade, não se comprometendo com o valor de verdade do que é dito. Em muitos casos, este ‘distanciamento’ em relação ao seu próprio discurso tem um efeito de atenuação, diluindo a força ilocutória ou o conteúdo do enunciado, de forma a evitar qualquer ameaça potencial à sua face ou à do interlocutor (Roulet, 1981: 37). Observem-se os exemplos:

153. *porque talvez fosse por ser da idade // que no fundo / não tinha assim um interesse &especi [/]um valor muito [/] importante //*  
[(41-42) A353 pi-casa e família]

No exemplo (153) o advérbio – *talvez* – introduz um valor de probabilidade no enunciado, impondo a forma verbal do conjuntivo (ao contrário de outros advérbios modais de eventualidade). Também no exemplo seguinte, – *talvez* – vem reforçar o valor de eventualidade já introduzido pelo modal epistémico.

154. *ah / entretanto / há um pormenor / que eu me parece talvez seja um pouco elucidativo //*  
[(52) A326 psf-profi]

De destacar, neste último exemplo, a sequência de modalizações atenuadoras aí presentes: o verbo modal epistémico com valor de incerteza <parecer>, seguido do advérbio modalizador epistémico com o mesmo valor – *talvez* –, e, por último, uma locução adverbial que atenua o conteúdo do adjetivo – *elucidativo* –. Poder-se-ia ainda acrescentar o ‘encapsulamento’ minimizador realizado pelo nome – *pormenor* –. Aparentemente, com este prefácio, o narrador pretende reduzir os riscos inerentes à

acusação de homossexualidade da personagem central da história que acabou de narrar, acusação essa que vai fazer no acto comunicativo adjacente.

155. *ai: / se calhar / é uma grande asneira //* [(86) A479 pi-casa família]

156. [*<*] *< hhh > / se calhar / eles não sabiam como é que se escrevia / também //*  
[(97) A479 pi-casa e família]

Nos dois exemplos acima, do mesmo EN, a locução adverbial – *se calhar* – apresenta a proposição que tem por escopo como hipotética. No entanto, no primeiro caso, que corresponde à voz da personagem principal, o seu valor é, sobretudo, atenuador: após aperceber-se de que se havia, ingenuamente, equivocado quanto ao significado de uma palavra, a locutora procura, agora, salvar a sua face positiva junto das restantes personagens. No segundo exemplo, um dos interlocutores da interacção, no quadro de várias Pós-avalições, propõe uma explicação para o equívoco que suscitou o EN.

### iii. O locutor circunscreve o valor de verdade do enunciado

Através de Adverbiais Delimitadores<sup>22</sup> o locutor circunscreve o âmbito de interpretação do conteúdo proposicional da frase que têm por escopo e, desta forma, indica o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira<sup>23</sup>.

Um caso clássico de um adverbial delimitador seria o apresentado no exemplo seguinte, em que – *praticamente* – delimita o âmbito de leitura da afirmação em que surge:

157. */ a minha mãe está bastante doente // (...) e maneira que : / o meu pai  
praticamente é que / faz a gerência da casa / não é //*  
[(98-100) C980 pi-casa e família]

---

<sup>22</sup> A denominação foi adoptada de Castilho & Castilho (2002: 231 e seg.), sendo também utilizada por Neves ([1999] 2000) e Ilari (2002).

<sup>23</sup> Como refere Neves (2000 [1999]: 250), estes advérbios “não garantem nem negam propriamente o valor de verdade do que se diz, mas fixam condições de verdade, isto é, delimitam o âmbito das afirmações e das negações. O que ocorre neste tipo de modalização é que o falante circunscreve os limites dentro dos quais o enunciado, ou um constituinte do enunciado, deve ser interpretado, e dentro dos quais, portanto, se pode procurar a factualidade, ou não, do que é dito”.

Também no exemplo seguinte, a restrição interpretativa imposta por – *financeiramente* – pode ser lida como uma forma de circunscrição do afirmado anteriormente:

158. *e: / apareceu no atelier dizendo que estava em / numa situação precária /  
**financeiramente** //* [(12) A326 psf-profi]

#### b) Modalizadores Deônticos

Este tipo de adverbiais apresenta o conteúdo proposicional do enunciado como algo que deve ocorrer, necessária ou obrigatoriamente. Vejam-se os exemplos:

159. *mas / ele tinha que defender aquela rapariga para ele // e então / ele queria  
**forçosamente** ir a esse [/] essa festa //* [(43-44) A353 pi-casa e família]

160. *uma noite quis **por força** dormir comigo //* [(98) A508 pi-profi]

Quer o advérbio – *forçosamente* – quer a locução adverbial correspondente – *por força* – marcam a necessidade sentida pela personagem de realizar a acção a que se referem. Repare-se que, em ambos os casos, estes adverbiais ocorrem com um predicado já modalizado volitivamente: <querer ir> e <querer dormir>.

No exemplo seguinte, é o advérbio – *religiosamente* – que, por extensão metafórica, dá o sentido de obrigatoriedade à acção realizada.

161. *ele na altura rezava o breviário todas as noites // **religiosamente** //*  
[(25-26) A509 pi-vida pessoal]

#### c) Modalizadores Avaliativos

Ao recorrer a estes adverbiais, o locutor verbaliza a sua reacção emotiva face ao conteúdo proposicional do enunciado que realizou ou pretende realizar, denotando uma atitude subjectiva ou uma avaliação sobre a sua totalidade ou parte (Costa, 2008: 55). Vejam-se os exemplos:

162. *quer dizer / < eu sou um autêntico bebé / naquela casa / realmente //*

[(113) C980 pi-casa e família]

Neste primeiro exemplo – *realmente* – realiza uma espécie de ‘desabafo’ da locutora sobre o conteúdo proposicional do enunciado que corresponde à Avaliação Final do EN. No seguinte, o mesmo advérbio revela a atitude compreensiva da narradora face ao posicionamento de uma das personagens do EN.

163. *mas / eu reconheço realmente a posição do reitor //*

[(49) A347 pi profi]

Mas o narrador pode, também, exprimir o estado de espírito da personagem em relação ao afirmado, como no exemplo seguinte, em que – *abertamente* – refere a forma como este se lhe dirigiu enquanto narrador/personagem.

164. *então / quando ele houve aquela festa / em que eu pus / o problema de ele não ir / porque estava com o pé imobilizado // e portanto não podia dançar // e devia estar em repouso // ele abertamente me explicou / que tinha de ir /*

[(72-75) A353 pi-casa e família]

Noutros casos, é o advérbio epistémico assertivo que exprime da melhor forma o estado de espírito da personagem, como no seguinte enunciado negativo:

165. */ não não // aqui é da irmã // mas olhe / eu estou de relações cortadas com o meu irmão / não quero absolutamente saber nada do que é que se passa com ele // não o vejo há anos // nem quero voltar a vê-lo //*

[(67-71) A326 psf-profi]

Nos exemplos seguintes, é o advérbio – *claro* – que dá voz à disposição de espírito do narrador face a uma personagem do EN em (166) ou ao conteúdo do próprio EN em (167).

166. *a minha mãe / claro // doméstica // em casa // percebes //*

[(17-20) C1379 pi-casa e família]

167. *& ah / claro / era um caso muito melindroso //*

[(30) A347 pi-profi]

#### 4.3.4.4.2. Marcadores de Imprecisão

Ao trabalhar com adverbiais delimitadores, entrou-se, claramente, no domínio daquilo que, na bibliografia em pragmática conversacional, surge referido como ‘*hedges*’<sup>24</sup>: palavras ou expressões que “funcionam como precaução, anteparo ou mesmo evasivas, assumindo às vezes a forma de torneios frasais” (Marcuschi, 1986: 74) e que reduzem o comprometimento do falante com o que está a dizer (Trask, 2004: 195). Considerar-se-ão, aqui, dois tipos específicos de ‘*hedges*’:

- aqueles que se dirigem à máxima da qualidade de Grice, na medida em que revelam ao interlocutor a possibilidade de não se estar a ser totalmente verdadeiro na asserção realizada;
- aqueles que introduzem imprecisão no enunciado para, dessa forma, atenuarem o valor da proposição em que ocorrem.

##### a) Expressões Fixas com Função Delimitadora

Assim, se, no *subcorpus* de trabalho, foi possível identificar adverbiais com uma função delimitadora, como os acima exemplificados, também se verificou que este tipo de função surge, mais recorrentemente, realizada por expressões fixas que têm por escopo um constituinte do enunciado. Vejam-se os exemplos:

---

<sup>24</sup> Inicialmente o termo foi utilizado por Lakoff (1972) para designar conceitos vagos cuja presença causava problemas ao julgamento de verdade e falsidade dos enunciados em que ocorriam. Brown & Levinson (1978) vão adoptar o termo distinguindo entre *hedges* dirigidos à força ilocutória do enunciado (onde cabem os advérbios de eventualidade), *hedges* dirigidos às máximas conversacionais de Grice, *hedges* dirigidos às máximas de cortesia e *hedges* para- e supralinguísticos. Roulet (1981) fala dos *hedges* como ‘atenuadores’ com a função de mitigar o conteúdo ou a força ilocutória de um enunciado a fim de atenuar a ameaça potencial que este poderia representar para a face dos interlocutores. Youle (1996) retoma a questão a partir das máximas conversacionais, considerando os *hedges* formas de sinalizar ao interlocutor não só o conhecimento daquelas como a sua preocupação em respeitá-las.

168. *um dia / na redacção # / casualmente / eu olhei para uma máquina de telex / salvo erro / da Reuter //* [(123-125) C557 pi profi]

No exemplo acima, o narrador, através da expressão – *salvo erro* – precavê a possibilidade de dizer uma incorrecção quanto à marca da máquina em causa. Já no próximo exemplo, com a expressão – *neste aspecto* – a locutora circunscribe a interpretação da afirmação que fez anteriormente, mais especificamente, a avaliação realizada, atenuando-a.

169. *não sei / tudo [/] tudo o que eu faço está mal feito # // mal feito neste aspecto > /* [(129-130) C980 pi-casa e família]

Também no exemplo (170), a expressão – *digamos assim* – atenua a avaliação anterior, realizada metaforicamente, sobre o carácter ciumento do filho<sup>25</sup>.

170. *é um: / um Otelo / digamos assim //* [(30) A353 pi-casa e família]

## b) Expressões Atenuadoras

Ainda dentro dos marcadores de imprecisão, há que considerar um conjunto de exemplos onde ocorrem expressões do tipo – *um bocado* – em posição de modificador verbal e que Channel (1994: 110) denomina ‘modalizadores de atitude do falante’. Segundo esta autora, o uso destas expressões, com uma função atenuadora quanto ao envolvimento do falante com a acção ou estado de coisas que refere, deve ser interpretado no quadro de um trabalho de face<sup>26</sup>. Da análise do vasto conjunto de ocorrências no *Subcorpus* de Modalização, parece ser pertinente destacar estes usos no conjunto de estratégias modalizadoras aqui expostas. Observem-se os exemplos:

---

<sup>25</sup> Em relação a este tipo de realizações, Rosa (1992: 49) fala em marcadores *hedges* ‘de imprecisão’ ou *hedges* em sentido estrito que indicam actividades cognitivas: “Sinalizando actividades de planeamento verbal, modificam a força das asserções em que aparecem, o que atenua a impositividade que delas pudesse recorrer”.

<sup>26</sup> Channel, (1994: 111) pretende, desta forma, distinguir entre dois valores diferentes em expressões deste tipo. Assim, é possível encontrar ocorrências em que – *um bocado* – teria um valor de quantificador vago não-numérico, como em – *e foram depois / descansar um bocado / foram-se deitar* / [C528 pi-casa e família] – onde refere um intervalo de tempo vago. Noutros casos, como os tratados nesta secção, – *um bocado* – ocorre junto a asserções fortes (‘*extreme statements*’), devendo ser interpretado como um atenuador (‘*downtoner*’).

171. *e ela começou a olhar para aquilo / com um ar **um bocado** esquisito pá //*

[(44) A380 pi-profi]

Repare-se que, no exemplo acima, – *um bocado* – mitiga o valor da colocação – *um ar esquisito* –, isto é, parece atenuar a sua leitura, claramente negativa. No exemplo seguinte, surge novamente o mesmo adjectivo atenuado pelo mesmo modalizador.

172. *deu-me um caderno / achei **um bocado** esquisito //*

[(39-40) C32 pi-profi]

Um outro aspecto a realçar em relação a – *um bocado* –, a partir dos exemplos anteriores, é a sua utilização com expressões com maior ou menor grau de fixidez. Observe-se, ainda, a sua utilização com a expressão fixa – *engolir em seco* –:

173. *engoliu assim **um bocado** em seco / e foi-se embora //*

[(47) A380 pi-profi]

Poder-se-ia, então, concluir que – *um bocado* – corresponde a uma estratégia de atenuação do significado de expressões que, de outra forma, teriam uma leitura mais extrema. Por último, seria pertinente sublinhar que este tipo de atenuadores parecem estar vocacionados para ‘suavizar’ a expressão de emoções e sentimentos de personagens, como se pode verificar quer nos exemplos anteriores quer no seguinte:

174. *mas eles aí já refilaram **um bocado** // e eles dizem / aqui não é escola // aqui já faço o que quero / e tal //*

[(70-72) C625 pi-vida pessoal]

#### **4.3.5. Expressões e Nominalizações Avaliativas**

Este é um dos espaços mais ricos e produtivos em termos de exemplos de estratégias avaliativas. Como se pode observar pela consulta do Anexo II, Pasta 4: Expressões e Nomes Avaliativos, documento 1: Expressões e Nomes Avaliativos, os intervenientes no acto comunicativo representado pelo EN recorrem frequentemente a formas marcadas de Lexemas e a diferentes tipos de Expressões com um maior ou

menor grau de fixidez, não só para referirem, como para se posicionarem face às personagens, aos acontecimentos narrados e ao EN na sua globalidade.

Ainda antes de prosseguir para a apresentação dos dados recolhidos, há que definir o que, no presente trabalho, se entende por Nominalização de uma entidade. Assim, considera-se Nomear uma forma de activação de um objecto de discurso no texto, objecto esse que pode vir a ser o núcleo de uma cadeia de referenciação (Mondada, 2005). Essa nomeação não é ‘objectiva’, uma vez que os objectos de discurso não pré-existem ‘naturalmente’ à actividade de textualização do mundo, mas são construídos no próprio acto dessa construção (Koch, 2005). Logo, é no jogo entre as diferentes formas de retoma de um objecto de discurso que, na maior parte das vezes, se torna possível detectar os possíveis valores avaliativos que os mesmos transportam.

Observe-se o seguinte exemplo, que foi sujeito a uma análise detalhada na secção 4.1.

Exemplo (175)

8		<i>já uma vez / caiu-me uma <b>velha</b> aos pés xxx / pá //</i> %par: a última parte do enunciado é produzida em tom de riso.
9	TA:	<i>hhh /</i>
14		<i>eu uma vez / estava na &amp;estaç [ / ] ali / na paragem / ao pé da estação do Arco de Cego / dos eléctricos //</i>
15		<i>&amp;eh pá / e / e estava <b>uma velhota</b> / muito porreira / à espera de um eléctrico / como eu //</i>
16		<i>de repente / sinto um: / baque no chão //</i>
17		<i>era <b>a velhota</b> / tinha-lhe dado o badagaio / pá //</i>
20		<i>e eu agarro <b>na velha</b> / meto-a num táxi //</i>
21		<i>até ia / jogando ao <b>murro</b> com <b>o chofer</b> /</i>
22		<i>porque <b>o gajo</b> não queria levar //</i>
22		<i>disse / não o senhor <b>o senhor</b> não anda aqui só para ganhar dinheiro //</i>
23	TA:	<i>&lt; hhh &gt; /</i>
24	ANT:	<i>/ [ &lt; ] &lt; também &gt; tem que levar [ / ] <b>a senhora</b> está aflita / tem que a levar para o hospital //</i> %par: está aflita → 'tá aflita
25		<i>para isso é que <b>o senhor</b> tem / um alvarazinho / para andar com o táxi / não é verdade ?</i>
26		<i>pronto / lá metemos <b>a senhora</b> //</i>
27		<i>e eu no dia seguinte <b>vou</b> ler ao: / ao / Diário de Notícias //</i> %par: ao → ó
28		<i>cidade e tal //</i>
29		<i><b>a senhora dona</b> não sei quê / de sessenta e não sei quantos anos / pau //</i> %exp: pau → interjeição onomatopaica
30		<i>chegou morta ao hospital //</i>

Extracto da interacção A475 pi-casa e família

Neste primeiro exemplo, surgem duas cadeias de retoma nominal, uma para a personagem principal – *a velha* – e outra para a personagem opositora – *o chofer* –. Repare-se, em primeiro lugar, no contraste entre as formas de referenciação da primeira, dependendo do espaço textual em que é referida: *velha* – no resumo da história (Ataque); *velhota* – na Orientação e na Acção; – *senhora* – na dramatização da acção, com o confronto com a personagem opositora, e – *senhora dona* – enquanto referente

jornalístico na Resolução. Por seu lado, o opositor surge primeiro referido com o seu estatuto profissional – *o chofer* –, logo seguido de – *o gajo* – e por último, no confronto verbal entre ambos, como – *o senhor* –. Estas variações de referenciação, em termos interaccionais, devem ser lidas de uma forma escalar, através da sua projecção num *continuum* relacional balizado entre os valores de [+] proximidade e [+] distância. Esse *continuum* relacional, por seu lado, tem que ser perspectivado em duas direcções: locutor $\leftarrow\rightarrow$ objecto de discurso; locutor $\leftarrow\rightarrow$ interlocutor. Assim, se a forma de tratamento – *velha* – denota distância em relação ao referente, pode ser interpretada como uma forma de aproximação ao interlocutor/narratário, dada a implicação de familiaridade que transporta.<sup>27</sup> Uma leitura idêntica pode ser realizada em relação ao nome – *gajo* –, ainda que aqui a distância em relação ao referente surja matizada por um valor, claramente, depreciativo.

Para uma melhor exemplificação desta recategorização de objectos de discurso com um intuito avaliativo, veja-se ainda a análise do exemplo (41) em 3.2.2.2.4, referente aos Prefácios Introdutórios de EN. De seguida, procurar-se-á fazer uma caracterização geral dos tipos de nominalização avaliativa encontrados no *subcorpus* de análise.

#### 4.3.5.1. Formas de Marcação de Distância em Relação ao Referente

a) Por imposição da situação enunciativa, isto é, marcadas diastraticamente:

176. *e eles & disse [/] e o **senhor** respondeu // não //* [(44-45) C22 pi-casa e família]

Neste exemplo, a narradora, ao identificar quem falou, tem o cuidado de usar a forma de deferência – *senhor* –, dado estar a referir-se ao patrão do marido.

b) Resultado de usos socioculturais locais, isto é, marcadas diatópica e diastraticamente:

177. *o pai está na fábrica // como é que sabes isso **rapaz** ?*

[(81-82) C22 pi-casa e família]

<sup>27</sup> Ao definirem ‘linguagem de proximidade’ (Sprache der Nähe) por contraposição a ‘linguagem de distância’ (Sprache der Distanz), Koch & Oesterreicher (1990: 8 e 11) ressaltam, nas condicionantes comunicativas que lhe subjazem, a importância da cumplicidade e confiança entre interlocutores, para caracterizar a primeira.

No exemplo (177), o vocativo utilizado pela mãe da personagem, uma mulher de 51 anos com um nível de instrução inferior à 4.ª classe e doméstica, pode ser lido como mais uma marca linguística de influência do falar do norte interior que ecoa nas suas falas durante toda a interacção.

c) Resultado de imposições do género discursivo

178. *bom / mas o tipo tinha a mania das punições / hã // (...) o gajo dizia sempre / eu quero punir //* [(105-109) A475 pi-casa e família]

Neste exemplo, retirado de uma narrativa de cariz anedótico com uma base verídica, o ‘apagamento’ do referente, ainda que conhecido, através dos nomes – *tipo* – e – *gajo* –, parece resultar mais do próprio género discursivo, do que de qualquer forma de depreciação, como, aliás, se pode confirmar nos exemplos seguintes, retirados de uma Anedota introduzida em outra interacção:

179. *estavam uns sujeitos / num avião // e aquilo havia uma tempestade horrível // e chegaram à conclusão / que era peso demais // e que um dos tipos tinha que ir out # // fora //* [(179-183) A479 pi-casa e família]

Repare-se que, sendo a Anedota um género altamente envolvente e promotor de uma elevada proximidade e cumplicidade entre interlocutores, permite, ao mesmo tempo, levantar tabus sociais que, em outros géneros, corresponderiam a transgressões graves de normas socioculturais. Por esse motivo, na mesma Anedota do exemplo anterior, tornam-se ‘aceitáveis’ as formas de discriminação transportadas pelos gentílicos que referem as personagens, e que vão culminar no uso de – *o preto* – para o africano.

180. *volta-se para o &ameri [/] para o americano / e diz // [...] depois voltou-se / para o sul-americano // [...] depois voltou-se para o alemão // [...] &ah / voltou-se para o preto //* [(219-245) A479 pi-casa e família]

Mais uma vez, é o próprio cotexto que permite fazer a leitura avaliativa mais correcta das escolhas do locutor. Neste caso, o uso de – *o preto* – surge duplamente

marcado: a um nível global, por corresponder à mesma discriminação que a Anedota pretendia denunciar; a um nível local, por se contrapor a uma sequência de gentílicos de que o seu referente é excluído.

Noutros casos, este tipo de categorização, substituindo o sujeito por uma informação referente à sua identidade, pode ser uma forma neutra de distinção, como no exemplo seguinte, em que o estado civil de uma das personagens permite identificá-la no grupo em que se encontra:

181. *e ficaram sós / a minha tia / e a Mimi / a outra / a tal / **viúva** //*

[(63) C528 pi-casa e família]

d) Resultado da intenção de cultivar um registo cuidado e objectivo

Neste conjunto de exemplos, retirados do mesmo EN, há uma preocupação notória do narrador com o registo utilizado. Em alguns deles, essa preocupação conduz, mesmo, ao uso de termos e colocações ‘emprestadas’ de tecnolectos, como do direito.

182. *foi um **indivíduo** que / apareceu no atelier // **oriundo** de:: / de Paris / suponho eu //*

[(7-8) A326 psf-profi]

A personagem central, cujo comportamento motivou o EN, é referida pelo nome genérico – *indivíduo* –. Através desta forma, que se repete várias vezes durante todo o texto, o narrador demarca-se em relação à personagem. Ao mesmo tempo, é evidente a preocupação com um registo mais cuidado, como no caso do adjectivo – *oriundo* –, registo que procurará manter durante todo o EN e que incluirá usos de uma linguagem técnica da área do direito, como se pode observar nalgumas das colocações marcadas nos exemplos seguintes:

183. *e apareceu no atelier dizendo que estava numa **situação precária** / **financeiramente** //*

[(12) A326 psf-profi]

184. *&ah: / o indivíduo: / **apresentou-me a sua situação** / dizendo que estava com um **processo de divórcio** / &eh **instaurado** pela / pela /mulher [...] no qual ele tinha ficado sem / sem nada // &eh / desde: / mobiliário / até à casa / até qualquer outro **bem do casal** /* [(20-25) A326 psf-profi]

Este recurso a colocações próprias de um registo cuidado ou de um tecnolecto, sublinham a demarcação do narrador quer em relação à personagem principal, quer em relação aos acontecimentos, contribuindo, desta forma, para o tom de Relato ‘objectivo’ que perpassa todo o EN. Nos seguintes exemplos, retirados do mesmo texto, observe-se ainda o contraste entre o valor eufemístico da primeira colocação sublinhada em (185) e o valor hiperbólico da segunda em (187):

185. *pediu-me trabalho / claro // trabalho esse que: [/] no qual ele **não: / impunha condições** // uma vez que estava &nu [/] na situação / &ah / enfim / **dependente*** [(13-15) A326 psf-profi]

186. *e durante os dois primeiros dias // **desempenhou as funções** &ah: # / com: / com rapidez / e com [/] e profissionalmente //* [(35) A326 psf-profi]

187. *ah / entretanto / &ah / **alegando** as suas **dificuldades de carácter económico** / &ah / pediu-me / um conto e quinhentos em que [/] adiantado / [...] e: no segundo dia / **alegando** que: / a situação económica &ah / era **insustentável** / pediu [...]* [(37-39) A326 psf-profi]

No exemplo (187), há ainda que realçar a expressão de atitude proposicional epistémica – *alegando que* – que introduz as colocações que referem a situação económica da personagem. Através dela, o narrador, não só estabelece a fonte responsável da informação, como relativiza o valor de verdade do enunciado.

Noutros casos, a mesma estratégia de distanciamento em relação à personagem central pode, também, servir para tentar ‘apagar’, localmente, a animosidade notória que conduziu ao EN. Observe-se o seguinte exemplo:

188. *além disso / era um mau **elemento** // é uma pessoa que está sempre revoltada /* [(93) A443 pi-profi]

A opção pelo lexema – *elemento* –, no exemplo (188), implica a ideia de um grupo de sujeitos unidos por interesses comuns, que, no caso do actual referente, não são partilhados. Desta forma, a narradora ‘neutraliza’ uma possível leitura pessoal do conflito que acabou de narrar, imputando os acontecimentos à incompetência e inadaptação social da opositora.

#### 4.3.5.2. Formas de Marcação de Proximidade em Relação ao Referente

Incluem-se, aqui, formas marcadas afectivamente (com valor eufórico ou disfórico) em relação a Personagens, Objectos e Acontecimentos.

##### a) Personagens

189. *olha / este patife / não me quer dizer o que é que se passa //*

[(86) C630 pi-casa e família]

Neste caso, a forma de tratamento depreciativa transporta a irritação sentida pelo narrador face ao silêncio do indivíduo a que se refere<sup>28</sup>. Ao mesmo tempo, o registo de calão aponta para uma maior proximidade e cumplicidade entre os interlocutores da interacção em que o EN é inserido.

190. *de facto ela tem andado aí nas mãos de médicos / mas os gajos não sabem o que é / pá //*

[(59) A475 pi-casa e família]

No exemplo (190), a retoma de – *médicos* – pelo termo coloquial – *gajos* – parece representar uma ‘despromoção’ dos primeiros, que está associada à ideia de não-competência para descobrir a doença de que personagem principal sofre.

191. *o: / o valete de copas / que era o comandante xxx / que mais tarde foi general //*

[(82) A475 pi-casa e família]

---

<sup>28</sup> Como refere Gonçalves (2002: 353), correspondendo a um acto de conjuração, o insulto corresponde a um acto de compensação pelo qual um locutor L2 tenta reparar-se ou ressarcir-se de um prejuízo ou de um dano causado por L1. No presente caso, há ainda que considerar que, através do insulto, o narrador encontra uma forma de exteriorizar a tensão inerente ao facto de nada saber do filho, facto esse que motivou o EN.

Neste caso, é a alcunha – *valete de copas* – que indicia uma relação afectiva com o referente, na medida em que o individualiza de uma forma especial.

192. *vem na TAP / vem sempre em primeira classe acompanhado com a / com a sua respectiva cara metade //* [(19) A380 pi-profi]

No exemplo (192), o lexema composto – *cara metade* – refere a mulher da personagem principal, sublinhando, desta forma, quer a sua dependência em relação ao marido quer a partilha do mesmo tipo de valores. De uma forma irónica e depreciativa, o narrador coloca, através de um estereótipo de nomeação (Vilela: 2002), a nova personagem na mesma categoria em que vinha colocando a primeira.

193. *e ele / e esse / esse indivíduo pá / a malta perguntou-lhe o que é que ele queria comer // e o gajo disse que queria um bocadinho de tudo pá //* [(33-34) A380 pi-profi]

Repare-se, no exemplo acima, na contraposição entre os nomes marcados: – *a malta* – e – *o gajo* –. Enquanto o primeiro, do mesmo registo coloquial, promove uma aproximação ao interlocutor, ao mesmo tempo que ‘apaga’ o agente da acção, o segundo retoma, agora com um valor claramente depreciativo, – *o indivíduo* – que surge em posição de tópico marcado.

194. *portanto / a menina não podia manifestar-se / contra esses dois rapazes / que eram amigos da casa onde era a festa //* [(79) A353 pi-casa e família]

Neste caso, que corresponde a uma Orientação de *Background* de cariz avaliativo, a retoma do referente através de – *a menina* –, transporta um valor depreciativo com leitura irónica. Ao narrar, pela segunda vez, a história da ida do filho a uma festa motivado pelos ciúmes, a narradora desenvolve-a a partir de um novo ‘*topos*’: por contraposição à figura do ‘*Otelo*’, construída no primeiro EN da interacção, o filho aparece, agora, como o ‘cavaleiro’ defensor da sua ‘*donzela*’. Esta segunda imagem tem um valor irónico que matiza o uso do nome – *menina* –.

## b) Objectos

195. *eu apanho / eu apanho um fartote / desses **filmes de cobiada** // < que a senhora não queira saber // hhh /* [(58-59) A356 pi-casa e família]

A categorização – *filmes de cobiada* –, associada ao valor negativo da sufixação do segundo termo, corresponde a uma avaliação depreciativa que reflecte a oposição da narradora ao seu visionamento.

196. *e para o congresso da Nato / a tarifa são seicentos **paus** / mas ele só podia pagar quatrocentos //* [(11) A293 pi-profi]

A utilização de – *paus* – em vez de – *escudos* –, que se enquadra no registo coloquial de toda a interacção, desvalorizando a soma em causa, marca a familiaridade entre a narradora e a narratária, familiaridade essa que é notória em toda a interacção.

197. *e a malta pôs-lhe o caviar no prato pá // no meio do prato / e os respectivos acompanhamentos pá // salsa pá / ovo picado pá / todas aquelas **porcarias** pá //* [(40-43) A380 pi-profi]

O nome de qualidade – *porcarias* – evidencia o desinteresse do narrador face à refeição que serve e que é sobrevalorizada pela personagem que a pediu como sinal de *status*. (para uma leitura mais aprofundada, ver a análise das estratégias avaliativas deste EN no capítulo 2, secção 2.2.2.4). Da mesma forma que os exemplos anteriores, o seu uso denota, ao mesmo tempo, um registo de proximidade entre interlocutores.

## c) Acontecimentos

198. *e: disse / fizemos umas **barracadas** // dissemos as coisas estropiadas / e atrasadas //* [(3-4) A292 pi-profi]

O lexema – *barracadas* – corresponde a um registo familiar. A avaliação negativa que transporta é interpretável no quadro de proximidade entre interlocutores,

pois, de outra forma, seria uma séria ameaça à face positiva da locutora/narradora, dado que caracteriza a sua própria acção como tradutora-intérprete.

#### 4.3.5.3. Hiperónimos Avaliativos

Um outro grupo de referenciação avaliativa, diz respeito ao uso de Lexemas Genéricos aplicados a partes do EN ou ao EN completo, que, pelo tipo de informação que transportam, procedem à classificação semântica do segmento textual que têm por escopo. Normalmente estes lexemas surgem fortemente avaliados. Alguns destes casos já foram objecto de análise na secção 4.3.1.3., quando se tratou das Estratégias de Encapsulamento, pelo que, aqui, apenas serão exemplificados.

199. *&ah: / claro / era um **caso** muito melindroso /* [(30) A347 pi-profi]
200. *vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram &amealh / amealhar durante aqueles anitos e tal / em Angola / e: cometem **gafes** / &eh: /pá / extraordinárias //*  
[(21-22) A380 pi-profi]
201. *aliás isto é um / é **um problema** muito importante / é um problema de / se nos depararem / oportunidades para # /* [(34-35) C557 pi-profi]
202. *ah / e outra **fita** que a Leonor lá fez //* [(110) C294 pi-casa e família]
203. *foi **uma barraca** de todo o tamanho //* [(66) C294 pi-casa e família]

No último exemplo elencado há que referir a intensificação – *de todo o tamanho* – certamente relacionada com o facto de se estar perante uma Avaliação Final do EN.

#### 4.3.5.4. Verbos Marcados

Na escolha do verbo que represente semanticamente a acção realizada, o narrador pode marcar avaliativamente a mesma acção e, por extensão, o seu agente, ao optar por um lexema específico, em detrimento de um outro que seria mais comum no mesmo contexto. Repare-se no exemplo seguinte:

204. *vêm cá / mostrar aquilo que conseguiram &amealh / **amealhar** durante aqueles anitos e tal / em Angola //* [(21) A380 pi-profi]

Ao colar uma imagem de novos-ricos a um casal de portugueses a residir em Angola, o narrador opta pelo verbo <amealhar>, em detrimento de <poupar>, ou <economizar>, para referir as suas poupanças. Desta forma, parece destacar a forma lenta e parcelar com que o processo de enriquecimento ocorreu, por contraposição a uma riqueza ‘economizada’ porque, de alguma forma, ‘naturalmente’ presente (para uma leitura mais aprofundada, ver a análise das estratégias avaliativas deste EN no capítulo 2, secção 2.2.2.4, páginas 65-71 e no capítulo 3, secção 3.2.2.2.4, exemplo 41, páginas 200-202).

#### 4.3.5.5. Nomes de Evocação Simbólica

Estes nomes, construídos discursivamente a partir dos feitos ou gestos de indivíduos (reais ou ficcionais), têm um uso metafórico, transportando os valores positivos e negativos que uma determinada comunidade cultural atribuiu aos seus referentes iniciais<sup>29</sup>. Observem-se os seguintes exemplos:

205. AFO: *e: / e eu como eu não gosto muito de: / dum silêncio: / pesado // ficava assim meio aflito quando o via / o padre a rezar o breviário ali na: + / e dava-me para o chatear // < hhh > [...] estava sempre a chatear o **padre Cruz** // ABC: *ainda por cima **padre Cruz** / xxx //*  
AFO: *é padre Cruz / < ele é **padre Cruz** > //* [(27-37) A509 pi-vida pessoal]*

---

<sup>29</sup> Como refere Charaudeau (1992: 25) nestes nomes “il se produit comme une fusion entre *l’être* et son *nom propre* qui fait que celui-ci se charge d’évocation symbolique, au point qu’il peut prendre une valeur de qualification”.

O tópico da conversação, e do EN, é um padre com quem AFO, durante os estudos, partilhou o quarto. Tê-lo denominado – *padre Cruz* – constituiu uma ironia que, ao desencadear uma onda de riso entre os presentes, promoveu o prosseguimento do EN agora com um maior envolvimento dos narratários.

206. *nitidamente / anda interessadíssimo / com o namoro // é um: / um Otelo digamos assim // porque é: [/] &ah gosta imenso da rapariga // ele diz que não gosta / mas gosta / nitidamente dela // e é um ciumento de marca /*

[(29-33) A353 pi-casa e família]

No centro da sua argumentação a propósito do namoro do filho, a narradora introduz, em posição predicativa, uma comparação metafórica fortemente marcada – *é um Otelo* –, ainda que atenuada pela expressão metacomunicativa – *digamos assim* –. O nome de evocação simbólica – *Otelo* – activa um universo cultural que crê partilhado pela interlocutora, introduzindo o mote do EN: o carácter ciumento do filho. A explicativa causal introduzida por – *porque* – explicita o recurso à metáfora e dá continuidade à argumentação a favor da tese defendida.

Mas não é apenas através de nominalizações marcadas que, a nível lexical, se podem identificar algumas das formas avaliativas já descritas. Recorrentemente, os interlocutores optam por expressões mais ou menos fixas que transportam valores avaliativos. Por uma questão operacional, ainda que, em parte, corroborada pelo *subcorpus* de análise, preceber-se-á a uma distinção entre recursos fraseológicos utilizados na construção da narrativa e expressões avaliativas propriamente ditas que apresentam diferentes graus de fixidez na sua construção.

Assim, antes de avançar para os exemplos recolhidos, há que definir aquilo que, neste trabalho, se consideram fraseologias. Subscrevendo a definição de Vilela (2002), consideram-se unidades fraseológicas combinações relativamente estáveis de palavras com um sentido figurativo próprio, que não decorre da soma dos sentidos dos elementos lexicais que as constituem<sup>30</sup>. Parte-se, ainda, do princípio que esse sentido tem uma

---

<sup>30</sup> Como refere Vilela (2002: 172): “no interior das fraseologias as palavras perdem o seu significado individual e constituem em conjunto um significado fraseológico novo, transposto, idiomatizado, isto é, um semema fraseológico (ou mesmo vários sememas fraseológicos).”

margem de variação no / e em relação ao contexto alargado em que a unidade fraseológica é activada, de forma a poder incluir os processos criativos a que essa activação pode ser sujeita.<sup>31</sup>

Um outro aspecto a ter em conta em relação ao uso de fraseologias na conversação e, especificamente, nos ENs é que estas são, muito frequentemente, a forma ideal para exprimir experiências pessoais intensas, pela sua alta capacidade textualizadora e comunicativa. Por esse mesmo motivo, vamos encontrá-las, com elevada incidência, no desfecho dos ENs quer como Avaliações Finais quer como Pós-Avaliações<sup>32</sup>.

#### 4.3.5.6. Recursos Fraseológicos Utilizados na Construção da Narrativa

A taxonomia de Fraseologias proposta resulta de um levantamento exaustivo efectuado nos ENs que compõem o *Subcorpus* de Modalização. A recolha e primeira análise dos mesmos encontra-se no Anexo II, Pasta 4, Documento 1: Expressões e Nomes Avaliativos.

##### a) Fraseologias de cariz hiperbólico

Como refere Vilela (2002: 197) as fraseologias, enquanto signos secundários, nomeiam “na banda larga da expressividade”. Um primeiro conjunto de exemplos assenta sobre um dos domínios-chave dessa expressividade: a intensificação de cariz hiperbólico. A sua característica semântica central é verbalizarem um sentimento ou estado emocional forte, eufórico ou disfórico, como o amor paternal obsessivo no exemplo (207), a hilaridade em (208) e (209), o desgosto despropositado em (210), ou a alegria em (211).

---

<sup>31</sup> Segundo Nascione (2001: 8), “the actual texts show that phraseology is not a store of old fossils. Phraseology becomes alive in actual use.” No entanto, a autora propõe a existência de uma Forma de Base (*Base Form*) que reúne as características principais da Unidade Fraseológica e com a qual todas as variações podem ser comparadas. “The base form has been established as a standard unit in the system of language due to customary use. It is the most common and typical form which serves as a base for the creation of identical, similar or more complicated and original forms in discourse. It represents all cases of use, including innumerable stylistic manifestations in discourse.” (Nascione, 2001: 20)

<sup>32</sup> O uso de expressões deste tipo nas macroproposições Avaliação Final e/ou Coda, já foi destacado em estudos sobre outros *corpora* linguísticos. Por exemplo, McCarthy & Carter (1994: 108-114) registam a ocorrência frequente de expressões idiomáticas em narrativas orais e salientam o seu valor avaliativo para toda a unidade textual em que se inserem.

207. *fui criada num ambiente cerrado // os meus pais **não viam outra coisa** // aliás como ainda hoje não vêem //* [(86-88) C980 pi-casa e família]
208. *as empregadas / aquelas empregadas espanholas **riram a bandeiras despregadas** //* [(57) C294 pi-casa e família]
209. *o Abreu Nunes também já **não sabia onde é que se havia de meter** //* [(58) C294 pi-casa e família]
210. *olha // **desatou-me num pranto** //* [(122-123) C294 pi-casa e família]
211. *olha / parecia que **lhe tinham dado o céu** //* [(142) C294 pi-casa e família]

Algumas considerações em relação aos exemplos (208 – 211) retirados da interacção C294 pi-casa e família. Todos eles se referem, directa ou indirectamente, à mulher do narrador e aos seus comportamentos infantis e desajeitados durante uma viagem a Espanha. Através deles, o narrador destaca, exagerando-os, esses mesmos comportamentos, justificando, assim, os dois ENs de cariz jocoso que introduz na conversação. A essa hiperbolização das emoções sentidas pelas diferentes personagens não é, certamente, alheia a presença, no acto da narração, da principal visada, nem as suas tentativas falhadas de atenuar a forma como alguns dos comportamentos referidos foram ridicularizados.

De acordo com o enunciado anteriormente, há ainda que considerar que a activação discursiva de uma fraseologia permite leituras que se podem afastar do valor semântico prototípico da sua forma base, ainda que no quadro de uma variabilidade controlada. Observe-se o exemplo seguinte:

212. *e isto / e isto é sempre igual // chega ao fim do mês / já / já **sabe aquilo tudo de cor** / já não tem interesse por mais nada /* [(45-46) A287 pi-profi]

Repare-se como o chavão fraseológico – ‘saber algo de cor (e salteado)’ – ganha um outro sentido ditado pelo contexto, que se desvia daquele que é inerente à sua forma base. Assim, não é tanto o domínio, sem dificuldade, de uma tarefa que está em causa,

mas, por extensão, a falta de desafio, a rotina e o desinteresse que esse domínio acaba por provocar. – *sabe aquilo tudo de cor* – é, aqui, uma forma metafórica de exprimir o aborrecimento da narradora.

Quanto à construção destas fraseologias intensificadoras, surgem ainda exemplos construídos sobre um esquema frásico fixo que permite, no entanto, variação ao nível do núcleo fraseológico. Observe-se o seguinte exemplo:

213. *a minha mãe &nun + agora [/] agora já &deix [/] deixa // mas a princípio / uma pessoa começava a fumar // ela não deixava // não: / fazia a mínima ideia de ver uma rapariga a fumar //* [(5-8) C1379 pi-casa e família]

É através da construção com verbo suporte – ‘não fazer ideia de’ + intensificador + X – que a narradora caracteriza a aversão da mãe ao acto de fumar, acto que é o tema do EN. Observe-se mais um exemplo:

214. *&eh / e então / eu não fazia a mínima ideia do que era o jornalismo // apenas / lia jornais //* [(50-51) C557 pi-profi]

Repare-se, ainda, no uso da mesma construção, com elipse da preposição, no exemplo seguinte:

215. *ele [/] quer dizer / não fazia ideia nenhuma o que era o caviar / pá //* [(51) A380 pi-profi]

Há, no entanto, que sublinhar a diferença de sentidos entre as actualizações discursivas. Assim, se no exemplo (213) a fraseologia permite uma leitura de modalidade deôntica, correspondendo a uma não-permissão, nos exemplos (214) e (215) o seu uso aponta para o valor paradigmático da forma base: desconhecer.

Observem-se, ainda, mais alguns exemplos do mesmo tipo:

216. [ $\langle$ ] *< eu é que > não sou de assustar pá/* [(64) A475 pi-casa e família]

A construção – ‘não ser de X’ – é, nesta Pós-Avaliação, usada para reforçar a imagem positiva do narrador. Repare-se na dupla estratégia sintáctica de avaliação a que a fraseologia está associada pela realização do pronome sujeito referindo o narrador, destacado pela construção de clivagem – *é que* –.

217. *e diz-me ela assim // ah / você traz férias / mas eu **estou farta de trabalhar** / e não / não recebi / nada //* [(51-52) A390 pi-casa e família]

A construção – ‘estar farto de X’ –, aqui incorporada na fala de uma personagem, intensifica o conteúdo semântico do verbo principal. Repare-se na realização do pronome sujeito de autorreferência com este tipo de expressões de cariz emotivo. No exemplo seguinte, uma variação da mesma expressão é, agora, utilizada pela própria narradora-personagem ao resumir a Acção principal, enfatizando o seu estado emocional

218. *ontem andava tão furiosa / **fartei-me de chorar** //* [(89) A390 pi-casa e família]

A construção de intensificação seguinte – ‘estar cheio de X’ –, citando a voz da personagem principal, sublinha o absurdo do seu comportamento:

219. *vendeu a mobília de sala / o sofá e os maples // porque esteve ali muita gente sentada // porque disse que aquilo **estava cheio de micróbios** //* [(36-38) C528 pi-casa e família]

Nos exemplos seguintes, é a construção – ‘ter a mania de X’ – que acentua as características psicológicas das personagens que motivaram os respectivos ENs, quer numa Orientação de *Background*, como no exemplo (220), quer em Pós-avaliações como em (221) e (222).

220. *e ela que fez ? **tem a mania dos micróbios** // tudo tem micróbios //* [(26-28) C528 pi-casa e família]

221. *foi sempre assim // foram sempre [/] já são [/] **têm a mania da limpeza** //* [(43-44) C528 pi-casa e família]

222. *pois é // bom / mas o tipo **tinha a mania das punições** / hã //*

[(104-105) A475 pi-casa e família]

Ainda a caracterizar o comportamento de uma das personagens, observe-se o uso de – ‘passar a vida a fazer X’ – com valor aspectual iterativo no exemplo seguinte:

223. *mas a [/] **mas a minha mulher / não // essa passava a vida a enganar-nos / também //***

[(105-106) C630 pi-casa e família]

Nos exemplos seguintes, encontram-se construções mais complexas, realizadas em dois movimentos, correspondendo o segundo a um reforço do primeiro.

224. *eu vim para o jornalismo por acaso / pá // vim para o jornalismo como podia ir para /empregado de / dum banco //empregado / comercial / ou vendedor // eu **tinha todas as condições para ser isso [1] // e mais alguma coisa [2]//***

[(23-27) C557 pi-profi]

No exemplo (224), retirado do Ataque, o narrador sublinha a tese do acaso quanto à sua entrada para o jornalismo, tese que corresponde ao mote do próprio EN.

A fraseologia complexa – ‘ter todas as condições para ser X [1] e mais alguma coisa [2]’ – realça, por um lado, a polivalência do narrador e, por outro, parece diminuir a relevância da profissão que acabou por adoptar.

225. *e portanto **não há qualquer / ponta de: / possibilidade de ligação telefónica [1] / ou outra qualquer [2] / com ele // e portanto / a situação / é: // é portanto esta / não é // é assim //***

[(75-77) A326 psf-profi]

Neste exemplo, retirado da Coda / Avaliação Final do EN, o narrador refere a impossibilidade de resolver o enigma do desaparecimento da personagem principal. A fraseologia complexa – ‘não haver qualquer (ponta de) possibilidade de X [1] ou outra qualquer [2]’ – acentua essa impossibilidade.

Ainda no quadro destas fraseologias intensificadoras, destaque para o uso de sequências totalmente idiomáticas com o mesmo valor, como no exemplo seguinte:

226. [ $\langle$ ] *< não me disse nem uma nem duas // hhh /* [(33) A443 pi-profi]

#### 4.3.5.7. Fraseologias que Correspondem a Anúncios de Enunciados Narrativos

Como já foi referido no capítulo 3, secção 3.2.2.1., para introduzir um EN o locutor pode recorrer a construções, mais ou menos fixas, que anunciam a sua vontade e capacidade de narrar algo, ao mesmo tempo que buscam despertar o interesse do interlocutor para o acto narrativo que se pretende iniciar. Dado que já foram objecto de uma apresentação detalhada, remete-se a sua exemplificação para o referido capítulo.

#### 4.3.5.8. Fraseologias Construídas sobre Imagens

No processo de fraseologização de segmentos textuais, ocorre, muitas vezes, uma abstracção de uma situação concreta por meio de processos de transferência metafórica e/ou metonímica. Esta transferência ecoa os próprios processos de conceptualização da realidade que, como Lakoff & Johnson (2002 [1980]) sublinham, são, em grande parte, metaforicamente estruturados e definidos. E é de metáforas e metonímias que permeiam a nossa linguagem quotidiana, que também aqui se trata. Observem-se os exemplos.

227. *andávamos todos lá em casa / a jogar às escondidas //*  
[(101) C630 pi-casa e família]

Nesta Orientação de *Background*, a imagem do jogo vai servir de mote para segmento textual seguinte, no qual o narrador refere, detalhadamente, as formas como toda a família evitava demonstrar o medo que sentia quanto ao filho que combatia em Angola.

Nos três exemplos seguintes, as fraseologias têm por núcleo partes do corpo:

228. *não se sabe pá // o [/] de facto / ela tem andado aí nas mãos dos médicos / mas o gajos não sabem o que é / pá // esquisito /* [(58-60) A475 pi-casa e família]

No exemplo (228), que corresponde a uma Pós-avaliação, a expressão metonímica destacada representa a impotência da paciente face ao seu mal, ecoando, ao mesmo tempo, a impotência do narrador face aos acontecimentos narrados. Como no exemplo anterior, destaque para o aspecto durativo do imperfeito do verbo de suporte <andar>, criando expectativa quanto ao desenlace da situação assim representada. Uma fraseologia familiar, porque construída em torno do mesmo núcleo – *mãos* –, é a realizada no exemplo seguinte:

229. *trabalhámos / pensámos / elaborámos um plano // &eh e: metemos a &mã / mãos à obra //* [(22-23) A347 pi-profi]

No exemplo seguinte, a metáfora é construída a partir do núcleo – *pés* – :

230. *já uma vez / caiu-me uma velha aos pés / pá //* [(8) A475 pi-casa e família]

Neste exemplo, que corresponde ao Ataque de EN, surge uma metáfora orientacional (Lakoff & Johnson, 2002 [1980]: 59 e seg.) construída sobre um conceito de orientação espacial, neste caso, ‘para baixo’. Ainda que muito próximo da experiência física que lhe subjaz, é possível perceber que paráfrases do sentido composicional da proposição, como, por exemplo ‘caiu uma velha ao meu lado’ ou ‘caiu uma velha à minha frente’, não têm a força figurativa da expressão utilizada. ‘cair aos pés’ transporta uma ideia de ‘rendição’ e de ‘entrega’ que não parece estar presente nas referidas paráfrases. E é essa ideia de submissão que conduz à auto-responsabilização do narrador/personagem face ao sucedido.

231. *e ela diz / bem e tal / engoliu assim um bocado em seco / e foi-se embora //* [(47) A380 pi-profi]

No exemplo acima, retirado do auge do primeiro episódio do EN, a metáfora parece ser motivada pelo próprio acto de comer, pois comenta a reacção da personagem ao caviar que prova pela primeira vez na sua vida. No entanto, a sua realização aponta para o sentido figurado da sua forma base: sofrer uma humilhação.

232. *e / não não // aqui é da irmã // mas olhe / eu **estou de relações cortadas com o meu irmão / não quero absolutamente saber nada do que é que se passa com ele //*** [(67-69) A326 psf-profi]

Neste exemplo, a metáfora, assente na concepção das relações afectivas como laços, corresponde à chave do episódio, chave essa que é explicitada no seguimento da fala da personagem.

Um outro tipo de fraseologia metafórica atestada no *subcorpus* tem um cariz ontológico, isto é, funciona com a atribuição de traços animados a objectos inanimados. Observe-se o seguinte exemplo:

233. ***aqui não entra um livro / que não seja do Verbo Juvenil //***

[(36) C627 pi-profi]

No exemplo acima, – *os livros* – surgem com a capacidade de se locomover e ‘entrar’ no espaço da sala de aula. Mas enquanto um é bem vindo, os outros não o são. Assim, concebida como uma potencial ‘invasão’ de um livro ‘inimigo’, a metáfora vem acentuar a oposição da narradora a que tal aconteça uma vez que essa oposição é também conceptualizada em termos de força física.

#### **4.3.5.9. Fraseologias com uma Função Interactiva**

Um outro conjunto de fraseologias utilizadas na construção da narrativa, tem uma função interactiva, isto é, as fraseologias que o compõem funcionam como formas de interpelação do alocutário, buscando a sua adesão para os sentidos construídos no EN ou, nos casos em que há um conflito de posições, fazendo frente à sua oposição. Como os primeiros casos já foram referidos e analisados enquanto Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal na secção 4.3.1.4., apresentar-se-ão, aqui, apenas dois exemplos que correspondem a duas fraseologias de polaridade negativa. Através delas, o narrador refocaliza, intensivando-o, o enunciado que corresponde a um resumo da Acção principal, ao mesmo tempo que promove o envolvimento do alocutário na avaliação que acaba de realizar.

234. *nunca saía do mesmo sítio // não te digo nada //* [(55-56) C294 pi-casa e família]

235. *dava cada sova ao Pedro // que não queira saber //*  
[(158-159) A390 pi-casa e família]

Quanto às expressões fixas utilizadas num confronto de posições face aos conteúdos do EN, observem-se os seguintes exemplos retirados da mesma interação: ANT, o narrador, conta uma história de cariz anedótico em torno do comportamento infantil da sua mulher, LEO, durante uma viagem a Espanha. Estando presente no acto da narração, LEO procura defender-se, pondo em causa a veracidade dos factos narrados, ainda que sem grande êxito. As três expressões abaixo, de cariz metacomunicativo, centram-se, exactamente, na questão da veracidade do conteúdo do EN, mais precisamente, no facto de LEO haver chorado perante a hipótese de não poder comprar um casaco. No entanto, e apesar de alguma veemência argumentativa, o confronto parece ser mais ‘teatral’ que real.

236. ANT: *pois // e é // diz-me / diz lá que é mentira //*  
[(113-114) C294 pi-casa e família]

237. LEO: *ah / não me puxes pela língua //* [(115) C294 pi-casa e família]

238. ANT: *tu tens o descaramento de dizer que não ? choraste pois // ai isso é que choraste //*  
[(127-129) C294 pi-casa e família]

#### 4.3.5.10. Outras Fraseologias

Por último, há ainda que considerar algumas fraseologias cujo uso parece ser ditado pelo registo coloquial a que pertencem. Pela sua expressividade e pelo à vontade que revelam, estas expressões, marcadas afectivamente, apontam para uma (voluntária) aproximação entre interlocutores. Observem-se os exemplos (239) e (240).

239. *e eu então / não tive lata de dizer que não // e: / e a revista / passou a ir lá para casa //*  
[(34-35) A479 pi-casa e família]

No exemplo (239), a opção da narradora por – ‘não ter lata’ –, para referir a sua incapacidade em recusar a assinatura da revista, é claramente marcada e corresponde a uma estratégia de aproximação aos narratários. Através dela, ‘revela’ os seus sentimentos contraditórios face ao objecto em causa, dando um tom de confiança ao enunciado.

No exemplo seguinte, é a expressão – ‘dar o badagaio’ – que realiza o mesmo propósito, ainda que ao mesmo tempo, pelo seu tom caricatural, sirva para afastar, afectivamente, o objecto de discurso a que se refere.

240. *de repente / sinto um: / baque no chão // era a velhota / tinha-lhe **dado o badagaio** / pá //* [(16-17) A475 pi-casa e família]

Há que referir que estas expressões de aproximação ao narratário têm que ser lidas no contexto e cotexto em que são realizadas. Elas são mais um elemento discursivo que, no conjunto de outros, contribui para a criação de cumplicidade e proximidade entre interlocutores.

#### **4.3.5.11. Expressões Avaliativas**

A par das fraseologias utilizadas para construir o EN, surgem outras claramente avaliativas. Através delas, é possível realizar juízos de valor sobre conteúdos da História: personagens, acontecimentos, resultado; ou sobre o próprio EN: valor de verdade do narrado; valor comunicacional da sua realização. Em relação às ocorrências referentes à última categorização, serão apenas apresentados alguns exemplos, uma vez que este tipo de actividades já foi abordado no capítulo 3, nas secções 3.2.2.1.1. e 3.2.3.4.4.1.

As avaliações aqui consideradas podem ser externas (isto é, realizadas a partir de Sit0, pelo narrador, ou por um narratário) ou internas (isto é, realizadas a partir de Sit1, pelo narrador, pelo narrador-personagem, ou por qualquer outro interveniente nos acontecimentos narrados).

##### a) Avaliações sobre Personagens

Nos exemplos abaixo, as expressões destacadas avaliam o comportamento da personagem a que se referem, comportamento esse que motivou o EN. Sendo as

avaliações destacadas conformes à intencionalidade dos respectivos ENs, cada uma delas realiza, ainda, outras funções discursivo-pragmáticas. Assim, no exemplo (241), a expressão avaliativa pode ser lida como uma ratificação, por parte do interlocutor, da introdução do EN na conversação. No exemplo (242), a expressão avaliativa, introduzida após a repetição do Discurso Directo do clímax da Anekdota, vai resumir e fechar o acto comunicativo realizado. Por último, no exemplo (243), cabe à expressão avaliativa generalizar e formalizar um juízo de valor feito anteriormente que, de outra forma, poderia ser lido como mero resultado de um conflito pessoal entre narradora e a personagem a que se refere.

241	<i>tem graça / &lt; o miúdo &gt; //</i> [(92) C22 pi-casa e família]	Coda	Externa – interlocutor
242	<i>&lt; punir &gt; / [&lt;] &lt; XXX &gt; // eu quero punir // o gajo dizia sempre / eu quero punir // <b>um ponto</b> //</i> [(106-110) A475 pi-casa e família]	Pós-Avaliação	Externa – narrador
243	<i>além disso / era <b>um mau elemento</b> //</i> [(93) A443 pi-profi]	Coda	Externa – narrador

#### b) Avaliação sobre Acontecimentos

As expressões avaliativas deste grupo de exemplos destacam quer acontecimentos específicos como em (244) e em (247) quer o conjunto de acontecimentos que compõe o EN como em (245) (com uma função prospectiva) e em (246) (com uma função retrospectiva).

244	<i>bem / devo &amp; diz [/] acrescentar que / a duração / das: / guaritas / como material de aquartelamento / era de noventa e nove anos / hã // <b>é extraordinário</b> //</i> [(94-95) A475 pi-casa e família]	Orientação de <i>Background</i>	Externa: narrador
245	<i>tem corrido muito mal / <b>cada vez pior</b> //</i> [(11) A347 pi-profi]	Ataque	Externa: Narrador
246	<i>depois tem que fazer isto / e isto / e isto / e isto / <b>é sempre igual</b> //</i> [(45) A287 pi-profi]	Avaliação Final	Externa: Narrador
247	<i>a minha mulher disse-me / então # / sabes que morreu o Ezra Pound ?[...] nessa altura eu <b>senti um choque</b> //</i> [(148-150) C557 pi-profi]	Resultado	Interna: Narrador

c) Avaliação sobre Objectos

Este tipo de avaliações recaem sobre Objectos que são relevantes para o EN, como se pode verificar nos exemplos (248) e (249). Repare-se que, em (248), a expressão fixa – *fora do vulgar* – é atenuada pelo advérbio de inclusão e pela expressão – *um bocadinho* –, enquanto no segundo exemplo, a expressão fixa tem um valor hiperbólico.

248	<i>e: o filme até é muito interessante // até é um bocadinho fora do vulgar //</i> [(65-66) A356 pi-casa e família]	Orientação de <i>Background</i>	Externa: Narrador
249	<i>que aquilo é uma coisa incrível // mas ele acha muita laracha //</i> [(40-41) A356 pi-casa e família]	Orientação de <i>Background</i>	Externa: Narrador

d) Avaliação sobre o Resultado

As Avaliações sobre o desfecho do EN dão voz aos sentimentos do seu enunciador face ao EN, podendo mesmo estabelecer umnexo de causa-efeito entre o sucedido e o seu actual estado emocional, como se pode comprovar no exemplo (251).

250	< <i>essa é que eu achei mais piada // hhh</i> > / [(176) A390 pi-casa e família]	Pós-Avaliação	Externa: Narrador
251	<i>e agora estou radiante //</i> [(24) A287 pi-profi]	Coda/Avaliação Final	Externa: Narrador

e) Avaliação sobre o Valor Comunicacional do EN

Nestes casos, as expressões avaliativas tem uma função apelativa, fazendo parte de Actividades Introdutórias de EN.

252	<i>ouve isto / que isto vale a pena //</i> [(16) C528 pi-casa e família]	Ataque	Externa: Interlocutor
253	[<] <i>não // esta anedota até é / é boa // é boa de</i> > + <i>era // até te vais rir //</i> [(169-172) A479 pi-casa e família]	Ataque	Externa: Narrador

#### f) Avaliação sobre as Estratégias Narrativas

Estas avaliações, de cariz metalinguístico, estão directamente relacionadas com a preocupação de veracidade do narrador, como se pode observar no exemplo escolhido.

254	<i>e agora é que o diálogo / é inventado // <b>é pura invenção</b> //</i> [(85-86) A475 pi-casa e família]	Orientação de <i>Background</i>	Externa: narrador
-----	---	---------------------------------------	-------------------

#### g) Avaliação sobre o Narrador

Realizadas pelo(s) narratário(s), estas avaliações são, no geral, ‘acusações’ rituais com leitura irónica.

255	<i>hhh / que horror / <b>que má</b> // &lt; hhh &gt; /</i> [(250) A479 pi-casa e família]	Coda	Externa: interlocutor
256	<i>ai coitado // &lt; olha que <b>tu também</b> / aproveitavas &gt; + <b>tu eras um autêntico demónio</b> &gt; //</i> [(82-83) A509 pi-vida pessoal]	Avaliação	Externa: Interlocutor

No exemplo (255) a interlocutora, ao avaliar o conteúdo da Anedota que acabou de ouvir, faz uma avaliação aparentemente negativa do conteúdo da mesma e da sua narradora. Na realidade, pelo riso que acompanha o seu juízo de valor, comprova haver percebido a ‘*pointe*’ da anedota e, desta forma, avalia o desempenho da narradora como positivo. No exemplo (256) a ‘acusação’ enfatizada pelo adjectivo anteposto – *autêntico demónio* – tem, também, uma leitura irónica, revelando cumplicidade entre os interlocutores.

#### 4.3.5.12. Expressões Avaliativas Interjectivas

Algumas das expressões avaliativas elencadas anteriormente poderiam também ser consideradas sob outra perspectiva de análise, directamente relacionada com a forma como exteriorizam os sentimentos do seu enunciador face ao que acabou de ser dito. Essas Expressões Avaliativas Interjectivas dão voz à subjectividade (atitude ou estado

mental) do seu enunciador. Quanto ao seu valor comunicativo, há que depreendê-lo do contexto em que são realizadas.

a) Expressões Avaliativas Interjectivas com Função Interactiva

Num primeiro grupo consideram-se expressões interjectivas que têm como função comunicativa sinalizar acordo ou oposição ao enunciado pelo interlocutor. Nos exemplos (257), (258), (259), (260) e (261), o narratário revela, não só, estar a seguir atentamente a narrativa, como sinaliza a sua adesão emocional aos sentidos construídos pelo narrador, ao ponto de completar o seu raciocínio quando este o deixa em suspenso, como no exemplo (258). Pelo contrário, nos restantes exemplos, as expressões utilizadas revelam a oposição do interlocutor ao que acabou de ser dito. No exemplo (262), o narrador, através da expressão interjectiva, põe em causa o que foi dito por um dos presentes, rejeitando a sua resposta, enquanto em (263) é uma personagem que revela, através da expressão destacada, a sua oposição a um juízo de valor expresso por outra.

257	<i>ai faço ideia //</i> [(102) C630 pi-casa e família]	Avaliação	Externa: interlocutor
258	<i>&amp;ah / claro que tínhamos ter autorização // o nosso director do ciclo ...</i> FER: <i>é escusado //</i> [(24-26) A347 pi-profi]	Avaliação	Externa: interlocutor
259	[<] <i>&lt; que chatice &gt; //</i> [(38) A347 pi-profi]	Avaliação	Externa: interlocutor
260	<i>&lt; ai que horror &gt; //</i> [(32) A443 pi-profi]	Avaliação	Externa: interlocutor
261	[<] <i>&lt; credo &gt; / por causa disso ?</i> [(55) A443 pi-profi]	Avaliação	Externa: interlocutor
262	<i>não / qual carapuça / muito mais religiosa /ainda /</i> [(24-25) A479 pi-casa e família]	Orientação <i>Background</i>	Externa: narrador
263	<i>diz ela assim // ora essa // pois fica sabendo /</i> [(52-54) A479 pi-casa e família]	Acção (DD)	Interna: personagem

ii) Expressões Avaliativas Interjectivas com função Conjuratória

Um outro grupo de Expressões Avaliativas Interjectivas é composto por exemplos que correspondem a Marcas de Conjuração (Gonçalves, 2002: 352 e seguintes). Se nos dois primeiros exemplos, (264) e (265), construídos com o verbo de

suporte <apanhar>, o narrador parece pretender esconjurar as emoções negativas que perpassavam os ENs que narrou, nos dois seguintes, (266) e (267) é um notório mal-estar em relação à adequação do acto comunicativo realizado, ou a realizar, que as expressões sublinhadas pretendem, de alguma forma, afastar.

264	<b><i>ó pá / &lt; apanhei um cagaço &gt; //</i></b> [(35) A475 pi-casa e família]	Resultado / Aval. Final	Externa: narrador
265	<b><i>e eu só apanho é sustos //</i></b> [(62) A475 pi-casa e família]	Resultado Aval. Final	Externa: narrador
266	<b><i>ai que coisa // então / já não digo a outra //</i></b> [(187-188) A479 pi-casa e família]	Acção (DD)	Interna: personagem
267	<b><i>ai / querem ouvir o melhor / ai Jesus / essa agora / &lt; hhh &gt; //</i></b> [(53-54) C528 pi-casa e família]	Ataque	Externa: narrador

### iii) Expressões Avaliativas Interjectivas que exprimem Reprovação

Nalguns casos, a expressão avaliativa interjectiva é utilizada como Avaliação Final, exprimindo o desagrado e/ou a reprovação do locutor em relação aos comportamentos das personagens que deram origem ao EN. Os exemplos (268) e (269) realizam duas Avaliações Finais adjacentes, a primeira da responsabilidade da narradora e a segunda de uma narratária. Repare-se na consonância entre ambas. O exemplo (270) corresponde a uma interpelação feita ao narrador por um dos interlocutores, manifestando a sua reprovação quanto ao comportamento daquele enquanto personagem do EN que acabou de realizar.

268	<b><i>ora parece impossível / quem é que faz uma coisa destas? //</i></b> [(32) C528 pi-casa e família]	Coda Aval.Final	Externa: narrador
269	<b><i>que disparate //</i></b> [(33) C528 pi-casa e família]	Coda Aval. Final	Externa: interlocutor
270	<b><i>ai coitado // olha que tu também / aproveitavas &gt; + //</i></b> [(82) A509 pi-vida pessoal]	Avaliação	Externa: interlocutor

#### iv) Expressões Avaliativas Interjectivas que exprimem Voluntariedade

Na paleta larga de afectos passíveis de serem expressos durante e após a narração de um EN, podem encontrar-se também expressões interjectivas que revelam o posicionamento voluntarioso do narrador face a um comportamento ou atitude sua que sente como passível de crítica ou, pelo menos, de leitura ética ambígua. No exemplo seguinte, a expressão – *quero lá saber* – cumpre essa função.

271	<i>de maneira que eu / já se sabe / tenho que # tive</i> <i>que tomar uma atitude / <b>quero lá saber</b> //</i> [(92) A443 pi-profi]	Coda Aval. Final	Externa: narrador
-----	---	---------------------	-------------------

#### 4.3.6. A Encenação dos Acontecimentos

Como já foi referido, do Relato de Acontecimentos à Narrativa Encenada, a mesma História pode ser construída recorrendo ao uso de diferentes estratégias cognitivas e discursivo-pragmáticas que dão corpo aos propósitos intencionais da narração e apelam a um crescente Envolvimento do interlocutor, constituído Narratário, na própria produção e subsequente interpretação do narrado<sup>33</sup>.

Uma das estratégias de Envolvimento mais produtivas no *corpus* corresponde à Encenação dos Acontecimentos, confirmando a proposta de Goffmann (1977) quanto à prototipicidade das narrativas que recorrem à Dramatização (“replaying” na terminologia gofmanniana). Através dela, o narrador encena o ocorrido, revivendo os acontecimentos na companhia de uma nova testemunha. No *corpus* surgem sequências dramatizadas de dois tipos, que, no entanto, quase sempre, co-ocorrem:

- ‘presentificação’ do ocorrido através da adopção da perspectiva de uma personagem;
- ‘dramatização’ dos confrontos entre personagens através da sua ‘recriação’ dialógica.

<sup>33</sup> Segundo a proposta de Tannen (2000 [1989]: 139) trata-se de um Envolvimento Interpessoal: “the rapport that is being created between the speaker and her audience by means of this story”.

Estes processos são cruciais para o sucesso da Narrativa Encenada na medida em que:

- Tornam presentes acontecimentos passados, convidando o interlocutor a partilhar as experiências vividas como se nelas participasse.
- Resultam de uma construção intencional e são motivadas pelos objectivos subjacentes à introdução do EN na conversação.
- Contribuem para a verosimilhança da história contada, na medida em que pretendem reconstruir os eventos e as falas produzidas pelos actantes.
- Dão testemunho da competência do narrador em obter a atenção, o interesse e o acordo do narratário para as avaliações que considera decorrentes do narrado.

Nas páginas seguintes proceder-se-á à caracterização das estratégias discursivo-pragmáticas de que o narrador se serve para ‘encenar’ os acontecimentos que narra. Para tal, recorrer-se-á a exemplos retirados do *Subcorpus* de DR e indexados no Anexo III, Documento 2: Tabela Geral do Discurso Relatado.

#### **4.3.6.1. O Uso do Presente na Encenação dos Acontecimentos**

A transição entre formas verbais do passado e do presente na narrativa tem sido abordada recorrentemente nas diferentes vertentes dos estudos narratológicos. Termos como Presente Histórico e Presente Narrativo tornaram-se familiares e encontraram o seu lugar cativo nas gramáticas tradicionais. Também em estudos que têm como objecto os ENs produzidos em situação de interacção oral, a ocorrência desta transição tem sido tematizada e considerada uma estratégia estilística de relevo de acções ou acontecimentos específicos na economia narrativa. O seu uso, em contiguidade com as formas de passado, e graças à deslocação metafórica do ponto de vista do locutor, presta-se a esbater a distância temporal em relação ao narrado. Assim, através da opção pelo presente, os acontecimentos vividos pela personagem parecem ter lugar no momento da sua narração, e não num intervalo de tempo passado, o que permite ao narrador e ao narratário tornarem-se testemunhas da Acção, partilhando a sensação dramática de um testemunho ocular que se submete ao ritmo e detalhe da sua representação.

Mas a melhor forma de compreender o funcionamento e a força desta ‘recriação’ de experiências relevantes para o sujeito que narra, é observá-lo em acção. No exemplo

seguinte, a transição para o Presente ocorre no gatilho do EN e surge associado quer a uma repetição quer a uma construção perifrástica que retardam o desenvolvimento da acção, ‘atomizando-a’.

Exemplo 272:

43	<i>de maneira que <u>andou</u> a ver a Sofia //</i>
44	<i>e depois <u>viu</u> lá uma pendurada ao pé das escadas rolantes //</i>
45	<i>simplesmente era a escada rolante que sobe //</i>
46	*LEO: <i>que desce //</i>
47	<i>&lt; a escada rolante &gt;</i>
48	*ANT: <i>[&lt;] &lt; que desce &gt; //</i>
49	<i>/ &amp;eh / e do outro lado estava a que sobe //</i> %par: estava → ‘tava
50	<b><i>de maneira que ela <u>chega-se</u> para ver a Sofia //</i></b>
51	<b><i><u>chega-se</u> para ver a Sofia //</i></b>
52	<b><i>claro <u>daqui a bocado</u> <u>está a pôr</u> os pés em cima da escada que desce //</i></b> %par: está → ‘tá
53	*JM: <i>&lt; hhh &gt; /</i> %exp: hhh → riso
54	*ANT: <i>/ [&lt;] &lt; era ela a descer na escada &gt; / e a correr / para subir /</i>
55	*LEO: <i>para subir / &lt; hhh &gt; /</i> %pra: para → ‘pa ; %exp: hhh → riso
56	*ANT: <i>/ &lt; nunca saía do mesmo sítio &gt; //</i>
57	<i>não te digo nada //</i>

Extracto da interacção C294 pi-casa e família

Se nos enunciados [43] e [44] o uso do Pretérito Perfeito Simples está ancorado no presente da situação de enunciação e, como tal, revela o conhecimento do narrador dos acontecimentos ocorridos posteriormente, a partir do enunciado [50], a perspectiva passa a ser a da personagem que desconhece o que lhe vai acontecer ao aproximar-se inadvertidamente da escada rolante. Dito de outra forma, através da passagem para o presente, a perspectiva do EU-Narrador onisciente dá lugar, ainda que temporariamente, à de um EU-Actante, uma perspectiva fortemente experiencial de um mundo ficcional, cuja construção se apoia nas seguintes estratégias:

- Uso do presente para a construção do gatilho do EN: – *chega-se para ver a Sofia* –.
- Uso do deíctico temporal – *daqui a bocado* – que, enquanto sequenciador narrativo, marca o momento de viragem para o clímax do EN, evidenciando o inesperado de uma ocorrência central para a narrativa. Repare-se que o narrador, mantendo a perspectiva da personagem, ancora o sucedido no presente da cena em desenvolvimento, através do deíctico – *aqui* – que se refere, não ao tempo-espaço da narrativa, mas ao da encenação.
- Uso do aspecto progressivo da perífrase verbal que se segue ao deíctico temporal – *está a pôr* –. Desta forma, focaliza-se a atenção no novo acontecimento como se este estivesse a decorrer, permitindo construir uma imagem visual do mesmo. Esta “atomização” da informação (Quasthoff, 1980), conduz a uma “presentificação” visual da acção em curso, como se uma câmara acompanhasse, passo a passo, todos os movimentos referidos pelo narrador.

Um outro espaço recorrente para o surgimento do Presente nos ENs é na introdução de segmentos dialogados, mais precisamente, com o verbo declarativo que introduz o DD. Considera-se, também neste caso, que o seu uso marca a constituição de um novo centro deíctico no EN, organizado em torno do *aqui- agora* da cena dramatizada. A partir do momento da sua instanciação, os acontecimentos passam a ser “actualizados” do ponto de vista dos seus actores, que os ‘revivem’ uma outra vez, agora na presença de (novas) testemunhas. Observe-se o seguinte extracto do primeiro EN da interacção A390 pi-casa e família, analisado detalhadamente no capítulo 3, secção 3.1.1.3.5. As falas do segmento dialógico que encena conflito-chave do EN são introduzidas pelo verbo declarativo <dizer>, em ambos os casos no presente do indicativo. São as únicas ocorrências desta forma verbal em todo núcleo do EN.

Exemplo 273:

51	BEA: <i>e <u>diz</u>-me ela assim //</i>
52	<i>ah / você traz férias / mas eu estou farta de trabalhar / e não / não recebi nada //</i>
53	<i>e eu <u>digo</u> //</i>
54	<i>sim senhora / quem me dera estar em casa //</i>

Extracto da interacção A390 pi-casa e família

Esta hierarquização dos acontecimentos narrados através do uso do presente do verbo introdutório de DD é recorrente no *subcorpus* de DR: dos 27 introdutores de DD no presente, 19 marcam ou o gatilho ou enunciados que explicitam a intenção central do EN.

#### 4.3.6.2. O Uso de Verbos de Percepção e Movimento

Um outro aspecto, ainda relacionado com os introdutores de DD e com a marcação da perspectiva adoptada para a narração, é a utilização de expressões e verbos de percepção e movimento que funcionam como uma espécie de “indicações cénicas” para o ouvinte. Através, delas o narratário “pode seguir” o movimento da personagem que vai tomar a palavra, acabando por adoptar a sua perspectiva. Observem-se os exemplos:

274. *e o inglês **olhava para nós** / com [/] muito simpático / e dizia //*

[(5) A293 pi-profi]

275. *hhh / e depois / ela / ela &vir [/] virou [/] &eh / **virou-se para a minha mãe** / e perguntou //*

[(85) C1379 pi-casa e família]

276. *e eu / [...] // **agarrei-lhe num braço** / e disse assim /*

[(34-35) A443 pi-casa e família]

#### 4.3.6.3. A Transição entre Falas na Dramatização

Como já foi referido na secção 4.2.1., referente às Expressões de Comunicação, os narradores utilizam diversas estratégias para a introdução do Discurso Relatado. Esta variação entre fórmulas introdutórias permite-lhes jogar com o tempo de produção de cada uma e, assim, acelerar ou abrandar o ritmo dos acontecimentos transpostos para as vozes das personagens. Uma análise quantitativa do *subcorpus* de Discurso Relatado permitiu verificar que 48% das ocorrências em Discurso Directo (DD) não têm introdutor. E nestas, a transição directa entre falas de personagens é muito comum, como se pode verificar no exemplo seguinte, composto por dois pares adjacentes de

pergunta-resposta. (Neste e nos exemplos seguintes, sempre que houver duas ou mais personagens em diálogo, será atribuída uma letra a cada uma delas, de forma a facilitar a sua leitura.)

277. A : *o que é que estás aqui a fazer ?*  
B : *ah / preciso de falar contigo //*  
A : *mas / &eh / com quem é que vens ?*  
B : *ah / vim sozinha //* [(193-197) C866 pi-vida pessoal ]

Noutros exemplos, foi possível identificar um terceiro movimento acoplado ao par adjacente. Observe-se o exemplo (278):

278. A: *quantas pessoas morreram / &ah : / com a bomba / em Hiroshima ?*  
B : *Ø um milhão de pessoas //*  
A : *Ø um milhão / exactamente //* [(239-241) A479 pi-casa e família]

No quadro da transição entre falas dramatizadas, como as dos exemplos anteriores, surge, ainda, a possibilidade de introdução de outro material linguístico, com funções configuracionais específicas, que suspende momentaneamente o diálogo. Nos exemplos seguintes, o narrador retoma a fala de uma personagem que havia sido suspensa por Orientações de *Background* de cariz informativo (279) e avaliativo (280):

279. A: *agora vou-te perguntar se tu sabes //*  
*isto / o meu tio a assistir // e a outra minha prima // e nós ...*  
A: *ouve lá / tu sabes o que é fórmica ?* [(58-62) A479 pi-casa e família]
280. PRI : *oh mãe / o pai ainda não chegou? se calhar esbarrou-se //*  
*é / é o que ele pensa logo //*  
FER: *claro //*  
PRI: */ o pai esbarrou-se //* [(55-56) C22 pi-casa e família]

Neste último exemplo, repare-se que a a avaliação que interrompe o DD é co-realizada pelo interlocutor.

Apesar de ser uma estratégia recorrente, a transição directa entre falas não ocorre sem causar algumas dificuldades na sua produção, especialmente porque há que introduzir marcas prosódicas e de entoação que permitam ‘reconhecer’ a personagem que está no domínio da palavra. Por esse motivo, e especialmente quando há repetições de discurso, muitas vezes coadjuvado por paralelismo sintáctico, a opção por um introdutor de DD pode funcionar como uma forma de organização textual mais facilmente utilizável e eficaz. Na realidade, a repetição de construções introdutórias parece facilitar a produção verbal pela criação de um paradigma disponível para ser utilizado a qualquer momento, o que acaba por aumentar a fluidez do discurso e da sua compreensão. Ao mesmo tempo, a presença de um sequenciador narrativo do tipo – *e, então, depois, e então, e depois* – a introduzir a maior parte das expressões que precedem o DD, permite ao narrador fazer avançar a acção de uma forma económica, ligando a progressão dos acontecimentos às falas das personagens.

#### **4.3.6.4. Simulação do Oral na Oralidade: os Enunciados em Discurso Directo**

Após haver concentrado a análise nas fronteiras externas das realizações em Discurso Relatado (DR), procurar-se-á, agora, descrever e caracterizar os próprios enunciados em DR, mais precisamente, aqueles que possuem uma força “dramática” mais evidente e, por isso mesmo, mais comuns nos ENs: enunciados em DD e em DInt (Discurso Interior). De seguida tentar-se-á definir as fronteiras internas destes segmentos textuais.

##### **4.3.6.4.1. Uso de Marcadores Conversacionais**

O narrador, apoiando-se nas suas práticas de oralidade, recorre a Marcadores Conversacionais (daqui para a frente, MC) usuais no discurso oral quotidiano, para abrir e fechar quase metade (48.2%) dos enunciados em DD e DInt. Desta forma, ele mimetiza a realidade da conversação, acentuando o contraste entre segmentos textuais estritamente narrativos e sequências dialogadas (ver exemplo 281), ou entre as ‘vozes’ de diferentes personagens (ver exemplo 282).

281. *e depois / a malta virou-se para a mulher pá // e perguntei /*

A: *e a senhora / o que é que queria ? quer caviar pá ? [...]*

*e ela disse /*

B: *ah está bem pode ser / e tal //*

[(35-39) A380 pi-profi]

No exemplo acima, os MCs destacados têm uma função topográfica, isto é, marcam o início e o fim dos enunciados, caracterizando-se pela sua quase-ausência de conteúdo semântico (Rodrigues, 1978: 74-75). Se, no caso do MC Topográfico Final – *pá* –, se pode falar de um uso idiosincrático, quer – *ah* –, como MC Topográfico Inicial, quer – *e tal* –, enquanto expressão vaga que marca a ocorrência de discurso elidido pelo narrador e, ao mesmo tempo, estabelece o fim do segmento textual em que ocorre, são formas comuns na oralidade de ‘balizar’, internamente, um enunciado. Observe-se agora o exemplo seguinte:

282. A: *oh / tu tens que cá estar amanhã / e mais não sei quê //*

*quero-te ver amanhã / e tal //*

B: *oh pá / mas eu amanhã não posso //*

*porque estou num concentração do hóquei / e mais não sei quê //*

[(178-181) C866 pi-vida pessoal]

Como se pode verificar, também no interior do próprio segmento dialógico é possível, ao lado de uma paleta reduzida de conectores, encontrar MCs que delimitam, a partir do interior do próprio enunciado, as suas fronteiras e as dos respectivos turnos. No exemplo (282), a Expressão Vaga – *e mais não sei quê* –, funcionando, também, como um MC Topográfico Final com valor desfocalizador, encerra o primeiro enunciado de A, estabelecendo a transição para o seguinte, bem como o último enunciado de B.

No quadro seguinte – quadro 27 - é possível consultar a lista dos MCs identificados em 170 enunciados em DD e DInt, bem como a sua frequência.

Considerou-se necessário criar uma classe de MC Topográficos Focalizadores (ver secção 4.3.1.1.) construídos a partir de verbos como <olhar>, <ouvir>, <dizer> que, não só abrem o enunciado, como, pelo seu valor semântico, também focalizam a atenção do interlocutor para o que vai ser dito em seguida. Do outro lado, encontra-se uma classe de Marcadores Topográficos Desfocalizadores, constituída por Expressões

Vagas que, pelo seu ‘esvaziamento’ semântico, sinalizam o fim de uma unidade comunicativa. Através delas, como já foi referido na secção 4.3.3., o locutor revela não ter mais informação disponível e/ou relevante sobre o tópico em desenvolvimento.

Quanto aos MCs Interactivos, estes compõem uma classe organizada em torno do conceito de Interactividade (Roulet et al., 1985), definido como a relação que os actos comunicativos estabelecem uns com os outros. Assim os MC Interactivos são responsáveis pelo estabelecimento de relações argumentativas e coesivas entre segmentos tópicos.

De qualquer forma, há que ter presente, quando se trata de MC Interactivos, que a sua grande maioria é polifuncional, isto é, que quase sempre assumem também funções topográficas.

Quadro 27

MC em Enunciados de DD e DInt

	Posição Inicial	Posição Final		Posição Inicial	Posição Final		
<b>MC Topográficos</b>	<i>ah</i>	<b>11</b>	<b>MC Topográficos Desfocalizadores</b>	<i>ah e tal</i>	<b>1</b>	<i>... / e tal //</i>	<b>13</b>
	<i>ah então</i>	<b>9</b>			<i>... e mais não sei quê //</i>	<b>6</b>	
	<i>então</i>	<b>9</b>			<i>... não sei (quê) //</i>	<b>4</b>	
	<i>bem</i>	<b>5</b>			<i>coisa //</i>	<b>2</b>	
	<i>eh</i>	<b>4</b>			<i>... tal / tal ...</i>	<b>1</b>	
	<i>oh pá</i>	<b>4</b>			<i>... não sei que mais //</i>	<b>1</b>	
	<i>ai</i>	<b>4</b>			<i>não sei quantos //</i>	<b>1</b>	
	<i>e</i>	<b>3</b>			<i>... e tudo //</i>	<b>1</b>	
	<i>bom / então</i>	<b>1</b>			<i>isto aquilo e aqueloutro //</i>	<b>1</b>	
	<i>pois</i>	<b>1</b>					
	<i>oh</i>	<b>1</b>					
	<i>prontos</i>	<b>1</b>					
<b>MC Topográficos Focalizadores</b>	<i>olha/e</i>	<b>23</b>	<b>MC Interactivos Argumentativos</b>	<i>mas</i>	<b>7</b>	<i>portanto ...</i>	<b>2</b>
	<i>(mas) olhe</i>	<b>1</b>		<i>mas olhe</i>	<b>1</b>	<i>e portanto ...</i>	<b>2</b>
	<i>olhe /(então)</i>	<b>1</b>		<i>então</i>	<b>5</b>	<i>chega</i>	<b>1</b>
	<i>pois olha</i>	<b>1</b>		<i>(ah) pois</i>	<b>3</b>		
	<i>olha e tal</i>	<b>1</b>		<i>ah então</i>	<b>1</b>		
	<i>ouve lá</i>	<b>1</b>		<i>e então</i>	<b>1</b>		
	<i>diz-me lá</i>	<b>1</b>		<i>ora</i>	<b>1</b>		
				<i>ora essa</i>	<b>1</b>		
				<i>pois é</i>	<b>1</b>		
				<i>sim senhora</i>	<b>1</b>		
		<i>portanto</i>	<b>1</b>				
		<i>prontos</i>	<b>1</b>				

Uma comparação com trabalhos sobre *corpora* de português falado como, por exemplo, o de Brauer-Figueiredo (2000), ou o de Rodrigues (1998) sobre Sinais Conversacionais de Alternância de Vez, permite concluir que os MCs utilizados pelos narradores na construção de enunciados em DD fazem parte das formas mais frequentes atestadas nesses estudos.

#### 4.3.6.4.2. Uso do Vocativo e de Formas Pronominais de Interpelação

Uma outra forma de marcar as fronteiras internas de um enunciado é utilizando formas de interpelação do interlocutor. Ao fazê-lo através de um nome próprio ou de uma forma de tratamento, o Vocativo permite estabelecer os laços sociais e afectivos que unem as personagens em presença.

Entre as 25 ocorrências atestadas, 8 correspondem a formas de cortesia, 4 referem o estatuto profissional do interlocutor e as restantes marcam relações familiares. Em contexto familiar (exemplos 283-286), no exército (exemplo 287), no liceu (exemplo 288), num cenário de serviços (exemplos 289 e 290) ou no trabalho, marcando a relação entre superior hierárquico e empregado (exemplos 291 e 292), é sempre possível caracterizar o contexto de acção pelas fórmulas de tratamento utilizadas nessa situação específica. A lista de exemplos é exaustiva e rica em instruções de leitura no que se refere às relações sociais e afectivas entre interlocutores.

283. *bem / **Laurinha** / tem paciência / mas nós temos de ir embora / não é //*  
[(69) C528 pi-casa e família]
284. *pois / **mãe** # / a mãe é que tem a culpa //* [(169) A390 pi-casa e família]
285. *nas mãos ? nas mãos não tenho nada / < **mãe** > //* [(18-19) C630 pi-casa e família]
286. *como é que sabes isso **rapaz** ?* [(82) C22 pi-casa e família]
287. ***sentinela** / o que é que aconteceu ?* [(88) A475 pi-casa e família]
288. ***senhora doutora** / tome lá //* [(25) C32 pi-profi]

289. *bem **minha senhora** / pá / pode acontecer é que a outra pessoa desista do casaco //* [(135) C294 pi-casa e família]
290. *não **o senhor / o senhor** não anda aqui só para ganhar dinheiro //* [(22) A475 pi-casa e família]
291. *ah então vou-me embora / **a senhora dona Alice** / se faz favor / faz contas que eu vou embora //* [(44) A443 pi-casa e família]
292. ***minha senhora** / isto é o meu pensar //* [(39) C627 pi-profi]

Como já foi referido na secção 4.3.5, a leitura destes usos deve ser feita no seio da cadeia de referenciação em que surgem inseridos. No entanto, há que sublinhar o cuidado do narrador em adequar as formas de interpelação do outro ao cenário que pretende recriar, contribuindo, assim, para uma maior verosimilhança do narrado.

Ao lado do Vocativo, foi, ainda, possível identificar 17 ocorrências dos Deícticos Pessoais de Interpelação – *tu* – e – *você(s)* – quase sempre em cabeça de enunciado. Sendo o português uma língua de sujeito-nulo, a presença destes pronomes de segunda pessoa do singular e de terceira pessoa do singular e do plural parece corresponder a um uso enfático do pronome sujeito. Poder-se-iam propor três explicações para tal: a primeira, o facto de aparecerem em cabeça de frase com a função de sujeito (exemplos 293, 294); a segunda, o co-ocorrerem com verbos de modalidade (exemplos 294-297); e a terceira, o poderem surgir em pares oposicionais que representam um conflito entre as personagens em presença (exemplo 297 : contraposição entre – *eu* – e – *tu* –).

293. *ah: / **tu** lê(s) ... //* [(28) A479 pi-casa e família]
294. ***vocês** hoje podem fumar //* [(38) C1379 pi-casa e família]
295. *porque é que **tu** não há(s)-de deixar que as tuas filhas fumem ?* [(11) C1379 pi-casa e família]
296. *oh / **tu** tens que cá estar amanhã / e mais não sei quê //* [(178) C866 pi-vida pessoal]

297. *&ah: / ai eu gosto muito de ti / mesmo quando tu me bates // hhh / até quando tu me bates //* [(20-30) A508 pi-profi]

Há ainda que referir duas utilizações particulares do pronome de interpelação: ele pode marcar o fim de um enunciado, como no exemplo (298), ou pode funcionar como elemento de ancoragem para a construção de uma sequência de proposições que formam, no seu conjunto, um turno, como no exemplo (299).

298. *ah / fuma também tu //* [(102) C1379 pi-casa e família]

299. *tu nem queres ver televisão / nem nada //*  
*tu xxx vais tão cedo para a cama /*  
*tu debes [/] nem debes + debes estar aqui / a ver televisão / &fa / até é bom /*  
[(50-52) C1379 pi-casa e família]

No *subcorpus* do DR foi ainda possível identificar dois exemplos de interpelação do interlocutor através do uso do Nome Próprio antecedido de determinante definido, o que corresponde a uma forma de tratamento que marca quer uma assimetria social entre os sujeitos em presença, como no exemplo (300), quer um grau de proximidade relacional intermédio entre as formas pronominais de segunda e terceira pessoa como no exemplo (301).

300. *porque tem que me respeitar // não só porque / sou uma pessoa mais velha //*  
*como sou / enfim / &ah: / vamos lá / como a Laurinda é minha empregada / e*  
*portanto tem que / tem que me respeitar //* [(36-37) A443 pi-profi]

301. *ah / então o Hernâni pode ir / e mais não sei quê //*  
[(174) C866 pi-vida pessoal]

#### 4.3.6.4.3. Uso de Estratégias de Focalização

Como se tem verificado até aqui, na estruturação dos enunciados em DD o narrador recorre à mesma gramática da oralidade com que constrói a sua participação na

conversação. De seguida destacar-se-ão algumas das Estratégias de Focalização e Desfocalização já referidas na secção 4.3.

a) Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal

Um outro conjunto de unidades linguísticas, próximas dos elementos focalizadores referidos a propósito dos marcadores conversacionais, é constituído por expressões construídas a partir de verbos factivos como <saber> (ver secção 4.3.1.4.) Através destas expressões, o locutor-personagem interpela directamente o interlocutor buscando obter a sua atenção para o enunciado que se segue e, assim, envolvê-lo na conversação. Estes prefácios focalizadores tanto são utilizados para ganhar a empatia de outras personagens em cena (exemplo 302), como para apelar a conhecimentos partilhados que facilitem a adesão delas à sua perspectiva (exemplo 303) ou para introduzir uma proposição avaliativa que adquire, desta forma, força de verdade. (exemplos 304 e 305).

302. *olha / **sabes** Mario /...* [(94) C528 pi-casa e família]

303. ***sabes que eu não gosto muito //*** [(88) C1379 pi-casa e família]

304. *pois olha / **fica sabendo** / fazes mal em não ler //...* [(43) A479 pi-casa e família]

305. *ora essa // pois **fica sabendo** / que até vêm lá / coisas //...*  
[(53-54) A479 pi-casa e família]

O mesmo verbo <saber> surge, também, à cabeça de frases interrogativas que introduzem um novo tópico. Dirigidas a outra personagem, estas perguntas tem por objectivo envolvê-lo num novo segmento discursivo, apelando aos seus conhecimentos sobre o tópico assim introduzido (exemplo 306) ou à sua empatia em relação a ele (exemplos 307 e 308).

306. *ouve lá / **tu sabes** o que é fórmica ?* [(62) A479 pi-casa e família]

307. *&eh: / **sabe** quem morreu ?* [(136) C557 pi-profi]

308. *então # / sabes que morreu o Ezra Pound ?* [(148) C557 pi-profi]

#### 4.3.6.4.4. Uso de Anúncios

Como já foi desenvolvido no Capítulo 3, uma outra forma de focalizar a atenção do interlocutor sobre o acto comunicativo que se segue, é anunciá-lo de uma forma apelativa, mesmo que esse Anúncio refira só o seu valor ilocutório (exemplos 309 e 310), ou procure apenas criar expectativas no interlocutor a propósito do interesse conversacional e/ou conteúdo proposicional do enunciado que prefacia (311-313).

309. *já ficam avisados* [(71) A356 pi-casa e família]

310. *agora vou-te perguntar se tu sabes //* [(58) A479 pi-casa e família]

311. *minha senhora / isto é o meu pensar //* [(39) C627 pi-casa e família]

312. *olhe / então eu digo-lhe uma coisa //* [(56) C1379 pi- casa e família]

313. *e oiça uma coisa //* [(228) A479 pi-casa e família]

#### 4.3.6.4.5. Uso de Expressões de Reforço Informativo

Ainda no quadro da focalização, há que referir o uso das Expressões de Reforço Informativo identificadas na secção 4.3.1.5., aqui também a fechar a fronteira direita do enunciado. Como já foi referido, estas expressões combinam funções interactivas/argumentativas, com valor apelativo, com funções topográficas. Através delas, o locutor-personagem, além de encerrar o enunciado, pode procurar um retorno positivo do seu interlocutor em relação ao que acabou de afirmar e, ao mesmo tempo, pretender reforçar o conteúdo proposicional do enunciado que realizou, refocalizando-o. Estas expressões podem ser dirigidas a uma outra personagem (exemplo 314) ou, mesmo, ao narratário (exemplo 315), confundindo-se com a voz do narrador. Em ambos

os casos, assumem, ainda, uma função MC Topográfico final, pois marcam o fim do enunciado. Observe-se, ainda, a análise do exemplo (56) na secção 4.3.1.5.

314. *para isso é que o senhor tem / um alvarazinho / para andar com o táxi / não é verdade ?* [(25) A475 pi-casa e família]

315. *a minha mãe está maluca / < com certeza // não é ?* [(21-22) C630 pi-casa e família]

#### 4.3.6.4.6. Uso de Expressões Avaliativas Interjectivas

Um outro conjunto de estratégias que se repete nos segmentos dialógicos, são as Expressões Avaliativas Interjectivas analisadas na secção 4.3.5.12. Estas podem surgir no início ou no fim do enunciado, ou, ainda, constituir um enunciado por si só, que corresponde a um único turno. São, como já foi referido, avaliações internas à narrativa, atribuídas a um sujeito preciso e que tomam a forma de fraseologias com um grau maior ou menor de fixidez. Geralmente correspondem à manifestação de um estado emotivo desencadeado pelos acontecimentos a que se referem e é possível reconhecer-se-lhes um valor interactivo, uma vez que orientam as emoções expressas para uma partilha com o interlocutor. No que se refere ao *Subcorpus* do DR, parece ser pertinente associar a este conjunto de Expressões algumas Locuções Interjectivas (exemplos 319, 320, 325) aí encontradas (ver Quadro 28).

## Quadro 28

### Expressões Avaliativas Interjectivas

	Posição inicial		Posição final
316.	<i>olhe /se você visse ...</i> [(153) A390 pi-casa e família]	321.	<i>que não queira saber //</i> [(159) A390 pi-casa e família]
317.	<i>quem me dera estarem casa /</i> [(54) C508 pi-profi]	322.	<i>com muito interesse //</i> [(44) A479 pi-casa e família]
318.	<i>que disparate de coisa //</i> [(100) C32 pi-profi]	323.	<i>mas não vinha nada a propósito //</i> [(103) A479 pi-casa e família]
319.	<i>ai meu Deus / esbarrou-se //</i> [(25) C22 pi-casa e família]	324.	<i>que disparate é este ?</i> [(58) C32 pi-profi]
320.	<i>ai Jesus / mas o que é que eu vou fazer ?</i> [(198) C866 pi-vida pessoal]	325.	<i>ai que coisa //</i> [(87) A479 pi-casa e família]

#### 4.3.6.4.7. Uso de Expressões de Modalização

A construção das personagens e o delinear dos conflitos e afectos entre elas conduz, obrigatoriamente, à inscrição da sua subjectividade no discurso que lhes é atribuído. Modalizadores e verbos de modalidade epistémica, deôntica, volitiva ou avaliativa são muito frequentes quer em posição inicial quer em posição final de enunciado. Nos 378 enunciados em DR analisados foram identificadas 79 ocorrências de verbos modais, 9 expressões de atitude proposicional e 9 modalizadores. Daqueles, há ainda que sublinhar a predominância de verbos de modalização deôntica no *subcorpus* de DR, seguidos pelo conjunto das expressões de modalização epistémica (verbos, modalizadores e expressões de atitude proposicional) e de modalização volitiva. Abaixo alguns exemplos de enunciados em DD e DInt que contêm expressões de modalização.

Quadro 29

Verbos e Adverbiais Modais

		Posição inicial		Posição final
<b>Epistémicos</b>	326.	<i>se calhar / esbarrou-se (...)</i> [(53) C22 pi-casa e família]	334.	<i>a minha mãe está maluca / com certeza //</i> [(21) C630 pi-casa e família]
	327.	<i>ai / com certeza / porque ele (...)</i> [(59) C22 pi-casa e família]	335.	<i>não se importa / é claro //</i> [(73) A326 psf-profi]
	328.	<i>e eu tenho a certeza / que eles fazem-me a vontade /</i> [(45) C627 pi-profi]		
<b>Deônticos</b>	329.	<i>olhe / não se esqueça de ...</i> [(108) C980 pi-casa e família]	336.	<i>e portanto tem que / (...)</i> [(37) A443pi-profi]
	330.	<i>olhe / tem que me responder //</i> [(35) A443 pi-profi]	337.	<i>prontos / está bem / podes fumar (...)</i> <i>//</i> [(95) C1379 pi-casa e família]
<b>Volitivos</b>	331.	<i>ah / eu quero falar aqui contigo / estou aqui toda a tarde //</i> [(210) C866 pi-vida pessoal]	338.	<i>então / tragam-me mesmo / e morto / e tudo / que eu quero punir //</i> [(100) A475 pi-casa e família]
<b>Avaliativos</b>	332.	<i>eu já disse / que não gosto de te ver a fumar //</i> [(41) C1379 pi-casa e família]		
	333.	<i>ai tenho muita pena / mas este casaco já está vendido /</i> [(121) C294 pi-casa e família]		

Por último, há que sublinhar um uso intensivo de verbos modais com enunciados em DI. Observando os dois ENs da interacção com o código A353 pi-casa e família, construídos em torno de um confronto de posições expresso em DR, nos 14 enunciados em DI, é possível identificar 10 verbos modais e um adverbial modalizador.

#### 4.3.6.4.8. Uso de Atenuadores e Formas de Cortesia

Na expressão de subjectividade a um nível relacional, há ainda que considerar todos os elementos que contribuem para a preservação da face dos interlocutores. Colocar em cena indivíduos é, também, expô-los socialmente. Formas mais ou menos

fixas de cortesia podem protegê-los do risco desta exposição. Observem-se os seguintes exemplos:

339. *e / não não // aqui é da irmã // mas olhe / eu estou de relações cortadas com o meu irmão / não quero absolutamente saber nada do que é que se passa com ele // não o vejo há anos // nem quero voltar a vê-lo // portanto **faz favor** não volta a ligar / para / para este número // **não se importa / é claro** //*

[(67-63) A326 psf-profi]

No exemplo acima, a personagem detentora da palavra atenua o acto de proibição que realiza, servindo-se para tal, de uma justificação e de rotinas de cortesia.

340. *ah então vou-me embora / **a senhora dona Alice / se faz favor** / faz contas que eu vou embora //*

[(44) A443 pi-profi]

Neste exemplo, a personagem, ao despedir-se das funções de costureira que exerce em casa da interlocutora, utiliza as formas de cortesia adequadas à situação em que se encontra (por contraste com o seu comportamento anterior, que havia conduzido a esta situação de ruptura).

#### 4.3.6.4.9. A Repetição

Na medida em que intensifica o valor do segmento discursivo (item lexical, sintagma, frase) que reproduz segundo o Princípio da Iconicidade<sup>34</sup> (Marcushi, 1996:113), a Repetição enfatiza o valor informacional ou ilocutório de elementos textuais considerados pelo Narrador como relevantes para o EN. Ao mesmo tempo, como acentua Tannen (2000 [1989]), a Repetição, com a sua relativa ‘automaticidade’ enquanto comportamento linguístico, permite o estabelecimento de padrões discursivos

---

<sup>34</sup> Segundo Marcushi (1996: 113) o Princípio da Iconicidade estabelece que a um maior volume de linguagem idêntica em posição idêntica corresponde um maior volume da informação.

na conversação que facilitam o seu fluxo quer ao nível da produção como da recepção. Por outro lado, a Repetição revela-se uma estratégia efectiva na co-construção dos sentidos de um enunciado pelos interlocutores, criando a ilusão de uma partilha de ideias, opiniões e conhecimentos. Nestes casos, também, menos (informação) é mais (comunhão). Por ser uma construção prototípica da oralidade, os narradores recorrem, sistematicamente, ao seu uso na construção da dramatização. Observe-se o seguinte exemplo:

341. A443 pi-profi

35	ALI:	<i>agarrei-lhe num braço e disse assim / olhe / <b>tem que me responder</b> // quando estiver cá em casa / <b>tem que me responder</b> //</i>
		%com: encenação do discurso directo. %par: tom acentuado na expressão: tem que me responder.
36		<i>porque <b>tem que me respeitar</b> / não só porque / sou uma pessoa mais velha //</i>
37		<i>como sou / enfim / &amp;ah: / vamos lá / como a Laurinda é minha empregada / e portanto <b>tem que</b> / <b>tem que me respeitar</b> //</i>
38	FER:	<i>mesmo que não fosse //</i>
39		<i>fosse como fosse tinha sempre &lt; que responder &gt; //</i>
40	*ALI:	<i>[&lt;] &lt; pois &gt; tem que / <b>tem que me responder</b> //</i>
41		<i>estando cá em casa / <b>tem que me responder</b> //</i>

Extracto da interacção A443 pi-profi

No clímax da Acção, a Narradora-Personagem dramatiza o conflito com uma empregada, através da repetição da proposição com valor modal de obrigatoriedade – *tem que me responder* – com que pretende impor a sua vontade. Essa repetição reforça o valor coactivo do acto de fala realizado. Repare-se, ainda, que à mesma repetição é acoplado mais material informativo – *quando estiver cá em casa* – que, como um adverbial delimitador, circunscreve o valor da obrigatoriedade, atenuando-o.

A segunda repetição, tendo por matriz – *tem que me respeitar* – joga, ainda, com a transição entre uma construção causal/explicativa e uma final.

Na realidade, em ambos os casos, não há um mero eco de informação e valor ilocutório, mas, pelo contexto sintáctico, são-lhe acrescentados novos sentidos que delimitam (no primeiro caso) ou reforçam os da matriz.

As duas últimas repetições (enunciados 40 e 41), têm uma função topográfica de fecho de segmento textual, parecendo ecoar a primeira matriz. No entanto, devem ser referidas individualmente a cada uma das realizações do enunciado (35), uma vez que a segunda inclui a informação acrescentada à matriz na sua primeira repetição. Desta forma, a locutora sublinha a importância dessa modalização para a leitura do EN, salvaguardando a sua imagem profissional.

Nas Repetições deste segmento dramatizado há ainda que incluir o paralelismo sintáctico realizado pelo sintagma verbal modal de obrigatoriedade <ter que> seguido pelo pronome dativo. Pelo princípio da iconicidade, esta Repetição corresponde a uma intensificação do acto de fala coactivo realizado e, indirectamente, do poder da sua enunciadora para o realizar.

Por último, e em relação ao aspecto interaccional da Repetição, mais precisamente à forma como aproxima os interlocutores, criando um sentimento de comunhão de ideias, conhecimentos ou opiniões, repare-se como a narratária, ao avaliar o episódio dramatizado, parafraseia a primeira matriz. Através desta paráfrase demonstra, não só, que compreendeu o motivo da ira da interlocutora, como que partilha a sua postura ofendida.

#### **4.3.6.5. Considerações Finais sobre a Encenação**

Na totalidade do *corpus* de trabalho, a encenação de acções e acontecimentos é nuclear à construção de quase todos os ENs. Para a sua realização o narrador recorre a dois tipos de estratégias que, normalmente, usa em conjunto: a ‘presentificação’ do ocorrido, através da adopção da perspectiva de uma das personagens, e a ‘dramatização’ dos confrontos entre personagens através da sua recriação dialógica.

Para a primeira, vai servir-se do uso do Presente em momentos-chave do EN, associando-o a um elevado grau de detalhe na representação dos acontecimentos em causa. Para a segunda, serve-se, sobretudo, de realizações em discurso directo e discurso interior, prosódica e entonacionalmente marcadas, adscritas a personagens para as quais adopta uma ‘voz’ específica. Essas realizações, enquanto turnos conversacionais, são, ainda, balizadas pelas mesmas estratégias comunicativas de que se serve na conversação real. Mas também ao nível da sua intencionalidade narrativa, é possível identificar as mesmas estratégias avaliativas e expressivas que foram utilizadas para a totalidade do EN.

## **5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES**

## **5. Discussão dos Resultados e Conclusões**

### **5.1. Discussão dos Resultados em Função das Hipóteses Iniciais**

A análise dos dados efectuada nos últimos três capítulos teve por objectivo, em primeiro lugar, consolidar a proposta de um modelo de leitura bidimensional de ENs, que permita considerar quer a sua dimensão Textual/Sequencial quer a Discursivo-pragmática [capítulo 2, secção 2.2.]. A este modelo, construído em Morais (2002a), associou-se, ainda, uma terceira dimensão de cariz Semântico-cognitivo [capítulo 2, secção 2.1.3.].

Em segundo lugar, pretendeu-se demonstrar que na construção do sentido das narrativas produzidas durante uma conversação tem que se tomar em linha de conta o Quadro Tópico em que surgem, o que implica um processo interpretativo que ultrapassa as fronteiras do próprio EN [capítulo 3, secção 3.1.].

Em terceiro lugar, pretendeu-se confirmar a existência de um Contrato Comunicacional Narrativo entre interlocutores que sustentasse, a um nível pragmático, a maior ou menor fixidez das Actividades Preparatórias de EN, permitindo abordá-las como Rotinas Conversacionais [capítulo 3, secção 3.2.1.]. O mesmo processo mostrou-se extensível às Actividades de Encerramento do EN [capítulo 3, secção 3.2.3.4.].

Em quarto lugar, procurou-se identificar e descrever, a um nível macro e microproposicional, toda uma série de estratégias avaliativas utilizadas no EN que permitem envolver os interlocutores na construção dos seus sentidos e assegurar, na medida do possível, uma leitura conforme à intenção da sua produção num contexto comunicacional determinado [capítulo 4].

Creemos ter, assim, demonstrado que a análise dos ENs produzidos em situação de interacção oral tem que ser executada não só a partir do esquema sequencial que estrutura a narrativa, mas também a partir das pistas de leitura inseridas no próprio texto, pistas essas que apontam para a intencionalidade da sua produção e, em última instância, para o contexto da sua realização. Ao focalizar a atenção nas Narrativas de Experiência Pessoal (mesmo aquelas de terceiros que, por algum motivo, adquirem relevância para o sujeito que as narra) é necessário encará-las como versões contextualmente criadas de memórias, com uma função comunicativa directamente

relacionada com a situação de enunciação em que são produzidas e com a unidade discursiva de que fazem parte. Confirmou-se, desta forma, a primeira hipótese de trabalho colocada e que vinculava a leitura do EN à cadeia isotópica que organiza o fluxo conversacional.

Verificou-se, também, que a introdução de um EN na conversação é sentida, por ambas as partes, como uma alteração do contrato comunicacional vigente e dos papéis que dele decorrem para as partes envolvidas. Deste facto resulta a necessidade de uma negociação, mais ou menos explícita, de um novo contrato que distribui assimetricamente espaço e tempo de enunciação e instaura novos papéis comunicacionais durante o período da duração do EN. O protocolo que lhe subjaz foi estabelecido no quadro de interacções em que o futuro narrador, por alguma razão, sentiu a necessidade de obter, da parte do(s) interlocutor(es), um acordo explícito para a realização do EN. No entanto, dadas as características do *corpus* recolhido, favoráveis à realização de turnos mais longos, na grande maioria dos casos esse acordo está implícito, bastando um mero Anúncio da vontade de realizar um EN para se poder passar para a sua execução. De qualquer forma, indícios do protocolo deste contrato encontram-se nas macroproposições de fronteira – Ataque e Coda –, mais especificamente naquelas Actividades Preparatórias e de Encerramento do EN que, pela sua fixidez, adquirem um estatuto de rotinas conversacionais. Foi possível, no *corpus* de trabalho, identificar, descrever e atestar a recorrência dessas Actividades Comunicativas. Confirmam-se, desta forma, a segunda e terceira hipóteses do presente estudo, que não só previam a existência de um Contrato Comunicacional Narrativo e do respectivo protocolo, como apontavam para as Actividades Preparatórias e de Encerramento do EN como indícios do mesmo.

Quanto à Dimensão Configuracional da narrativa conversacional, isto é, aos aspectos avaliativos que ‘cimentam’ as pistas de leitura do texto e que constroem uma versão coerente dos acontecimentos narrados sob a égide da intenção que o motiva, foi possível verificar que o narrador recorre a diferentes formas de identificação das vozes e perspectivas que se confrontam no espaço diegético, de forma a estabelecer ‘a’ ou ‘as’ fontes responsáveis pelas crenças, pensamentos, valores e atitudes veiculadas pelos

enunciados com que monta a Intriga. Para tal serve-se de Verbos Declarativos ou usados com essa função, de Verbos de Percepção e Movimento e de Verbos e Perífrases Modais. Através de todos eles, o narratário é levado a acompanhar e, muitas vezes, a adoptar, a perspectiva do sujeito (narrador, narrador-personagem, personagem) a quem é atribuída a responsabilidade do acto comunicativo assim destacado. Foi ainda possível relacionar o uso destas formas com a realização verbal do pronome sujeito, especialmente no caso da autorreferência, bem como testemunhar a sua particular incidência nas macroproposições com cariz intrinsecamente avaliativo. Pelos resultados obtidos no capítulo 4, secção 4.2., é possível confirmar a quarta hipótese do presente trabalho.

Uma outra forma de dirigir a atenção do interlocutor para conteúdos informacionais específicos, agora a um nível local, passa pelo recurso a Estratégias de Focalização e Desfocalização (Kallmeyer, 1978). Através delas, torna-se possível destacar, refocalizar ou apagar elementos da Narrativa, de acordo com a importância que lhes é conferida na sua construção. No capítulo 4 elencou-se um conjunto de instrumentos semânticos e sintácticos de relevo, recorrentes no *Subcorpus* de Modalização, que se passa a sumarizar:

Assim, no âmbito das Estratégias de Focalização Semântica foi possível recolher e descrever exemplos de Marcadores Conversacionais Topográficos com Valor Focalizador, Adverbiais Focalizadores, Articuladores Textuais e Estruturas de Encapsulamento, Expressões de Modalização Afectiva Interpessoal e Expressões de Reforço Informativo.

Em relação às Estratégias de Focalização Sintáctica, foram identificadas várias construções de Tematização e de Focalização. Através das primeiras, o locutor destaca, dando-lhe proeminência, um elemento informacional que pretende desenvolver em termos de novidade, destaque ou contraste e que tem fortes probabilidades de se tornar um tópico conversacional. Através das segundas, torna-se possível marcar o elemento focal do enunciado que corresponde, muitas das vezes, ao seu rema. Neste conjunto de estratégias de focalização destacam-se, pela sua recorrência, as construções – ‘é que’ –, – ‘que’ expletivo – e – <ser> como verbo de relevo.

Por último, no que se refere às Estratégias de Desfocalização, há que destacar o recurso a Palavras e Expressões Vagas, para as quais se procurou fazer uma proposta de categorização funcional que desse conta do seu papel na construção da sequência narrativa, bem como na orientação da atenção do interlocutor, através do apagamento de informações que o poderiam distrair, dispersar ou mesmo conduzir numa linha não pretendida de interpretação. Confirma-se, desta forma, a quinta hipótese da presente investigação.

Quer em relação ao uso de Linguagem Vaga que, implicitamente, obriga a uma maior colaboração do interlocutor na co-construção do sentido do texto (Channel, 1994) quer em relação ao uso de estratégias com que, explicitamente, se interpela o interlocutor com o intuito de obter a sua atenção, interesse e ratificação da actividade verbal em curso, estamos perante formas de Envolvimento (Tannen, 2000 [1989]) do interlocutor, passíveis de uma identificação e caracterização enquanto estratégias avaliativas de cariz interaccional. Estas estratégias jogam, evidentemente, um papel cognitivo fundamental na recepção do EN, na medida em que preparam e condicionam a sua interpretação. Os resultados da análise destas estratégias confirmam a sexta hipótese levantada.

Mas nos ENs analisados ocorrem outras formas de promoção da Co-construção do Sentido pretendido. Na presente investigação destacaram-se dois conjuntos altamente produtivos: aquele que diz respeito às Formas Explícitas de Avaliação através de Estratégias de Modificação, que inclui formas de afixação, adjectivação, intensificação e modalização adverbial, e aquele que reúne Expressões e Nominalizações Avaliativas e inclui formas marcadas de lexemas cuja leitura depende da sua posição na cadeia de referenciação em que surgem, bem como toda uma série de fraseologias avaliativas que são utilizadas na construção da acção e em avaliações externas. Os resultados referentes à identificação, descrição e estabelecimento das funções discursivo-pragmáticas de todas as estratégias referidas permitem a confirmação da sétima e da oitava hipótese do presente trabalho.

A nona hipótese levantada concentrava-se na Encenação dos Acontecimentos enquanto estratégia privilegiada de construção da Intriga e na possibilidade de identificar e caracterizar as formas usualmente utilizadas pelos narradores na sua construção. A análise do *subcorpus* do Discurso Relatado, permitiu sublinhar a centralidade da Encenação na construção de ENs conversacionais, e estabelecer duas formas de construção da mesma, que podem ser activadas em conjunto:

Por um lado, temos a Presentificação dos Acontecimentos realizada através da instauração de um novo centro deíctico que corresponde ao ‘espaço cénico’ e ao ‘acto’ (enquanto momento da Acção) em que se desenrolam os acontecimentos ‘representados’. Esta ‘Presentificação’ associa uma desaceleração da acção à atomização dos acontecimentos focalizados e pode recorrer quer ao uso do presente narrativo, em alternância com outras formas verbais típicas da narrativa, quer a verbos de percepção e movimento que conduzem o interlocutor à adopção da perspectiva do seu sujeito.

Por outro lado, surge a Dramatização realizada através de segmentos dialogados que dão voz às diferentes partes do conflito que motivou a narrativização dos acontecimentos. A par da vinculação destes confrontos verbais a espaços-chave da Acção e da Avaliação, há ainda que realçar a forma como os enunciados em Discurso Directo copiam e utilizam eficientemente instrumentos linguísticos que são prototípicos da oralidade.

Usadas em simultâneo ou isoladas, ambas as formas de ‘*mise en scène*’ conduzem ao mesmo objectivo final: tornar presentes e verosímeis acontecimentos passados através da sua re-(a)presentação, e convidar o interlocutor a partilhar essas mesmas experiências através de uma forma altamente envolvente de adesão como a do testemunho.

## 5.2. Conclusões e Considerações Finais

Apesar de havermos confirmado as hipóteses iniciais que, em parte, foram um legado da anterior investigação sobre o mesmo objecto de estudo, todas elas, de uma forma ou de outra, deixaram em aberto, ou permitiram vislumbrar, possíveis desenvolvimentos da fértil matéria que compõe as nossas narrativas do quotidiano.

Parece, assim, ter chegado o momento de, após a súpula dos objectivos alcançados, referir as potencialidades de todo um trabalho que ficou, pelos mais diversos motivos, por realizar ou protelado para uma futura oportunidade.

Em primeiro lugar, e porque nos parece ser o mais evidente, há toda uma quantificação estatística dos dados recolhidos e trabalhados que ficou por fazer. Não por falta de tentativas que, ao longo do percurso da presente investigação, foram, em parte, concretizadas nos diversos estudos parciais desenvolvidos nos últimos sete anos. Mas quando confrontados com a complexidade do tratamento de uma crescente massa de dados, rapidamente atingimos os limites dos nossos conhecimentos em estatística aplicada às ciências humanas. Pela quantidade e complexidade de variantes a ter em consideração no trabalho sobre os dados recolhidos, os instrumentos que dominamos revelaram-se incapazes de abarcar e representar a riqueza e pertinência dos fenómenos estudados sem produzir evidentes distorções da sua realidade, como se procurou, por exemplo, demonstrar ao tratar da questão das funções dos ENs na conversação no capítulo 2, secção 2.3.4. Este é um trabalho ambicioso e, cremos, importante, que ficou por realizar e a que gostaríamos de voltar escudados com um outro tipo de ferramentas e, na melhor das hipóteses, com um apoio interdisciplinar.

Em segundo lugar, pela variedade de caminhos que percorremos, temos, em relação a alguns deles, a sensação de apenas ter iniciado a viagem, ainda inseguros quanto ao piso e aos mapas que nos permitiram chegar a um lugar de onde vislumbramos, ou queremos vislumbrar, mais aventuras que levem à construção de um melhor conhecimento de áreas ainda não tão desbravadas no Português Europeu. Os usos de Linguagem Vaga são, disso, um bom exemplo.

Por último, mas não menos importante, este trabalho é o Resultado de uma Narrativa de Experiência Pessoal cuja História, para merecer ser contada, foi feita em torno de rupturas do Plano Inicial (institucional e privado) e da procura contínua de

soluções para os problemas que daí decorreram. Temos consciência que, nem sempre, essas soluções foram as mais felizes (para usar um conceito pragmático) ou suficientemente complexas para abarcar todas as facetas dos desafios enfrentados. Mas, como tivemos a oportunidade de aprender ao longo do moroso trabalho de investigação realizado, a capacidade de narrativizar os problemas é, já por si, uma forma de os submeter a um esquema explicativo que, em última análise, será sempre um bom ponto de partida para encontrar novas e melhores soluções.

Lisboa, 08.05.2010.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 6. Referências Bibliográficas

### Siglas e Abreviaturas utilizadas:

A.P.L.	Associação Portuguesa de Linguística
C.L.U.L.	Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
C.U.P.	Cambridge University Press
F.C.T.	Fundação para a Ciência e Tecnologia
F.C.S.H.	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
F.L.U.L.	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
I.N.I.C.	Instituto Nacional de Investigação Científica
O.U.P.	Oxford University Press
P.U.F.	Presses Universitaires de France
R.I.L.P.	Revista Internacional de Língua Portuguesa
T.F.M.	Teo Ferrer de Mesquita (editora)

ABAURRE M. B. & A. RODRIGUES (org.)

2002 *Gramática do Português Falado. Estudos Descritivos. Vol. VIII*  
Campinas: Unicamp.

ADAM, J.-M.

1985 *Le Texte Narratif*. Paris: Ed. Nathan Université.

1990 *Éléments de Linguistique Textuelle. Théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège: Mardaga.

1991 [1984] *Le Récit*. Paris: PUF.

2005 *La Linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle du discours*. Paris: Armand Colin.

ADAM, J.-M. & F. REVAZ

1997 [1996] *A Análise da Narrativa*. Lisboa: Gradiva.

ALMEIDA, C.

1998 “O acto ilocutório de oferta em português”. In: J. Fonseca (org.), *A Organização e o Funcionamento dos Discursos*. Tomo III. Porto: Porto Editora, 157-221.

2003 “Algumas questões teórico-metodológicas levantadas pela análise de um corpus de interacções verbais na rádio”. In: Mendes, A. & T. Freitas (org.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 37-45.

2005 *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Aberta.

- 2008 “O envolvimento conversacional no momento de desenvolvimento de interações verbais na rádio: sequências de actos ilocutórios e estratégias de alinhamento em programas de rádio específicos”. In: S. Frota & A. Santos (org.), *Actas do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 7-21.
- AUER, P.  
1999 *Sprachliche In:teraction. Eine Einführung anhand von 22 Klassikern*. Tübingen: Niemeyer.
- AUSTIN, J.  
1962 “Speech Acts”. In: Allen, J. & S. Corder (ed.), *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*. Vol. I. London: O.U.P., 37-52.
- BAL, M.  
2001 *Teoría de la Narrativa (una introducción a la narratología)*. Madrid: Cátedra.
- BANGE, P.  
1986 “Fiktion im Gespräch”. In: Kallmeyer, W. (ed.), *Handlungsmuster, Textsorten, Situationstypen*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 117-153.
- BASTIAN, S.  
2002 “J’allais dire - Ich sag’mal: Formen und Funktionen metakommunikativer kommentierungen in mündlicher Argumentation”. In: Bastian, S. & F. Hammer (ed.), *Aber wie sagt man doch so schön... Beiträge zu Metakommunikation und Reformulierung in argumentative Texte*. Frankfurt am Main: Lang, 49-61.
- BASTOS, L.  
2008 “Estórias, vida cotidiana e identidade – uma introdução ao estudo da narrativa”. In: Caldas-Coulthard, R. & L. Scliar-Cabral, L. (org.) *Desvendando Discursos: Conceitos Básicos*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 79-112
- BATORÉO, H.  
2000 [1996] *Expressão do Espaço no Português Europeu*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / F.C.T.  
2002 “Metáfora Conceptual ‘A linguagem é o poder’: a sua manifestação no discurso literário para crianças”. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. Vol. 6. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 163-174.

- 2003 “Dar um cheirinho no travão ou morfologia na mira cognitiva”. In: Mendes, A. & T. Freitas (org.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 559-567.
- 2005 “Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms?”. In: Bokus, B. (ed.), *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*. Warszawa: Matrix, 329-346.
- 2006 “Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não nativos do Português Europeu”. In: *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: A.P.L., 219-230.
- 2007 “Enquadramento Cognitivo para a Estrutura Narrativa: uma Proposta de Olhar para a Narrativa a partir da Perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy”. In: *Veredas* (Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora), Juiz de Fora, Brasil: Editora da UFRJ, V. 10, nº 01 e 02 – Jan/Dez, 21-32.

BEAUGRANDE R. & DRESSLER W.

- 1981 *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer.

BECHARA, E.

- 2002 [1999] *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

BERGMANN, J. R.

- 1981 “Ethnomethodologische Konversationsanalyse”. In: Schröder, P. & H. Steger (ed.), *Dialogforschung*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 9-52.

BLANCHE-BENVENISTE, C.

- 1996 “Corpus et Etudes sur les Langues Parlées”. In: Nascimento F. & M. C. Rodrigues, J. B. Gonçalves (org.), *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Volume I. Lisboa: A.P.L. / Colibri, 27-38.

BLANCHE-BENVENISTE, C. *et alii*

- 1984 *Le Français Parlé : Études Grammaticales*. Paris: Éditions du Centre National de La Recherche Scientifique.

BLÜHDORN, H. & J. SCHMIDT-RADEFELDT

- 2003 *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt am Main: Lang.

BORBA, F.

- 1990 *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP.

BOTELLA, L.

- 2001 “Diálogo, Relações e Mudança: uma Aproximação Discursiva à Psicoterapia Construtivista”. In: Gonçalves, M. & O. Gonçalves (coord.) *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto, 91-124.

BOURDIEU, P.

- 1982 *Ce que parler veut dire dans l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard.

BRANDÃO, H.

- 1994 “Coesão e Coerência Textuais” (texto policopiado)  
1995 *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora Unicamp.  
1997 *Subjectividade, Argumentação, Polifonia*. São Paulo: Editora UNESP.  
2000a *Gêneros de Discurso na Escola*. São Paulo: Cortez Editora.  
2000b “Discurso e Estratégias de Persuasão”. In: Gärtner, E. *et alii* (ed.), *Estudos de Lingüística Textual do Português*. Frankfurt am Main: T.F.M., 201-216.

BRAUER-FIGUEIREDO, F.

- 1993 “Zweisprachigkeit und Mundlichkeit. Einige Merkmale des gesprochenen Portugiesisch im phonologischen und im textuell-pragmatischen Bereich”. In: Schönberger, A. & M. Scotti-Rossin, (ed.), *Einzelfragen der portugiesischen Sprachwissenschaft*. Frankfurt am Main: T.F.M., 101-145.  
1996a “O português falado. Descrição sistemática dos seus aspectos”. In: Nascimento F. & M. C. Rodrigues, J.B. Gonçalves (org.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Lisboa: A.P.L., 323-347.  
1996b “Zu einigen Aspekten des Gesprochenen Portugiesisch”. In: Endruschat A. & E. Gärtner (ed.), *Untersuchungen zur portugiesischen Sprache*. Frankfurt am Main: T.F.M., 123-150.  
1999 *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt am Main: T.F.M.

BRINKER, K.

- 2000 “Textstrukturanalyse”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 164-172.  
2001 [1985] *Linguistische Textanalyse. Eine Einführung in Grundbegriffe und Methoden*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.

BRES, J.

- 1994 *La Narrativité*. Louvain-la-Neuve: Éditions Duculot.

- BRINKER, K. (ed.)  
 1991 *Aspekte der Textlinguistik. Germanistische Linguistik.* Hildesheim: Georg Olms Verlag.
- BROWN P. & S. LEVINSON  
 1978 *Politeness: some Universals in Language.* Cambridge: C.U.P.
- BROWN, G. & G. YULE  
 1983 *Discourse Analysis.* Cambridge: C.U.P.  
 1987 [1983] *Teaching the Spoken Language.* Cambridge: C.U.P.
- BRUNER, J.  
 2000 [1996] “A construção narrativa da realidade”. In: *Cultura e Educação.* Lisboa: Edições 70, 173-196.  
 2002 [1990] *Actos de Significado. Para uma psicologia cultural.* Lisboa: Edições 70.
- BRUNNER, J, & WEISSER, S.  
 1995 [1991] “A invenção do ser: a autobiografia e as suas formas”. In: Olson, D. & Torrance, N. (org.) *Cultura escrita e oralidade.* São Paulo: Ática, 141-161.
- CAMPOS, M. H. & M. F. XAVIER  
 1991 *Sintaxe e Semântica do Português.* Lisboa: Universidade Aberta.
- CALLOU, D. *et alii*  
 1991 “Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: As Abordagens.* Vol. III. Campinas: Unicamp, 315-362.
- CARTER, R. & M. McCARTHY  
 1994 *Language as Discourse. Perspectives for Language Teaching.* New York: Longman.  
 1997 *Exploring Spoken English.* Cambridge: C.U.P.  
 2004 “Talking, Creating: Interactional Language, Creativity, and Context”. In: *Applied Linguistics.* Vol. 25-1. O.U.P., 62-88.
- CASTELEIRO, J.  
 1975 “Aspectos da Sintaxe do Português Falado no Interior do País”. In: *Boletim de Filologia.* XXIV, 57-74.  
 1976 “Sintaxe e semântica das construções enfáticas com é que”. In: *Actas do 1.º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português.* Lisboa, 549-594.

- CASTELEIRO, J. & A. MEIRA & J. PASCOAL  
 1988 *Nível Limiar*, Strasbourg, Lisboa: Edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa com autorização do Conselho da Europa.
- CASTILHO, A.  
 1989 “Para o Estudo das Unidades Discursivas no Português Falado”. In: Castilho, A. (ed.), *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 249-279.  
 2002 [1998] *A Língua Falada no Ensino do Português*. São Paulo: Editora Contexto.
- CASTILHO, A. (org.)  
 1996 *Gramática do Português Falado: A Ordem*. Vol. I. Campinas: Unicamp.  
 2002 *Gramática do Português Falado: As Abordagens*. Vol. III. Campinas: Unicamp.
- CASTILHO, A. & M. BASÍLIO (org.)  
 2002 *Gramática do Português Falado: Estudos Descritivos*. Vol. IV. Campinas: Unicamp.
- CASTILHO, A. & C. CASTILHO  
 2002 “Advérbios modalizadores”. In: R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp, 199-248.
- CASTRO, V. S.  
 1980 *Os Tempos Verbais na Narrativa Oral*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas.
- E-Dicionário de Termos Literários*.  
 2005 Ceia, C. (coord.), < <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/> >. Consultado a 09 de Fevereiro de 2010.
- CELCE-MURCIA, M. & S. HILLES  
 1998 *Techniques and Resources in Teaching Grammar*. Oxford: O.U.P.
- Certificado de Português  
 1999 Frankfurt am Main: Weiterbildungs-Testsysteme GmbH.
- CHANNELL, J.  
 1994 *Vague Language*. Oxford: O.U.P.
- CHARAUDEAU, P.  
 1983 *Langage et Discours: Éléments de Sémiolinguistique*. Paris: Hachette.

- 1989 “La conversation entre le situationnel et le linguistique”. In: *Connexions* 53. Paris: Éditions Érès, 9-22.
- 1992 *Grammaire du Sens et de l’Expression*. Paris: Hachette.
- CHAROLLES, M.
- 1997 “L’encadrement du discours. Univers, Champs, Domaines et Espaces”. In: *Cahier de Recherche Linguistique* 6. Université Nancy 2, 1-73.
- COIRIER, P. & D. GAONAC’H & J.-M. PASSERAULT
- 1996 *Psycholinguistique textuelle. Approche cognitive de la compréhension et de la production des textes*. Paris: Armand Colin.
- CORREIA, M. & L. LEMOS
- 2005 *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Edições Colibri / Associação dos Professores de Português.
- COSTA, J.
- 2008 *O Advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Edições Colibri.
- COSTA, A. & J. COSTA
- 2001 *O que é um advérbio?* Lisboa: Edições Colibri / Associação de Professores de Português.
- COULMAS, F. (ed.)
- 1981 *Conversational Routine*. The Hague: Moutin Publishers.
- COULTHARD, M.
- 1985 [1977] *An introduction to Discourse Analysis*. New York: Longman.
- COURTÉS, J.
- 1979 *A Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva*. Coimbra: Almedina.
- COUTINHO, M. A.
- 2003 *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / F.C.T.
- 2004 “Schématisation (discursive) et disposition (textuelle)”. In: Adam, J.-M. et alii (ed.), *Texte et Discours: catégories pour l’analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 29-42.
- 2008 “Marcadores Discursivos e tipos de Discurso”. In: *Estudos Linguísticos*. N.º 2, Dezembro 2008. Lisboa: C.L.U.N.L. / Edições Colibri, 193-210.
- CRYSTAL, D.
- 1993 [1987] *Die Cambridge Enzyklopädie der Sprache*. Frankfurt am Main: Zweitausendeins.

- CUESTA, P. & M. A. LUZ  
1988 *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- CUNHA, C. & L. CINTRA  
1987 [1984] *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- DAMÁSIO, A.  
1999 *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- DELBECQUE, N. (ed.)  
2002 *Linguistique Cognitive. Comprendre comment fonctionne le langage*. Paris: Duculot.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*.  
2001 Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo.
- DUARTE, I.  
1994 “A Topicalização em Português: Uma Análise Comparativa”. In: *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Volume I. Lisboa: F.L.U.L., 327-340.  
2000 *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- DUARTE, I. M.  
2003 *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa. Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / F.C.T.
- DUCROT, O. & T. TODOROV  
1982 *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ECO, U.  
1993 [1979] *Leitura do texto literário. Lector in fabula*. Lisboa: Editorial Presença.  
2001 [1984] *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- EHLICH, K.  
1983 “Altägliches Erzählen”. In: Sanders, W. & K. Wegenast (ed.), *Erzählen für Kinder- Erzählen von Gott*. Stuttgart: Kohlhammer, 128-150.  
1984 “Handlungsstruktur und Erzählstruktur zu einigen Kennzeichen des Weiterentwickelns von Erzählanfängen”. In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Narr, 126-175.

- 1991 “Funktional-pragmatische Kommunikationsanalyse. Ziele und Verfahren”. In: Flader, D. (ed.), *Verbale Interaktion. Studien zur Empirie und Methodologie der Pragmatik*, Stuttgart: Metzler.
- EHLICH, K. (ed.)  
1980 *Erzählen im Alltag*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- EHLICH, K. & J. REHBEIN  
1979 “Sprachliche Handlungsmuster”. In: Söffner, H.-G. (ed.), *Interpretative Verfahren in den Sozial-und Textwissenschaften*. Stuttgart: Metzler, 243-274.
- EHLICH, K. & K. WAGNER  
1989 *Erzähl-Erwerb*. Bern: Peter Lang.
- Enciclopédia Einaudi  
1984 *Linguagem – Enunciação*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- EROMS, H.-W.  
1991 “Die funktionale Satzperspektive bei der Textanalyse”. In: Brinker, K. (ed.), *Aspekte der Textlinguistik. Germanistische Linguistik*. Hildesheim: Georg Olms Verlag.
- EVERAERT-DESMEDT, N.  
1984 [1981] *Semiótica da Narrativa*. Coimbra: Almedina.
- FARIA, I.  
1991 [1983] *Para a Análise da Variação Sócio-Semântica: Estrato Socioprofissional, Sexo e Local de Produção enquanto Factores Reguladores, em Português Contemporâneo, das Formas de Auto-Referência e de Orientação para o Significado*. Dissertação de Doutoramento, F.L.U.L., Lisboa: I.N.I.C.  
1996 “Linguagem verbal: aspectos biológicos e cognitivos”. In: Faria, I. *et alii*, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 35-57.
- FARIA, I. & E. PEDRO & I. DUARTE & C. GOUVEIA (org.)  
1996 *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- FÁVERO, L.  
1991 *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Editora Ática.

- FÁVERO, L. *et alii*  
 1996 “Estratégias de Construção do Texto Falado: a Correção”. In: M. Kato (org.), *Gramática do Português Falado: Convergências*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 359-366.
- FIGGE, U.  
 2000 “Die kognitive Wende in der Textlinguistik”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 96-105.
- FIGUEIREDO, C.  
 1996 *Grande Dicionário Electrónico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand.
- FILLMORE, C.  
 1977 “Scenes-and-frames semantics”. In: Zampolli, A. (ed.), *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North-Holland, 55-81.
- FLUDERNIK, M.  
 1993 *The Fictions of Language and the Language of Fiction*. London: Routledge.
- FONSECA, F. I.  
 1992 [1989] *Deixis, Tempo e Narração*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Fundação Eng. António Almeida.  
 1994 *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.  
 1996 “Deixis e Pragmática Linguística”. In: Faria, I. *et alii* (org.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 437-448.
- FONSECA, J.  
 1992 *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa: ICALP.  
 1993 *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora.  
 1994 *Pragmática Linguística: Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- FOWLER, R.  
 1994 [1986] *Crítica Linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FRANCO, A.  
 1988 “Partículas modais da língua portuguesa. Relances contrastivos com as partículas alemãs”. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e literaturas*. II Série. Vol. V. Tomo 1, 137-156.

- 1989 “Modalpartikeln im Portugiesischen – kontrastive Syntax, Semantik und Pragmatik der portugiesischen Modalpartikeln”. In: Weydt, H. (ed.), *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: de Gruyter, 240-255.
- 1990 “Partículas modais do português”. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*. II Série. Vol. VII, 175-196.
- 1991 *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Coimbra Editora.
- 1997 “Estruturas frásicas abreviadas em português e alemão. Alguns aspectos da linguagem espontânea falada”. In: Lüdke, M. & J. Schmidt-Radefelt (ed.), *Kontrastive Linguistik: Deutsch versus Portugiesisch – Spanisch – Französisch*. Acta Romanica. Band 9. Tübingen: Günter Narr Verlag, 55-77.

FRANCO, A. & M. J. HERHUTH

- 1996 *Esboço de uma Gramática Prática do Português*. Frankfurt am Main: International Certificate Conference.

FRITZ, G. & F. HUNDSNURSCHER (ed.)

- 1994 *Handbuch der Dialoganalyse*. Tübingen: Niemeyer.

FROMKIN, V. & R. RODMAN

- 1993 [1974] *Introdução à Linguagem*. Almedina: Coimbra.

GALLISSON, R. & D. COSTE (org.)

- 1983 *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Almedina.

GÄRTNER, E.

- 1998 *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

GENETTE, G.

- s.d. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Vega.

GEORGAKOPOULOU, A.

- 1997 *Narrative Performances. A study of Modern Greek storytelling*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

GEORGAKOPOULOU, A. & D. GOUTSOS

- 2000 “Revisiting discourse boundaries: The narrative and non-narrative modes”. In: *Text*. Vol. 20-1. Berlin: de Gruyter, 63-82.

GOFMANN, E.

- 1974 *Frame Analysis*. New York: Harper and Row.

- 1993 [1959] *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- GONÇALVES, M.  
2002 *A Interjeição em Português. Contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / F.C.T.
- GOUVEIA, C.  
1996 "Pragmática". In: Faria, I. *et alii* (org.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 383-420.
- GRICE, P.  
1991 [1989] *Studies in the Way of Words*. London: Harvard University Press.
- GRIMES, J.  
1977 "Narrative Studies in Oral Texts". In: Dressler, W. (ed.), *Current Trends in Text Linguistics*. New York: De Gruyter, 123-132.
- GÜLICH, E. & H. HAUSENDORF  
2000 "Vertextungsmuster Narration". In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 369-385.
- GÜLICH, E. & U. QUASTHOFF  
1985 "Narrative Analysis". In: Van Dijk, T. (ed.), *Handbook of Discourse Analysis*. Vol. II. London: Academic Press, 169-197.
- HAGÈGE, C.  
1990 [1985] *O Homem Dialogal*. Lisboa: Edições 70.
- HATCH, E.  
2000 [1992] *Discourse and Language Education*. Cambridge: C.U.P.
- HAUSENDORF, H. & U. QUASTHOFF  
1989 "Ein Modell zur Beschreibung von Erzählerwerb bei Kindern". In: Ehlich, K. & K. Wagner (ed.), *Erzähl-Erwerb*. Bern: Lang, 89-112.
- HEINEMANN, W.  
2000a "Textsorte – Textmuster - Texttyp". In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 507-523.  
2000b "Aspekte der Textsortendifferenzierung". In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 523-546.

HENNE, H. & H. REHBOCK

2001 [1978] *Einführung in die Gesprächsanalyse*. Berlin: Walter de Gruyter.

HERMANS, H.

2001 “A pessoa como narrador motivado de histórias: teoria da valoração e o método da auto-confrontação”. In: Gonçalves, M. & O. Gonçalves (coord.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto, 157-206.

HILGERT, J. G.

1996 “As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes”. In: Koch, I. V. (org.), *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 131-148.

2002 “Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: As Abordagens*. Vol. III. Campinas: Unicamp, 99-115.

HOFFMANN, L.

1984 “Berichten und Erzählen”. In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 55-66.

1991 “Von Ereignis zum Fall. Sprachliche Muster zur Darstellung und Überprüfung von Sachverhalten”. In: Schönert, J. (ed.), *Erzählte Kriminalität*. Tübingen: Niemeyer, 87-114.

2000a “Anapher im Text”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 295-305.

2000b “Thema, Themenentfaltung, Makrostruktur”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 344-356.

HOPPE-GRAFF, S.

1984 “Verstehen als kognitiver Prozess. Psychologische Ansätze und Beiträge zum Textverstehen”. In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*. Jahrgang 14/1984, 10-37.

HYMES, D.

1996 *Ethnography, Linguistics, Narrative Inequality. Toward an Understanding of Voice*. London: Taylor & Francis.

ILARI, R.

2002a “Sobre os Advérbios Aspectuais”. In: R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp, 139-180.

2002b “Sobre os Advérbios Focalizadores”. In: R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp, 181-190.

ILARI, R. *et alii*

1996 “Considerações sobre a posição dos Advérbios”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: A Ordem*. Vol. I. Campinas: Unicamp, 63-142.

ILARI, R. (org.)

2002 *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp.

JEANNEROD, M.

2005 *Le Cerveau Intime*. Paris: Odille Jacob.

JEFFERSON, G.

1978 “Sequential Aspects of Storytelling in Conversation”. In: Schenkein, J. (ed.), *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press, 219-248.

1990 “List construction as a task and resource”. In Psathas, G. (ed.), *Interaction Competence*. Washington DC: University Press of America.

JUBRAN, C.

1996 “Para uma descrição textual-interactiva das funções de parentização”. In: M. Kato (org.), *Gramática do Português Falado: Convergências*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 343-358.

2002a [1999] “Funções textuais-interativas dos parênteses”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 131-158.

2002b “Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: As Abordagens*. Vol. III. Campinas: Unicamp, 61-74.

2002c “Parênteses: propriedades identificadoras”. In: A. Castilho & M. Basílio (org.), *Gramática do Português Falado: Estudos Descritivos*. Vol. IV. Campinas: Unicamp, 405-416.

2006 “A perspectiva textual-interactiva”. In: Jubran C. & I. V. Koch (org.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Unicamp, 27-38.

JUBRAN, C. *et alii*

2002 “Organização Tópica da Conversação”. In: R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp, 341-378.

KALLMEYER, W.

- 1978 "Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution". In: Meyer-Hermann, R. (ed.), *Sprechen – Handeln – Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 191-241.
- 1996 *Gesprächsrhetorik. Rethorische Verfahren in Gesprächsprozess*. Tübingen: Günter Narr Verlag.

KALLMEYER, W. (ed.)

- 1986 *Kommunikationstypologie. Handlungsmuster, Textsorten, Situationstypen*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann.

KALLMEYER, W. & F. SCHÜTZE

- 1976 "Konversationsanalyse". In: *Studium Linguistik* 1, 1-28.

KATO, M. (org.)

- 1996 *Gramática do Português Falado: Convergências*. Vol. VI. Campinas: Unicamp.

KEKENBOSCH, C.

- 2007 [2005] *A Memória e a Linguagem*. Porto: Porto Editora.

KERBRACH-ORECCHIONI, C.

- 1990 *Les Interactions Verbales: Approche interactionnelle et structure des conversations*. Vol. I. Paris: Armand Colin.
- 1992 *Les Interactions Verbales*. Vol. II. Paris: Armand Colin.
- 2003 "Les genres de l'oral: types d'interactions et types d'activités". <http://icar.univ-lyon2.fr/>.

KERBRACH-ORECCHIONI, C. & V. TRAVERSO

- 2004 "Types d'interactions et genres de l'oral". In: *Langages* 153, 41-51.

KINTSCH, W. & T. Van DIJK

- 1975 "Comment on se rappelle et on résume des histoires". In: *Langages*, 40, 98-116.

KOCH, P. & W. OESTERREICHER

- 1985 "Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte". In: Deuchmann, O. *et alii* (ed.), *Romanistisches Jahrbuch*. Band 36. Berlin: de Gruyter, 15-33.
- 1990 *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

KOCH, I. V.

- 1992 *A Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto.
- 1994 “O papel da organização textual na construção do sentido”. In: Duarte, I. & I. Leiria (org.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: A.P.L./ Colibri, 341-351.
- 2000 “Tematização e rematização no português falado no Brasil”. In: Gärtner, E. *et alii* (ed.), *Estudos de Lingüística Textual do Português*. Frankfurt am Main: TFM, 127-147.
- 2002a [1989] *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.
- 2002b [1999] “Segmentação: uma estratégia de construção do texto falado”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 29-52.
- 2003 [1997] *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto.
- 2004 *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- 2005 “Referenciação e orientação argumentativa”. In: Koch, I. V. & E. Morato, A. Bentes (org.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 33-52.
- 2006 “Tematização e Rematização”. In: Jubran, C. & I.V. Koch (org.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Construção do Texto Falado*. Campinas: Unicamp, 359-380.

KOCH, I. V. & M. C. SOUZA e SILVA

- 2002 “Atividades na composição do texto falado: a elocução formal”. In: A. Castilho & M. Basílio (org.), *Gramática do Português Falado: Estudos Descritivos*. Vol. IV. Campinas: Unicamp, 371-400.

KOCH I. V. & L. TRAVAGLIA

- 1989 *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez Editora.
- 2002 [1990] *A Coerência Textual*. São Paulo: Editora Contexto.

KOCH, I. V. *et alii*

- 1996 “Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: A Ordem*. Vol. I. Campinas: Unicamp, 143-184.

KOCH, I. V. (org.)

- 1996 *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Vol. VI. Campinas: Unicamp.

LABOV, W.

- 1972 *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

- LABOV, W. & J. WALETZKY  
 1974 [1967] "Erzählanalyse: Mündlichen Versionen persönlicher Erfahrung". In: Ihwe, J. (ed.), *Literaturwissenschaft und Linguistik: eine Auswahl Texte zur Theorie der Literaturwissenschaft*. Band 2. Frankfurt am Main: Athenäum / Fischer Taschenbuch Verlag, 78-126
- LABOV, W. & D. FANSHEL  
 1977 *Therapeutic Discourse*. New York: Academic Press.
- LAKOFF, G.  
 1972 "Linguistics and Natural Logic". In: Davidson, D. & G. Harman (org.), *Semantics of Natural Language*. Dordrecht: D. Reidel, 545-665.
- LAKOFF, G. & M. JOHNSON  
 2002 [1980] *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ / Mercado de Letras.
- LANGELLIER, K. & E. PETERSON  
 1993 "Family storytelling as a strategy of social control". In: Mumby, D. (ed.), *Narrative and Social Control: Critical Perspectives*. Newbury Park: Sage, 49-76.
- LEVINSON, S. C.  
 2005 [1983] *Pragmatics*. Cambridge: C.U.P.
- LODGE, D.  
 2009 [2002] *A Consciência e o Romance*. Lisboa: Edições Asa.
- LÖRSCHER, W. & R. SCHULTZE  
 1994 "Die britische Diskursanalyse". In: Fritz, G. & F. Hundsnurscher, F. (eds.), *Handbuch der Dialoganalyse*. Tübingen: Niemeyer, 51-68.
- LÖTSCHER, A.  
 1991 "Thematische Textorganisation in Deskriptiven Texten als Selektions-/linearisierungsproblem". In: Brinker, K. (ed.), *Aspekte der Text Linguistik. Germanistische Linguistik*. N.106-107/1991. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 73-106.
- LUCIUS-HOENE, G. & A. DEPPERMAN  
 2004 [2002] *Rekonstruktion narrativer Identität. Ein Arbeitsbuch zur Analyse narrativer Interviews*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- LUDWIG, O.  
 1984 "Berichten und Erzählen: Variationen eines Musters". In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Narr, 38-54.

MACÁRIO LOPES, A.

2008 “Enfim”. In: *Estudos Linguísticos*. N.º 2, Dezembro 2008. Lisboa: Edições Colibri, 61-76.

MACÁRIO LOPES, A. & G. RIO-TORTO

2007 *Semântica*. Lisboa: Editorial Caminho.

MAÇÃS, D.

1976 “Fórmulas Interlocutórias do Diálogo no Português Moderno Coloquial”. In: *Biblos*. Vol. XVI. Coimbra: Faculdade de Letras, 153-266.

1984 “O Lugar da Palavra Repetida no Eixo Sintagmático em Relação à Expressividade da Frase”. In: Holtus, G. & E. Radtke (eds.), *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Gunter Narr, 187-196.

MACHADO, J.

1997 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros do Horizonte.

McCARTHY, M.

1990 *Vocabulary*. Oxford: O.U.P.

1991 *Discourse Analysis for Language Teachers*. Cambridge: CUP.

1998 *Spoken Language and Applied Linguistics*. Cambridge: CUP.

McCARTHY, M. & R. CARTER

1994 *Language as Discourse. Perspectives for Language Teaching*. London: Longman.

MAINGUENEAU, D.

1997a [1996] *Introdução à Linguística*. Lisboa: Gradiva.

1997b [1996] *Os Termos-Chave da Análise do Discurso*. Lisboa: Gradiva.

2001 [1986] *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes.

MAR, R.

2004 “The neuropsychology of narrative: story comprehension, story production and their interrelation”. In: *Neuropsychologia* 42. Elsevier, 1414-1434.

MARCUSCHI, L. A.

1986 *A Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

1996 “A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual”. In: I. V. Koch (org.), *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 95-129.

- 2000a “Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro”. In: Gärtner, E. *et alii* (ed.), *Estudos de Lingüística Textual do Português*. Frankfurt am Main: TFM, 79-108.
- 2000b *Da Fala para a Escrita. Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez Editora.
- 2002 [1999] “A hesitação”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 159-194.
- 2003a “Aspectos da oralidade descuidados, mas relevantes para o ensino de português como segunda língua”. In: Gärtner, E. & M. J. Herhut, N. Sommer (ed.), *Contribuições para a Didáctica do Português Língua Estrangeira*. Frankfurt am Main: T.F.M., 15-40.
- 2003b “A pesquisa sobre o português falado no Brasil: teorias, projetos e resultados”. In: Gärtner, E. & M. J. Herhut, N. Sommer (ed.), *Contribuições para a Didáctica do Português Língua Estrangeira*. Frankfurt am Main: T.F.M., 343-376.
- 2005 “Anáfora indirecta: o barco textual e suas âncoras”. In: Koch, I. V. & E. Morato, A. Bentes (org.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 53-102.

MARCUSCHI, L. & I.V. KOCH

- 2002 “Estratégias de Referenciação e Progressão Referencial na Língua Falada”. In: Abaurre, M. B. & A. Rodrigues (org.) *Gramática do Português Falado: Estudos Descritivos*. Vol. VIII. Campinas: Unicamp, 31-59.
- 2006 “Referenciação”. In: C. Jubran & I. V. Koch, (org.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Construção do Texto Falado*. Campinas: Unicamp, 381-401.

MARQUES, M. A.

- 2006 “Modalização / Modalidade: (in)definições da área”. In: Marques, M. A. *et alii* (org.), *Processos Discursivos de Modalização. Actas do III Encontro Internacional de Análise do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 149-161.

MARQUES, M. E.

- 1995 *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- 1996 *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARQUES, M. L.

- 1993 *Os Bordões no Português Falado Contemporâneo. A Análise de Dois Exemplos: Não é e Pá*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: C.L.U.L.

- MARTIN, J. R.  
 1996 “Register and Genre: Modelling Social Context in Functional Linguistics – Narrative Genres”. In: Pedro, E. R. (ed.), *Discourse Analysis, Proceedings of the 1<sup>st</sup> International Conference on Discourse Analysis*. Lisboa: A.P.L. / Colibri, 305-344.
- MATEUS, M. H. & A. M. BRITO & I. DUARTE & I. H. FARIA & S. FROTA & G. MATOS & F. OLIVEIRA & M. VIGÁRIO & A. VILLALVA  
 2003 *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MAXWELL, N.  
 2000 “The Mind-Body Problem and Explanatory Dualism”. In: *Philosophy*. 75, 57-70.
- MENÉNDEZ, F.  
 2000 “Discurso e Cognição: ‘Entre as brumas da memória’”. In: *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. N.º 13. Lisboa: Edições Colibri, 377-384.  
 2006 “Algumas funções da modalização em textos de divulgação científica”. In: Marques, M. A. *et alii* (org.), *Processos Discursivos de Modalização. Actas do III Encontro Internacional de Análise do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 163-172.
- MEYER-HERMANN, R.  
 1978 “Aspekte metakommunikativer Interaktionen”. In: Meyer-Hermann, R. (ed.), *Sprechen – Handeln – Interaktion*. Tübingen: Max-Niemeyer Verlag, 103-141.  
 1983 “Formen und Funktionen der Abschwächung im gesprochenen Portugiesisch”. In: Schmidt-Radefelt, J. (ed.), *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 21-57.  
 1984 “Formas de ‘Atenuação’ no Ensino de Português como Língua Estrangeira”. In: Carvalho, J. H. & J. Schmidt-Radefelt, J. (ed.), *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 173-194.  
 1993 “Processos de Topicalização e Focalização no Português Falado”. In: Schmidt-Radefelt, J. (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Tübingen: Günter Narr, 21-57.
- MIRANDA, F.  
 2007 *Textos e Géneros em Diálogo – uma Abordagem Linguística da Intertextualização*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

MOESCHLER, J.

- 1985 *Argumentation et Conversation. Éléments pour une Analyse Pragmatique du Discours*. Paris: Hatier-Crédif.
- 1994 “Das Genfer Modell der Gesprächsanalyse”. In: Fritz, G. & F. Hundsnurscher, F. (ed.), *Handbuch der Dialoganalyse*. Tübingen: Niemeyer, 69-94.

MOIRAND, S.

- 1982 *Enseigner à Communiquer en Langue Etrangère*. Paris: Hachette.

MONDADA, L.

- 2001 “Gestion du topic et organization de la conversation”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 41,7-22.
- 2005 “A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica”. In: Koch, I. V. & E. Morato, A. Bentes (org.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 11-32.

MORAIS, A.

- 2002a *O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas*. Vol. I e II. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta.
- 2002b “O desenvolvimento da competência comunicativa no ensino-aprendizagem de português europeu como língua não materna através do trabalho com narrativas produzidas em situação de interacção”. In: Gonçalves, A. & C. Correia (org.), *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Lisboa: A.P. L., 315-328.
- 2003a “O género narrativo em interações orais autênticas”. In: Mendes, A. & T. Freitas (org.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 559-567.
- 2003b “Um modelo de análise pragmático-discursivo de enunciados narrativos em interações orais – um caminho para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira”. In: Gärtner, E. & M. J. Herhut, N. Sommer (ed.), *Contribuições para a Didáctica do Português Língua Estrangeira*. Frankfurt am Main, T.F.M., 41-60.
- 2004a “Ainda ontem aconteceu uma coisa muito engraçada – A introdução de enunciados narrativos em situação de interacção oral”. In: Soares da Silva, A. & A. Torres, M. Gonçalves (org.), *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*. Vol. II. Coimbra: Almedina, 459-476.
- 2004b “Olhe, conto-lhe uma história se a quiser ouvir – O Contrato Comunicacional Narrativo”. In: Freitas, T. & A. Mendes (org.), *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 595-605.

- 2005a “Embora o que eu vá dizer talvez ofenda e provoque irritação seja em quem for mas paciência” – A Violação do Protocolo do Contrato Comunicacional Narrativo”. In: Carvalho, D. & D. Vila Maior & R. Teixeira (org.), *Desafiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, 485-493.
- 2005b “...e pronto – estratégias discursivo-pragmáticas de encerramento em enunciados narrativos produzidos em situação de interação oral. In: Duarte, I. & I. Leiria (org.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 731-735.
- 2006 “Então não é? – Aspectos avaliativos na produção de narrativas em situação de interação oral”. In: Marques, M. A. *et alii* (org.), *Processos Discursivos de Modalização. Actas do III Encontro Internacional de Análise do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 173-192.
- 2008 “E coiso e tal – algumas considerações sobre o uso de linguagem vaga em enunciados narrativos orais”. In: S. Frota & A. Santos (org.), *Actas do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 359-371.
- 2009 “Narrativas conversacionais: entre o acto comunicativo e o modo de enunciação”. (no prelo)

MOTA, M. A.

- 1990 *Aspectos do Português Falado por Emigrantes Portugueses na Alsácia*. Dissertação de Doutoramento. F.L.U.L.
- 1996 “Línguas em Contacto”. In: Faria, I. *et alii* (ed.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 505-534.

MOTSCH, W.

- 2000 “Handlungsstrukturen von Texten”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 414-422.

MOTSCH, W. & R. PASCH

- 1987 “Illokutive Handlungen”. In: Motsch, W. (org.), *Satz, Text, Sprachliche Handlung*. Berlin: Akademie Verlag, 11-79.

MOTSCH, W. & D. VIEHWEGER

- 1991 “Illokutionsstruktur als Komponente einer modularen Textanalyse”. In: Brinker, K. (ed.), *Aspekte der Text Linguistik. Germanistische Linguistik*. 106-107/1991. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 107-132.

MUMBY, D. (ed.)

- 1993 *Narrative and Social Control: Critical Perspectives*. Newbury Park: Sage.

NASCIMENTO, M. F.

- 1987 “Um Corpus de Língua Falada”. In: *Português Fundamental: Métodos e Documentos*. Tomo I. Lisboa: INIC.
- 2000 “O Corpus de Referência do Português Contemporâneo e os Projectos de Investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa sobre Variedades do Português Falado e Escrito”. In: Gärtner, E. *et alii* (ed.), *Estudos de Gramática Portuguesa*. Frankfurt am Main: T.F.M., 185-201.
- 2003 “O lugar do *corpus* na investigação linguística”. In: Mendes, A. & T. Freitas (org.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., 601-605.

NASCIMENTO, M. F. & J. GONÇALVES

- 1996 “Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) – Desenvolvimentos e Aplicações”. In: Nascimento F. & M. C. Rodrigues, J.B. Gonçalves (org.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Volume I. Lisboa: A.P.L., 143-151.

NASCIMENTO, M. F. & M. L. MARQUES & M. L. CRUZ (ed.)

- 1984 *Português Fundamental*. Volume I. Tomo I: *Vocabulário*. Lisboa: I.N.I.C./C.L.U.L.
- 1987 *Português Fundamental*. Volume II: *Método e Documentos*. Tomo I: *Inquérito de Frequência*. Tomo II: *Inquérito de Disponibilidade*. Lisboa: I.N.I.C./C.L.U.L.

NASCISCIONE, A.

- 2001 *Phraseological Units in Discourse: Towards Applied Stylistics*. Riga: Latvian Academy of Culture.

NEVES, M. H.

- 1996 “A modalidade”. In: Koch, I. V. (org.), *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 163-200.
- 2000 [1999] *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp.
- 2003 *Guia de Uso do Português, Confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora Unesp.
- 2004 *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

NEVES, M. H. (org.)

- 2002 [1999] *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp.

NORRICK, N.

- 1994 “Involvement and joking in conversation”. In: *Journal of Pragmatics*. 22, 409-430.

- 1998 “Retelling Stories in Spontaneous Conversation”. In: *Discourse Processes*. 25 (1), Lawrence Erlbaum Associates, 75-97.
- 2000 *Conversational Narrative, Storytelling in Everyday Talk*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- NOTHDURFT, W.
- 1986 “Das Muster im Kopf?”. In: Kallmeyer, W. (ed.), *Handlungsmuster, Textsorten, Situationstypen*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 92-116.
- NUNES da SILVA, P.
- 2005 *O tempo no texto*. Tese de Doutoramento. Universidade Aberta.
- 2008 “O tempo no texto”. In: *Estudos Linguísticos*. N.º 1, Julho 2008. Lisboa: Edições Colibri.
- OCHS, E.
- 1979 “Planned and unplanned discourse”. In: Givon, T. (ed.), *Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 51-80.
- 1997 “Narrative”. In: Van Dijk, T. (ed.), *Discourse as Structure and Process*. Vol.1. London: Sage Publications, 185-207.
- OCHS, E. & L. CAPPS
- 2001 *Living Narratives. Creating Lives in Everyday Storytelling*. Cambridge: Harvard University Press.
- PEDRO, M. E.
- 1996 “Interacção Verbal”. In: Faria, I. et alii (ed.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 449-478.
- PEREIRA, L. A.
- 1993 “Normas para tratamento do texto”. Documento de trabalho do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, Lisboa: C.L.U.L.
- PERES, J. A. & T. MÓIA
- 1995 *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- PETRUCK, CH.
- 1989 *Sprachregister und Pronominalgebrauch im Portugiesischen*. Münster: Kleinheinrich.
- PINTO DE LIMA, J.
- 2006 *Pragmática Linguística*. Lisboa: Editorial Caminho.

- POLANY, L.  
1985 "Conversational Storytelling". In: Van Dijk, T. (ed.), *Handbook of Discourse Analysis*. Vol. II. London: Academic Press, 183-201.
- PONTES, E.  
1987 *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes Editores.
- PONTES, E. (ed.)  
1990 *A Metáfora*. Campinas: Unicamp.
- POSSENTI, S.  
2001 [1998] *Os Humores da Língua*. Campinas: Mercado das Letras.
- PRETI, D. (org.)  
1993 *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Universidade de São Paulo.  
1996 *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Humanitas.
- QUASTHOFF, U.  
1976 "Makrostruktur und Gliederungsmerkmale in Konversationellen Erzählungen". In: Weber, H. & H.Weydt (ed.), *Sprachtheorie und Pragmatik. Akten des 10. Linguistischen Kolloquiums*. Band 1. Tübingen, 291-301.  
1979a "Gliederungs- und Verknüpfungssignale als Kontextualisierungshinweise: Ihre Formen und Verwendungsweisen zur Markierung von Expansionen in deutschen und amerikanischen konversationellen Erzählungen". In: *Laut*. A/62. Trier, 92-121.  
1979b "Verzögerungsphänomene, Verknüpfungs- und Gliederungssignale in Alltagsargumentationen und Alltagserzählungen". In: Weydt, H. (ed.), *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: de Gruyter, 39-57.  
1979c "Eine interaktive Funktion von Erzählungen". In: Soeffner, H.-G. (ed.), *Interpretative Verfahren in den Sozial- und Textwissenschaften*, Stuttgart: Metzler, 104-125.  
1979d "Verzögerungsphänomene, Verknüpfungs- und Gliederungssignale in Alltagsargumentationen und Alltagserzählungen". In: Weydt, H. (ed.), *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: de Gruyter, 39-55.  
1980 *Erzählen in Gesprächen: linguistische Untersuchung zu Strukturen und Funktionen am Beispiel eine Kommunikationsform des Alltags*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.  
1981 "Zuhöreraktivitäten beim konversationellen Erzählen". In: Schröder, P. & Steger, H. (ed.), *Dialogforschung*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 287-313.  
1987 "Dabeisein durch Sprache: zur Rolle der Perspektive beim Konversationellen Erzählen". In: Canisius, P. (ed.), *Perspektivität in Sprache und Text*. Bochum: Studiumverlag Brockmeyer, 129-151.

- QUASTHOFF, U. & H. HAUSENDORF  
 1996 *Sprachentwicklung und Interaction: eine linguistische Studie zum Erwerb von Diskursfähigkeiten*. Opladen: Westdeutsche Verlag.
- RATH, R.  
 1981 “Zur Legitimation und Einbettung von Erzählungen in Alltagsdialogen”. In: Schröder, P. & Steger, H. (ed.), *Dialogforschung*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 265-286.
- REHBEIN, J.  
 1977 *Komplexes Handeln. Elemente zur Handlungstheorie der Sprache*. Stuttgart: Metzler.  
 1979 “Sprechhandlungsaugmente: Zur Organization der Hörersteuerung”. In: Weydt, H. (ed.), *Die partickeln der deutschen Sprache*. Berlin: de Gruyter, 58-74.  
 1981 “Announcing – On Formulating Plans”. In: Coulmas, F. (ed.), *Conversational Routine*. The Hague: Moutin Publishers, 215-258.  
 1984 “Beschreiben, Berichten und Erzählen”. In: Ehlich, K. (ed.), *Erzählen in der Schule*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 67-125.
- REIS, C. & A. C. LOPES  
 1994 [1987] *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- REYES, G.  
 1995 [1993] *Los procedimientos de cita: estilo directo y estilo indirecto*. Madrid: Arcos Libros.
- RICHARDS, K.  
 1999 “Working towards common understandings: Collaborative interaction in staffroom stories”. In: *Text*. Berlin: de Gruyter, 143-174.
- RICKHEIT, G. & H. STROHNER  
 1993 *Grundlagen der kognitiven Sprachverarbeitung*. Tübingen: Francke Verlag.
- RISSO, M.  
 2002a “Agora... o que eu acho é o seguinte; um aspecto da articulação do discurso no português culto falado”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: As Abordagens*. Vol. III. Campinas: Unicamp, 31-60.  
 2002b [1999] “Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 259-296.

- 2006 “Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores”. In: Jubran, C. & I.V. Koch (org.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Construção do Texto Falado*. Campinas: Unicamp, 427-486.
- RISSE, M. & G. SILVA & H. URBANO  
1996 “Marcadores discursivos: traços definidores.” In: Koch, I. V. (org.), *Gramática do Português Falado, Vol. VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp, 21-94.
- RIVENC, P.  
1995 “Réalisme et Utopie: Quelques Réflexions d’un Vieux Routard”. In: *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Lisboa: Colibri, 21-37.
- RODRIGUES, A. & P. GALEMBECK  
1995 “Formas do Pretérito Perfeito e Imperfeito do Indicativo no Plano Textual-Discursivo”. In: *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Lisboa: A.P.L. / Colibri: 282-308.
- RODRIGUES, A. C.  
1993 “Língua falada e língua escrita”. In: Preti, D. (org.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH/USP, 13-32.
- RODRIGUES, A. D.  
1996 *Dimensões Pragmáticas do Sentido*. Lisboa: Edições Cosmos.  
2000 *Introdução à Semiótica*. Lisboa: Edições Cosmos.  
s.d. *A Partitura Invisível. Para uma abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Edições Colibri.
- RODRIGUES, I. G.  
1998 *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros.  
2000 “O Papel da Entoação na Alternância de Vez”. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri: 447-457.  
2003 *Fala e movimento do corpo na interacção face a face. Estratégias de reparação e (des)focalização e co-funções conversacionais na manutenção da vez*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto.
- RODRIGUES, M. C.  
1998 “A sequência discursiva pergunta-resposta”. In: J. Fonseca (org.), *A Organização e Funcionamento dos Discursos*. Tomo II. Porto: Porto Editora, 11-220.

- ROSA, M.  
1992 *Marcadores de Atenuação*. São Paulo: Contexto.
- ROSCH, E.  
1975 "Cognitive representations of semantic categories". In: *Journal of Experimental Psychology*. 104, 192-233.
- ROSIER, L.  
1999 *Le discours rapporté. Histoire, theories, pratiques*. Paris: Editions Duculot.
- ROULET, E.  
1981 "Echanges, interventions e actes de langages dans la structure de la conversation". In: *Études de Linguistique Appliquée*. 44, 7-39.
- ROULET, E. & A. AUCHELIN & J. MOESCHLER & C. RUBATEL & M. SCHELLING  
1985 *L'articulation du discours en Français contemporain*. Berne: Peter Lang.
- SACKS, H.  
1992 [1968] "Features of a recognizable story. Story prefaces. Sequential locator terms. Lawful interruption". In: Sacks, H. (ed.), *Lectures on Conversation*. Vol. I. Oxford: Basil Blackwell, 17-31
- SCHIFFRIN, D.  
1987 *Discourse Markers*. Cambridge: C. U. P.  
1994 *Approaches to Discourse*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- SCHMIDT, S.  
1973 *Texttheorie. Probleme einer Linguistik der sprachlichen Kommunikation*. München: Fink.
- SCHMIDT-RADEFELDT, J.  
1984 "Zum gesprochenen und verschrifteten Portugiesisch". In: Holtus, G. & E. Radtke (eds.), *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 247-257.  
1993 "Partículas Discursivas e Interaccionais no Português e no Espanhol em contraste com o Alemão". In: Schmidt-Radefelt, J. (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 63-78.  
1994 "Portugiesisch: Partikelforschung. Partículas e Modalidade". In: Holtus, G., Metzeltin, M. & C. Schmitt (ed.), *Lexicon der Romanistischen Linguistik*. Vol. VI-2. Tübingen: Max Niemeyer, 199-203.

- SCHMIDT-RADEFELDT, J. (ed.)  
 1983 *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Gunter Narr.
- SCHWARZ, M.  
 1996 [1992] *Einführung in die Kognitive Linguistik*. Tübingen: Franke Verlag.
- SCHWITALLA, J.  
 1994 “Gesprochene Sprache – dialogisch gesehen”. In: Fritz, G. & F. Hundsnurscher (ed.), *Handbuch der Dialoganalyse*. Tübingen: Niemeyer, 17-36.  
 2003 [1997] *Gesprochenes Deutsch. Eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- SCOTTI-ROSIN, M.  
 1983 “Gliederungssignale im portugiesischen Text”. In: Schmidt-Radefelt, J. (ed.), *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 9-21.  
 1984 “Gesprochene und geschriebene Sprache in neueren Lehrwerken des Portugiesischen”. In: Holtus, G. & E. Radtke (ed.), *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 259-269.  
 1994 “Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache”. In: Holtus, G., Metzeltin, M. & C. Schmitt (ed.), *Lexicon der Romanistischen Linguistik*. Vol. VI-2. Tübingen: Max Niemeyer, 308-313.
- SEARLE, J.  
 1995 [1979] *Expressão e Significado. Estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- SEGRE, C.  
 1989a “Discurso”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional, 11-40.  
 1989b “Texto”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional, 152-176.  
 1989c “Narração e Narratividade”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional, 57-70.  
 1989d “Gêneros”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 17. Lisboa: Imprensa Nacional, 70-94.
- SMITH, C.  
 2000 *Modes of Discourse*. Cambridge: C.U.P.

SOARES, M. E.

- 2000 “Estratégias para Introdução e Manutenção da Referência em Narrativas Oraís: um Estudo sobre o Português do Brasil”. In: Gärtner, E. *et alii* (ed.), *Estudos de Lingüística Textual do Português*. Frankfurt am Main: T.F.M., 109-125.

SOARES DA SILVA, A.

- 2006 *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.

SOMMER, N.

- 2003 “Advérbios nos manuais de Português Língua Estrangeira”. In: Blühdorn, H. & Schmidt-Radefeldt (ed.), *Die kleineren Wortarten in Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Peter Lang, 73-87.

SOUSA, O.

- 1996 *Construindo Histórias*. Lisboa: Editorial Estampa.
- 2000a “Adverbiais Temporais na Construção Narrativa”. In: Gärtner *et alii* (ed.), *Estudos de Gramática Portuguesa*. Frankfurt am Main: T.F.M., 63-81.
- 2000b *O Imperfeito num Corpus de Aquisição*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.

SOUZA e SILVA, M. C. & I. V. KOCH

- 1996 “Estratégias de Desaceleração do Texto Falado”. In: M. Kato (org.), *Gramática do Português Falado: Convergências*. Vol. VI. Campinas: Unicamp, 329-342.
- 2002 “A Dimensão Ilocutória”. In: A. Castilho (org.), *Gramática do Português Falado: As Abordagens*. Vol. III. Campinas: Unicamp, 19-30.

SPERBER D. & D. WILSON

- 2001 [1995] *Relevância: comunicação e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SQUIRE, L. & E. KANDEL

- 2002 [1999] *Memória. Da mente às moléculas*. Porto: Porto Editora.

STERNBERG, R.

- 2000 [1996] *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artmed Editora.

STROHNER, H.

- 2000 “Kognitive Voraussetzungen: Wissenssysteme – Wissenstrukturen – Gedächtnis”. In: Brinker, K. *et alii* (ed.), *Text und Gesprächslinguistik*. 1. Halbband. Berlin: de Gruyter, 261-274.

SUTHERLAND, P.

1996 *O Desenvolvimento Cognitivo Actual*. Lisboa: Instituto Piaget.

SWALES, J.

2000 [1990] *Genre Analysis*. Cambridge: C.U.P.

TANNEN, D.

1982a *Spoken and Written Language. Exploring Orality and Literacy*. Norwood: Ablex.

1982b “Oral and literate strategies in spoken and written narratives”. In: *Language*. 58-1,1-21.

1986 “Introducing Constructed Dialogue in Greek and American Conversational and Literary Narratives”. In: Coulmas, F. (ed.), *Direct and Indirect Speech*. Berlin: Mouton, 311-333.

1993 “What’s in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations”. In: Tannen, D. (ed.), *Framing in Discourse*. Oxford: O.U.P., 14-55.

2000 [1989] *Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*. Cambridge: C.U.P.

2006 [1990] *Não nos estamos a entender: Homens e mulheres em conversa*. Cruz Quebrada: Estrela Polar.

TEYSSIER, P.

1989 *Manual de Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.

TIJUS, C.

2003 [2001] *Introdução à psicologia cognitiva*. Lisboa: Climepsi Editores.

TODOROV, T.

1981 [1978] *Os Géneros do Discurso*. Lisboa: Edições 70.

2003 [1971] *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes.

TRASK, R.

2004 *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Editora Contexto.

TRAVAGLIA, L.

2002 [1999] “O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 77-130.

2006 “O relevo no processamento da informação”. In: Jubran, C. & I.V. Koch (org.), *Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Construção do Texto Falado*. Campinas: Unicamp, 167-218.

- TRAVERSO, V.  
2003 “Les genres de l’oral: le cas de la conversation”. <http://icar.univ-lyon2.fr/>.
- URBANO, H.  
2002 [1999] “Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos”. In: M. H. Neves (org.), *Gramática do Português Falado: Novos Estudos*. Vol. VII. Campinas: Unicamp, 195-258.
- Van DIJK, T.  
1983 *La Ciencia del Texto*. Barcelona: Paidós.  
1993 “Stories and Racism”. In: Mumby, D. (ed.), *Narrative and Social Control: Critical Perspectives*. Newbury Park: Sage.  
1996 [1990] *La Noticia como Discurso*. Barcelona: Paidós.  
2002 [1992] *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Editora Contexto.
- Van DIJK, T. (ed.)  
1985 *Handbook of Discourse Analysis*. Vol. I, II, III, IV. London: Academic Press.
- Van DIJK, T & W. KINTSCH  
1977 “Cognitive Psychology and Discourse: Recalling and Summarizing Stories”. In: Dressler, W. (ed.), *Current Trends in Textlinguistics*. Berlin, de Gruyter, 60-80.
- VIGOTSKY, L.  
2003 [1987] *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- VILELA, M.  
1999 [1995] *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.  
2002 *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.
- VION, R.  
2004 “Modalités, modalisations et discours représentés”. In: *Langages*, 156. 96-110.
- VOLLI, U.  
2002 [2000] *Semiotik. Eine Einführung in ihre Grundbegriffe*. Tübingen: A. Franke Verlag.
- XAVIER, M. F. & M. H. MATEUS (org.)  
1991 e 1992 *Dicionário de Termos Linguísticos*. Vol. 1 e 2. Lisboa: A.P.L./ I.L.T.C.: Edições Cosmos.

WATZLAWICK, P. & J. BEAVIN & D. JACKSON

2000 [1969] *Menschliche Kommunikation*. Bern: Verlag Hans Huber.

WEYDT, H. (ed.)

1983 *Partikeln und Interaktion*. Tübingen: Niemeyer.

1989 *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: Walter de Gruyter.

WIDDOWSON, H. G.

1978 *Teaching Language as Communication*. Oxford: O.U.P.

WIENOLD, G.

1983 "Linguistische Aspekte des Erzählens". In: Sanders, W. & K. Wegenast (ed.), *Erzählen für Kinder - Erzählen von Gott*. Stuttgart: Kohlhammer, 79-127.

WUNDERLICH, D.

1975 "Zur Konventionalität von Sprechhandlungen". In: Wunderlich, D. (ed.), *Linguistik Pragmatik*. Wiesbaden: Athenaion, 11-59.

YAGUELLO, M.

1991 [1981] *Alice no País da Linguagem: Para Compreender a Linguística*. Lisboa: Editorial Estampa.

YULE, G.

1996 *Pragmatics*. Oxford: O.U.P.

## **7. Índice de Anexos Digitais**

## 7. Índice dos Anexos Digitais

### Anexo I: *Corpus Global*

#### Pasta 1: Fichas de Indexação e Transcrições do Domínio de Interação Privado/Informal

##### Documentos:

A353 pi-casa e família	A287 pi-profi	A323 pi-vida pessoal
A356 pi-casa e família	AA293 pi-profi	A482 pi-vida pessoal
A390 pi-casa e família	A347 pi-profi	A509 pi-vida pessoal
A475 pi-casa e família	A380 pi-profi	C625 pi-vida pessoal
A479 pi-casa e família	A443 pi-profi	C 866 pi-vida pessoal
C22 pi-casa e família	A508 pi-profi	C1131 pi-vida pessoal
C294 pi-casa e família	C32 pi-profi	
C528 pi-casa e família	C557 pi-profi	
C630 pi-casa e família	C627 pi-profi	A386 pi-vida social
C980 pi-casa e família	C1129 pi-profi	A399 pi-vida social
C1379 pi-casa e família		A535 pi-vida social

Explicação: Ao abrir o documento com o código A356 pi-casa e família tem-se acesso à **Ficha de Indexação** da interacção com o mesmo código. Logo depois surge uma **Transcrição por Turnos** dos Segmentos Tópicos que incluem ENs. Esta primeira versão da transcrição não tem qualquer tipo de comentário. Por último surge uma **Transcrição por Enunciados** na qual se podem encontrar linhas de comentário a palavras ou segmentos dos mesmos. Em ambas as transcrições os ENs surgem destacados a azul. Esta explicação é válida para os documentos da Pasta 2.

## Pasta 2: Fichas de Indexação e Transcrições do Domínio de Interacção Semi-formal

### Documentos:

A326 psf-profi	A401 psf-vida pessoal	A46 psf-casa e família
A364 psf-profi	A463 psf-vida pessoal	A402 psf-casa e família
A396 psf-profi	A860 psf-vida pessoal	A458 psf-casa e família
A398 psf-profi	A913 psf-vida pessoal	C932 psf-casa e família
A545 psf-profi	C48 psf-vida pessoal	
A965 psf-profi	C610 psf-vida pessoal	A16 psf-vida social
A1117 psf-profi	C1397 psf-vida pessoal	A50 psf-vida social
C31 psf-profi		A1084 psf-vida social
C251 psf-profi		
C1255 psf-profi		
C1366 psf-profi		
C1381 psf-profi		

### Pasta 3: Estatísticas do *Corpus* Global

A **Pasta 3** inclui as estatísticas referentes a cada uma das áreas temáticas. Nas tabelas surge o código das interações, o número de palavras transcritas, o tempo de transcrição e o número de ENs por interação. Surge ainda a informação se fazem parte dos *subcorpora* de análise (Modalização e Discurso Relatado). Nesses casos vêm marcados com X.

Observe-se o exemplo abaixo, que corresponde aos dados estatísticos de *pi-vida social*.

Interação	Palavras transcritas	Tempo		Nº de EN	Modalidade	Encenação
A386 pi-vida social	1134	6m	32s	2	-	X
A399 pi-vida social	1252	5m	40s	3	-	
A535 pi-vida social	1571	8m	4s	3	-	
Total →	<b>3957</b>	19m	76s	<b>8</b>	-	<b>2</b>
		1m	16			
	Total →	<b>20m</b>	<b>16s</b>			

## Documentos:

Estatística pi-casa e família	Estatística psf-casa e família
Estatística pi-profi	Estatística psf-profi
Estatística pi-vida pessoal	Estatística psf-vida pessoal
Estatística pi-vida social	Estatística psf-vida social

## Anexo II: *Subcorpus* de Modalização

### Pasta 1, Documento 1: Estatística do *Subcorpus* de Modalização

Neste documento encontra-se uma listagem das Interações consideradas nas análises referentes às estratégias avaliativas locais. Para uma mais fácil leitura dos dados aí incluídos, observe-se o extracto do início do documento:

1. Interação	2. N.º de EN	3. Tipo de EN	4. Função principal
A353 pi-casa e família	2	En1: RPA En2: RPA	Argumentar Argumentar

Assim, na primeira coluna surge o Código da Interação. Na segunda o número de ENs aí realizados. Na terceira a caracterização semântico-cognitiva de cada um. Neste caso temos dois ENs de Ruptura de Plano de Agente. Na quarta coluna surge a função principal de cada um deles .

## **Pasta 2:** Fichas de Análise do *Subcorpus* de Modalização

Nesta pasta encontram-se as fichas de análise de todos os ENs que fazem parte do *Subcorpus* de Modalização , fichas que surgem indexadas pelo código da interação.

### **Documentos**

A353 pi-casa e família	A356 pi-casa e família	A390 pi-casa e família	A475 pi-casa e família	A479 pi-casa e família
C22 pi-casa e família	C294 pi-casa e família	C528 pi-casa e família	C630 pi-casa e família	C980 pi-casa e família
C1379 pi-casa e família	A 287 pi-profi	A293 pi-profi	A347 pi-profi	A380 pi-profi
A443 pi-profi	A508 pi-profi	C557 pi-profi		C627 pi-profi
A482 pi-vida pessoal	A509 pi-vida pessoal	A326 psf-profi		

**Pasta 3:** Verbos Modais → **Documento 1:** Quadro de Verbos e Perífrases Verbais Modais

**Pasta 4:** Expressões e Nomes Avaliativos → **Documento 1:** Expressões e Nomes Avaliativos

### Anexo III: *Subcorpus* do Discurso Relatado

#### Documento 1: Estatística Geral do Discurso Relatado

Neste documento encontra-se uma listagem das Interacções consideradas para as análises referentes às estratégias de Encenação e de Dramatização. Para uma mais fácil leitura dos dados aí incluídos, observe-se o extracto do início do documento :

1. Código	2. ENs	3. n.º de falas					4. n.º de actos fala			
			DI	DIL DIn	DD		DI	DIL DIn	DD	
A353 pi-casa e família	1 2		2 4	- -	- -		6 11	- -	- -	
		<b>2</b>		-	-	<b>6</b>		-	-	<b>17</b>

Na primeira coluna surge o **Código da Interação**.

Na segunda, surgem os **ENs** numerados de 1 a X e o **número total de ENs** por Interação, marcado a vermelho.

Na terceira coluna surge o **número de falas** em DI (Discurso Indirecto), DIL/DIn (Discurso Indirecto Livre / Discurso Interior) e DD (Discurso Directo). O total aparece, mais uma vez, a vermelho.

Na quarta coluna surge o **número de actos de fala/enunciados** em DI (Discurso Indirecto), DIL/ DIn (Discurso Indirecto Livre / Discurso Interior) e DD (Discurso Directo). O total aparece a vermelho.

## Documento 2: Tabela Geral do Discurso Relatado

Na **Tabela Geral do Discurso Relatado** cruzam-se os dados levantados nos diferentes estudos parcelares efectuados sobre o *subcorpus* do DR e que são apresentados da seguinte forma (para uma leitura mais fácil das informações observe-se o extracto da tabela na página seguinte):

- Coluna 1: Código da interacção
- Coluna 2: Número de ENs. O número entre parêntesis corresponde ao EN em análise. O número fora de parêntesis ao total de ENs na interacção.
- Coluna 3: Número de enunciados em DR no EN em questão. O número entre parêntesis corresponde ao enunciado em análise. O nº fora de parêntesis ao total de enunciados em DR.
- Coluna 4: Macroproposição de ocorrência dos enunciados em DR
- Coluna 5: Formas de introdução de DR
- Coluna 6: Fonte responsável pelo DR: Act1 → personagem que é também o narrador; Act2 → outra personagem
- Coluna 7: Texto em DR: Discurso Directo e Interior a azul; Discurso Indirecto a castanho
- Coluna 8: Actos de fala realizados
- Coluna 9: A abertura do DR - Marcadores Conversacionais Topográficos Iniciais e Conectores
- Coluna 10: O encerramento do DR - Marcadores Conversacionais Topográficos Finais identificados no DR
- Coluna 11: Deícticos de tempo e espaço identificados no DR

Coluna 12: Outras características da oralidade identificadas

Inter-acção	N. de EN	Enun. em DR	Macrop.	Forma de introdução de DR	Fonte	Texto	Actos de fala	MC Iniciais / conectores	MC Finais	Deícticos tempo / espaço	Outras caract. da oralidade
C1379 Pi-casa e família	[1]3	[1] 2	Acção	<i>e: / depois o meu pai dizia //</i>	Act1	<i>ora <u>mas</u> <u>deixa</u> <u>lá</u> / então hoje em dia toda [/] vê-se toda a moça a fumar //</i>  <i>porque <u>é que</u> <u>tu</u> não <u>hás-de</u> <u>deixar</u> que as tuas filhas fumem ?</i>	Pedir  Aconselhar	<i>Ora mas</i> <i>Então</i>  [Interrogativo]	  [pergunta] [par adj.1]	<i>Hoje em dia</i>	*Mc interactivo – <i>ora</i> *Mc topográfico – <i>então</i> *Correcção *P. modais – <i>lá ; mas</i> * - <i>é que</i> – em interrogativa aberta *Pronome de interpelação em interrogativa com verbo modal deôntico - <deixar>

### Anexo IV: Indexação das Digitalizações do PF

**Pasta 1:** Indexação aos CDs

**Documento1:** Lisboa - Lista de interacções digitalizadas, codificadas e transcritas no distrito de Lisboa

**Documento2:** Porto - Lista de interacções digitalizadas, codificadas e transcritas no distrito do Porto

**Pasta 2:** Guiões de Conteúdos

**Documento 1:** Guião de Conteúdos Lisboa

**Documento 2:** Guião de Conteúdos Porto

## **GLOSSÁRIO**

## 8. Glossário

- Acção*** A *Acção* corresponde à sequência de acontecimentos provocada por um qualquer problema ou complicação que veio desequilibrar uma ordem anterior e motivou, assim, o surgimento da Narrativa. Essa sequência movimenta-se, claramente, em direcção a um desfecho e a sua organização textual tanto pode decorrer exclusivamente das relações de temporalidade e/ou causalidade entre as proposições que referem o ocorrido, como pode ser auxiliada e marcada pelo recurso a sequenciadores narrativos.
- Actividades Preparatórias*** As *Actividades Preparatórias* são actividades comunicativas através das quais o locutor procura assegurar o interesse do interlocutor e focalizar a sua atenção para o acto comunicativo que se segue (Rehbein, 1981). Essas actividades envolvem, simultaneamente, locutor e alocutário na medida em que orientam a actividade de ambos para o que está a ser construído na conversação (Kallmeyer, 1978).
- Adverbiais Modalizadores Epistémicos*** Através dos *Adverbiais Modalizadores Epistémicos* o falante expressa uma avaliação baseada no seu conhecimento / saber pessoal relativamente ao valor de verdade do que enuncia. A sua utilização está directamente vinculada à procura de credibilidade junto do interlocutor. Moura Neves (2000: 245-247) propõe uma divisão de advérbios modalizadores epistémicos em:
- (i) Asseverativos Afirmativos (de factualidade) – o conteúdo do que se diz é apresentado pelo falante como fora de dúvida;  
Ex: *nitidamente; exactamente, de certeza*
  - (ii) Asseverativos Negativos (de contrafactualidade) – o conteúdo do que se diz é apresentado como indubitavelmente contrafactual;  
Ex: *é impossível*
  - (iii) Asseverativos Relativos – o conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, havendo um baixo grau de adesão ao dito.  
Ex: *se calhar, talvez*
- Adverbiais Focalizadores*** No presente trabalho consideram-se *Adverbiais Focalizadores* todos os Advérbios de Inclusão e Exclusão (Moura Neves, 2000, Costa, 2008), bem como o advérbio ‘assim’ em combinação com um verbo de dizer. Nestes casos ‘assim’ introduz o enunciado seguinte na sua globalidade, focalizando-o. Segundo Ilari *et alii* (1996: 70-71) este uso catafórico do advérbio corresponde a um processo de sinalização “pelo qual uma expressão genérica antecipa o tipo de função sintáctica e semântica que se vai realizar na expressão que se segue”. Este uso é também assinalado

por Moura Neves (2000) que lhe atribui uma função de referenciador textual.

### ***Anúncio de EN***

O ‘Anúncio’ corresponde a um acto conversacional com a propriedade de anunciar / preparar o ouvinte para o valor ilocutório, conteúdo proposicional ou modalidade do enunciado que se segue (Rodrigues, 1988: 80-81), como por exemplo, um EN.

O *Anúncio* de um EN, enquanto Actividade Preparatória, caracteriza-se por:

- ter um carácter metacomunicativo;
- surgir em posição anterior ao acto comunicativo anunciado;
- revelar a vontade e/ou capacidade do locutor de concretizar o acto comunicativo seguinte;
- focalizar a atenção do interlocutor para esse mesmo acto;
- referir a história a narrar de uma forma genérica e avaliativa.

Segundo Rehbein (1981) este acto comunicativo é, normalmente, caracterizável em termos de constituintes, elementos de ligação e respectivas relações:

- Agente na Posição de Sujeito - futuro narrador;
- Predicado Verbal Declarativo (frequentemente modalizado);
- Referência Genérica e Avaliativa à História na posição de complemento;
- Elemento de Ruptura (não obrigatório).

### ***Analepse e Prolepse***

*Analepse* e *Prolepse* correspondem a dois fenómenos de anacronia narrativa. Segundo o E-dicionário de Termos Linguísticos (2005) a *Analepse* corresponde à narração de um facto que, pertencendo ao passado, é trazido para o presente da história relatada. Opõe-se-lhe a *Prolepse* que consiste na alteração da ordem sequencial dos acontecimentos, antecipando alguns que ainda não tenham ocorrido ou fazendo simplesmente um sumário de uma situação ou acontecimento que virá a ocorrer.

### ***Articuladores Textuais***

Os *Articuladores Textuais* são conectores discursivos com uma função coesiva funcionando como estruturadores do texto.

Podem ter funções de explicitação com valor focalizador quando introduzem uma explicação ou exemplo.

Ex.: *por exemplo...*

Podem ter funções de retoma de tópico, utilizando, para tal, expressões de coesão discursiva.

Ex.: *em relação a ...; a propósito de ...*

### ***Ataque***

O *Ataque* é a macroproposição da Narrativa que promove a transição

entre a Situação de Enunciação inicial e aquela que decorre da Introdução de um Enunciado Narrativo na conversação. Corresponde a um acto comunicativo através do qual o locutor:

- promove a passagem entre duas situações de enunciação (a actual e a que vai resultar da narração);
- estabelece um novo contrato comunicacional entre os interlocutores atribuindo-lhes temporariamente novos papéis: *narrador* e *narratário*;
- redistribui, de forma assimétrica o espaço e o tempo de enunciação.
- procura ganhar o interlocutor para a sua visão pessoal dos acontecimentos que vão ser narrados.

Para realizar estas funções, o narrador recorre a *Actividades Preparatórias* do acto comunicativo que pretende introduzir.

Ver também as entradas *Coda* e *Estratégias Avaliativas*.

### ***Avaliação***

Partindo da proposta de Labov (1972) sobre a Dimensão Avaliativa da narrativa e considerando a sua revisão segundo uma perspectiva funcional (Quasthof, 1980) e narratológica (Adam 1990, Bres 1994), considera-se a *Avaliação* a dimensão configuracional do EN, que traduz um relacionamento afectivo do seu produtor ou do seu receptor com a História, relacionamento que determina a sua produção numa situação comunicativa específica.

Através da *Avaliação* o locutor/narrador não só negocia e justifica a introdução de um EN na conversação, como promove a adesão do(s) seu(s) interlocutor(es) aos sentidos que vai produzindo no texto. Por sua vez, o alocutário/narratário recorre a enunciados narrativos quer para aceitar e ratificar (ou não) o *Contrato Comunicacional Narrativo*, quer para participar na construção do sentido do EN. Assim, a *Avaliação* corresponde a todos os elementos que dão corpo à dimensão configuracional do texto, isto é, constroem a sua intencionalidade discursiva.

Na praxis discursiva, a *Avaliação* funciona através de uma rede complexa de estratégias sintácticas, semânticas, morfológicas, lexicais e textuais que interagem na produção do EN.

### ***Avaliação Externa versus Interna***

Considera-se *Avaliação Externa* todo o tipo de *Avaliação* produzida a partir da situação de enunciação (Sit0) quer pelo narrador quer pelo(s) narratário(s). Em ambos os casos há uma interrupção do fluxo narrativo. A *Avaliação Externa* pode ser realizada no *Ataque*, na *Coda* ou em *Orientações de Background* que interrompem o desenrolar da acção. Por contraposição, a *Avaliação Interna* surge imbricada no próprio texto narrativo, sendo realizada no seio do mundo diegético (Sit1) pelo narrador(-personagem) ou por uma das outras personagens.

<b><i>Avaliação Final</i></b>	A macroproposição <i>Avaliação Final</i> corresponde, no modelo Laboviano, ao pilar central da narrativa uma vez que tem que ser corroborada pelos interlocutores no acto de ratificação do <i>Enunciado Narrativo</i> . Em termos de uma gramática narrativa tradicional seria equivalente à ‘moral’ da história.
<b><i>Cenários</i></b>	‘Cenários’ são “sequências previsíveis de enunciados que adquirem coerência a partir de conhecimento esquemático partilhado.” Certificado de Português (1999: 25)
<b><i>Coda</i></b>	A macroproposição <i>Coda</i> corresponde ao módulo de encerramento do EN e contrapõe-se funcionalmente ao ‘Ataque’. Na Coda o Narrador: <ul style="list-style-type: none"> <li>- marca o fim da vigência do Contrato Comunicacional Narrativo;</li> <li>- traz Narrador e Narratário(s) de volta à situação de enunciação anterior à introdução do EN, devolvendo-lhes o estatuto de co-enunciadores;</li> <li>- procura assegurar que haja conformidade entre a intenção da narrativa e a interpretação do narrado (daí, muitas vezes, a <i>Coda</i> aparecer intrinsecamente ligada à Avaliação Final).</li> </ul>
<b><i>Colocação</i></b>	A <i>Colocação</i> corresponde a uma combinação preferencial de duas ou mais palavras. Dito de outra forma, as palavras que o falante ‘escolhe’ no léxico à sua disposição têm um padrão de associação regular, isto é, parecem privilegiar um tipo de combinação observável, recorrentemente, na produção verbal dos indivíduos de uma dada comunidade linguística.
<b><i>Competência Narrativa</i></b>	A <i>Competência Narrativa</i> corresponde à capacidade do indivíduo de identificar e produzir ENs. Considera-se esta competência como sendo plural, colocando-se a dimensão discursiva do acto comunicativo a que corresponde a par da sua dimensão linguística e sociocultural.
<b><i>Contrato Comunicacional Narrativo</i></b>	Ao introduzir um EN na conversação, o futuro narrador tem que negociar com o interlocutor o acto comunicativo que pretende realizar: para além de anunciar a sua vontade de narrar algo, ele tem de motivar o outro a aceitar a sua narração, bem como prepará-lo para a sua realização. Este acto de negociação corresponde a um <i>Contrato Comunicacional Narrativo</i> que: <ul style="list-style-type: none"> <li>- confere às partes presentes os estatutos de Narrador e Narratário;</li> <li>- regula a passagem entre a Situação de Interação em que se encontram (Sit0) e o Mundo Diegético da Narrativa (Sit1);</li> <li>- tem um prazo de validade equivalente ao tempo de duração do EN</li> </ul>

(incluindo também todos os movimentos avaliativos que podem ocorrer após a *Resolução* da narrativa);

- não necessita sempre de ser explicitado, podendo ser implícito à própria situação de comunicação (como por exemplo na Entrevista onde a distribuição assimétrica do espaço de interacção e os papéis daí decorrentes legitimam facilmente a ocorrência de ENs.)

***Dimensão Textual***

A *Dimensão Textual* da Narrativa diz respeito à sua construção enquanto texto sequencial cuja organização obedece a um modelo culturalmente definido e com um elevado grau de canonicidade. A sua análise pode ser feita dentro das fronteiras do texto.

***Dimensão Discursivo-pragmática***

A Dimensão Discursivo-pragmática da Narrativa refere-se à sua construção enquanto enunciado determinado pela intenção da sua produção numa situação de comunicação específica, sendo os seus constituintes encenados segundo a finalidade pragmática que lhe é subjacente. A sua análise tem que abandonar as fronteiras do texto, procurando o sentido da sua construção também no comprometimento sociocultural com a situação de enunciação.

***Dramatização***

A *Dramatização* é uma estratégia de representação dialogada dos acontecimentos narrados. Corresponde a uma estratégia de envolvimento do interlocutor, convidando-o, através de um ‘diálogo construído’ (Tannen, 1986) a “presenciar” os acontecimentos ocorridos, agora encenados sob a direcção do narrador.

As cenas dialogadas têm um lugar central na construção da narrativa e, ao recriarem as vozes em conflito na história narrada, podem também servir para conferir vida e verosimilhança aos mundos narrados.

***Enunciado de Veracidade***

O *Enunciado de Veracidade* corresponde a um enunciado produzido pelo narrador que tem por função atestar a veracidade do narrado (Bres, 1994:84-91).

Ex: *mas mesmo assim, era assim tal e qual*

***Enunciado Narrativo***

O *Enunciado Narrativo* corresponde a um tipo de Actividade Comunicativa Verbal complexa realizada numa Situação de Comunicação específica tendo por Função a obtenção de determinados resultados comunicativos. Aplicando a fórmula de Mutsch & Pasch (1987) à produção de *Enunciados Narrativos* na conversação, poder-se-ia dizer que lhes subjaz uma Intenção comunicativa do narrador empenhado em criar Condições de sucesso para a sua realização e para uma co-construção de sentidos conforme ao(s) objectivo(s) que motivaram a sua inserção na conversação. Ao mesmo tempo, há ainda

que prever e controlar as Consequências dessa inserção, evitando o risco de uma leitura ‘desviante’ ou a sua rejeição como não pertinente para a interacção.

Em termos organizacionais o *Enunciado Narrativo* obedece a um esquema discursivo convencionalmente definido e é constituído por macroproposições que desempenham funções quer sequenciais quer avaliativas. Enquanto as macroproposições sequenciais – *Orientação, Acção e Resolução* – dão corpo ao Núcleo Narrativo onde se desenrola a intriga, as macroproposições avaliativas – *Ataque, Avaliação Final e Coda* – asseguram quer a passagem entre o Mundo da Narrativa e a Situação de Interacção quer uma leitura do narrado conforme as intenções comunicativas que subjazem à introdução do EN na interacção.

### ***Episódio***

Considera-se *Episódio* uma subsequência narrativa que mantém as mesmas circunstâncias (tempo e lugar) e os mesmos componentes (actores, acontecimentos e situações). A alteração de um ou mais destes constituintes aponta para a introdução de um novo episódio que, segundo Everaert-Desmedt ([1981] 1984: 11), constitui uma narrativa em si, que se integra, como elemento construtor, numa narrativa superior.

### ***Esquema conceptual / ‘frame’***

Segundo Van Dijk (2002 [1992]: 74-98) a compreensão de enunciados envolve conhecimentos gerais organizados em ‘esquemas conceptuais’. Esses esquemas (*frames*) são unidades de conhecimento de natureza mais ou menos convencional organizadas segundo um certo conceito que pode ser de cariz comportamental ou epistemológico. A activação destes esquemas, associados às informações derivadas de actos comunicativos imediatamente precedentes e à informação global sobre esse tipo de actos, permite um processamento rápido e funcional da informação.

### ***Estratégias Avaliativas***

Na construção do EN na conversação, o narrador vai recorrer a *Estratégias Avaliativas* que lhe permitem monitorar a leitura do narratário para uma interpretação que se coadune com a intencionalidade que subjaz à sua narração. Assim, através delas, orienta a atenção do interlocutor para aqueles elementos que considera mais pertinentes e que, na estrutura narrativa, fornecem pistas de leitura fortes para a sua interpretação. As *Estratégias Avaliativas* podem, também, ser utilizadas por outros locutores que participem na interacção durante a narração. As suas funções são:

- revelar o ponto de vista a partir do qual os eventos e estados são apresentados;

- focalizar ou desfocalizar a atenção do interlocutor para determinados elementos da narração;
- expressar o envolvimento afectivo do enunciador (locutor, narrador, personagem, alocutário, narratário) com a história.

***Expressões  
Avaliativas  
Interpessoais***

No decorrer da narrativa o narrador pode interpelar o narratário no sentido de obter a sua adesão para uma avaliação feita ou que pretende fazer, ou para a introdução de uma nova unidade textual, recorrendo, para isso a Expressões Avaliativas dos seguintes tipos:

(i) Focalizadoras

Expressões construídas a partir de verbos factivos (que pressupõem como verdadeira a frase integrante que corresponde ao seu complemento directo) em cabeça de frase. Essas expressões funcionam como prefácios do enunciado seguinte. Através delas interpela-se directamente o interlocutor, envolvendo-o no que vai ser dito através de um apelo aos seus conhecimentos sobre um tópico ou à sua empatia em relação a ele.

Ex: *sabes que ... fica sabendo....*

(ii) De Modalização Afectiva Interpessoal.

Estas expressões estão voltadas para a interacção afectiva com o interlocutor procurando obter a sua adesão em relação:

- ao enunciado anterior (refocalização).

Ex: *olhe, se você visse...; parece impossível...; ...que não queira saber;*

-ao enunciado seguinte (focalização).

Ex: *Sabe o que eu fiz?*

***Expressões  
Avaliativas de  
Modalidade  
Afectiva***

-‘Expressões Avaliativas de Modalidade Afectiva’ na voz dos personagens:

Expressões mais ou menos fixas que podem surgir no início ou no fim de um enunciado em Discurso Directo ou Discurso Interior, ou que podem constituir um enunciado por si. São avaliações atribuídas explicitamente a uma personagem. Nessa categoria poder-se-iam incluir Locuções Interjectivas (voltadas para a expressão dos sentimentos e emoções do locutor)

-‘Expressões Avaliativas de Modalidade Afectiva’ na voz do Narrador ou narratário:

Expressões, mais ou menos fixas, que correspondem, quase sempre, a juízos de valor expressos hiperbolicamente, mas que, paradoxalmente, parecem atenuar a avaliação que transportam pela fixidez da sua construção.

Ex: *não pode ser assim, parece impossível*

***Expressões de  
Atitude  
Proposicional***

As *Expressões de Atitude Proposicional* (EAP) são construídas, normalmente, sobre predicados modalizadores epistémicos que preservam a face negativa do locutor, modificando a força ilocutória do enunciado

onde aparecem.

Estas expressões abrem um universo de crença pessoal (Charolles, 2002), integrando as proposições que lhe são subjacentes e cuja verdade é relativizada em relação à maior ou menor convicção expressa pela EAP. Estas expressões podem ainda ser entendidas como estratégias de Atenuação. Através delas o enunciador expressa a sua posição – pensamento, crença, atitude – face ao conteúdo proposicional do seu enunciado, avaliando ou comentando o seu valor de verdade.

Ex: *eu acho que...*

***Expressões de Reforço Informativo***

As *Expressões de Reforço Informativo* são expressões que sublinham, refocalizando-o, o que acabou de ser enunciado (função argumentativa/interactiva) e apelam para a adesão do interlocutor ao seu conteúdo (função apelativa). Sintacticamente, surgem em posição final de enunciado, fixando a sua fronteira à direita. Correspondem normalmente a perguntas-tag ou a expressões avaliativas com valor resumitivo.

Ex: *..., não é?; ..., percebes?*

***Expressões Vagas de Categorização***

A partir de Chanell (1994) Consideram-se *Expressões Vagas de Categorização*, aquelas que referem vagamente categorias, funcionando como qualificadores.

São constituídas por elementos, por via de regra, usados anaforicamente e com valor resumitivo.

A sua função é sugerir, evitando uma especificação exaustiva, outros itens que partilham um aspecto relevante com aqueles que antecedem a expressão vaga, pertencendo quer à mesma categoria, quer ao mesmo quadro conceptual. Repare-se que o item ou itens verbalizados correspondem, normalmente, a exemplares protópicos (Rosch:1975) da categoria em causa.

Em termos sintácticos, como realçam Jefferson (1990) e Franco (1997), surgem em final de série e/ou unidade comunicativa. Potencialmente ocorrem como complementadores frásicos de séries de três itens, surgindo na posição do terceiro elemento (Jefferson, 1990).

Em Morais (2008) procurámos demonstrar que podem também ocorrer após a introdução de um novo tópico conversacional, delimitando o termo (ou termos) que refer(em) o tópico introduzido e focalizando-o(s) como núcleo do segmento tópico seguinte. Estas expressões surgem referidas na bibliografia como “tags” (Chanell, 1994); “generalized list completer” (Jefferson, 1990) ou “estruturas frásicas abreviadas” (Franco, 1997)

Ex: *ai gosto deles (1) e ainda hoje ralho com eles (2) / e tudo (3) //*

***Face***

Define-se *Face* como a imagem pública que um indivíduo tem de si próprio e que deseja que os outros reconheçam. Essa imagem pode ser

questionada em termos de manutenção da sua identidade e liberdade pessoais e em termos de vinculação a um espaço social. No primeiro caso falamos de face negativa e no segundo de face positiva. (Yule, 1996: 59-69)

***Focalização  
versus  
Desfocalização***

Considera-se *Focalização* no sentido de Kallmeyer (1978) e Rodrigues (1998) o processo de orientar os interactantes para as actividades comunicativas que se vão realizar, quer sejam de tomada de turno quer de introdução de um novo objecto de discurso (normalmente um novo tópico conversacional). Em termos frásicos, considera-se *focalização* a orientação da atenção do interlocutor para o tópico ou foco do enunciado. Para tal o falante pode recorrer a:

*Focalização* sintáctica:

- Construções clivadas do tipo <ser> + morfema Q, que destacam o elemento em foco;
- Pseudo-clivadas de <ser> precedendo o foco da informação e com interpretação contrastiva;
- Estratégias de marcação de tópico frásico.

*Focalização* metacomunicativa: actos conversacionais metacomunicativos

- *Anúncios*

- *Pré-Anúncios*

- *Expressões de Reforço Informativo*

*Focalização* Semântica:

- Palavras ou expressões apelativas que colocam o discurso que se segue em posição de destaque e solicitam a participação do narratário na actividade do narrador. Ex: *Olhe ... ; Sabes que ...*

- *Adverbiais Focalizadores* na posição de adjunto à esquerda para colocar o foco em posição de destaque. Ex: *até, mesmo*

Por último, a *Desfocalização* corresponde a estratégias usadas pelo falante com o intuito de desviar a atenção do interlocutor de determinadas informações ou temas que poderiam afastá-lo da orientação interpretativa que está a ser imprimida ao discurso, recorrendo para tal a *Linguagem Vaga* ou a *Sinais de Imprecisão*.

***Formas Verbais  
da Narrativa:  
Pretérito  
Imperfeito***

Esta forma verbal permite perspectivar a situação partir do interior do próprio acontecimento que está a ser construído narrativamente. Ocorre, assim, um distanciamento do narrador em relação ao momento de enunciação.

O *Pretérito Imperfeito* ganha o seu valor referencial a partir da relação que estabelece com um localizador temporal constituído no acto de enunciação o qual pode tomar a forma de um advérbio temporal, um sintagma nominal situado no tempo, um outro tempo verbal ou uma associação de diversas formas (Souza, 2000: 78-79).

**Formas Verbais  
da Narrativa:  
Presente de  
encenação**

Esta forma de *Presente* serve para marcar a construção de um novo centro deíctico organizado em torno eu-aqui-agora do locutor-actor. Os acontecimentos são “actualizados” do ponto de vista dos seus actores e narrador e narratário são convidados a presenciar, como espectadores, o desenrolar das cenas dramatizadas. Desta forma passa-se de uma perspectiva passada do narrado para uma perspectiva de “presentificação” do mesmo (Quasthoff, 1980: 132), isto é, passa-se do tempo/espaço da narração para o tempo/espaço da encenação. Se um enunciado no PPS está ancorado temporalmente no presente da situação de enunciação e, como tal, denuncia o conhecimento do narrador dos acontecimentos ocorridos posteriormente, num enunciado em que ocorra o Presente de encenação o narrador coloca-se na perspectiva daquele que se encontra numa situação inacabada, sem saber o que vai acontecer de seguida, e, desta forma, recria o acontecido como se o voltasse a vivenciar. Em termos de estrutura narrativa, o recurso ao presente de encenação pode estabelecer uma hierarquia entre as cenas dramatizadas uma vez que o narrador o utiliza naquelas que pretende destacar.

**Formas Verbais  
da Narrativa:  
Verbos de  
Percepção**

Na construção da Acção o narrador, ao encenar o ocorrido, utiliza verbos que revelam a perspectiva através da qual estão a ser narrados os acontecimentos. Normalmente, esta corresponde à perspectiva da personagem principal que pratica ou sofre a acção. Através do uso de ‘Verbos de Percepção’ o narrador focaliza a atenção no movimento do personagem, seguindo-o, e acabando por tomar a sua perspectiva. Estes verbos funcionam como uma espécie de “instruções cénicas” que corresponderiam aos movimentos dos actores em cena.  
Ex: *sentir, olhar, ver.*

**Formas Verbais  
da Narrativa:  
Pretérito Perfeito  
Simples**

Por marcar a construção de um acontecimento perspectivado como uma totalidade a partir de um acontecimento que lhe é exterior, marcando o seu valor perfectivo, o PPS refere acções em que há avanço da história (Campos & Xavier: 327-328).

**Gatilho / Nó**

O *Gatilho* corresponde ao acontecimento que provoca a ruptura com a Situação Inicial e o Plano de Acção que lhe estava adscrito. A sua ocorrência promove o desenvolvimento de um novo plano de acção que tenta solucionar a complicação daí resultante.

**Intensificadores**

Categoria alargada de elementos que têm como denominador comum seleccionar partes do narrado e acentuar algumas das suas características. Os intensificadores têm um cariz explicitamente avaliativo. Podem ser não-verbais, verbais e supra-segmentais.  
Intensificadores verbais:

Adjectivos (Superlativização); Adverbiais; repetições de itens lexicais, estruturas, paráfrases; diminutivos e aumentativos; hipérboles, expressões com certo grau de fixidez, opções lexicais marcadas.

**Linguagem Vaga** Palavras ou expressões caracterizáveis pelo maior ou menor grau de imprecisão do seu conteúdo semântico.  
A sua inserção no discurso resulta de uma opção consciente do locutor por unidades linguísticas de conteúdo vago, que, aparentemente, melhor se adequam à sua percepção da situação comunicativa e aos seus objectivos de comunicação.  
Segundo Chanel (1994) estamos perante um uso vago de linguagem quando podemos identificar palavras e expressões que introduzem deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição em que surgem. A sua ocorrência tanto pode colmatar uma falha lexical, como dar corpo a uma escolha consciente de imprecisão no discurso numa determinada situação de comunicação. Da sua utilização não resulta qualquer “ruído” comunicativo: o interlocutor aceita o grau de (im)precisão como apropriado à situação de comunicação em que se encontra e/ou ao género textual em que ocorre.

**Marcadores Conversacionais de Atenuação (Estratégias de Atenuação)** Segundo M. Rosa (1992: 41-42) os ‘Marcadores de Atenuação’ dividem-se entre aqueles que promovem o apagamento da instância de enunciação – Marcadores de Distanciamento – e aqueles que a destacam – Marcas de Enunciação. Em relação ao Marcadores de Distanciamento – que apagam a instância de enunciação – considera dois tipos de ocorrência: os que tornam o enunciado impessoal, introduzindo frequentemente a noção de dúvida, e os que criam a ilusão de que o sujeito de enunciação é indeterminado, dissociando o locutor da instância de produção. Ocorrências do primeiro tipo seriam construções impessoais do tipo: *parece que, é possível que*. Ocorrências do segundo tipo seriam construções como: *dizem que, dizem até que, diz-se que*.

**Marcadores Conversacionais Interactivos** Classe organizada em torno do conceito de interactividade da escola de Genebra (Roulet *et alii*, 1985) definido como a relação que os actos comunicativos mantém uns com os outros; Os *Marcadores Conversacionais Interactivos* estabelecem relações argumentativas e temáticas entre os segmentos tópicos. A maior parte destes Marcadores são polifuncionais, pelo que assumem, quase sempre, uma função topográfica.

**Marcadores Conversacionais de Incerteza** Segundo M. Rosa (1992: 21) “a sua função é diluir o conteúdo ou força ilocutória de uma intervenção a fim de atenuar a ameaça potencial que esta poderia representar para a face de um ou outro interlocutor”.

Antecipando explicitamente a função ilocutória do enunciado que precedem, estes marcadores, ao anunciarem a sua realização, antecipam, também, uma possível ameaça à face do(s) interlocutor(es) com o objectivo de minimizá-la.

Ex: *não sei se...*

Este tipo de marcador corresponde, grosso modo à Evasiva de Marcuschi (1986: 73), ao Atenuador de Roulet (1981: 37) ou ao *Hedge* de Brown e Levinson (1978)

***Marcadores  
Conversacionais  
Topográficos***

Segundo Rodrigues (1984: 74) os *Marcadores Conversacionais Topográficos* contribuem para a estruturação da conversação, desempenhando funções de abertura/retoma transição e fecho quer de turno quer de tópico conversacional. Têm, ainda, uma significação reduzida a nível semântico, contribuindo, independentemente da sua forma, para a estruturação da comunicação. Estes marcadores podem ser:

- focalizadores: marcadores construídos a partir de predicados como <olhar>, <ouvir> que abrem o enunciado e, pelo seu valor semântico, focalizam a atenção do interlocutor para o que vai ser dito.

- desfocalizadores: marcadores que correspondem a *Expressões Vagas* que, pelo seu esvaziamento semântico, sinalizam o fim de uma unidade comunicativa. Estes marcadores podem ainda apagar informações consideradas não-pertinentes para a leitura da narrativa.

Ex: *e tal, e assim.*

***Objecto de  
Discurso***

Na linha de Mondada (2001: 9) consideram-se *Objectos de Discurso* “entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objectos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio da enunciação. Os objetos de discurso são, pois, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objectos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva.”

***Orientação de  
Background***

Ao contrário da *Orientação Geral e Local*, que se realizam dentro do espaço diegético da narrativa, a *Orientação de Background* promove um retorno temporário à situação de enunciação, dirigindo-se directamente ao interlocutor e procurando colmatar possíveis lacunas informacionais consideradas pelo narrador como relevantes para o acompanhamento da narração. Normalmente, os segmentos de *Orientação de Background* são um espaço ideal para introduzir avaliações externas.

***Orientação Geral*** A ‘Orientação Geral’ inicia a Narrativa propriamente dita ao promover uma operação de ruptura com o tempo de interacção (T0) através de um operador de ficcionalidade (Bange, 1986: 127) que corresponde a um novo localizador temporal. Este pode tomar a forma de um tempo verbal do passado, de um adverbial, de uma data, ou de uma combinatória de dois ou mais dos elementos referidos.

Em termos de conteúdos, a *Orientação Geral* fixa as coordenadas dos acontecimentos narrados, estabelecendo as suas circunstâncias e componentes. Assim, nela, é possível identificar o(s) actor(es), as suas características e actividades, bem como situar o espaço e o tempo ficcional da diegese. Há, no entanto, que distinguir entre uma *Orientação Geral*, directamente relacionada com a construção da Situação Inicial e com a manutenção das mesmas circunstâncias e referentes ao longo da narrativa, e possíveis *Orientações Locais*.

***Orientação Local*** As *Orientações Locais* introduzem alterações à *Orientação Geral* ‘remobilando’, para utilizar uma metáfora de Adam & Revaz (1997 [1996]), o mundo diegético em que se desenrolam os acontecimentos. À *Orientação Local* cabem funções similares às definidas para a *Orientação Geral*, só que, agora, aplicadas localmente a acontecimentos específicos e aos cenários em que estes se desenrolam, marcando, assim, a abertura de um *Episódio* da narrativa principal.

***Par Adjacente*** Um *Par Adjacente* corresponde a uma sequência previsível de dois enunciados, por exemplo, pergunta-resposta; pedido-aceitação.

***Pré-anúncio*** Segundo Rodrigues (1998: 81) através de um *Pré-anúncio*: “o falante dá ênfase ao discurso completo, que caracteriza quanto ao tipo e que considera de todo o interesse para o ouvinte”. A sua execução fica (aparentemente) dependente da vontade do ouvinte para a receber”. Ex: *Então sabes lá! Não pode imaginar! Não calcula!*

Rehbein (1981) considera também o *Pré-anúncio* como uma actividade comunicativa de cariz apelativo na medida em que enfatiza a totalidade do enunciado subsequente, pedindo a atenção e acordo do alocutário para acompanhar o seu desenvolvimento, sem conter, no entanto, qualquer explicação sobre o seu valor ilocutório ou conteúdo semântico. Assim, ao contrário do *Anúncio*, o *Pré-anúncio* não faz qualquer explicitação sobre ilocução, modalidade ou tema do acto comunicativo que prefacia, concentrando-se no apelo à atenção e à vontade do interlocutor de receber o segmento de discurso que se anuncia.

***Prolepse*** Ver a entrada *Analepse*

- Quadro Tópico** As unidades textuais construídas em torno de um tópico são *Segmentos Tópicos*. Esses segmentos são organizados através da constituição de uma estrutura hierárquica que vai do tópico mais amplo e central – o Supertópico – aos mais particularizadores – os Subtópicos –. Se para referir a unidade textual que se estabelece em torno de um Tópico se fala de um Segmento Tópico, aquela que se constrói em torno de um Supertópico, é denominada *Quadro Tópico*, referindo a porção de texto em que esse tópico mais abrangente tem posição focal. (ver ainda as entradas ‘*Segmento Tópico*’ e ‘*Tópico Conversacional*’)
- Resolução** A ‘Resolução’ é a macroproposição que marca o final da sequência de acontecimentos, contrapondo à Situação Inicial avançada na *Orientação* uma nova situação, caracterizável em função das alterações sofridas pelos seus constituintes durante o processo transformacional a que foram sujeitos. Normalmente, a *Resolução* surge imbricada na *Avaliação Final* e é indistinta desta nos casos em que toda a narrativa está orientada para uma contraposição entre Situação Inicial e Situação Final. Daqui decorre que a sua análise, em muito casos, terá que ser realizada, também, dentro da Dimensão Configuracional do EN.
- Resumo** Considera-se *Resumo* uma estratégia de introdução de um EN numa interacção oral através da qual se estabelece uma relação directa entre uma sumarização da narrativa e a sua macroestrutura semântica. O Resumo fornece uma espécie de “título” alargado para o segmento textual que antecede e ocorre, normalmente, na macroproposição *Ataque*.
- Ruptura de Plano de Acção** No modelo semântico-cognitivo de Quasthoff (1980) a cada História contada subjaz a *Ruptura de um Plano de Acção*, ruptura que resulta da intervenção inesperada de uma força exterior que põe em causa o equilíbrio e prossecução do Plano existente, podendo desencadear uma sequência de acontecimentos diferente daquela que, normalmente, teria lugar. Esses acontecimentos adquirem valor narrativo pela importância de que se revestem na tentativa de restabelecer o equilíbrio ameaçado. A Ruptura é, sempre, referida ao papel do narrador. Assim, ao aplicar este conceito aos enunciados narrativos produzidos em situação de orientação oral, Quasthoff (1980: 60 e 61) refere três tipos de Ruptura de Plano que correspondem a três tipos de Enunciados Narrativos: Ruptura do Plano de Agente, Ruptura do Plano de Observador e Ruptura do Plano do Outro Generalizado.
- Segmento Tópico** Segundo Jubran & Koch (2006) os *Segmentos Tópicos* correspondem a unidades textuais construídas em torno de um mesmo tópico discursivo

que se caracterizam pelas relações de interdependência semântica e formal entre os seus enunciados e pela proeminência textual do conjunto que estes constituem, passível de ser delimitado na superfície do texto falado. Deste facto nasceu a hipótese de que a análise de uma Narrativa ou de um Relato só é possível considerando o seu posicionamento num texto dialógico de nível superior, hierárquica e concentricamente organizado em *Segmentos Tópicos*, em relação aos quais adquire sentido e relevância.

***Sequência  
Narrativa***

O conceito de *Sequência Narrativa* utilizado foi adaptado de Adam (1985, 1990) e consiste num esquema textual prototípico que plasma as propriedades superestruturais dos textos culturalmente definidos como Narrativas. Para o autor, a estrutura composicional da Narrativa implica a realização de um núcleo duro de macroproposições organizadas sob a forma de Intriga: *Orientação/Situação Inicial – Complicação – Reacções/Avaliação – Resolução – Situação Final*. A *Sequência Narrativa* é, assim, uma unidade textual aparentemente autónoma que se caracteriza pela actualização de um modo de enunciação específico.

***Sequenciador  
Narrativo***

Consideram-se Sequenciadores Narrativos os conectores que indicam temporalidade e sequência.  
Ex: *e , depois, a seguir*.

***Tópico  
Conversacional***

O *Tópico Conversacional* é uma unidade transfrásica que corresponde ao assunto proeminente num determinado segmento da conversão, assunto para o qual as colaborações dos interlocutores convergem.

***Tópico  
Marcado***

A marcação de tópico pretende chamar a atenção do interlocutor para um tema seleccionado, activando a sua disponibilidade para uma combinação com novos elementos informacionais.  
Ex: *ora amigo NP arregalou-se-lhe logo o olho*.

***Verbos de  
Asserção  
Mental***

Segundo Faria (1992: 90) estes verbos ou perífrases verbais “exprimem uma atitude mental no locutor em relação às categorias em referência. Os verbos de asserção mental são, na sua grande maioria, modalizadores do universo de referência, i.e., enquadram verbalmente os princípios de classificação do locutor em relação às categorias em presença na mensagem”.  
Ex.: *achar, depreender, estar convencido*